O Antonio Maria
4º ANNO
LISBOA
LITHª GUEDES.

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

O Antonio Maria
QUARTO ANNO
1882
A CRITICO
Anno IV

LITHOGRAPHIA GUEDES
12-Rua da Oliveira do Carmo-12
LISBOA

THE J. PAUL GETTY CENTER
LIBRARY

O NOVO ANNO

Ahi os teem ambos na Estação do Entroncamento da linha ferrea da Historia: o novo anno que vem e o anno velho que vae.

É um *mysterio* que chega e um *desengano* que se retira.

O velho parte em terceira classe, com o seu alforge e o seu bordão, encanecido e cachectico, de pés arrastados e de mandibula tremente; pobre e enfermo, arruinado e gasto. A sua bagagem consta unicamente de papeis: lembranças de coisas que lhe esqueceram, notas de promessas que não cumpriu, projectos d'obras què não fez, borrões de leis que não passou a limpo, planos de reformas com que não reformou coisa nenhuma, algumas quadras, um principio de romance, varias receitas de botica, um masso de cartas de namoro, tres convites para o paço, um *menu* de jantar, os diplomas de socio dos Fenianos, da Associação dos Escriptores Publicos, dos Prussianos do Seixal e da Sociedade de Geographia, diversos bilhetes da loteria de beneficios e de boas festas, um relatorio, muitas contas e um mandado de penhora.

É para a historia que se dirige este passageiro. Meus senhores, tenham a bondade de deixar passar! Terceira classe, ao fundo, bilhete de favor abonado pela companhia. É o n.º 1881.

O novo tem o aspecto romanesco e aventuroso. Cobre o rosto na dobra da capa côr de muro de jardim; uma pluma azul enrosca-se-lhe na copa do sombreiro de castor preto; sae-lhe do seio com um perfume de violetas uma ponta de luva e de renda; e a extremidade da sua fina espada de paladino levanta-lhe a orla da capa, descobrindo os pés finos calçados em botas de camurça com esporas gothicas, de puas recurvas e grandes rosetas polidas e tilintantes.

É este o que vem entrar na liça e combater pelo outro que sae da arena tropego e imbecil.

Tanjam os atabales e as charamelas! Desdobrem-se os estandartes e os pendões! Icem-se as signas e os galhardetes! Accendam-se as fogueiras e approximem luzes! tragam os candelabros e as tochas para vermos de perto o rosto do novo campeão, que vae desembuçar-se, descobrir a cabeça e desembainhar a espada para entrar nas justas.

A SITUAÇÃ

Sessão solemne da abertura ass
nacionaes do credito, da riqueza,
patria.

POLITICA

do parlamento como de todas as fontes
a governação publica e da eloquencia

O *Antonio Maria,* convicto de que as coisas que se vão passar no amphytheatro não differirão muito pela sua natureza d'aquellas a que temos assistido nos ultimos tempos, recomeça hoje a tarefa de que ha tres annos se incumbe na publicidade nacional.

Não que o *Antonio Maria* tenha a allucinação de suppôr que a sua intervenção pittoresca exerça a mais leve influencia no desenvolvimento dos factos sociaes. Elle crê porém que na impossibilidade manifesta de converter e de moralisar Tartuffo, póde talvez haver alguma vantagem social em ir uma vez por semana conversar com Orgon debaixo da mesa. — E é simplesmente isso o que nos propomos fazer.

Sem papel na scena politica, sem companhia e sem irmandade, o *Antonio Maria* considerar-se-ha feliz se, á similhança do sabio Molière, elle conseguir alguma vez ao canto do lume no inverno, sob o parreiral no verão, fazer sorrir dentro dos folhos da sua touca a grande cosinheira, simples e bondosa, que se chama na sociedade a *opinião honesta !*

O DISCURSO DA COROA

D'esta vez o discurso da corôa é todo copiado das ultimas producções do sr. Eduardo Coelho.

Em vez de nos fazer uma leitura de folha e meia de papel, a corôa poderia ter chegado precisamente aos mesmos resultados, massando muito menos os freguezes, se houvesse dito unicamente :

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza. Vide Diario de Noticias. Está aberta a sessão.

Porque em todo o seu discurso a corôa não faz mais do que repetir algumas noticias velhas, taes como : Partiu para Hispanha S. M. el-rei. Está aberto á circulação o ramal de Caceres. Regressou de Hispanha S. M. el-rei. Acha-se no Porto a familia real. Ha festejos n'aquella cidade. A familia real regressou do Porto. É esperado proximamente em Lisboa S. M. o rei de Hispanha. Será aberta, dentro d'alguns dias, a exposição d'arte ornamental. Instrucção publica, fazenda, exercito, marinha e colonias continuam a precisar de importantes reformas. Occorrencias policiaes de pouca monta. *Deficit* augmenta. Portugal fez-se representar na exposição retrospectiva de Londres. Foi muito animado o ultimo baile do Palacio de Cristal. Está assignado um tratado de commercio com o governo francez.

Além d'esses varios extractos do *Diario de Noticias*, o discurso da corôa contém apenas uma phrase inedita, que se nos figura lançar sobre a questão da fazenda um clarão inesperado.

Diz sua magestade, com referencia ás festas que lhe fizeram no Porto :

N'essas provas não equivocas de adhesão á monarchia e á minha pessoa, encontro eu a recompensa dos disvelos e cuidados com que sempre tenho procurado cumprir os meus deveres de rei constitucional.

Ora desde que sua magestade se acha recompensado do cumprimento dos seus deveres com uma festa portuense, cremos que o sr. ministro da fazenda não poderá hesitar um momento em supprimir a lista civil, substituindo essa despeza pela de um fogo de artificio e um bilhete annual de ida e volta para o Porto em compartimento salão.

Duas coisas nos parece que esqueceram no discurso da corôa. Uma d'ellas foi fallar em Deus. A outra foi fallar no seu Henrique Burnay.

Nos reinos em que o estado tem uma religião assignalada na carta, mencionar Deus nos discursos do throno é um dever de boa camaradagem, a que se não póde eximir nenhum bom filho do direito divino. De uma vez em que na Inglaterra se deu um egual lapso, a rainha fez um segundo discurso para o fim de prehencher essa omissão condemnavel.

Calar o nome do sr. Henrique Burnay no mesmo documento em que se referem as festas que elle promoveu como a suprema recompensa das fadigas da monarchia, é incorrer n'uma ingratidão flagrante, cuja nodoa ficará na historia se não fôr promptamente lavada pela benzina fervorosa do arrependimento.

Esperamos que, tomando em sua real consideração estes dictames, a corôa haja por bem proferir segunda feira que vem um novo discurso supplemento em que tudo se remedeie tendo o culto catholico e tendo a influencia bancaria a menção que lhes é devida na oratoria regia, pelos termos seguintes :

Á ultima hora. Dignos pares do reino e srs. deputados da nação portugueza. Resa-se hoje da oitava de Santo Estevão. Rito duplex. Paramentos brancos. Continuam sem alteração alguma as nossas relações com o sr. Henrique Burnay. Desejo felizes festas a s. ex.ª Está aberta a sessão.

ACÇÃO DA CRITICA SOBRE A EVOLUÇÃO SOCIAL

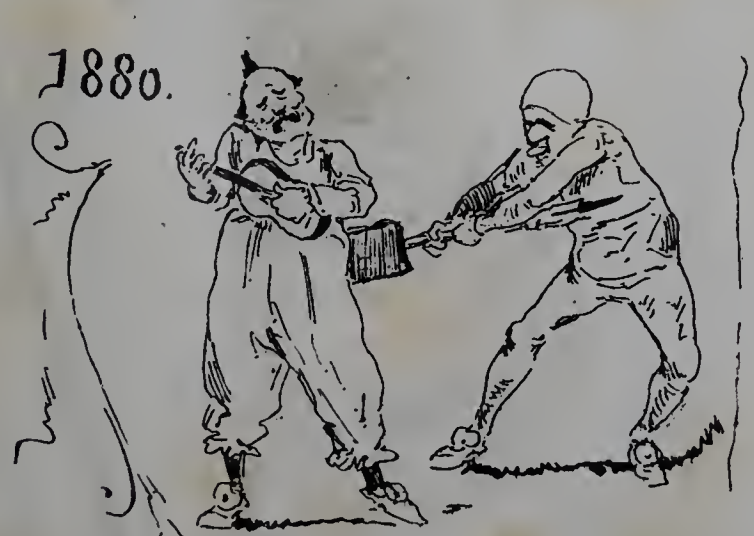
Encontramos a sociedade extatica, tangendo no seu bandolim a barcarola do *Deficit*.

Procuramos chamal-a por meios doces e suasorios á contemplação da natureza e duvida pratica.

Zás!

Tás!

Pás!



Záspás!

Catapás!

E ella sem cessar jamais de tanger! Verão que ainda nós havemos de cahir estafados, e que ella, fiel ao seu destino, continuará tangendo sempre, acabando por nos levar de rastos, com o bandolim, com a aria e com o deficit, pela posteridade fóra até o infinito.

O ANNO VELHO QUE VAE E O NOVO ANNO QUE CHEGA

AS DUAS FRECHADAS DO TEMPO

OS REAES EXTRANGEIROS

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

OS NOBRES SENHORES DE CASTELLA

Ha cerca de oito mezes reuniram-se a jantar em partida de praser com alguns jornalistas hespanhoes, no mosteiro do Escurial, varios escriptores e artistas portuguezes, em cujo numero se não achava incluido nenhum dos redactores do *Antonio Maria*.

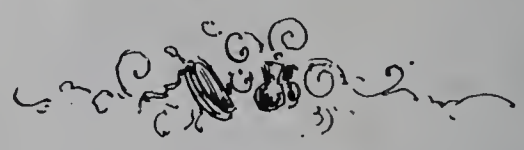
N'esse edificio enorme, monstruoso e sinistro, destinado por Filippe II a perpetuar atravez dos seculos a memoria do despotismo monarchico e do despotismo catholico, parece habitar ainda hoje o velho espirito da inquisição peninsular. Por entre esses interminaveis muros sombrios, cujos alicerces desenham no solo a forma da grelha symbolica dos queimadeiros, uma frialdade glacial e insipida, d'agua benta de Santo Ignacio, parece escorrer-nos ao longo da espinha. Um vago sentimento de terror atavico morde-nos o cerebro como com uma tenaz da antiga tortura. Tudo inspira ahi uma impressão esmagadora: a paisagem adjacente, salpicada de cruzeiros que irrompem funerariamente da verdura bassa e pulverulenta dos olivaes; a grande massa exorbitante do edificio de granito, coberto de chumbo; a memoria das sete mil e quatrocentas reliquias de santos que encerra a egreja; as grandes estatuas de bronze que rodeiam o altar mór, ajoelhadas, com as mãos postas em oração, na immobilidade fria e eterna do bronze; a camara lugubre de Filippe II, de muros lizos, pintados a cal, onde se conserva ainda a cadeira em que o rei catholico se sentava, e os dois tamboretes de pés de tesoura em que elle estendia como um trambolho informe a sua perna apodrecida pela gota; a alcova de janella corrediça d'onde elle moribundo via a capella mór da egreja, o marfim livido do Christo crucificado entre as tochas accesas, e a fieira dos monges encapuchados resando, de bruços no marmore do chão, o officio da agonia.

Foi n'esse palacio sinistro, em que a mesma solidão nos aterra ainda, como se no silencio da grande mole se houvessem immobilisado de repente as sandalias dos antigos inquisidores, foi n'esse convento pavoroso, onde o vermelho sangue alegre das creaturas humanas arrefece nas veias como o sangue dos reptis, que os jornalistas nossos compatriotas celebraram com os jornalistas castelhanos, o banquete da confraternidade litteraria. Dentro d'esse mosteiro sepulchro, em cima de cuja porta o brasão portuguez está ainda enlaçado ao brasão da Hespanha, fez-se a festa.

Rolaram no ar as rolhas do Moët e do Clicot, e os estrepitosos hurrhas da bella orgia sacrilega da intelligencia moderna encheram os eccos do antro, desde o alto dos zimborios até ás profundidades das catacumbas, onde a podridão dos Filippes jaz estirada nos seus respectivos caixões, em torno da grande ossada do imperador Carlos V.

Dentro d'esse monumento da intolerancia religiosa e da intolerancia politica do despotismo hispanhol, os escriptores portuguezes, os netos dos antigos vencidos do duque d'Alba, ergueram os seus copos cheios com o cordial champagne da Revolução, e beberam festivamente, como independentes artistas, á saude de quem quizeram: ás suas sympathias de coração e ás suas affeições de espirito, á sciencia livre, aos herejes bemfeitores da humanidade, á irreverencia, ao sacrilegio, á grande liberdade e ao eterno amor.

Porque os nossos compatriotas não estavam no Escurial por um acto de complacencia restricta ou de tolerancia condicional; elles estavam ahi no exercicio de um direito augusto e sagrado: — o direito que a civilisação do seculo XIX confere á intima confraternisação dos povos e á absoluta independencia dos espiritos.



É no goso de um direito perfeitamente egual áquelle com que os jornalistas portuguezes visitaram ha oito mezes o Escurial, que sua magestade Affonso XII visita hoje Lisboa, passeando o seu monarchismo de familia na terra do prior do Crato, com a mesma franqueza com que nós passeamos a nossa philosophia democratica, regaladamente, de ulster escocez, com um chapéu côco na cabeça, sacudindo a cinza dos nossos partacas sobre os antigos dominios de Filippe II e de Santo Ignacio de Loyola.

A civilisação moderna, pelo seu principio de solidariedade humana, tornou a dar á hospitalidade o antigo sentido sagrado dos tempos biblicos.

Os aldeões da Dalarnia entre as montanhas norueguezas, ao partirem em cada madrugada para o trabalho dos campos, fecham ainda hoje as portas das suas cabanas unicamente com um laço de corda, e deixam posta a mesa com um pão e uma escudella de leite, para o estrangeiro que passar. Os povos civilisados procedem como os doces e rudes lavradores das margens do Dal: fecham apenas as suas fronteiras com um fio, e teem sempre posta a mesa para o hospede, com o pão da liberdade e com o leite da philosophia.

Saudando pela sua chegada a Lisboa o rei d'Hespanha Affonso XII, o *Antonio Maria* abençôa na pessoa d'elle o extrangeiro que vem á nossa mesa provar aquelle pão e beber d'aquelle leite.

Na nossa qualidade d'artistas e como obscuros e modestos collaboradores da festa da autonomia portugueza, celebrada em Lisboa por occasião do centenario de Camões, nós temos contrahida com sua magestade Affonso XII uma divida de gratidão litteraria, da qual folgamos hoje de nos desempenhar, confessando-a. Ao passo que o governo portuguez regateara vilmente á commissão do jubileu camoneano a miseravel quantia de 4 contos de réis, e que o soberano portuguez se abstivera de contribuir por qualquer modo que fosse para essa commemoração festival, Affonso XII dispendeu, elle só, do seu bolso, no cortejo nacional destinado a honrar a memoria do poéta Calderon de la Barca, a quantia de 40 contos.

Em nome do respeito devido ás glorias da arte peninsular, o nosso bilhete de visita e de agradecimento a sua Magestade Catholica.

ALGUNS PORMENORES DAS FESTAS

Espalhou-se em Lisboa o boato de que sua magestade el-rei acompanhado da sua corte fora á estação do caminho de ferro esperar a familia real de Hispanha. Este boato é falso. Segundo o *Diario de Noticias* um telegramma preveniu o trem de Madrid da hora a que chegariam á estação de Lisboa as carruagens da corte portugueza, e em vez de ser o rei de Portugal que esperou o rei de Hespanha em Lisboa, foi pelo contrario sua magestade catholica que esperou por sua magestade fidelissima no Poço do Bispo.

Atraz da real comitiva que seguia os principes catholicos desde Santa Apolonia até Belem via-se a legação de Hispanha, composta de quatro diplomatas em grande uniforme, dentro de uma tipoia de aluguel, descoberta e puxada por duas pilecas descadeiradas e lanzudas da côr de dois ratos doentes de ictericia. Notavel exemplo de parcimonia no luxo, diplomaticamente dado pelos descendentes de Carlos V, o explendido, aos descendentes de D. Manuel, o magnifico!

As exorbitantes dimensões das cabelleiras brancas dos sotas dos coches reaes de grande gala fizeram profunda impressão no publico no dia da chegada dos reis de Hispanha.

AOS REAES

AS APRE

Apresentamos a *osté:* — O nosso Canovas del Castillo!

— Dios! que canas tan negras que tiene!

— El señor Sampaio (em hispanhol Santo Salpicon de Vich).

— Hombre! que flaco!

— O nosso Sagasta

— Virgen del Pilar

— Mi perla!

— A los piés de V. señorita!

— O nosso labirinto de Creta!

— Preciosisimo!

— O nosso Jardim bylonia!

— Se tubiera el tanque, volveria mej Retiro.

Mas tenemos que oferecer a *ostés:*

— Los pollos!

— Maria Santisima! que monos! que preciosos! y que chiquititos!

HOSPEDES
TAÇÕES

ancho !

— El señor Arrobas ! — Esta niña ?... — Si. — Que guapita !

— O nosso Pavía (em portuguez Pavio !)

— Ai tío ! como eres grande !

z da Ba-

un es-
nuestro

— O sr. D. Basorra, monumento semitico.

— Morenito, pero mui salado !

— O nosso museu de Egyptologia. A mumia. Caso notavel de mumificação pelas grão-cruzes de nomes de santos, de reis, de pachidermes e de galinaceos de uma e de duas cabeças.

— Mui mono !... remono !... remonono !

— A exposição das *pantorrilhas*.

— Mui bien de pantorrilhas los portuguezes !

Ou as cabeças dos servos de suas magestades tem estreitado ou as suas cabelleiras tem crescido muito desde a ultima gala a esta parte.

É em todo o caso extremamente consolador o poder constatar com jubilo que as presentes festas nos compensam largamente em sombra de clina nas cabeças dos reaes postilhões o que nos levaram em sombra d'arvores nos passeios publicos. Pedimos com instancia aos poderes d'Estado que, uma vez terminados os festejos, as frondosas cabelleiras a que nos referimos sejam postas no Rocio em substituição do arvoredo que por esta mesma occasião ali foi tosquiado á escovinha.

Referem alguns jornaes o projecto de varias *corridas*, destinadas a entreter suas magestades catholicas.

Uns fallam nas *corridas do rei de Hispanha*, outros na *corrida dos curiosos*, outros finalmente na *corrida do sr. Anjos*.

Parece, porém, que no fim de contas teremos de contentar nos apenas com uma corrida de cavallos e com uma corrida de touros.

Além do quê, sómente correrão algumas pêtas, algumas libras e pernas de calção e meia.

Com a passagem de suas magestades, desde Santa Apolonia até Belem, o coração do povo confrangeu-se mais uma vez na idéa das torturas a que a etiqueta condemna os principes, forçando-os a viajar de uniforme militar e de chapéu de bicos em wagon.

O direito divino oppõe-se absolutamente ás doces commodidades do ulster, do foulard e do bonet.

No throno, a corôa, e em caminho de ferro o chapéu de bicos, mostram-nos que nem tudo são rosas na terra para as testas coroadas.

Para o fim de celebrar com dois grandes actos de civilisação a presença dos reis de Hispanha na cidade de Lisboa, o governo durante a corrente semana, supprimiu, as aulas nas escolas e restabeleceu as pegas nas touradas. Esta data memoravel ficará assim gravada, para sempre, nos annaes do progresso, na lembrança dos cabulas, e na recordação dos bois.

Para o fim de dirigir o serviço dos theatros, durante a estada de suas magestades catholicas em Lisboa, o sr. Arrobas, governador civil de Lisboa, elevou-se á alta dignidade de camaroteiro do theatro de S. Carlos. Ha poucos dias ainda tinhamos visto a mesma auctoridade colaborar com o sr. Baptista Machado, encarregando-se da parte chinfrim e escandalosa da revista do anno posta em scena no Principe Real.

Este homem damnado açambarca tudo. Viram-o começar a sua carreira administrativa fazendo posturas policiaes na travessa da Parreirinha; esperem um pouco e hão de vel-o ainda, sempre na sua qualidade de governador civil, a engolir espadas no theatro dos irmãos Dallot!

DIALOGO NA RUA

Cão *(ganindo com acrimonia)* Não me deixam entrar em parte nenhuma.
Zé Povinho *(consolando)* Nem a mim. E todavia entre nós ambos ha esta differença : tu — não pagas nada, e eu pago tudo.

A ATTITUDE DO DONO DA CASA

A IMPRENSA EXTRANGEIRA

OS BEMVINDOS

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

OS FESTEJOS

Não diremos que tudo esteve *explendido, magnifico, deslumbrante.* Estes tres adjectivos acham-se completamente esfalfados e não podem com mais tinta. É preciso pôl-os a caldos peitoraes, retirando-os por algum tempo do vocabulario e entregando-os ao sr. Franco ou ao Bahuleiro, — os dois oraculos nacionaes da therapeutica applicada á espinhela cahida.

Repetiremos apenas, com a devida venia, a phrase inspirada que o mui ardente *Commercio de Portugal* cravou ha dois dias, como um pente miudo, de tirar os bichos, na juba intonsa do leão castelhano: — *Fez-se o que se pôde. fez-se o mais que se pôde!*

Effectivamente, se nos convém mais esta gloria para accrescentar ás de Ourique e de Aljubarrota, os Curcios e os Xenophontes do *Commercio de Portugal* podem transmittil-a aos evos: — *Fez-se o mais que se pôde.*

O governo, que ha tres mezes não paga aos seus professores de instrucção primaria, dispendeu mil contos para festejar o extrangeiro, ministrando-lhe bambolins azues e brancos, terra vermelha da outra banda e um bailado pirrhico com todas as ictericias de soldados e todas as tympanites de majores que se poderem aquartellar em Lisboa.

A associação commercial,—que nunca se mechera do seu canto para ser agradavel a nenhum dos grandes bemfeitores do commercio; que não teve uma sede d'agoa para dar de beber a Nordenskjold quando elle aqui esteve na volta do Polo, e que ainda não teve um bife e um bock para offerecer a esses dois viajantes tão benemeritos quanto despremiados, os srs. Brito Capello e Iwens,— pediu casa emprestada e deu um baile monstro ao sr. D. Affonso de Bourbon, cujo glorioso nome de familia nos não parece que até agora houvesse jámais figurado nos annaes do commercio, a não ser, indirectamente, por alguns pequenos processos instaurados á sua augusta mãe pelos negociantes de Paris, sobre cujas contas aquella piedosa princeza frequentemente lança, com mão soberana, o véu do esquecimento.

A associação dos jornalistas e dos escriptores publicos, desenvolve repentinamente uma actividade prodigiosa para cumular de passeios fluviaes e terrestres os seus confrades de Madrid.

Para serem obsequiosos com os nobres extrangeiros, os vereadores da cidade decepam as arvores tão preciosas para o recreio e para a saude dos seus municipes, e o sr. governador civil, com eguaes intuitos hospitaleiros, restabelece as pegas de touros, que ainda ha pouco abolira como offensivas da civilisação e dos progressos modernos.

Varias familias penduram no Monte-Pio os seus pianos para o fim de occorrerem com creditos supplementares aos esplendores dos festejos; e os homens arriscam tudo para o mesmo effeito: os seus paletots extraviados, as suas commendas perdidas, as suas casacas rasgadas, os seus diplomas da associação Primeiro de Dezembro, e as suas barrigas de pernas.

O que por esta occasião se dispendeu em rhetorica jornalistica, é ainda mais assombroso do que tudo quanto se dispendeu em dinheiro, em camelias, em touros, em theatros, em foguetes de Pain, em areia do Alfeite, em deslocação de regimentos e em caições de côrte.

No passeio sobre o Tejo na noite do fogo d'artificio, um poeta, saudou em nome das lettras com o champagne burguez do sr. Henrique Burnay, as duas rainhas de Portugal e Hispanha. Esta saudação constitue hyperbole notavel, porque em verdade nós outros, escriptores, plebeus portuguezes e plebeus hispanhoes, saudamos as nossas rainhas todos os dias pelo imposto de consumo, todos os mezes pelo imposto industrial, todos os semestres pelo imposto pessoal, e todos os annos pelo imposto sumptuario. Pela nossa parte nunca nos desempenhamos d'este sagrado dever sem exclamarmos nos braços do recebedor respectivo: — «Á saúde d'aquelles que a divina providencia collocou sobre o throno da nossa patria, amigo sr. escrivão.»

Um jornal levou o seu enthusiasmo pela distincta e aristocratica figura da rainha de Hispanha até o ponto de dizer que ella tinha *uma cabeça de Velasquez*. Presentemente que a hallucinação da festa passou, estamos certos de que esse escriptor, d'animo frio e repousado, não terá duvida de concordar comnosco em que a cabeça d'essa sympathica princeza, iconographicamente considerada, não é em realidade mais especialmente de Velasquez do que do sr. D. Manuel de la Quadra.

Um stylista nervoso disse com referencia ao palacete de S. Sebastião da Pedreira na noite do baile do commercio: «O palacio foi envolvido por uma onda de irradiações multicores, que desenharam sobre um fundo rubro azulado toda a opulencia da sua construcção, destacando senhoril e altiva a elegante torre do relogio e a orla dentada das muralhas acastelladas de um solar merovingiano.»

Que a Hispanha amiga acceite essa descripção feita para ella, em desconto da impertinenciasita com que algumas vezes lhe fallamos em 1640. Para que se calcule quanto custou o esforço de estylo a que nos reportamos bastará considerar que *as muralhas acastelladas do solar merovingiano d'entre as quaes sobresae a torre senhoril* são apenas as paredes da cavalhariça do finado José Maria Eugenio, onde figura um relogio collocado por cima do palheiro.

Um chronista constatou que o rei da Hispanha fallava o francez com uma pureza genuinamente parisiense, quando a verdade sacrosanta é que sua magestade — podemos já agora dizel-o sem compremetter o successo das festas — falla o francez apenas como um puro parisiense... da calle d'Alcalá. Em conversação com o rei catholico o rei fidelissimo faz o effeito de um pae nobre da Comedie Française em dialogo com um galan do Grande Theatro de Marselha.

Um outro quiz lisongear a tal ponto o espirito littera-

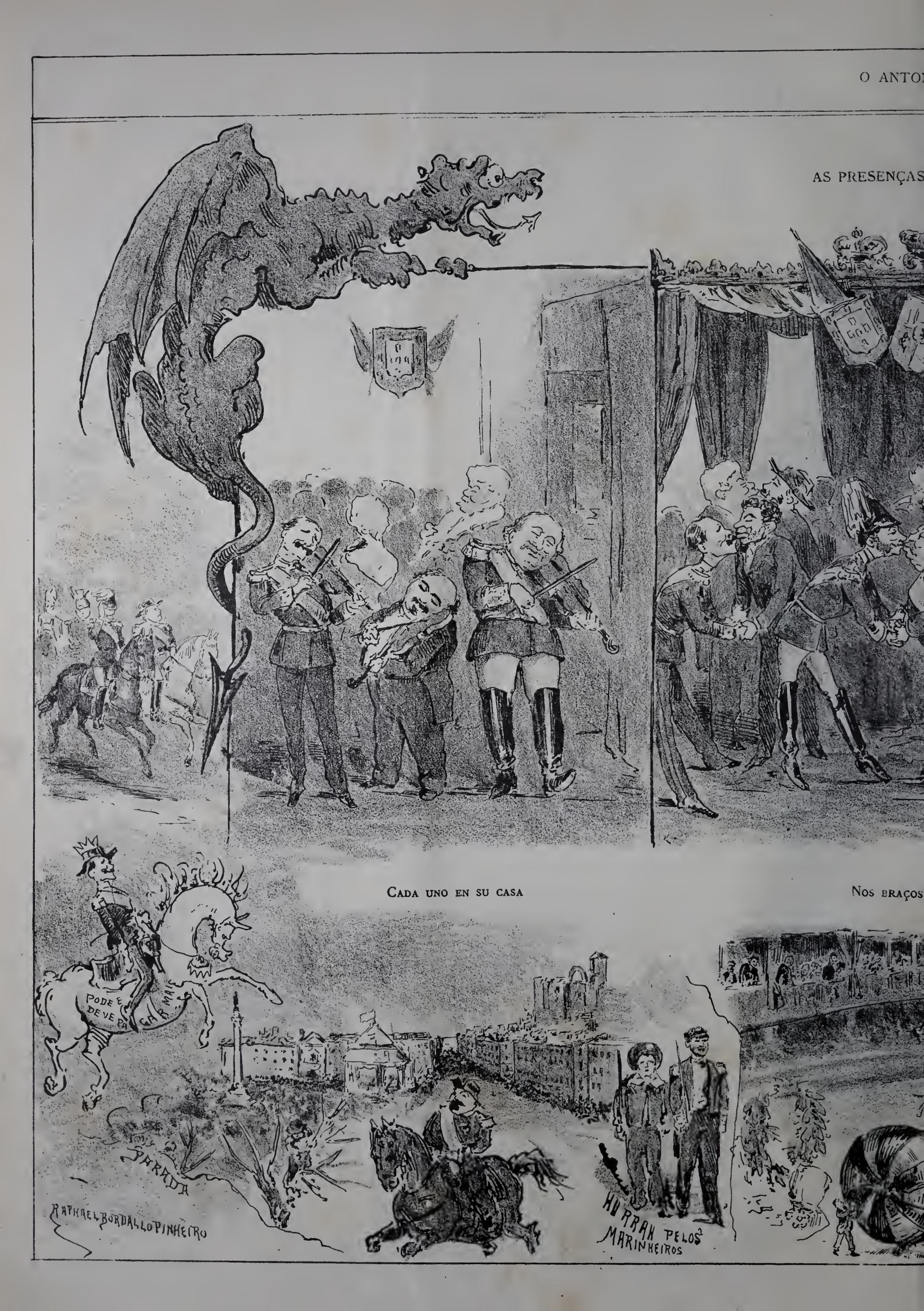
rio do soberano hispanhol que chegou a affirmar que sua magestade fallava o *argot* dos estudanjes de Paris. E o chronista abona a sua affirmação citando estes dois termos usados pelo prineipe: *d'abord* e *voyons*. Effectivamente *voyons* e *d'abord* são duas expressões francezas que se não encontram senão nas *brasseries* do Quartier Latin ou nas paginas da *Vie de Bopeme* de Henri Murger.

Se depois de tudo isto os jornalistas hespanhoes — segundo parece deprehender-se de recentes artigos das folhas de Madrid — não estão plenamente satisfeitos com a recepção que Lisboa lhes fez, a elles e aos seus soberanos, os jornalistas hespanhoes hão de nos conceder a permissão de lhes dizer que são um tanto exigentes de mais.

Um jornal de Madrid compára o silencio das ruas de Lisboa na passagem do cortejo do rei de Hispanha, com a ovação enorme feita á imprensa, ás escolas, ás associações scientificas, ás associações populares e aos jornalistas estrangeiros no dia do centenario de Camões. Perante um similhante argumento a recepção do rei de Hispanha seria com effeito quasi hostil. Mas não é admissivel tal comparação. Se o soberano hispanhol queria absolutamente de nós um enthusiasmo mais expressivo, sua magestade deveria ter vindo um seculo mais tarde. Hoje em dia os povos da Europa já não fazem ovações aos individuos pela jerarchia social a que elles pertencem, mas sim pelas idéas e pelos interesses que elles representam. Assim em Paris e em Londres, onde os principes, representantes de todas as dynastias, triumphantes ou proscriptas, são invariavelmente acolhidos com a mais requintada e perfeita polidez, as ovações são exclusivamente reservadas para Victor Hugo que representa a intelligencia e a poesia, e para Garibaldi que representa o valor e a liberdade.

Algumas folhas hispanholas accusam-nos de *friesa* e pedem d'isso satisfação ao sr. D. João Valera, ministro em Lisboa. Convem fazer advertir que a *friesa* é simplesmente a temperatura da dignidade, assim como a verticalidade é a sua fórma. Quando em 1484, um portuguez, Fernão da Silveira, mais tarde mandado assassinar em França por D. João II, se refugiou na côrte de Fernando e Isabel depois de frustrada a conspiração de Setubal, de que foi victima o duque de Vizeu, os fidalgos hespanhoes, querendo verificar se Fernão da Silveira era ou não um cavalleiro, combinaram que um d'elles, o protector de Silveira, deixaria cair junto d'elle a sua luva em uma reunião do palacio. A attitude de Silveira para levantar ou para deixar caida a luva revelaria a prosapia ou a vilania do portuguez. Preparada a prova, Silveira, de cabeça alta, olhou para a luva, e cruzando os braços no peito, deixou-a ficar no chão. Os fidalgos da côrte de Fernando e Isabel, abraçaram então o emigrado, reconhecendo n'elle um homem nobre.

Se os hispanhoes do seculo XIX exigem de nós perante o seu rei mais flexibilidade de espinha do que a do antigo conspirador de Setubal, os hispanhoes obrigam-nos a lamentar que no seu reino se haja deprimido o alto nivel pelo qual no seculo XV elles tão bem sabiam definir a dignidade e a nobreza dos outros.


AS PRESENÇAS
CADA UNO EN SU CASA
NOS BRAÇOS
PODE E DEVE PA CA R MAIS
PARADA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
HURRAH PELOS MARINHEIROS

AS AUSENCIAS
DOS OUTROS
CADA UNO EN SU CASA
A EXPLENDIDA
CORRIDA DE TOUROS
DO Sr ANIOS
OLÉ OLÉ BURRICO

O BAILE DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

— Sinto a sede da sabedoria!

Hesitação do espirito na escolha de uma sã leitura.

— Troque-me esta edição diamante por um volume in-folio.

Resultados de uma excessiva applicação aos estudos encyclopedicos.

NO VESTIARIO

— O meu sebretudo-sinho, se tem a bondade!

—Faz-me o favor do meu sobretudo?

—Então o sobretudo vem ou não vem?

—Quero o sobretudo! Ouviu, malcreado?

—Dá-me o sobretudo, infame!

—Quero para aqui o meu sobretudo, ladrão!

—Ah! biltre!... salteador! bandido!

NA ESCADA

—Quereis roupagens; friorentos? Tomae lá! Eu o que tenho é calor!

NO SALÃO

—Un pollo?
—Nó! un pulha.

VARIOS EPISODIOS

EM S. CARLOS

O painel.

Os espectadores.

O fogo do enthusiasmo.

NOS TOUROS

Os que viram de menos.

Os que viram de mais

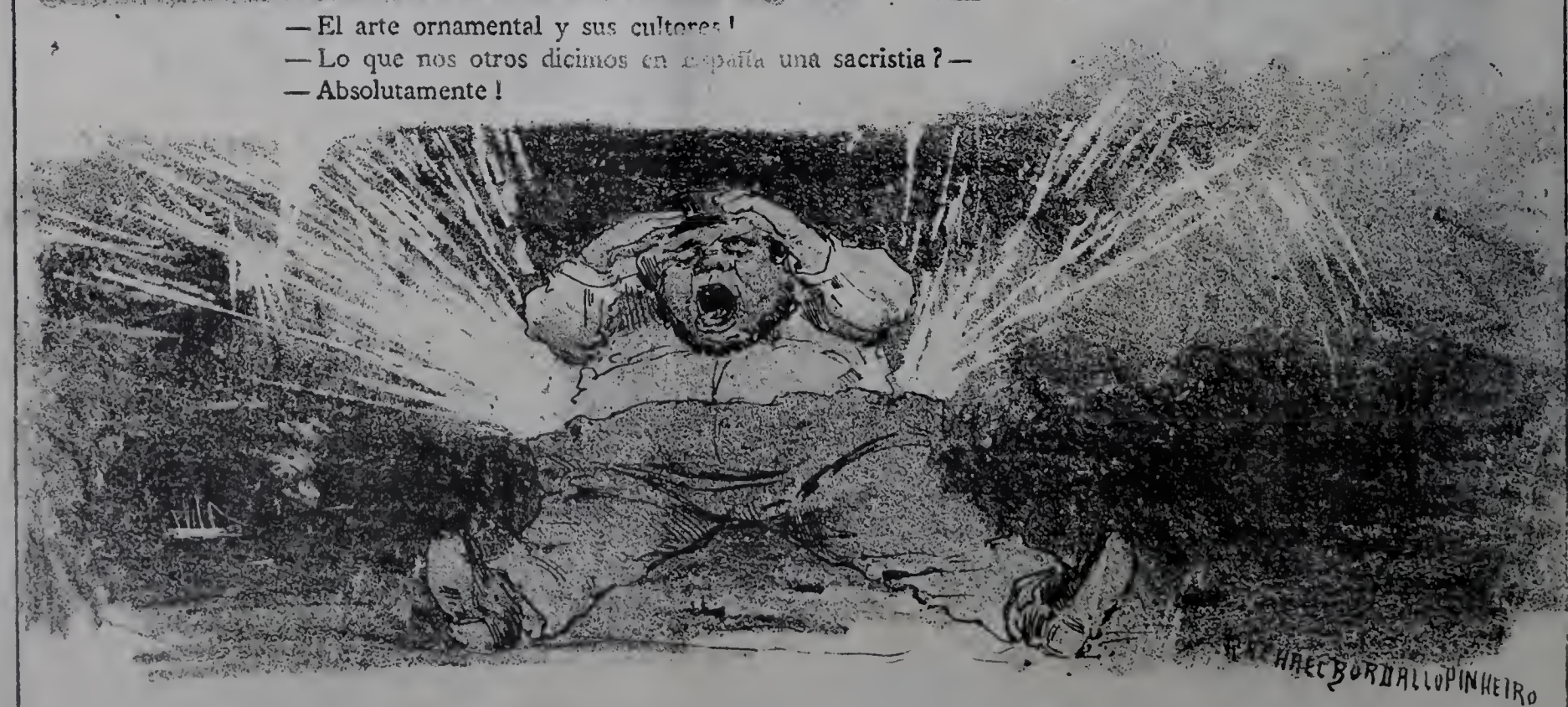
A PORTARIA DE LOUVOR

A toilette ornitologica da rainha da festa. Guarnições de passaros e canda de milho.

— Portou-se muito bem! Vou elogiar o conselheiro Arrobas.

A EXPOSIÇÃO

— El arte ornamental y sus cultores!
— Lo que nos otros dicimos en España una sacristia? —
— Absolutamente!



O FOGO DE VISTAS D'ELLES SOBRE MIM

A ARGUS

Desempenho-me de um agradavel dever agradecendo n'esta pagina ao escriptor *Argus* a honra que me fez, dando á sua revista, presentemente em scena no theatro da Rua dos Condes, o titulo do *Antonio Maria* e a consagração de uma dedicatoria ao meu nome.

Espero que *Argus* me permitta aproveitar esta occasião para declarar aos espectadores da sua peça que eu não tenho na collaboração d'ella nenhuma outra parte além da que nominalmente me distribuiu a amisade do auctor, entrando portanto na obra sómente como Pilatos no credo e não reinando nos cartazes senão a simples titulo de ornato, como reinam os frisos na architectura e os reis constitucionaes na politica.

Não desejando que se me attribuam mais direitos a ir buscar applausos á Rua dos Condes do que os que tenho a ir buscar paletots á Trindade, especifico pois publicamente que só contribui para a peça de *Argus* com o titulo que elle lhe poz e com as palmas que eu lhe dei.

Raphael Bordallo Pinheiro.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

CÓCOS E BOURBONS

Desde que os commerciantes de Lisboa, representantes das antigas dynastias burguezas dos mercadores honrados, se metteram de gôrra com o rei de Hispanha, representante da dynastia aristocratica de Pepino o Breve, os interesses oppostos da cavallaria e do negocio de atacado, acham-se por tal modo confundidos e baralhados, que ha de levar tempo a recompôr a ordem social na Peninsula, separando para um lado o que são brazões e para o outro o que são panos patentes.

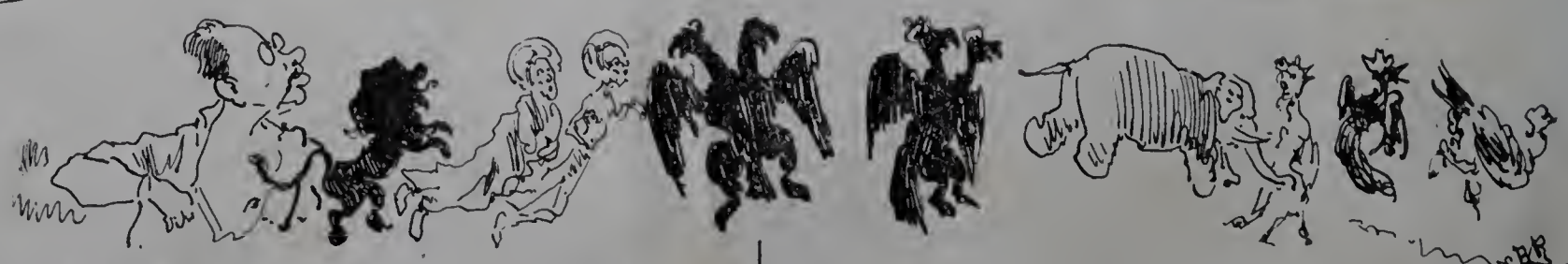
Um curioso phenomeno d'esta medonha anarchia de condições é o que nos está offerecendo o sr. Fonseca, cambista, no seu libello contra o sr. Francisco Chamiço, banqueiro, pelo facto de lhe haver este recusado um convite aos filhos do conde de Farrobo, para o baile de S. Sebastião da Pedreira.

Fonseca provoca Chamiço a um conflicto d'honra, appellando para o juizo de Deus, e reptando o seu adversario a vir com elle quebrar uma lança em combate singular, de cavalleiro para cavalleiro, em campo cerrado, sem quartel nem misericordia.

E eil-os ahi vão ambos, os dois negociantes de grosso trato, galopando para o combate pela rua dos Capellistas fóra, armados em guerra, montados á antiga gineta nos seus livros de caixa, de pennas d'aço nos tacões dos burzeguins e de covados em riste um para o outro!

Não nos falta mais nada no espectaculo de dissolução do espirito de gerarchia, e do espirito de classe, senão vermos agora, que ao chegar a Madrid de volta do baile de S. Sebastião da Pedreira, o rei de Hispanha se va estabelecer com casa de negocio na calle Maior, descontando lettras, sacando a descoberto e vendendo cautellas da loteria!

Desde que Cócós fazem cavallaria, o menos que podem fazer Bourbons é commercio. Que aquelles se lancem na especialidade aristocratica dos saraus e dos duellos está muito bem, mas é preciso então que estes aprendam a medir panos abretanhados e a vender lampreias d'ovos.



Durante todo o mez passado o sr. Hintze Ribeiro esteve a botar para fóra condecorações, e sahiram-lhe successivamente do peito leões neerlandezes, santos Mauricios e Lazaros italianos, aguias negras da Allemanha e da Russia, e varios outros santos, mammiferos e gallinaceos da fauna e do Flos Sanctorum das cortes extrangeiras.

Sua excellencia parecia, por tal modo, consagrar-se definitivamente pela sua vocação ao officio de duque d'Avila e de Bolama.

O mesmo sr. Hintze principia porem agora a botar parentes, exatamente com a mesma fertilidade com que no mez passado botou veneras. De S. Miguel escrevem sobre este assumpto ao *Correio da Noite* as seguintes. linhas:

«A familia Hintze vae-se «arranjando»; ultimamente foram anichados: o Manuel Rebello, em chefe de trabalhos braçaes e as filhas não sei em que padroado, cada uma (são tres) com 25$000 rs. mensaes; o dr. Teves Adão, tio do ministro, em secretario geral, aqui; o dr. Moreira, genro d'aquelle, em administrador d'este concelho, e o Hintze, primo do ministro, em escrivão interprete da estação de saude. Que eu saiba só estão por empregar o velho Hintze e o Leopoldo Chaves, aquelle tio e este sogro do ministro, o primeiro por ser inglez, o segundo porque, por causa da fallencia, anda homisiado.»

Ora, francamente, parece-nos que isto se não pode com justiça admittir.

É demais o pretender ser simultaneamente — já pelas condecorações no continente, já pelo parentesco além dos mares — o duque d'Avilla do reino e, cumulativamente, o conselheiro Bazorra das ilhas adjacentes!

Das duas coisas, uma: ou Bolama d'aquem ou Basorra d'alem-mar!

Passa fóra que é judeu, se quer tudo!

Bazorra tinha — é certo — duzentos bicos de parentes, adeherentes e affins aos comedouros do orçamento; mas não tinha bico nenhum de volatil heraldido ao seu peito.

Bolama tinha toda a hicharia honorifica, desde os unicornes das Indias até os serafins dos espaços, dissiminada em aclimatação por toda a superficie do seu corpo, desde a gola até os quartos trazeiros da farda; mas como carnivoro familiar contentava-se apenas com o luxo de um sobrinho.

Só este sujeitinho. Hintz Ribeiro, accumula tudo.

Começou por ser apenas uma cisterna de melancolia. Depois apparece-nos na forma de poço de distincções honorificas Agora, á ultima hora, sae-se-nos uma torre de parentes.

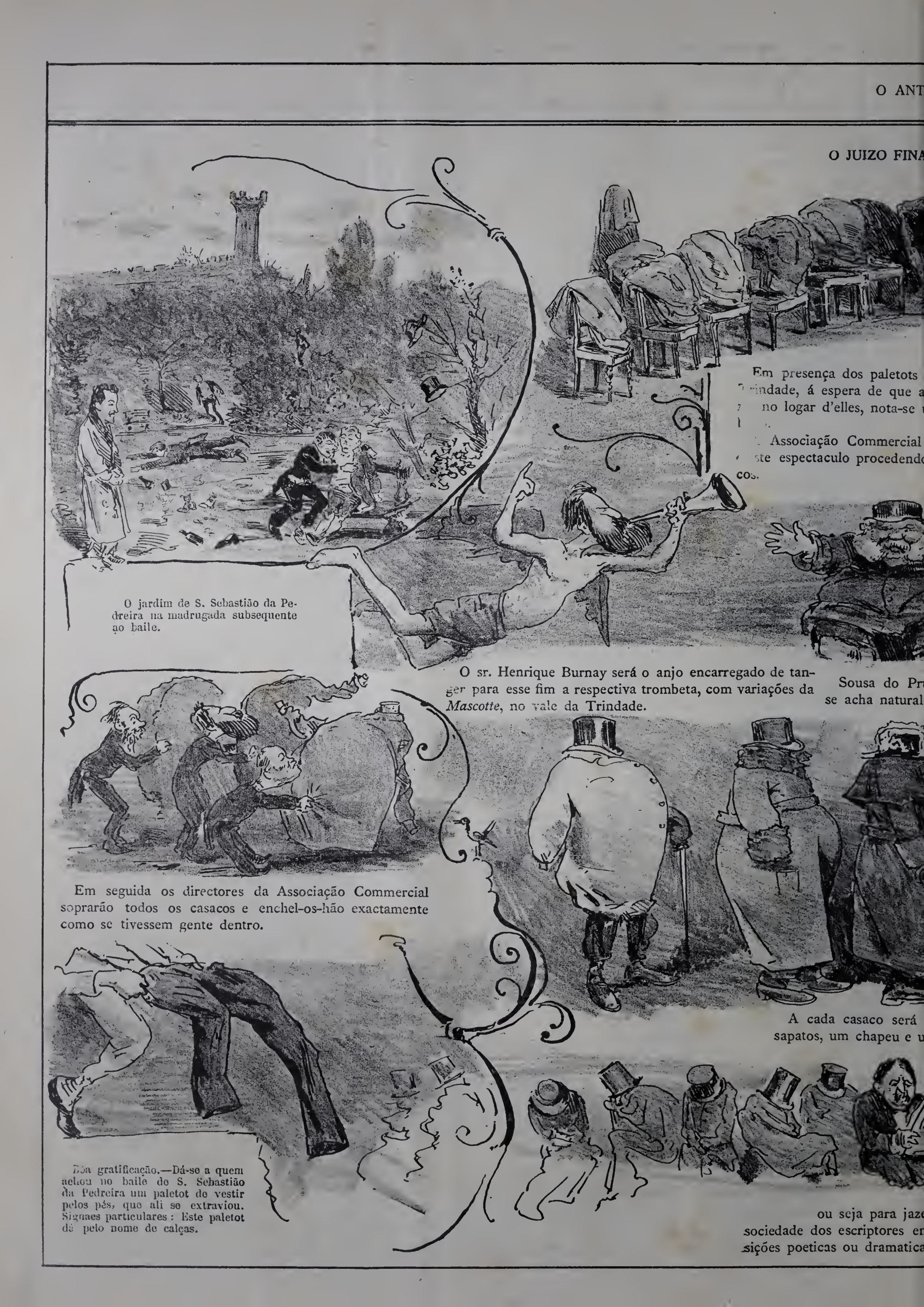
Que tal está creança!!

O conselheiro Arrobas acaba de passar á classe de patricio, tomando assento na camara dos proceres.

Pelo brilho do seu nome, pelas elegancias de seu espirito, pela graça das suas formas, pela finura das suas *ataches* e pela delicadesa do seu perfil, ha muito tempo que esta joia estava pedindo para ser engastada na corôa da aristocracia portugueza.

Como plebeus, saudosamente privados da parceria do grande homem, hoje fidalgo e grande do reino, pedimos que o seu chapeu de chuva seja depositado no museu nacional.

Para o seculo que vem os nossos netos, considerando essa reliquia dirão: Aqui está o guarda chuva com que o nobre tronco dos Arrobas foi á conquista do santo sepulchro, acompanhado pelo fogoso Antunes e pelo intrepido Ferreira, cavalleiros da ala da policia civil, por elle capitaneada! Que fidalgo! que governador! que dentista!


O JUIZO FINA
Em presença dos paletots
indade, á espera de que a
no logar d'elles, nota-se
Associação Commercial
ste espectaculo procedendo
cos.
O jardim de S. Sebastião da Pedreira na madrugada subsequente ao baile.
O sr. Henrique Burnay será o anjo encarregado de tanger para esse fim a respectiva trombeta, com variações da *Mascotte*, no vale da Trindade.
Sousa do Pr
se acha natural
Em seguida os directores da Associação Commercial soprarão todos os casacos e enchel-os-hão exactamente como se tivessem gente dentro.
A cada casaco será
sapatos, um chapeu e u
Boa gratificação.—Dá-se a quem achou no baile de S. Sebastião da Pedreira um paletot de vestir pelos pés, que ali se extraviou. Signaes particulares: Este paletot dá pelo nome de calças.
ou seja para jaz
sociedade dos escriptores e
sições poeticas ou dramatica

OS CASACOS

xposição no theatro da
n vá pôr outros melho-
ndifferença geral do pa-

era pôr fim á tris eza
m juizo final dos sa-

Convidados que foram ao baile com chapeu de dois bicos voltaram do baile com um bico só e sem chapeu nenhum. Alviçaras a quem achou os chapeus com o bico que desappareceu.

no tomará a presidencia, para a qual
e indigitado pelo seu appellido.

Os paletots forrados de seda serão collocados á mão direita do sr. Francisco Chamiço. Os paletots de forro de rato serão collocados á esquerda de s. ex.ª

Depois de beneficiados por tal arte os casacos serão sentados em cadeiras, e ficarão á disposição da Associação Commercial, da Associação dos Jornalistas e do governo, sendo requisitados por escripto de Sousa do Ulster sempre que se tornem necessarios á causa publica: ou seja para figurarem como deputados da maioria na camara; ou seja para fazerem de accionistas nas assembleias geraes do Banco Ultramarino, do Lusitano ou do Lisboa & Açores;

strado um par de calças, uns
bengala.

como socios ouvintes na
bite de leitura de compo-

Pedido. A' pessoa que levou do baile de S. Sebastião da Pedreira um paletosinho alvadio, em mau uso, roga-se o especial obsequio de o ir finalmente pagar ao Nunes algibebe, a quem elle se está a dever ha trez annos.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

NOTICIAS DE VILLA VIÇOSA

TELEGRAMMAS DA CÔRTE AO «DIARIO DE NOTICIAS»

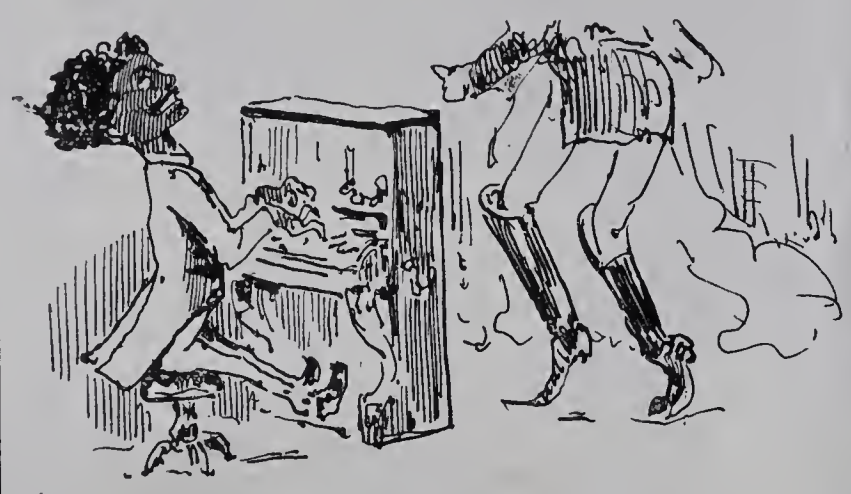
I

Meu Eduardo. Aqui nos achamos todos em jubiloso convivio: principes, aulicos e veados.

Trouxemos, como deves saber, o rei de Hispanha para dançar e Macario para tocar piano. Grande animação nos bailados, devida principalmente a Affonso XII e a Macario I.

Dir-se-hia que a divina providencia favoreceu com o mesmo toque da sua graça estes dois eleitos do Senhor, dando a um pelas pernas o que deu ao outro pelas mãos!

No momento em que te inderesso estas linhas elles se estão desunhando ambos na porfia da polka, um pelos membros apprehensores, tangendo as teclas; o outro pelos membros locomotores sapateando o sobrado. Referindo-se a este glorioso certamen, o chronista da viagem do rei catholico acaba de exharar no tomo dos seus annaes este inspirado trocadilho: — o negro tocou como um principe, o principe bailou como um negro!



II

Meu Eduardo. Realisou-se a primeira caçada, sendo a batida feita por um destacamento de cavallaria. Os caçadores apanharam tres veados. Os veados apanharam seis soldados de cavallaria.

Reina grande animação e enthusiasmo de parte a parte.

Tempo frio e quantos desagasalhados. Fazem-se brilhantes projectos de bronchites para ámanhã.

Proposta vantajosa a Macario para acompanhar para Madrid a corte de Castella na qualidade de pianista captivo, tomado aos mouros.

Resposta negativa de Macario por meio de uma expressiva contrandança.

III

Meu Eduardo. Rei de Hispanha partiu hontem para os seus reinos depois de uma despedida commovente, em que os dois soberanos, pungidos pela saudade e pelo defluxo, deram um no outro dois osculos e um espirro, no qual alguns quizeram ver uma allusão a Macario. Este protestou por meio da execução, respeitosa mas firme, de uma quadrilha de lanceiros.

IV

Meu Eduardo. Constipação geral na côrte e seu sequito Aulicos tossem roufenhos e cavernosos por todos os cantos d'este historico solar.

Na coutada ha quasi tanto frio e tanto vento como nos apartamentos interiores do palacio, ouvindo-se ao longe, atravez das espessuras da mata, berrarem os veados com dôres de dentes.

Infante, com um cobertor de papa em cada pé, uma bainha de flanella no seu estoque de condestavel, e um bahu de rebuçados peitoraes debaixo do braço, percorre as casas gemebundo e cuspinhoso.

Duzentas gallinhas, pastoreadas por uma força de cavallaria e pelo administrador do concelho, estão pondo de dia e de noite para as gemmadas da côrte.

Esta noite toda a comitiva ficou de pé, porque foi preciso juntar todas as camas umas ás outras e coser uns aos outros todos os cobertores para dar um suadouro ao conselheiro Nazareth.

Espera-se um comboyo extraordinario trazendo Franco de Belem com todos os xaropes que tiver disponiveis.

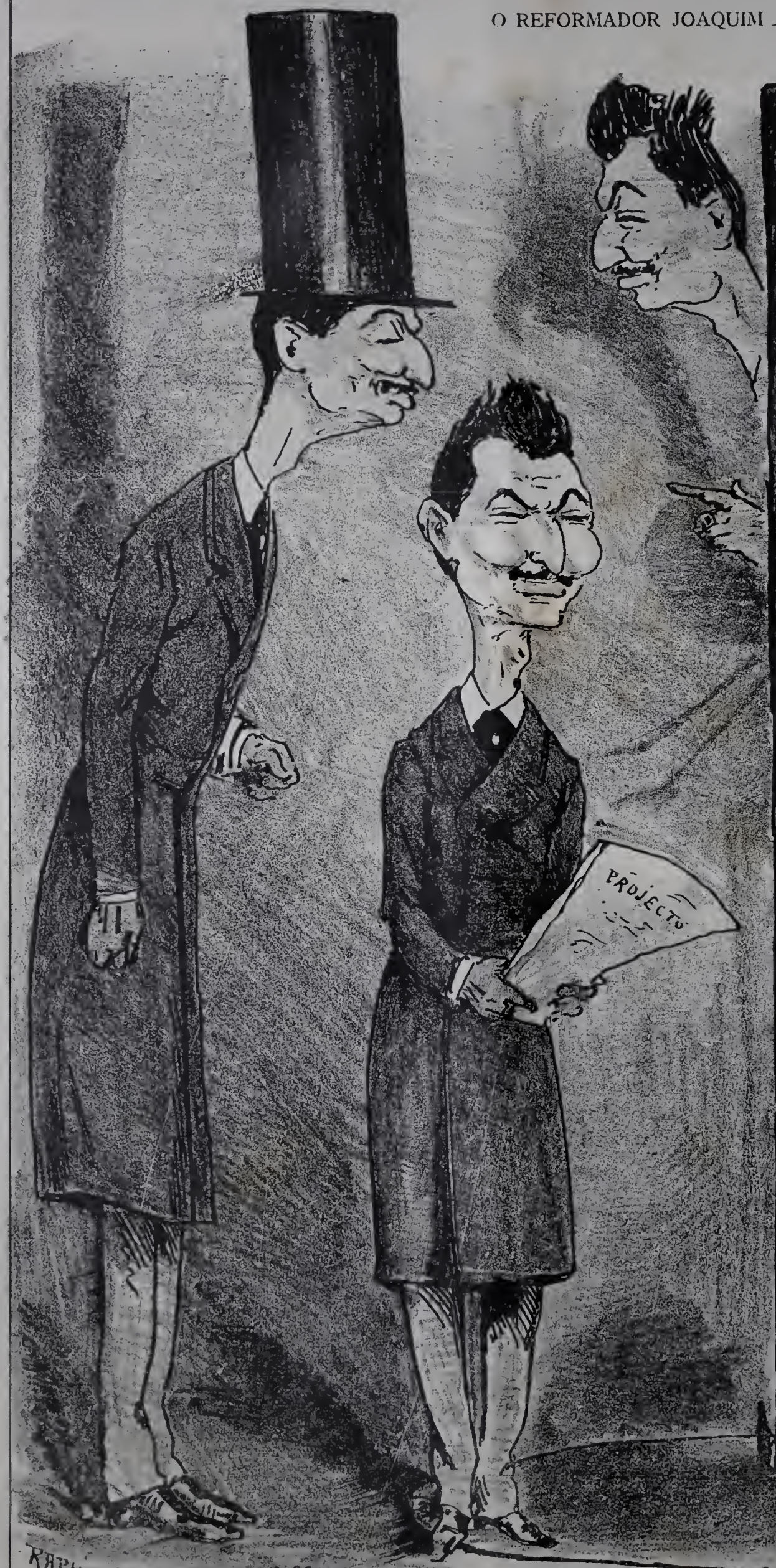
Macario ha dois dias que não apparece. Tem-se conservado encerrado dentro do piano a espectorar mazurcas. Tres vezes por dia o almoxarife applica-lhe cataplasmas de mostarda aos pedaes e despeja-lhe cosimentos de flôr de tilia e chás de limão pelas cordas abaixo. Visitei-o ha pouco: tinha as teclas geladas.

Que a divina providencia se amerceie da côrte e da dynastia! Deus salve Macario! Deus salve o rei!

ASSEMBLÉA GERAL DOS ESCRIPTORES PUBLICOS

Os que foram ao *lunch* e os que não foram ao *lunch:* interpellação dos magros aos gordos.

O REFORMADOR JOAQUIM ANTONIO GONÇALVES



Este philosopho é a mais preciosa das dadivas que a cidade do Porto podia offerecer á communidade humana, debaixo da fórma de deputado da maioria.

Apenas aberta a Camara o varão disserto, que parece trazer a mala cheia de philosophia e de jocosidade, começa por propôr que se crie uma caixa de pensões para os operarios impossibilitados de trabalhar.

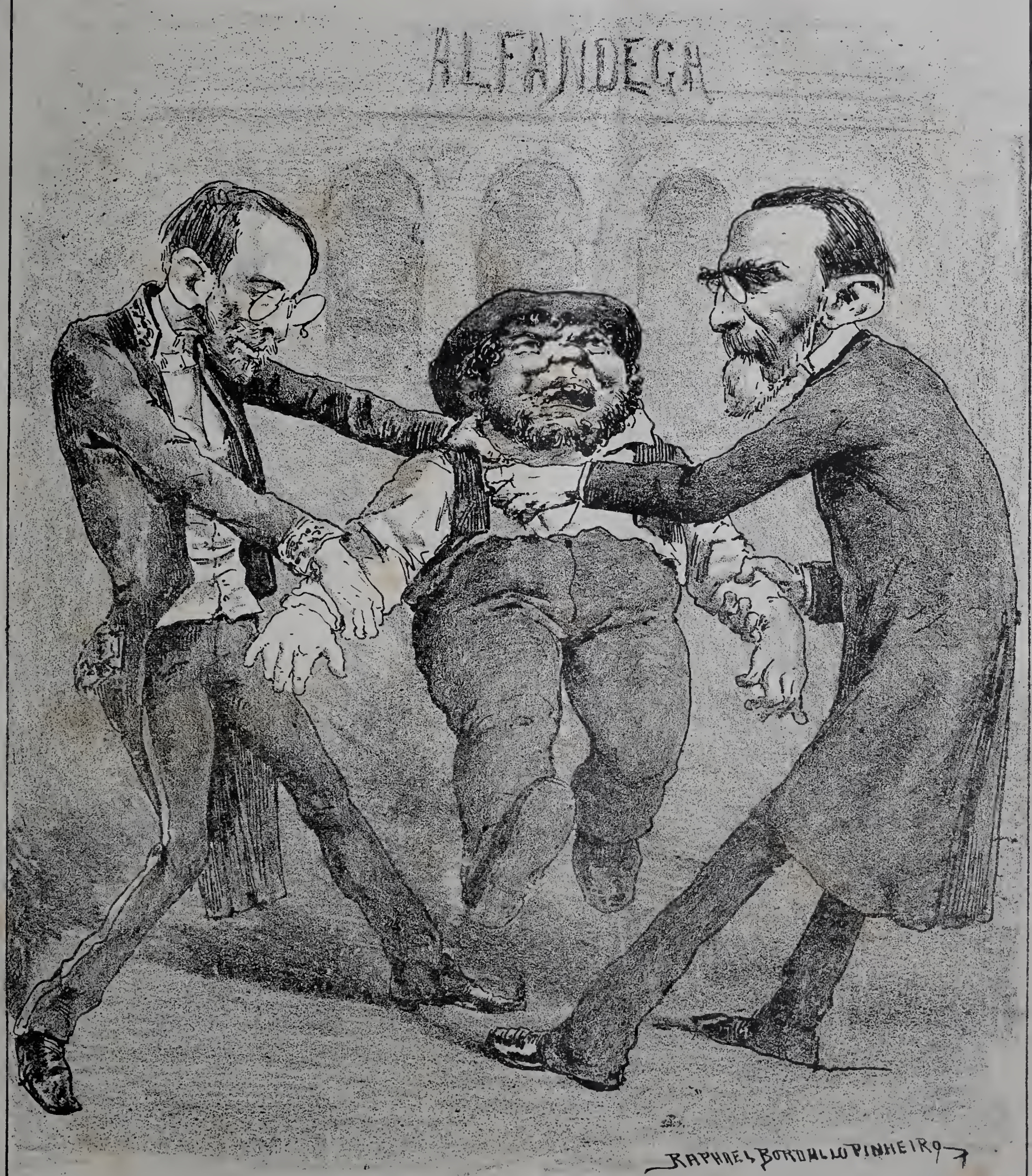
Esta medida não podia deixar de merecer a maior acceitação a um governo tão provido de caixas como sempre ha sido o nosso. Joaquim — querendo porem ir mais longe do que os estadistas que o teem precedido na creação de caixas, nas quaes, desde a chamada arca do thesouro até á caixa do rapé de cada um, nunca o governo pensou em metter dentro o que quer que fosse,—propoz, que na caixa nova se mettesse dinheiro!

Para este fim Joaquim Antonio alvitra a creação de um novo imposto: Todo aquelle que d'hora avante quizer votar, esportular-se-ha para esse fim com tres mil réis de achego para a caixa sobre que repousa a proposta do socialista portuense.

3$000 réis é, pouco mais ou menos, o que os eleitores barateiros costumavam até hoje pedir para ir á urna; imaginem que são agora elles os que vão pagar em vez de receber para ter essa estopada; e calculem quem é que se mexerá de casa para as eleições que vem!

Joaquim Antonio era chapelleiro antes de ser philosopho; e o que mais nos admira é a confiança risonha em que elle parece achar-se de que poderá voltar a fazer chapéos logo que cesse de fazer leis. Não; quem deita pela propria cabeça fóra uma d'essas, não tem direito a esperar jamais que lhe tornem a ser confiadas as cabeças dos outros. Quem se está rindo com mais gosto das leis de Joaquim não são os outros legisladores, são os outros chapelleiros. Porque eleitores para deputado ainda elle poderá tornar a ter alguns; freguezes para chapéos é que não!

O TRATADO DE COMMERCIO



Entre o governo, a querer-lhe bem por um lado, e a industria, a querer-lhe egualmente bem pelo outro, quem não sabe para onde se ha de virar é o consummidor.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O TRATADO

No ponto de vista pittoresco, dentro da esphera da pura e desinteressada caricatura, nada mais interessante nem mais curioso que um tratado de commercio.

Lembram-se da scena das duas mães na *Mulher que deita cartas,* no tempo em que Emilia das Neves, bracejando inspiradamente gestos de seiscentos diabos, rachava os lustres dos theatros pelo esbugalhamento dos olhos, e furava o timpano das parelhas das tipoias estacionadas á porta pela dilaceração dos gritos?

Hão de estar lembrados de certo...

A scena mettia duas damas tragicas, — uma á direita e a outra á esquerda do espectador. A dama lateral á direita era a mãe pelas entranhas: fôra ella que dera á luz a menina. A dama lateral á esquerda era a mãe pela adopção do sentimento, a que creara e educára a joven. Tratava-se de saber, entre as duas, qual era a que no fim do quarto acto havia de levar comsigo para o bastidor a donzella em letigio, posta como um pendulo em oscillação, ora para um lado ora para outro, em frente da caixa do ponto.

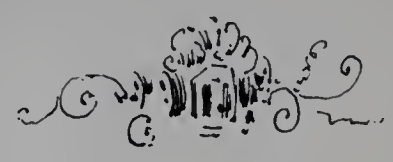
O problema levava a resolver obra de vinte minutos, durante os quaes a filha debatida não cessava um momento de ir de escantilhão de uma banda para a outra, já aferrada pelas presas da mãe esquerda, já empolgada em sentido opposto pelas garras da mãe direita.

E todo o publico chorava em jorros pelas cochias fóra e pelos camarotes abaixo com pena acerba, umas vezes de uma mãe, outras vezes da outra, sem que ninguem chorasse jamais pela filha; até que as duas tragicas cobertas pelas palmas do auditorio iam depor no camarim os seus louros, em quanto a ingenua, sem palmas nenhumas, estafada, contundida, esmurrada, rota, pisada, ia a chiclopé, ganinte e lacrimejosa, levada nos braços do contra regra para um canto, pôr parches novos nos callos dos pés e compressas d'arnica nas pisaduras dos braços e nos arranhões dos hombros.

Nos tratados de commercio as duas tragicas são a alta politica de um lado, e a grande industria do outro. A ingenua é o consumidor.

Esses senhores da associação commercial e da assembléa legislativa são as mães. Eu e tu, leitor, somos a filha.

Com o pretexto dramatico de que lhes merecemos a ambas uma egual doze de ternura, agora que o tratado de commercio com a França se acha em scena, ahi começam nossas mães aos cachações a nós para se decidir qual é d'ellas a que nos quer mais! Temos para um lado os estadistas, e temos para o outro lado os industriaes a puxar por nós. Pedimos apenas licença, antes de decidirem a coisa, para nos retirarmos por um momento do proscenio e irmos ao fundo dizer uma unica palavra para dentro :— Arnica!



Duas causas diversas levam os governos a reformar as pautas e a alterar as condições geraes do consumo. Umas vezes é a benevolencia mutua; outras vezes é a simples birra reciproca. Entre a França e a Inglaterra, por exemplo, succede o seguinte: A França augmenta os direitos sobre os tecidos inglezes de lã e d'algodão. A Inglaterra em justa represalia augmenta pelo seu lado o imposto sobre a importação dos vinhos francezes.

O resultado é que para o lado de cá do Pas de Calais o publico vestirá calças peores e mais caras, emquanto que para o lado de lá o publico beberá bordeus com muito mais campeche e com muito menos vinho do que até aqui.

Os governos vingam-se. Os consumidores pagam o despique. Sempre as duas mães que vão para a gloria em triumpho! Sempre a filha que vae para a botica em braços!

Entre a França e Portugal — como em França dera o phylloxera nas vinhas e em Portugal lhes não dera em geral senão o baile de S. Sebastião da Pedreira — combina-se um convenio pelo qual a França nos protege os vinhos que ella produz de menos, sob a condição de que nós lhe protegeremos as casimiras e as barèges que ella produz de mais.

Seria possivel talvez que as coisas se equilibrassem por meio d'esta combinação e que nós outros consumidores não viessemos a perder muito no arranjo, pagando um pouco mais pelos decilitros de Torres, mas pagando por outro lado um pouco menos pelas gravatas do *boulevard.*

Mas n'isto, ao lado da mãe — governo, surge-nos a outra mãe — industria.

Que nós paguemos mais caro o decilitro de vinho, a industria—como é mui benigna e carinhosa—supporta-o: mas que paguemos mais barato o metro das fazendas de linho, de lã ou de algodão, a industria não o permitte. Porque a industria que fabrica fazendas pune pelo direito sagrado que lhe assiste de as vender pelo maior preço possivel.

* * *

Ha longos annos que nós outros, consumidores, graças aos direitos de protecção, estamos pagando os nossos tecidos por perto do tresdobro do que elles valem; o que quer dizer que um operario, um professor, um empregado publico, gasta em Lisboa, para vestir uma familia de tres pessoas tanto como gastaria em Londres, em Paris ou em Berlim para vestir uma familia de oito.

Os grandes fabricantes pretendem que é indispensavel este sacrificio enorme de uma nação inteira para que elles ganhem o milhão que lhes é devido.

Sempre que se lhes falla em modificarem um pouco as suas exigencias perante a protecção das pautas, contentando-se em ganhar apenas um milhão menos dezoito vintens, os grandes fabricantes soltam gritos de pavôas escorraçadas do chôco, e ameaçam-nos de fecharem as suas officinas e de nos soltarem ás pernas trinta mil operarios famintos, se alguem ousar tocar na integridade sacrosanta do milhão de que elles teem o vêso.

* * *

Trinta mil operarios postos assim á mercê de meia duzia de fabricantes riquissimos, que teem inscripções, que teem propriedades, que teem titulos extrangeiros, que não precisam de trabalhar para comer, e que n'um inquerito feito ha uns poucos de mezes revelaram a intenção de supprimir os víveres a esses milhares de trabalhadores, se fossem alteradas as tarifas aduaneiras em detrimento dos seus lucros,—esses trinta mil operarios, dizemos, constituem uma questão grave, a unica mesmo verdadeiramente grave que envolvem as reformas do sr. Antonio de Serpa. Pois bem: essa questão capital foi precisamente aquella que o governo se esqueceu de estudar ao proceder ao inquerito, ao fazer o tratado e ao mandal-o approvar pela sua maioria parlamentar quasi que em tão pouco tempo como aquelle que seria preciso unicamente para o ler!

De modo que, nada mais sublimemente comico do que o cara de Bismarck palurdio com que o sr. Fontes Pereira de Mello promette agora á Associação Commercial de Lisboa modificar submissamente o tratado já feito e approvado pela camara electiva, não no intuito da politica que o dictou, mas no sentido dos desejos que os srs. industriaes manifestam!

O principe de Bismarck, que o sr. Fontes imita, assim como um microcephalo pode imitar um cabeçudo, dizia ha pouco no Reichstag, defendendo o rescripto do imperador, que *um ministro não é mais do que um homem de palha.* O sr. Fontes na sua maneira de proceder com relação ao tratado de commercio, seguiu á risca as palavras do seu modelo, e foi bem d'esta vez o homem d'aquillo de que o outro diz que devem ser os ministros.

Tudo isto nos demonstra uma cousa; e vem a ser: que para termos um bom tratado de commercio não basta fazer-se um inquerito ás industrias a perguntar-lhes o que ellas querem; é preciso tambem fazer um inquerito ao governo a perguntar-lhe o que elle sabe.

Desde que os capitalistas nos disseram: *Fechamos as fabricas.* — o que havia a fazer era perguntar ao sr. Fontes:

Vossa excellencia já leu Proudhon?

E esperar a resposta.

PADRE FRANCISCO

Ha quarenta annos que a gente em Portugal, depois de secularisada pela carta e pelo romantismo, anda a procurar desempadralhar-se, sem todavia o conseguir de um modo inteiramente satisfatorio.

Apesar de já não sermos frades, continuamos sempre a ser fradescos, e temos um vinco indelevel de padrice, uma tesourada de tonsura mal disfarçada em tudo: na lingua, na arte e nos costumes.

É n'este momento do seculo, em que a pedagogia profana mais empenhada se mostra em nos escovar o velho bolôr contrahido pela raça em tres seculos de claustro e de sacristia, que acabamos de ver na quarta pagina do *Diario Popular* o seguinte annuncio:

COLLEGIO BRAZILEIRO

PALACIO A SANTO AMARO

A VISTA DE MUITOS OBJECTOS, IMPORTADOS DOS ESTADOS-UNIDOS, DÁ CONHECIMENTOS GERAES SOBRE A NATUREZA

DÁ UMA EDUCAÇÃO DE SALÃO

O Director

PADRE FRANCISCO J. DE CHRISTO

Não faltava cá senão este padre Francisco, que rebenta agora com educação brasileira em Santo Amaro!

Sahidos apenas das escolas dos jesuitas, imbecilisados de grammatica, bestificados de rhetorica, precisavamos de nos pôr em communicação com a livre natureza, de nos animalisarmos fortemente por todos os fecundos contactos da vida, da belleza, da liberdade e do amor. Padre Francisco chama a si esse encargo, e promptifica-se dar aos nossos filhos conhecimentos geraes sobre a natureza, por meio dos objectos que lhe chegaram da America.

Quereis conhecer, meus meninos, o grande mysterio da vida universal, o segredo augusto e sagrado da fecundação do orbe? Ide a padre Francisco para que se vos mostrem os objectos americanos, em que elle proprio aprendeu tudo isso nos ocios que lhe deixa a leitura do breviario, entre o seu almoço e a sua missa.

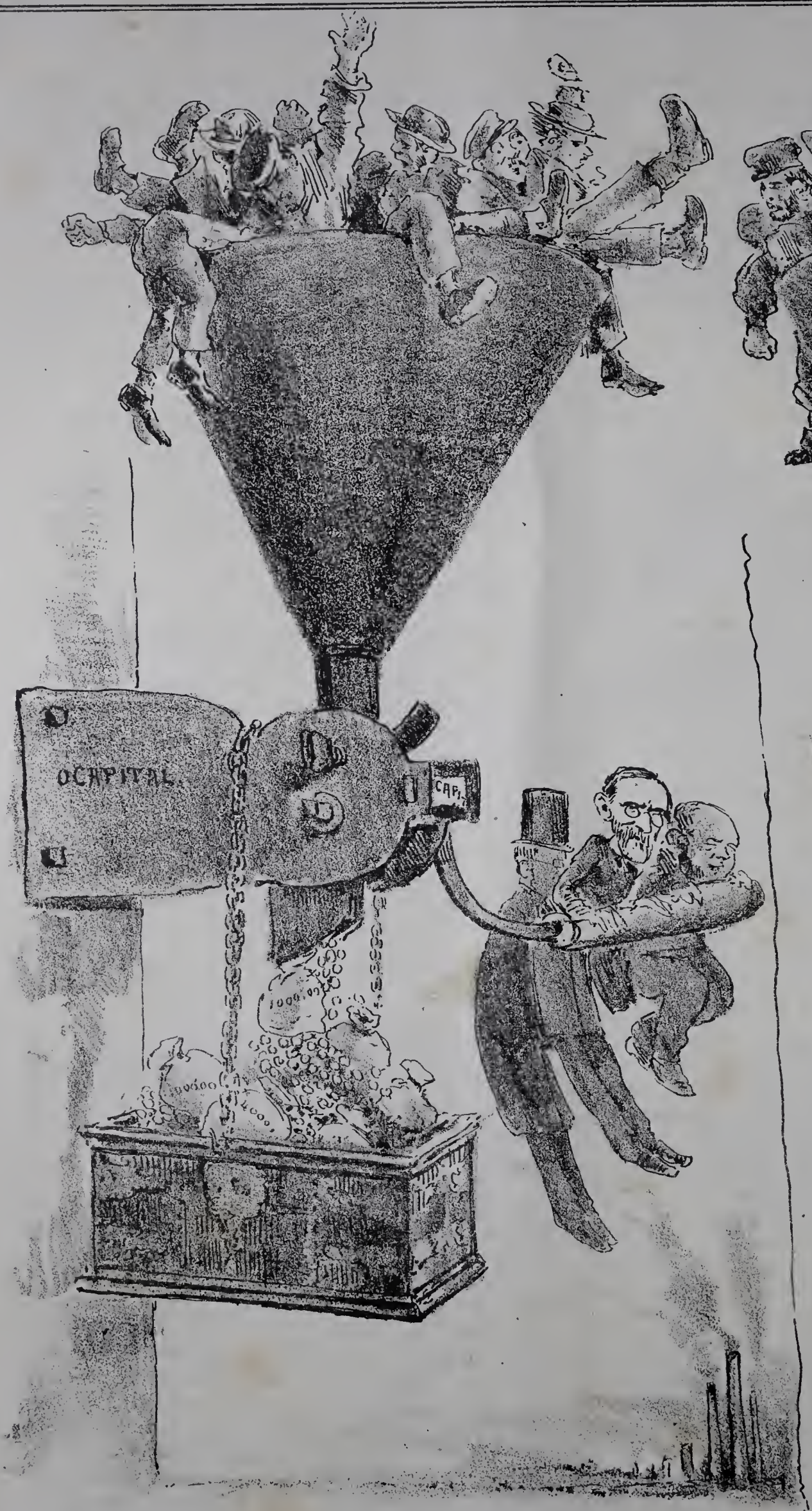
Mas o que mais nos captiva n'este padre não é o denodo magnifico com que elle se propõe explicar-nos a natureza pelos objectos que ultimamente despachou na alfandega. O que nos commove mais particularmente nos merecimentos sacerdotes de Francisco é o seu prestimo, posto á nossa disposição a tanto por mez, para o fim de nos ministrar as ordens sacras de salão.

Se Padre Francisco recebe adultos no seu estabelecimento, queremos que nos matricule, e pagaremos o que fôr devido. Devora-nos, a sede da *educação de salão* que sua reverendissima propina. Queremos que o ministro da egreja nos diga como é que se ata a gravata branca sobre o plastron da camisa de baile: como é que se pucha para a cinta a casaca de Poole; e que differença de milimetros deve existir entre a abotoadura do collete de *piqué* em ponta de lança para baile ou para jantar de convite. Qual o limite lithurgico para a estreiteza das calças? Agrada ou não ás mulheres o bigode mosqueteiro? Convem ou não convem o monoculo á estrategia da *flirtation?* Devemos ou não preferir á valsa galopada a valsa lenta a tres tempos *the slow valtz new?* Onde metter as luvas, —na claque ou no bolso? Onde beijar uma bonita mão de mulher,— nas pontas dos dedos ou sobre o pulso?...

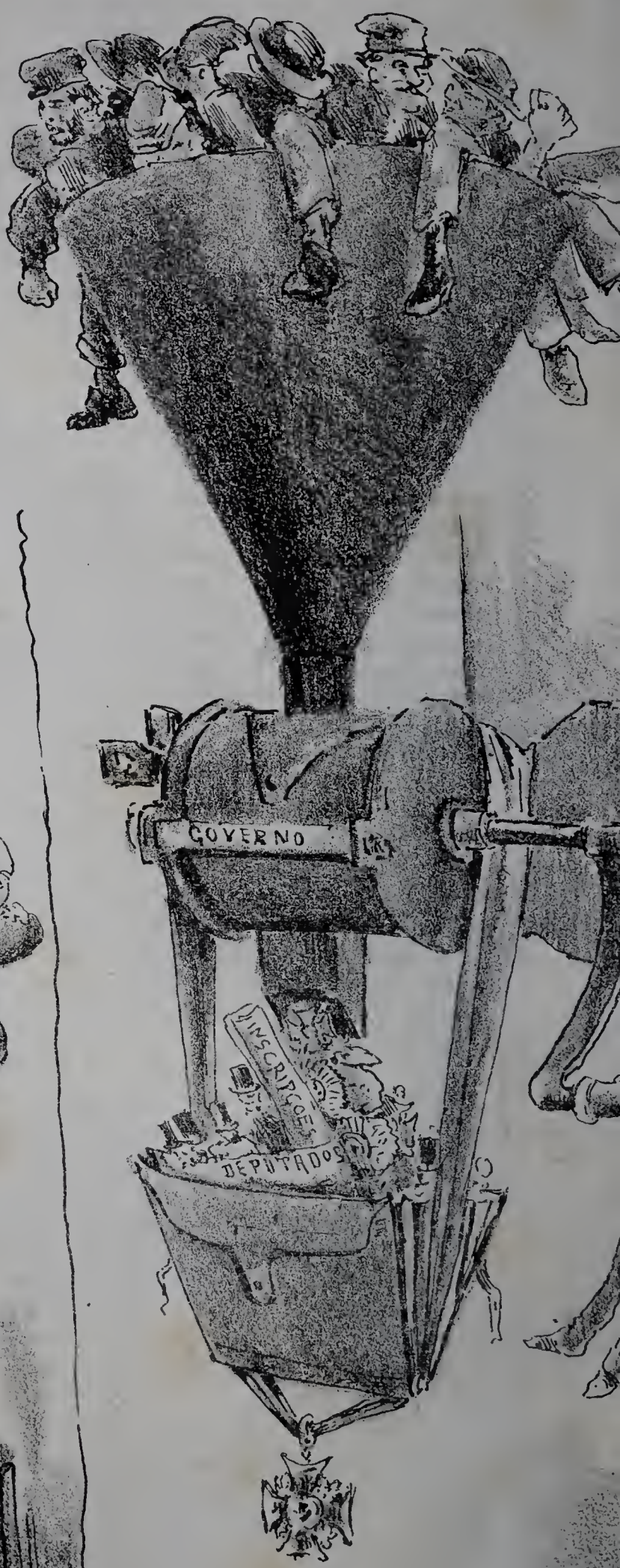
Tudo isso são para nós mysterios insondaveis e tremendos.

SITUAÇÃO DO TRABALHO PE

Os M



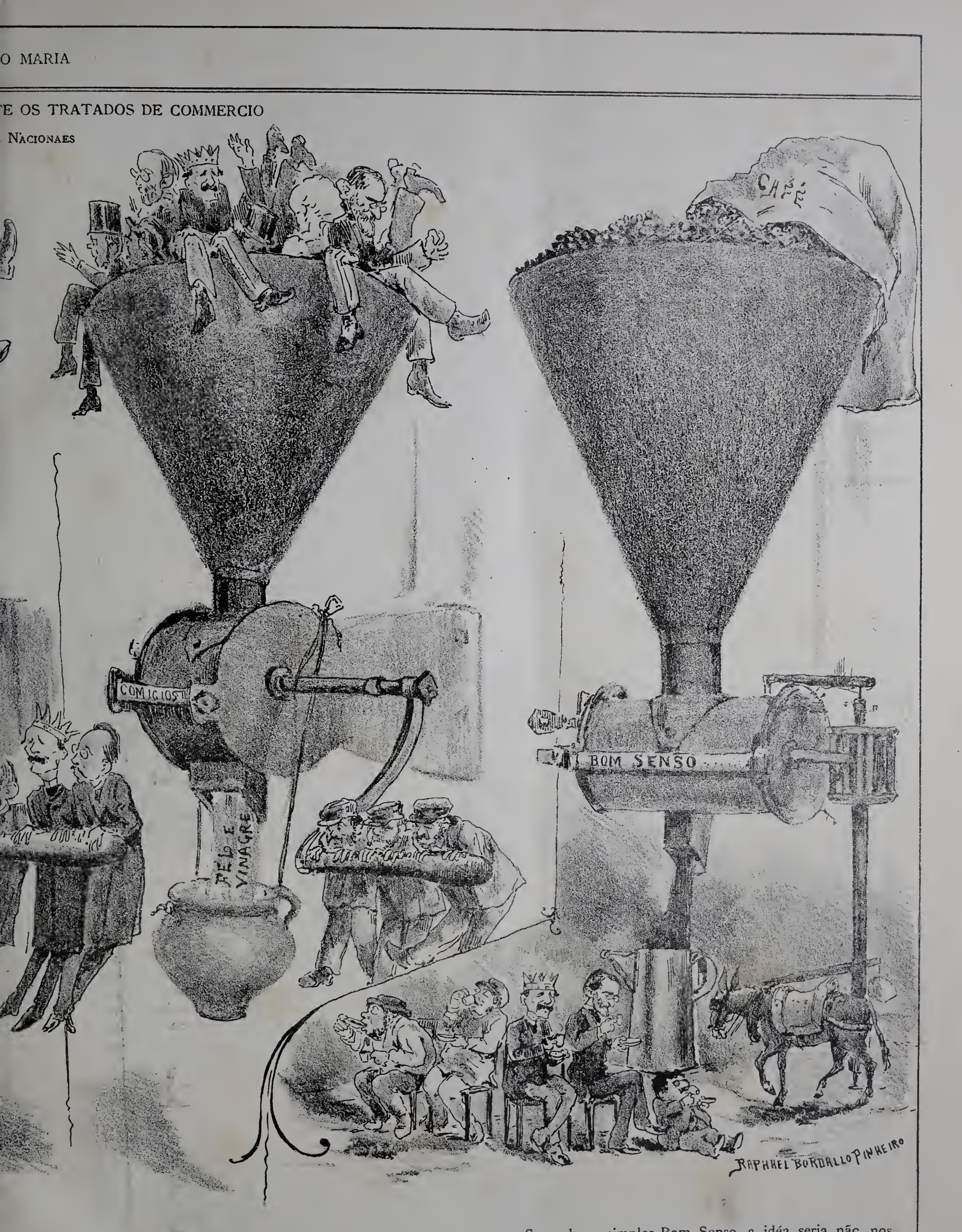
Segundo a Industria, a idéa é moer o trabalho e fazel-o deitar milhões.



Segundo a Politica, a idéa é arrancar o traba
e moel-o por conta do estado para o fazer b
e viscondes.

TE OS TRATADOS DE COMMERCIO

NACIONAES



ndustria
putados

Segundo os comicios populares, a idéa é moer o capital e a politica para os fazer botar fel e vinagre.

Segundo o simples Bom Senso, a idéa seria nãc nos moermos mais uns aos outros; pôrmos um simples burro — o burro da sabedoria— ao moinho, metter-lhe café para dentro, e tomarmol-o juntos.

Uma vez que Padre Francisco se annuncia para desencerrar á veneração dos fieis o Senhor Exposto do dandysmo, que elle nos alumie e nos esclareça nas trevas em que nos achamos!

Nos salões ao pé das mulheres nôs outros, lusos, somos, a bem dizer, uns ursos. Não temos linha, não temos flexibilidade, não temos conversação, não temos toilette. E apesar de todo o nosso esforço para sermos sveltos e galãs, para parecermos *regencia, talons rouge, œil de bœuf Port Royal, Parc-aux-cerfs,* ellas—coitadinhas!—ao olharem-nas para a cara, para os modos, para as vestimentas, cuidam que d'onde nós vimos é de ajudar ás missas na Encarnação, e que para onde nós vamos que é para a Sé cantar de tiples no côro.

Em Paris Madeleine Brohan abriu de uma vez escola de espirito, ensinando os basmurros a terem graça a vinte francos o *cachet.* O beato Francisco vem ser entre nós a Madeleine Brohan de Santo Amaro.

Oh! Deus! como vamos agora ser perigosos, irresistiveis e fataes por essas salas fóra!

Espera-se que Padre Francisco, entre os objectos que lhe vieram da America não tivesse deixado de receber *cocottes* para as experiencias da galanteria.

O que nos resta saber unicamente é quaes são as concondicções para irmos para o collegio de Padre Francisco, e que sua reverendissima nos diga se por accaso para abrir matricula teremos tambem de abrir corôa.

Segundo uma declaração ultimamente feita pelo sr. Hintze Ribeiro, sabe-se que o sr. Antonio Rodrigues Sampaio *se acha por emquanto muito verde.*

Para o fim de agradar ao sr. Hintz, o sr. Sampaio vae recolher por alguns annos a verdura da sua mocidade dentro de um madureiro.

Aos nossos confrades do jornalismo hispanhol, que tão acremente se queixaram de que o povo de Lisboa não désse vivas á rainha castelhana, temos o gosto de annunciar que os seus votos se acham satisfeitos. Desde que se votou o tratado de commercio com a França — e não se esperava senão por siso — toda a classe operaria se acha ha tres dias — a dar vivas á Christina.

Congratulamo-nos de veras com o throno hispanhol por esta justa manifestação do enthusiasmo popular.

A ULTIMA CORRIDA DE DEPUTADOS

Na terça feira, na praça dos deputados, houve um boi... perdão... houve um debate para curiosos.

Diz o *Correio da Noite*, na sua secção tauromachica do parlamento, que muitos espectadores desceram á praca e que houve boleu de meia noite.

Joaquim Chapeleiro mostrou ser fogoso. mas sahiu-se mosqueiro, atravessado e de muito pé.

Houve duas pegas, que agradaram.

No meio do reboliço geral da praça o intelligente mandou chamar as chócas para pôr fóra o gado.

Hoje quinta feira, não ha espectaculo. A quadrilha trabalha em commissões sob a presidencia do João Embelador.

Espera-se que amanhã saia o bando.

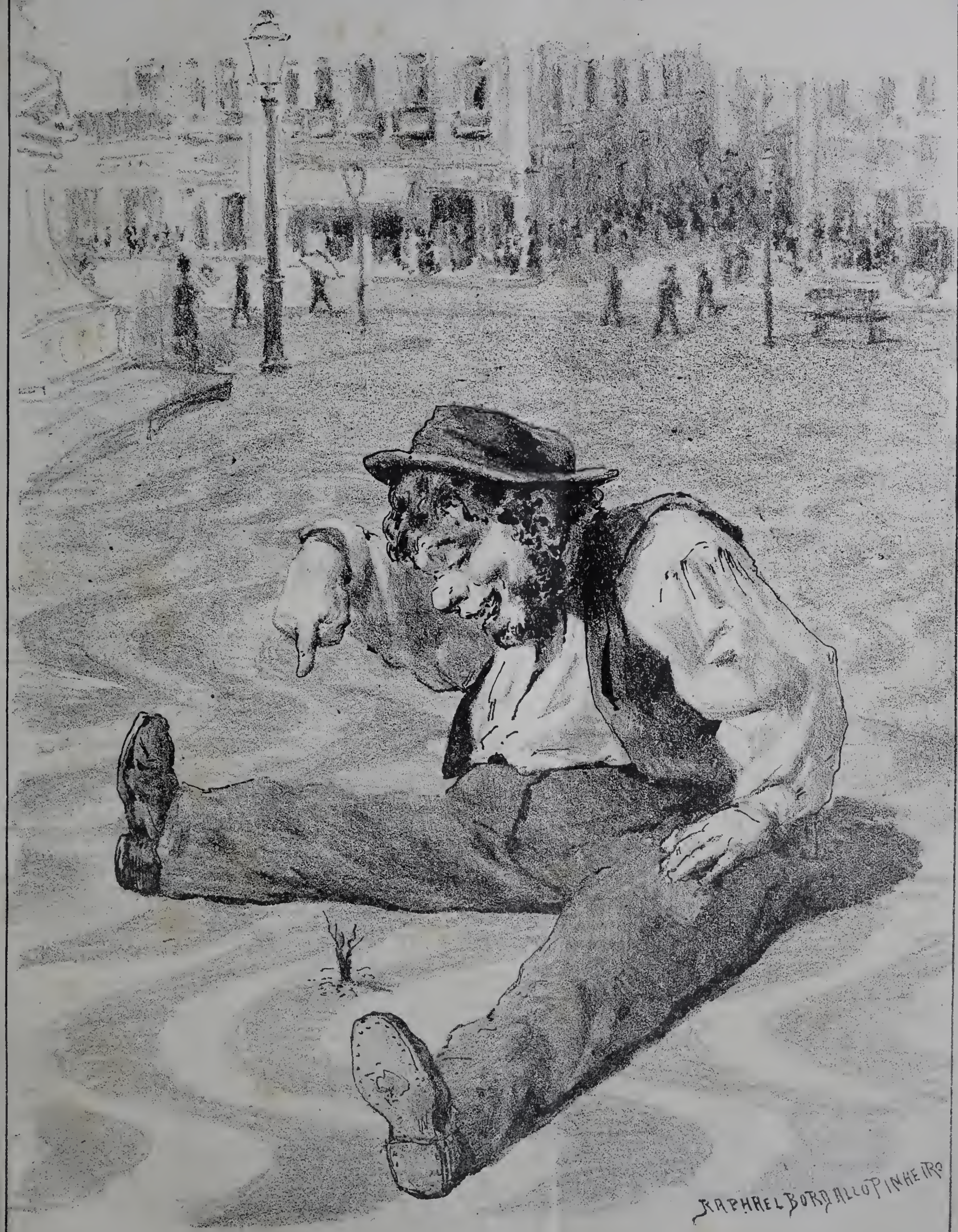
São prevenidos os srs. afficionados dos que forem esperar o gado para a sessão proxima de que o Collete Encarnado vae pôr atraz da presidencia uma succursal da sua beberoca do Campo Grande. D. Dobrada, com o seu sceptro de chispe e com o seu diadema de tomate, lá espera os representantes da nação. Doutor Roxo preside por conta do lavrador, e será d'arromba. Alerta, amadores! Haverá tambem patria guisada com decencia e herilhas. Avante portuguezes!

Exemplo de gravidade dado pelos fantoches de Holden á maioria dos fantoches do sr. Fontes Pereira de Mello.

A REVOLUÇÃO NO PORTO

Mettida na cadeia metade da cidade, a outra metade para fazer abrir as masmorras encarrega o sr. Adriano Machado de exercer sobre a despotica arbitrariedade da força os effeitos calmantes da eloquencia. Está-se a ver agora qual dos dois partidos pode mais: se o regenerador como bruto, se o progressista como massador.

O ARVOREDO DO ROCIO



HA DE CRESCER! HA DE CRESCER!» (Musica da Pericholle)

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A NOBRE ORDEM DO VEADO

É assaz conhecido de todos o importante papel que o veado está presentemente representando nas instituições portuguezas.

A acção d'essa interessantissima peça de caça sobre a nossa sociedade dava assumpto para uma grande obra, a qual á similhança dos Sonetos a Laura, se poderia dividir em duas partes distinctas: *Em vida do veado* e *Em morte do veado*.

Deixando a outras pennas, mas conspicuas e auctorisadas que a nossa, o importante estudo do veado considerado como vivente, consagraremos hoje alguns minutos de meditação ao veado morto.

*
* *

Desde que desapparece do numero dos vivos por effeito da fusilaria da côrte na real coutada de Villa Viçosa, cessando de ruminar, e cedendo a outros o seu talher devoluto á mesa do orçamento geral do Estado, o veado fallecido deixa de ser como em vida um personagem publico e passa a ser uma mercê regia, destinada a galardoar os cidadãos benemeritos pelos serviços por elles prestados á causa publica.

Assim como a cada novo ministerio que sóbe á confiança da corôa corresponde uma lista concomitante de individuos agraciados com o pariato, assim a cada nova caçada que se realisa em Villa Viçosa corresponde á lisia correlectiva dos sujeitos agraciados com o veado morto, o qual para esse effeito deveria ser transferido dos dominios do monteiro-mór para as attribuições do director geral da repartição das graças e mercês.

*
* *

É mister que este facto importantissimo para a divisão das gerarchias sociaes e das graduações nobiliarias não passe por mais tempo despercebido dos poderes publicos. O momento presente parece-nos ser dos mais opportunos para dar ao veado morto o logar que como instituição publica lhe compete dentro do codigo fundamental da monarchia.

A nobresa do reino acha-se hoje constituida, de facto, pela maneira seguinte: familias de pares, familias de titulares, familias de condecorados, familias de conselheiros e familias de comedores de veado.

O direito exige que quanto antes se defina e se regularise a situação d'estas ultimas familias perante a legislação e perante a pragmatica.

O veado — desenganemo-nos d'isto — attingiu definitivamente entre nós a importancia heraldica de uma nova ordem de cavallaria. E' indispensavel pois que as pessoas agraciadas com o veado recebam, em primeiro logar, juntamente com o quadrupede, um diploma que as auctorise a tornar publica a qualificação que d'ahi lhes procede, podendo usar por baixo do nome nos seus bilhetes de visita, o grau da ordem em que foram investidos, isto é: *veado inteiro, lombo de veado, veado da perna, rabadilha de veado,* etc. Depois, que á mercê corresponda uma insignia, e que cada um possa trazer no casaco ou no uniforme o distinctivo da cathegoria de veado, que lhe compete, desde o animal inteiro até á simples costelleta ou á almondega que lhe houver sido adjudicada. Finalmente, que todas as pessoas enobrecidas pela imposição do veado sejam comprehendidas na lei geral de todos os demais agraciados, pagando por isso os respectivos direitos de mercê, emolumentos, imposto sumptuario, etc.

*
* *

Esperamos que os poderes publicos attendam sobre este ponto a nossa humilde voz e que para honra e decoro da real munificencia o veado passe a ser conferido pelo cofre das graças acompanhado da respectiva carta regia, em vez de ser distribuido, como vimos a semana passada, de porta em porta em carroçadas, como ainda hoje se faz com as mãos de nabos e como se fazia com os habitos de Christo antigamente, — quando ainda havia alguem que os quizesse.

AS DEPUTAÇÕES DO PORTO

Dado o famoso conflicto entre o governador civil da cidade do Porto e a commissão do recenseamento politico da mesma cidade, vieram a Lisboa duas grandes deputações de cidadãos representar a el-rei, uma pela commissão, outra pelo governador.

El-rei prometteu attender benignamente o pedido d'ambas.

As deputações regressaram felizes á cidade da virgem.

O exito d'esta viagem á côrte não podia com effeito ser mais satisfactorio. Sómente cumpre

talvez advertir que desde que sua magestade se inclina com egual complecencia tanto para a resolução do problema n'um sentido como para a resolução d'elle n'um sentido opposto, as duas deputações adversas, teriam conseguido absolutamente o mesmo fim se, em vez de sahirem do Porto para vir a Lisboa guerrear-se, tivessem sahido unicamente para ir jantar reunidas a Mathosinhos.

Em vez de duas representações oppostas não se sabe porque os do Porto não preferiram uma merenda commum.

O tratado de commercio com a França descobriu um producto culinario que sómente póde ser comparado á caldeirada de lulas e ameijoas sem ameijoas e sem lulas. O tratado achou um *genero de confeitaria* feito sem mel e sem assucar. Imaginem que doce!

A REFORMA DA CARTA

A camara dos deputados acceita perfeitamente tudo quanto lhe queiram impingir: emprestimos, impostos, tratados, erros de grammatica, narizes de cera, descomposturas, biscas, sôcos, e cheiro d'alho.

Ha porém uma coisa que a camara dos deputados recusa energicamente: a revisão da carta, isto é: a admissão da possibilidade da conveniencia de uma reforma politica. Fantastico!

A carta de que se trata foi feita ha quarenta annos, tendo por fim estabelecer as bases sobre que tinham de ser propostos, estudados e resolvidos os diversos problemas do governo. Todos esses problemas são d'ordem scientifica, e todas as sciencias a que elles estão ligados foram inteiramente revistas e completamente transformadas de ha quarenta annos para cá.

Todo o trabalho colossal do espirito do seculo no seu periodo de mais intensa elaboração intellectual passou indifferentemente por cima d'essa carta immovel.

Durante esse espaço de tempo renovou-se a astronomia, a physica, a chimica e a biologia; creou-se a anthropologia; refez-se a critica e a historia; transformou-se a philosophia; creou-se uma nova esthetica; fez-se uma nova arte. E a carta ficou como era.

Veio o caminho de ferro; veio o telegrapho electrico; veio a machina de costura; veio o canhão raiado; veio a lavoura a vapor; veio a photographia; veio a galvanoplastia; veio o gaz illuminante; veio o aluminium; veio o chloroformio; veio o rewolver; veio o telephone; veio o phonographo; veio a dynamite. E a carta permaneceu como estava.

Cortou-se o isthmo de Suez; perfurou-se o monte Cenis; revistou-se o polo; explorou-se a Africa. E a carta na mesma.

Passou Auguste Comte, e passou Herbert Spencer na philosophia; passou Darwin, passou Haeckel e passou Tyndall na historia natural; passou Berthelot e passou Wurtz na chimica; passou Claude Bernard, passou Mandshey, passou Luys na physiologia; passou Proudhon na economia social; passou Michelet na Historia; passou Taine na critica; passou Victor Hugo na poesia; passou Wagner na opera; passou Offenbach na operetta; passou Labiche na comedia; passou Rochefort e passou Jules Vallès no jornalismo; passou Zola no romance. E a carta quieta.

Posta á porta da civilisação moderna, a carta ficou ahi pregada a quatro pregos como um esteirão de escada. Todos os progressos feitos nos ultimos quarenta annos lhe teem deixado em cima a lama do passado que traziam pegada nos pés. A vadia de Pedro não é hoje mais do que um capacho sujo com quarenta camadas d'immundicies velhas.

Enterrada no Rocio em torno da estatua do seu dadôr, ella poderia ainda ser util aos povos dando estrume ás arvores.

Defendida no parlamento como um instrumento inviolavel de progresso, como um symbolo sacrosanto de liberdade, por 87 homens, que não são talvez fingidos que não são talvez empalhados, que póde ser mesmo que estejam vivos, que é possivel que respirem, que vejam e até que saibam ler, a carta mette apenas nojo.

De resto ha um ponto em que nos achamos perfeitamente d'accordo com os 87 defensores da carta. Esse ponto é a inutilidade de lhe bolir. Com ella succede como com os narizes pôdres, que é escusado amputar; condemnados pela sciencia, elles caem por si.

Depois de expectorar reformas com un
essas reformas com um appetite de Pantagrue

POLITICA

anco de Gargantua, a situação torna a engulir

A REFORMA DA CARTA

VÃO SER PROHIBIDOS OS PREGÕES - SEGUNDO DIZEM AS FOLHAS OFFICIAES

O GRANDE PHENOMENO DA SEMANA

Nos Fantoches de S. Bento, o Grande Turco principia os seus exercicios desmanchando-se em dois grandes turcos mais pequenos. Desmanchar-se-ha ainda mais para a semana que vem Vinde aos Fantoches vêr o Grande Turco que se desmancha! O grande phenomeno!!

A Empreza Litteraria Luso-Brazileira, concluindo o primeiro tomo da publicação intitulada *Á Volta do Mundo*, realisou ella mesma à volta da arte uma romagem que egualmente honra a arte e a empreza.—Pelo que felicitamos ambas.

O ENTRUDO DE ZÉ POVINHO

LARGA-O, QUE NÃO É TEU!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

ESTA QUINTA FEIRA

O dia em que hoje nos achamos é o de quinta feira dos compadres.

Ajoelhemo-nos reverente e ergamos o nosso pensamento ao Altissimo!

Logo que o povo portuguez chegue a ter a comprehensão nitida e perfeita do seu actual destino e da sua presente situação na historia, a festa dos compadres, hoje obscura, será a primeira das nossas festas nacionaes.

Porque o compadrio é hoje o verdadeiro e legitimo *in eo vivimus et sumus* da Nação portugueza.

Ha muito tempo que o reino deixou de facto de pertencer aos frades, deixou de pertencer aos capitães-móres, deixou de pertencer aos morgados, deixou de pertencer á Virgem, deixou de pertencer ao rei e deixou de pertencer á carta.

O reino agora a quem pertence é unicamente ao compadre.

Este novo poder do Estado, exclusivo e absoluto, não tem ainda por em quanto culto externo. É preciso creal-o. Assim o exige a necessidade do prestigio de que em todas as nações cultas é uso revestir o principio supremo da auctoridade espiritual.

Daes-nos em cada anno S. Jorge, ó insensatos, como se nas relações mysticas ou nas relações sociaes do nosso tempo podesse haver alguma coisa de commum entre nós e S. Jorge! S. Jorge!... Não conhecemos esse sujeito. Quem nós conhecemos é o comprade,

Já não ha mouros e christãos, não ha nobres e villões, não ha legitimistas e constitucionaes, não ha cartistas e patuleias. A sociedade portugueza acha-se dividida em dois unicos campos distinctos e diversos: Os que vivem no compadrio e os que não vivem no compadrio. Uns são os exploradores, os outros os explorados; uns pagam, os outros recebem; uns são os gordos, os outros os magros; uns mandam, os outros servem.

Por isso o compadre deve ter na consideração dos povos um throno, um altar e um andor. Pedimos para elle o *Te-Deum*, a missa cantada, a parada, a espectaculo de gala, o fogo d'artificio e a phylarmonica.

A carta, que alguns querem agora reformar, está reformada ha muito. Quem a reformou foi o compadre. A religião passou por uma transformação identica. Já ninguem pede nada aos padres. Pede-se aos padrinhos.

Se quereis por tanto consagrar verdadeiramente o novo pacto fundamental da sociedade em que vivemos, celebrae solemnemente como deveis a unica festa nacional que ainda vos resta: —a quinta-feira dos compadres, isto é, é o unico dia grande dos cidadãos portuguezes.

O FESTIM DA ARTE

Dando ha pouco noticia da abertura da exposição de quadros modernos na rua do Alecrim, coube-nos a honra de citar o nome de Manoel, moço da cervejaria Lião, como sendo o primeiro dos protectores da arte portugueza n'este seculo, por isso que em quanto os demais sabios e ricos homens não dão aos artistas mais do que algumas velhas asneiras em fórma de conselhos paternaes, e alguma attenção platonica em fórma de cuspo applicado ás télas com a ponta do dedo, Manoel em vez de aphorismos de esthetica e de dedadas de saliva, dá a credito bifes com batatas.

E hão de se desenganar de que o unico meio que o publico tem de favorecer o artista é este: engordar n'elle o bello animal.

Em quanto ás bellas obras é absolutamente inutil que o publico tenha o incommodo de as suggerir, basta que tenha a bondade de as pagar.

*
* *

Como todo o principio justo é por sua natureza fecundo, ahi estamos já hoje a ver fortificar em Delfim Guedes a admiravel ideia que expozemos ácerca de Manoel, o moço.

Compenetrado da profunda e resplandecente verdade que nós enunciamos, o cornacá official da arte portugueza snr. Delfim penetra com pé firme na nova senda das reformas artisticas, não dando relatorio nenhum e dando um banquete sobre a exposição da arte ornamental.

Se o snr. Delfim persistir nos solidos methodos que acaba de inaugurar, elle bemmerecerá da posteridade, e a historia registrando os serviços prestados por elle ao ensino artistico da nação, dirá commovida:

Barbosa, Alarcão e Viterbo jantaram bem em casa de sua excellencia.

*
* *

Eis segundo o nosso conspicuo e mui disserto collega do *Commercio de Portugal*, o *menu* do jantar offerecido pelo snr. Delfim Guedes, ins-

pector das Bellas Artes em Lisboa aos seus illustres collegas da commissão executiva da exposição da arte ornamental:

*
* *

Potage:—Au Musée des Beaux-Arts.

Hors d'oeuvres:—Petites bouchées du siècle passé.

Relevés:—Poisson à l'Art Archéologique, Filet de boeuf à l'Art Ornemental.

Entrées:—Gratin de Bécasses aux truffes gothiques, Foie gras de Strasbourg à l'Art Ancien, Punch à l'Exposition Rétrospective.

Rotis:—Pintades truffées Hispano-Arabes, Macédoine à la Commission Executive.

Entremets:—Asperges Celtiques, Gelée de tangérines fouettée au XI.me Siécle, Charlotte d'abricots à la mosaïque, Corbeilles de méringues peninsulaires, Gateau de Terrugen, Gateau de Montelavar, Dessert varié.

Glaces:—À la lumière electrique.

*
* *

Adeante publicamos, devidamente illustrado, esse documento precioso para a historia da arte e do senso commum em Portugal n'este derradeiro quarteirão do seculo.

*
* *

Ao mesmo tempo a que o snr. Delfim Guedes soboreava com a commissão executiva da Exposição as suas *petites bouchées* do seculo passado, as suas *truffas gothicas* e as demais iguarias acima e adeante referidas, alguns visitantes da mesma exposição commemoravam o dito certame com outro banquete, cujo *menu* foi o seguinte:

*
* *

Potage:—Bouillon Delguim aux croutes de l'Académie des Beaux-Arts.

Hors d'oeuvres:—Petites bouchées d'oie delfinoise à la banalité archeologique.

Relevés:—Carpe delfine à farce rétrospective. Lapin dauphiné à l'herbe esthetique.

Entrées:—Cretin de bêtasse delguine truffée à l'art ornemental, Cochon Guedès sauté au Musée National.

Rotis:—Train de derrière de Dauphin fouetté à Montelavar au XIX.me siècle.

Salade:—A l'epoque dite Romaine, et aux Bêtes-rares de la Commission Executive.

Entremets:—Choux à la roi de Tu-l'es, Pointes de capas d'asperges à l'art ornemental.

Glaces:—Aux bouts de chandelles.

ÁCERCA DA VIAÇÃO ACELERADA

As viagens dos comboios mixtos da linha ferrea do Norte constituem hoje uma das distracções nacionaes que mais francamente se pódem recommendar ao publico sem receio de o enganar.

O espirito do viajôr passa n'essas viagens, de estação em estação, por todas as surpresas mais proprias para o distrahir e recrear.

Nos comboios mixtos da linha ferrea do Norte tudo é imprevisto e inesperado, desde a hora da chegada até á hora da partida do trem, em cada uma das estações.

Aqui fica-se á espera que o sr. Influente Eleitoral do sitio, que se despede na gare da sua familia, mande a casa buscar a chapelleira que lhe esqueceu.

Acolá é um sr. empregado do comboio que foi á freguezia proxima ver uma prima e que ainda não chegou.

Mais adeante é pelo gabão do sr. machinista que se está á espera.

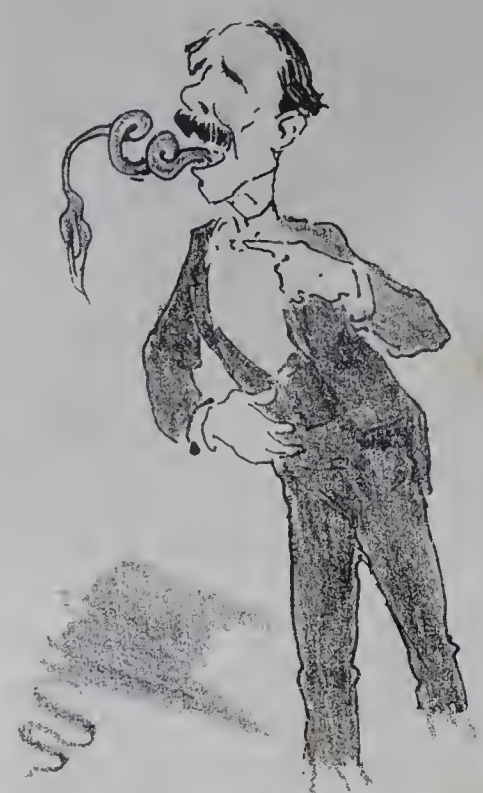
No Entroncamento são os srs. passageiros de Leste que chegaram com duas horas d'atrazo, e que querem comer alguma coisa: estão-se-lhes a fazer uns bifes.

*
* *

Todos esses variados episodios attrahiriam grande numero de passageiros á linha ferrea do Norte, se as condições recreativas em que n'elle se viaja fossem assaz conhecidas do publico. O que afasta a concorrencia é o suppôr-se, na fé do que affirmam os horarios, que as ditas viagens são, como quaesquer outras, estupidamente pautadas n'uma tabela por cuja leitura cada um póde saber em casa, minuto a minuto, tudo quanto se ha de passar no caminho como n'uma peça de theatro de que já se sabe o enredo.

Para o fim de destruir no espirito do publico essa illusão funesta aos interesses da exploração, lembramos á companhia do caminho de ferro do Norte a vantagem de suprimir completamente o horario dos comboios mixtos, substituindo-o por

O MENU DO J



Não me vae para baixo o filete artistico-ornamental.

Potage au Musée des Beaux Arts.

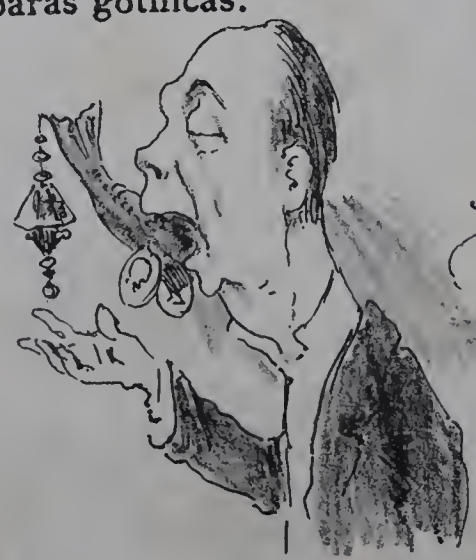
Petites bouchées Siècle Passé.

Estão-me atravessadas na garganta as tubaras gothicas.

Gratin de Bécasses aux truffes gothiques.

Foie gras de Strasbourg à l'art-ancien.

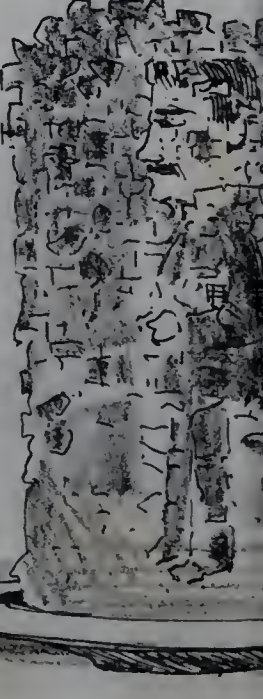
Punch à l'E Retrospective.



Toco com o dedo no safio archeologico.

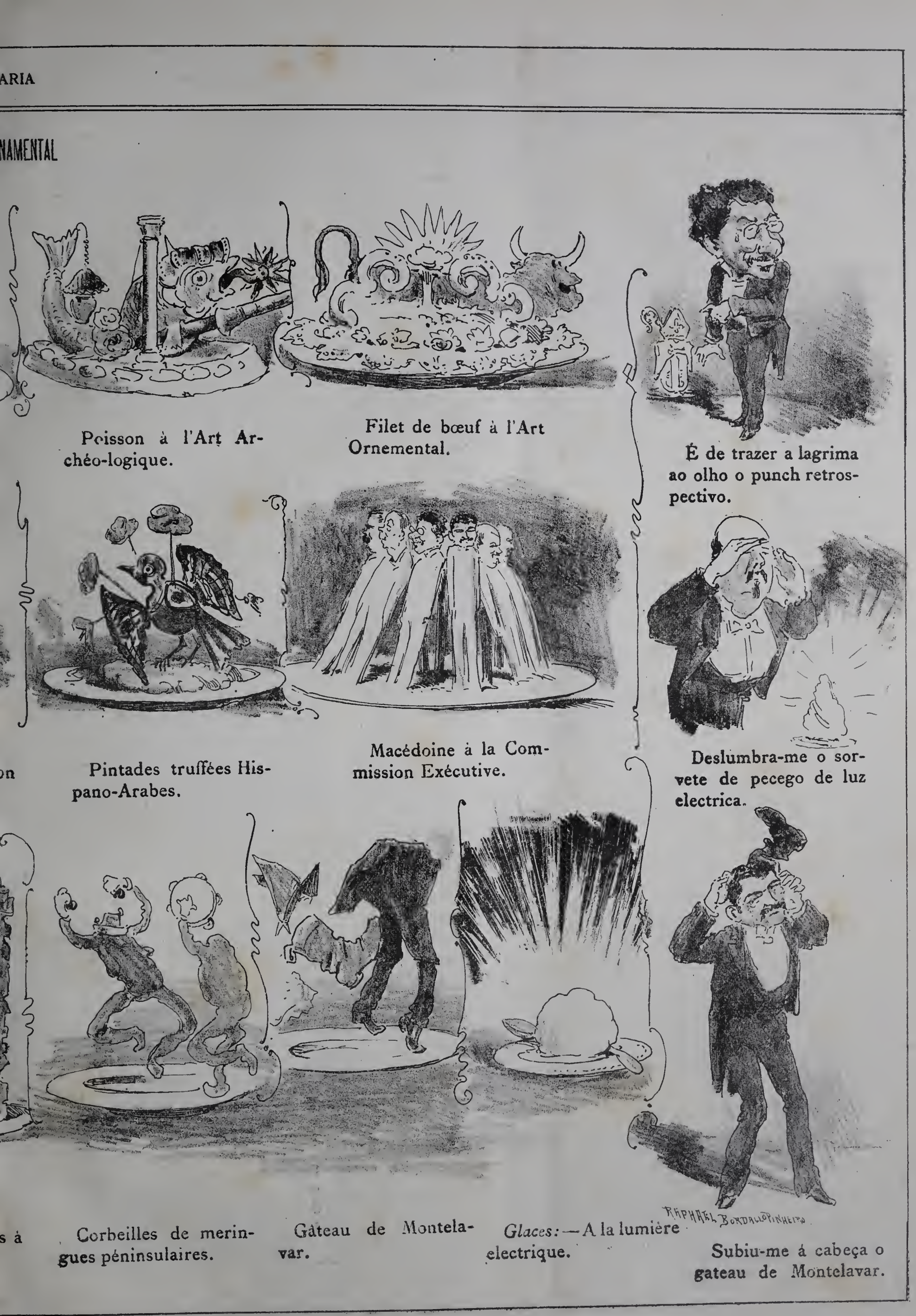
Asperges Celtiques.

Gelée de tangérines fouettée au XIme siècle.



Gharlotte d'a la mosaique.

NAMENTAL



Poisson à l'Art Archéo-logique.

Filet de bœuf à l'Art Ornemental.

É de trazer a lagrima ao olho o punch retrospectivo.

on

Pintades truffées Hispano-Arabes.

Macédoine à la Commission Exécutive.

Deslumbra-me o sorvete de pecego de luz electrica.

s à

Corbeilles de meringues péninsulaires.

Gâteau de Montelavar.

Glaces: — A la lumière electrique.

Subiu-me á cabeça o gateau de Montelavar.

uma simples e breve noticia sobre o assumpto concebida nos termos seguintes:

CAMINHO DE FERRO DO NORTE

VIAGENS DIURNAS ENTRE LISBOA E PORTO

Os comboios d'esta linha sahirão das respectivas estações-terminus todos os dias entre as seis horas da manhã e o meio dia,—não havendo inconveniente.

Em cada uma das estações do transito o comboio se demorará o tempo que fôr preciso para que os srs. passageiros possam do seu vagar percorrer os campos e as povoações proximas, herborisando, caçando insectos, visitando os seus amigos ou tratando de quaesquer outros negocios civis, religiosos ou de familia.

Aquelles dos srs. viajantes que não desejem acompanhar seus companheiros nas alludidas excursões, encontrarão nas gares quartos mobilados com serviço de mesa redonda ou por lista, sendo carinhosamente tratados pela companhia como pessoas de familia.

O comboio chegará ao seu destino, Porto ou Lisboa, quando Deus nosso Senhor fôr servido, e sempre depois de se haver reconhecido que isso não vae de encontro nem á vontade dos srs. passageiros nem aos decretos da providencia.

Para o fim de evitar que estas viagens impliquem com outros projectos a que os srs. viajantes hajam porventura consagrado o resto de seus dias, previne-se o publico de que o trajecto de Lisboa ao Porto ou do Porto a Lisboa pelo comboio mixto, nunca—a não ser por caso extraordinario—se fará nem em menos de quinze horas nem em mais de trinta dias.

A UNIVERSIDADE E A PHYLLOXERA

De revelações importantes recentemente feitas á camara dos srs. deputados resulta o saber-se que a Universidade de Coimbra, movida por um sentimento de carinho verdadeiramente maternal para com o phylloxera, cultiva amorosamente este insecto destruidor no seu horto botanico.

A Universidade é para o phylloxera o mesmo que o Doutor Wanderlann é para a gallinha: uma creadora e uma aperfeiçoadora da especie.

Todo o viticultor que deseje o phylloxera para os seus bacellos, dirige-se á Universidade, e a Universidade pela volta do correio expede ao viticultor um casal de phylloxeras domesticadas, para creação, dentro da respectiva gaiola, com uma uva no comedoiro.

No horto da Universidade o publico encontra os phylloxeras á sua disposição exactamente como no verão encontra os grilos na praça da Figueira. A Universidade é a tia Vicencia do grilo vastatrix.

*
* *

É evidente que, perante a liberdade da industria, a Universidade está perfeitamente no seu direito em principiar agora a phylloxerisar o paiz com o mesmo ardor com que até hoje ella se tem contentado em o bacharelisar apenas.

Sómente, ao vêr assim a Universidade amamentar com egual ternura ao seu peito os doutores e os parasitas, um unico receio nos assalta; e vem a ser: Que por um facil equivoco no aviamento das encommendas que lhe forem dirigidas a Universidade venha um bello dia a mandar-nos os seus insectos para as secretarias e os seus bachareis para as cepas.

A consideração d'este perigo nos leva a pedir ao governo uma fiscalisação rigorosa sobre os dois ramos de commercio que presentemente cultiva o nosso primeiro estabelecimento de instrucção e de flagellos publicos.

*
* *

Á Universidade pedimos licença para lhe offerecer uma idéa.

O acaso fez com que ha tempos se descobrisse nos Estados Unidos um insecto denominado *tyroglyphus longior*, o qual posto em communicação com o phylloxera, o destroe, devorando-o.

Ora quem é que nos diz agora que o doutor de capello *longior*, isto é, do conselho dos decanos, applicado ao phylloxera não tenha sobre elle a mesma virtude de exterminio que tem o *tyroglyphus?*

Quem nos diz, que por outro lado, o phylloxera, applicado com mão discreta ao doutor *longior* (mais grado) não produza sobre elle analogos effeitos?

No caso da Universidade, tendo á mão os elementos necessarios para o emprehendimento d'este curioso estudo, nós começariamos subtilmente, e a titulo de experiencia, por lançar um phylloxera ao snr. visconde de Monte-São, a uma parte, lançando por outra parte o snr. Pedro Penedo ao phylloxera.

Depois do quê, nos poriamos á coca, aguardando tranquillos tudo o que pudesse vir a succeder quer no corpo docente, quer na cêpa torta da douta corporação.

COM MASCARA E SEM MASCARA

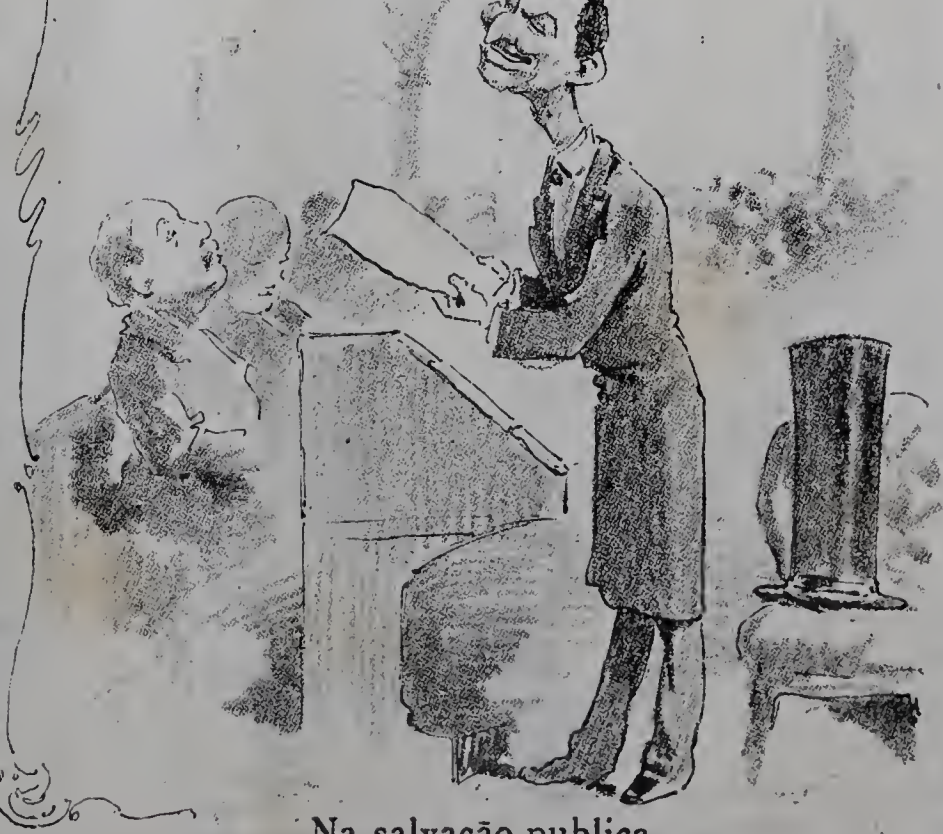
Maior para descançar em familia.

Sempre grande!

-Entre os seus.

Na via publica-

Na salvação d'elle.

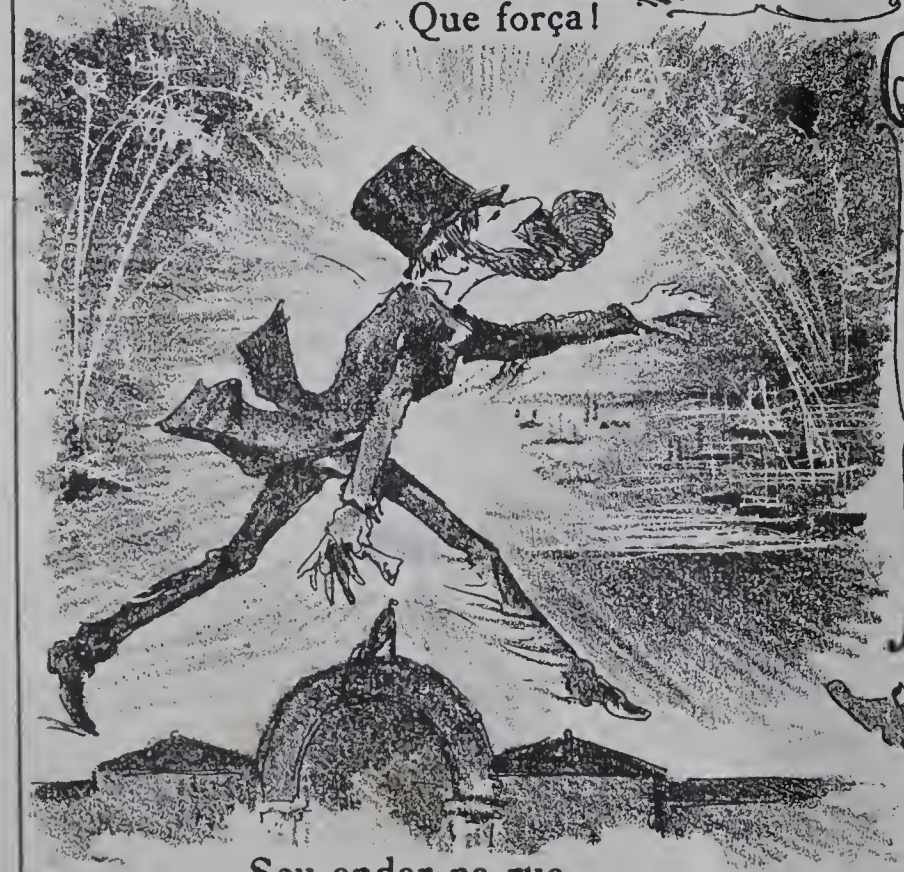


Na salvação publica.

COM MASCARA E SEM MASCARA

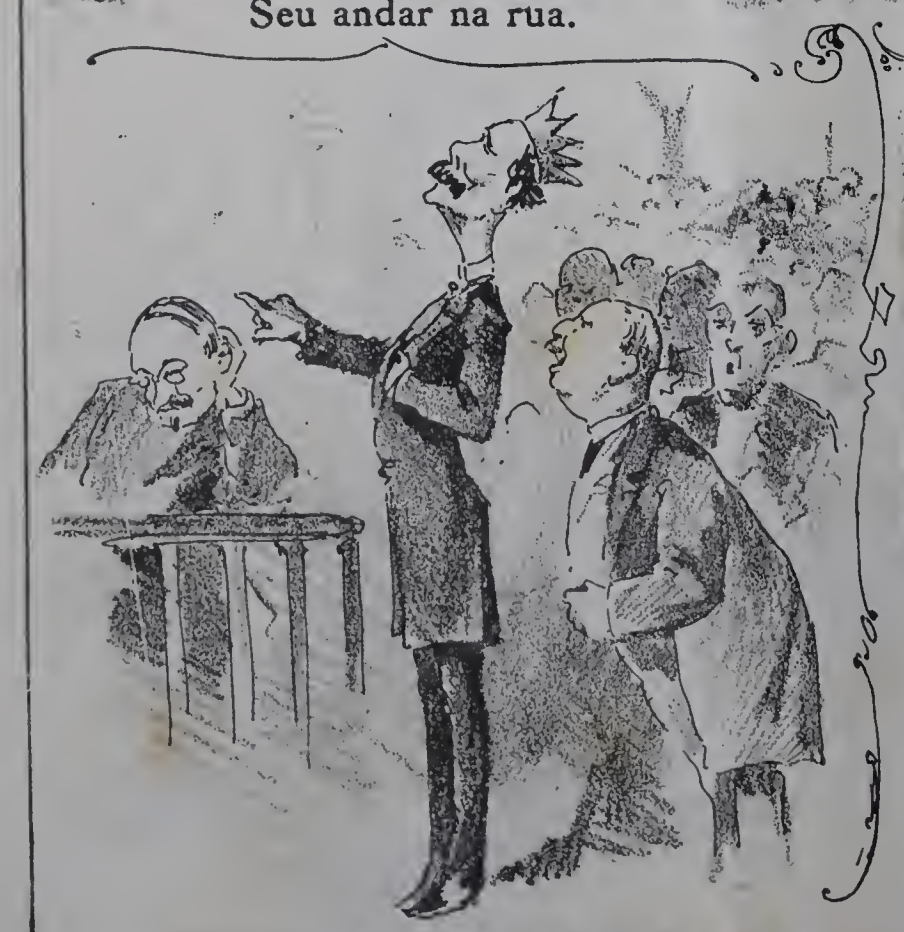
Que força!

Que mimo!

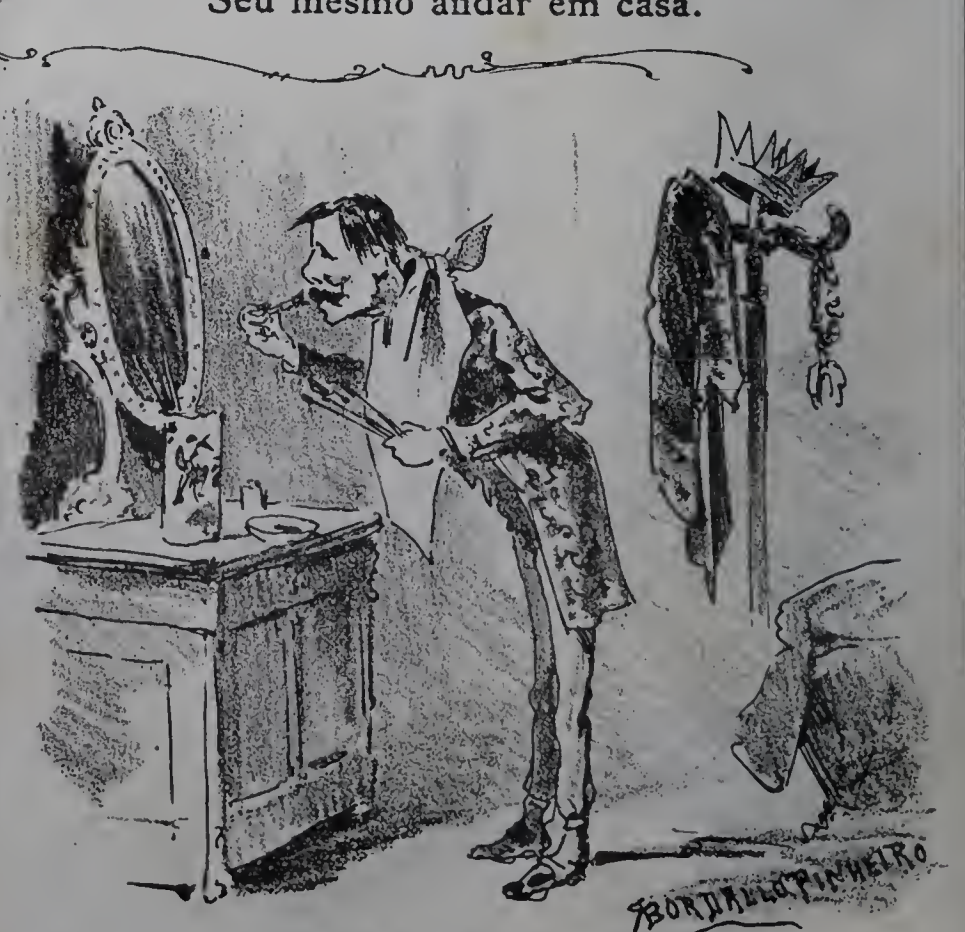


Seu andar na rua.

Seu mesmo andar em casa.



Provincias da publica administração.



Provincia da agua transmutativa.

A MASCARADA NA RUA

COMO A GENTE SE DIVERTIO

As familias portuguezas acabam de consagrar ás festas do carnaval as competentes tres noites de alegre convivio e de discretos folgares.

* * *

As Peres foram todas de *pastoras* a casa das Bragas, as quaes por seu turno foram de *vivandeiras* a casa das Peres.

Passou-se palavra aos homens conhecidos para virem de surpreza á brincadeira intima.

Houve chás abailaricados em casa de ambas as familias.

As vivandeiras e as pastoras conheceram-se logo umas ás outras,—o que derramou sobre todas uma jucundidade geral.

O Pires da alfandega, que é um vivo demonio para estas coisas de mascaras, teve um pensamento lindo:

Apresentou-se todo vestido, de cima até baixo, de cartas de jogar: chapeu de cartas, sapatos de cartas, camisa de cartas e lenço d'assoar de cartas.

Mas o fino da ideia—e foi o conselheiro Pedrosa, que estava de estudante de Coimbra, o primeiro que deu por ella—era o logar que o mafarrico escolhèra para coser ao casaco o az de copas.

Quando as familias, repararam no az do Pires e viram quanto era de copas e quanto ficava proprio no sitio em que elle o tinha posto, o enthusiasmo não conheceu limites na mansão das Peres por obra de um quarto de hora.

As gargalhadas foram taes que a Peres mãe até se engasgou com um papo d'anjo que estava a comer com o chá, e a Braga mais nova, a Guilhermininha, precisou de ir lá dentro fazer uma coisa, porque ja lhe doia o ventre de tanto rir.

A alegria subiu a pontos de que se tornou preciso que o Pires se sentasse com o az para a parede para se poder arranjar uma contradança.

Não se imagina o delirio!

Ás onze horas e meia da noite o Pires, a quem tinham cahido quasi todos os naipes, foi jogar as damas com o pae das Bragas, e as senhoras sentadas nas respectivas cadeiras dormiam com as suas bisnagas ao collo.

* * *

O conselheiro lembrou, para distrahir a assembleia, que se jogasse um quino.

A Peres chegou a apparecer nos salões com a caixa do loto e o saco das marcas, mas a companhia preferiu retirar-se para suas casas a repousar de tão agradavel diversão.

Os pipos das vivandeiras ficaram para se mandarem buscar ao outro dia.

As Marques são n'outro gosto.

Se as conhecem, hão de saber perfeitamente que as Marques chegam até a embirrar com as caraças.

Jogar o Entrudo quanto quizerem, pôrem mascara nunca.

—As nossas caras têem andado sempre descobertas, graças a Deus Nosso Senhor!—dizem ellas, batendo no peito com o enthusiasmo da dignidade immaculada.

Se alguma das tres Marques—a D. Joaquina, a D. Anna ou a D. Clarimunda—se houvesse alguma vez mascarado pelo Entrudo, ella julgar-se-hia enxovalhada por tal acto e entraria no convento da Encarnação a revirginisar-se d'esse desastre pela clausura, pela frequencia do confissionario, pela prece e pelos jejuns a bacalhau com couve e azeite e vinagre.

O genero predilecto das Marques, pelo Entrudo, consiste principalmente em empanzinarem-se de cabeça de porco e de coscorões, e em fallarem mal.

Para os coscorões a mais forte é a Anna; para as palavradas, a Clarimunda.

Se pelas porcarias com que Clarimunda se sae na conversação durante os tres dias gordos — domingo, segunda e terça — lhe applicassem a ella o mesmo correctivo que ella applica ao gato quando este se sae com porcarias analogas na escada, ha muitos annos que Clarimunda não teria nariz.

Na quarta feira de cinza as almas das tres manas Marques estão regaladas, porque ellas botaram para fóra quanto podiam botar em indecencia de lingua, e metteram para dentro quanto se podia metter em orelheira e chispes com feijão.

Excremento, comesana e temor de Deus! — tal é o programma dos divertimentos carnavalescos d'esta antiga e bem conceituada familia.

* * *

As Leites, essas, durante os dias do Entrudo não pensaram senão n'uma coisa: pregar uma grande pulha ás Cardosos.

As Cardosos, ha tres annos, mandaram ás Leites seis ratos grandes, de cloaca, mettidos vivos dentro de um pão pôdre.

Quando o pão foi partido pelas Leites, á sobremeza, e que as ratazanas se espalharam na casa de jantar, houve uma revolução.

D. Felisarda Leite virou as pernas por cima da cabeça, de terror, e cahiu no chão com um flato.

D. Laura deu-lhe uma coisa pela cabeça, de que resultou ficar com os olhos esgaseados e a bôca á banda, a bolir com os dois braços, como se estivesse a chamar pelos ratos, durante meia hora.

As creadas fugiram em berros pelas escadas abaixo, e não tornaram a apparecer senão d'ahi a tres dias, sendo cada uma d'ellas acompanhada pelo seu respectivo policia civil.

Desde esse pão pôdre as Leites teem consagrado os seus dias a inventar as mais horrorosas partidas para fazer ás Cardosos.

A primeira foi mandarem-lhes dentro de uma mala, em que diziam ir um vestido para as senhoras verem, um cão de fila bravissimo, que as Leites tinham pedido emprestado para esse fim.

Succedeu porem que o gallego encarregado da conducção d'esta bem imaginada pulha, sentindo no caminho que o cão se não acommodava de nenhum modo dentro da mala, o tirou para fóra, levando-o simplesmente preso por uma corda.

As Cardosos receberam a mala vasia, e deixaram o cão fóra da cancella.

Depois d'isso a quantidade das coisas que em cada Entrudo as Cardosos mandam ás Leites e que as Leites mandam ás Cardosos é innumeravel.

Somente nem Cardosos nem Leites abrem a porta a quem quer que seja n'estes dias.

Está-se agora a ver se se poderá inventar alguma coisa que as obrigue a isso para o anno.

* * *

As meninas Ferreiras são pelos pós, tanto de gomma como mesmo de sapatos, e bem assim por todos os demais projecteis proprios d'esta quadra e comprehendidos entre o tremoço e a baldada d'agua.

Desde o sabbado magro até á terça feira gorda estas interessantes jovens nunca mais tornam a andar pelas casas senão de cabello esguedelhado e coberto de pó, *mandrião* branco, e rabo.

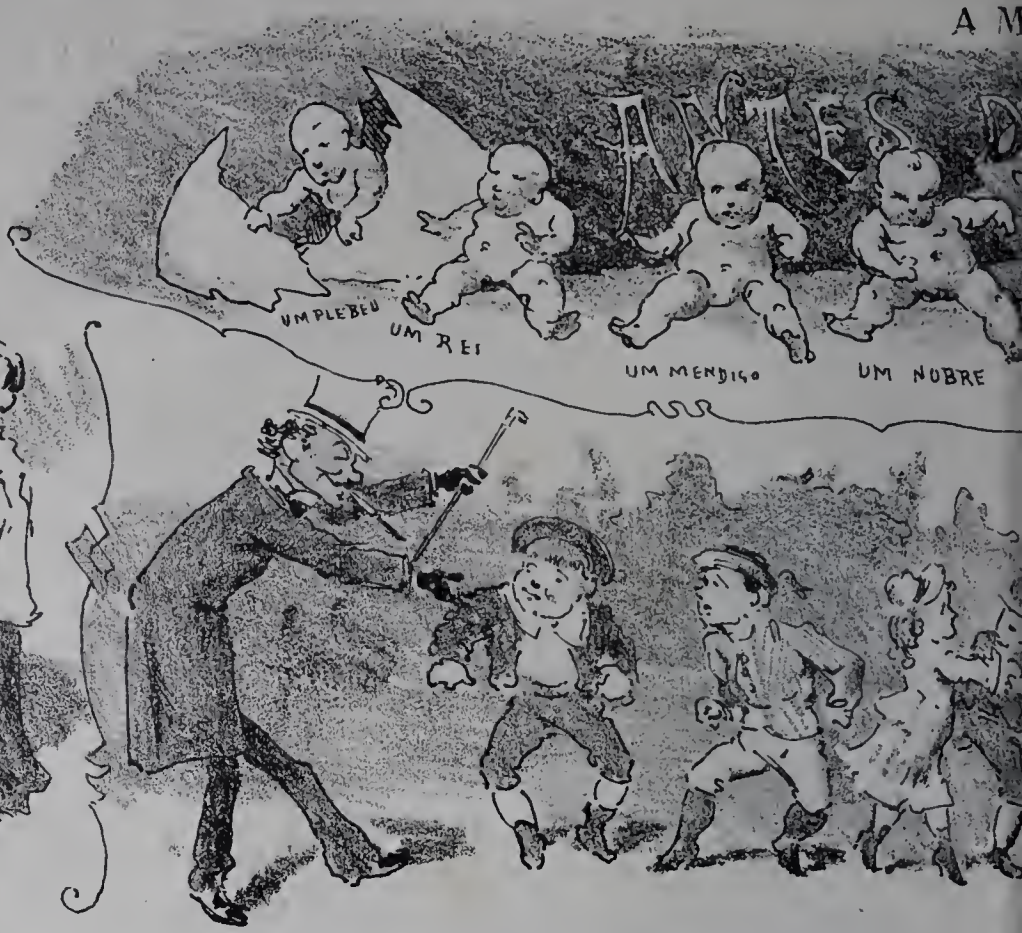
O predio das Ferreiras distingue-se de todos os de mais no tempo do Entrudo pela profusão de pós, de cascas de cebola, de papelinhos, de tremoços, de feijões e de grãos de bico, que alastram a rua por baixo das suas janellas.

Raparigas mais divertidas não queremos que as haja.

Tambem, quando acabam os folguedos carnavalescos, ellas teem o corpo coberto de nodoas negras, de tanto que gosam em trambulhões, e estão quasi calvas á força de coisas com que teem esfregado as cabeças umas ás outras por galhofa!.

A M

De menino com a caraça do papá.



De alumno de Terpsichore no Passeio Pu
blico.

De valente.

De elegante.

De pae de familia.

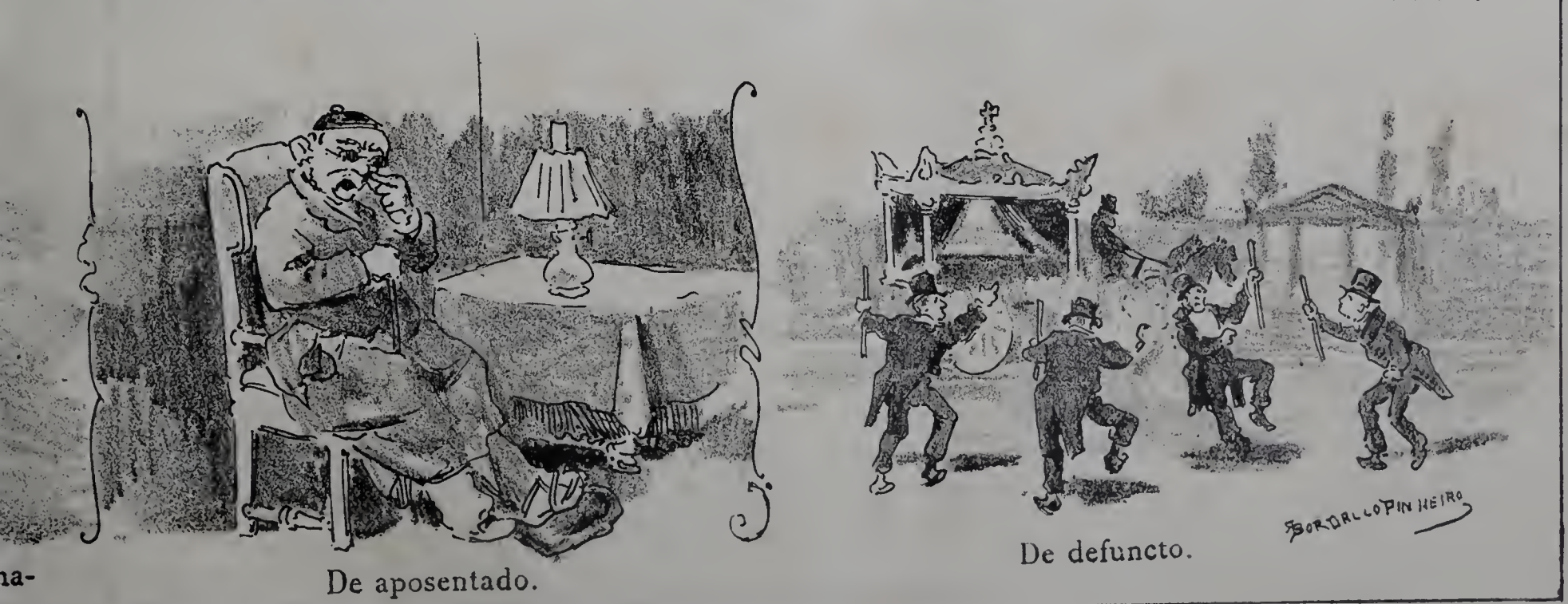
De Cicero na tribuna.

De notavel por sua natural affabilida
nesa de trato.

ARADA ETERNA

De sabio no collegio. De bacharel na universidade. De defensor da patria na inspecção dos recrutas.

De amante. De artista. De homem sério. De funccionario.



De aposentado. De defuncto.

* * *

Passando das familias aos rapazes, o que estes fizeram de jocoso por essa cidade durante este Entrudo não tem conto.

Citamos já, como nos cumpria, o endemoninhado Pires.

Diremos agora duas palavras sobre Emygdio Guerra, que é egualmente damnado.

Emygdio estreiou-se nos folgares carnavalescos, pela primeira vez ha tres annos, começando por bisnagar no Chiado um viandante desconhecido. Este respondeu com um soco ao esguicho de Emygdio, e quebrou-lhe dois dentes.

N'esse anno ficaram por ahi as proezas do joven. Immediatemente depois de haver esguichado o cavalheiro mysterioso, Emygdio recolheu-se aos seus aposentos, e, meditando profundamente na quantidade de socos levados que corresponderiam para elle a um determinado numero de esguichos distribuidos, chegou por meio de um calculo seguro a esta conclusão:

Que não tinha dentes para mais de uma bisnaga.

Este anno Emygdio bisnagou-se unicamente a si mesmo, mas bisnagou-se immenso!

Em toda a parte onde esteve appareceu encharcado.

No baile infantil da Trindade, principalmente, o seu estado chegou a parecer lastimoso.

Passou duas horas a correr em volta da casa fugindo de si mesmo, por um lado, cheio de terror. Emquanto que, cheio de furia, elle mesmo corria atraz de si proprio por outro lado.

E de cada vez que conseguia agarrar-se, esborrachava uma bisnaga em cima da propria cabeça.

É certo que para tanto se divirtir elle gastou doze bisnagas, mas felizmente não gastou dente nenhum d'esta vez.

* * *

Queixumes geraes de toda a mocidade se levantaram contra a disposição, tomada este anno pela empresa do Theatro de D. Maria, de não dar senhas aos frequentadores do baile que fossem cear fóra do edificio.

Ponderamos devidamente este caso, e parece-nos que a empresa do theatro de D. Maria andou sabiamente ao adoptar tal medida.

Porque, d'estas duas coisas uma: — Ou o joven frequentador do baile, sae do theatro para ir cear só, ou sáe do theatro para ir cear em companhia.

Se vae cear desacompanhado, elle é simplesmente um bruto faminto, um bicho solitario; e n'este caso não merece dos seus similhantes senão o despreso que infundem as simples tenias no corpo social. E não é senha o que se deve dar a esse monstro; é pevide de abobora.

Se pelo contrario o sujeito vae cear em companhia, e se depois da ceia o que elle quer é ir outra vez para o baile d'onde veio...

Oh! mas seria horrivel o termos de admittir uma semelhante hypothese! Porque todo aquelle que depois de cear pretende voltar á contradança, ou foi com o Justino Soares ou foi com o Macario que ceou.

* * *

O *great event* nas regiões do *high-life* foi o grande baile *costumé* dado pelos srs. duques de Palmella no seu palacio do Rato.

Os jornaes teem feito d'essa festa descripções pomposas, em que ha pormenores que nos parece util registrar.

Os costumes que appareceram no baile podem ser divididos em grupos pela seguinte fórma:

Marias Antoniettas — 8.
Soubrettes — 7.
De phantasia — 9.
Á antiga — 8.
Á hispanhola — 4.
Marquises — 6.
Dominós — 15.
Mantos Venezianos — 17.
Estudantes de Coimbra — 1.
Hamlets — 2.
Puritanos — 4.
Reis — 5.
Chinas — 2.
Thomazes de Carvalho — 1.
Mays Figueiras — 1.
Etc.

Sua magestade el-rei apresentou-se vestido de Shakspeare, succedendo a sua magestade no costume de Shakspeare exactamente o mesmo que tem succedido a Shakspeare nas traducções de sua magestade, isto é: ninguem o reconheceu.

Nos *menus* encontram-se algumas inovações para as quaes julgamos dever chamar a attenção dos curiosos.

Vemos, por exemplo, que os *marrons-glacés* e as *fructas cobertas*, que até aqui era costume servir com os vinhos da Hungria, se servem agora com o chá.

No *menu* do chá, apparece-nos além d'isso, um acepipe que temos por novo, e que nos parece destinado a exercer uma influencia profunda na futura alimentação da sociedade elegante.

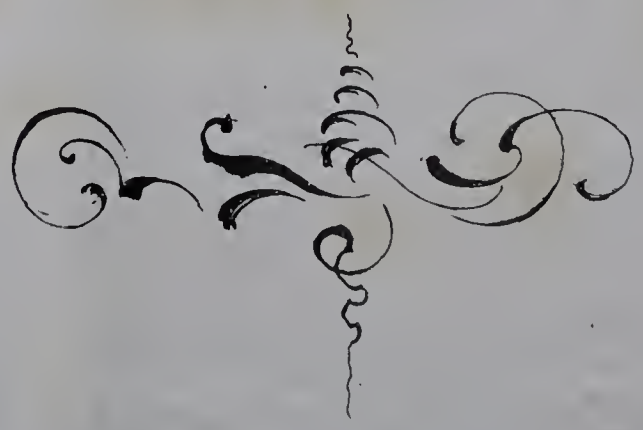
Tendo mencionado os *fôfos*, os *pães de leite*, os *doces d'ovos*, os *papos d'anjo* e as *pastilhas de chocolate*, o *menu* inscreve inesperadamente a seguinte palavra extraordinaria:

Obreias!

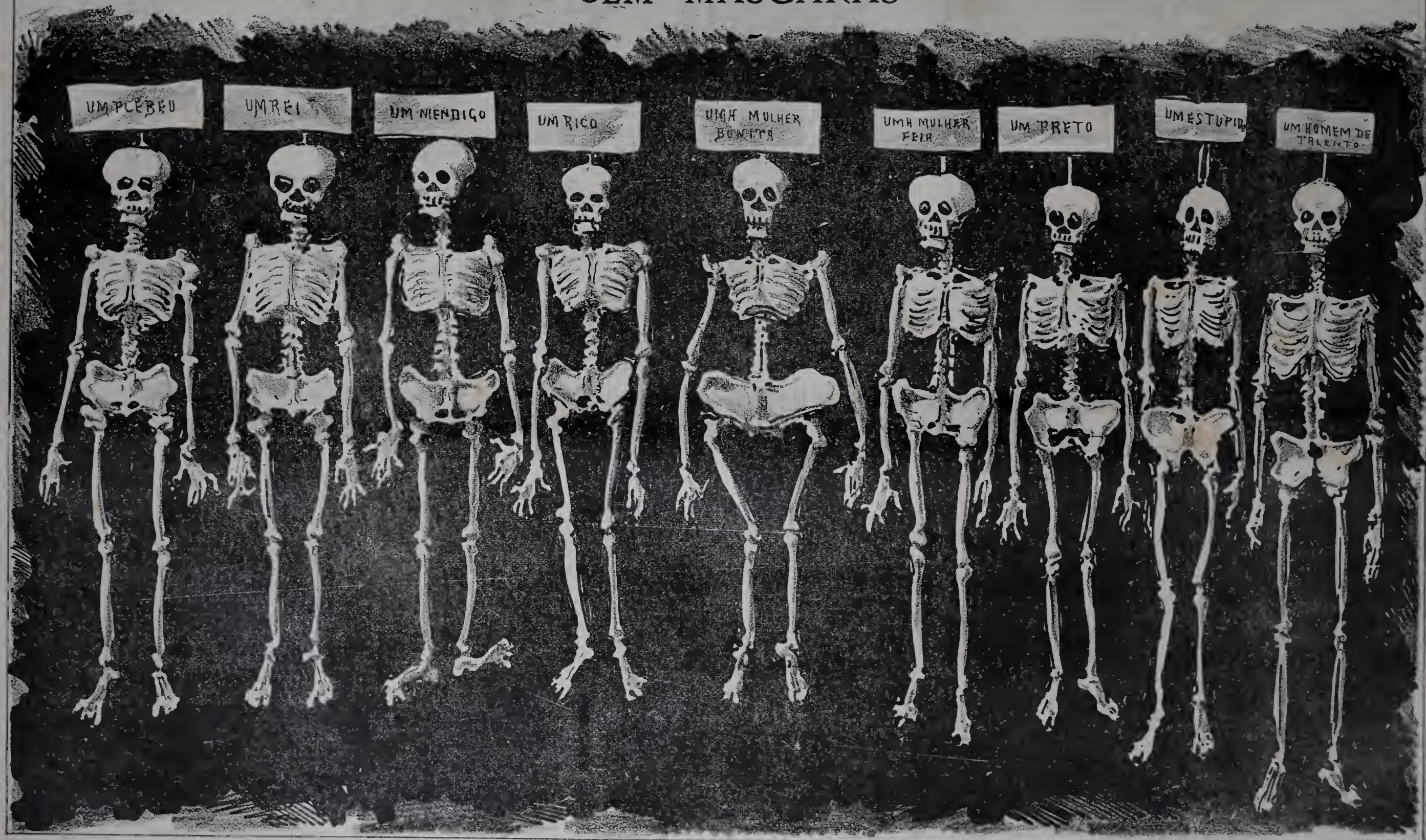
Se este *menu* é effectivamente authentico, se elle não é um gracejo torpe de miseraveis jornalistas despeitados, se elle não é um documento apocripho traçado pela mão venal de um vil amanuense, se realmente os nobres duques de Palmella deram ao chá dos seus convidados *obreias*, nunca a aristocracia do sangue rendeu mais completa vassallagem do que d'esta vez á invasão triumphal da burocracia nos dominios da sociedade contemporanea.

Dentro do solar d'um verdadeiro duque, entre os renques das lanças dos seus antigos peões e homens d'armas, em presença dos feixes das gloriosas espadas brandidas nas cruzadas por seus avós, no meio dos morriões esculpidos de ouro e dos arnezes esmaltados de uma dynastia de guerreiros e de fidalgos, á mesa posta com a antiga baixella feudal de joalheria gothica, a obreia consagrada como um manjar de familia nas egapes ducaes é um phenomeno cuja expressão radicalmente revolucionaria aterra a phantasia ainda a mais escandecida e a mais aventurosa.

A obreia assim reconhecida e solemnemente adoptada como symbolo social e como manjar domestico, nega os Palmellas, nega os Richelieu, nega os Montmorency, nega os Westminster e os Medina Sidonia, e affirma os Fontes Pereiras de Mello, os Melicios, os Moitas e Vasconcellos, os Polycarpos dos Anjos e os Fonsecas, Santos & Viannas.



SEM MASCARAS



A ARTE ORNAMENTAL

(SECÇÃO DAS VESTIMENTAS ECCLESIASTICAS)

Que a exposição tenha sahido bem, ou que tenha sahido mal, quem d'ahi lava completamente as suas mãos é Delfim

(1)

(2)

(3)

(1) Calix de oiro esmaltado da Sé de Evora. Ourivesaria portugueza do seculo XVI.

(2) Prato hispano-arabe. Fayança de reflexos metalicos da collecção do snr. D. Fernando.

(3) Prato portuguez, stylo da Renascença, de prata dourada, da collecção do snr. D. Fernando.

A EXPOSIÇÃO D'ARTE ORNAMENTAL

Algumas palavras ácerca da Exposição d'Arte Ornamental, e promettemos não os tornar a massar com este assumpto.

*
* *

Consagrando o presente numero a alguns dos aspectos d'essa exposição, o *Antonio Maria* presta o devido tributo do seu respeito aos individuos que promoveram e realisaram no palacio das Janellas Verdes a reunião de muitas obras constituindo uma parte consideravel da riqueza artistica do paiz, que o publico não poderia conhecer nem estudar por outro meio.

*
* *

Agora, a nossa impressão ácerca da importancia d'este facto sobre o conhecimento dos elementos constitutivos da arte portugueza, suas origens e sua evolução.

O que para a critica se deduz do exame dos documentos colligidos no Palacio das Janellas Verdes é o seguinte:

Representam bem esses documentos os principaes vestigios do trabalho artistico em Portugal, — sim ou não?

No primeiro caso dizemos: Em Portugal não existe uma arte profana; existe apenas uma arte religiosa e uma arte de sacristia.

No segundo caso perguntamos: Os documentos que faltam n'esta collecção perdeu-os a sociedade ou não os souberam encontrar e reconhecer os individuos encarregados de organisar esta exposição?

Tal é o problema, que esperamos vêr brevemente esclarecido pelas profundas luzes que o snr. Delfim Guedes não deixará por certo de derramar sobre o assumpto.

Emquanto sua excellencia se não pronuncia, resolvendo definitivamente a questão sujeita, a nossa opinião, que humildemente pedimos licença para emittir é:

Que o genio artistico da nação portugueza produziu durante os tempos da sua vida historica mais algum trabalho alem d'aquelle de que os calix, as patenas, as custodias, os frontaes d'altar e os paramentos de egreja recolhidos na Exposição d'Arte Ornamental nos offerecem os vestigios.

Muitos d'esses productos industriaes da arte civil admira-nos pouco que os não encontrassem os organisadores d'esta exposição, porque elles desappareceram por effeito da imbecibilidade dos governos, absolutamente desconhecedores da importancia d'esses documentos para a historia da nossa autonomia mental, e por effeito ainda da ignorancia e da perversão do gosto, caracteristicas das nossas familias nobres e ricas, bestificadas durante tres seculos pela deprimente educação jesuitica.

Para explicarmos, por exemplo, o desapparecimento das espadas de côrte que deveriam ter sido cingidas outr'ora pelos nossos cavalleiros e fabricadas pelos nossos alfagemes celebres, bastará considerar que as bellas armaduras dos duques de Bragança, as quaes ainda no principio d'este seculo existiam no salão de Villa Viçosa, foram ali vendidas aos ferreiros da localidade, os quaes naturalmente transformaram os morriões em caçarolas, os punhaes em espevitadeiras e as espadas em tezouras de tosquia.

Não é todavia nos thesouros dos mosteiros, constituidos segundo o criterio fradesco, nem nas collecções de familia, dispersas pela dissolução dos costumes e pela irreverencia das tradicções heroicas, que teem de ir procurar o fio truncado da inspiração esthetica aquelles que se encarregam de nos dar o espectaculo do trabalho artistico de uma nação.

Sobre as industrias tradiccionaes do povo é que principalmente devem recahir para esse fim as attenções dos investigadores.

Ora são precisamente essas industrias que não vemos representadas na exposição d'arte ornamental.

Esta lacuna é profundamente lastimosa, porque é n'esses trabalhos livres e expontaneos do povo que mais puramente e mais brilhantemente se revelam as tendencias e as disposições artisticas de uma raça.

As joias d'altar, feitas por encommenda d'ordens ricas ou de reis beatos, são documentos subalternos.

O povo é que é o depositario, o guarda e o cultor da tradicção, do stylo e do gostó de um paiz.

E nós sustentamos que uma simples canga dos bois minhotos, ou uma bilha da Beira, d'aquellas com que as mulheres de Coimbra vão buscar agua ao Mondego, tem mais caracter artistico e mais valor ethnologico do que as patenas e as custodias de D. João V, todas juntas.

EXPOSIÇÃO DA

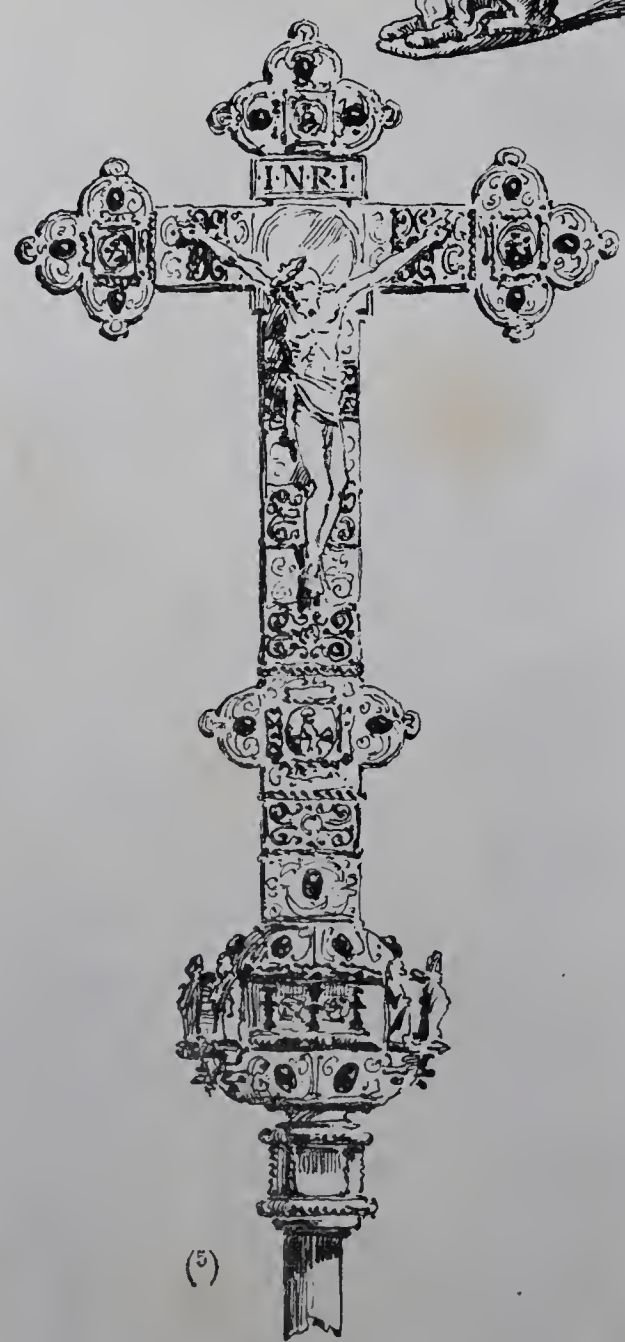
A SALA

MARIA

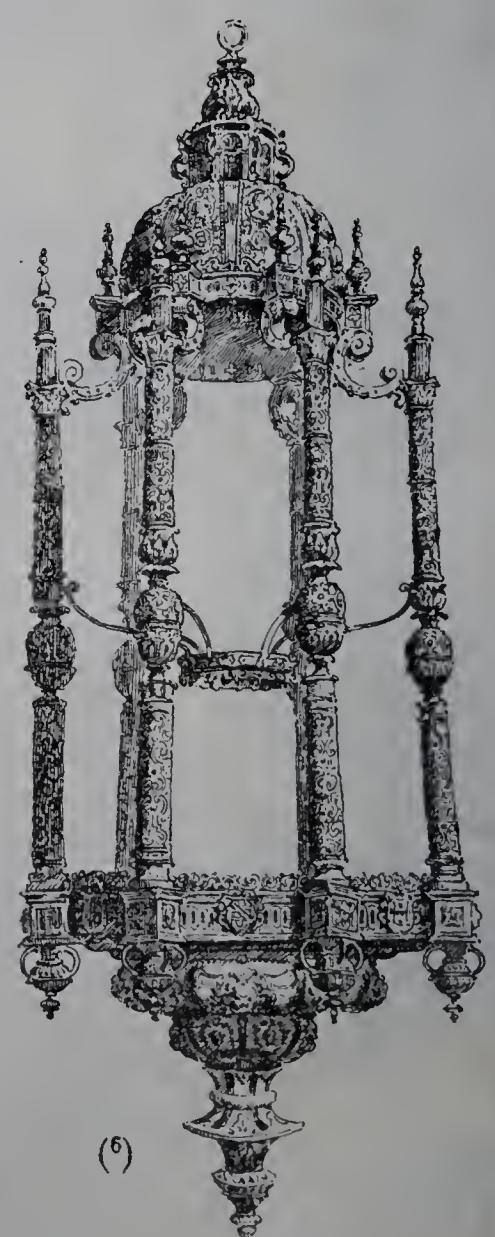
TE ORNAMENTAL

ERNANDO

(4)



(5)



(6)

(4) Cofre de bronze ornado de prata, do seculo XVI, da collecção da Academia de Bellas Artes.

(5) Cruz de azeviche, esculptura indiana do seculo XVII, da Sé de Coimbra.

(6) Lampada de prata, seculo XVI, da Sé de Coimbra.

O IMPOSTO DO SAL

Conhecem-se já as novas medidas financeiras do snr. Fontes Pereira de Mello.

Por meio da combinação profunda achada pelo grande homem, vae a gente pagar de imposto pelo sal seis vezes o que custa o sal, ou sejam apenas por cada litro mais 10 réis,—uma bagatella, uma ninharia!—e por esta fórma se salva esta caranguejola da bancarrota por mais tres mezes. Vale a pena.

A belleza toda de tão profunda medida consiste n'esta particularidade engenhosissima:

Que os eternos desfrutados é que virão a pagar quasi tudo, ao passo que os cavalheiros desfrutadoras da nossa coisa publica quasi que não pagarão nada pela applicação do novo imposto

Por exemplo:

O snr. Fontes Pereira de Mello, que até aqui pagava 3 réis de sal por anno para os seus jantares de *garçon*, passará a pagar agora, de consumo e de imposto, 18 réis por anno.

Os pescadores de Cezimbra, de Olhão ou de Aveiro, cada um dos quaes pagava até aqui pela salga do seu peixe 8:000 réis, passarão a pagar agora 48:000.

Assim para uns a nova contribuição é apenas uma fixão poetica, um imposto de sal...attico. Para os outros é um imposto de sal—na moleira!

A NOSSA POLICIA

Em um dos dias da semana passada penetrou a policia em uma casa onde se encontrou com o espectaculo de uma familia inteira envenenada em torno de um prato de almondegas.

Duas pessoas d'essa familia estavam mortas. O snr. Arrobas mandou-as enterrar. Duas outras estavam a morrer. O snr. Arrobas mandou-as para o hospital.

Depois do que, o snr. Arrobas ficou só, com uma familia a menos para mandar dispersar do Chiado e com umas almondegas a mais entre os seus braços.

—Perante a sciencia administrativa—perguntou então sua excellencia a si mesmo—o que são as almondegas?

E, depois d'alguns minutos de meditação, sua excellencia respondeu a si proprio:

—As almondegas perante a sciencia, não são em realidade mais do que um cadaver de boi reduzido á fórma de pilulas.

E em seguida, mandando avançar a tumba da Santa Casa da Misericordia, o snr. Arrobas derramou no seio d'ella as almondegas que estavam no seio d'elle, e fez rodar os restos do boi fallecido atraz dos membros da familia morta para os cyprestaes do esquecimento e do repouso eterno.

Faz ámanhã oito dias que se deu esse caso, e ninguem sabe ainda hoje como é que foi envenenada aquella familia.

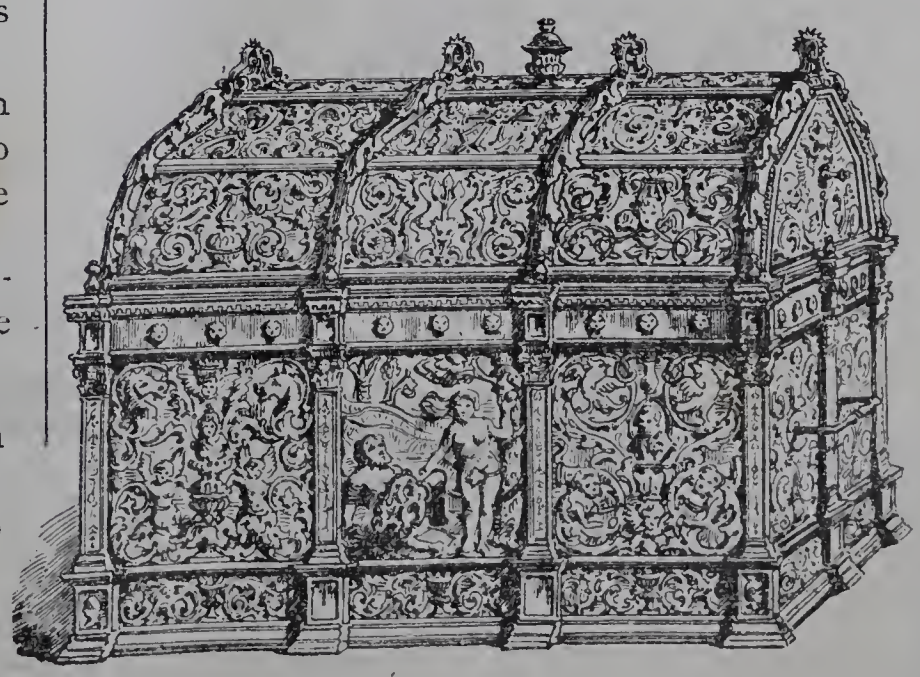
As almondegas subtrahidas pela intervenção da policia á analyse immediata da sciencia, que explicaria tudo, jazem talvez em sagrado no cemiterio dos Prazeres á hora a que escrevemos estas linhas.

Quer porém as tivessem enterrado quer não, analysal-as agora era difficilimo pela razão de que ha já processo instaurado, e seria uma de mil diabos a estas horas o poder decidir quem é que governa nas almondegas, se é o coveiro, se é o parocho, se é o patriarcha, se é a familia, se é o juiz, se é o delegado de saude, se é o commissario de policia, se é o administrador do bairro, ou se é o habil Ferreira.

Parece que, existindo annexo ao commissariado geral da policia um laboratorio chimico onde n'estes casos se faça rapidamente a analyse de uma substancia suspeita, as almondegas de que se trata não poderia pertencer a mais ninguem senão á direcção technica do referido laboratorio.

Dá-se porém uma particularidade singular, e vem a ser:

Que tal laboratorio não existe.



EXPOSIÇÃO DA ARTE ORNAMENTAL

(SECÇÃO DAS VESTIMENTAS CIVIS)

SCENAS DRAMATICAS DA POLITICA ACTUAL

REPRISE DOS «DOIS RENEGADOS»

OS DOIS ARRENEGADOS

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

A GREVE DOS BISPOS E O BISPO DE VIZEU

Os diversos snrs. bispos successivamente convidados a dizer a missa celebrada ha dois dias por alma do finado bispo de Vizeu, recusaram-se, segundo consta, a officiar com tal intenção, fazendo parede para esse fim. Se o snr. bispo de Bragança, de todos o mais debil e o mais doente se não houvesse prestado á ultima hora, não haveria prelado para encommendar a Deus a alma do falleeido chefe da egreja viziense.

Suas excellencias reverendissimas não quereriam por meio de tal acto comprometter-se com a Curia Romana, em cujo alto conceito o bispo de Vizeu era tido por um dissidente e por um rebelde desde que perante a legação portugueza em Roma elle ousara protestar, indirectamente mas com uma energia que tomou as proporções de um escandalo, contra a infallibilidade papal de Pio IX.

Effectivamente o bispo de Vizeu Antonio Alves Martins era demasiadamente bom, demasiadamente justo e demasiadamente honrado para poder ser considerado pela classe a que pertencia como um perfeito padre.

A sua bella cabeça energica e ironica, á similhança da de Luthero ou de Rabelais, era grande de mais para que se lhe podesse ajustar com uma precisão completamente orthodoxa uma d'essas mitras talhadas pela medida commum dos microcephalos do servilismo.

Os snrs. prelados que não quizeram rezar por elle andaram sabiamente, porque o ultimo dos bispos de Vizeu foi no mundo alguma cousa diversa do que se chama um confrade de suas excellencias; foi aquillo a que nós outros no seculo chamamos—um homem.

Com um profundo espirito de justiça e de verdade, com solidos rins de luctador, com fortes braços cabelludos de athleta transmontano, impetuoso e alegre, enthusiasta e compadecido, elle nascera para alguma coisa mais do que para andar de sege e de batina rôxa por este mundo a digerir ostias e a dar a beijar um cachucho.

E elle foi aquillo para que nasceu.

Teve um temperamento humano e não um temperamento de sacristia. Soube amar e soube ter odio. Soube consolar e soube tambem resistir. Soube sacrificar-se pelas suas ideias, luctando e batendo-se por ellas sempre que isso foi preciso, já com uma penna na mão já com uma escopeta ao hombro.

Se a bemaventurança não é uma compadrice indigna, em que os padres empregam os seus affilhados lá em cima assim como o snr. Hintze Ribeiro emprega os seus parentes cá em baixo, Antonio Alves Martins não precisa de empenhos de bispos para lá entrar.

Para o descanso eterno de uma alma basta á consciencia de uma convicção.

A DISPERSÃO DOS GRUPOS NO CHIADO

Desde tempos immemoriaes que o Chiado tem sido sempre a pastagem predilecta da ociosidade lisbonense.

Quinze gerações consecutivas ahi têem contrahido os seus calos, os seus namoros, as suas febres remittentes e os seus rheumatismos, bocejando, queimando boquilhas, e dizendo larachas ás senhoras que passam desacompanhadas d'homens com bengala.

Para ahi vae regularmente em cada dia retouçar-se na herva tenra da mexerequice todo o gado social em folga de trabalho, desde os beserros d'ouro do grosso commercio enriquecido e aposentado, até os simples borregos em dieta debilitante dos amanuensados das secretarias.

Ahi se encontra sempre a parte mais caracteristica, a mais curiosa e a mais interessante da população de Lisboa: os seus jornalistas sem jornal, os seus pintores sem pinceis, os seus escriptores sem penna, os seus cavalleiros sem cavallo, os seus capitalistas sem capital e os seus padres sem missas.

É meia cidade que ahi assim estaciona, enfastiada, á espera de que a outra meia faça alguma coisa para a distrahir, para a desaborrecer, para lhe sacudir o somno.

Sae-se agora o snr. Arrobas a querer reformar esta coisa, de collaboração philosophica com o habil Ribeiro, e vem ao Chiado dispersar os grupos e mandar circular a população.

Mas, homemsinho de Deus, para onde quereis vós que a gente circule?

Para dentro das lojas, para o meio dos charutos dos estancos? para entre os bolos das pastelarias? para cima dos camiseiros?!...

Se não ha instrucção technica, se não ha aptidões praticas, se não ha trabalho organisado, se não ha movimento de espirito nem movimento de elegancia, para onde diabo se ha de ir se não se fôr para o Chiado?!...

O Chiado não é sómente uma rua publica, é uma instituição nacional, é a «caixa de depositos» ao ar livre das desocupações e das desclassificações sociaes n'um mundo em pasmaceira e em ruina.

Se o snr. Arrobas quer olhar para o Chiado com vistas de philosopho, o que sua excellencia tem de fazer é—mobilal-o.

Dar ordens para dispersar é absurdo. A sabedoria pediria pelo contrario que sua excellencia, condensando, mandasse pôr cadeiras.

Nós outros, dissidentes e revolucionarios, podemos á nossa vontade dizer mal do Chiado, hostilisal-o, ter vontade de lhe botar o fogo, de o arrasar e de lhe deitar sal por cima. O snr. Arrobas, poder constituido, tem obrigação restricta de o amar, de lhe querer bem, de procurar mantel-o, fortalecel-o, utilisal-o.

O Chiado é um instituto publico, concomitante do parlamento, do conselho d'Estado, do exercito permanente, da diplomacia e do patriarchado.

Mobilado elle constituiria uma appetecida sinecura a mais, e seria um manancial de novos empregos para collocar os affilhados do Estado e os compadres do snr. Hintze.

Pedimos ao snr. Arrobas, pelas cinco chagas do senso commum, que estude maduramente este assumpto.

Juntamente com uma cadeira a cada freguez, o snr. Arrobas poderia talvez—se o exame da questão assim lh'o aconselhasse—offertar egualmente um regador, uma vassoura e um frasco d'agua de Labarraque.

Animado por esses commodos e instigado por taes dadivas, o publico, considerando-se definitivamente no Chiado como na propria casa, acabaria talvez por sentir em si o desejo secreto de espanar o seu domicilio. E, bem dirigida esta saudavel tendencia, facil de crear e desenvolver, poderia porventura vir a dar em resultado no futuro encarregar-se expontaneamente o publico das obrigações de que o snr. Arrobas presentemente se esquece, indo nós mesmos, em substituição de sua excellencia e dos seus empregados, varrer então o passeio, regar a rua e desinfectar a sargeta.

Creia o snr. Arrobas que tudo quanto sua excellencia houver de fazer n'este sentido será reforma de sabio. Tudo quanto sua excellencia tem pretendido fazer em sentido contrario é apenas impertinencia de esbirro.

ETC.

Está resolvido—como sabem—que a carta não será reformada por emquanto. Os snrs. deputados acham que ella está muito bem assim. E, pela nossa parte, devemos confessar que, para aquillo em que teriamos de a empregar no nosso uso particular,—quer com reforma, quer sem ella—a nossa opinião a respeito da carta é inteiramente a dos snrs deputados.

Tenha a gente saúdinha e tenha a graça de Deus, que é o que se quer! Emquanto a reformas politicas, a verdadeira reforma—como muito bem pensam os sabios legisladores—é cada um com um bom emprego em sua casa no seio da sua familia!

Parece-nos porém—e ousamos propôr esta lembrança ao snr José Dias Ferreira e aos seus pretos para que suas excellencias a rebolem—que, sem completamente nos abalançarmos á massada de reformar a carta, nós poderiamos applicar-lhe alguns ligeiros retoques, não para a alterar mas para a resumir, com geral vantagem dos contemporaneos e dos prosteros.

*
* *

No artigo 73, por exemplo, lêmos o seguinte:

Os seus titulos (do rei) *são, Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar, em Africa senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, Etc.*

O GAT

(CAN

Cá está o homem que tem a faca,

que bate no cão

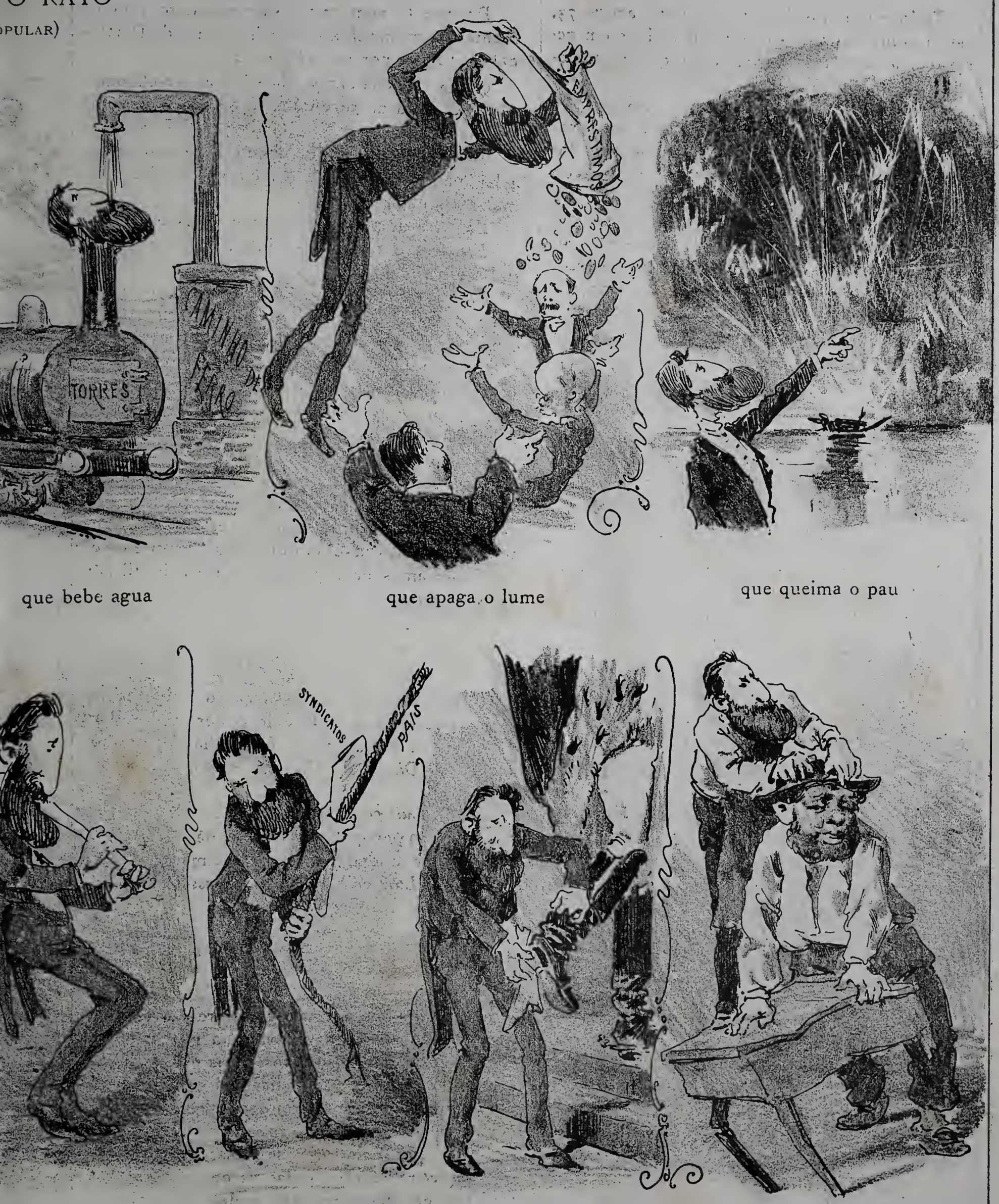
que morde no gato

que mata o boi

que papa o rato

O RATO

(POPULAR)



que bebe agua

que apaga o lume

que queima o pau

que roe o sebo

que unta a corda

que amarra a bota

que leva o povinho a bancarrota.

Tudo está muito bem n'este lindo artigo 73, assim como em todos os demais artigos em geral d'essa carta tão adorada quanto constitucional...

É certo que, pelo que diz respeito aos *Algarves d'aquem mar*, elles não constituem propriamente um reino addicional; que nada absolutamente os separa geographicamente do resto do paiz; e que portanto o chamar-se el-rei rei do resto e dos Algarves é tão divertida coisa como se depois de tudo aquillo que elle se chama já, se chamasse ainda *Rei das Escadinhas da Barroca*, ou *Rei do Caracol da Graça*, — o que daria apenas uma redundancia egual á que está decretada e jurada com relação dos Algarves d'aquem mar no artigo 73.

Emquanto aos *Algarves d'alem mar*, elles passaram á posse d'extrangeiros, e cessaram por consequencia de pertencer á corôa portugueza.

Senhor de Guiné tambem se não entende lá muito bem o que seja, logo que os senhorios deixaram de existir quando acabaram os feudos e quando acabaram os escravos.

Pelo que respeita ao direito da *conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia e Persia*, temos conversado as arabias, — não só as d'este artigo como todas as outras...

A carta realmente parece estar mangando um pouco demais com as tropas, quando nos falla ainda em *conquista* e quando mostra querer reservar em privilegio para o *real galião das quinas* um direito de navegar e de negociar que o dito galião, das quinas, ha muito tempo abdicou no simples patacho *Santo Antonio e Almas*, de Olhão.

* * *

Apesar porém dos ligeiros inconvenientes que apontamos, todos os titulos conferidos ao poder moderador pelo artigo 73 nos pareceriam indispensaveis se depois de todos elles nos não apparecesse ainda decretado este ultimo:

Etcœtera.

Porque lá vem expressa no codigo fundamental da monarchia esta coisa: o rei de Portugal intitula-se por lei — *Etcœtera!*

Quem lhe chamar o mais e não lhe chamar *Etcœtera*, está na rebellião, na felonia e na protervia.

Mas desde que se lhe chame *Etcœtera*, como a lei manda, francamente excusa-se de lhe chamar mais nada.

Etcœtera de per si só abrange todas as coisas.

Etcœtera é o universo inteiro, e o mais; é tudo, e o resto.

Etcœtera comprehende o temporal e o espiritual; o visivel e o invisivel; o real, o figurado, o hypothetico, o calumnioso e o metaphysico; o solido, o liquido, o gazoso e o poetico; o animal, o vegetal, o mineral e o anjo; o finito e o infinito; o presente, o passado e o futuro; o comprehensivel, o incomprehensivel, o possivel e o impossivel, o absurdo e o innarravel.

Por consequencia entendemos que, sendo-nos dado dentro dos limites da carta intitular o rei *Etcœtera*, é propriamente de estupidos o pretender dar-lhe qualquer outro titulo além d'esse.

Poderiamos ficar por ahi, e seria inutil *pôr mais na carta.*

* * *

Resumido que estivesse como propômos o artigo relativo aos titulos do poder moderador, sempre que o dito poder fosse chamado a moderar no *Diario do Governo* elle diria de ora ávante:

Eu D. Luiz por graça de Deus...

Ou, — como *por graça de Deus* se não sabe o que é, — melhor ainda, e mais correctamente:

Eu D. Luiz pelo Senhor dos Passos da Graça Etcœtera I.

* * *

Ou laboramos no mais grosseiro dos erros e uma illusão atroz nos desvaira a mente, ou é certo que apenas o snr. José Dias propusesse á camara o resumo que indicamos para o artigo 73, a camara se apressaria desde logo a votal-o com arrebatamento, com fuga.

Dado que mais tarde se viesse a reconhecer que *Etcœtera*, contra todas as nossas conjecturas, não era bastante para a decencia, decoro e pompa da corôa, poder-se-hia ainda ampliar

de futuro o *Etcœtera* que fosse votado agora, não se tornando depois a fallar mais n'isso, e ficando então o soberano a intitular-se definitivamente e para todo sempre:

Rei Etcœtera... e Tal.

OS ATTENTADOS CONTRA A RELIGIÃO

Na sexta-feira ultima, por occasião do trajecto da procissão do Senhor dos Passos, dois sujeitos mal encarados, postados em evidencia a uma esquina, conservaram na cabeça os seus chapeus durante a passagem do andôr.

Estes dois phariseus pretendiam não conhecer como Passos mais que dois unicos senhores: o Passos Manoel e o Passos José. Emquanto ao da Graça diziam com teimosia revoltante não lhe terem sido apresentados.

O publico catholico notou o facto, e tripudiou de alegria.

Evidentemente, desde que na cidade toda se encontravam epenas dois sujeitos que não são devotos do Senhor dos Passos, a religião não podia ter mais eloquente nem mais expressiva *réclame*. Alguem chegou mesmo a suppôr que os dois herejes haviam sido assalariados pela irmandade da Graça, para representarem tal papel, e que elles não eram no fundo senão dois anjos da procissão disfarçados de impios, com chapeus de philosophos aparafusados á testa.

* * *

Eis senão quando o snr. Arrobas, que parece apostado a estragar tudo quanto seja combinação bem feita, intervem com o seu habitual ardor, agarra os dois anjos, e prega-lhes com os chapeus, com as asas e com o resto dos corpos na cadeia.

De sorte que, para o anno, quando a irmandade quizer um fiel para fazer de impio não o encontrará. Por grande que seja o fervor da crença, ninguem estará mais para se sacrificar pelas sagradas imagens até o ponto de ir por causa d'ellas malhar com o zelo ao fundo de uma masmorra.

* * *

E que succederá então? Succederá que quando a procissão tornar a passar, os atheus dirão com sorrisos infernaes:

—Todo esse povo de cabeça descoberta e de dorso inclinado é um povo de indifferentes, que perdeu inteiramente o medo ao diabo, e tira apenas o chapeu com medo ao Arrobas.

E a irmandade, não tendo nem um só impio de chapeu na cabeça para refutar o sophysma, ficará com cara de tola perante esse argumento satanico, mas commovente.

EXPLICAÇÕES

Diz o *Figaro* d'esta manhã que um empregado da Alfandega chamado *Pires* se acha profundamente offendido com a pequena historia que o *Antonio Maria* referiu a um *Pires d'alfandega* no numero do Carnaval. O *Figaro* accrescenta que o *Pires* aggravado nos vae chamar aos tribunaes por havermos abusado do seu nome, querellando do *Antonio Maria* exactamente como o snr. Duverdy querellou ainda ha pouco em Paris do snr. Zola.

* * *

Para que se saiba bem se o Pires que querella é effectivamente ou não é o mesmo Pires a quem nos referimos, cumpre-nos dar do nosso alguns signaes physionomicos particulares:

Elle é com effeito da alfandega, é baixo, reforçado, tem um gato, está desirmanado da respectiva chicara, e é de louça das Caldas.

Uma vez feita esta franca e expontanea declaração, nada mais nos resta a acrescentar sobre o assumpto.

Iremos sentar-nos qnando quizerem no banco dos reus, e aguardaremos, como faccinoras tranquillos e respeitosos, o veredictum da justiça.

* * *

Se o Pires queixoso é o mesmo Pires a que nos referimos na magnifica composição litteraria que tem de servir de base a este processo, que elle venha!

Folgaremos muito de ver frente a frente esse Pires... Queremos deitar-lhe marmelada.

ATRAZ DE MIM VIRÁ QUEM BOM ME FARÁ

Em anichar parentes nem o Basorra lhe chega á fralda

EM PARIS—MUDANÇA DE TOILETTE

Aqui me tem o leitor o mais «barata loira» que é possivel, e o mais *voyou* que se pôde arranjar. Vacillo em qual dos trajos me devo apresentar no Chiado. Vou consultar a commissão da arte ornamental.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

TRISTIS ATQUE «HINTZE» EST ANIMA NOSTRA

I

Os boatos politicos d'esta semana circularam especialmente em torno do sr. Hintze Ribeiro,—o que naturalmente nos leva a erguermos por um momento os olhos para esse interessante vulto politico.

* * *

O sr. Hintze é — como todos sabem — o homem serio, cujo destino sobre o planeta que habitamos está já hoje assaz estudado para que se saiba com certeza qual não é a especialidade de sua excellencia.

Sua excellencia não é para graças.

Sua vocação é a bella melancolia.

A tristeza de Young, comparada com a d'elle, parece uma farça de Labiche. Lacoonte enroscado por serpentes tem uma expressão de dôr infinitamente mais jocosa que a d'este joven enroscado por grã-cruzes. Se puzermos a uma parte Hintze com a sua pasta, e puzermos a outra parte a viuva luctuosa com o seu orphão desvalido, quem faz rir é a viuva. Visto ao pé de Hintze, Job é um patusco, Jeremias é um pandigo, e Schophauer apresenta-se-nos tão galhofeiro como o proprio snr. Luiz de Araujo. O simples aspecto de Hintze é por tal modo misanthropitante que a sua presença basta para infundir a ictericia. Os risos murcham sob o seu olhar assim como emurchecia a herva sob as patas do cavallo d'Attila; e as nodoas de melancolia bem como os engorgitamentos do figado desabrochariam por toda a parte em torno d'este varão e cobririam o mundo de lagrimas, de cortinas de veludilho preto com galões de prata, de alfinetes de defunto e de pingos de tocha, se a natureza provida ao mesmo tempo a que por um lado nos deu Hintze como flagello, por outro lado nos não houvesse dado a jalapa como linitivo.

* * *

Na sua qualidade de philosopho, o snr. Hintze, tem tido sempre no meio dos problemas da sciencia moderna este ponto de vista luminoso: passar adeante do snr. Julio de Vilhena. A sua vida toda tem sido um *steeple-chase* heroico, começado com o alludido intuito nas sabatinas da Universidade e prolongado na sociedade até ás sabatinas de S. Bento.

Até agora o snr. Vilhena tem chegado sempre primeiro, mas o snr. Hintze tem-o seguido de perto, á distancia apenas de uma ou duas cabeças... de bacharel. Quando o snr. Vilhena tinha o primeiro premio em Coimbra, o snr. Hintze tinha o segundo, e quando o snr. Vilhena publicou um livro sobre a ethnologia da Peninsula o snr. Hintze chegou a estender na defeza de uma these o seu professor João da Machina.

Como vencedor porém o snr. Julio de Vilhena era obrigado a correr de cada vez com um maior augmento de peso sobre si, e tanto chumbo metteu na algibeira que chegou finalmente a não ser mais que um pobre ministro depois de haver sido um distincto escriptor.

Á nora do constitucionalismo continua o snr. Hintze a manter no chouto da emulação o mesmo ardor que o distinguia na atafona da Universidade.

* * *

Agora o que consta é que o snr. Fontes pensa em descartar-se do snr. Hintze, o qual, segundo se diz sahirá do ministerio um d'estes dias.

Nossa imaginação recusa-se a pintar-nos, o que virá a ser tal homem se o desgosto que pensam em dar-lhe o vier a tornar ainda mais triste do que elle é! Avisem antes de o entristecerem mais para nós nos retirarmos da scena. Preferimos emigrar a ter de o ver,—hintzssimo!

O DESACATO

Por occasião de receberem a communhão os alumnos de um dos collegios de Lisboa, um dos estudantes cuspiu no chão a sagrada particula que o sacerdote lhe ministrára.

O pedagogo e a mãe do alumno que desacatou o templo vieram cada um por seu lado ás redacções dos jornaes explicar o caso aos noticiaristas.

Segundo o mestre, o joven reprobro é um pequeno hereje malcreado, devidamente punido desde já com a expulsão do rebanho orthodoxo a que pertencia na qualidade de rez pensionista e semi-interna.

Segundo a mãe, o precitosinho é apenas um innocente bronchitico e um irresponsavel dyspeptico com ataques repentinos de tosse e de cuspinheira.

* * *

Temos portanto que distinguir entre estas duas coisas diversas:

O menino é doente ou não é doente?

Se o menino é doente, diremos que é o director do collegio quem tem a culpa do desacato.

Se o menino não é doente, diremos então que quem tem a culpa do desacato é o director do collegio.

Como doente, o director do collegio deveria mandar tratar o seu alumno pela therapeutica e não pela eucharistia. Todo o pedagogo tem obrigação de saber que nas dyspesias a communhão, em virtude da composição chimica da hostia, é absolutamente contraindicada pela sciencia.

Como são, o director do collegio deveria não ter levado á desobriga um alumno que, segundo vemos, se não achava convenientemente habilitado para comparecer com decencia em tal acto.

* * *

Hão de nos desculpar se insistimos um pouco sobre esta materia, mas realmente trata-se d'um caso que póde vir a estabelecer precedente, e que precisa de ser raciocinado.

Então que nova cantiga vem a ser esta agora de nos expulsarem dos collegios os nossos filhos quando os snrs directores entendem que elles são mais impios ou mais mal creados do que é preciso para os creditos da sôpa a tanto por cabeça em que esses senhores negoceiam?

Os collegios, segundo rezam os respectivos programmas, são estabelecimentos de educação *litteraria civil e religiosa*. Não dizem lá os directores que dão religião? Com que direito pois se corrige assim com a pena publica de uma expulsão infamante um alumno cuja culpa consiste unicamente em não ter aquillo que os snrs. directores se obrigaram a dar-lhe?

Perante a responsabilidade da direcção pedagogica cuspir a hostia na egreja é um facto perfeitamente analogo ao de dizer asneiras n'um exame do Lyceu. N'um e n'outro caso temos falta de habilitação.

Se, depois das provas feitas, se vem a reconhecer que o collegial se não achava apto para ir ao exame ou para ir á desobriga, o director do collegio o que tem de restituir á familia, em boa justiça, não é o alumno que não educou; é o dinheiro que recebeu da familia para o educar.

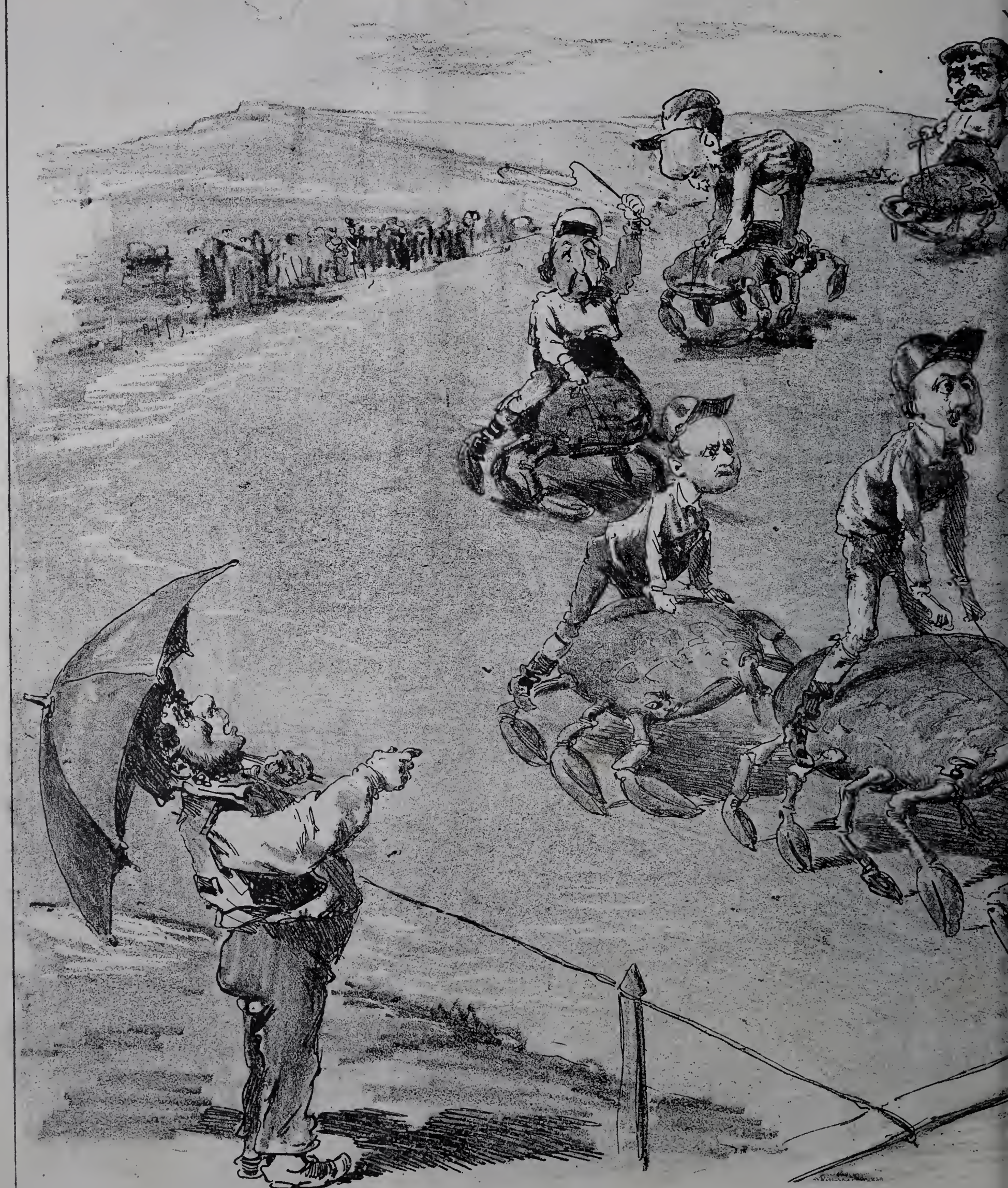
* * *

Sobre o periodico a *Nação* é que o facto a que alludimos parece haver produsido uma impressão mais dolorosa.

Este apreciavel jornal appareceu-nos em um dos seus ultimos numeros vestido de lucto. Perante os filetes pretos da *Nação* julgamos que tivesse morrido o Papa, que houvesse voado da republica dos vivos para regiões mais aristocraticas o ultimo dos descendentes do snr. D. Miguel de Bragança, ou que se não achasse bom de saude o snr. Pinto Coelho. E informamo-nos solicitos e pesarozos. Acabamos de saber, por um distribuidor que interrogámos, que a *Nação* estava simplesmente de lucto em signal de dôr pelo desacato feito á religião pela imprudencia do menino que foi com gosma para o tribunal da penitencia e para a meza eucharistica.

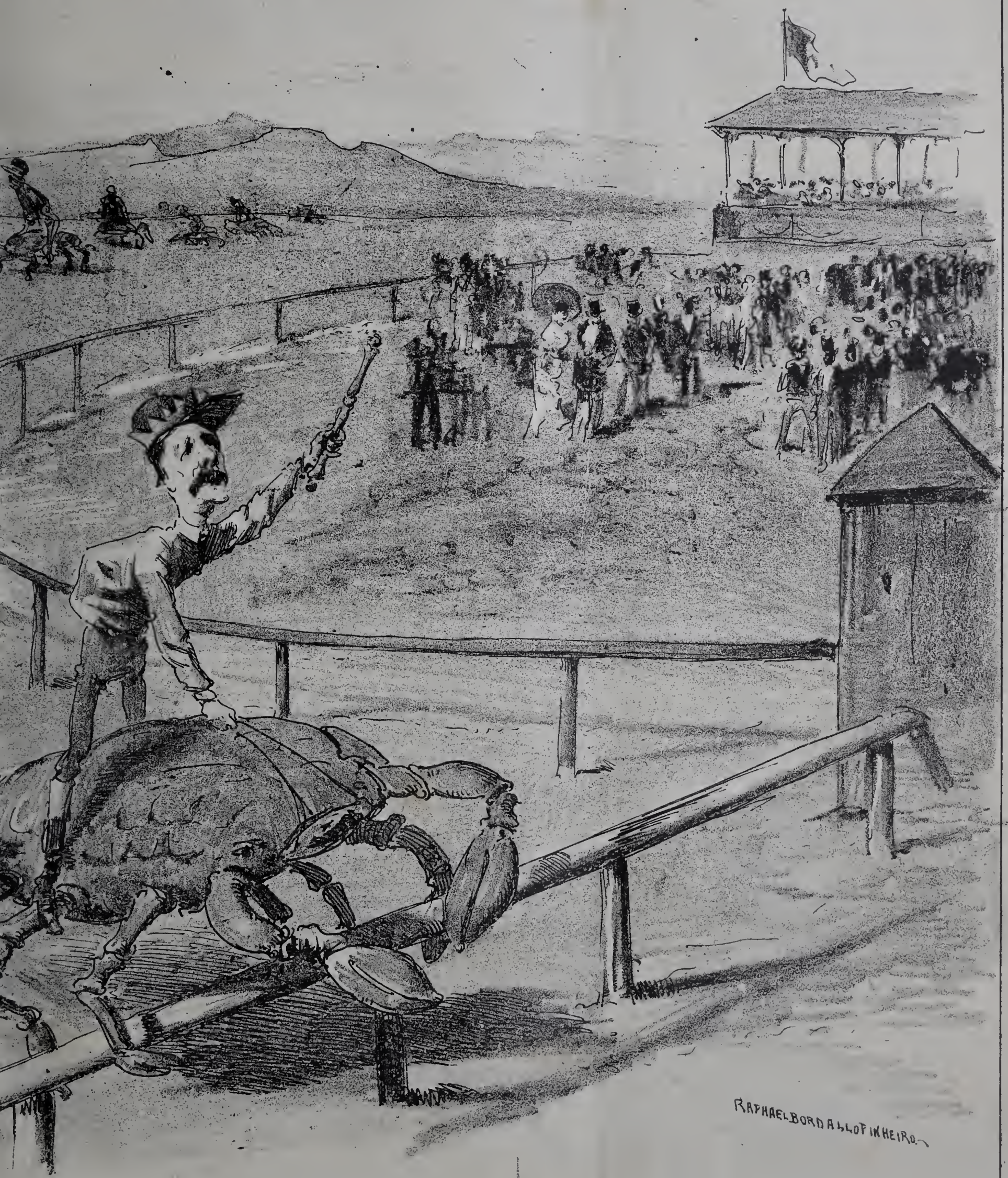
* * *

O PROGRESSO



POLITICOS — Animaesinho

A DECADENCIA



e brancos andando ás arrecuas.

Para que a *Nação* se não sujeite a novos desgostos d'este genero e não gaste mais lagrimas em stylo e mais tinta em filetes, lembramos a conveniencia de fazer honrar a religião, dando-lhe na sociedade o logar que legitimamente lhe compete, retirando-a ao estado, retirando-a á carta, retirando-a á escola, retirando-a á caserna, e restituindo-a á familia.

Emquanto os estudantes dos collegios e os soldados dos regimentos forem em cada quaresma, acompanhados pelos seus mestres ou pelos seus sargentos, commungar de sucia á egreja da freguezia, creia a *Nação* que não estará livre de derramar mais pranto e mais tinta sobre profanações do genero d'aquella pela qual n'esta occasião lhe enviamos o nosso sincero pesame.

As mães são as unicas pessoas que n'este mundo sabem ensinar um homem a ajoelhar-se com decencia nos degraus de um altar.

Porque o respeito á egreja não é um facto da disciplina, é um facto do sentimento, da crença e da tradição domestica.

Collocado ao lado de sua mãe, que simples e ingenuamente crê e resa de joelhos n'uma egreja, nunca homem nenhum teve jámais vontade de cuspir, por troça ou por doença, por má creação ou por gosma.

A religião não se aprende como se aprende a grammatica na escola ou como se aprende o exercicio militar no quartel.

A religião inspira-se ás consciencias pelo amor que só as mulheres sabem ter; não se encasqueta á força nas cabeças aos golpes de ferula ou aos golpes de junco que nos dão os mestres de meninos e os instructores de recrutas.

No presente estado das ideias, com a orientação geral dos espiritos na sociedade contemporanea, o desacato do culto religioso é unicamente o resultado da intervenção despotica dos poderes officiaes no regimen exclusivo das consciencias. Os partidos em religião acabaram ha muito tempo. Dentro da esphera da crença não ha hoje senão ou fieis ou indifferentes.

São apenas as escolas e as leis que, mettendo-se n'aquillo que não é da sua conta, de quando em quando fabricam ainda um heretico ou um sacrilego, artificial, para recreio da critica e para lucto da *Nação*.

AS FLORES EM LISBOA

O salão do theatro da Trindade acaba de offerecer pela primeira vez á capital o espectaculo de uma exposição de camelias magnificas, de cujas variedades daremos ao leitor uma ideia mencionando alguns dos nomes que as distinguem.

Por exemplo:

Infante D. Augusto; Alfageme de Santarem; Chagas de Christo; Barão de Mogofores; Frei Luiz de Sousa; Lembrança de Alexandre Herculano; Gil Vicente; Padeira de Aljubarrota.

Estes titulos estão mesmo a dizer o que são as camelias a que elles se referem. É como quem as estivesse a ver!

A *Snr. Infante*, — petalas de presilha e esporas, olho redondo e azul, folhas de espadão de cavallaria.

A *Padeira de Alfubarrota*, — farinhenta, um pouco abiscoitada.

A *Lembrança de Alexandre Herculano*, — folhas de pergaminho, salpicadas de latim e de azeite, com pé de monge de Cister sem alpargata.

* * *

A disposição d'essas flores, artisticamente collocadas em pequenos tinteiros, sobre carteiras de escriptorio, mostrou bem que decididamente somos uma população de burocratas.

Como jardins não conhecemos nenhum, além do snr. Luiz, da cabelleira, com flores de rhetorica e pomada.

Temos tambem pela primavera as boninas do snr. Eduardo Vidal em folhetim; e, n'um lago de tinta, fluctuando, um cysne — a senhora D. Guiomar Torrezão.

Em bucolismo, mais nada.

* * *

A unica flor que Lisboa cultiva com verdadeira arte, a unica que propriamente se póde chamar a flor da cidade — hão de se desenganar d'isto — é o typho.

OS BONS JESUITAS

Em um substancioso artigo, piedosamente destinado a consolar a Companhia de Jesus do pontapé que o marquez de Pombal lhe applicou no logar que sabem, dá-nos a *Nação* a grata noticia de que Ravaillac, o assassino de Henrique IV, e Jacques Clément, assassino de Henrique III, não eram jesuitas.

Esta reivindicação historica é talvez inutil, porque toda a gente sabe que os jesuitas, podendo dispensar-se de assassinar elles mesmos, mandavam sempre assassinar por outros.

Balthasar Gerardo, por exemplo, tambem não era jesuita, era unicamente santo.

Depois de haver religiosamente assassinado com tres balas o grande e heroico principe de Orange, Guilherme o taciturno, Balthasar, que se tinha por um instrumento de Deus, e que de si mesmo dizia como Jesus *Ecce homo*, fez aos juizes as mais francas e as mais categoricas revelações sobre o modo como providencialmente fôra levado ao homicidio.

Antes de ir a Delft, onde habitava com sua mulher o heroe da emancipação e da liberdade da Hollanda, o assassino tinha ido a Malines aconselhar-se com os jesuitas.

Os reverendos padres acolheram Balthasar como um dom dos ceus. Agasalharam-o, acarinharam-o, confessaram-o, sacramentaram-o e levaram a bondade até o ponto de o adietarem com os alimentos mais proprios para desenvolverem no cerebro o instinto sanguinario, —preciosa receita de aphrodisiação homicida, hoje talvez perdida pela dispersão da Companhia. Depois os padres deitaram-lhe a sua santa benção, promettendo-lhe a bemaventurança eterna e a celestial gloria dos martyres se elle morresse na empresa tendo assassinado Guilherme «em cumprimento dos seus deveres de bom catholico.»

Folgamos pois de poder declarar que sobre este ponto nos achamos em perfeita conformidade de ideias com o nosso beato collega da *Nação*.

Effectivamente os jesuitas não assassinaram nunca senão indirectamente.

Ha um crime de que devemos abster-nos de os accusar, porque elles eram completamente incapazes de o commetter: — o crime da coragem.

OS DESCENDENTES DO MARQUEZ

O snr. D. Antonio d'Almeida, um dos descendentes do marquez de Pombal, botou á *Palavra*, jornal portuense, um vigoroso protesto contra a celebração do centenario de seu avô o primeiro marquez de Pombal.

N'esse protesto, entre outras coisas de menos monta, affirma o snr. D. Antonio o seguinte:

Que entre os centenares de descendentes do snr. Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras e marquez de Pombal, não ha um que esteja fóra do redil de Pedro; e se todos não são santos, não ha um que seja atheu ou impio; graças a Deus!

Dá-se mais uma coisa que o snr. D. Antonio não diz, por modestia, na sua declaração, mas que nós devemos accrescentar em honra dos descendentes do marquez de Pombal, e vem a ser:

Que nenhum d'elles reedificou Lisboa, e antes pelo contrario deixaram cahir Oeiras.

—Onde é que se metteu toda a grande descendencia d'este heroe?—perguntava ás vezes a historia inquieta, ao pensar no destino do snr. D. Antonio de Almeida e de seus primos. Sabemol-o agora pelo protesto de sua excellencia: Elles teem estado mettidos dentro do redil de Pedro. Julgavamol-os mais perto!

LISBOA EM PARIS

Nas Folies Bergère vê-se um elephante exhibindo as prendas que nós já conheciamos n um tigre da situação.

Amavel com as cocottes, solta ganidos em francez e estende a pata á gente com a delicadeza d'um quadrupede dado ao cultivo das violetas.

JARDINAGEM ADMINISTRATIVA

Delicada cultura do *typho anomalo,* vegetação lisbonense

FEBRES E MIL VENTURAS

Lisboa tem n'este momento uma avenida em construcção, tem um novo imposto de consumo, uma febre endemica, e vae ter agora uma fornada nova de conegos para cantarem na Sé.

Se a cidade ainda não está contente, muitas boas noites!

Tem a bella avenida para andar por ella fóra discorrendo de cá para lá e de lá para cá, ás tardes!

Como para fazer a avenida é preciso deitar abaixo os predios, vindo assim a escacear as casas em que a gente se recolha depois de haver passeado na avenida, lá está a febre ás ordens para o fim de desantrancar o beco e levar embora os queixosos para o outro mundo.

Se ha ahi algum incommodado que deseje retirar-se não tem mais do que dizer...

Vae-se com elle ali assim ao Boqueirão do Duro, põe-se-lhe o Aterro por baixo das fossas nasaes por obra de quinze minutos, mette-se-lhe uma pitada de sulfato de quinino na bocca para o caminho, manda-se-lhe chamar um padre para lhe rezar o responso, e é como passastes!

Para obviar ás funestas desordens dos sentidos, que tantas vezes deitam a perder o homem por effeito de abuso de alimentos e de excessiva satisfação da carne, imposto me fecit!

Finalmente, para nos desobrigarmos do reconhecimento devido á divina providencia pelo goso de tão assignalados beneficios, lá vae agora despachada para a Sé uma nova chorêa de cherubins de missa e de engorda, incumbida de entoar os louvores do Altissimo em sonatas latinas subsidiadas pelo Estado a tanto por syllabada!

*
* *

Com a terrivel manha nacional de desdenhar de tudo quanto é nosso, começa-se já a fazer correr o boato de que a febre de Lisboa não presta. Desce-se ao terreno das comparações. Cita-se o typhus do Oriente, o cholera da Asia, a febre amarella do Rio. Olha-se para o Chiado, e — como se vêem ainda alguns policias vivos, mandando dispersar para fingir que ha multidão, e tres ou quatro grupos de cadaveres, apenas, encostados ás portas, — sorri-se em geral de desdem pela epidemia.

Esta gente cuido eu que queria que o snr Rosa Araujo, com os escassos recursos municipaes de que dispõe o pelouro dos flagellos publicos, começasse logo, de accordo com o snr Arrobas, por offerecer á cidade a peste de Florença.

Não póde ser.

A nossa febre por emquanto é naturalmente uma obra de principiante, como a traducção da *Odette* pelo actor Brazão.

Considerando-a n'este ponto de vista, não podemos com justiça dizer d'ella senão que é optima.

Ella ataca indistinctamente os habitantes de ambos os sexos, qualquer que seja a idade que tenham e seja qual fôr a gerarchia social a que pertençam; acama-os por espaço de um mez; dá-lhes a inappetencia e o delirio, enfraquecendo-os harmonicamente de estomago, de cerebro e de musculo; e, apanhando-os com lesão organica ou com desgosto occulto, despacha-os para mudança d'ares no outro mundo, entregando-os benefica ás distracções da eternidade.

*
* *

Para bem comprehendermos todo o brilhante e prospero futuro a que está destinada a febre de Lisboa devemos advertir que a alma de toda a boa epidemia é a fermentação. Da fermentação sae o microbio assim como da universidade sae o bacharel. Pelo microbio — como muito bem o tem demonstrado em Paris o doutor Pasteur — obtem a gente para seu uso toda a especie de infecção mortifera que se possa imaginar.

Ora Lisboa é um seminario de microbios.

Em nenhuma outra cidade do mundo se cultiva hoje o miasma com mais esmero, com mais arte, com mais amor.

O caneiro d'Alcantara é o grande gazometro do virus infeccioso. Os cemiterios dos Prazeres e do Alto de S. João são os dois Alviellas canalisados dos gazes deleterios.

Mas ha ainda sucursaes.

Cada bairro, cada rua, cada casa tem o seu miasma especial.

Levem-nos de olhos tapados e de narizes abertos atravez da cidade, e no meio das trevas mais profundas que sobre nós possa derramar a companhia do gaz, nós iremos dizer com certeza o sitio em que nos achamos — pelo cheiro.

A rua Nova do Carmo, por exemplo, e a rua do Ouro — e mais estão ali uma ao pé da outra! — distinguem-se tão perfeitamente entre si pela fragancia local como se distingue o queijo Bondon do Camembert.

Cada familia tem a sua receita peculiar de cheirar mal, assim como tem o seu modo privativo de fazer o arroz de sustancia. Impossivel de confundir o cheiro das casas, assim como de confundir o gosto dos arrozes, entre duas familias diversas!

Um dia, a um cha de familia, nós mesmos assistimos a esta dolorosa scena intima:

*
* *

Marido—(entrando risonho e pondo um osculo á moda francesa sobre as farripas de sua esposa) —Venho agora mesmo do Martinho!

Esposa—(empallidecendo)—Donde o snr. vem sei eu, seu indigno!

Marido—(entre affectivo e ironico) — Donde venho eu pois, Bibi?

—*Esposa*—(erguendo-se de golpe e collocando arrebatadamente sob o nariz do marido o paletot que elle acabara de tirar) — Cheire isso, e a sua consciencia que lhe responda, imprudente! Cuida que assim se escarnece da boa fé de uma esposa? Eu conheço perfeitamente este cheiro... É o da pia de casa de D. Amelia... Negue-o, se ousa!

Um rubôr subito, de camarão escaldado, esbraseava as faces do adultero succumbido, emquanto que, para não exacerbar com nossa presença indiscreta este desgosto conjugal, nós nos tingavamos pressurosos com as familias presentes, fasendo mão baixa nos biscoutos que tão amargo incidente deixara abandonados na bandeja.

*
* *

De outra vez, vindo de Cintra, achamo-nos repentinamente surprehendidos, ali á Baixa do Papel, por um penetrante cheiro a Buenos Ayres.

Attonitos circumgiramos a vista pela estrada, olhando em derredor.

Effectivamente, dois vehiculos começavam a apparecer ao longe. Era a familia das Paivas, mui nossa conhecida, que ia para Collares com os respectivos trastes, levando no alto da carroça a bateria da cosinha e o miasma da casa.

*
* *

Ha familias que mudam de pias todos os semestres. Isto dá em resultado haver casas com cheiros duplos e até com cheiros triplos: o cheiro da familia que chega, o cheiro da familia que se vae embora, e por baixo de tudo o cheiro da familia que sahira no fim do semestre anterior.

Estas casas para quem gosta de sociedade são excellentes. Á noite fecham-se as janellas, tapa a gente os olhos, e principia-se a respirar n'um encanto como se se estivesse n'uma assembleia.

As pessoas de fóra equivocam-se ás vezes e dizem á dona da casa:

—Aqui, minha rica senhora, das duas coisas uma: ou ha cano roto, ou passou gato!

E a dona da casa explica:

—Não! isto é o cheiro pessimo da familia do anno passado, que costuma vir acima com o vento leste.

*
* *

Para o fim de domesticar os differentes microbios que os miasmas, tanto publicos como de iniciativa particular, derramam de continuo na athmosphera, temos uma repartição de hygiene official. Para satisfazer os encargos d'este instituto de saude publica esta votada nos orçamentos a quantia de dois contos de reis por anno.

É enorme esta somma, e todavia informam-nos de que ella se dispende quasi toda nas grandes despesas que é preciso fazer para conservar sempre frescos os differentes focos de infecção que servem de viveiro ao microbio dentro da area do districto.

EM PARIS—ESP

Pour boire (traducção livre: —gorgeta.)

OS E ROSAS

Muitas vezes succede que o proprio snr. Arrobas, vagueando em excursões hygienicas e amenas ao longo do Aterro, em tipoias pagas á hora para esse fim pelos cofres da sanidade, tem constatado que taes ou taes fermentações se acham velhas e precisam de ser substituidas por fermentações novas para bem do microbiosinho infeccioso, chupado de debilidade e de tristesa, em seu viveiro.

Consta-nos que, á falta de recursos pecuniarios com que prover á renovação das immundicies nos focos miasmaticos da sua alçada, sua excellencia o governador, alanceado pelo zelo, tem chegado elle proprio a exonerar-se dos deveres que lhe cabem por um modo que não ousamos referir, porque conhecemos bem o caracter lhano e desambicioso de sua excellencia, e sabemos que sua acrisolada modestia nos não perdoaria nunca as revelações importantes que sobre esta materia communicassemos á posteridade para honra e gloria de sua excellencia.

* * *

Logo que o microbio posto em contacto com o corpo social o desfalca de alguns dos seus membros mais conspicuos, o snr Arrobas manda reunir os medicos, encarregando-os de fazerem a autopsia ao morto e de descreverem a enfermidade acusada pelo exame das visceras. Depois de tomada tão sabia e energica resolução sua excellencia encerra-se em seus aposentos no governo civil, põe-se em communicação por meio do telephone com o augusto chefe do Estado no palacio da Ajuda, e espera tranquillo a opinião da sciencia, a qual apenas recebida sua excellencia transmitte telephonicamente para a Ajuda pouco mais ou menos nos termos seguintes:

* * *

«Real Senhor!

«Foi Deus servido chamar hontem á sua divina presença varios subditos de vossa magestade atacados da enfermidade nova a que o vulgo ignaro e as folhas insidiosas deram o nome de *febres de Lisboa*.

«Para o fim de socegar sobre este ponto o amantissimo coração de vossa magestade, ordenei aos medicos que estudassem devidamente as entranhas das victimas, guardando-lhes os bofes, que conservarei em frascos lacrados n'esta repartição, não só para o effeito moral que estas coisas infundem sempre no publico das classes illustradas, como tambem para recreio dos meus empregados subalternos n'este governo civil, aos quaes me parece justo facultar de quando em quando para repouso do serviço publico e para estimulo de novos trabalhos algumas distracções honestas.

«Real Senhor! As opiniões da faculdade ácerca da natureza da enfermidade que ora paira qual aguia sobre esta formosa capital, separam-se e contradizem-se por um modo que profundamente afflige todos os bons servidores de vossa magestade, fieis ás instituições liberaes, nas quaes como vossa magestade mui bem sabe, a perfeita unanimidade dos votos é a base solida sobre que descansa a prospera e risonha harmonia do systema que felizmente nos rege.

«Os medicos porém parecem apostados em atrapalhar tudo, dizendo uns que é a *febre amarella*, outros que é a *febre typhoide*, outros que é o *typho anomalo* a enfermidade de que se trata.

«Estas tristes e lastimaveis contradições em que vemos cahir uma classe douta, porém inexperiente das coisas publicas, procedem a meu ver de se acharem os medicos convencidos de que é pelas cantigas d'elles que esta coisa se governa, quando pelo contrario não é jámais pelas ideias de cada um que a gente administra mas sim e unicamente pelos sacratissimos principios da carta constitucional da monarchia, que todos nós juramos manter e guardar para gloria de vossa real magestade e felicidade eterna do seu povo.

«Pela minha parte, distanceando-me egualmente de todos os exaggerados alvitres apresentados pelos medicos, cabe-me levar humildemente aos reaes pés de vossa magestade esta solução:

«Tenho para mim que todas as pessoas recentemente finadas por effeito das doenças tidas por novas e desconhecidas foram simplesmente arrebatadas ao carinho de suas respectivas e carinhosas familias pela fouce implacavel do nosso bem conhecido defluxo.

«Á funesta mania das limpesas e ao abuso das lavagens modernas se deve, a meu ver, o lucto que n'este momento cobre muitas das familias portuguezas.

«Entendo que, dentro dos dictames da ordem e dentro dos limites da carta, a unica coisa que n'esta crise devemos aconselhar ao povo é agasalho.

«O povo, real senhor, póde e deve suar mais.

«Haja pois vossa magestade por bem ordenar que cubram bem o povo e que lhe casquem para baixo com chás de borragens, e emquanto a hygiene e a limpesa publica que se deixe estar como está que está muito bem.»

OUTROS CASOS

Ha em Lisboa um partido republicano, cuja existencia é hoje legalmente reconhecida e se acha representado em côrtes por um deputado. O alludido partido tem varios jornaes em que são quotidianamente expostas as suas ideias, e varios clubs onde os republicanos regularmente se reunem no uso de um direito que a lei lhes confere.

É em um d'esses clubs que se dá agora o seguinte facto:

A policia entra, como costuma, no seio da assembleia, senta-se, escuta o que se diz, e em seguida captura dois oradores que fallaram, os snrs Rodrigues dos Santos e Magalhães Lima.

Porque?

Porque a policia reconheceu que nos discursos dos dois republicanos referidos se patenteava claramente o proposito de — *atacar as instituições vigentes*.

* * *

Este caso torna-nos meditabundos.

Se as leis permittem a existencia de periodicos e de clubs republicanos, e se a policia faz o favor de ser n'este ponto da opinião da lei, que diabo quer a policia que se escreva n'esses jornaes e que se diga n'esses clubs?

N'esses clubs e n'esses jornaes atacam-se evidentemente as *instituições vigentes*. É até unicamente para isso, para que estas instituições deixem de viger e passem a viger outras em logar d'estas que aquelles jornaes e aquelles clubs existem. E é, para que as instituições não baqueiem muito de repente de mais perante estes agentes que as atacam, que existem devidamente remunerados pelo estado outros agentes que as defendem, como são a mesma policia, o exercito, a armada, os jornalistas subsidiados pelo governo, os espiões, o general Macedo e o snr Arrobas.

* * *

Se agora á ultima hora se resolve pôrem outra coisa, como se vê pelas ultimas disposições tomadas, e se fica effectivamente decidido que são os republicanos os que de ora avante teem obrigação, sob pena de captura, de defender as *instituições vigentes*, parece-nos então que se poderá realisar uma boa medida d'ordem, de moralidade e de economia, mandando para suas casas aprender outro officio toda essa força armada que para ahi anda á matroca fingindo que defende por dinheiro aquillo que os republicanos são encarregados de defender, de manter e de sustentar, de graça.

Para que a ordem exista, bastará que nos fiquem ahi dois ou tres clubs em exercicio de eloquencia, e o sr. Arrobas á frente para dirigir as manobras tribunicias.

Sempre que se julgue opportuno fortalecer mais as instituições que nos regem, mettendo um espeque ao throno ou pondo umas muletas novas ao altar, o snr Arrobas fará baixar as suas ordens aos clubs, e o *Diario do Governo* dirá:

* * *

Para o fim de reforçar a guarda do palacio da Ajuda, pondo os preciosos dias de sua magestade ao abrigo das ultimas biscas jogadas ao throno pela guarda municipal, fallará amanhã aos povos no Club Fernandes Thomaz o cidadão Magalhães Lima.

Constando que alguns judeus do santuario do Bom Jesus do Monte, em Braga, teem ali manifestado o intuito reservado e malevolo de irem aos queixos aos sacerdotes, manda sua magestade el-rei, de accordo com sua eminencia o cardeal patriarcha, que parta sem mais demora para o foco da rebellião o cidadão Rodrigues dos Santos, com um discurso.

NO BAILE DE GREVY NO ELYSEO

VANTAGENS DA REPUBLICA SOBRE A MONARCHIA

Republica — Liberdade de gambia

Monarchia — Oppressão dos joanetes

O TERROR EM LISBOA

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

PRO PAPA ATQUE PRO NOBIS

MEDITAÇÃO RELIGIOSA

Se porventura quizessemos fazer de conta que não lemos os annuncios do *Diario de Noticias* e passassemos as palhetas ao snr arcebispo de Mytilene sem nos inclinarmos reverentes perante a provisão de sua excellencia ácerca do desacato da egreja de S. Christovão, isto desagradaria talvez ao patriarchado, e a *Nação* não nol-o levaria a bem.

Eis-nos aqui pois aos pés de sua excellencia.

Meditemos.

*
* *

Segundo o snr arcebispo não foi unicamente um estudante que desacatou o sacramento eucharistico — como outros reporters disseram. Os profanadores foram trez. Dois d'elles cuspiram no chão as especies sagradas, o outro cuspiu no lenço d'assoar. Depois do quê os sujeitinhos, que téem de doze a quatorze annos de idade, trocaram entre si signaes de escarneo.

O snr D. Antonio José de Freitas Honorato, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica arcebispo de Mytilene e governador do patriarchado no impedimento de sua Eminencia Reverendissima o Cardeal Patriarcha, compara a má creação dos tres jovens bilhostres de que se trata com o attentado perpetrado pelos judeus deicidas contra a vida de Jesus, e tira em conclusão que o drama do calvario é muito menos sacrilego e muito menos abominavel que o da egreja de S. Christovão.

Cheio de toda a amargura e de toda a consternação que um tão negro parallelo naturalmente provoca, o snr arcebispo exclama:

«*Se os judeus tivessem conhecido o Senhor da Gloria, diz S. Paulo, jámais o teriam crucificado; os seus ultrages dirigiam-se ao filho de Maria e de José, a um homem que elles olhavam como um seductor e como um inimigo de Moisés e da sua lei. Alem d'isso o crime dos judeus aproveitou ao genero humano que foi remido pelo sangue precioso de Jesus Christo; mas o sacrilegio, ha pouco perpetrado, que desculpa terá? e que beneficio produz?*»

*
* *

A dôr que transparece d'estes queixumes do venerando pastor do rebanho de Christo no patriarchado de Lisboa commove-nos profundamente na nossa humilde qualidade de simples rezes, e leva-nos a applicar alguns balsamos, que pudermos arranjar, sobre a chaga aberta por este desgosto no coração amante de s. ex.ª

Como o snr arcebispo mui bem diz na sua epistola em annuncio aos da rua dos Calafates, e como já anteriormente o dissera egualmente S. Paulo aos Corinthios, o tão fallado crime dos judeus, crucificando Jesus Christo por sentença dos tribunaes competentes, não foi no fim de contas senão um acto de pura justiça applicada ás contravenções policiaes, exactamente como outros actos analogos que o conselheiro Arrobas ahi está praticando todos os dias sem que por isso se diga que esta auctoridade administrativa tem rabo como vingativamente se espalhou ácerca dos caracteristicos anatomicos dos governadores civis que o imperio romano encarregou da policia da Judeia.

Por isso tambem vemos que os effeitos da maldição em que incorreu essa raça proscripta começam a achar-se sensivelmente attenuados.

Os antigos judãs deram em banqueiros. Asshaverus poz casa, descalçou as sandalias, e chama-se hoje em dia Rolthshild. Se lhe appetecesse possuir o Santo Sepulchro, não lhe mandava as crusadas como nós fizemos, comprava-o apenas, e punha lá um Casino com bilhares e roletas para recreio dos philosophos.

Haja vista bem assim o nosso Bazorra, ainda ultimamente chamado pelo principe ao fastigio do poder, emquanto que no tempo do rei D. Manoel, ai d'elle, que, em vez de ser n'uma cadeira de ministro, seria n'um tição em que haveria de sentar-se, se jámais ousasse transpôr o bairro da Mouraria para atravessar a cidade em coche da companhia seguido do respectivo correio a trote com a pasta das tamaras!

*
* *

Evidentemente, ao crucificarem Jesus, os judeus tiveram simplesmente em vista punir segundo as leis um simples rebelde, chefe de um club com doze oradores magnificos, declarando-se em opposição ás instituições vigentes, á forma do governo existente e aos dogmas da religião do Estado. Se os judeus suspeitassem, por mais remotamente que fosse, que Jesus era o filho de Deus feito homem, elles nunca o condemnariam. Mas os judeus não o acreditavam, e é isso o que os desculpa e até certo ponto os absolve.

Ora sem de modo algum pretendermos contraditar o snr arcebispo de Mytilene, nós pedimos mui submissamente venia a sua excellencia para lhe fazer notar uma coisa, e vem a ser: que os escolares da egreja de S. Christovão se acham completa e absolutamente dentro da esphera das mesmas circumstancias attenuantes em que se encontraram os judeus. Estes crucificaram Jesus por não acreditarem que Deus se tivesse feito homem; aquelles cuspiram-o por não acreditarem que Deus se achasse na particula eucharistica tão real e tão perfeitamente como se acha nos altos ceus.

Isto é obvio. Tanto o snr arcebispo como toda a gente sabe perfeitamente que não ha ser algum de uma obtuosidade tão impenetravel e tão cornea que, acreditando na existencia da divindade, e sabendo que tem um Deus na bôcca o cuspa fora, ou seja no chão ou seja no lenço, trocando em seguida olhares de escarneo.

*
* *

Posto o caso n'estas bases—e não é possivel pôl-o em estudo sensatamente por outro modo—nós pedimos ainda licença para dizer ao snr arcebispo que se o crime dos judeus é pelas circumstancias que o revestem completamente desculpavel, o crime dos estudantes pelas mesmas circumstancias que n'elle concorrem é absolutamente nulo. Porque, posta de parte a intenção criminosa e sacrilega dos reus, resta-nos apenas considerar, para os effeitos da culpa, quaes as consequencias do acto. Ora com relação aos judeus, abstrahindo da intenção sacrilega, temos ainda um innocente assassinado; com relação aos estudantes, feita egual abstracção, temos apenas uma hostia perdida. E eis aqui está em summa porque o snr arcebispo se está a affligir, depondo o seu baculo para desatar a chorar dolorosa e desoladamente sobre o seu armento!

Eis—suspira sua excellencia—*a situação tristemente lamentavel em que Nos achamos; o mal Nos acomette de toda a parte, e fallecem todos os recursos humanos para se lhe oppor um dique poderoso e represar esta torrente desoladora... Tal é o quadro medonho da epoca presente, sobretudo n'esta capital!... A sociedade corre perigo de se dissolver... Estamos possuidos da mais acerba amargura e afflição... etc.*

E tudo isto porque, ó meu Deus?... Tudo isto unicamente porque tres madraços da instrucção primaria foram á desobriga sem terem sabido as lições da cartilha e sem lhes terem ensinado o que é que está na hostia depois de consagrada!

*
* *

E o peor de tudo não é sómente a tristeza do snr arcebispo—o que já é pessimo. O peor de tudo são os horrores que sua excellencia nos prophetisa e os tremendos castigos que, segundo sua excellencia, a divina providencia tem suspensos sobre nós, aproveitando pressurosa este pequeno pretexto de haver n'uma escola tres cabeças de burro rebeldes ao cathecismo, para nos pespegar a todos, *per omnia secula seculorum,* nas penas eternas.

De modo, que para applacar a tremenda colera celeste que se nos annuncia termina o snr Arcebispo a sua provisão, ordenando o seguinte:

1.º Esta Nossa Provisão deverá ser dirigida a todas as Parochias e Casas Religiosas do Patriarchado e Prelazias annexas, para ser lida no proximo domingo ou dia festivo que occorrer depois da sua recepção, indicando-se ao mesmo tempo o dia e hora em que as irmandades e fieis devem concorrer ás preces publicas nas respectivas egrejas.

2.º Estas preces terão logar em tres dias consecutivos immediatos á leitura d'esta Provisão, expondo-se o Santissimo Sacramento á boca do Sacrario ou no throno, se tanto fôr possivel.

3.º Todos os sacerdotes do Patriarchado e Prelazias annexas, nas missas que celebrarem nos tres

O QUE É ESTAR C

AS SUPPRESS

Depois do guarda nocturno

O guarda municipal

O guarda.....

O guarda costas

O guarda pó

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
PARIS

MÃO NA MASSA

O TYRANNO

da barreira

O guarda marinha

O guarda livros

O guarda loiça

O guarda chuva

Os dias santos de guarda

Este guardará tudo.

dias das preces solemnes da respectiva parochia dirão a oração PRO QUACUMQUE NECESSITATE—pedindo a Deus, perdão e desaggravo, depois da que devem dizer—PRO PAPA.

4.º Como este desacato póde tambem ter por causa a ignorancia dos mysterios da nossa santa fé, ordenamos aos reverendos parochos a exacta observancia da Pastoral de Sua Eminencia de 25 de janeiro de 1881.

Para que estas preces sejam mais efficazes e aceitas a Deus, recommendamos a todos os fieis que assistam a ellas purificados de seus peccados pelos Sacramentos da confissão e communhão.

*
* *

Se nós outros, ovelhas, não tivessemos mais nada que fazer n'este mundo se não acompanharmos o nosso pastor espiritual balando com elle os canticos ao divino, como succede por exemplo a suas excellencias os conegos, nada se nos offereceria retorquir, e pôr-nos-hiamos immediatamente á disposição do snr arcebispo para os fins indicados nas conclusões da sua epistola.

Mas as ovelhas, excellentissimo senhor, estão sobrecarregadissimas de trabalho. Ellas teem de ganhar o penso de cada dia com o suor da sua lã, e são obrigadas ainda por cima a acarretar para o tugurio a herva precisa para engordar os bodes que ahi estão á argola do paiz, esmoendo viveres, emquanto a gente anda a monte de focinho no chão á procura de materia pascivel. Occorre-nos pois, em nome do rebanho a que temos a honra de pertencer, perguntar ao veneravel pastor e snr arcebispo uma coisa:

Sendo dos estudantes que se sabe, e não de mais ninguem, a culpa do desacato que se deu, não seria porventura exequivel fazer recahir sobre elles o castigo e o desaggravo?

Não haverá algum meio brando e ao mesmo tempo sagaz de attrahir suavemente á Sé esses tres malandros? Offerecendo-lhes, verbi gratia, mais hostias (fingidas bem entendido) não seria possivel captal-os? E depois de os apanhar dentro da Sé, não haverá já na egreja lusitana um bom conego de pulso, que agarre n'uma palmatoria de buxo e que lhes rache as mãos com uma duzia de bolos em cada um?!...

Depois d'esta primeira amostra do pano conviria—cremos—fechar os tres delinquentes á chave dentro de um quarto, pôl-os a brôa e agua por espaço de oito dias para lhes abrir as ideias, e passar-lhes lições grandes na cartilha do padre mestre Ignacio e na *Civilidade* de João Felix. Ás tardes, sabetina no côro. Não satisfazendo, ferula para cima, emquanto elles tivessem unhas para lhes cahirem das mãos aos pés do cabido!

Pela nossa parte nós não teriamos que dizer a esses jovens senão uma coisa: Chuchem, que é para não serem cabulas e para não andarem na instrucção primaria annos e annos sem fructo nenhum a roubarem o dinheiro a seus paes e a darem desgostos a seus mestres.

Ao fim de oito dias d'este regimen purificante, temos para nós que os tres herejes se achariam aptos para poderem entrar nas egrejas sem cuspirem, sem trocarem olhares de escarneo entre si e sem darem coices. Pelo que nos quer parecer que a colera divina teria obrigação restricta de se dar por applacada e satisfeita.

Que pelo contrario sejam esses tres meninos os que fazem os peccados e que sejamos nós os que façamos as penitencias, parece-nos duro de mais.

Porque elles são mal creados, a gente é que ha de ficar prohibida de comer sobremesa?

Porque elles não estudaram os Sacramentos da Egreja, eu e a minha familia é que me hei de pôr de joelhos em cima do banco, com a cartilha ao pescoço?

Elles é que dão os pinotes, e nós é que havemos de ir para o meio da aula com as orelhas de burro?

Elles têem a cuspinheira, e nós é que tomamos a coacia?

Elles é que trocam os olhares, e nós é que apanhamos o tapa-olho?

Acham que é bonito? acham que é proprio?

Não! podem dizer o que quizerem, isto não é justiça de christãos, isto é justiça de moiros!

Então está para aqui assim um peccador, com o vaso das iniquidades cheio—porque ainda não houve tempo para o ir remir; está um homem em sua casa atrapalhado com os seus proprios peccados e arriscado a ser ahi lambido por uma febre de um dia para o outro, e a ir malhar com o costado aos enxofres eternos onde ha a coceira desesperada e o ranger dos dentes para todo o sempre; e agora, lá porque tres fedelhos foram fazer indecencias para a desobriga, abala-se cada um para as egrejas a confessar-se, a commungar, a resar a corôa e a fazer preces durante uns poucos de dias, para arranjar o perdão de Nosso Senhor e a bella bemaventurança

a uns malandrões, que — notem — ainda por cima são capazes de se porem a fazer troça da gente!

Concluindo, devemos pela parte que nos toca n'este assumpto fazer uma declaração firme e terminante:

Ha de ter santissima paciencia o meu rico snr arcebispo de Mytilene, mas quem não está resolvido a ir ás preces para acudir a tratantes é o filho de meu pae.

Os meninos cabulas e malcreados que embirraram em não estudar a civilidade e em não estudar a cartilha, que se arranjem lá como poderem!

Se os meninos em geral cuidam que podem passar a sua juventude de narizes arrebitados e de cartola á banda a cigarrar por essas ruas, em vez de estudarem o *Credo*, e que no momento das colicas havemos de ser nós que havemos de andar em papos d'aranha e em jejum natural, de opa ás costas e de contas na mão, a correr para as Chagas e para a Encarnação, para que Deus se compadeça d'elles e os approve para cherubins, os meninos estão completamente enganados comnosco.

Se querem estudar, estudem, que é para seu bem!

Se não querem estudar, e preferem continuar a ser indecentes e pulhas, sujeitem-se então ás legitimas consequencias que é irem todos para o diabo.

Trez garotos arrependidos, de menos no ceu, não fazem falta nenhuma!

Em uma breve digressão para fóra do assumpto principal da sua provisão, diz o snr arcebispo de Mytilene o seguinte:

O sacerdote mais digno e respeitavel não pode apparecer em publico sem ouvir os insultos mais infamantes.

A ser verdadeiro, do que nos não é licito duvidar, o facto referido pelo snr arcebispo revela uma vergonha publica cuja responsabilidade cabe áquelles que teem o dever, não de educar christãos, mas de fazer cidadãos. Porque todo aquelle que se diverte a insultar um sacerdote, de qualquer religião que elle seja, não é em rigor um impio, é apenas um covarde e um bandalho.

Ha porém padres, junto dos quaes devemos confessar que o dever do respeito é ás vezes bem difficil de cumprir. Aqui temos nós, por exemplo, o snr parocho da freguezia do Fratel, do qual o *Diario da Manhã* nos conta a seguinte historia:

O parocho do Fratel, para fins de interesse pecuniario passou uma certidão falsa e promoveu o casamento de uma sua parochiana, a qual n'este momento está noivando com seu marido no Fratel, não tendo todavia senão NOVE ANNOS de idade.

Não nos parece que este clerigo adulto tenha dos differentes sacramentos da Egreja uma noção muito mais garantidamente clara que a dos tres menores que cuspiram a hostia á communhão na egreja de S. Christovão. Com a differença que: os outros escarraram a sua irreverencia para o meio do chão ou para dentro de um lenço; este escarrou-a para cima da familia.

Se aquelles desacataram a particula eucharistica, este desacatou, quando menos, a conceição immaculada.

Se depois de terminadas as preces pelo desacato das creanças, sobrará alguma agua benta nas pias, passem para cá o hyssope, que além dos pequenos herejes, ha aqui este grande padre, que tambem quer.

De resto, meus caros snrs sacerdotes, sempre que vos julgardes insultados um pouco de mais, considerae que nós outros profanos nem sempre nos achamos illesos de eguaes precalsos.

Ainda ha poucos dias em Paris, um *jeune drôle*, o snr Lessueur, antigo typographo, hoje batoteiro na Bolsa, se lembrou de uma jocosidade inedita para incommodar o seu similhante. Este cavalheiro preparou-se com um bom drastico para o fim de lhe abrir a veia critica, e elocubrando duas horas depois a mais pesada das chalaças dentro de um dos vasos esphericos ornados de asa, ordinariamente destinados a receber os productos d'essa natureza, emborcou o todo sobre a cabeça de um individuo que passava no boulevard por defronte do *Café Riche*.

Cuidam que foi um padre o objecto de tão espirituoso gracejo? Não; foi um jornalista, o snr Perivier, do *Figaro*.

Os biltres não se fizeram só para apparecer ao clero quando elle sáe a publico. Nós tambem os encontramos uma ou outra vez no nosso caminho. Sómente em vez de lhes dirigirmos *provisões*, nós costumamos applicar-lhes bofetadas, e é por essas e outras que já hoje é difficil encontrar-se algum de nós que mais ou menos não tenha tido a pelle furada por algumas grammas de chumbo ou por alguns centimetros de ferro,

Paciencia ou bordoada!.... Meus caros amigos, é o pó da estrada.

BAILE NATURALISTA

Influencia do *Assomoir* nos costumes elegantes
Ha muitos duques e principes

O MAESTRO GUIMARÃES, AUCTOR DA OPERA BEATRIZ

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

OS TITULOS E AS OBRAS

Recebemos pela posta, escripto n'um papel, o seguinte titulo:

Conde d'Almedina.

E por baixo estas palavras:

Pede-se o especial obsequio de dizer o que vem a ser.

Ha tres dias que esse problema nos atormenta, e eis ahi vão, expostas por sua ordem, as conjecturas que fizemos.

*
* *

Começou por nos occorrer que não poderia deixar de ser uma peça de Eugenio Scribe.

Comedia em tres actos e em prosa. A scena passa-se em Auteuil.

Vista de jardim.

Bonnivet, tabellião, de sobrecasaca côr de café, calças de ganga e chapeu de palha d'Italia, conversa com sua filha, joven de vinte e tres annos, de vestido de musselina branca e pequeno avental de setim preto com topes côr de rosa.

BONNIVET — Que tendes Adriana? Vossas frescas e saudaveis côres esmaecem em vosso rosto, vossa alegria juvenil vos abandona, vossa harpa jaz ha oito dias no salão repudiada de vossos dedos, vosso olhar se perturba quando vos questiono...

SCENA X

OS MESMOS E UM CREADO

CREADO *(annunciando)*—Sua excellencia o Conde d'Almedina!

LUIZA *(muito perturbada)*—Meu pae... *(Á parte, vendo entrar o conde)* Meu Deus!... é Oscar!

BONNIVET *(contemplando alternativamente o conde e Luiza. Concentrado e á parte)* Agora comprehendo tudo.... Amam-se!

*
* *

Tambem podia ser — supposemol-o — uma opera comica.

Muro de quinta com grade de ferro pintada de verde á esquerda do espectador. Arvoredo lateral á direita. Ao fundo as montanhas do Tyrol.

Côro de camponezes de um e outro sexo.

Ouvem-se estalos de chicote e campainhas.

Camponezes, dirigindo-se ao fundo e agrupando-se nos outeiros, acenam com os chapeus.

Uma caleça apparece, entrando pela direita.

CÔRO DE CAMPONEZES — Viva nosso amo! Viva o nobre conde d'Almedina! Viva! viva!

CONDE *(sahindo da caleça e fazendo um gesto de silencio ao côro)* — Meus filhos!...

Preludio na orchestra. Segue uma romanza de tenor pelo conde d'Almedina.

*
* *

Não sendo nenhuma d'essas duas coisas, deveria ser um drama.

Interior de uma pequena estalagem na Bretanha.

Mesa tosca, com picheis de barro vermelho e copos de lata, cercada de bancos rusticos. Porta ao fundo.

O velho Bertrand e Victoria, sua mulher, levantam a mesa á luz de uma lanterna, vestem ambos trages campesinos.

E' noite.

Ouvem-se duas argoladas á porta do fundo.

BERTRAND — Quem teremos a taes deshoras?

VICTORIA — Viajores por ventura que pedem gasalhado.

BERTRAND *(abrindo)* — Guarde-vos Deus, e entrae, que fatigados heis de vir de jornadear pelos despenhadeiros da nossa Bretanha!

(Dois lacaios entram trazendo duas malas que collocam no segundo plano á esquerda. Segue-os um vulto, embuçado n'uma longa capa, com chapeu tricorne e esporas de cavalleiro, batendo nas botas com o cabo do chicote como que para sacudir a neve.)

EMBUÇADO *(a Bertrand)* — Acha-se pernoitando aqui um gentilhomem, capitão das guardas, que devia ter chegado pela tarde, acompanhado de tres mosqueteiros?

BERTRAND *(balbuciando)*—Sim... meu... senhor!...

EMBUÇADO—Ide dizer-lhe que o conde d'Almedina o aguarda n'esta sala. *(Bertrand sae trocando signaes com Victoria. Aos lacaios:)* Olá! recolhei os meus cavallos e velae porque nada falte a esse timorato pastor que nos conduziu atravez dos precipicios *(Atira-lhes com uma bolsa cheia d'ouro. Os lacaios saem. O conde, ficando só, desembuça-se, arrojando a capa. Pende-lhe do pescoço a cruz de S. Luiz. Olhando em deredor, e collocando um par de pistolas sobre a mesa:)* Agora nós, marquez de Seneterre! *(Crusando os braços no peito e olhando com intrepidez para a porta por onde sahiu Bertrand:)* Viva Deus, que sabereis hoje quem é um Almedina!

*
* *

Se tambem não é isto, poderá talvez ser então uma simples aria. Palavras tiradas da *Lucrecia Borgia,* de Victor Hugo, musica de Donizetti.

Almedina, signora, son io....
Lá-la-ri! lá-la-ri! la-la-ro!

*
* *

Se porém não é aria nem comedia nem drama nem opera comica, tem de ser por força, em tal caso, um romance de cavallaria:

CAPITULO IV

De como o cavalleiro Reynaldos sahindo a jardins de palacio para fallar com Magalona, filha do rei de Mantua, ahi se encontrou com o conde d'Almedina, vestido de armas brancas, e do que entre elles houve.

Estava a formosa princeza D. Magalona, de cujas prendas já atraz dissemos, discreteando entre galhofeira e magestosa, com o cavalheiro Reynaldos, que lampeiro sahira de palacio, accendido em fragoa, e atrahido pela formosura da donzella, a quem fez grande veneração, pondo-se em giolhos deante d'ella, e dizendo-lhe com grandes espiritos de alegria que só para a ver e honrar se partira da corte de Napoles para a de Mantua, correndo justas e quebrando lanças, o que tudo explicou em termos mui louçãos e cultos proprios da sua prosapia, que era da mais nobre e subida.

E com tão acertadas razões vingou expressar-se, que quanto mais o cavalheiro proseguia no discurso, tanto mais subia no peito da princeza a chamma do amôr todo em Reynaldos radicado, estando a donzella suspensa d'ouvir as vastas cavallarias e as bem medidas e conceituosas fallas de cavalheiro tão prodigioso.

De tal arte e maneira se reciprocaram as quenturas d'aquelles dois ternos e amantissimos corações que já Magalona nenhuma outra coisa via no universo senão Reynaldos, já nenhuma outra coisa Reynaldos no universo via senão Magalona!

Emudecidos e suspirosos, estiveram por algum tempo a princeza e o cavalheiro, não podendo mais articular palavra, ella de enleada, elle de rendido, até que feitas as cortezias de parte a parte, ambos se dispunham a retirar-se, Magalona para palacio, onde o rei a essa hora estava dormindo a sesta, e Reynaldos para sua pousada.

Porém, mal cortezias eram feitas, quando sae horrido e minaz d'entre a espessura das murtas o conde d'Almedina, que de Saboya viera a requestar a mão da princeza pelo muito que lhe haviam dito de suas prendas.

Com os olhos esbrazeados em sangue e escumando pela bocca, coisa horrivel de dizer, o conde arrancou da espada; o mesmo fez o cavalheiro; e depois d'alguns talhos e revezes, que puzeram na dama um grande susto, como o conde houvesse mister de regressar á murta para satisfazer uma necessidade corporea, Reynaldos o trespassou pelos bofes com uma estocada d'aquellas que na destreza da espada preta chamam instantaneas.

Em seguida se separaram com grande compostura e decoro os dois fieis amantes, muito satisfeitos e alegres, promettendo a princeza Ma-

O DIA

GALERIA CLASSICA

OJE

NTONIO MARIA

galona tomar por esposo o cavalheiro Reynaldo, visto como perecera na murta o feroz conde d'Almedina.

*
* *

Ou, por ultimo — e é esta a derradeira de todas as hypotheses que temos por admissiveis — é possivel ainda que se trate de uma legenda mourisca.

Na veiga de Granada achava-se D. Mafalda, no balcão do Castello, tangendo um bandolim.

Passou o rei Ramiro, que andava a montear, entre mouros de lança e besteiros, ao som de sonoras bosinas e de bem afinados cornos.

E D. Mafalda, discreta, fez que não via o poderoso rei Ramiro, que todo elle era olhos para ella.

Passou depois o rei Almançor seguido dos mais lusidos cavalleiros da Barbaria, e logo tambem se poz a jogo de physionomia para a janella apenas avistou a bella D. Mafalda, que continuava tangendo, sem olhar para Almançor.

Appareceu afinal um nobre e joven moiro, que costumava sósinho passear as tardes pela veiga de Granada.

D. Mafalda o viu e lhe fez ôlho de conta, ao que o moiro gentil correspondeu arregalando para a castellã dois olhos como dois pucaros.

No dia seguinte, á hora de prima, logo que se baixou a ponte levadiça, D. Mafalda recebeu da mão de um pagem vestido de seda um pergaminho escripto em arabigo e contendo as seguintes linhas:

Senhora:

Vêr-vos e amar-vos foi obra de um só momento. Peço-vos que, alem de nos correspondermos d'ôlho, permitaes que nos correspondamos tambem por meio de antigos codices no gosto d'este que ora vos endereço.

Não pertenço — crede-o — a essa pelintragem vil da Moirama, a que vós outros, godos, chamaes vulgarmente «eunuchos.»

Nobre sou e de nobre me preso.

Consenti, senhora, que terno e respeitoso eu deponha um sentido osculo sobre a cacheira do suavissimo instrumento musical que hontem dedilhaveis em vosso balcão.

Esperando ancioso um codice medievico vosso, crêde-me, senhora

VOSSO ESCRAVO

CONDE D'ALMEDINA.

*
* *

Imaginem qual não foi a nossa dolorosa decepção e terrivel surpreza ao sabermos agora, depois de feitos tão profundos estudos, que o titulo de *conde d'Almedina* é nem mais nem menos que o de um illustre fidalgo contemporaneo, elevado pelo principe á grandeza do reino na quinta feira passada.

Ludibrio e maldição!

*
* *

A culpa do erro grosseiro em que incorremos, e que sinceramente confessamos, devemos porém dizer que não é só nossa. Ella cabe tambem ao monarcha caridoso que põe ou que deixa pôr aos seus vassalos titulos tão capciosos como este.

Qualquer outro sabio — ousamos dizel-o — cahiria como nós n'esta esparrella.

Não ha douto nenhum — mas nenhum! — que dando-se-lhe o titulo de *conde d'Almedina* para objecto de suas meditações — qual nos foi dado a nós — não desvaire como nós desvairamos.

Titulos d'estes não se lançam á circulação publica. São titulos de algibeira para armar aos estenderetes dos espiritos que se presam de cultos, são ratoeiras abertas pela *munificencia regia* ao zelo dos eruditos e ao ardor dos estudiosos.

*
* *

Em tempos de mais boa fé e de mais lisura do que aquelles que desgraçadamente atravessamos, quem era conde, marquez, visconde ou barão, era-o, sempre e invariavelmente, de alguma cidade, villa ou aldeia.

Este uso tinha um alcance enorme sobre a vulgarisação dos conhecimentos geographicos entre as altas classes sociaes. Uma pessoa medianamente bem relacionada aprendia suavemente e sem exforço os nomes de todas as terras do reino e os das ilhas adjacentes pelos nomes das pessôas com quem jantava ao domingo nas casas de fóra.

Os titulares d'esse tempo ensinavam e instruiam o publico. Quando elles se reuniam na camara dos dignos pares ia a gente vel-os da galeria, e era o mesmo que se estivesse um homem com o atlas e com o dicionario do Bouillet deante dos olhos.

*
* *

Mais tarde, quando principiaram a escacear os nomes de terras para os titulos, por ser o numero dos titulares superior ao numero das freguezias, a nobresa lançou-se com uma avidez extremamente louvavel sobre as arvores de fructo.

A apparição ainda recente do illustre e bem conhecido visconde do Marmeleiro parecia destinada a abrir no nobiliario portuguez uma nova era, que se iria seguir á era da geographia, — a era da compota.

É lastima que se não desenvolva este meio tão simples de augmentar os conhecimentos uteis, n'esta epoca em que de dia para dia tende a diminuir a força de trabalho precisa para adquirir esses conhecimentos por outro modo.

Ainda agora o snr prior dos Anjos vem ajudar a faser mandriões, negando a absolvição dos peccados áquelles que trabalham ao domingo. Que linda perspectiva para os actores, para os jornalistas e para os typographos, — se elles costumassem confessar-se!

*
* *

Emquanto ao titulo de Almedina lamentamos que elle venha lançar a perturbação na critica, sem de modo algum augmentar o cabedal dos conhecimentos geraes da massa com alguma nova noção de geographia ou de botanica.

Lemos em um jornal que Almedina é o nome de um chafariz de Vizeu, d'onde o aggraciado é oriundo. Trata-se de certo de alguma glorioza fonte historica, em que provavelmente costumariam beber ao ir e ao voltar das crusadas os cavallos dos gloriosos descendentes do nobre conde.

E comprehende-se que o illustre fidalgo, não podendo pôr o seu titulo em communicação com essa fonte por meio de um cano, folgue de o alliar a ella por intermedio da particula heraldica dos genitivos de possessão.

Receamos porém que este facto venha a constituir um precedente perigoso para a pompa e para o prestigio da nobresa nacional.

Por esta senda fóra viremos a ter amanhã um marquez do chafariz do Carmo, um conde do Poço dos Moiros, um barão da Bica do Sapato.

Parece-nos que uma aristocracia que procura reconstituir-se em tres bases se arrisca a vir a ser um dia confundida com uma simples sucursal da Companhia das Aguas.

As familias nobres representar-se-hão á imaginação dos povos sob a fórma de carrancas, vertendo a sua substancia, por canudos de ferro mettidos na bocca, para dentro de canecos.

Mais tarde, quando o ultimo dos aguadeiros, restos paleontologicos de uma civilisação extincta, houver desapparecido da superficie da terra como desappareceu o mastodaxte, o serviço das aguas no domicilio das familias durante a primeira metade d'este seculo virá a ser calculado pela estatistica dos condes, assim como hoje o pode ser pela computação dos barris caseiros.

*
* *

Precisamente n'esta mesma semana, em que pela repartição das graças se creara o primeiro conde de um chafariz, pela camara dos snrs deputados, era votado o novo imposto sobre o sal.

Approximem esses dois factos, e digam-nos se não estão vendo n'elles o proposito sinistro em que parece acharem-se os poderes publicos de acabar de vez com a antiga aristocracia do sangue, substituindo-a por uma nobresa nova — d'agua doce!

CASOS DA SEMANA

O NOVO CONDE

GUILHERME D'AZEVEDO

FALLECIDO EM PARIS NO DIA 6 D'ABRIL DE 1882

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

GUILHERME D'AZEVEDO

A sociedade dos jornalistas e escriptores publicos contava hontem ás tres horas da tarde trezentos e quarenta e oito associados. Uma grande parte d'estes trezentos e quarenta e oito cavalheiros não recreiam talvez superiormente o publico com as suas producções, mas recreiam-se de certo a si mesmos, e é quanto basta. São os divertidos das lettras.

D'essa totalidade dos escriptores de Lisboa exceptuam-se alguns que, se um dia se reunirem á parte, poderão formar entre si — não diremos uma nova corporação, porque não chegam para isso — mas uma *poule* ao bilhar. Não passam de uns seis ou oito, que, vivem nas letras como n'uma clausura, para os quaes a escripta é uma religião, que fazem da perfeição um culto, uma preoccupação exclusiva, o interesse superior da existencia, o destino da vida. São os atormentados.

*
* *

Guilherme d'Azevedo pertencia a esse pequeno grupo de infelizes, encarregados pelo seu temperamento e pela sua sorte de cultivarem pela applicação de todo o seu ser, pelo sacrificio de toda a sua vida, nos contactos hostis da multidão grosseira, o delicado fructo da arte, o doce balsamo de todas as consolações do espirito, a immaculada flôr da alegria.

Durante dez annos consecutivos elle fez sorrir Lisboa todas as semanas, quasi todos os dias, arrancando de cada facto da nossa existencia de paiz decadente, mandrião, aborrecido e enfastiado, o commentario comico, espirituoso e vivaz, que silvava no ar como uma flecha luminosa, fazendo saltar do alvo ferido a bella nota rutilante de uma bandeira ao vento.

No meio do cantochão arrotado pela semsaboria patria n'uma sociedade flatulenta e funebre, elle entoava á bocca da scena o risonho *couplet* malicioso, desenrugando a catadura bossal da galeria, como um leve tempo de valsa apontado por um violino para começar o baile.

Todos aquelles que conhecem um pouco o officio de escrever sabem que enorme esforço, absorvente e desfibrante, precisa de empregar um escriptor sobre todos os artificios da linguagem, sobre todos os meios de stylo, sobre todos os poderes da palavra, para conseguir este effeito: — fazer rir em cada dia uma pouca de tinta posta sobre um pedaço de papel. Que somma de trabalho technico exercido infatigavelmente na mais difficil e na mais rebelde de todas as artes! E, depois, que abandono heroico de si mesmo, que abnegação, que esquecimento sublime das proprias amarguras, dos desalentos, das tristezas pessoaes!

Hoje que a litteratura deixou de ser um passatempo academico para se converter n'uma das grandes molas do movimento social, todo o escriptor que aspira a ser lido tem de trabalhar para esse fim oito ou dez horas por dia. O chronista, o romancista, o folhetinista moderno é um condemnado á prisão cellular por toda a vida, é um monge, um benedictino, tão rigorosamente preso ao claustro pelos deveres da arte como o seria pelos votos da religião.

Guilherme d'Azevedo trabalhava sempre, constantemente, ininterrompidamente. Tinha habitos errantes. A immobilidade do corpo paralysava-lhe a actividade cerebral. Para produzir, para crear, para ter a visão e para trazer depois a imagem dos limbos da primeira concepção até á realidade artistica, precisava de sair á rua, de olhar para as lojas, de percorrer os jardins publicos, de se sentar nos cafés, d'entrar nos theatros. Mas não era para elle que os grupos dos *ratés* discutiam arte ou discutiam politica ás mesas do botequim ou do restaurante; não era para elle que a prima-donna em voga gorgeava a romanza em applauso; não era para elle que o tenor se convertia em Lindoro, arrojando a capa, sacudindo os anneis da guedelha, avançando o pé afiambrado em setim, e erguendo aos ceus o seu olhar de imbecil; não era para elle que bailava o baile, que symphoninava a orchestra; não era para elle que o sol luzia no ceu e que as coto-

vias cantavam nos jardins entre as flores dos lilazes. Porque para esse forçado da escripta de cada dia todas as coisas do mundo eram apenas perceptiveis n'este ponto de vista exclusivo: — serem ou não serem assumpto d'artigo.

*
* *

E desde que elle achava o assumpto, principiava logo, mentalmente, a elaborar o artigo, fechado em si mesmo, recluso no seu *veston* como nas profundidades de um carcere, alheio a quanto se passasse em torno d'elle, respondendo por monossylabos abstractos, aos que o interrogavam, até que, de repente, d'onde quer que estivesse, desapparecia n'uma viravolta para ir escrever de fugida, a um canto, sobre o primeiro papel que lhe apparecesse, o artigo feito de memoria.

Nenhum outro escriptor portuguez teve ainda como Guilherme d'Azevedo o talento do miniaturismo, a faculdade privilegiada de tratar mais largos assumptos n'um pequenissimo *croquis*, de reduzir o objecto de quatro columnas a quatro linhas, a uma formula, a uma simples legenda, e ás vezes a uma unica palavra. Ninguem como elle sabia dominar a phrase, submettendo-a inteiramente, e ajustando-a a todas as expressões de que é susceptivel a linha sob os caprichos do lapis mais imaginoso e mais rico.

*
* *

Os leitores do *Antonio Maria* a quem Guilherme d'Azevedo deu tantas obras primas de graça de bom senso, de bonhomia e de jovialidade, soffrem uma perda irreparavel com a morte d'elle, que hoje commemoramos.

Aquelle que ha cerca de dois annos substitue n'esta folha o seu fundador litterario nunca teve a pretenção de lhe succeder, e tem aqui procurado apenas, por um dever de solidariedade, defender interinamente um posto, que um pouco mais tarde ou um pouco mais cedo elle julgava ter de ver outra vez occupado por quem tão brilhantemente o creou.

Entre Guilherme d'Azevedo e o escriptor que o tem substituido na redacção d'este periodico a differença é enorme. Com os mesmos fins d'arte, Guilherme d'Azevedo e o seu substituto são dois escriptores inteiramente diversos, de temperamento opposto. Guilherme d'Azevedo tinha todas as virtudes cujos deffeitos contrarios são representados pelo que faz as suas vezes. Elle era um modesto, o outro é um soberboso; elle era um conciso, o outro é um discursador; elle era um delicado, o outro é um violento; elle era um sociavel, o outro é um incompativel; elle tinha sympathias e mais que ninguem merecia tel-as, o outro tem aversões e deseja conserval-as; elle emfim tinha a graça, o outro tem apenas a convicção.

Infelizmente Guilherme d'Azevedo não voltará mais.

A morte surprehendeu-o em plena força da idade e do talento no meio d'esse Pariz que elle tanto amava, na estação em que mais custa a morrer, na primavera em que toda a natureza revive e em que a arte parece reviver com a natureza. É o tempo em que se abrem as exposições de pintura e d'aquarella; os paisagistas partem para Fontainebleau calçados em grossos sapatos ferrados, com os cavalletes ás costas afivelados por cima das mochilas; as rebecas começam a afinar para os concertos dos Campos Elyseos e para os bailes campestres do Vesinet; as primeiras *pâquerettes* estrellam de flores brancas o *turf* de Longchamps; reverdecem as acacias no Bois de Boulogne, onde os gamos atravessam de um pulo as avenidas, estremunhados pelas amazonas madrugadoras que galopam na frescura da manhã embalsamada da floresta; vasos de resedas embrulhados nos seus cartuchos de papel sobresaem dos festões dos jornaes e das revistas nos kiosques do boulevard; e alegres cabazes em que a toalha branca descobre o gargalo da garrafa lacrada de verde partem em cada domingo pelos comboyos de recreio ou pelos vaporsinhos do Sena para se abrirem ao jantar sobre a herva de Vincennes, de Bougival e de Montmorency.

GUILHERME D'AZEVEDO

ANTONIO MARIA
PARIS
SAINT OUEN
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Foi essa festa que Guilherme d'Azevedo atravessou pela derradeira vez no dia 8 de abril, sahindo da Maison Dubois, onde fallecera, para ser levado por alguns amigos piedosos para o pobre cemiterio de Saint-Ouen, onde vae começar a vicejar para elle a bôa flor dos tumulos chamada esquecimento.

Não voltará mais. O Chiado não tornará a vel-o passar ás quatro horas da tarde. No jornalismo portuguez não tornará a voejar, ridente e alada, a ironia do seu fino stylo. E no Valle de Santarem, pelas ferias, não tornará a atravessar os campos aquelle que ahi escreveu os bellos versos da «Alma Nova» *na fragancia dos trevos e das flores selvagens.*

Mas, pelas paginas do *Antonio Maria*, Guilherme d'Azevedo sobreviverá a si mesmo na estima e na gratidão do povo, com quem tão liberalmente repartiu a sua alma, consolando-o e enobrecendo-o.

HISTORIA SIMPLES

Havia um rapaz são, robusto, bom, valente,
De espadua larga e rija; um ceifador gentil.
Cavava todo o dia, andou sempre contente
E a feria dava á mãe sem falta d'um ceitil.

Elle amava a campina e os ceus largos, serenos.
Aos domingos a mãe deixava-lhe uns dez reis.
Deitava-se ao luar, dormindo sobre os fênos,
Na fragrancia do trêvo, ao pé dos cães fieis.

A mãe tinha de seu duas vaquitas mansas:
N'um cerro agreste e vil alguns palmos de chão.
E tinha ainda mais não sei quantas creanças
Que andavam nuas sempre e sempre a pedir pão.

O pae mal se sustinha ás vezes sobre as pernas:
Era bebado e mau, batia na mulher;
E á noite, ao scintillar dos vinhos nas tabernas,
Cantava canções vis de a gente ensurdecer.

Um dia uma senhora honesta da cidade,
Esplendida, gentil, sabendo-se sorrir,
Reparou no rapaz; áchou-lhe propria a idade
E fez-lhe um certo gesto: — o moco não quiz ir.

Teve um assomo de raiva, então, sua excellencia.
Ordenou-lhe que fosse: o moço disse, — irei!
Despediu-se dos seus: devia obediencia
Á senhora gentil que se chamava... a Lei!

Pegou no velho alforge e no bordão nodozo
E metteu-se a caminho. Os pobres dos irmãos
Choravam á partida: — um quadro doloroso!
A mãe louca de dôr torcia as magras mãos!

Chegando no outro dia ao ponto onde o chamaram
Primeiro foi medido e todos a final,
Depois de bem revisto, á uma, concordaram
Que ao serviço do rei convinha este animal!

Aquell'outra senhora, astuta, grave, terna,
— A ordem — jubilava em doces pulsações!
Contava mais um servo, um filho, na cazerna,
Gastando pouco mais: — uns cobres e uns feijões!..

Agora quando passa o batalhão luzente
Na rua, podeis ver o pobre cavador
Com modos imbecis, marchar pesadamente
— Heroe por conta alheia — ao rufo do tambor!

Não sabe onde caminha entre as guerreiras hostes!
Perguntem-lhe o que é patria e liberdade e lei!
Caminha simplesmente ás ordens dos prebostes
Que trazem no chicote a salvação do rei.

E na pobre cabana ainda se conserva
O mesmo quadro triste: — a lacrimosa mãe;
Alguns pequenos nus rolando sobre a herva,
E um ebrio que pragueja e não pensa em ninguem!

Mulher não chores mais: a quadra é pura e bella:
Emquanto na campina alouram os trigaes,
Teu filho guarda o mundo e a Deus faz sentinella:
Receiam que Deus faça andar o mundo mais.

Em breve elle virá de jubilo e d'assombro
Encher tua alma, em fim, quando ámanhã voltar
Com seu velho canudo, a trouxa posta ao hombro,
Trazendo novamente a luz ao pobre lar.

E tu perguntarás: o que é meu filho; é ouro!!
A quantas guerras foste? ó ceus, como tu vens!
— Mãe tome essa lata! esconda o meu thesouro
E deixe-me ir dormir no féno ao pé dos cães!

EXTRAHIDO DA ALMA NOVA

Facsimile d'uma carta

Raybrief

Paris 15.

. . . . . .

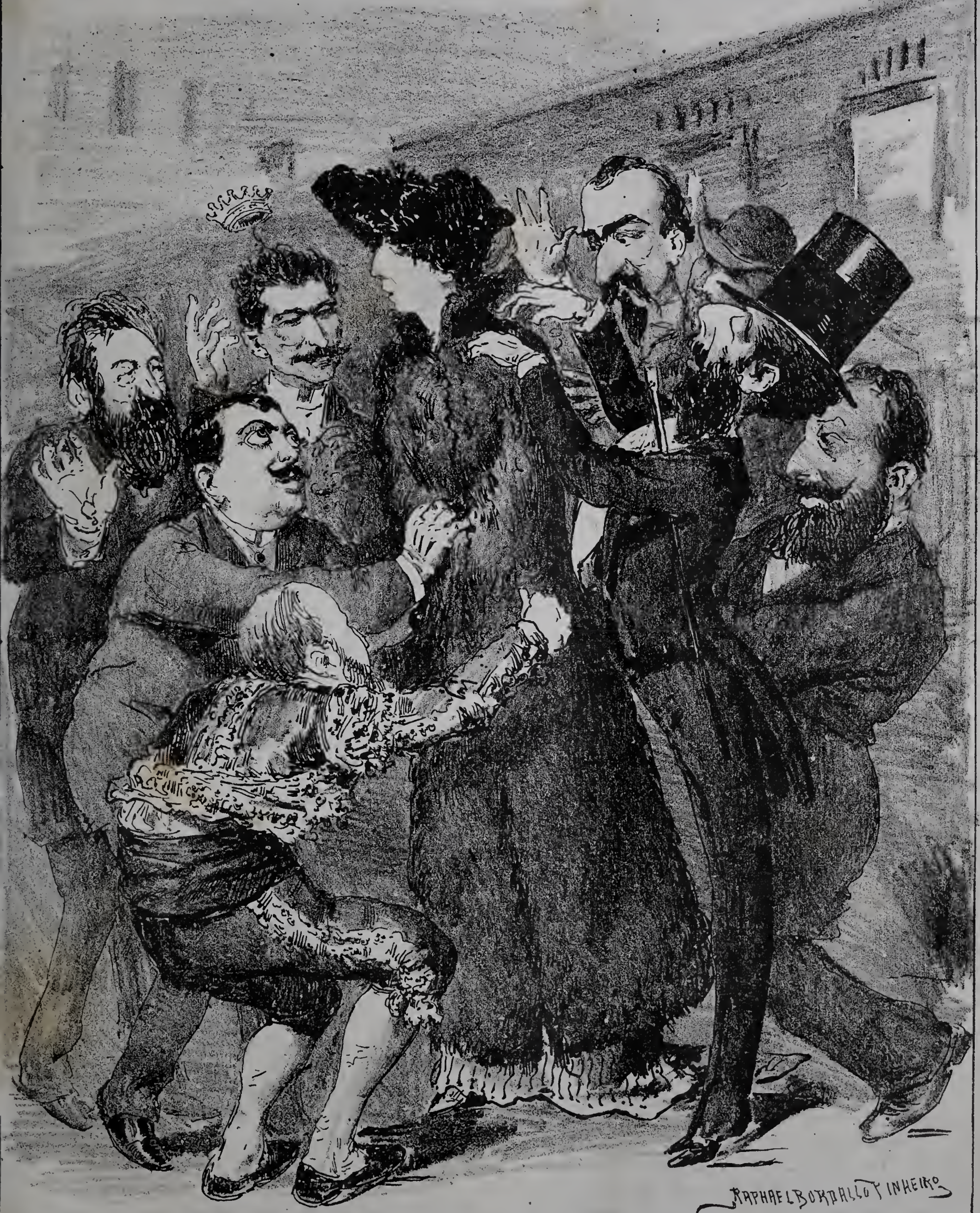
. . . . . .

Entrei nos grandes Boulevards e principiei a encontrar todos os meus antigos conhecimentos de nome: a Opera, o café Riche o Portoni, o Palais Royal, o Louvre, etc. Fui direito ao Boulevard S.te Cloichet na margem esquerda sem me ser necessario pedir a mais leve informação. É simples de percorrer Paris pela manhã e sobretudo é admiravel na apreciação do acordar. Seja qual foi a opinião que a Europa conduta forme d'elle é uma grande cidade, com immenso espirito e immensa hygiene. Quando acorda não se lhe veem olheiras.

Chegas á tarde e sobretudo a noite Paris já não é a mesma coisa. O boulevard arruaça; os cristaes e o vermelho de que os francezes abusam para alcançar o mundo, desmoralisam-nos. É vida para o provinciano de Lisboa passar a ser uma alucinação!

Por em quanto tenho andado a percorrer o Paris exterior. Estive hontem no Eldorado onde ouvi o Bonnaire que é uma celebridade dos cafés tal qual como Rochefort o é do Boulevard. Fui já ao Boulier, baile curiosissimo do bairro latino, onde mil concamistas galopam vertiginosamente das 9 á meia noite. Vae lá muita gente p.a fazer estudos, especialmente inglezes graves acompanhadas de suas familias, com uma tenue irreprehensivel. De quando em quando uma concamista dá um pontapé p.a saber o que no chapeu do ingles, fazendo-o ir parar a 20 metros de distancia. O ingles ahi gravemente o vai a fim de verificar se aquelle

SARAH BERNHARDT EM LISBOA



SETE CÃES A UM OSSO

SARAH BERNHARDT

Foi em 1878 que nós a contemplamos pela primeira vez na Comedie Française.

Representava-se o *Hernani*, que annos antes viramos interpretado por Madame Favart, por Bressant e por Delonay.

O desempenho geral da peça decahira consideravelmente. Comparado com Bressant—cuja figura altiva de um grande porte soberbo e magnanimo o fazia tomar por um verdadeiro Carlos v, favorecido no physico pelo pincel de Velasquez e enobrecido na alma pela musa de Victor Hugo—, o snr Worms com o seu pequeno nariz arrebitado, de stylo familiar, e a sua expressão mansa, de louro, parecia um simples jockey mal desfarçado no traje hispanhol de um fidalgo da Renascença. O snr Mounet Sully com uma consideravel espherecidade de bacia, mais sabiamente constituido pela naturesa para mãe de familia do que para salteador, percorria a scena em passinhos curtos, com os joelhos reentrantes, semelhando uma *soubrette* vestida phantasistamente de bandidinho de leque.

A sonoridade dos versos d'Hugo de uma vibração tão epica e tão meridional, o seu largo stylo fidalgo, de grande de Hispanha de primeira classe, empenachado de plumas e calçado em esporas d'ouro, fazia contraste, e tornava ainda mais arrebitado o narisinho sem ceremonia do snr Worms e o passinho de mulher gorda do snr Mounet Sully.

Julgavamos assistir a uma parodia d'epopeia, quando Sarah appareceu.

Um calafrio nervoso atravessou-nos a medula; sentimo-nos empallidecer; arrefeceram-nos as mãos, e todo o sangue nos refluiu ao coração.

Essa grande magra, de uma figura tão atrevidamente original, tão extranha e ao mesmo tempo tão humana como se acabasse de sahir viva da imaginação de Shakspeare ou de Balzac, trazia em si a alma da tragedia moderna.

Os seus grandes olhos garços tinham reflexos cambiantes como o azul da onda nas aguas do Mediterraneo, umas vezes luminosos, dôces, humidos de ternura, outras vezes apagados e mortos, ou fixos, rigidos e ardentes como os de um tigre.

A voz admiravelmente modulada dobrava-se-lhe a todas as expressões musicaes da palavra; suave como um murmurio d'agua correndo ao luar por entre nenuphares em flôr, transmuda-se de repente, vibra imperativa como um som de clarim em batalha, impregnada d'odio, d'amor ou de despreso, suspirada, rugida, cantada, escorrendo fel, gottejando orvalho, pousando beijos.

O seu andar tinha o que quer que fosse de ondulado, vago e leve, como se não precisasse para caminhar de tocar no chão e se movesse no ether como uma sereia n'um lago.

Em todos os seus gestos parecia latente essa palpitação dramatica a que alludia Vallès dizendo que com um simples movimento do pé para affastar a cauda do vestido ella faz uma pisadura na carne e como um furo no coração.

Os contrastes da sua personalidade, a sua grande força nervosa e a sua grande debilidade physica, desde a frieza morta da sua bocca de marmore até á sensualidade carnal da sua orelha polpuda e sanguinea, tudo n'ella denunciava a encarnação mais perfeita da grande nevrose do nosso seculo de sensibilidade e de lucta, uma natureza artistica sobre todas privilegiada para comprehender todas as commoções da alma moderna, um fino temperamento de diamante, pedra resplandescente e immaculada, de um brilho sagrado, refractaria a todas as nodoas e a todos os attritos, capaz de revolver todos os esplendores e todas as immundicies, o que ha de mais bello e o que ha de mais torpe, sem que coisa alguma a contamine a perverta ou a diminua.

Sarah Bernhardt tinha a esse tempo uma legenda de irregularidade magnifica.

Era a celebridade mais discutida e mais contestada de Paris. Em torno do seu nome havia por toda a parte um ruido enorme de indiscrições, de anedoctas, de calumnias. Ella recebia em cada manhã centenares de cartas de amor, de descompostura, de empenho, cartas de principes de sangue, de poetas de raça, de pobres de pedir, de cavalheiros d'industria e de garotos. Dizia-se que na sua alcova de veludo preto constellada de lentejoulas d'ouro havia um esquife em que ella dormia estirada, como a estatua tumular de uma monja da idade media, tendo aos pés deitado o seu galgo e á cabeceira um esqueleto hirto, de mão estendida sobre a cabeça d'ella, allumiado do tecto pela luz de um lampadario gothico, de antiga cathedral.

FACSIMILE DE UM CROQUIS DE SARAH BERNHARDT

Contava-se que entre ella e os seus consocios da companhia do Theatro-Francez havia constantes conflictos provocados pela sua natureza inconstante, inquieta, caprichosa, e revoltada.

O theatro só não bastava para emprego da sua febril e estuosa actividade creadora. No *salon* d'esse mesmo anno estavam expostas algumas das suas esculpturas, entre as quaes um magistral busto em bronze de Emile de Girardin. Ás seis horas da manhã vamol-a atravessar o Bois de Boulogne, sofreando um cavallo a galope, com um ramo de rosas mettido no peito fazendo ranger a sella sob a pressão dos seus finos musculos, a boca entreaberta, as narinas frementes, o laço do veu palpitante á viração da manhã. De tarde subia ao ar no balão do Louvre.

Pintava e escrevia, e, durante umas poucas de horas por dia, no seu attelier de esculptura vestida de homem, em flanella branca, de collarinho Henry IV e punhos de renda arregaçados, amassava e contornava o barro humido, pesado e pegajoso.

Amava? A arte de certo que sim; o amor talvez; o homem cuidavamos então que não.

Julgavamol-a demasiadamente namorada do ideal para poder convictamente acceitar a chamma de qualquer cavalheiro particular a outro titulo que não fosse o de pura curiosidade, o de mera experiencia de pirotechnia psychologica.

A PRIMEIRA REC
A CORRENTE
ESPATANTE

NO GYMNASIO

DOS ADMIRADORES
A vera effigie do *Grego* (offerta do *Antonio Maria* ao snr conselheiro Vialle.)
RUA DOS CARELLISTAS CAMBIOS
LÁ ME ENGANEI..... É O HABITO.....
FINIS
E FATIANTE
APPLAUDIDA PELO SR. FONTES.....
É POI MORIR.....
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Para nós ella era a actriz e a esculptora; a personificação gloriosa da arte, essencialmente creadora, refractaria á obediencia, á ordem, á passividade das paixões submissas e dos affectos receptivos, de amante ou de esposa.

Casada, com Hernani! Apaixonada, por Ruy Blas! Não lhe suppunhamos outras ligações de coração.

A excentricidade violenta e a rebeldia petulante e escandalosa da sua natureza dava-lhe como artista a noção de effeitos completamente novos e imprevistos, fazendo-a beliscar no fundo do nosso coração cordas até então virgens e intactas das caricias da arte.

D'essa primeira noite em que a vimos guardamos uma impressão profunda e indelevel, a lembrança de uma commoção nova, uma nobre e sagrada ponte de febre, que nos não deixou pegar no somno até o outro dia e pela qual aproveitamos esta occasião de nos confessarmos agradecidos áquella que nol-a deu.

*
* *

Agora Sarah Bernhardt apparece-nos em Lisboa a representar no theatro do Gymnasio a preços de excepção para uso dos capitalistas da baixa e dos janotas ricos da porta da Casa Havaneza.

Deixou de ser uma discutida. Passou a ser consagrada.

Os burguezes acclamam-a como se ella fosse uma gloria d'elles, tal como o snr Antonio de Serpa, o snr Mendes Leal, o baritono Lisboa ou o snr Justino Soares. Deixou de ser a musa dos dissidentes e dos revoluccionarios. Um jornal noticiou que o mesmo snr Cócó a iria esperar em trem do municipio á gare de Santa Apolonia. O snr duque de Palmella convida-a para uma *matinée* em sua casa e o snr conde d'Almedina vae offerecer-lhe um baile. A *Chronica Musical* ha de consagrar-lhe uma mazurca. A senhora Cecilia Fernandes dará o nome d'ella a um dos seus chapeus. A senhora D. Guiomar Torresão, ligando-se-lhe pelos laços da confraternidade artistica e litteraria ficará a cartear-se com ella no futuro. O snr Fontes Pereira de Mello em nome dos poderes constituidos applaudil-a-ha do seu camarote com todo o enthusiasmo compativel com a gravidade das circumstancias e com o decoro da governação. E o snr engenheiro Paes, depois de ter achado lá para o fim do seculo o logar em que definitivamente tem de ser collocado o edificio do Correio Geral, passará nos seus estudos subsequentes a determinar o logar em que se ha de pôr esta artista no pantheon da posteridade.

Dir-nos-hão talvez que ella não tem culpa das admirações, tão lastimosamente geraes, que provoca. Bem se sabe que não tem culpa. O snr Perivier tambem não teve culpa nenhuma do desastre que lhe succedeu no conflicto com o snr Lessueur. E todavia não seriamos nós que quereriamos almoçar com o snr Perivier n'esse dia, assim como tambem não queremos ir esta noite applaudir a senhora Sarah Bernhardt. Fatalidades!

A ex-mademoiselle Sarah Bernhardt é hoje madame Damala. Legitima mulher d'um sympathico actor grego, *d'un jeune premier helenico,* sua excellencia regularisou a sua existencia na dignidade burgueza, conquistou o direito ás convivencias e ás visitas de todas as senhoras serias e de todos os homens tementes a Deus desde os snrs marquezes de Penalva e de Vallada até aos snrs encommendados da Sé; mas ao mesmo tempo divorciou do publico de que nós somos uma humilde parte.

Este casamento real, a serio, da Dama das Camelias com Armand Duval escandalisa-nos como uma mistificação de que fomos victimas.

Nós julgavamos que Margarida morria na scena unicamente d'aquelle *amor divino* do qual nos diz Musset que morreu a Malibran.

Se não é pela arte mas sim pelo proprio snr Armando em pessoa que ella morre, então o caso muda de figura. Nós congratulámo-nos, mas pedimos licença para deixar d'applaudir.

Se os illustres conjuges justapôem o seu amor na scena com a sua lua de mel em casa, a festa então torna-se dupla, e nós retiramo-nos por descrição.

Receamos ser ainda uma vez obrigados a admirar e lisongea-nos mediocremente ter de accender a vela do nosso enthusiasmo e mettel-a no nosso coração como n'um castiçal para allumiar um idyllio que se prolonga da fixão até á realidade e não termina precisamente no mesmo momento em que cae o panno.

SARAH BERNHARDT

Dizem no Gymnasio que ella cahiu aqui como uma bomba.

A nós parece-nos antes que ella cahiu aqui como uma agulha n'um palheiro.

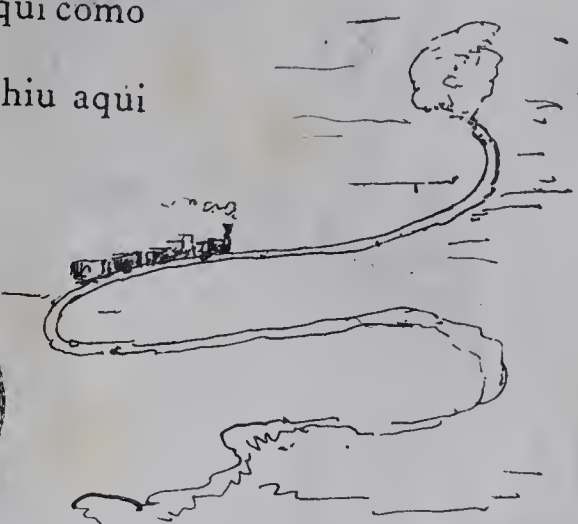
Depois da Empreza do Gymnasio e das casas de Penhores quem está jubilando mais com a presença de Sarah Bernhardt é a Rhetorica Nacional, porque a illustre extrangeira vem cohonestar com a sua magresa alguns velhos tropos que cahiam de cansaço e de descredito ao longo da nossa oratoria; taes como:

O estado pavoroso do nosso thesouro, snr presidente!

O fio da discussão.

A faisca do genio.

A cauda da hydra decepada pelo snr Arrobas.



A linha de Torres.

O palito metrico.

O cirio da Atalaia.

A corda da lyra.

A vara da justiça.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

SARAH BERNHARDT

Na gare de Santa Apolonia alguns admiradores, vendo que ella não dava pelo nome de Bernardá e que só dava pelo nome de Anselmo, tiveram um momento d'horror.

Procurando melhor encontraram outra que tambem não dava por Bernarda mas sim por Moretti.

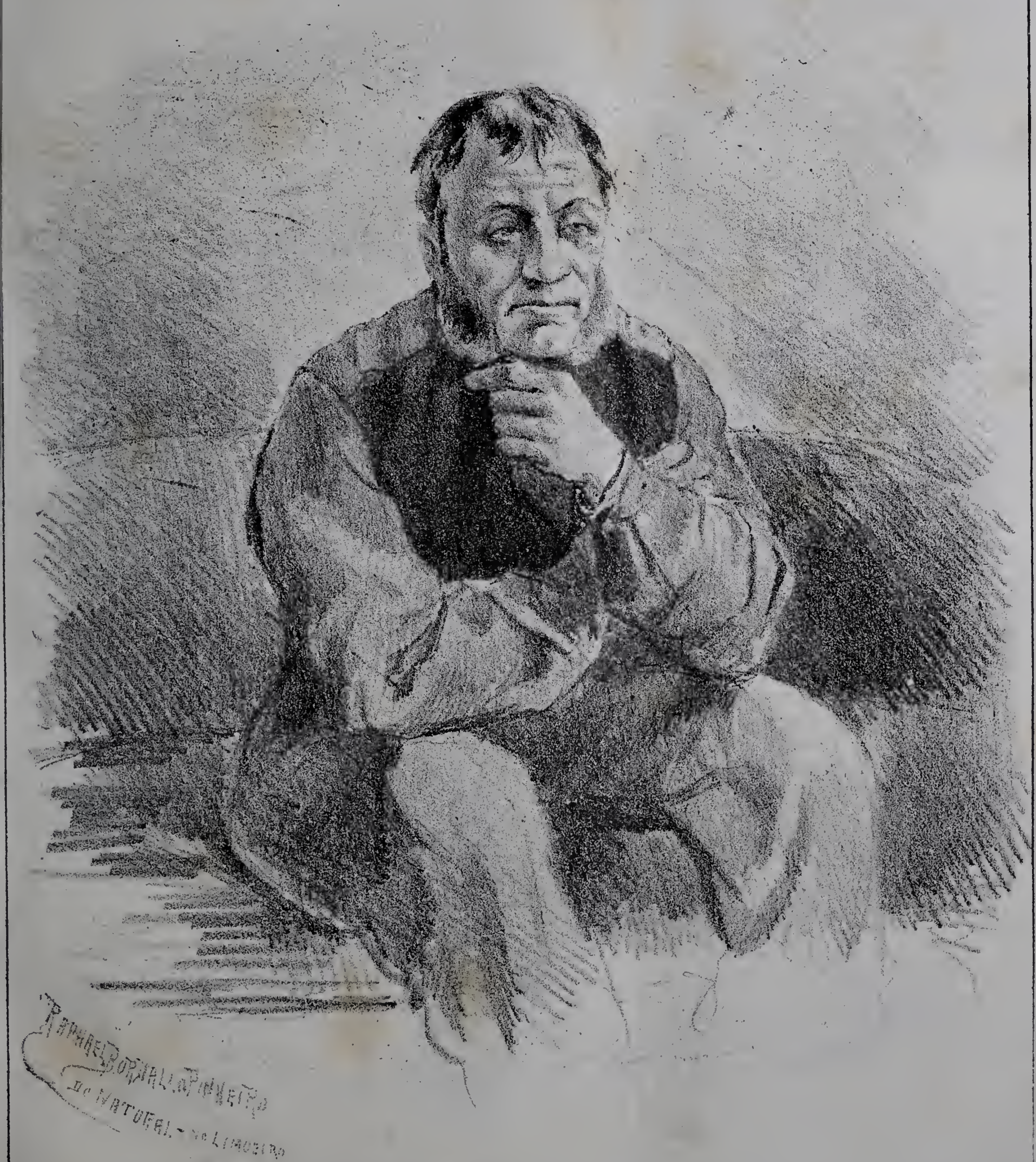
Segue-a o snr Mathias Lopes com o intuito de a confrontar com a senhora D. Guiomar Torresão fazendo ver aos povos por esse meio o que é o talento da mulher ANTES DE TOMAR CHOCOLATE e DEPOIS DE TOMAR CHOCOLATE.

—«Unico negocio que me fugiu!

Vou dar-lhe um fogo preso.

O INNOCENTE CONDEMNADO

MANOEL GONÇALVES, O *PARADA*, PRESO NAS CADEIAS DO LIMOEIRO



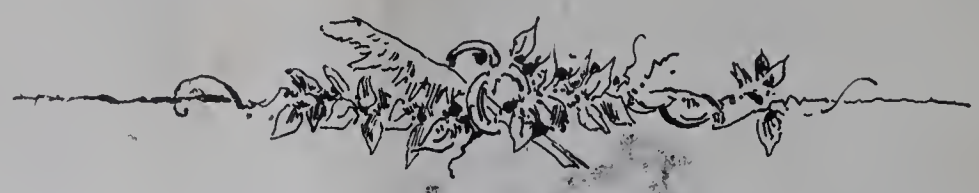
Um sujeito que ha dez annos devia estar enforcado se ainda existisse a pena de morte pela qual ainda alguns suspiram — para uso alheio...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

RAMALHO ORTIGÃO

O notavel jornalista que tivemos por companheiro no *Antonio Maria*, depois da partida para Paris do nosso infeliz amigo Guilherme d'Azevedo, declarou-nos não poder continuar na redacção d'este jornal, por motivos alheios á nossa vontade.

O *Antonio Maria* não póde deixar de gravar nas suas paginas um testemunho de muito reconhecimento pela honra que recebeu podendo publicar artigos de critica elevada como os do illustre escriptor que acaba de nos deixar.



O PARADA

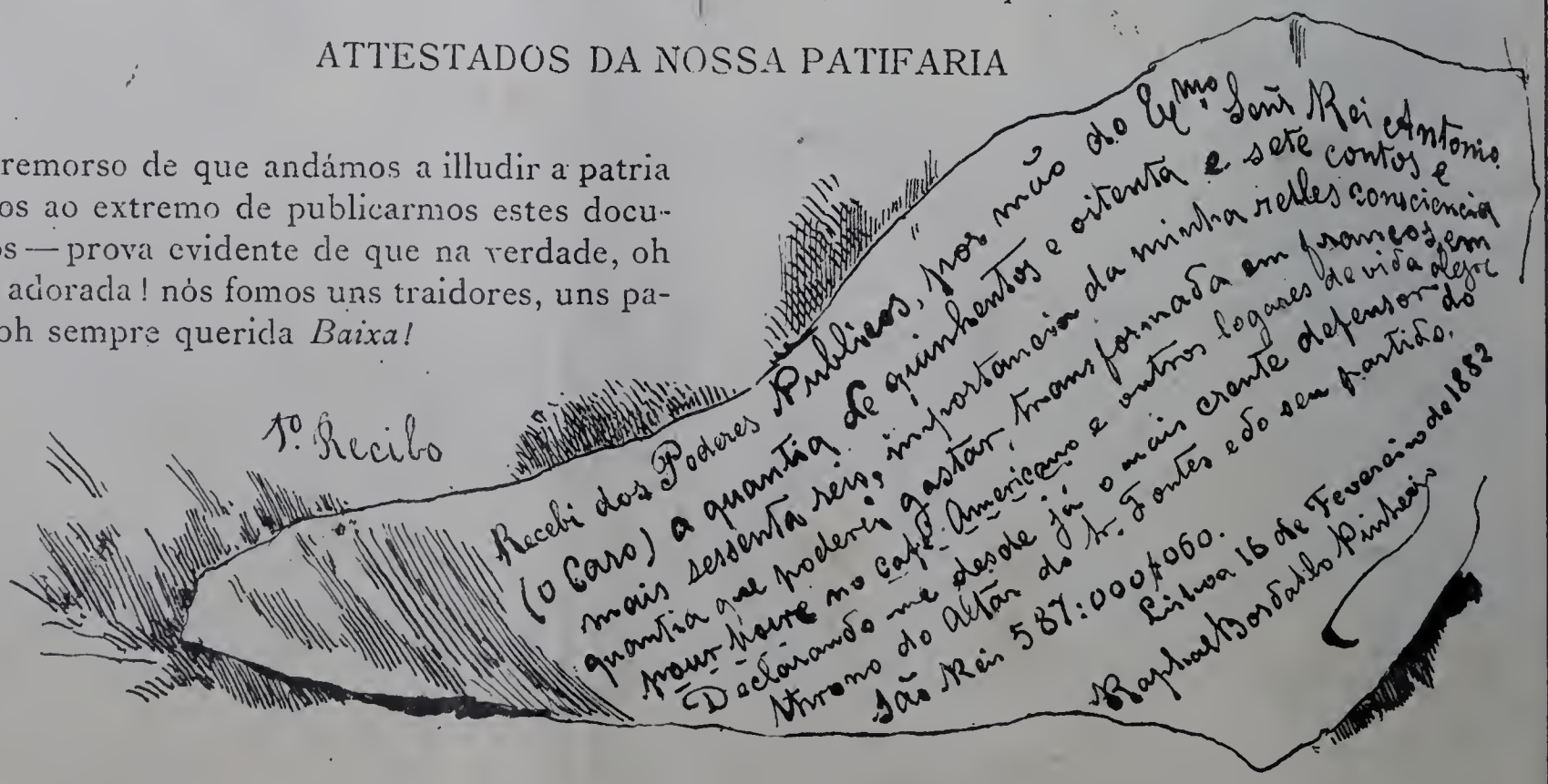
Ha dez annos que a justiça portugueza chegou aos paroxismos da indignação por não ter ao seu alcance uma forca e um carrasco para dependurar um tal Parada, que segundo o auctorisado testemunho de varias pessoas tinha morto um homem, que demais a mais era padre. Um respeitavel juiz chegou mesmo a amaldiçoar os Mindelleiros, que tinham acabado com a unica coisa boa que havia no paiz — uma forca, e a opinião publica e a imprensa periodica tiveram impetos de colera contra Victor Hugo e outros bandalhos que andavam a fazer costas aos assassinos, para impunemente pôrem as tripas ao sol ao resto da humanidade.

Emfim, á falta de um esganão bem puxado, a justiça humana teve de se resignar a atirar com o facinora para o fundo de uma enxovia, dizendo-lhe á despedida: — agradece-nos a boa vontade, que era para mais do que isto. O Parada, que segundo o testemunho insuspeito de pessoas serias e a infallibilidade da justiça humana, era um assassino contumaz e endurecido no crime, não se deu por agradecido e levantou-se com o santo e com a esmolla! Irra! que já é ser ingrato! Não o enforcam e dão-lhe casa de graça e elle ainda em cima quer encravilhar outro, berrando que está innocente! Nunca se viu uma coisa assim!

Mas a justiça é de carne e osso; tem entranhas e tem consciencia. E se ella se tivesse enganado condemnando o Parada! De certo que a justiça teve uma pontinha de remorso, porque d'ahi em diante nunca mais lhe cahiu nas unhas assassino, moedeiro falso, incendiario, falsario, a quem ella não posesse na rua com medo dos enganos. E fez bem, porque ella tinha-se effectivamente enganado com o Parada. Talvez com melhores fundamentos que os do processo vae-se provando que o Parada estava innocente, e os Mindelleiros, Victor Hugo e outros bandalhos tornaram a ganhar os creditos perdidos na defeza da pena de morte. A justiça porá em liberdade o desgraçado que teve preso dez annos e dir-lhe-ha á sahida do Limoeiro a phrase amavel e genuinamente portugueza que serve tanto para a pisada de um callo como para uma facada por engano: — *tenha paciencia!...*

ATTESTADOS DA NOSSA PATIFARIA

O remorso de que andámos a illudir a patria leva-nos ao extremo de publicarmos estes documentos — prova evidente de que na verdade, oh *Baixa* adorada! nós fomos uns traidores, uns patifes, oh sempre querida *Baixa!*



Mas nós acima de tudo somos venaes, snr. presidente! e de novo nos vendemos conforme se vê do documento que segue:

Recebi da Exma Snra D. Luiza Michel (collega da madama D. Angelina Vidal) a quantia de quinhentos reis - em moeda franceza - dois francos e cincoenta para voltar a fazer chinfrim assolando a Hydra no meu Paiz.
São R$ 500. Paris 8 de abril de 1882
Raphael Bordallo Pinheiro

E aqui ficamos á espera de quem mais nos dê! É lançar, meus senhores, é lançar!...

NO CONSELHO D'ESTADO

Falla este snr.

Este applaude.

Espanto geral.
Ha fusão?... Não!

Julgava estar ainda a applaudir a Sarah por pedido da snr.ª Ratazzi!

REVERSO DA MEDALHA

DEPOIS DAS RECITAS DE SARAH

Representava lindamente! Commoveu-me... recommoveu-me... tornou-me a recommover!... Ainda estou recommovido! Guardo com a *cautella* a lembrança do seu talento. Ai!... E todos os mezes, talvez em todos da minha vida, eu hei de ter a recommoção... dos juros!

A NOSSA QUERELLA

Baixou a nós um raio de luz divina disfarçado em querella. Altamente reconhecidos, ficamos em extasi esperando a hora em que nos devemos sentar no adorado banco dos reus, para exclamarmos parodiando Proud'homme: *Este banco, snr. juiz, é o melhor dia da nossa vida!...*

O QUE OS FRANCEZES

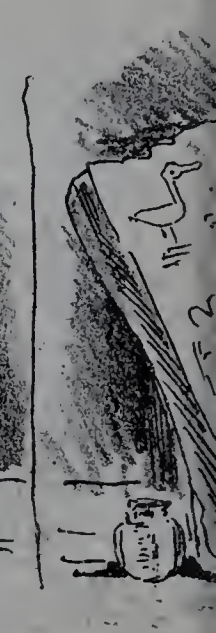
Elles julgam que a nossa posição geographica é esta...

que são estas as nossas florestas...

e estes os nos
maes...

e este o nosso elegante...

e assim a nossa arte...

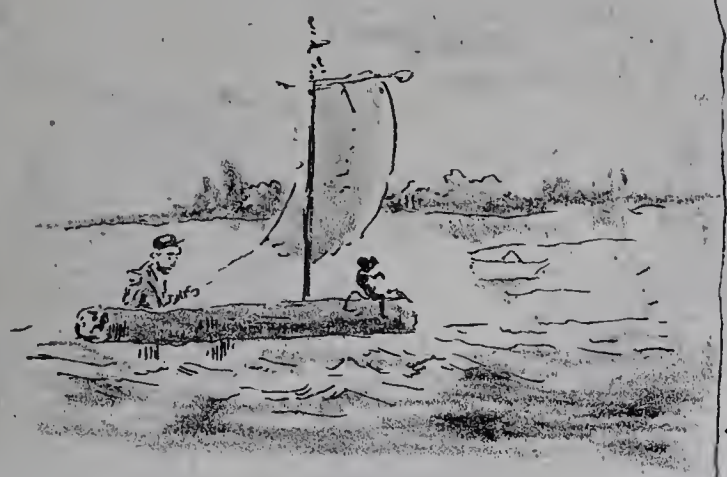


E o snr. Mendes Leal que ainda os não desmentio e que ainda lhes não disse ao ouvido que no genero féra, bem féra, a fallar verdade só temos uma—um *Tigre*, e este mesmo tão bom, tão docil, tão meigo, tão risonho, que até consente em andar pela rua de sobrecasaca, chapeo alto e botas de cano!

Felizmente para nós Sarah Bernhardt não deparou com as florestas de tupinambás com que sonhára.

D'es
os gov
com er
visitar

NSAM A NOSSO RESPEITO



e esta a nossa marinha...

e estes os nossos costumes...

e assim a nossa litteratura...

e assim o nosso governo...

e assim o nosso rei...

do é muito mais conveniente que eliminem do orçamento a despeza das, e convidem as celebridades a

para terem a certeza de que o hotel *Braganza* não é bem a ultima das cubatas,

nem nós somos mais negros do que os filhos do Bihé, de beiço grosso e pennas hilariantes na carapinha espessa.

POLITICA

A PROPOSITO DOS CONSELHOS DE DISTRICTO DE VIZEU E AVEIRO

ESTADO DO REINO

S. Ex.ª acha-se embaraçado...
O que sairá d'aqui?

SARAH E O CODIGO

Os estudantes de Coimbra não podendo dar vivas a Sarah Bernhardt passaram a dar vivas ao Codigo Civil.

UMA DESCOBERTA

Sarah trazia no alto da cabeça um mysterio! E tu, capital ingenua, sabes o que era esse mysterio, escondido no seu pennachinho de cabello? O cano de vapor de que era caldeira aquella cabeça loura. Vapor é o que ella tem lá dentro! Só assim se explica a velocidade com que viaja — e a velocidade com que declama!

RECEITA THEATRAL

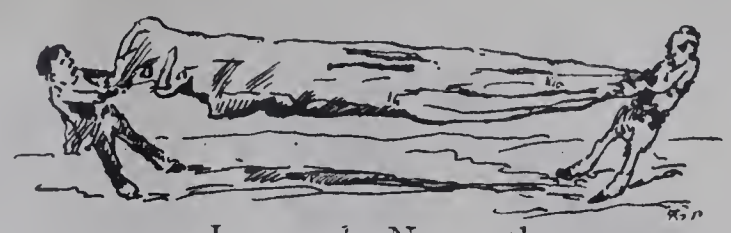
Sarah Bernhardt foi por uns dias o oleo de figados de bacalhau que fortaleceu um pouco o anemico Gymnasio. Para que este senhor continue a gozar das melhoras que disfructou em 4 recitas, offerecemos a Pinto este medicamento que substitue em tudo o Oleo-Sarah:

«Cabeça da Moretti;

«Cabellos de menino;

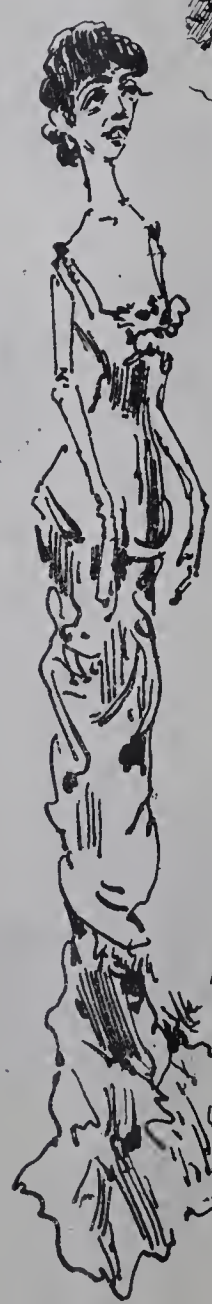
«Corpo do alturas;

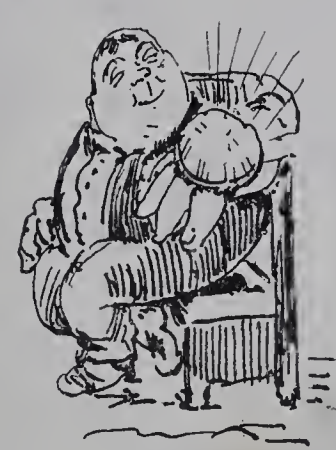
«Braços e gestos do Antonio Pedro no *Bébé;*



«Luvas do Nazareth;

«Toilette do Cohen;





«Brilhantes do Prior.»

Que Pinto dê ao Gymnasio, para que o doente sacuda e chupe por uma palhinha...

Raphael Bordallo Pinheiro

RESTOS DE SARAH

O BEIJO REAL

Para lh'o depôr na fronte Elle abaixa-se e Ella levanta-se...

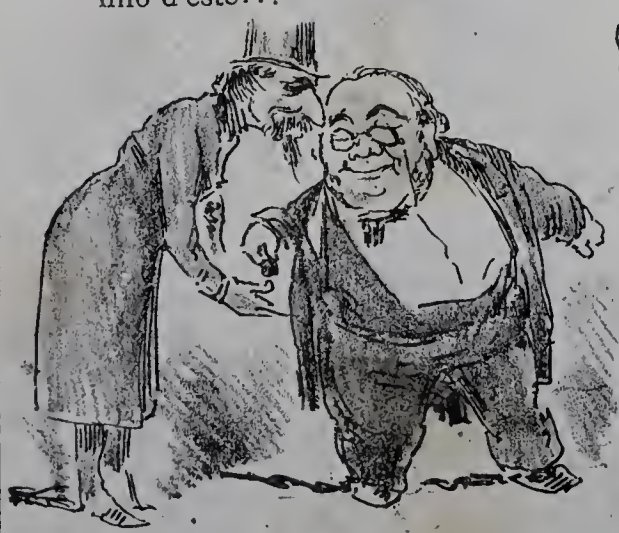
Para que o real mimo fosse saboreado como beijo real que era, Ella resolve passal-o, abaixa-se e Taborda, ai!... sensibilisado, levanta-se...

E este afflicto, zás! na penca d'este...

Que trepa e traz! no beicinho d'este...

Que se enrosca e catatráz! o passa a este...

Que trepa para o balcão, e catrapuz! na pêra d'este...

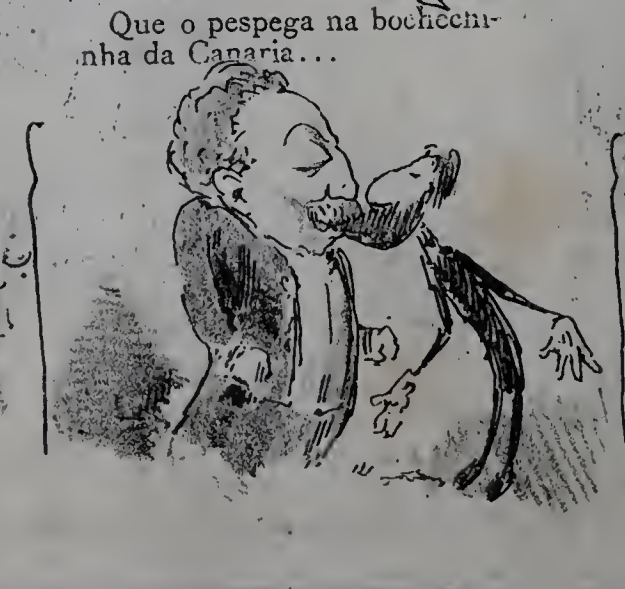


Que por um pataco o vende a este...

Que o pespega na bochechinha da Canaria...

Que ao *Topa-a-Tudo* o dá, que o dá ao ministro

Que o beijo agarra...



Que o beijo sorve...

E que faz do beijo a muito repenicada ordem do chôcho!

O HEROE DO CENTENARIO

Empalmar e apagar!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

SALAMANCA

Ha vinte annos Salamanca produsia unicamente estudantes que nas ferias alegravam a peninsula com os seus concertos de pandeiros e castanholas. Estes estudantes transformavam-se com o correr do tempo em doutores que vinham a ser o terror dos clientes pela quantidade de sciencia que tinham embutido e que faziam pagar cara depois de mal digerida.

Sete lustros completos e mais uns pósinhos não são coisa que envelheça tanto que não nos lembremos de ter visto uma vez, quando começavamos a lêr por cima, um grupo de estudantes de Salamanca, com a batina rota, uns *sombreros* amachucados, sapato e meia, e as guitarras cruzadas no peito ou as pandeiretas debaixo do braço.

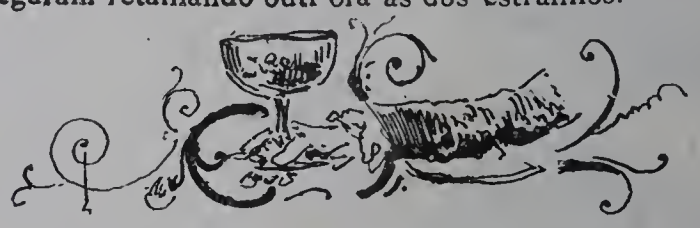
Ditoso tempo em que Salamanca apenas nos lançava a suave contribuição do seu *sulero,* que consistia n'uns pintos e n'uns olhares ternos atirados das janellas aos garbosos estudantes, nenhum dos quaes, para exportação, era menos do que parente dos Medina Celi ou dos Fernan Nuñez. Salamanca era então um nome sympathico a Portugal; representava a graça, a alegria, a vida airada, a *bohemia;* tinha o que quer que era de uma pilha electrica nos nossos costumes pacatos e pautados; era o terreno neutro da Hespanha, um oasis hospitaleiro onde todos se apertavam as mãos no meio do deserto onde só vegetava a desconfiança.

Ai! Salamanca! quem diria que tu havias de ser a mais perfida das cidades, que os teus estudantes, as tuas canções, as tuas guitarras, seriam precursoras da mais nefasta praga d'estes tempos, d'um syndicato, o qual por sua parte não podia deixar de ser pae de uma tratada?! Quem diria, ó Salamanca! que havias de trocar a tua celebridade como centro de estudo e ninho da mocidade alegre e buliçosa, pela simples menção de theatro de feira, onde Burnay e a sua *troupe* mostram ao publico a habilidade com que fazem desaparecer alguns milhares de contos dos bolsos de Portugal para os metterem na algibeira da Hespanha.

Mas a opinião publica assiste tranquilla ao espectaculo, como quem vê na scena a reproducção do seu viver particular. *Cada qual governa-se*, é a divisa de cada um nos modernos tempos e por isso não se atreve a patear os que se *governam* na scena de Salamanca, para não estabelecer um precedente desfavoravel. A vontade era boa, porque os saltimbancos de Salamanca governam-se por atacado, mas os espectadores da superior não perdem a esperança de levar rasca nos lucros da *troupe,* e os da geral, convencidos de que nunca hão-de passar da cepa torta, acham graça ao espectaculo, sem se lembrarem de que o hão de pagar mais caro do que ninguem.

Subsidiar um caminho de ferro em paiz estranho é originalissimo, subsidial-o em Hespanha chega a ser phantastico. Mas ninguem se oppõe, porque desde que se proclamou o trespasse d'este estabelecimento denominado Portugal, de que trata cada um dos interessados é de salvar a sua parte. Não sabemos se alguem mais timorato ou mais seguro já a vendeu com algum desconto ao vizinho que anda ha tempos com ideia de tomar o estabelecimento, para alargar o d'elle, abrindo uma porta de communicação de um para o outro.

É certo que as phylarmonicas repetem os seus mais enthusiasticos hymnos, os oradores sacodem de quando em quando o pó aos seus discursos, o governo conserva arrecadado a sete chaves o seu melhor Te Deum, a commissão 1.º de dezembro areja de tempos a tempos as suas casacas, o paiz inteiro conserva no fundo do coração um cantinho de patriotismo, para commemorar annualmente a restauração de Portugal; mas nada d'isto impede que se approve o tratado de Salamanca, que se apertem os laços de amisade entre os dois povos irmãos, por meio de um valioso subsidio, como se estreitou a amizade de dois reis com varias festas e jantares, e afinal que, um dia, depois de conhecidas as respectivas indoles na mais doce convivencia, os dois paizes celebrem á face das nações a sua união legitima, e então indissoluvel. E se no dia da boda, o monumento aos restauradores, para evitar susceptibilidades, for transformado n'uma fonte d'onde corram o limpido Xerez e a suave Manzanilla, poderá brindar-se com a taça da amizade, sem susto de que os 40 homens fortes se ergam das sepulturas para retalharem as carnes dos seus degenerados compatricios, arrependidos do exforço que empregaram retalhando outr'ora as dos estranhos.



OS DOIS ESCOLHOS

A VERDADEIRA VALSA «LES ROSES»

Sob a direcção do maestro floricultor Paul Plantier

Depois da ultima exposição comprehende-se que são muito melhores as rosas de Plantier do que as rosas de Olivier Metras. Devemos confessar que é mais agradavel ir *vêl-as* a Almada, do que ir *ouvil-as* ao Passeio, ás cinco horas da tarde. Em rigor as rosas dão-se melhor nos alegretes... do que nas philarmonicas!

QUINTETTO DE CRYSTAL

É a primeira vez que uns calices vasios agradam aos mais finos amadores. Nos paizes do vidro ficará assente d'hoje para o futuro que só se tolera um copo... sem Xerez! quando fôr offerecido pelos artistas do quintetto.

A QUESTÃO SARAH BERNHARDT

O SNR. P.

?

Responde-me ó P., quem és?
(Sou curioso, bem vês...)
És um p., ou és dois p. p.?
Tens só dois... ou quatro pés?!

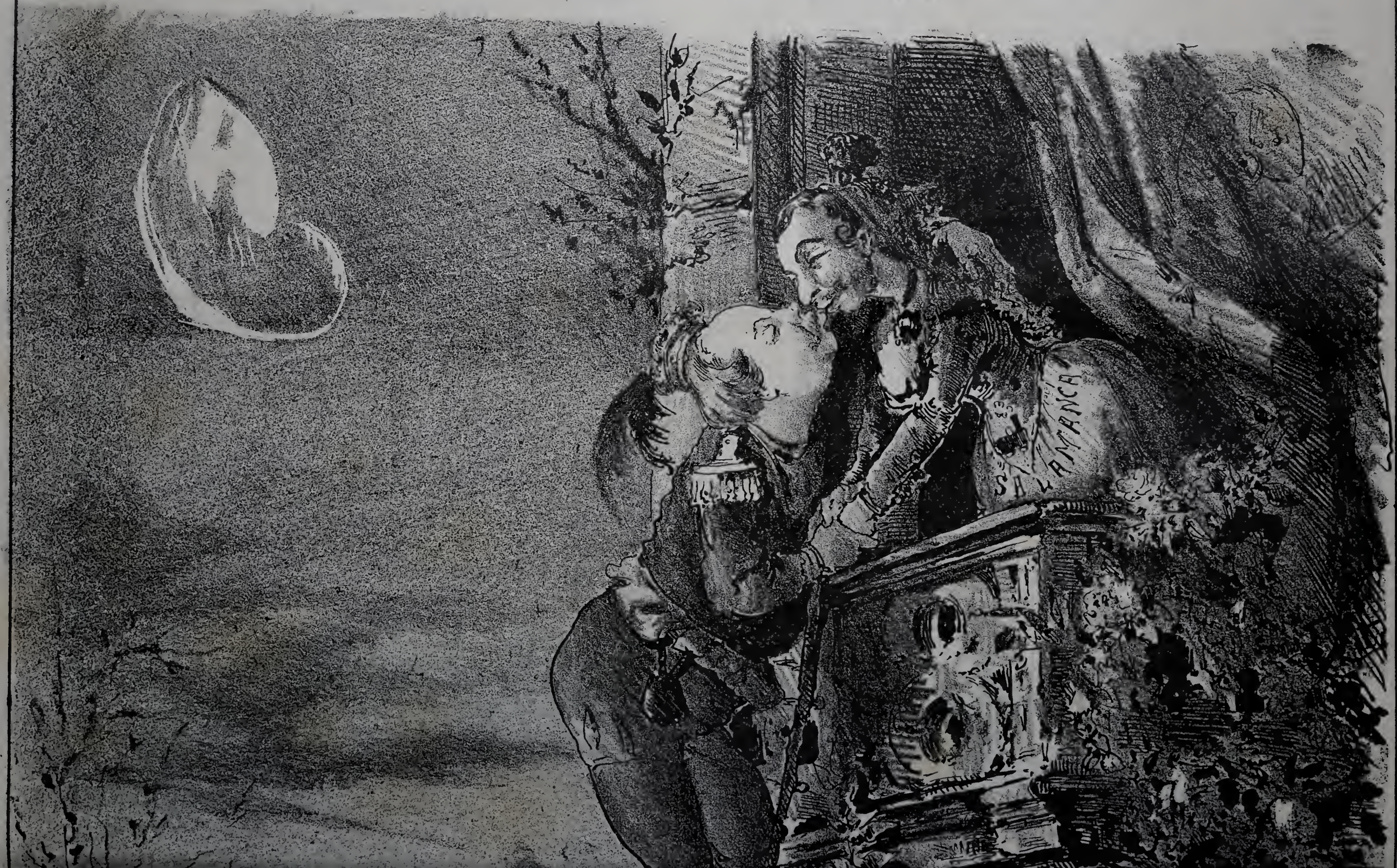
Serás o p. de pupilla?
Serás o p. de pedante?
Serás o p. de penante?
Serás pálla... pélla... pilla...?

Serás um p. com decencia?
Serás o p. d'um poeta?
Serás o p. d'um pateta?
Serás o p. ... paciencia?

Serás o p. de patrulha?
Serás um p. peralvilho?
Serás palha?... Serás *pillo*?...
Serás *pollo*... ou serás pulha?!

?

O SYNDICATO DE SALAMANCA



... è perder-lhe o tempo e o feitio!

A HYDRA NO PACO

D. SAMODÃES — O CONDE

XACARA

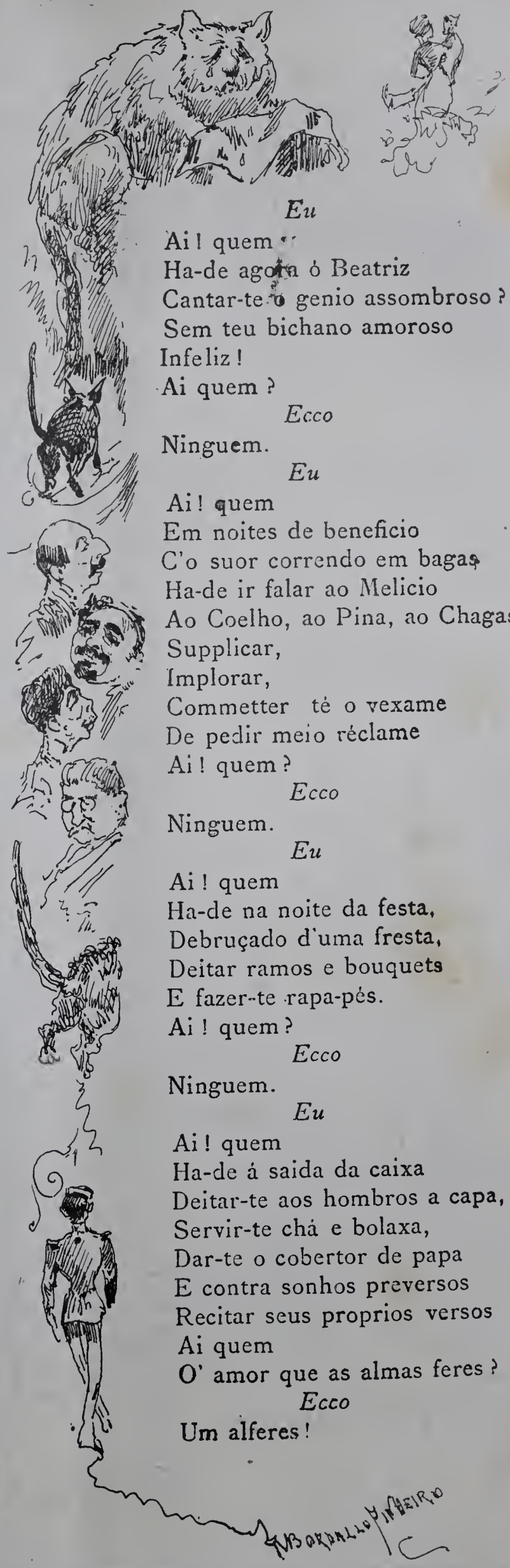
Quem és tu, D. Cavalleiro?
Onde te vaes? D'onde vens?
—Sou o gentil Samodães,
Vou á Serrra do Sameiro.

—Vou mostrar o santo ardor,
Da minha luzente espada,
Em catholica cruzada,
Por El-Rei Nosso Senhor!

—Vou conjurar essa *praga*
Que «Pombal» se intitulou!
Vou cantar o *Rei chegou*
Ao som dos sinos de Braga!

—Vou em santa romaria,
Á senhora do Sameiro!—
Deus te guie D. Cavalleiro...
Padre nosso — Ave Maria.

?



Eu

Ai! quem
Ha-de agora ó Beatriz
Cantar-te o genio assombroso?
Sem teu bichano amoroso
Infeliz!
Ai quem?

Ecco

Ninguem.

Eu

Ai! quem
Em noites de beneficio
C'o suor correndo em bagas
Ha-de ir falar ao Melicio
Ao Coelho, ao Pina, ao Chagas,
Supplicar,
Implorar,
Commetter té o vexame
De pedir meio réclame
Ai! quem?

Ecco

Ninguem.

Eu

Ai! quem
Ha-de na noite da festa,
Debruçado d'uma fresta,
Deitar ramos e bouquets
E fazer-te rapa-pés.
Ai! quem?

Ecco

Ninguem.

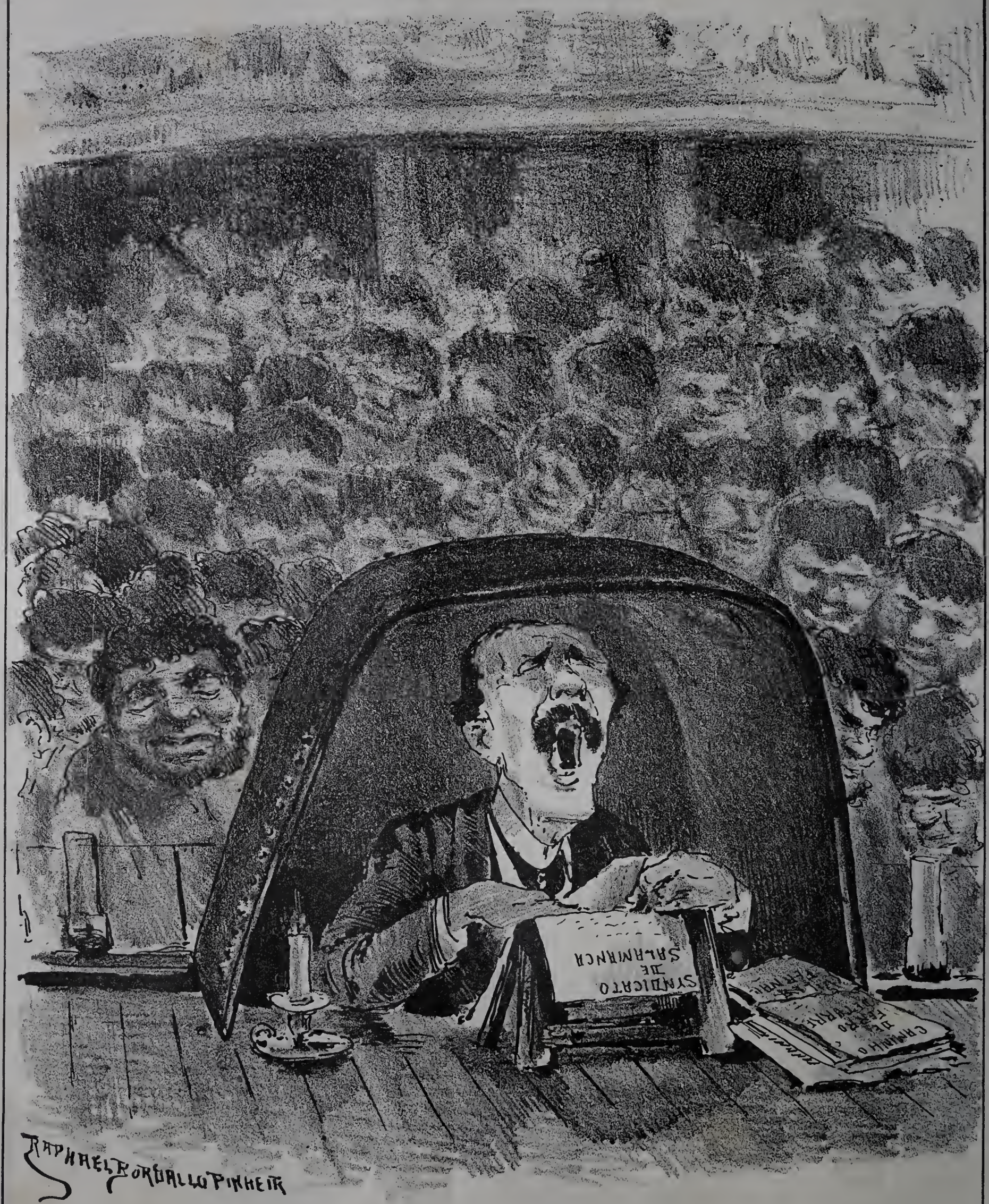
Eu

Ai! quem
Ha-de á saida da caixa
Deitar-te aos hombros a capa,
Servir-te chá e bolaxa,
Dar-te o cobertor de papa
E contra sonhos preversos
Recitar seus proprios versos
Ai quem
O' amor que as almas feres?

Ecco

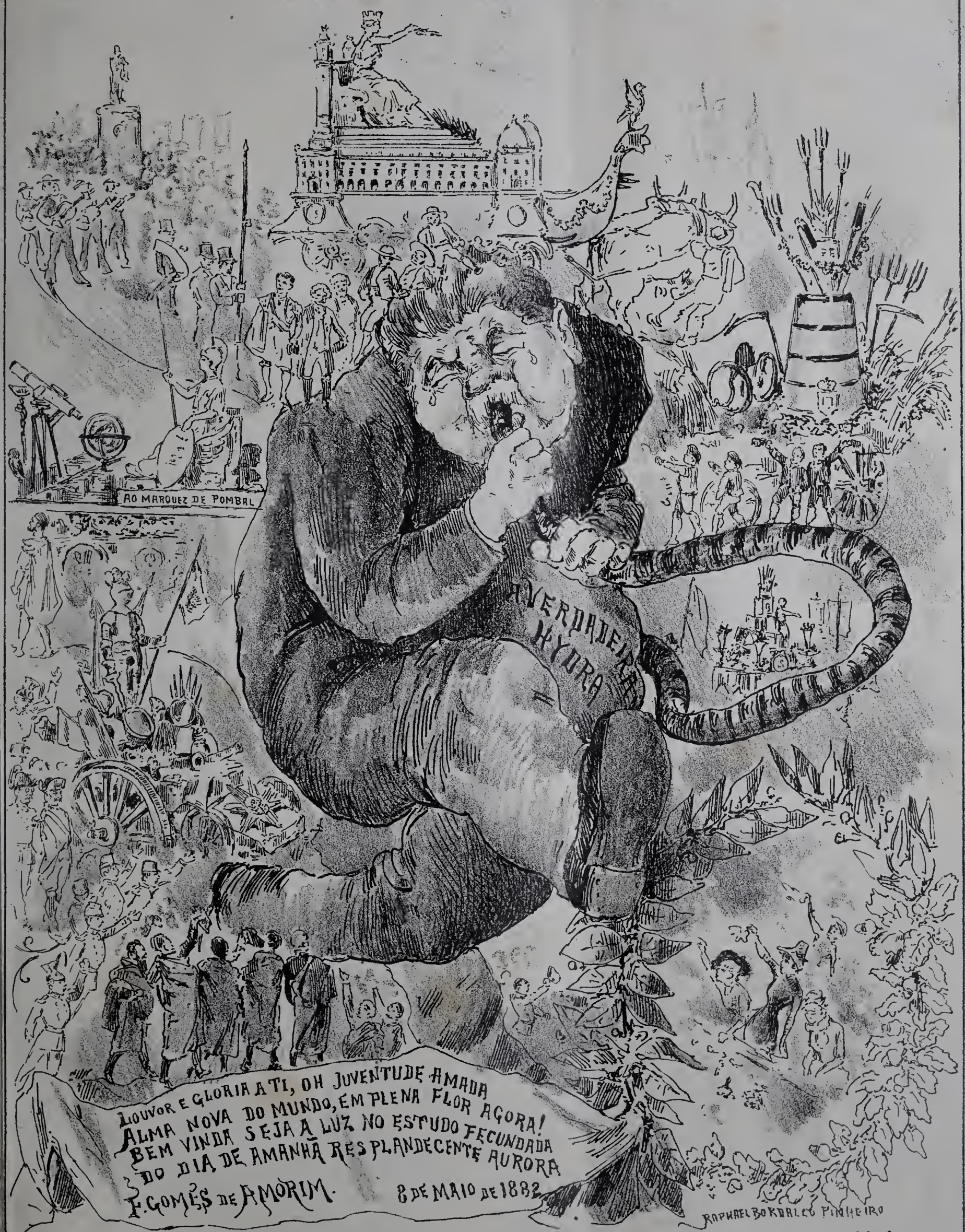
Um alferes!

A SCENA PORTUGUEZA



O Ponto.

O CENTENARIO



Elle bem desejou estrangular a hydra. Apezar de tudo a hydra andou livremente pela cidade... Hurrah! pela mocidade academica! Hurrah! pelo povo!

O CENTENARIO NO PORTO

Ha mezes para que na *invicta* houvesse bandeiras e foguetes foi necessario arranjar um syndicato. Ha dias para se organisar um bello cortejo civico foi necessario apenas — a vontade popular. Nas festas do Porto o carro da imprensa da *Folha Nova* teve um exito completo.

OS BORRACHOS DO POMBAL
N'esta festa das escolas,
Reconheceu-se afinal,
Que a geração do pombal
Fôra... pombos mariolas.
São negros... pellados... tôrvos...
(Tanto as femêas como os machos)
Não admira, os borrachos
Foram creados por corvos!
?
SYNDIC
O que poderiam ser os descendentes do marquez de Pombal pelos seus proprios merecimentos.
O que seria o marquez de Pombal se tivesse ao seu lado este homem ?!
O que são os descendentes do marquez de Pombal pelos merecimentos do avô.
Era capaz de subir a isto:
Como elles agradecem o pão que comem e as honrarias que disfructam.
E com o tempo talvez até chegasse a isto:
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A EXPULSÃO

Vejam *vóssorias* o que eu faria

OS JESUITAS

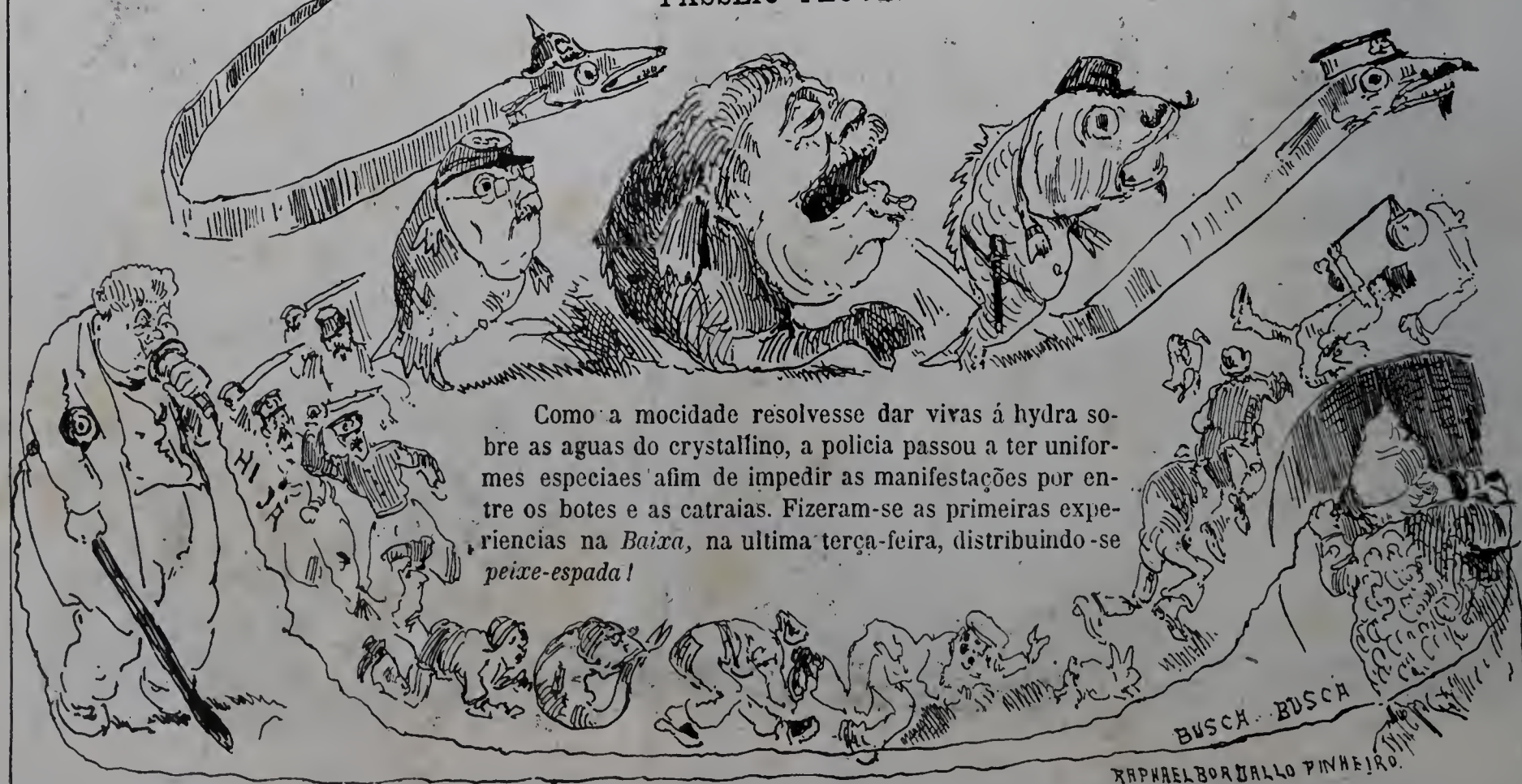
sr. marquez de Pombal...

FESTEJOS POMBALINOS

Onde está elle?

Onde está elle?

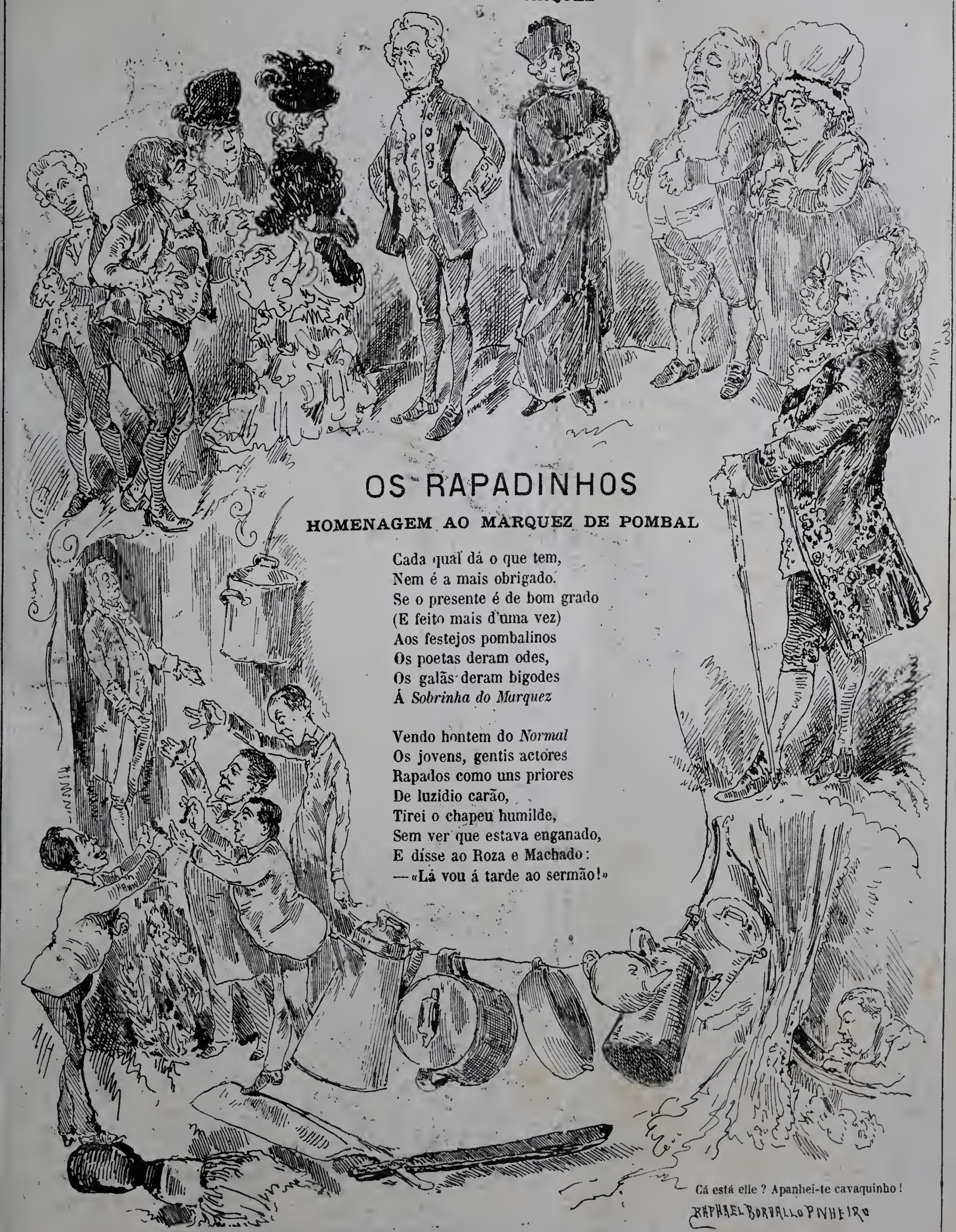
PASSEIO FLUVIAL



Como a mocidade resolvesse dar vivas á hydra sobre as aguas do crystallino, a policia passou a ter uniformes especiaes afim de impedir as manifestações por entre os botes e as catraias. Fizeram-se as primeiras experiencias na *Baixa*, na ultima terça-feira, distribuindo-se *peixe-espada!*

THEATRO DE D. MARIA II

A SOBRINHA DO MARQUEZ



ARROBAS O MACACÃO

COPLAS PARA SEREM CANTADAS COM MUSICA DA «MASCOTTE»

I

Meu Arrobas macacão
És um homem do diabo,
Por causa da procissão
Muita volta déste ao rabo!
És um bicho esquentadiço
Fama tens de bem feroz
Os indigenas por isso
Dizem só com medo atroz:

«P'r'a rua não vão,
não, ai, não!...
que anda solto o macacão
Arrobas!»

Mas ninguem tema o macacão,
qu' hão de deitar-lhe
qu' hão de deitar-lhe,
Não, ninguem tema o macacão,
qu'hão de deitar-lhe a mão!
(repetição do estribilho em côro)

II

Porque foi que o ministerio
Não andou na procissão?!
—Porque o caso é grave e sério..
Anda solto o macacão!
Porque não foi o Macedo
Sendo um general pimpão?!
—Ora essa... a coisa é medo...
Anda solto o macacão!

Ir á festa, ai não!
isso não!
que anda solto o macacão
Arrobas!
Mas ninguem tema o macacão, etc.
(repetição do estribilho em côro)

III

Porque não foi lá o *Caro?*
Qual o motivo, a razão?
—Porque ao homem deu-lhe o faro,
D'andar solto o macacão!
Porque, o senhor de Guiné
Não girou na procissão?
—Não podia andar a pé,
Que é feroz o macacão!
Ir á festa, etc.
Mas ninguem tema, etc.
(repetição do estribilho em côro)

IV

Dize Arrobas porque foi
Que assim podia obrigar
O neto do grande heróe,
Para Oeiras se safar?
—A razão é manifesta
Festejava-se um *leão!*
Não podia entrar na festa
Quem só é... um macacão!

Ir á festa etc.

?

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A MAIOR ESPIGA D'ESTE ANNO

REPRESSÃO Á IMPRENSA

De novo veio cair no seio da representação nacional a deliciosa questão dos desmandos da imprensa. Um representante fez rebentar a bomba do bello assumpto sobre a pança opilada da camara, aturdindo os ouvidos dos paes da patria.

Soltas as primeiras palavras a camara ficou boquiaberta, o olhar torvo, o labio tremulo, a respiração cortada — sem saber como decidir.

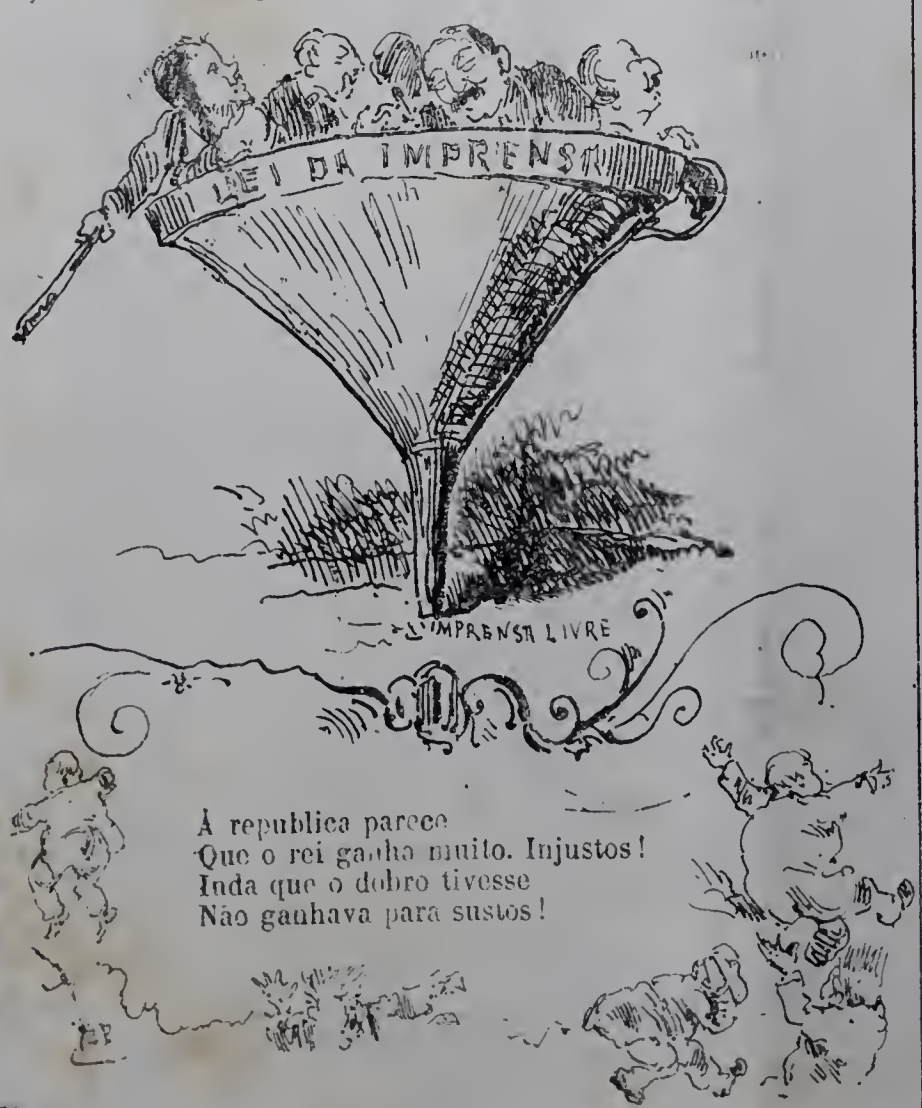
Vieram varios copos d'agua; espectoraram-se opiniões... Então os representantes entreolharam-se, piscaram o olho ao sr. presidente, e declararam nos corredores que seria bom acabar de vez com a pouca vergonha!

Estamos d'accordo. E' necessario, ó paes da patria! que esta bambochata acabe... Quando o grupo A. é governo, o grupo B. corre á pedra o poder moderador. Quando o grupo A. corre á pedra esse poder, é certo e mais que certo que é B. que governa!

Depois vem as questões do costume: Pedrada para um lado, pedrada para o outro. Os jornaes esfrangalham-se e enlameiam-se na contenda. Insulta-se, vilipendia-se, deshonra-se tudo e todos, não se respeita a dignidade pessoal, estalam os insultos, cospem-se as ultimas infamias, atiram-se os ultimos escarros — o jornal as *Instituições* escreve os seus artigos contra o jornalista Sampaio. Obras primas no genero.

E no meio de toda esta vergonhosa contenda os jornaes republicanos, firmes e convictos nas suas ideias, descrevem pittorescamente todo o grande espectaculo.

E em cima de tudo isto o *Antonio Maria* solta a sua gargalhada franca e sincera, e applaude a ideia da repressão á imprensa, para ainda ver os proprios declamadores engulir injurias que outr'ora vomitaram!



A republica parece
Que o rei ganha muito. Injustos!
Inda que o dobro tivesse
Não ganhava para sustos!

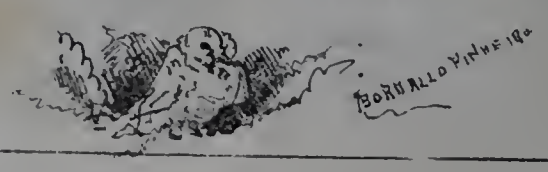
A opposição propoz em camaras, ao governo, uma lida defensiva contra a republica das letras. Não sabemos se esta terá a importancia politica da liga de Cambraya, formada por Luiz XII, Fernando de Aragão e mais dois, contra a republica de Veneza, mas podemos assegurar que se não fôr de *Cambraya*, com *C* grande, hade pelo menos ser de *cambraia*, com *c* pequeno. Mas de cambraia fina, cambraia de linho: uma liga elastica, como as consciencias dos *tecidos* que a formam e com fechos de ouro — como os sonetos erocticos de Bocage.

Pela nossa parte, aguardamos a *liga* com enthusiasmo e de mão no nariz, esperançados em que ella começará as suas operações por mandar collocar um siphão inodoro nos artigos de fundo da imprensa seria e procedendo assim terá o nosso applauso.

De contrario, e armando-se apenas para investir contra o *Antonio Maria*, bater-lhe-hemos tambem as palmas mas vestidos de forcados.

O *Diario de Noticias* declarou que os Daun e Lorena, da casa dos condes da Redinha, bisnetos do marquez de Pombal, não deixaram de tomar parte nos festejos civicos em honra do seu illustre antepassado. Pede portanto a justiça que rectifiquemos do seguinte modo uma quadra do nosso ultimo numero:

A geração do Pombal
Precisa duas gaiolas
Uma para os pombos finos
A outra para os mariolas.



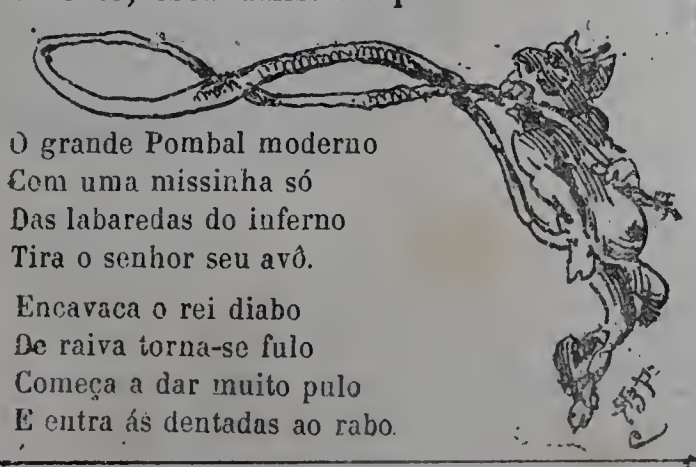
O BOLO

O menino se estiver quieto dou-lhe um bôlo...

Xim xenhô!

Como esteve quietinho abiscoita o bôlo...

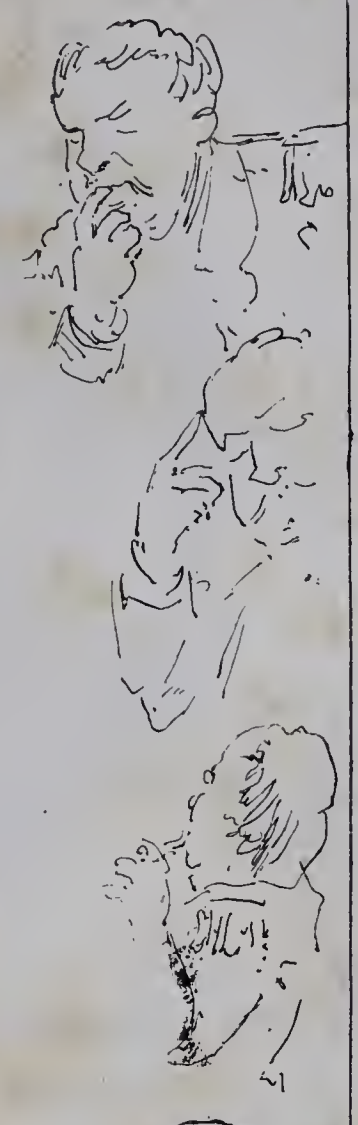
Tendo o *Antonio Maria,* ouvido lêr o *veredictum* do meretissimo juiz do 2.º districto criminal, no qual foram absolvidos em policia correccional... (rari nantes in gurgite vasto!) alguns reus falsamente acuzados e arbitrariamente presos pelos policias n.ºs 128, 132 e 74, e declarando-se no mesmo *veredictum* que os supra indicados policias eram dois *habeis* mentirosos e dignos concorrentes ao curso livre de marmello e cana da India habilmente inaugurado pelo sr. Arrobas na noite de 8 do corrente, o mesmo *Antonio Maria* espera dos altos poderes do Estado uma justa recompensa a tão relevantes serviços, recompensa que pode facilmente ser encontrada entre o habito de Christo e a chapa das Monicas, se por acaso os agraciados com esta segunda condecoração não protestarem energicamente, escandalisados pela concorrencia.



O grande Pombal moderno
Com uma missinha só
Das labaredas do inferno
Tira o senhor seu avô.

Encavaca o rei diabo
De raiva torna-se fulo
Começa a dar muito pulo
E entra ás dentadas ao rabo.

RECOMPENSA MERECIDA



Ha seis dias com seis noites
Que el-rei pensa sem descanço;
Já não dorme com ripanso
As longas horas da sesta!
Cóça o nariz, róe as unhas,
No maior dos desconsolos,
E co'o regio fura-bolos
Faz pressão na regia testa.

E por mais que el-rei phrenetico
Puxe as guias do bigode,
Nem uma ideia lhe acode,
Lá dentro da ossea caixa!
E não sabe, não descobre,
Por mais que matute e pense,
Porque fórma recompense
O heroe da guerra da Baixa!...

De repente, ao consultar
Uns antigos alfarrabios,
Mostra um sorriso nos labios
E contente bate as palmas.
—*Gratias!*—diz—já solvi tudo
Sem reunir o capitulo...
Achei um soberbo titulo:
Barão do Pote das Almas!...

E que bello escudo d'armas!
D'um lado, em fundo ceruleo,
Um terrivel pé herculeo
Esmaga a hydra damninha;
D'outro lado, em campo negro
Como as negras alfarrobas,
Sobresae o Tigre Arrobas
A jogar a vermelhinha!

Por baixo, junto á legenda,
Um velho leão casmurro
Succumbe á pata d'um burro,
Que empunha grosso cipó;
E encimando o nobre escudo
—Que hade pezar dez mil grammas—
Surgem almas d'entre chammas,
N'um pote... d'uma aza só...

MEDALHAS

Verso e reverso

«Eram mais em Aljubarrota e couberam cá todos.»

(Marquez de Pombal ao embaixador hespanhol.)

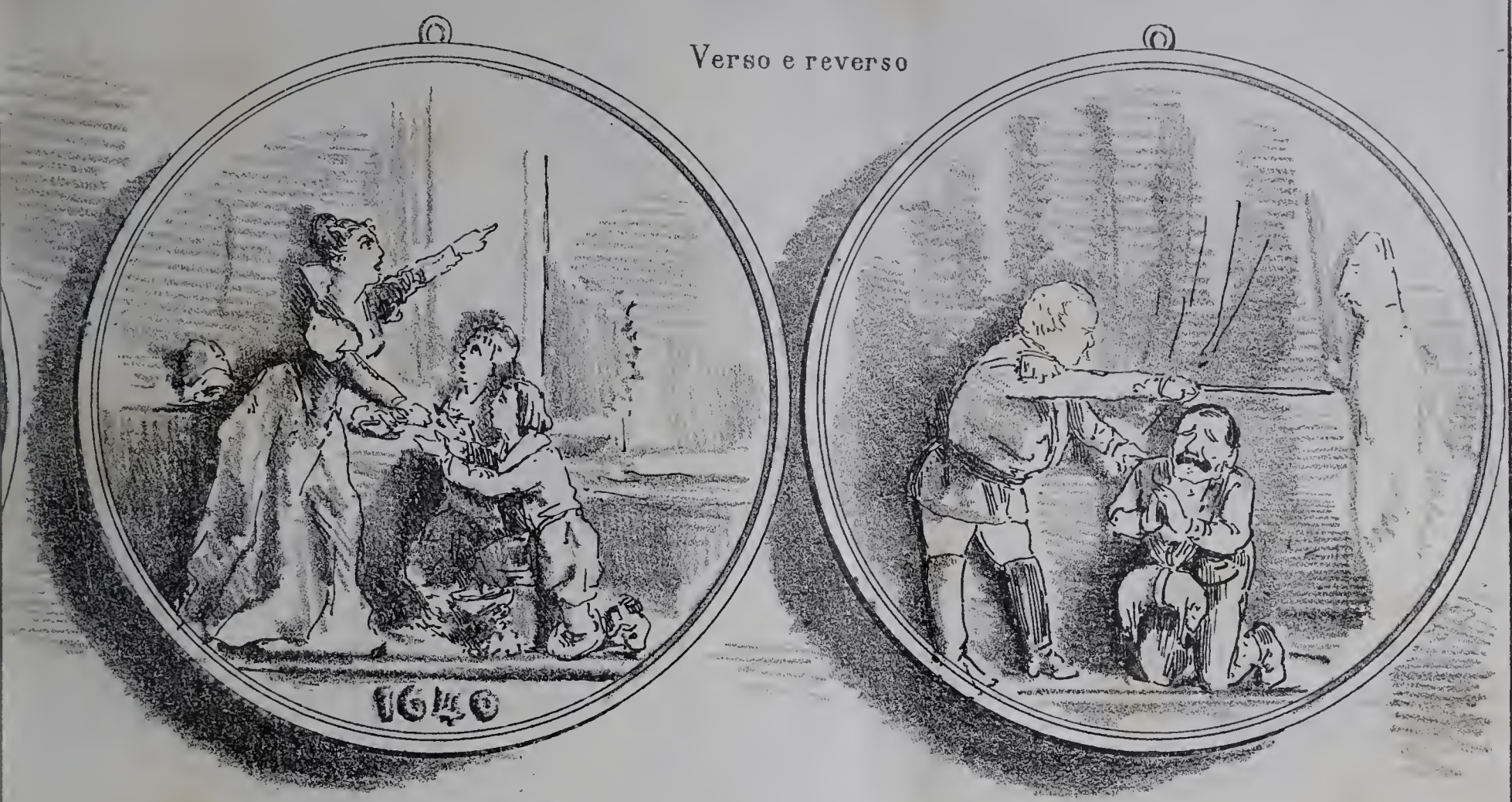
Só lamento poder apenas offerecer-lhe um mesquinho s
sidio para o seu caminho de ferro.

Coisas que aconteciam em outros tempos.

Coisas que acontecem hoje.

EMORATIVAS

Verso e reverso



Filippa de Vilhena armando os filhos para o combate.

D. Zilú armando cavalleiro do Tosão de Mathias Lopes o grande guerreiro D. Magnifico para defender a nobre dama D. Tratada de Salamanca.

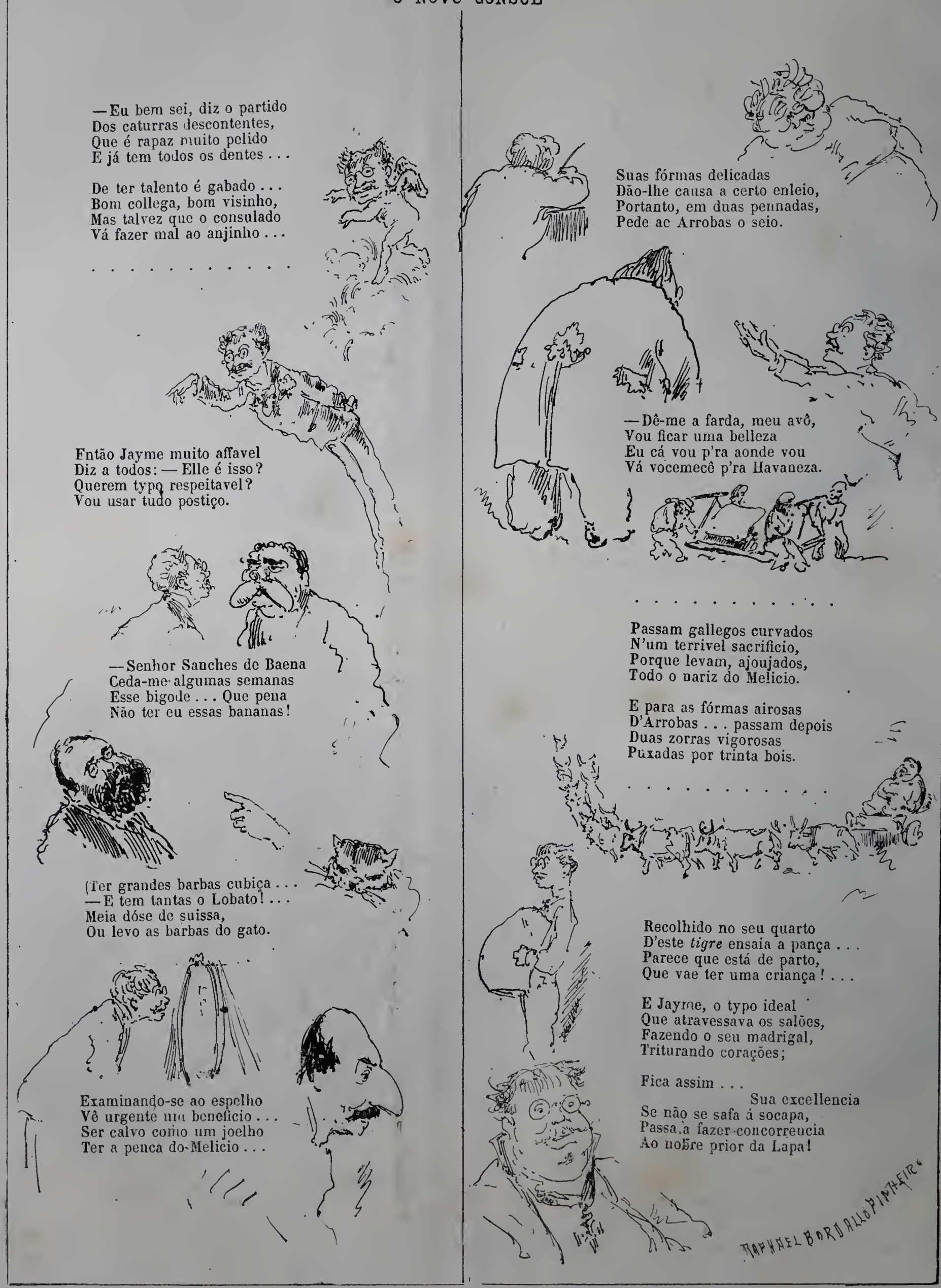
A divisa antiga:

«Antes quebrar que torcer.»

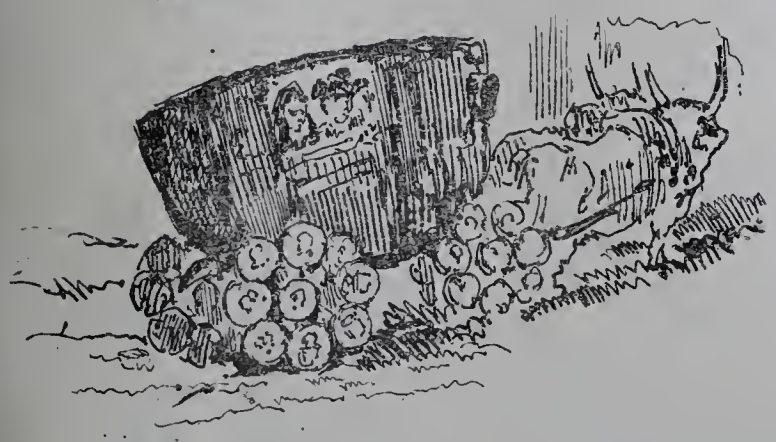
A divisa moderna

«Cada qual governa-se.»

O NOVO CONSUL



Ergue-se o Marquez da campa
E agradece, em esqueleto
A missa que por sua alma
Mandou dizer-lhe o bisneto



Cheio de gente beata
O chorrião milagreiro
Vôa com rodas de prata
Á devoção do Sameiro

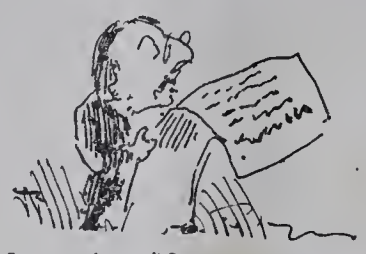
O Conservador resmunga;
Espantam-se as pias almas
O jesuita excommunga;
O Zé Povinho dá palmas.

O que a *Palavra* disse á população do Porto!

E' incrivel! Insultar o baluarte da liberdade!

E' preciso um desagravo! Estão em moda os desagravos!

Em nome da *liberdade* é preciso *obrigal-os* a uma retratação.



Que sejam 12 os desagravantes que a nossa historia já é rica de outros 12 que foram a Inglaterra desagravar o centenario de D. Affonso Henrique.

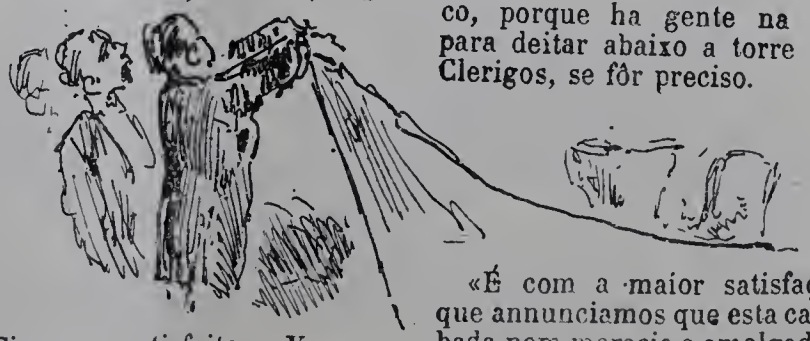
Não basta para desagravar a liberdade. Ao covil do absolutismo.

Ao covil! Ao covil!

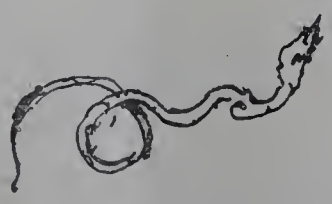
Tenho a declarar a V. Ex.as que o redactor do artigo estava bebado quando o escreveu!

Para provar que a redacção não é solidaria, vão ver V. S.as

Ainda não basta. Retratação formal ou faz-se tudo em cisco, porque ha gente na rua para deitar abaixo a torre dos Clerigos, se fôr preciso.

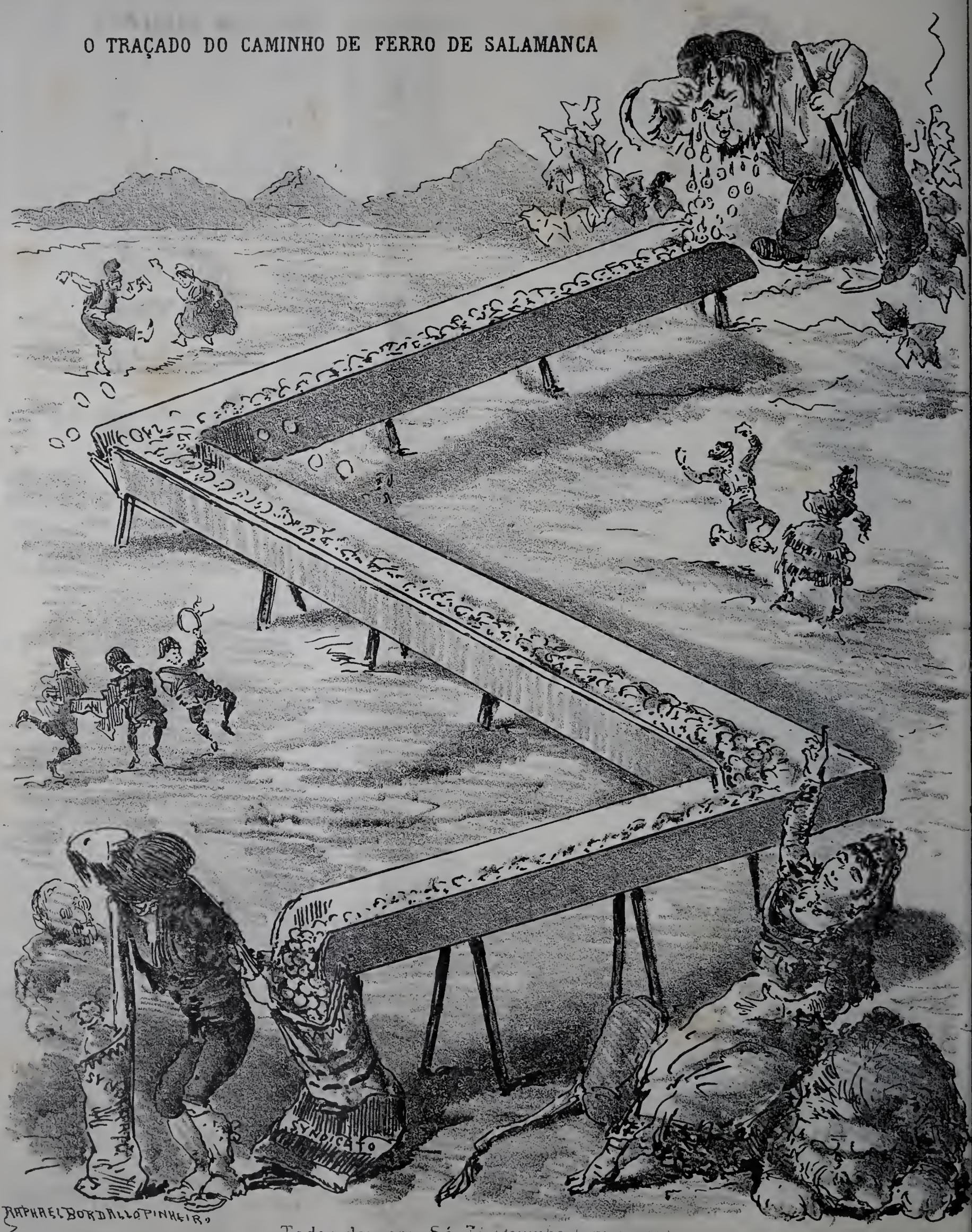


Ficamos satisfeitos. Vamos partecipar ao povo.



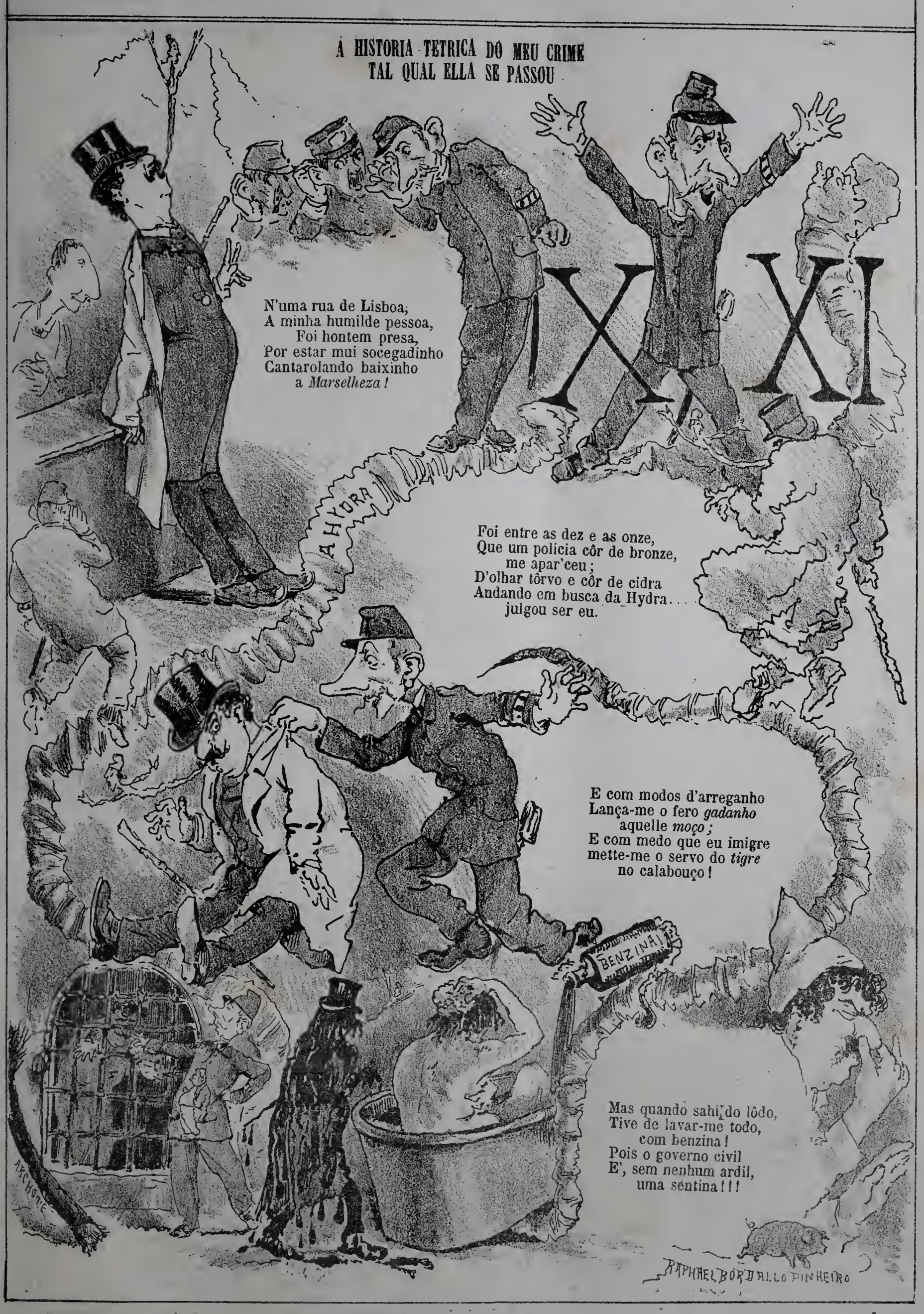
«É com a maior satisfação que annunciamos que esta cambada nem merecia a amolgadella que acabara de dar na liberdade. São da mesma força tanto para cuspir como para limpar com a propria lingua. Cuidámos que abriamos parenthesis no regimen liberal para atacarmos um antro de viboras e saiu-nos um cano de despejo.»

O TRAÇADO DO CAMINHO DE FERRO DE SALAMANCA

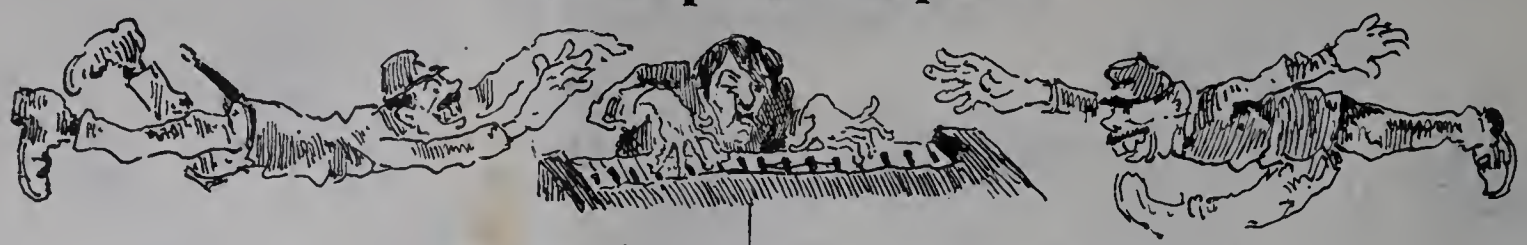


Todos dançam. Só *Zé Povinho* é que sua!

Dizia um moralista que a melhor maneira de uma pessoa se vingar de um inimigo era aproveitar-lhe o prestimo. Tal qual o que tem feito os jornaes que tem combatido o syndicato Salamanca; vingam-se d'elle apanhando-lhe os cobres. Por emquanto quem tem ganho com a tratada são os inimigos; os amigos ficam para o fim. Pela nossa parte temos a maior satisfação em prevenir o cavalheiro Burnay e syndicantes que não lhes recebemos cinco réis pelo trabalho de lhes tirar a pelle. E' o mais que podemos fazer-lhes.


A HISTORIA TETRICA DO MEU CRIME
TAL QUAL ELLA SE PASSOU
N'uma rua de Lisboa;
A minha humilde pessoa,
Foi hontem presa,
Por estar mui socegadinho
Cantarolando baixinho
a *Marselheza!*
IX
XI
A HYDRA
Foi entre as dez e as onze,
Que um policia côr de bronze,
me apar'ceu;
D'olhar tôrvo e côr de cidra
Andando em busca da Hydra...
julgou ser eu.
E com modos d'arreganho
Lança-me o fero *gadanho*
aquelle *moço;*
E com medo que eu imigre
mette-me o servo do *tigre*
no calabouço!
BENZINA!
Mas quando sahi do lôdo,
Tive de lavar-me todo,
com benzina!
Pois o governo civil
E', sem nenhum ardil,
uma sentina!!!
ARCHOTE
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A campanha dos pianos



O tigre chamou á sua divina presença todos os botequineiros de lépis e intimou-os a que não consentissem que em seus pianos se tocasse a Marselheza.

Nada de mais comico, de mais divertido, de mais burlesco, para não dizer nada de mais original, de mais pifio e de mais réles.

Depois da campanha dos archotes o tigre propõe-se a fazer a campanha dos pianos...

A *Marselheza* é o seu *cauchemar*, o seu enguiço permanente.

Pódem fazer-lhe tudo menos dedilhar, sequer, a musica de Rouget de l'Isle.

Puxem-lhe pelo rabo, cavalguem-lhe o abdomen, trinquem-lhe o nariz, belisquem-lhe o seio, façam-lhe cócegas, façam-lhe troça, façam-lhe *pum!* elle aturará tudo, excepto que lhe toquem a Marselheza.

Havia um doido em Rilhafolles que cavaqueava deliciosamente, com muito espirito, maneiras delicadas, ideias felicissimas, por fórma tal que saía-se de lá na convicção de que aquelle homem estava ali injustamente. Então o enfermeiro aconselhava: fallem-lhe no Paulino...

Horror! o pobre do homem ao ouvir esse nome mudava completamente, toda a sua placidez transformava-se n'uma colera desesperadora.

A Marselheza é o Paulino do tigre.

A policia permittirá que os ladrões assaltem as casas, que os fadistas esfaqueiem, que as roletas gyrem, que as meretrizes chinelem pelas ruas mais concorridas a immundicie da sua devassidão, póde-se tripudiar nas tavernas, esfaquear nas ruas, batotear nas espeluncas, tudo se acceita, tudo se consente, tudo se applaude... excepto tocar a Marselheza.

Nunca os pianos dos cafés de lepis pensaram ter papel tão importante na historia patria. Elles uns pobretões pacatos, que acalentavam até deshoras uns bebados quaesquer com a valsa dos dous mundos, elles que regularmente pagavam as suas prestações mensaes n'um armazem acreditado, elles que assistiam com a maior castidade a todas as diabruras do alcool e a todos os caprichos da carne na rua da Mouraria e na Bitesga, do Egypto a Alfama, do bairro alto ao Infinito, serão de hoje em diante accuzados — quem sabe! — de regicidas se não desafinarem logo que em suas teclas dedos marotos toquem a Marselheza.

Que se não atreva um piano vertical a vibrar um compasso que seja d'essa musica amaldiçoada. Senhor piano de cauda, tome sentido...

A' primeira transgressão a municipal e a civil, que não se fizeram para outra cousa, conduzirão de chanfalho desembainhado á prisão o patife quer seja de Erard ou de Herz, quer seja com cauda ou sem ella.

Guerra aos pianos! o tigre dirigirá a campanha... Que avancem todos os pianos da Baixa, o tigre lhes abaixará a prôa. Elle, o destruidor de todos os badalos da capital, e que n'essa furia de corta-badalos tambem quiz cortar o badalo a todos os republicanos do paiz, elle o phyloxera da *Marselheza*, o campeão dos archotes pombalinos, o vencedor de todos os pianos dos botequins baratos, passará a ter entre nós tanta popularidade como o José das pinguinhas ou como o maluquinho de Arroios.

Coitado do tigre! se não era muito melhor fazer habilidades como *Mata Troll*, ao som d'um realejo, ou d'um tambor desafinado, porque nós começamos a crer que não é tigre quem faz tanta figura de urso.

Para concluir contaremos um caso muito comico succedido ha dias:

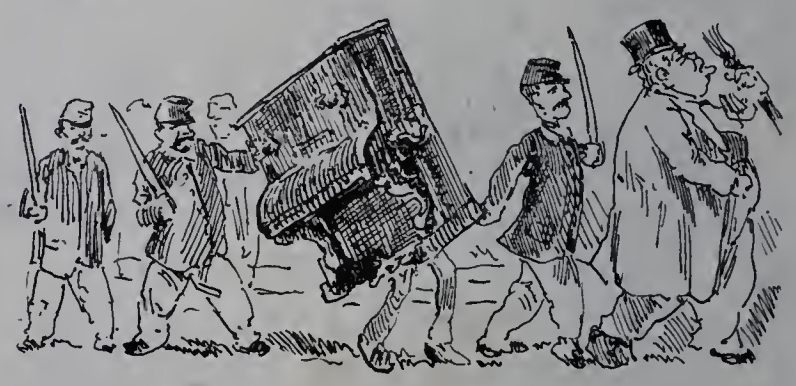
Anda por essas ruas um homem com um realejo onde entre diversas peças de musica tem a Marselheza...

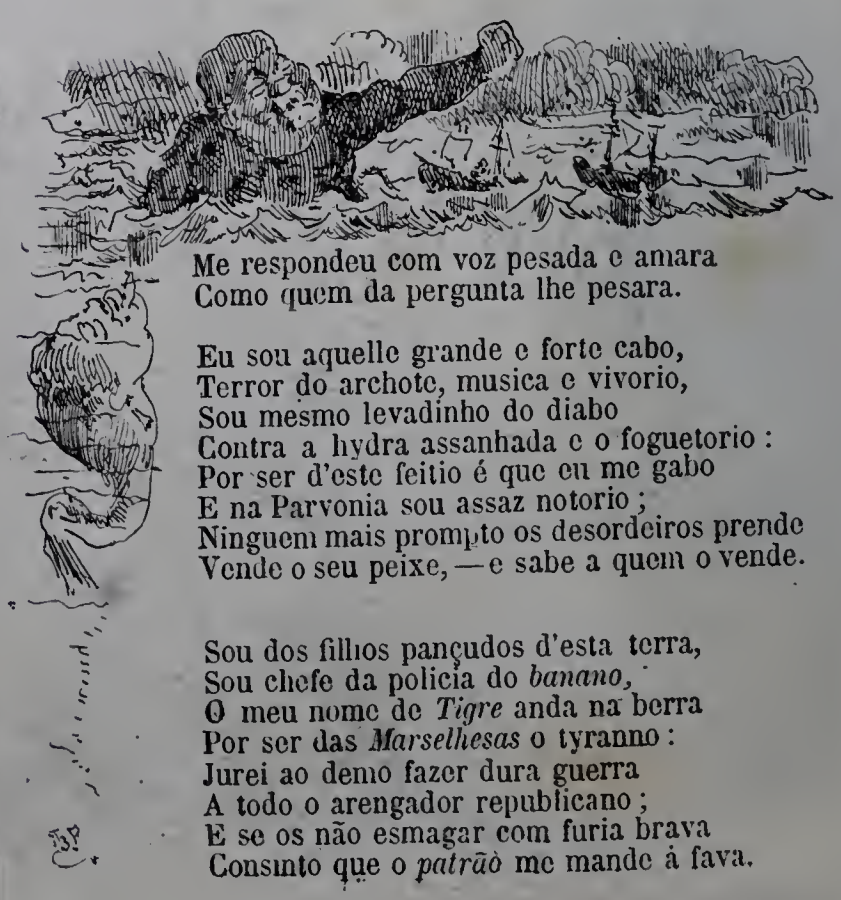
Ha dias o homemzinho ganhava a sua vida na rua da Rosa quando um policia carrancudo e bellico se aproxima e o previne:

— Quando chegar á Marselheza salte um furo...

E retirou-se conscio de ter ganho dignamente o seu dia.

E' unico! é unico! diremos como dizia o Ribeiro nos *Trinta Milhões*.





A'manhã deve seguir para Bordeus o novo consul. Em burocracia é agora de segunda classe, quando era de primeira em litteratura.

Depois de ter em bellos alexandrinos fardado de gala a Natureza e as paysagens luminosas, os ceus d'abril e os jardins festivos, o governo fardou-o a elle e deu-lhe rico chapéo armado e ricas dragonas como as que elle tantas vezes deu ao Azul.

Se a poesia lhe sente a falta, não lh'a sentem menos os seus muitos amigos.

A GRAN

OS C

E OBRA

A FAZEM

NÃO A FAÇO NEM A DESFAÇO ANTES PELO CONTRARIO
RAPHAEL BORGALLO PINHEIRO.

PREVENÇÃO

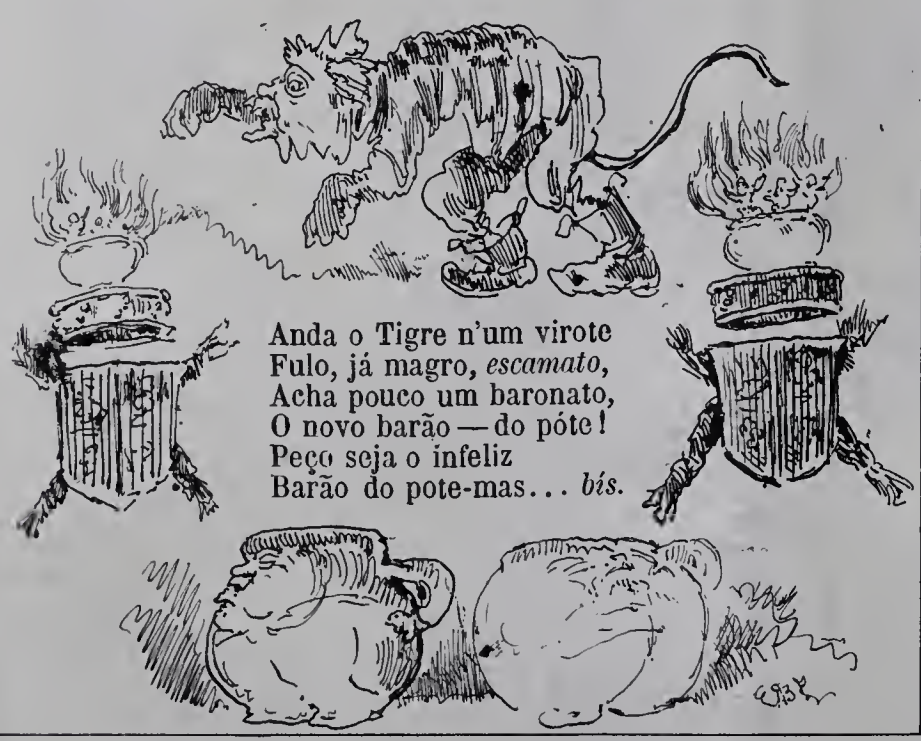
Tendo o illustre Barão do Pote das Almas prohibido as expansões melodiosas dos pianos de botequins depois das 11 horas da noite, com pena de prisão para o mesmo piano e sendo comprehendidas n'aquellas disposições e penalidades os accordes da minha voz argentina, como se passou na noite de segunda feira ultima, devo declarar aos snrs. donos de cafés de *lepes* e as casas em que se celebram bailiques de canseira; que na qualidade de piano de botequim a que fui elevado pelo snr. Barão do Pote das Almas, só acceito contracto para ser tocado nas respectivas condições:

1.º O tocador comprometter-se-ha a não tocar na minha pessoa ou teclado o hymno da Carta, do snr. D. Luiz, a Marselheza, o Fado e o Quizomba, sem licença expressa do snr. Barão do Pote das Almas.

2.º O tocador, com excepção do snr. Macario, provará que lavou as mãos.

3.º O tocador, se fôr menina, não tocará na minha pessoa ou teclado, as walsas dedicadas ao snr. Cocó, nem o *Era no outono, etc.* e o *Ouves além*, etc.

4.º O dono do botequim ou bailique, se quizer musica depois das 11 horas da noite, responsabilisar-se-ha pela ceia e cama e pulgas no governo civil, fiança, sellos, custas e multa na Boa Hora, emquanto Deus Nosso Senhor na sua infinita misericordia não permittir que me escangalhem a caixa a mim ou ao snr. Barão do Pote das Almas.



O TRATADO DE COMMERCIO

FABULA DA CIGARRA E A FORMIGA

.....«Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.»
«Oh! Bravo! (torna a formiga)
Cantavas? pois dança agora!...»

Bocage.

Tendo a industria dorminhoca
Fortemente resonado,
A fazer cruzes na bocca
Viu-se ao vingar o Tratado.

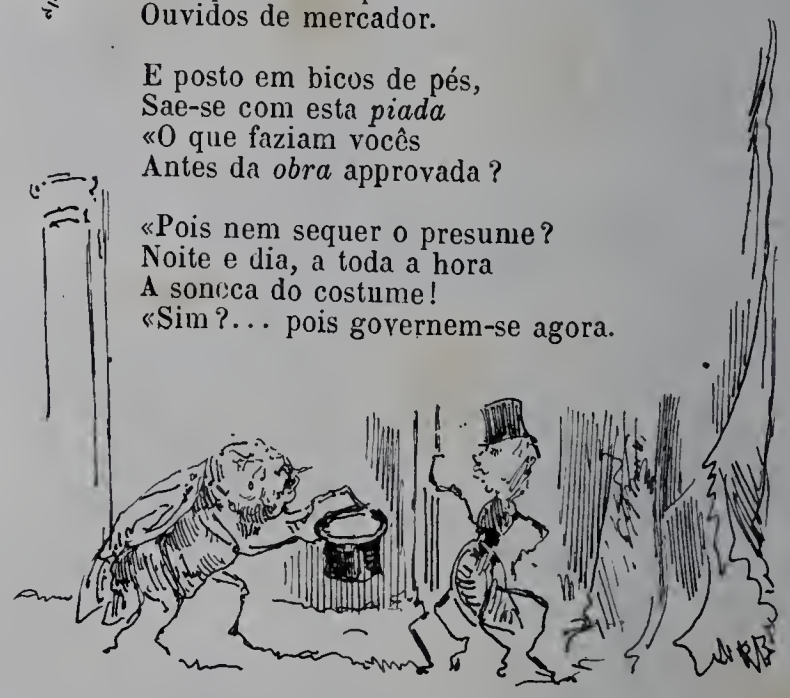
E achando-se em calças pardas,
Vendo não lucra se alterca,
Foi ter com o das albardas
Que por mau nome não perca,

Pedindo com voz amiga
Em tom lacrimoso e frouxo
Lhe alliviasse na barriga
A cilha apertada a arrocho.

Não consta lérias ouvisse
O das albardas senhor;
Fez, portanto á pedinchice
Ouvidos de mercador.

E posto em bicos de pés,
Sae-se com esta *piada*
«O que faziam vocês
Antes da *obra* approvada?

«Pois nem sequer o presume?
Noite e dia, a toda a hora
A soneca do costume!
«Sim?... pois governem-se agora.



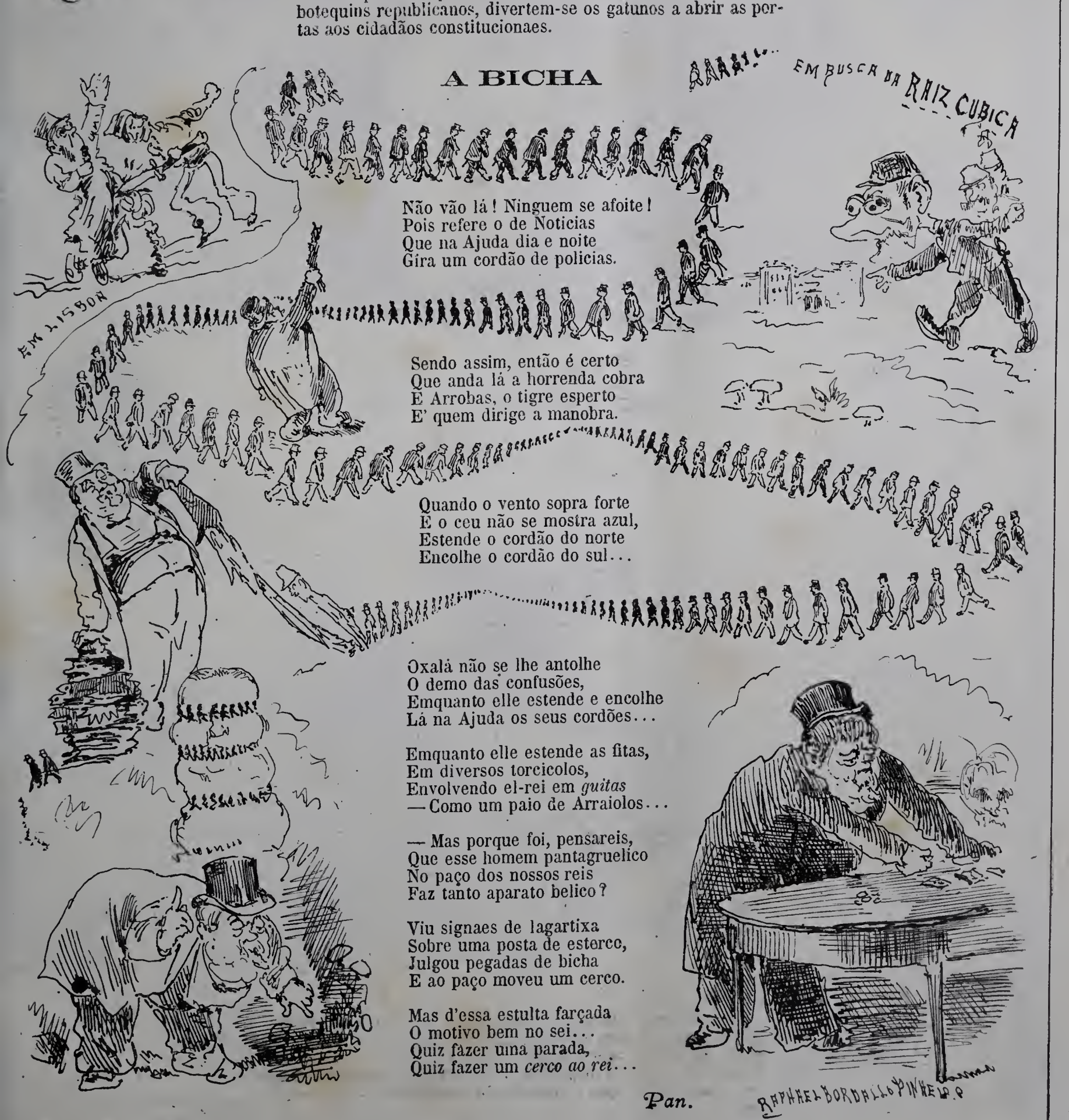
AS CORRIDAS

Os mestres de meninos, vendo que os cavallos de corridas recebem mais do que elles da munificencia governativa, resolveram dedicar-se áquelle rendoso mister e conforme consta alguns mostram muita disposição para as corridas de velocidade, pelo pouco peso a que a alimentação bacalhorim os tem reduzido.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Emquanto a policia se entretem a fechar as portas dos botequins republicanos, divertem-se os gatunos a abrir as portas aos cidadãos constitucionaes.

A BICHA



Não vão lá! Ninguem se afoite!
Pois refere o de Noticias
Que na Ajuda dia e noite
Gira um cordão de policias.

Sendo assim, então é certo
Que anda lá a horrenda cobra
E Arrobas, o tigre esperto
E' quem dirige a manobra.

Quando o vento sopra forte
E o ceu não se mostra azul,
Estende o cordão do norte
Encolhe o cordão do sul...

Oxalá não se lhe antolhe
O demo das confusões,
Emquanto elle estende e encolhe
Lá na Ajuda os seus cordões...

Emquanto elle estende as fitas,
Em diversos torcicolos,
Envolvendo el-rei em *guitas*
— Como um paio de Arraiolos...

— Mas porque foi, pensareis,
Que esse homem pantagruelico
No paço dos nossos reis
Faz tanto aparato belico?

Viu signaes de lagartixa
Sobre uma posta de esterco,
Julgou pegadas de bicha
E ao paço moveu um cerco.

Mas d'essa estulta farçada
O motivo bem no sei...
Quiz fazer uma parada,
Quiz fazer um *cerco ao rei*...

Pan.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ENTRE COLUMNAS

ONDE ESTÁ ELLE?...

(2.ª FORMULA)

Eil-os, qualquer mais galhardo,
Cada qual com mais entono;
São as columnas do throno,
Os gallegos d'esse fardo.

São um tanto desiguaes,
O que faz certos empenos,
Mas um não póde dar menos
E o outro já não dá mais.

Passo errado, ao encontrão,
Mas valentes como bois,
Lá vão levando elles dois
O andor na procissão.

ANNO IV

1.º SUPPLEMENTO AO N.º 156

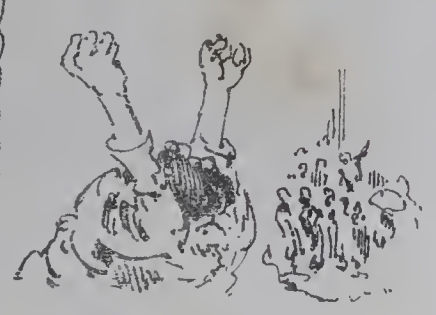
30 DE MAIO DE 1882

LISBOA

PREÇO TIRAGEM 7:000 EXEMPLARES 40 RÉIS

PROTESTO

O *Antonio Maria* reconhecido á sabia e divertida governança do snr. Barão do Pote das Almas — bis



protesta com todas as suas forças contra o meeting dos estudantes

e tudo mais que tenda a promover a demissão de tão justo e alegre governador

Protesta em nome do prazer, da satisfação que nos dá o sermos prezos,

affiançados, querellados, e processados o que é sempre uma sensação nova e economica.

Estudantes ingratos se não fosse Elle terieis vós espirito fazendo um requerimento?

Se não fosse Elle terieis vós mostrado que sois fortes e unidos, depois de conduzidos em leva como degredados?

Se não fosse Elle que vos obrigasse a pagar as fianças, como provar que sois ricos de mocidade e de cobres?

Como provar que tendes ideias, principios, voz e assobio se Elle vos não obrigasse a mostral-os?

Quem faria da Marselheza o canto de guerra nacional se não fosse Elle?

Quem faria da policia civil a primeira sociedade coral do paiz senão fosse Elle?

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Elle é tudo — Elle prende — Elle *desprende* — Elle prohibe — Elle *desprohibe* — Elle badala — Elle *desbadala* — Elle chapa — Elle *deschapa*

Elle cafés abertos — Elle cafés *desabertos* — Elle marca e desmarca as raparigas — emfim Elle archota e *desarchota*

Elle faz e *desfaz* — Elle é tudo pela batota livre. — Uma, duas, tres onde está a vermelhinha?

Hydra, onde está ella? — Só Elle a descobriu e a conserva no seu seio para tranquillidade do patrão — Ha nada mais manso que este tigre? — Quem é que prohibiu os vivas, Gonçalves, esse terror dos gremios e das instituições livres?

Quem senão Elle? — O sabio, o bom, o generoso? — Quem nos fornece *peixe espada* a rodo? — Elle! Quem nos tira d'esta monotonia insipida de Lisboa? — Quem nos dá assumpto? — Quem? — Elle, sempre Elle!

Por tudo isto *e muchas cosas mas* protestamos, e reconhecidos pela sua illustre collaboração d'*Elle* e em nome da democracia e das ideias republicanas pedimos a conservação d'esta ostra no nosso costado.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Quem dá um palhaço ao seu menino?

Quem é o seu amigo que o vae agora deffender todos os dias?

UNE MAUVAISE ORGANISATION

La nature produit des tigres, des loups, des renards et des fouines, on les reconnait á leur conformation et l'on sait á quoi s'en tenir quand on rencontre un de ces animaux féroces ou malfaisants, on s'arrange si l'on peut pour s'en garantir et pour s'en défaire.

Malheureusement quelques hommes naissent avec une organisation tellement défectueuse, qu'ils n'appartiennent presque plus, á la race humaine, soit á cause de la difformité de leurs membres, soit par suite de la difformité bien plus déplorable de leur cerveau.

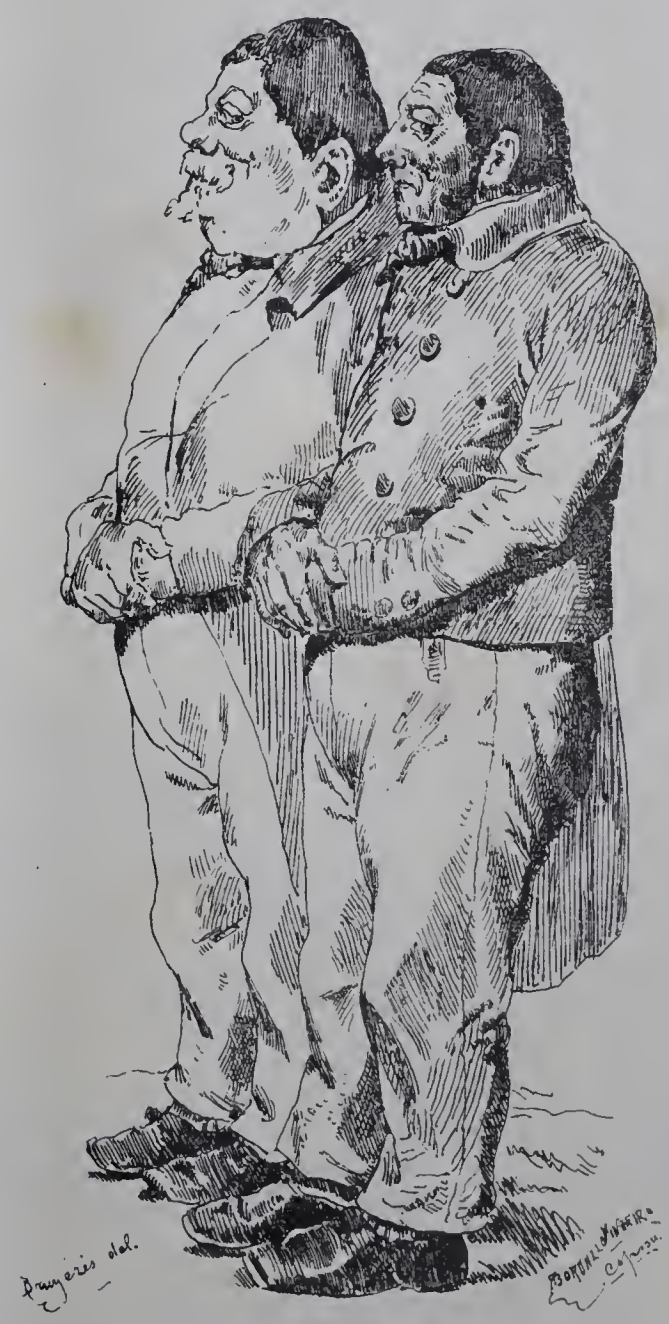
Les collections phrénologiques contiennent en grand nombre des exemples de la plus dangereuse et funeste organisation cérébrale. D'affreux malfaiteurs ont existé; ce sont des monstres dans toute la signification de ce mot, la monstruosité morale a été la conséquence de la monstruosité physique. Quand la partie inférieure posterieure et latérale du cerveau, celle qui contient les organes des penchants, est tout á fait prédominante comme dans le malheureux que ce dessin représente, il est evident que le contrepoids des dispositions morales est trop faible pour contenir les penchants.

Si l'intelligence que donnent les facultés perceptives est grande, cet homme, j'allais dire cet animal, est encore plus dangereux: il est intelligent, on le croit capable de raisonner et d'exercer de l'empire sur lui même; il ne se sert de son intelligence que pour assouvir ses penchants; une indomptable fermeté lui donne la plus grande énergie, cet homme veut le mal; n'attendez ni retenue ni réforme avec cette malheureuse organisation: un tel homme livré á lui même est naturellement porté au mal par la violence de ses penchants, et quand après de grands crimes envers la nature et la société, il tombe entre les mains de la justice représsive, on lui applique une loi pénale qui n'a pu ni retinir le malfaiteur prédestiné, ni préserver la société de ses fureurs: le crime est puni, mais le mal n'est pas prévenu, c'est un grave sujet de meditation que la phrénologie presente aux législateurs.

Sous le rapport de la mimique, indépendamment de la hidense conformation de la tête, des signes exterieurs frappants annoncent les mauvaises dispositions de ce rebut de la nature. La tête enfoncée entre les épaules semble maintenue ainsi en arriére et en bas par le poids du cerveau á la base; le regard de coté, avide et furtif, le relevement du sourcil sont les signes ordinaires de l'astuce, de la convoitise et de la brutalité contenue. C'est maintenant le chat ou plutôt le tigre qui se pelotonne et guette une proie; s'il était sur de l'impunité il l'attaquerait hardiment: la contrainte l'oblige á user de ruse, et, selon les circonstances, il emploiera la violence ou l'adresse; mais de toute maniére il ne songe qu'á satisfaire ses penchants dont la force irrésistible peut le porter á tous les genres de débauches et de crimes.

La plus déplorable conformation de tête est celle qui présente un front étroit e renversé, un sommet élevé et pointu, une base large autour et en arriére des oreilles; elle est á la fois d'un aspect repoussant et d'une fatale conséquence: l'homme ainsi conformé est un être ravalé au niveau de la brute.

Bruyères. Phrenologie. Planche 83. Pages 374.



PERGUNTA.

PORQUE TE MUDAS, Ó VALLE,
E A ALEGRIA ASSIM NOS ROUBAS?..
— PORQUE A CASA TEM QUINTAL
E UM QUINTAL TEM 4 ARROBAS.

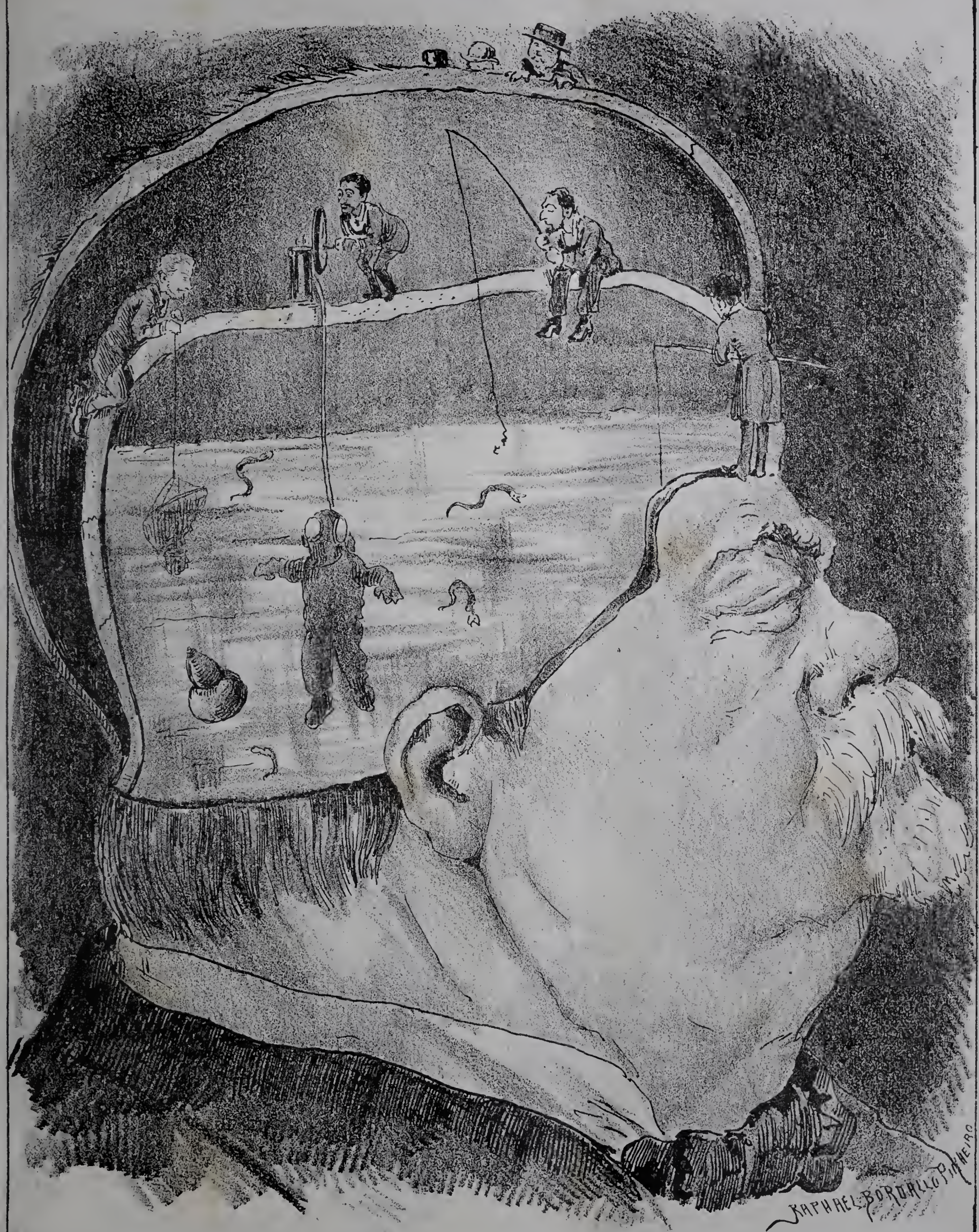
INAUGURAÇÃO DO COLISEU DOS RECREIOS PELO REAL GYMNASIO CLUB PORTUGUEZ

O sr. José Martins de Queiroz — não é uma maravilha — é unico — anda a cavallo como qualquer anda a pé sem se sentir — não ha cavallo por mais ressaibiado que lhe resista — que bom calção para um tigre uma vez que já o é para um dragão

EXPEDIENTE

Este supplemento bem como todos os que se lhe seguirem, serão enviados aos snrs. assignantes de Lisboa. Para os da provincia, se como esperamos elles fôrem seguidos envial-o-hemos trez a trez. A uns e outros avisaremos depois como serão encontrados na assignatura. Satisfazemos assim o desejo dos nossos assignantes.

O que se encontraria na cabeça do sr. Barão, se se fizesse o exame pedido pela escola medica



De como se prova que um «tigre» que pesa «arrobas» não tem no cerebro nem uma «onça» de juizo!

A desforra

O sr. ministro do reino, acceitando com toda a seriedade o requerimento dos estudantes da escóla medica, em que o sr. barão do Pote das Almas era cruelmente apepinado, procedeu, segundo a opinião geral, com o maximo acerto e isenção, sendo que a sua integridade como ministro ficou claramente evidenciada e a sua imparcialidade como cidadão sobejamente provada.

Quanto a nós, o sr. Thomaz Ribeiro não *provou* coisa alguma, além do acepipe da vingança, que é, segundo dizem, o manjar predilecto dos deuses.

Ha muito que o sr. ministro trazia o sr. barão entre dentes e comprehende-se o mal estar de s. ex.ª com semelhante trambolho em sitio tão delicado. Aquellas familiaridades do sr. tigre com a pessoa de el-rei punham o sr. ministro em ponto de rebuçado.

Chegou-lhe a sua desforra, e elle deixou que lhe tirassem um olho contanto que arrancasse os dois ao seu antagonista.

São realmente divertidos e sobretudo edificantes estes episodios entre bastidores, em que superior e subalterno tripudiam a capricho, qual de baixo, qual de cima, como os garotos no jogo do eixo rebaldeixo.

PERGUNTA

Ouvi dizer que o tigre a demissão
Pedira: será certo ou são inventos?...
— Pediu; e tu não sabes a razão?...
E' que os doidos tem lucidos momentos.

Escamotagem

Os prestimanos de meia tigela, aquelles cuja sciencia não vae muito além do jogo dos covilhetes, da sorte das argolas e da escamotagem do baralho, téem todos um systema infallivel para distrahir a attenção do publico em quanto executam as empalmações.

Logo que o prestigiador começa os seus trabalhos, apresenta-se em scena, ao lado d'elle, o palhaço encarregado de prender as attenções do espectador por meio de saltos, mumices e cabriolas. No momento critico, quando os olhares dos assistentes convergem absolutamente sobre os movimentos do prestimano, o histrião solta um dito picaresco, executa uma visagem divertida, dá uma cambalhota estapafurdia e a bola passa rapidamente do fundo do covilhete para o bolso do prestigiador, sem que o publico tenha tempo de observar a escamotagem.

Na barraca da politica executam-se as sortes com a mesma pericia e pelo mesmo systema; em quanto o *arlequim do districto* entretem o espirito publico com esgares truanescos e polotiquices disparatadas, *o prestimano do conselho*, deitando no bolso de Zé Povinho o pó de *perlimpimpim* e fazendo estalar dos dedos da mão esquerda, diz com um sorriso malicioso:

— Um! dois! trez! passe!... E os magros cobres desapparecem immediatamente da algibeira do mistificado, emquanto o prestigiador, agitando a varinha magica ao compasso do sol-e-dó, faz sair da copa d'um chapéu alto... o caminho de ferro de Salamanca!...

No tempo dos miguelões
A lei severa punia
Áquelle que se esquecia
De abotoar dois botões.

Hoje, que novos maraus
Gimbram de grande e á franceza,
Prohibe-se aos berimbaus
O toque da Marselheza.

Soltemos vivas á farta
A's santas instituições:
Ao menos, a livre Carta
Livres nos deixa os botões.

Resposta de um velho monge:
— De vagar se vae ao longe.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Os alhos republicanos,
Não tendo mais que fazer,
Foram a hydra esconder
Dentro de varios pianos:
Arrobas, o d'altos planos,
Descobre a bicha bravia;
Corre e salva a monarchia
De dar n'agua co'os burricos,
Fazendo a hydra em fanicos
No cimo da Cotovia.

Arrobas, insigne heroe
E adivinhão como um bruxo,
Tira a um piano do bucho
A hydra que thronos róe:
Os ossos todos lhe móe
Com rija pancadaria;
E no fim d'esta folia,
Vendo que a hydra não mexe,
Vae fazer d'ella escabeche
No cimo da Cotovia.

Vindo o Tigre muito inchado
Por esfolar a giboia
Ao pimpão da de Saboia
Conta o feito sublimado;
Este fica enthusiasmado
De tamanha valentia,
E diz: — Deverás um dia
A's minhas affeições gratas
Ser salvador das batatas
No cimo da Cotovia.

Veio Ullysses, e ninguem
P'ra o entender achou rego;
Pois o Arrobas, sem ser grego,
Ninguem o entende tambem;
Hoje diz que mata cem,
A'manhã perde a mania;
Faz trinta planos n'um dia
E no outro dia os desmancha...
Mas salva do estado a lancha
No cimo da Cotovia.

Vendo o patrão dos chibantes
Que a maldita hydra cachorra
Se fôra metter de gorra
Em casa dos estudantes,
Chama os pimpões arrogantes
E a do anão tropa bravia;
E com rara valentia
Tirando a hydra da escola,
Encaixa-a n'uma gaiola
No cimo da Cotovia.

Chegado a França o aviso
Da prohibição pateta [1]
O Ferry mais o Gambetta
Espojaram-se com riso.
«O homem tem cão e guiso,
Disseram; quer á porfia
Matar co'a semsaboria
Dos hymnos da carta rota
A hydra que já arrota
No cimo da Cotovia!!!»

---

1 A de tocar a Marselheza.

Ullysses ha muitos annos
Mostrou-se grande marau,
Com um cavallo de pau
Embarrilou os troyanos,
Pois o Arrobas nos seus planos
E' maior alho hoje em dia:
P'ra engrolar a monarchia
Inventou de pé p'ra mão
As hydras de papelão
No cimo da Cotovia.

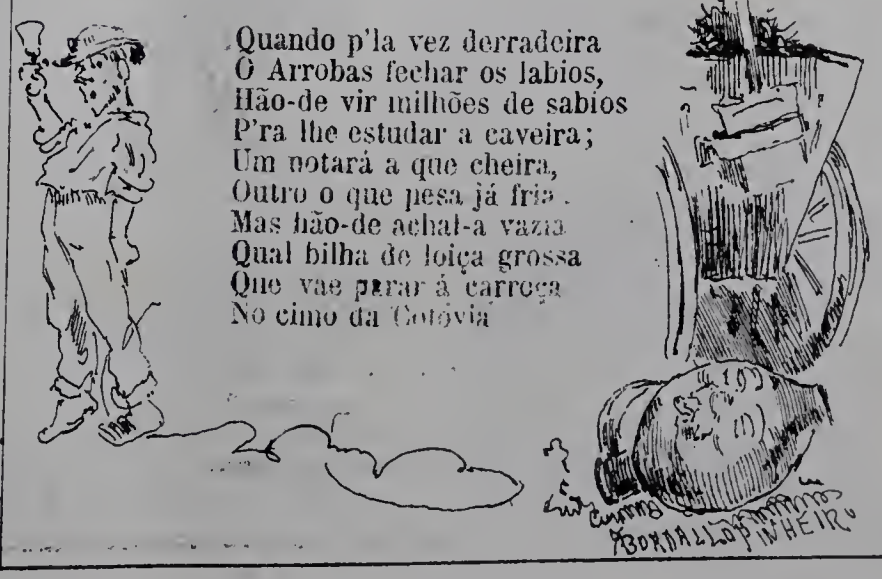
Não ter visto da hydra a tromba
Juram todos a pés juntos:
O tigre d'actos vestuntos
E' só quem a vê e a arromba.
Capataz de gente romba,
Nunca o sangue se lhe esfria;
E vêl-o-hemos qualquer dia
Em premio a taes lufa-lufas
Ser cantado em op'ras bufas
No cimo da Cotovia.

Ullysses Troya amarrota
Por ter manha e cachimonia;
Arrobas salva a Parvonia
Como quem descalça a bota,
N'estes dois heroes se nota
A mesma sabedoria:
Ullysses pesca uma enguia
Com arte, finura e cabula,
Arrobas a hydra da fabula
No cimo da Cotovia.

O grande Arrobas, á laia
De Malabar de theatro,
Engole o diabo a quatro
Gimbrando a perna cambaia;
Novas passagens ensaia,
E ha-de (diz-se) qualquer dia,
Da inviolavel monarchia
Ao serviço pondo a telha,
Engulir a hydra vermelha
No cimo da Cotovia.

Diz afagando as melenas
Minha avosinha Adelaide
Que egual ao Miguel Alcaide
Conhece o Arrobas, apenas.
Que elle é para as mesmas scenas
Isso já eu percebia;
Porém o que não sabia
Era haver n'elle o descoco
De matar hydras a socco
No cimo da Cotovia.

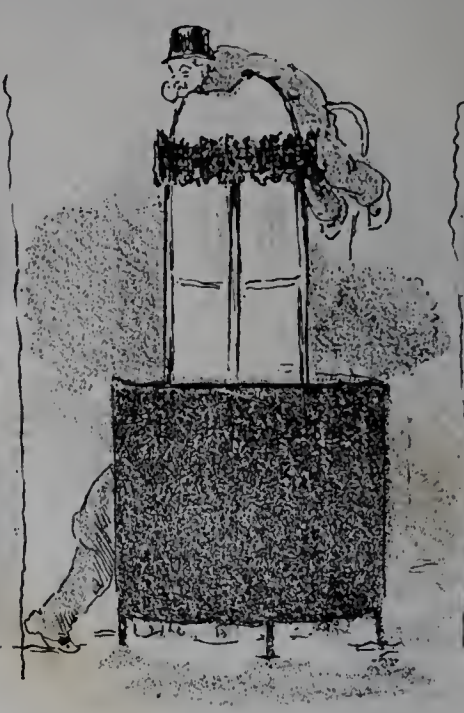
Quando p'la vez derradeira
O Arrobas fechar os labios,
Hão-de vir milhões de sabios
P'ra lhe estudar a caveira;
Um notará a que cheira,
Outro o que pesa já fria.
Mas hão-de achal-a vazia
Qual bilha de loiça grossa
Que vae parar á carroça
No cimo da Cotovia.



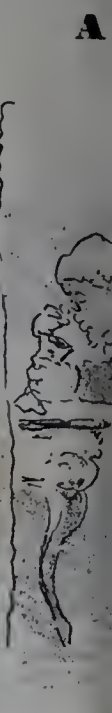
Elle tem só uma ideia,
Nutre apenas um capricho:
Apanhar a hydra feia
E matar emfim o bicho!

A esp'rança não se lhe embrusca,
E elle á hydra dando caça,
Busca, busca, busca, busca,
Como um podengo de raça.

Decretando ordens expressas,
P'ra a guarda lhe dar auxilios
Vasculha beccos, travessas,
E devassa os domicilios.



Nas ruas tudo avassalla
A ver se lhe encontra o fio;
—Já chegou a procural-a
No kiosque do Rocio!



Nas ca
Não lh
Desde
Té aos

Uma vez, exhausto e farto
De aturar aquella dôr,
Diz ao criado do quarto
Que vá chamar o doutor.

Vem o doutor: toma o pulso,
Vê-lhe as faces côr de cidra,
Acha-o nervoso, convulso,
E diz: —Já sei; isso é hydra..

Da cama ao longo, de bruços,
Pergunta o misero enfermo
Com suspiros e soluços:
— E, ó doutor, p'ra lhe pôr termo?

—P'ra matar essa lombriga..
Volve o doutor—Isso é obra
Ou furando-lhe a barriga...
Ou com pevides de abob'ra...

—A
Diz,
—O
Vae

E nem lhe parece improprio
N'aquella terrivel hora,
Ir á janella, elle proprio,
Co'a hydra meia de fóra...

Bate as
Dois galiegos bem valentes
Que essa cauda atroz, maldita,
Puxem com unhas e dentes.

Vem os moços, mãos á obra,
Que é caso urgente, de pressa,
E ao crescer o rabo á cobra
Vae-lhe encolhendo a cabeça...

—Esta só pelo diabo!..
Diz, ao ver que ella rec
—Ou me hade encolher
Ou a cabeça lhe encolh

A

luneta,
a, nada,
saleta
cada!

Tudo examina e descobre,
Caixas, caixinhas, caixotes,
Gamellas, tachos de cobre,
Barris, panellas e potes.

Apalpa as fraldas do indez,
Cheira debaixo das camas...
Até chegou d'uma vez
A ser grosseiro co'as damas...

E no fim de tanta lida
Recolhe os falhos anzóes
E vae de orelha caida
Metter-se em vall' de lençóes!

E ali passa horas de tedio,
Com horriveis dor's no ventre,
Sem lhe lembrar um remedio
Que esse mal lhe desconcentre.

Essa é rica!
o um potro;
botica;
olta n'outro..

Emfim,—p'ra que de perluxo
O leitor não me appellide—
Embute na pá do bucho
Dois copasios de pevide!

—Sinto o ventre a arder em fogo
Grunhe o triste com voz rouca;
E a hydra começa logo
A sair-lhe pela boca...

Mas antes que a bicha emigre
De todo, pois vem ao centro,
Começa o rabo do Tigre
A recolher-se p'ra dentro!

—Ora não ha! diz o enfermo,
Seriamente atrapalhado;
—Esta bicha, este estafermo,
Vae-me deixar derrabado!

N'esta horrivel collisão,
N'este serio e triste enleio,
Dão-lhe os moços um puxão
E a hydra parte-se ao meio.

Ao vêr esse estranho facto,
Da bicha partida em postas,
Fica o Tigre estupefacto
E os moços caem de costas!

Porém elle não descança
Nem tem rasão p'ra socegos;
—Ficou-lhe parte na pança,
Parte na mão dos gallegos!

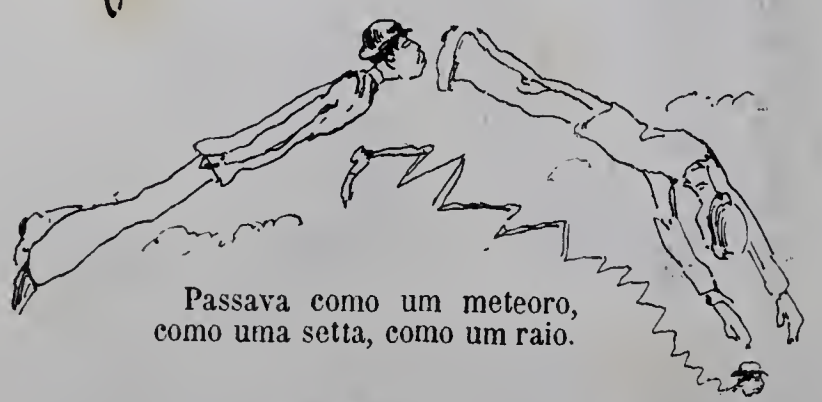
E esse mal, tornado eterno,
A affectar-lhe as partes moles,
Fel-o sair do governo,
Fal-o entrar em Rilhafoles.

Pan.

A Paris!

Então Pina não parou mais. Gyrava em todos os sentidos, para a direita, para a esquerda, parecia atacado de nervoso, que tinha a dança de S. Vito.

A familia, os amigos, o *Diario da Manhã*, o *Petit-bonhomme* o centro constituinte em pezo queriam socegal-o, agarral-o, domal-o, mas elle atirava tudo e todos pelo ar, tal era o seu contentamento.



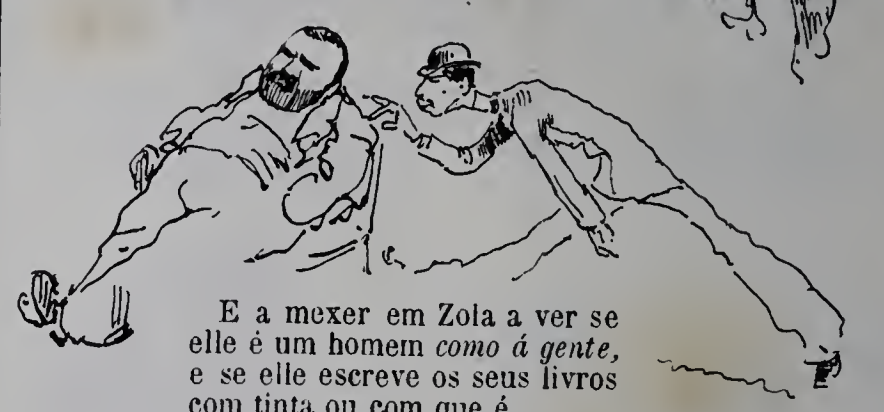
Passava como um meteoro, como uma setta, como um raio.

Quem nos dera vêr a cara d'elle ao chegar a Paris...

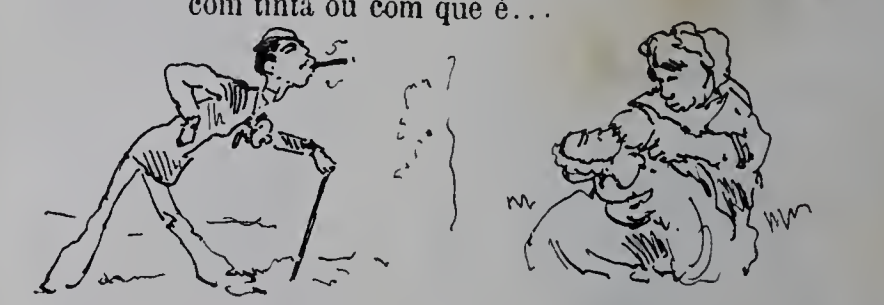
Que de sensações novas! Elle corridas, elle boulevards, elle theatros, elle . tes,

elle nos restaurantes...

Que calamidade! como os generos vão encarecer em Paris!

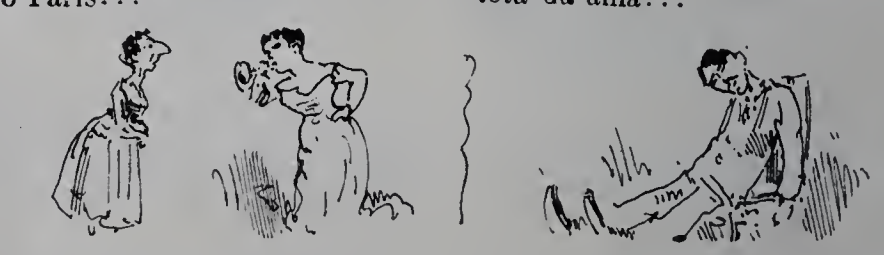


E a mexer em Zola a ver se elle é um homem *como á gente*, e se elle escreve os seus livros com tinta ou com que é...



E hade ser charuto, rosa ao peito, todo triques, todo liró, ali á beirinha a assarapantar todo o Paris...

Paris o seu ideal, o seu sonho desde pequenino, desde que em Alcobaça elle chuchava a teta da ama...



E depois os confrontos: Quem pesa mais na litteratura o snr. Florencio Ferreira ou o snr. Catulle Mendés? no theatro a snr.ª Canaria ou a snr.ª Judic? no jornalismo a *Crença Liberal* ou o *Figaro?*...

No fim de oito dias Pina está derreado, esfalfado, estropiado, quebrado do corpo e de finanças e pedirá que o mandem para a sua terra, mas pelo correio, porque os seus capitaes dão apenas para uma estampilha.

E agora a serio, snr. Marianno Cavalleiro de Pina: Muitos parabens. Que tenhamos sempre de vossa senhoria boas noticias e bons folhetins.

Se passar por Bordeus dê um *chôcho* em Seguier.

RAPHAEL DA MALLO PINHEIRO

MAITRE CORBEAU SUR UN ARBRE PERCHÉ

O TIGRE, A HYDRA E O RAPOSO

Na parreirinha o tigre empoleirado
A larga pata sobre a hydra poisa,
Vem um raposo em manhas jubilado
E assim lhe diz, mais coisa menos coisa:

— Bons dias, senhor tigre; é mesmo um barra!
Brilha entre os bicharòcos resolutos!
Se qual forte é nos lombos o é na garra
'Stá-lhe mesmo a calhar ser rei dos brutos.

Não cabe em si o tigre (o das alcunhas)
E movido do orgulho que o belisca
Levanta a pata p'ra mostrar as unhas
E a Hydra, ella ahi vae—logo se *misca*.

Vale a lição uma hydra de ovos moles:
O tigre, que de esperto faz alarde,
Arqueja co'os pulmões como dois folles,
Jura não cair n'outra. Jurou tarde.

SÊRRA

FINAL

Depois de ter engulido tudo, resolve engulir-se a si proprio... e sac preto!

Começamos a encaral-o sob este novo aspecto

AMARRANDO O BURRO

A NADA O BRUTO SE MOVE

O congresso Catholico e as nossas camaras

Emquanto se prohibe aos realejos e aos pianos do botequim que toquem a *Marselheza,* que nenhuma disposição legal condemnára até hoje como attentoria das instituições e dos bons costumes; no palacio de Castello Melhor reune-se um congresso catholico para fazer a apologia dos jesuitas, e pedir o restabelecimento das ordens religiosas! Emquanto sete notas de musica sem significação politica, que só podem ter o valor de ser bem ou mal entoadas, levam o governo a lançar-se no caminho das perseguições e dos vexames, uma duzia de discolos, em manifesta rebellião contra as instituições, contra as leis, contra a moralidade e contra a civilisação, é acolhida com a mais completa indifferença, senão é recebida com applauso pelos altos poderes do estado. A esse congresso assistiram venerandas matronas e esperançosas jovens, esposas e filhas dos legisladores hereditarios e electivos, da nobreza do reino que priva com a pessoa do chefe do estado, do alto funccionalismo pago pela nação; assiste o clero; assiste o poder judicial; assistem os deputados da maioria que representam as opiniões do governo. E como se tudo isto fossem rodas da mesma engrenagem no dia seguinte um deputado, que é um dos telephones do governo, propõe o adiamento de um voto de sentimento pela morte de Garibaldi; o excommungado que tingiu a espada no sangue da *benedítta canagliá!*

Governam as saias, quer sejam de lã preta e se denominem batinas, quer sejam de retina com *paniers* e se intitulem á Serge Panine. Os sotainas não querem ficar atraz das Nanás; se ellas se limitam a dispor das commendas nacionaes e estrangeiras, a favorecer os *cheris de son cœur* com os empregos rendosos, os sotainas vão andando, vão ganhando terreno, vão passando das trevas para a luz do dia e sentem-se já bastante fortes para dizerem o que pretendem, como aquelle guerreiro antigo que vibrava a lança de grande distancia contra a praça de que pretendia assenhorear-se. Bem lhe importa ao governo que as leis sejam desacatadas, que os sotainas lancem a luva descaradamente á civilisação, comtanto que o não perturbem nas suas altas cogitações de se manter em equilibrio. Bem lhe importa que a França e a Italia se cubram de lucto pela morte do intrepido patriota que sacrificou o seu bem estar e a sua vida ao amor da liberdade comtanto que das mãos lhe não escape a maromba; elle deixa que um congresso catholico hasteie o pendão da revolta contra as leis do paiz e applaude os insignificantes que maltratam a memoria d'um grande cidadão com a mesma semcerimonia com que qualquer cão da rua emporcalha o pedestal d'um monumento.

JUSTA DESFORRA

Hontem deu-se extranho caso
Mesmo junto da Havanesa
— Se não foi obra do acaso
Foi do demo com certeza...

Ao pé da porta do meio,
Junto de grosso magote,
Parou, tomando o passeio,
O nobre barão do Pote.

E atraz d'elle por feitiço,
Attracção, ou não sei quê,
Estacou como um suisso
O illustre marquez de V...

— Como o acaso reuniu
Duas forças tão oppostas! —
Mas nenhum ao outro viu,
Ficaram costas com costas...

Do barão collega antigo
De repente chega então,
E fallando ao velho amigo
Diz: — como estás *tu barão?*

E co'uma precisão rara
Voltam-se ambos d'uma vez:
D'esta fórma dão de cara
O barão mais o marquez!

Corrido, o barão recua,
Em quanto o marquez lhe diz:
— Surriada! foi p'ra a rua,
Seu barão do bis, bis, bis!...

PAN.

Scena final

Eis a teus pés, senhor, rendido e chato
O que das hydras fez gato-sapato;
Esse que a muitas deu terriveis pódas...
Mas que não conseguiu matar a todas!
(escarra grosso)
Amordacei as hydras pombalescas

Brandindo o arrocho em posições grotescas;
Mandei calar pianos e badalos
Desde Adiça á Carreira dos Cavallos;
Corri a socco, a pontapé e a pau
A horrenda Marselheza em berimbau;
A lei do *bumba e zás* segui á letra,
Mais isto e mais aquillo... e tal etc.
(com voz cavernosa e tetrica)
Mas contra mim se ergueu, feia e maledica,
Uma hydra ignorada — a hydra medica...
E suspeitou um desconcertosito
No armazem onde a telha deposito!
. . . . . .
Dei com diversas hydras em pantana...
Venceu-me a mais horrenda... a da tizana!

BEM HAJAS

Parodia á canção de *Anninhas* do *D. Jayme*

Bem hajas ó luz do *Sol* [1]
Aqui da terra dos cegos;
Immenso, eterno, farol,
N'este mar largo d'empregos.

Bem hajas pasta do Fontes,
Que não esqueces ninguem,
Que dás empregos aos montes,
Que dás posta a quem não tem.

Bem hajam secretarias,
Paraiso d'afilhados;
Bem hajam as alegrias
Dos Bazorras empregados.

Bem hajas oh capital,
Que levas quando ha banzé,
Bem hajas oh Portugal
Que tens Fontes e Burnay.

Bem haja o cheiro a mar'zia,
Bem haja a lama e o pó
Da capital docntia
Onde vegeta o Cócó.

Infeliz de quem nos montes
Não tem ninguem que o soccorra,
Felizes os que tem Fontes,
Ditosos, quem tem Bazorra!

SELIM.

Ainda bem...

—Ha procissão, ou não ha?
—Haverá?
—Não haverá procissão?...
Isto mesmo que eu pergunto,
Foi o assumpto
Da geral conversação.

Um dizia: —E' prohibida
A saida
Porque, se a hydra anda á solta,
Essa bicha carmezim
Faz chinfrim
E rebenta uma revolta!

Outro protesta: —E' mentira!
Quem conspira
D'el-rei contra a regia pelle?
... Tiraram-lhe o tigre amado
E amuado
Não quer procissão sem elle...

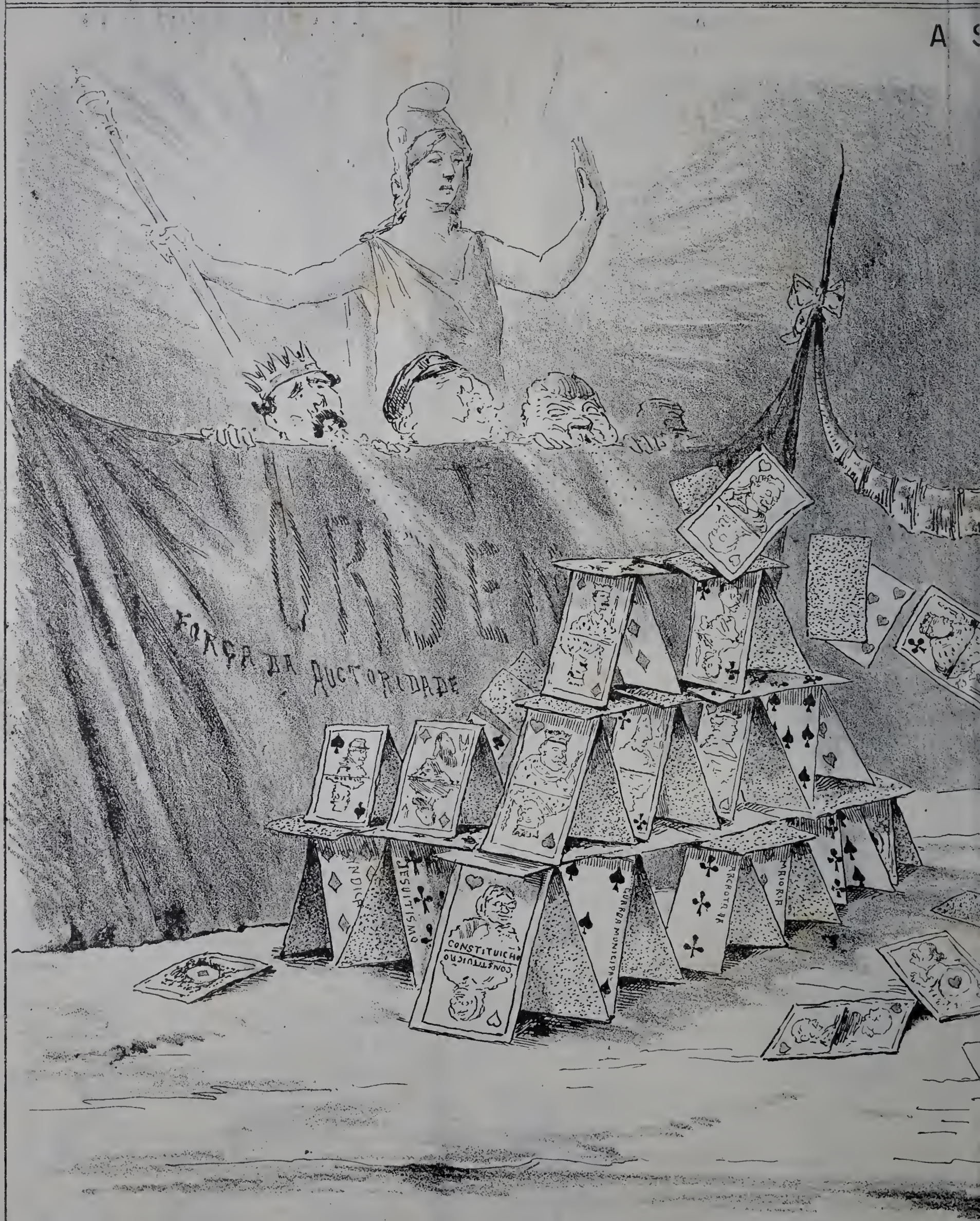
Outro assegura afinal:
—Não ha tal!
Nem ha razões p'ra terror...
E' só porque a procissão
Tem um cão...
Nunca paga ao armador...

Tudo por fim se harmonisa
E organisa,
D'onde se vê e se prova
Que a tal bicha humanisou-se,
Transformou-se
N'um bondoso *Terra Nova*...

PAN.

[1] *Sol* n'esta terra quer dizer *Fontes*.

A S



Está a calhar. Vai assopr

ÃO

é trabalho que me poupas

O *Antonio Maria* aperta cordialmente a mão aos artistas do quinteto de crystal e aconselha-lhes com amisade que se apresentem vestidos de campinos nas *Folies Berger*, se querem um verdadeiro successo em todo Paris. Lembrem-se do enthusiasmo produzido em Lisboa pelos occarinistas, no que muito influiu o seu trajo pittoresco; e elles no fim de contas eram tão calabrezes como os senhores hão de ser maioraes.

O MEU ELLE

(PARA RECITAR AO PIANO)

Dormes, ó cysne de louçã plumagem,
E com a aragem tinga-se a hydra atroz;
Dormes e acceitas o fatal gatasio,
Que foi balasio... e para ambos nós!

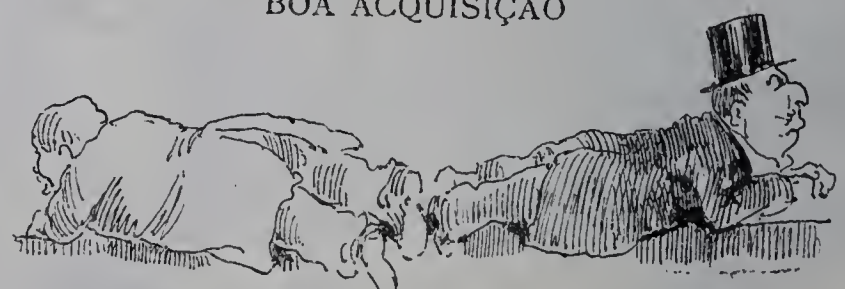
Dormes, ó cysne da *Parada* agreste...
E esta em que deste de sendeiro foi...
Doirada pillula enguliste impura,
Que te foi dura... que inda lá te róc.

Anjo da lyra, na candura raro,
Olha que o Caro, a quem servi leal,
E' bem capaz de te mandar embora
Se me pões fóra d'este seu faval.

Onde nasceste? onde brincaste na eira?
Da Parvalheira vieste, acaso, sim?
E's lá de Chellas, de Carnide ou Loisa,
Ou d'outra *coisa* com um nome assim?

Alonso foste em acceitar a pella
Que por tabella te fez dar boleus
Nunca em meu caco vi pular macacos
Assim velhacos como são os teus.

BOA ACQUISIÇÃO



A guarnição da patrulha,
Resolveu ha poucos dias
Dar nas vistas, fazer bulha,
Augmentando as baterias.

Ja tinha um canhão, porem,
P'ra que o peso se equilibre,
Foi comprar outro, tambem
Da mesma força e calibre.

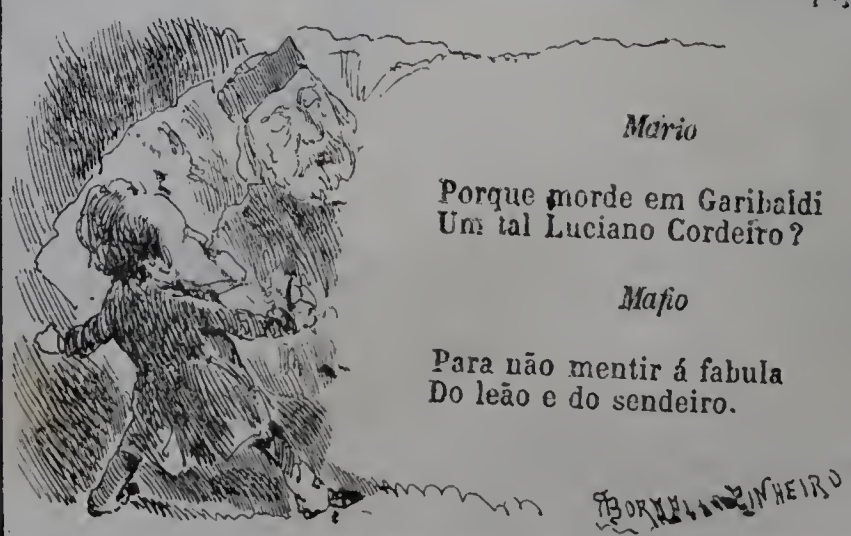
Tendo noções militares,
O *preto*, chefe dos sobas,
Além d'um, «firma Tavares»
Quiz outro «fabrica Arrobas».

(Lá na montanha calabrica,
Segundo a historia me affirma,
Ha muitos d'aquella fabrica,
Immensos d'aquella firma...)

Lá estão ambos no terraço,
A respeitavel altura,
Sobre dez travessas d'aço
De quatro pés de espessura.

E tudo diz, quando passa
Sob as valentes travessas:
— A guarnição d'esta praça
Tem duas soberbas *peças!*...

PAN.



Mario

Porque morde em Garibaldi
Um tal Luciano Cordeiro?

Mafio

Para não mentir á fabula
Do leão e do sendeiro.

CAMINHO DE FERRO DE SALAMANCA

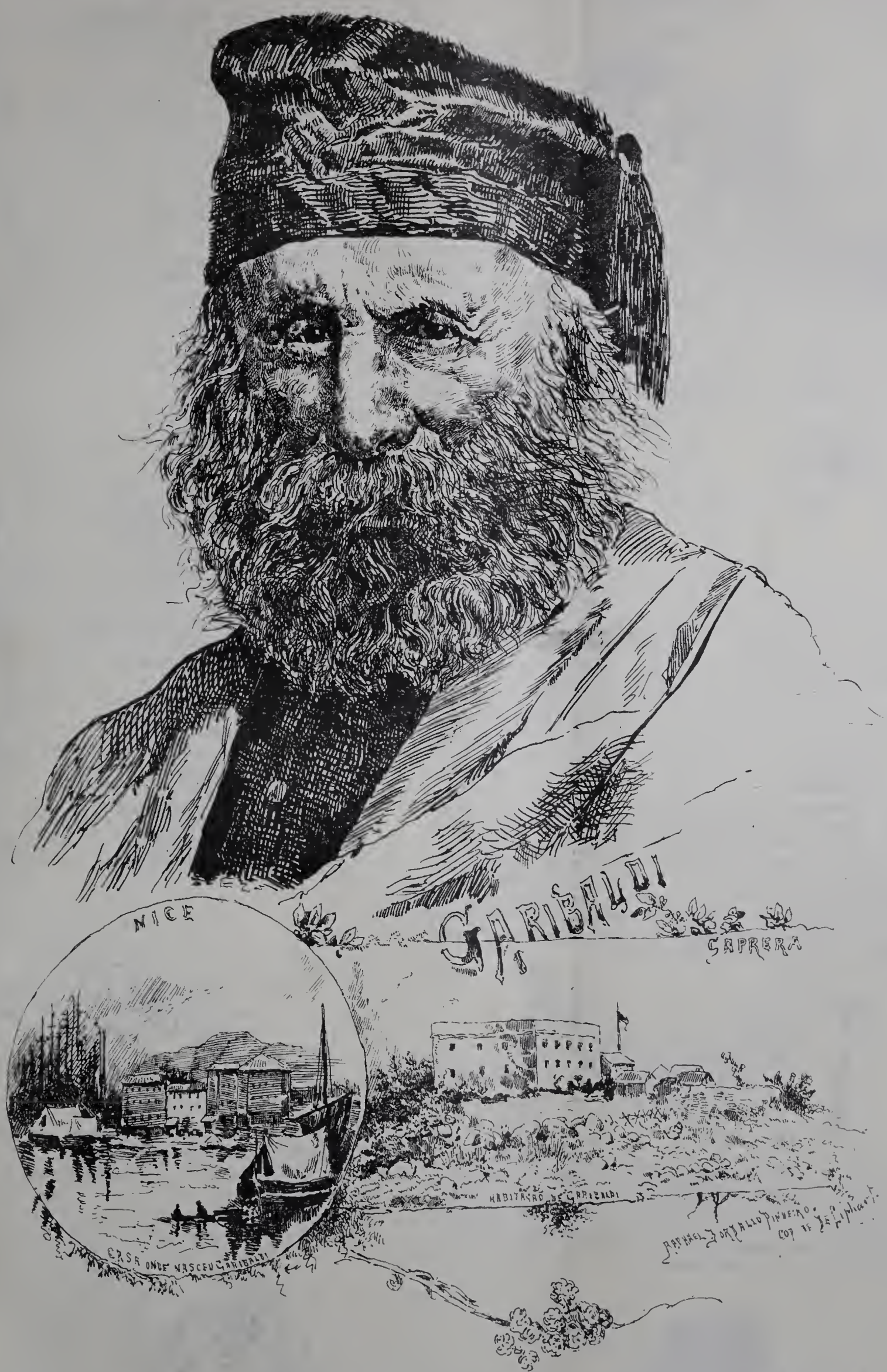
São estas as *linhas* com que elles se cosem

Emquanto o pobre Algarve sem *linhas*, sem nada, está só entregue aos cuidados do *Assis* com prejuizo de terceiro

OS HEROES DO SYNDICATO

O DA TRISTE FIGURA E O OUTRO

AO CLUB HENRIQUES NOGUEIRA



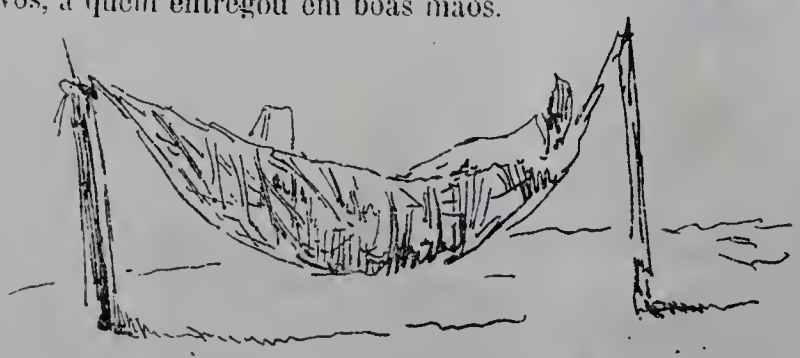
GARIBALDI, SEGUNDO O SEU ULTIMO RETRATO

A ROÇA

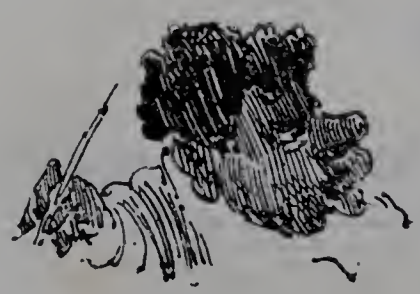
Na grande roça a que temos a honra de pertencer não florescem os coqueiros, os algodoeiros, cafezeiros, como nas roças de alem-mar; mas florescem as febres, os contratos, a miseria dos servos, o engrandecimento dos mordomos, os mimos ganhos no serviço das alcôvas. O senhor da roça passeia e diverte-se. Vive na melhor casa da sua propriedade rodeado de jardins, com todo o fausto e commodidades consoante á sua posição de senhor de engenho. Milhares de servos trabalham para elle, sob o azorrague dos capatazes e feitores, escolhidos por elle proprio.

E tem dedo para os escolher! Este para espremer o servo como um limão para que elle dê o maior producto; aquelle para o apertar com as pontas do azorrague quando elle afrouxa de cançado; est'outro para no carcere punir os lamentos e queixumes; aquell'outro para amordaçar as proprias canções com que os trabalhadores espairecem as suas penas.

Se um feitor descahe da graça do senhor da roça, é porque teve um momento de fraqueza no exercicio da sua missão, ou porque não pode abafar os gritos dos *sanzalas* revoltados. Então o senhor, sem consultar os mordomos, manda chamar o mais feroz dos feitores, aquelle que nas suas roças mais distantes, tenha dado provas de saber brandir melhor o azorrague sem vislumbre de compaixão. O feitor acostumado aos engenhos africanos e ás feitorias da India, sorri, como quem acha facil o honroso encargo de restabelecer a ordem n'um rebanho de carneiros, quando as pantheras e os leopardos se dobraram ao seu mando. O senhor, então, entrega ao novo feitor da roça central o azorrague da disciplina e da ordem e vai deitar-se na sua rede, satisfeito com a certeza de que o seu somno não será perturbado pelas canções, pelos bramidos dos seus servos, a quem entregou em boas mãos.

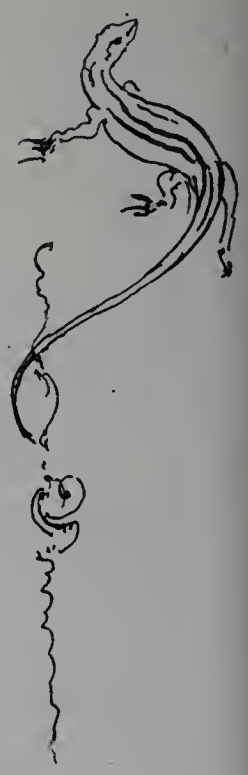


A providencia que permittiu que eu nascesse n'esta roça-modêlo e o meu senhor que consentiu que eu soubesse escrever, decerto não levarão a mal que eu publique pela imprensa a veneração de que me acho possuido pelo azorrague do nosso feitor, que o meu senhor houve por bem de escolher para meu ensino e dos meus companheiros.



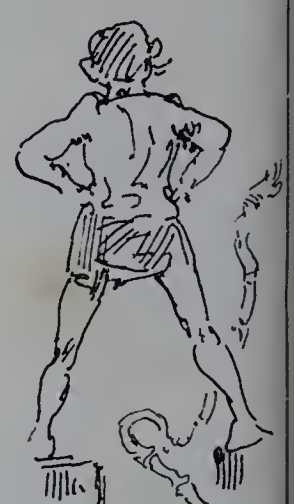
Um negro.

CONSELHOS AO NOVO GOVERNADOR CIVIL



Se de el-rei queres o affecto,
Ser dilecto,
Predilecto,
Aceita um sensato aviso,
Um conselho:
E' preciso
Não ter siso
Nem juizo,
Não ter telho
Nem trebelho.

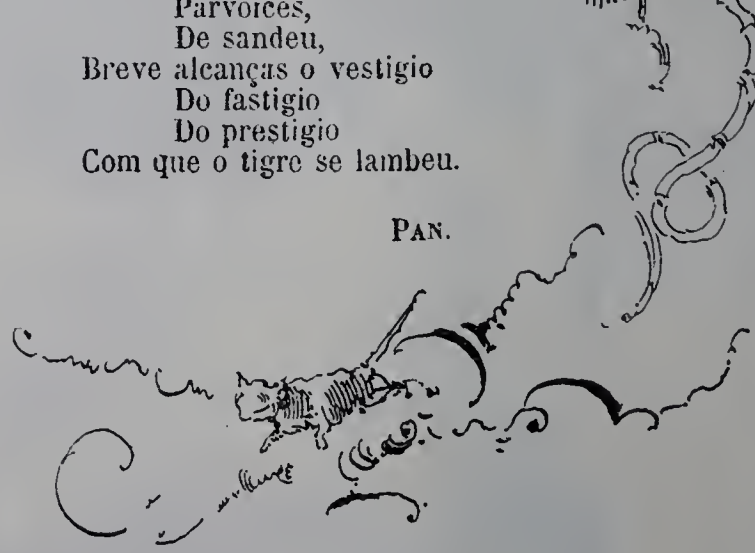
Prohibe os toques dos sinos,
Mais os hymnos,
Faz mofinos
E contin'os
Desatinos,
Disparates;
Move á hydra dura caça,
A' carraça
De má raça
Vermelhaça
Como massa
De tomates.



Diz, retorcendo os bigodes,
Que a aboquenhas,
Que a acalquenhas,
Que a agadenhas,
Que a sacodes,
Co'a canhota
Patriota,
Que és um collosso de Rhodes
E que podes
Descalçar aquella bota...

E sem custo d'esta forma,
Tendo em norma
Só tolices,
Bernardices,
Parvoices,
De sandeu,
Breve alcanças o vestigio
Do fastigio
Do prestigio
Com que o tigre se lambeu.

PAN.

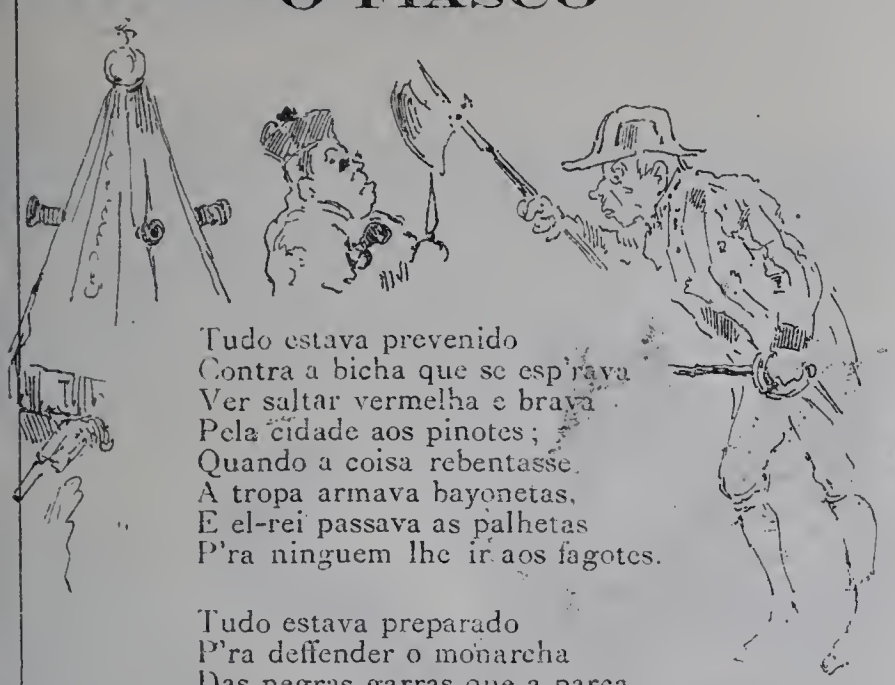


D. João de Castro : Caetano d'Albuquerque :: C. d Albuquerque : Arrobas.

Como duas coisas eguaes a uma terceira são eguaes entre si:

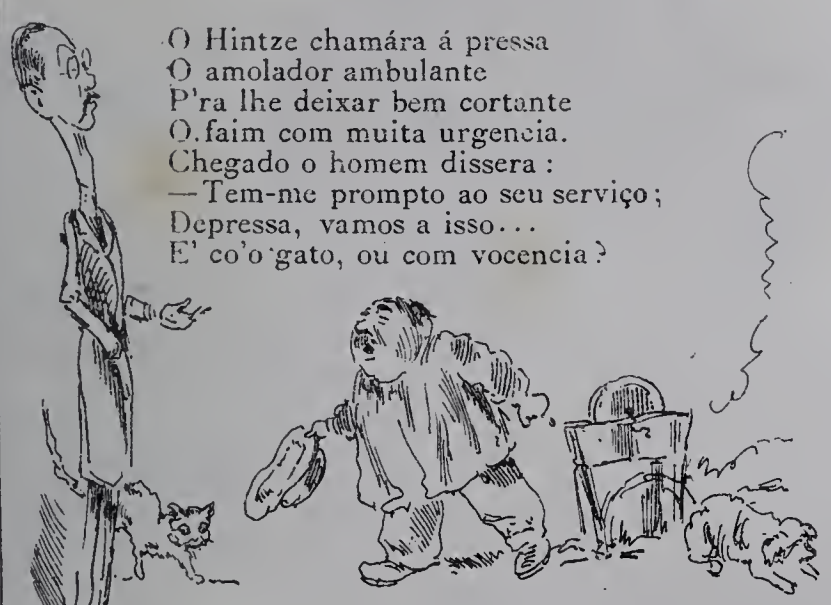
D. João de Castro = Arrobas.

O FIASCO



Tudo estava prevenido
Contra a bicha que se esp'rava
Ver saltar vermelha e brava
Pela cidade aos pinotes;
Quando a coisa rebentasse
A tropa armava bayonetas,
E el-rei passava as palhetas
P'ra ninguem lhe ir aos fagotes.

Tudo estava preparado
P'ra deffender o monarcha
Das negras garras que a parca
Já de perto lhe estendia...
Mello Gouveia ordenára
Que se fechassem os portos...
E cheirava tanto a mortos...
Padre Nosso! Ave Maria...

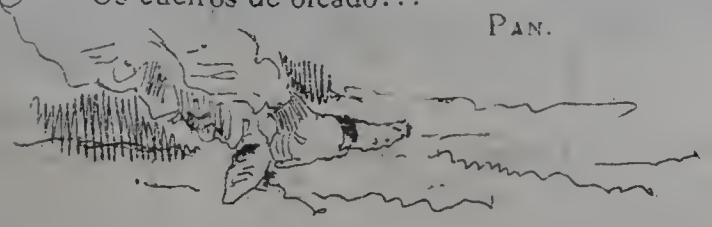


O Hintze chamára á pressa
O amolador ambulante
P'ra lhe deixar bem cortante
O faim com muita urgencia.
Chegado o homem dissera:
—Tem-me prompto ao seu serviço;
Depressa, vamos a isso...
E' co'o gato, ou com vocencia?

O Fontes, p'ra ter a tropa
Bem destemida e valente,
Mandára dar aguardente
Aos bravos soldados lusos.
Para a sangrenta batalha
A nobresa toda armara-se
E o S. Jorge atarraxara-se
Com mais quatro parafusos.

Mas ficaram nas bainhas
As espadas dos combates
E el-rei voltou aos penates
Totalmente socegado;
E emquanto despia as calças
Dizia:—Receios futeis...
Afinal foram inuteis
Os cueiros de oleado...

PAN.

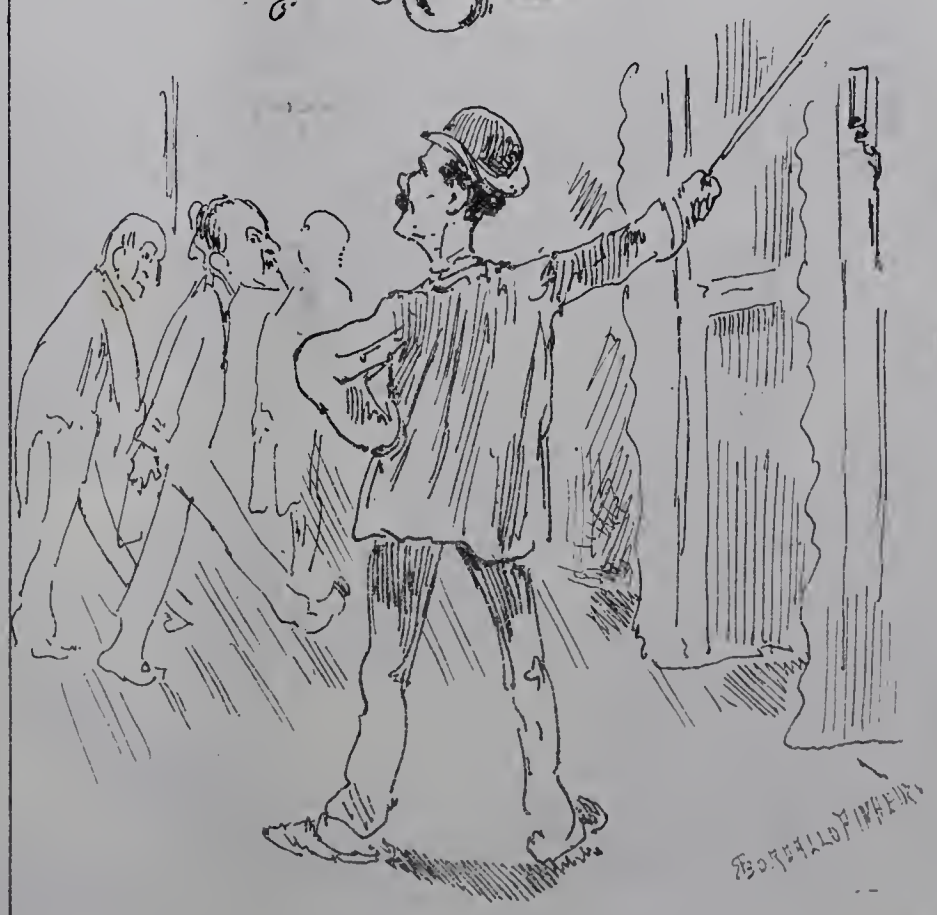


THEATROS

Os que vão e os que ficam.

O Valle é dos ultimos; fica para se apresentar no *portador d'esta*.....

a quem fôr o portador d'estes



Quem foi contratado para substituir o Pachini nos trabalhos scenicos do theatro lyrico, em vista da boa *mise-en-scene* da procissão de Corpus Christi.

A MARCHA

Por este caminho p

O GOVERNO

m os burros n'agua...

O SYNDICATO DE SALAMANC.

Os olheiros encarregados pelo Porto de não tirarem o olho de cima dos pares.

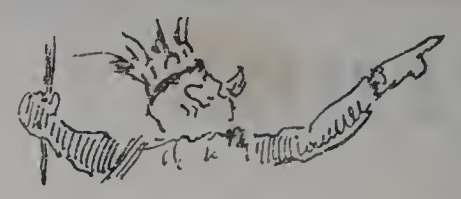
O TIGRE E O CARNEIRO

La raison du plus fort est toujours la meilleure.
Nous l'allons montrer tout-à-l'heure.

A razão do mais forte é sempre a principal:
Nós vamos provar isto em verso tal ou qual.

O carneiro lanzudo
Lembrou-se um dia de saltar na relva;
Eis diz-lhe carrancudo
O tigre que é feroz bicho da selva:
Pois então você pula
Quando sómente a mim pular é dado?...
Não tem medo que o engula?
Responde-lhe o carneiro atomatado:
Mas vossa senhoria
Veja que não lhe estorvo os mortaes pinchos.
—E's de raça bravia
E fazes reboliço com teus guinchos:
Cantas a Marselheza,
Exaltas os carneiros teus eguaes,
E a arrojada empresa
Os vaes guiando assim sem mais nem mais.
—Mas...—Qual mas! tigre diz;
E o lanzudo carneiro inteiro papa
Qual chucha uma perdiz
O bojudo pimpão prior da Lapa.

O tigre é o que nas hydras faz estrago.
E o carneiro quem é? O Zé povinho,
Que paga toda a festa com seu *bago*...
E, inda de mais a mais, com seu focinho.



Rei Caetano, rei Caetano,
Depois de tanto pensar,
Em camisa de onze varas
Te foram encafuar.

Já não são indios nem pretos
Que tu vaes a governar;
Vê se podes de outro modo
Esta bota descalçar.

Não julgues que estás ainda
N'esses sertões de alem-mar;
O caso agora é diverso,
Juizo deves tomar.

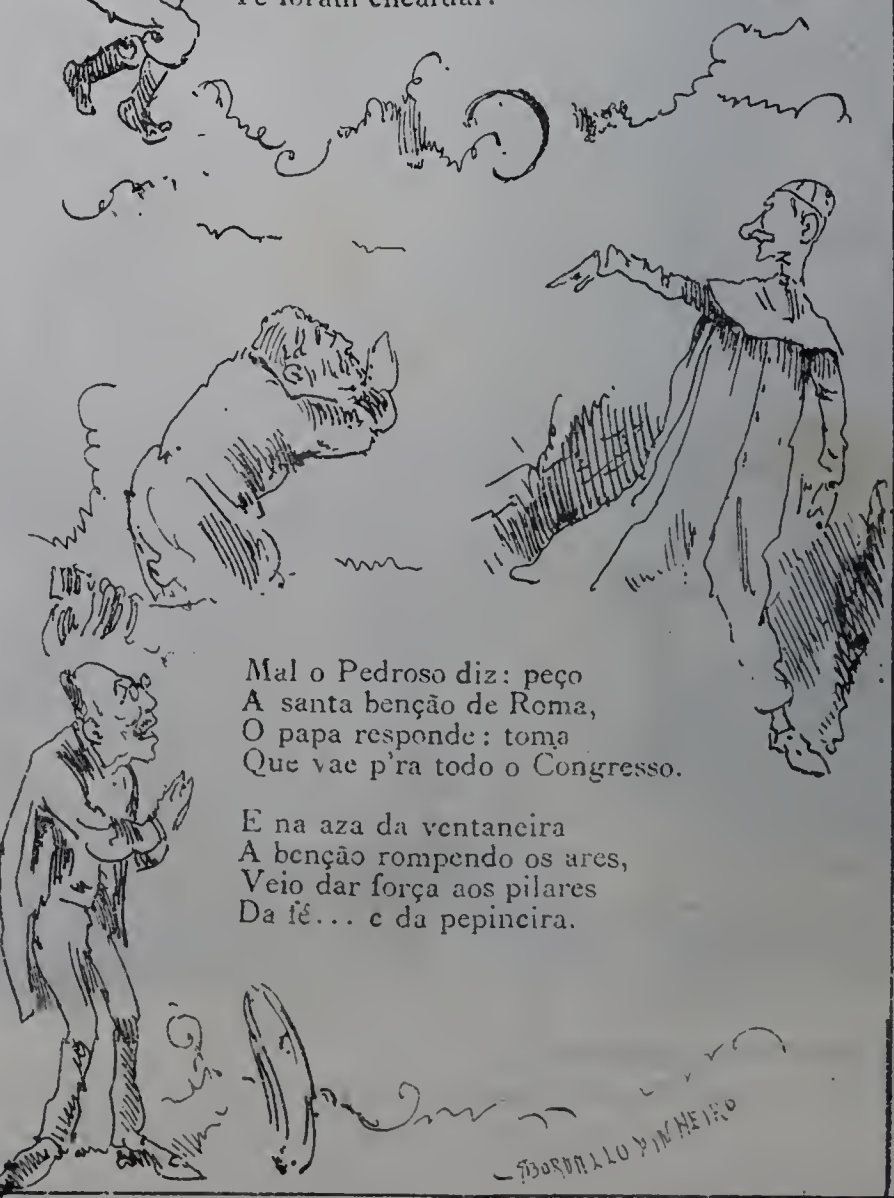
Guar-te agora, rei Caetano,
De os commissarios tratar.
Como tratavas mafucas
Ao maniputo saudar.

Ao Zé-Povinho não penses
Que has de assim amesquinhar
Como os pretos da Ingembota
E aos gentios do palmar.

Teus bigodes vão erguer-se,
Tuas orelhas alçar;
Rei Caetano, tem paciencia,
Pançadinha has de levar.

Não tomes aqui por fero
O teu temeroso olhar;
Cabeça fresca e juizo
Eis o que deves tomar.

Rei Caetano, rei Coitado!
E' caso p'ra lamentar!
Em camisas de onze varas
Te foram encafuar.



Mal o Pedroso diz: peço
A santa benção de Roma,
O papa responde: toma
Que vae p'ra todo o Congresso.

E na aza da ventaneira
A benção rompendo os ares,
Veio dar força aos pilares
Da fé... e da pepineira.

—BORDALO PINHEIRO

AS ALCACHOFRAS

O SYNDICATO DE SALAMANCA

Cuidado com os fundilhos...

Cantiga d'um pretinho de S. Jorge

Je suis un petit negro

Cante-se em lingua de preto
Em honra ao santo do espeto.

Rendeu já bastante bago
O nosso rufo,
E até, olaré! foi pago
Com bom marufo.

Mas hoje o povinho Zé,
Cabeça vã,
Da procissão faz banzé.
Ri do p'r'a grã.

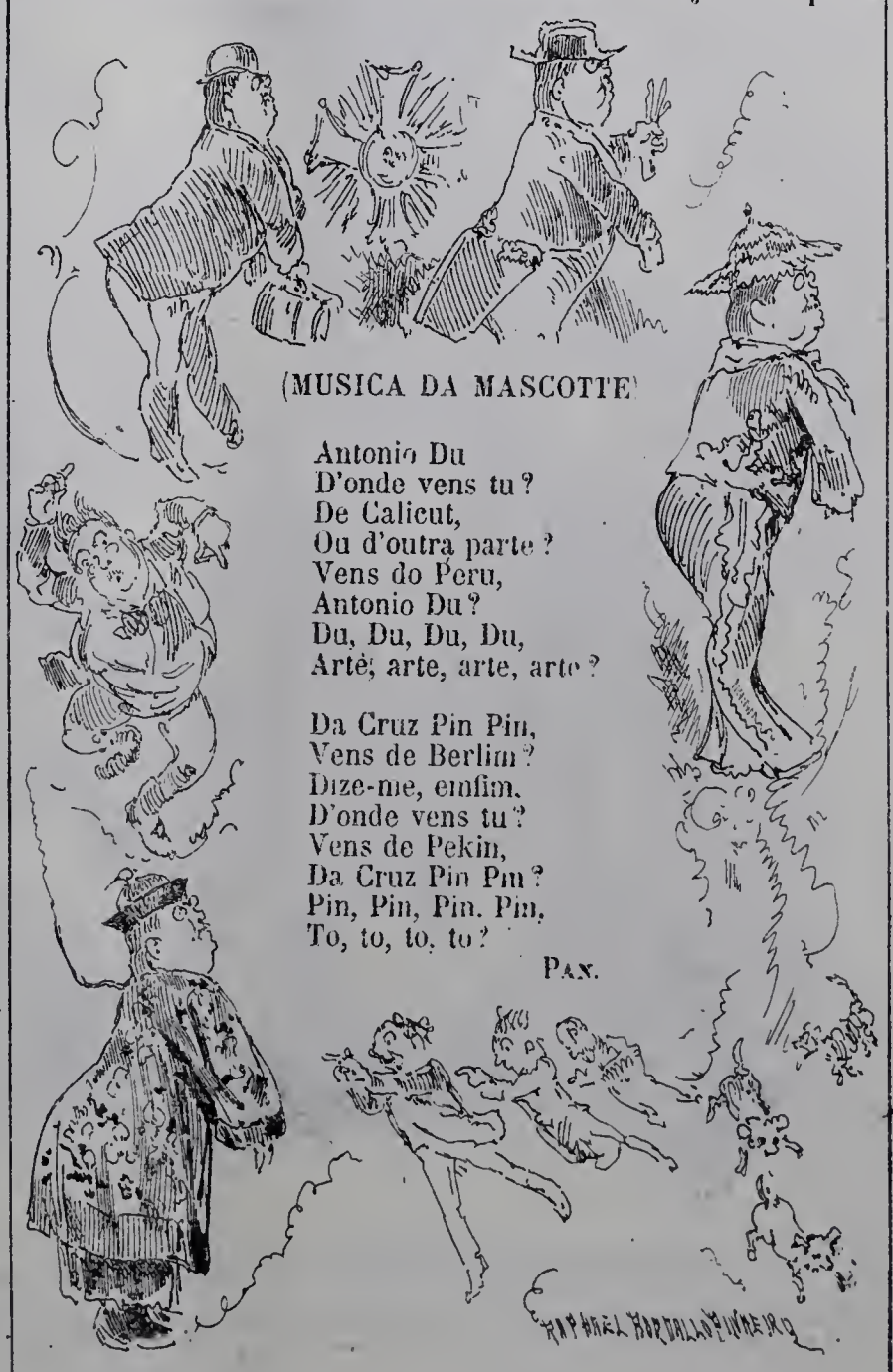
O santinho do zarguncho,
Diz o Cócó.
A's vezes chora caruncho
E mette dó.

O cavallo, com ser besta,
Saudoso rincha,
Pois cortezias na festa
Já não pechincha.

Ai, ai, para a fé que affrontas,
Ai, ai, ó mana!
A coisa no fim de contas
Dá em pantana.

Valei ó santo coitado,
Triste e confuso
E que sente enferrujado
O parafuso!

Ao maestro Antonio Duarte da Cruz Pinto, no seu regresso á patria



(MUSICA DA MASCOTTE)

Antonio Du
D'onde vens tu?
De Calicut,
Ou d'outra parte?
Vens do Peru,
Antonio Du?
Du, Du, Du, Du,
Arte, arte, arte, arte?

Da Cruz Pin Pin,
Vens de Berlim?
Dize-me, emfim,
D'onde vens tu?
Vens de Pekin,
Da Cruz Pin Pin?
Pin, Pin, Pin, Pin,
To, to, to, to?

PAX.

O CONGRESSO CATHOLICO

Querem amparal-a deitando-lhe «gatos» mortos, pegados com cuspo

COLLISEU DOS RECREIOS

1.ª REPRESENTAÇÃO DO *BOCCACIO*

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

A LENDA

Elle levantou-se de subito e disse:

—Vamos a isto. Tambem o Nazareno andou de porta em porta. E eu não sou menos do que elle.

E depois rapou o bigode da côr da noite com as raizes da côr do dia e poz sobre a sua cabeça já pellada uma formosa peruca loura, fluctuante, annellada, cahindo-lhe sobre os esqueleticos hombros e semelhando aquella que a brisa da Galiléa fazia ondolar sobre o alvo cachaço do que passou por filho do carpinteiro.

Deixou cahir o tosão, que era de ouro, e tomou a modesta vestimenta de romeiro. Em vez da espada virgem de cem batalhas, agarrou no humilde bordão do peregrino. E o verniz do seu sapato foi substituido pela plebeia sandalia de couro.

Nem farda, nem insignias, nem uniformes, nem ouros de principe, nem bordados de par, nem facha de general, nem plumagem de notavel, nada trazia.

Deitou por sobre a pelle enrugada o azeitado burel nacional, e deixou ondular por cima do habito de martyr a espaçosa capa de missionario.

Era outro; mas era um gosto vel-o.

Se não estava bello, estava muito bem. Não era propriamente uma *pintura*. Era uma caracterisação bem estudada e bem cuidada.

Magnifico. Um artista!

Saiu e foi-se de terra em terra.

De Sala a Manca a distancia era enorme.

Tinha de atravessar toda a Phenicia, a Arabia e até a Grecia.

Todas as povoações estavam revolucionadas.

E quando elle passava todos fugiam como do leproso.

E elle sempre a caminhar, a caminhar a caminhar.

E elle batia ás portas dos que eram seus pares, antes da transfiguração.

E elle pedia, humilhante, a folha da oliveira, symbolo da paz, sorrindo-lhe o labio, e premeditando traição.

—Votae commigo a regeneração da patria, e chorava. O outro assim o quer.

—Sê maldito. Foste tu que tributaste o pobre. Caminha.

E as portas fechavam-se.

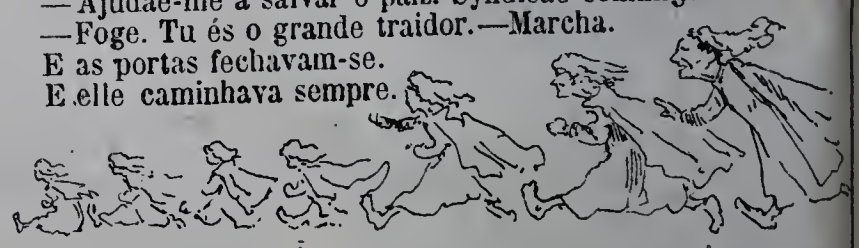
E elle caminhava.

—Ajudae-me a salvar o paiz. Syndicae commigo.

—Foge. Tu és o grande traidor.—Marcha.

E as portas fechavam-se.

E elle caminhava sempre.



—Concordae na minha doutrina. Só ella é boa. Só ella dá ganho.

—Vae teu caminho. Tu foste quem nos encareceo a luz.

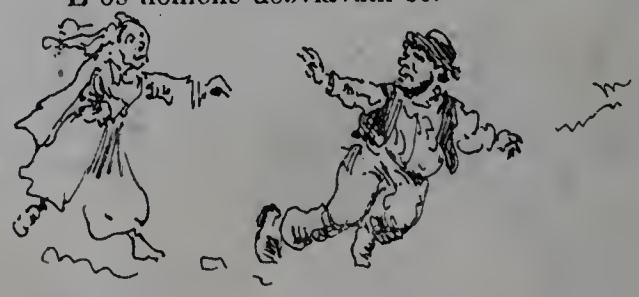
E todos se arredavam d'elle.

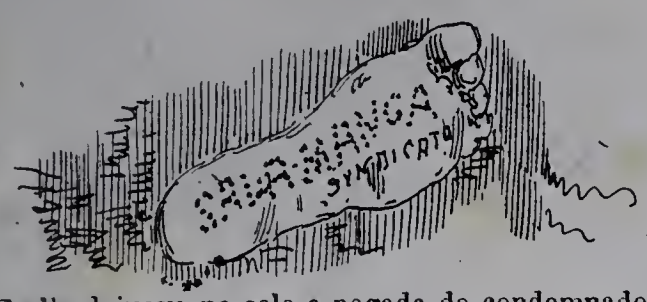
E elle não parava.

—Vinde para o meu gremio. Eu prego o lucro. Eu faço arranjo.

—Não descanses. Tu és o grande prodigo. És o verdugo do povo. Sugas-lhe o sangue e vendes-nos ao estrangeiro.

E os homens desviavam-se.

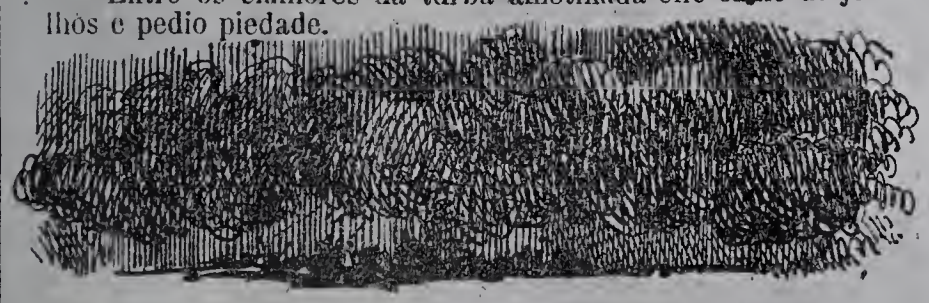




E elle deixava no solo a pegada do condemnado.
Mas não parava.
E elle cheio de fadiga, e abrasado de calma pediu agua, sombra e pão.
E as fontes secaram-se, o sol queimava, as arvores mirravam-se e os trigos morriam.

E o povo ao vel-o implorava do ceo a clemencia eterna contra a peste que destruia tudo e que tudo arrasava.
Sem ar, sem frescura e sem alimento, fraquejou. Ia a cahir.
Mas de Sala a Manca já pouco distava. O ultimo esforço era a suprema salvação.
E elle gritava e implorava. Era um dó vêl-o.

Mas todos o repelliam. Por toda a parte o povo o apedrejava. Em vozeria infernal protestavam contra elle que favorecia o judeu com o dinheiro do christão, que tirava á nação os bens que só d'ella eram para os dar a estranhos, que tudo tributava para pagar ao agiota, e que disfarçado em pedinte e humilhado vivia vida faustosa de principe á custa dos que atraiçoava.
Entre os clamores da turba amotinada elle cahio de joelhos e pedio piedade.



Então o ceo velou-se. As nuvens acastellaram-se. No firmamento divisavam-se as aves precursoras da tormenta. Os raios cruzavam-se no espaço. A trovoada aterrava.
E elle, fulminado e mais cosido com a terra do que o ultimo dos reptis, foi arrastado de envolta com as porquidades pelas enormes levadas das aguas indo parar no sitio em que o esgoto acaba.

. . . . . .
. . . . . .

E, coitado, não chegou a fazer a jornada de Sala a Manca!

QUADRA DO FADO

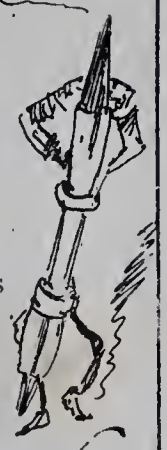
(DO NATURAL)

Elle é bom ser *crapinteiro*
Não é mau ser *bengalista*
Dá *ventage* ser pedreiro,
Mas antes *salamanquista*.

Um jesuita encasacado [1]
E de feroz catadura,
Fulmina a caricatura,
Não facundo, mas irado.

É bem justa esta quisilia,
Este odio que, ó fé, atiças
Em quem a missas e missas
Faz arrotar a familia...

[1] Um tal doutor Abreu.



O REGULO

Quando as brisas estão calmas,
Ao pôr do sol, á tardinha,
Quem passar á Parreirinha
Sente um cheiro de catinga.
O Caetano, reformando
Aquelle vasto covil,
Poz o governo civil
Transformado n'uma aringa!

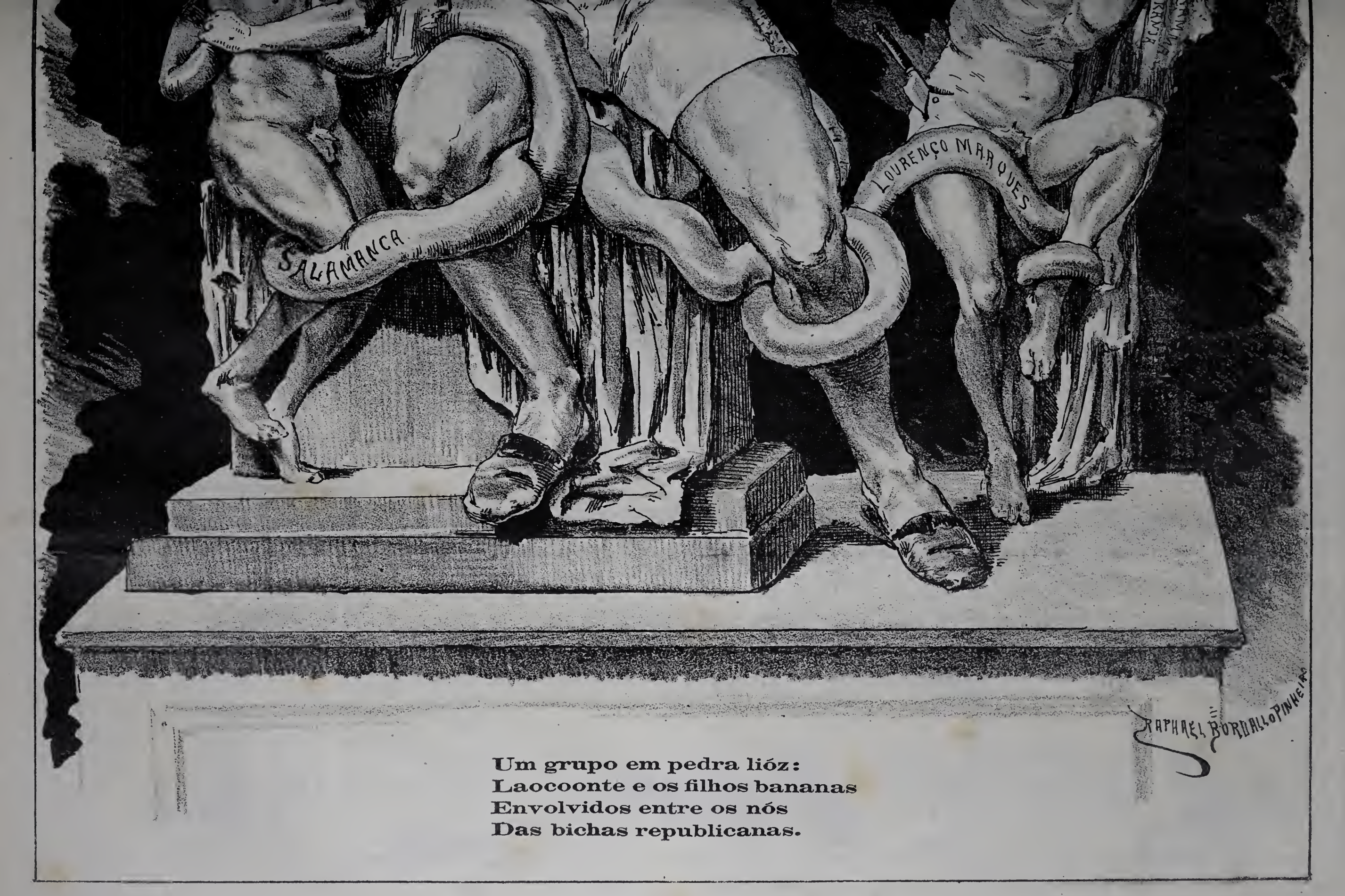
Quando elle entra de manhã
E de alpaca enverga a manga,
Vem os policias de tanga
Fazer-lhe salamaleques;
E ao sentar-se na cadeira
Que elle herdou do tigre-Arrobas,
Acercam-se os chefes-sobas
E os empregados—moleques.

Então, dando ao torvo rosto
O tom cruel dos milhafres,
Como quem falla com cafres
Nos sertões de Moçambique,
Diz assim: —Tudo p'ra a roça!
Negro, mulato ou mestiço...
E ninguem falte ao serviço
Sem que a falta justifique!

D'esta fórma, já não pode
O pobre do amanuense
Por pretexto que o dispense
Forjar qualquer falcatrua.
Mas se o triste um bello dia,
Soffre uma dôr de barriga,
Que o condemna, que o obriga
A não pôr o pé na rua?

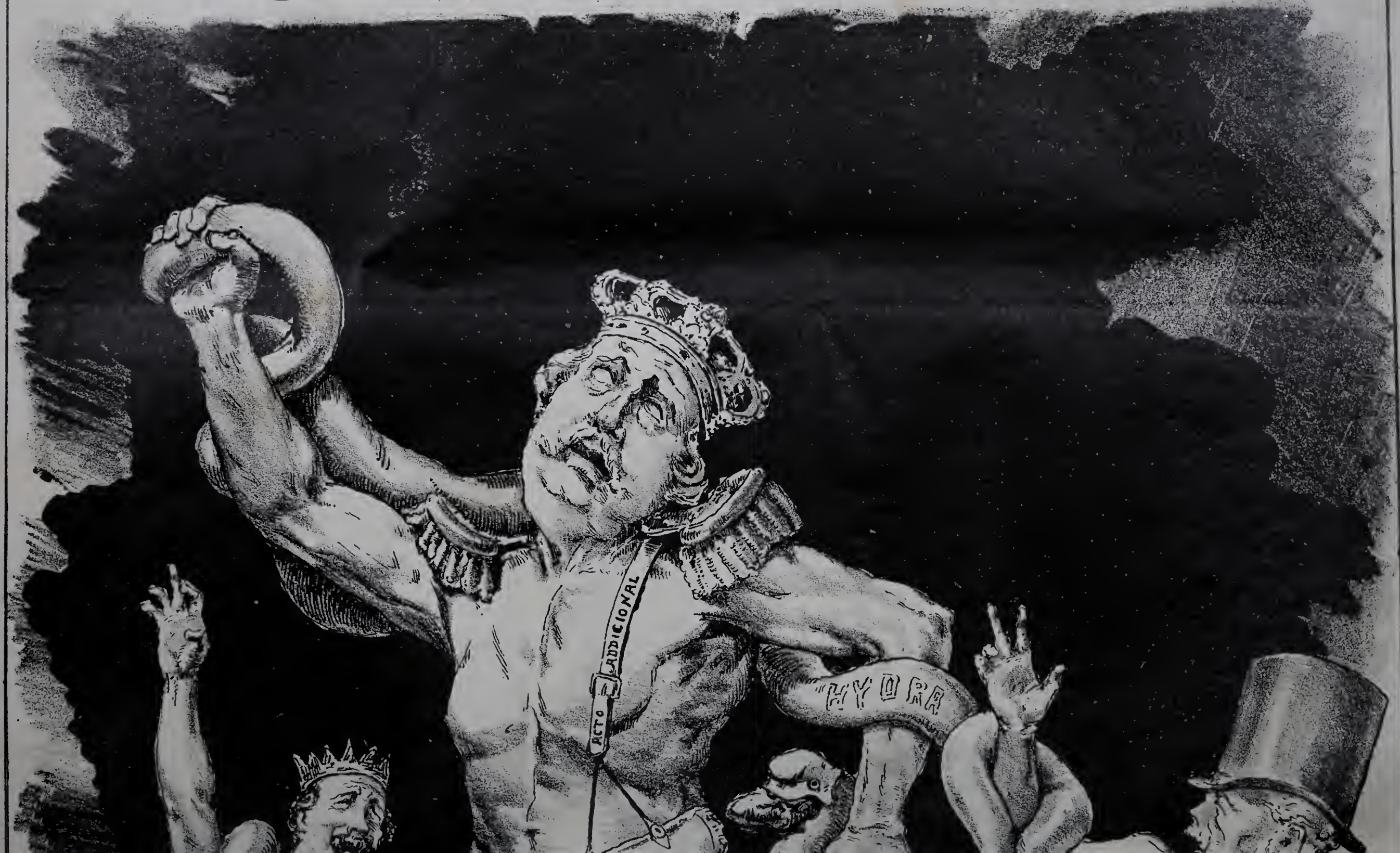
É mister justificar-se
Co' uma prova manifesta
E, sendo assim, só lhe resta
Dizer: —É certo, faltei...
Mas um motivo imp'rioso
Esta omissão attenua...
—Eis a prova nua e crua
D'essa falta que hontem dei...

PAN



Um grupo em pedra lióz:
Laocoonte e os filhos bananas
Envolvidos entre os nós
Das bichas republicanas.

O ESTADO DO ESTADO



*
* *

O sr. Fontes, diz-se que ao ser abeirado, no parlamento, pela commissão portuense, abrira os olhos e recuara.

Conhecemos já este lance. E' vêlho: existe em todas as tragedias de ha 15 annos atraz. E' o pai nobre encontrando o seductor de sua filha e bradando — *tu? emfim, miseravel!*

Na scena o que ha porém a notar é o abrir dos olhos. Dizem os correligionarios de s. ex.ª, que elle, *d'olhos fechados*, tem na politica, pouco mais ou menos, o poder visual do lynce. Vê leguas adiante do nariz. Isto de olhos fechados; o que será agora de olho aberto. Que trema a Europa! que repare, que s. ex.ª tem aberto o olho!

NATAL NO CEU Á ANTIGA PORTUGUEZA

Monsenhor Pinto de Campos, acaba de arrancar á sua lyra sagrada, não os psalmos ferventes dos prophetas, ou os canticos frescos de Salomão, mas a lôa fossil dos antigos anniversarios natalicios.

Nós que haviamos procurado, pelas provincias, nas antigas casas fidalgas este genero de litteratura; que haviamos esquadrinhado pelos albuns burguezes, este symptoma pathologico d'um servilismo piégas, que visava a lambarice d'uns nacos grossos de perú, umas trouxas d'ovos, e uns calices de poeirentas garrafas arrancadas, á solidão, ao abrigo humido das adegas subterraneas, tinhamos visto com prazer que o derreara a cachexia da edade, que o sepultára o nojo.

Monsenhor, porém, acaba de abrir aos archeologos das bernardices passadas, presentes e futuras, um novo campo de exploração — o céu.

O velho costume não morreu; voou da face da terra, para conviver com os anjos e os santos.

Sim, porque quando eu li o soneto de s. ex.ª reverentissima, imaginei que elle fosse dedicado a algum menino, filho de paes, em cuja casa s. ex.ª tomasse a sua chavena de chá e fizesse sua perna ao voltarete.

— *Ao menino Antonio*, diz s. ex.ª, e não lá adivinhar, que o menino Antonio é nem mais nem menos, do que S. Antonio de Lisboa!

E' extraordinario.

Mas que confiança que s. ex.ª tem em casa de Jeovah!

Estou a vel-o entrar pela casa de Deus, grave, altivo, composto, na magestade do seu ministerio, alliada á franqueza, como de quem priva com os donos da casa.

— Como vais tu Jeovah? á familia?

— Sem novidade.

— E o Antoninho? quero vel-o, abraçal-o! aquelle bregeiro...

E, n'isto, em frente do amphytrião, hirto, erecto, como um policia da Angot, tirando da algibeira o papel, recitará.

Depois embrenhar-se-ha por aquelles salões dentro, dando o braço a S. Thereza de Jesus, tratando *de tu*, todas as madres e camaristas celestes, offerecendo a pitada á direita e á esquerda á velhada amiga, sempre alegre, folgazão, com o riso nos labios, um D. Nicomedes!

Sua ex.ª tem o dom de ligar, no ceu, para sempre, o que cá em baixo ligar.

D'aqui uma responsabilidade enorme; uma responsabilidade de liga ou de atacador.

Que tractos daria a Deus este santo varão, se fosse capaz de ligar, cá em baixo, qualquer coisa... por exemplo: das ideias!

NO CONGRESSO CATHOLICO

Um padre eleva a voz grave e serena,
D'olhos em alvo, a barba escanhoada;
E a lingua mais cortante que uma espada,
Modula-se em trinados de novena.

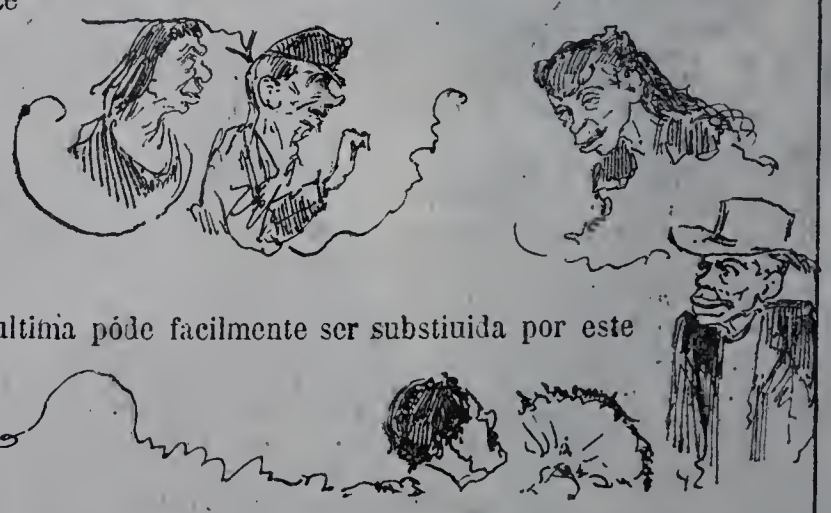
Da bocca grossa, a saudação amena,
Sahe como um echo bom da madrugada,
E á feminina côrte delicada,
O amor impõe, o santo amor ordemna.

E' doce o seu fallar; gentis senhoras,
No nevrosismo ideal de peccadoras,
Sorvem-lhe as fallas, d'um ambiguo mixto:

Entanto, sobre a cruz, hirto e gelado,
A cada fraze do Tartufo ousado,
Tingem-se as faces de vergonha, ao Christo!

M.

O Colliseu dos Recreios acaba de abrir as suas portas á *troupe* italiana, que por seu turno as abriu ao publico portuguez. Sem podermos chamar-lhes notaveis, confessamos com tudo que os artistas são distinctos, mormente o *baixo* e a sr.ª Suave, que se parecem extraordinariamente com dois typos muito nossos conhecidos. O primeiro é um exemplar perfeito d'este



a ultima póde facilmente ser substiuida por este

A illusão é tão completa que o sr. Fontes chegou ante-hontem a procurar a gentil actriz para lhe offerecer um *bouquet* e pedir-lhe o voto para a questão de Salamanca!

E, já que fallámos no Colliseu, vem a pello solicitar do sr. conselheiro Heredia um dos elevadores hydraulicos do alfandega, para guindar as familias aos respectivos camarotes. O camarote real não precisa: el-rei tem escada de mão e o mano trepa por si mesmo.

* * *

Abriu-se de novo o passeio. A jaula municipal, exhibirá, periodicamente, illuminadas pelo gaz camarario, as mais gentis feras de uma odorifera cidade.

Qualquer estrangeiro que chegue, qualquer provinciano, poderá ir vel-as, por um tostão, uma ridicularia, um tostão, apenas! Como porém alguem poderá imaginar, que será acto heroico, o desafiar-lhes a ira, prevenimos que, é absolutamente prohibido, provocal-as, por qualquer modo que seja.

São mansas, de poucas forças e em vez de propensas á ferocidade, expostas, pelo contrario, á ternura, ao olhar languido de vitella morta, ao faniquito, á baba! Os seus assassinios, as victimas, são apenas o senso commum e a grammatica.

No mais, ternas como cordeiros, languidas como Ophelias. Qualquer poderá certificar-se d'isto. E' passar por uma d'ellas e dizer-lhe, d'olhos em alvo: *onde nasceste, onde brincaste, ó bella?* e a fera suspirará. A outra: *era no outomno quando a imagem tua* — e a fera, dobrará em curvas voluptuosas de serpe, o corpo anemico, revirando os olhos, em trejeitos lubricos e soluços de ingenua de feira.

Para comprehender como chegamos a domar tão completamente o bello temperamento meridional, a entidade feminina, tão forte, tão perfeitamente acentuada dos nossos primeiros seculos, basta ver a educação a que entregamos as nossas mulheres.

O *touriste* que tiver admirado a docilidade animal dos elephantes e abstruzes do Jardim das Plantas, admirar-se-ha ainda ao ver no nosso jardim picadeiro, as pequeninas feras, sob a vara magica do domador Justino.

Pelo verão adiante, dançam, envoltas em compridos vestidos de ramagens, á Luiz XV, de cabelleiras empoadas, graves como pequenas duquezas.

Tem tambem amores as pequeninas bichas: os gentis cavalheiros, de meio metro d'altura, a quem dão o braço, com quem conversam, tão a serio, tão humanamente, que causa espanto, em tão verdes annos, tão grande receptividade amorosa, tanta falta de açoutes.

A educação é tudo. D'aqui resulta que os caixeiros aventuram-se intrepidos do meio da bicharia, arrancando-lhes os cabellos de que fazem correntes para o relogio, as cartas armazem de cocegas, e não poucas vezes, o que é peor, o pudor, que, emfim é bonito ver-se, em mulheres ou em feras.

Domam-nas; é o termo, domam-nas!

Para ver esta caricatura dos altos costumes, este *charge* do mundo distincto, perfumado, fidalgo, no sentido figurado da palavra; para apreciar de perto, a vida, os costumes, o alto criterio da feminil da nossa terra, a profilaria instructiva dos nossos collegios, a elegancia das nossas burguezas, a seriedade lorpa das mamãs, a boçalidade taquenha dos papás, maridos d'estas mamás, papás d'aquellas meninas, custa apenas, meus senhores, um tostão!

O verão começa a puchar os cordeis; um quadro por noite; muito movimento, muita vida; vai principiar, podem tomar os seus logares, as suas cadeiras, ou passar ao longo da jaula, á vontade...

Um tostão! meus senhores, é um tostão!

M.

CANTATA DA VELHA MONARCHIA

Eu tive guapas legiões d'amantes,
Todas galantes... um louvar a Deus!
Mas a menina do barrete phrygio
Com seu prestigio m'os roubou... oh ceus!

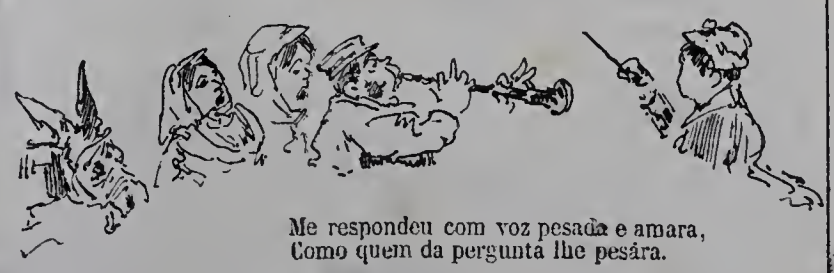
Cruel cachopa! Se a pilhar a geito
As mãos lhe deito — que possante eu sou,
E com sopapos lhe amarroto os queixos
Ao som dos trechos da Senhora Angot.

Embirram muitos em chamar-me velha,
Que já tem telha e não seduz ninguem;
E dizem outros que a fungar simontes,
Agrado ao Fontes, meu amado bem.

Mas sou ainda nas paixões intrepida,
Valso mui lépida, a mostrar primor;
Estimo tudo que a pagode cheira,
E á pepineira voto santo amor

Leve o diabo esses pimpões patetas,
Os que as palhetas me passaram já!...
Basta-me o Fontes com o seu carinho
E o cavaquinho... que p'ra mim é chá.

Assistimos ante-hontem nos Recreios á primeira representação da *Orgia* e confessamos que nunca vimos titulo mais bem cabido em composições musicaes. Aconselhamos a companhia a que metta a peça na trouxa da roupa suja e que a mande de passeio até Caneças, para a *Avante* lhe fazer uma barrella.



Me respondeu com voz pesada e amara,
Como quem da pergunta lhe pesára.

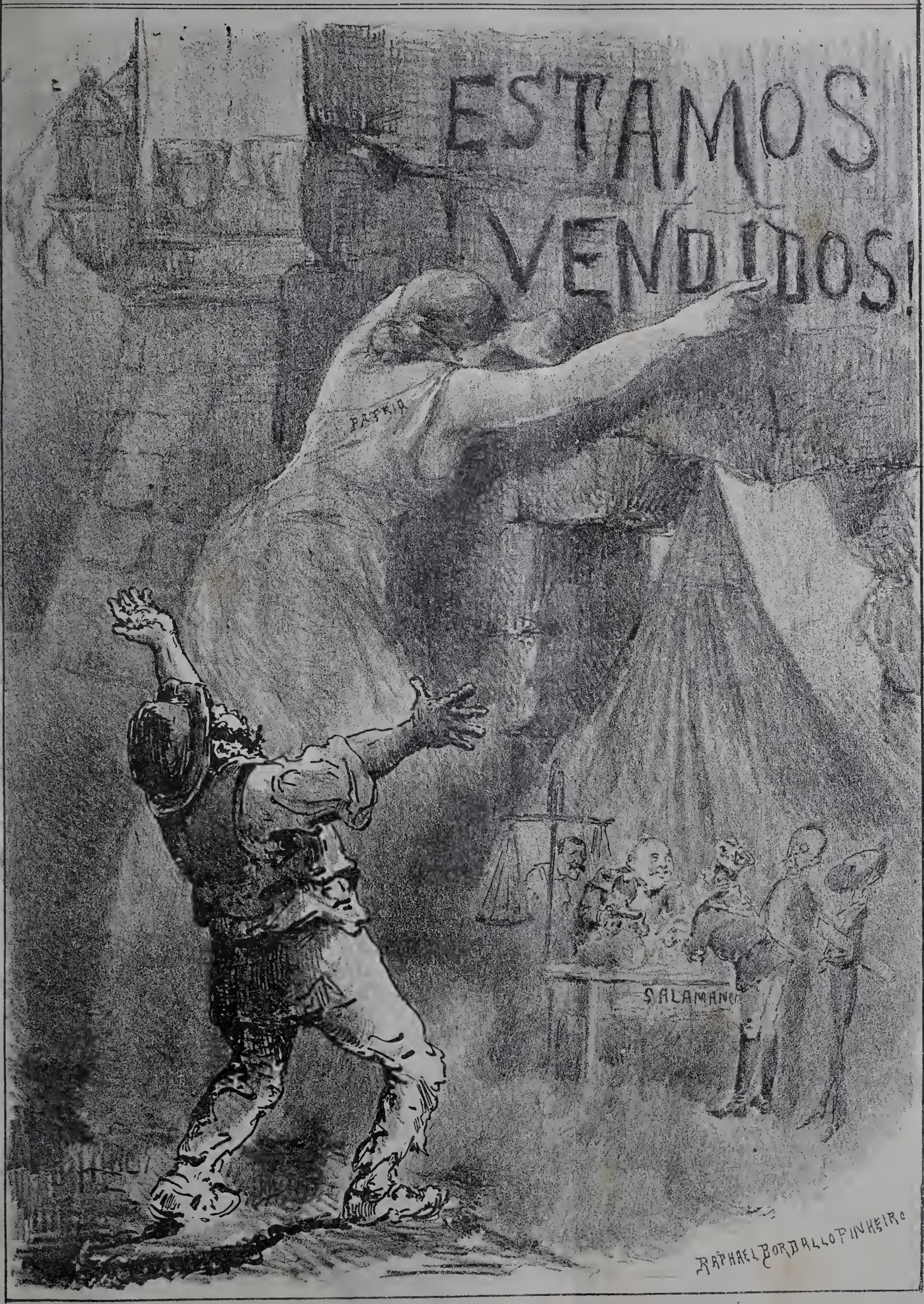
Eu sou essa *intrujice* do diabo,
Que contracto chamaes *salamaneorio*,
Dos lusitanos brios darei cabo
Se o *Zé* me não dispara um — cebolorio:
Na nobre patria do saloio nabo,
Que vive em um constante peditorio,
Infiltro de basofia as gabarolas
Em favor do paiz das castanholas.

?

Tendo sido condemnados o presidente — o vice — o secretario e o seu vice — o thesouréiro e o seu cofre por fazerem parte da *Hydra Fernandes Thomaz*, que não está auctorisada pelo governo, — perguntamos ao *puritano cunhado* — porque não condemna a tripeça José Dias Braamcamp & Fontes, que tambem são presidentes de centros não auctorisados pelo *dito* — ?

RESPOSTA

PORQUE SÃO MONARCHICOS


ESTAMOS
VENDIDOS!
PATRIA
SALAMANCA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ESTAMOS VENDIDOS

Em 1640 um homem houve que era secretario d'estado de Margarida de Mantua, vice-rainha de Portugal, e cujo nome execrando a historia tomou conta para com elle zorragar as faces de todos que pensassem n'uma traição feita á patria.

Fallar em Miguel de Vasconcellos é rememorar tudo quanto ha de ignobil e vil nos fastos da nação portugueza.

Quando se evoca a sombra sinistra d'aquelle perfido portuguez, é para fazer acordar no peito do povo todo o rancor e odio que um traidor provoca e para fazer despertar do indifferentismo criminoso todo o patriota honrado.

A desmoralisação a que chegou o paiz em 1580 trouxe-nos como sequencia forçada o jugo do *demonio do meio dia.*

O deboche politico, a devassidão dos costumes, a descrença geral, a corrupção, a venda da consciencia, a falta de amor á patria, o luxo exaggerado, os vicios, e esta infrene bacchanal a que assistimos, tem feito de Portugal um charco tão immundo, que nas suas exhalações fetidas tudo vae contaminando.

O momento por que está passando a nação portugueza é dos mais solemnes e a responsabilidade das consequencias não pertencem exclusivamente aos que meditam a traição ou estudaram o plano da entrega do paiz ao estrangeiro.

Se o povo não se ergue até onde pode e deve chegar, se o povo continua a dormir o somno da indolencia em que anda mergulhado, se não sacode arrogante e bem para longe os vendilhões que o atraiçoam, e, se conscio do seu immenso valor e magestade, não põe resistencia tenaz á serie d'actos infames que se praticam em nome d'elle, mas só com seu prejuizo, então Portugal é um paiz fatalmente condemnado, e o seu nome em pouco será apagado entre o numero das nações livres.

A Hespanha tomou conta de nós pela immoralidade a que chegámos no seculo XVI.

A agiotagem do seculo XVIII vende-nos a Castella só para a torpe especulação não perder os lucros dos contractos.

Em 1640 o mordomo de um duque medrozo fez uma revolução e reconquistou a autonomia da patria.

Em 1640 o povo fez-se supremo julgador e na sua colera ferina e justificada matou o traidor

Em 1640 libertou-se a nação. E em 1882?

Vendem-nos, atraiçoam-nos e entregam-nos á Hespanha cuja amisade pedimos, mas cujo governo não queremos.

No tempo de Affonso IV o povo dizia ao rei — *Nós queremos.*

No tempo de Luiz I o povo consente que se diga — *O Burnay manda!*

Que degradação!

Na antiga monarchia o povo dizia ao rei — *Tomae conta na administração do governo por que senão... não.*

No reinado do actual duque de Bragança, descendente de João IV, o povo tolera que lhes sejam tributados os generos da sua primeira necessidade vital para com o producto se pagar o feudo annual á Hespanha!

Que baixeza!

As nossas provincias definham, mas Salamanca prospera á nossa custa.

E' o Burnay que assim o quer.

O Alemtejo é uma enorme charneca. Mais parece terra d'Africa do que europea.

Mas Salamanca vae ter um caminho de ferro feito por nós e com o nosso dinheiro!

Que indigcidade!

Mas o Burnay ordena

Força é obedecer-lhe.

O Algarve parece o engeitado dos governos. A viação accelerada não existe para elle.

Mas Salamanca é a dilecta do syndicato. E este formou-se não para beneficiar Traz-os-montes, nem para acudir ao Algarve, nem para cultivar o Alemtejo, nem para fazer o urgentissimo porto de Leixões, nem para salvar as colonias, nem finalmente para qualquer empreza nacional e bem nossa.

Os conluios fizeram-se e a agiotagem reuniu-se para ir abrir em Hespanha um caminho de ferro, como meio mais facil e commodo á invasão estrangeira.

Mas que fazer?

O Burnay insta e o syndicato ganha. Não ha fugir-lhes.

Que affronta!

Nas côrtes de Almeirim pediu o patriota Phebo Moniz ao decrepito cardeal D. Henrique que não entregasse os portuguezes a Castella. E foram entregues.

Hoje por toda a parte se falla na traição de Salamanca. A imprensa, na sua grande maioria, protesta. Nos meetings protesta-se.

Nos clubs debate-se a rebelião do rei contra o povo. E o poder sem attender a nada na sua audaz obstinação proroga as côrtes, não para bem do povo, nem para discutir qualquer medida de utilidade nacional; mas simplesmente para fazer passar o escandaloso contracto de Salamanca!

Que infamia!

— O povo não quer?

— Pois por isso mesmo é que ha de passar.

Eis o que dizem.

O Burnay superior á nação!

O syndicato vencendo o povo.

Meia duzia do especuladores dominando o parlamento!

Até que ponto isto tudo se rebaixou!

O' povo portuguez, abre as paginas da tua formosa epopeia, percorre toda a galeria illustre dos teus antepassados gloriozos, lembra-te de Montijo, do Ameixial, de Castello-Rodrigo, de Montes-Claros, das linhas d'Elvas e de outros feitos heroicos e não consintas que os modernos Migueis de Vasconcellos disponham da patria e a vendam á Hespanha.

Ergue-te, ó valente, e de peito firme e de vontade deliberada oppõe resistencia e lucta contra semelhante attentado nacional.

Guerra mas sem treguas contra os vendilhões da patria.

E lembra-te bem que se tomares a firme resolução de pugnares pela patria e conhecedor do teu enorme valor disseres aos poderes sociaes o fatidico NÃO QUERO, não ha Burnay, syndicato, traidor, governo, ou sombra que te possam contradizer.

Teem medo de ti.

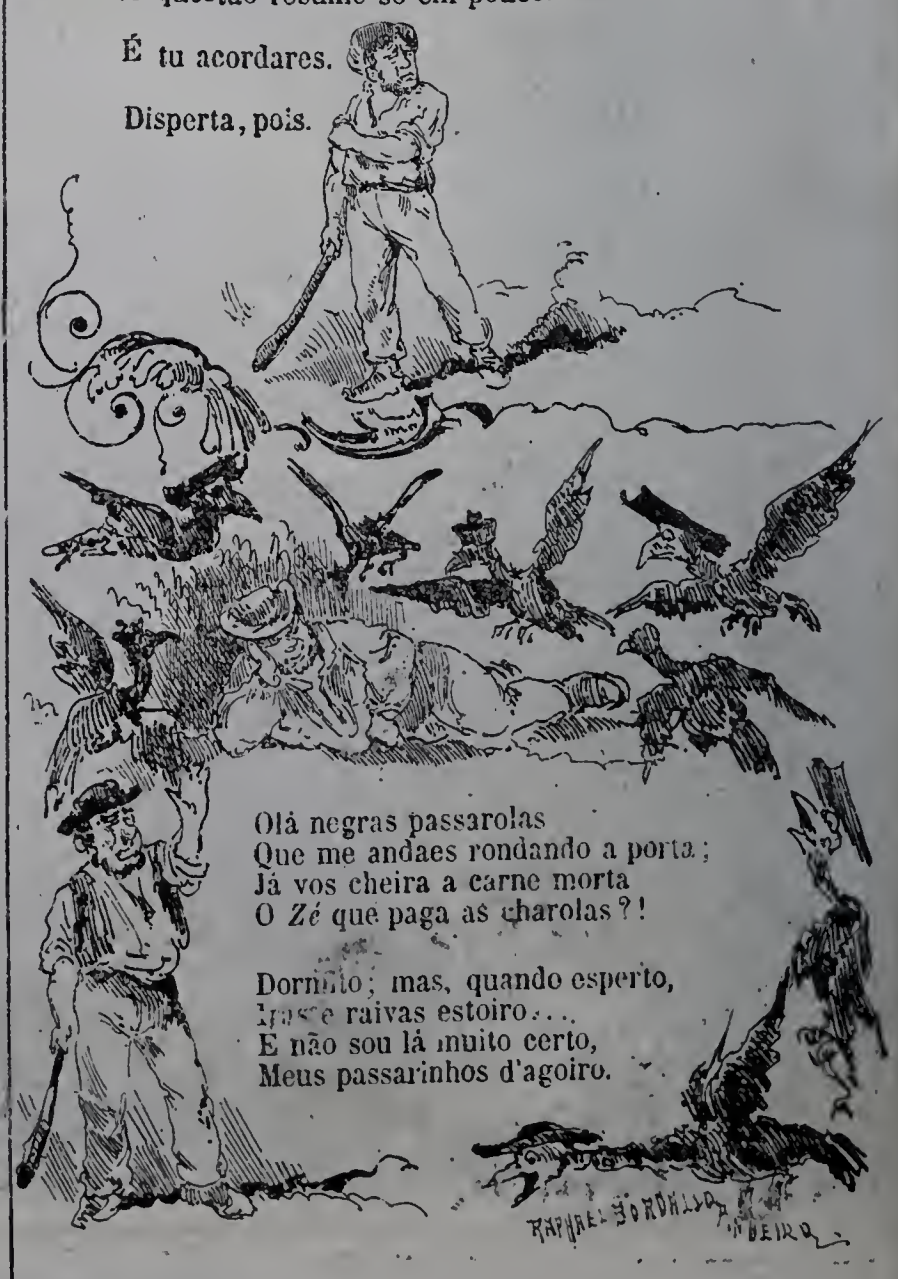
Miguel de Vasconcellos morreu victima da furia popular.

Hoje, se não ha mortes, ha exilios e abdicações.

A questão resume-se em pouco.

É tu acordares.

Disperta, pois.



Os jacobinos fisgados pelo puritano cunhado para alimento da hydra

O *Antonio Maria* associa-se gostosamente á ideia de pagar com o producto de uma subscripção publica as despezas do processo intentado contra os estudantes da escola medica.

Da redacção, administração, typographia e lythographia d'este jornal..... 3:000

Fica aberta a subscripção na administração do *Antonio Maria*, Travessa da Palha 140, 1.º

A VIAGEM

Nas sertanejas comarcas
Tudo se enfeita e se enflora,
P'ra receber os monarchas
Por essas provincias fóra.

O Porto, daCedofeita
Té á rua das Congostas,
Fabríca, dispõe, ageita,
Fognetes de tres respostas.

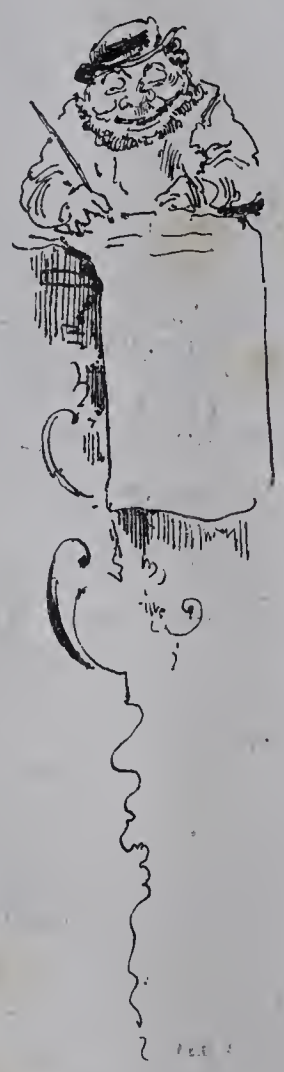
O districto um lunch apresta,
E o povo, que paga, applaude-o;
Tudo é riso, tudo é festa,
Tudo é prazer, tudo é gaudio.

Tudo catita, de arromba,
Do melhor e do mais rico ..
Um coreto em Santa Comba,
Um *te deum* em Celorico.

Até Lamego se adorna!
Todo se burne e se pinta,
Veste farda, põe bigorna,
Pendura o chanfalho á cinta!

E trocando por brocados
Os trajos vis do labrego,
Vão mostrar-se *afiambrados*
Os presuntes de Lamego!

PAN.



Carta de Zé Povinho ao seu compadre ***

Illustrissimo senhor
E meu compadre Estrellinhas,
Desejo com todo o ardor
Que ao receber estas linhas
Esteja de bom humor.

Faço esta p'ra lhe dizer
Que já foi a *Medicina*
A' Boa Hora responder;
E lá pagou a propina,
Como estava bem de ver.

Affiançar a *reinadia*
Sabios lentes foram juntos;
O que, parece, annuncia
Que ha n'elles tambem *bárruntos*
Sobre a tal macacaria.

Dizem varias cegarregas
Que o julgamento é mui breve;
Mas já ouvi nas bodegas
Alguem que a dizer se atreve
Que é lá p'ra as kalendas gregas.

Avisarei p'lo sobrinho,
Do dia do julgamento;
Metta pernas a caminho
Porque, segundo eu assento,
Ha pagode. *Zé Povinho.*

Carta do Compadre *** a Zé Povinho

Meu compadre Zé Povinho,
Soube pela sua carta
Que os rapazes bom *baguinho*
Já escarraram á farta!
Assim é que é o caminho.

P'ra conservar em respeito
Esta santa monarchia
É páu a torto e a direito
E na algibeira sangria:
Eu cá não lhe acho outro geito.

Bem haja o Fontes e o rancho;
Regulam nossos destinos,
Pescam as hydras a gancho:
Se alguem lhes dedicar hymnos,
Logo a cantal-os arrancho.

Adeus, meu caro compadre,
Fuja sempre de matutos:
Recommende-me á comadre.
E a respeito de tributos,
Vá-os pagando e não ladre.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

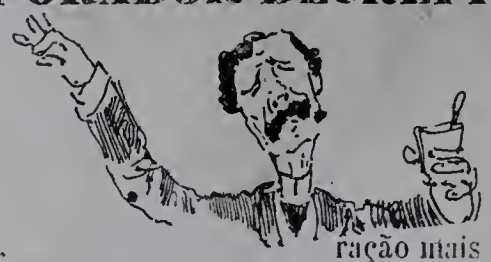
SURGE ET AMBULA!...

(LEVANTA-TE E CAMINHA)

A RESURREIÇÃO DO LAZARO

(QUADRO DE REMBRANDT)

UM ORADOR DECREPITO



Fallou o principe e disse asneira grossa.

Via-se na maioria a expressão triste d'uma completa desillusão. Até o Basorra entristeceu e o velho renegado da revolução disse uma pachochada suja. E tão alto a proferiu que um policia da galeria o queria prender por offensas á moral publica; mas disseram-lhe que o vocabulo era hespanhol e como se tratava de Salamanca era permittido tal arroto. O guarda engoliu.

O caro ia cuidadosamente vestido e a parte das roupas brancas, que se via, alvejava. A calva tinha uma circumferencia negra e o seu bigode de melicias muito ordinario deixava de vez em quando escapar um pingo preto no lenço que no fim da sessão parecia o farrapo em que se limpam as pennas.

Ninguem fugiu nem mugiu quando elle se ergueu da poltrona para fallar.

Diziam todos: — vão vêr que carga na opposição e com que delicadeza, que é um dos merecimentos d'este homem.

A sobre casaca d'elle, assentando-lhe com justeza, pintava-lhe a anca redonda do seu tronco bem aprumado e no seu braço dobrado sobre as nadegas e com a mão collocada sobre a divisão d'ellas se não parecia Mirabeau na tribuna, dava ares do José Augusto no carro.

Era uma posição muito nossa quando lavamos com esponja o que precisa de ser banhado.

O discurso foi uma catastrophe. O Martens espirrou duas vezes e por duas vezes o Hintze o mirou por cima dos oculos.

O grande homem, que de dia para dia se vae tornando banal e decrepito e que está apostado em dar cabo de tudo desde o paiz, que vale muito, até á gloria d'elle que pouca é, bebeu agua, retesou o punho, empertigou-se mais, enfileirou papeis, poz e tirou as lunetas, puxou a mucosa, olhou as galerias, viu as donas que o admiram e os policias que o guardam e em voz sahida bem de lá dentro expluio o seguinte:

Sr. presidente. O governo a que tenho a honra de pertencer e cuja marcha gloriosa está traçada nos factos mais monumentalmente bem caracterisados e uteis para o paiz, que, diga-se a verdade, ás vezes é ingrato porque repelle a mão que o pretende beneficiar e cujos favores elle não quer acceitar por desnorteado que anda e influido por idéas que dizem serem verdadeiras mas que eu não admitto, embora respeite, e possa por necessidade ter de concordar com ellas, fez com o syndicato do Porto, que não deve ser caprichoso, porque se isto fosse um capricho eu não combatia por elle, embora muito respeite os caprichos do Porto na vespera de S. Magestade ter de lá ir para tambem elle ter a phantasia das arrobas de calcio e dos kilos de dynamite, um contracto para construir a linha ferrea até Salamanca, dando-lhe o governo de que fez parte uma das maiores capacidades que eu conheço desde que entrei para a vida publica, que já bem longa é, o sr. Hintz, a insignificancia de 2:700 contos de réis que é uma gota de agua no grande tanque da governação em vista dos resultados que hão de advir ao paiz por semelhante abertura que no fim de contas é o acto mais patriotico e grandioso que desde a fundação da monarchia até hoje se tem praticado e é por isso que eu dou os parabens á nação de consentir que lhe tributassemos tudo para o producto d'este vasto plano financeiro, que eu e o meu governo concebemos, ir para castella a velha que a nova de nós não precisa por ora; porque sem aquelle caminho era Portugal um paiz desgraçado e porque todo o cidadão humano e que tenha compaixão não póde levar a bem que o syndicato perca e eu e o meu governo, de que fez parte o coração mais bondoso, como é o sr. Thomaz Ribeiro, não somos dos que podemos ver com indifferença os capitaes dos outros improductivos embora com infamia se diga que isto foi promessa de eleições; mas não foi tal, porque esta proposta representa a genuina expressão dos sentimentos nacionaes mais enraizados que póde haver, nem eu sou dos que dizem uma coisa por outra, porque eu sempre fallo e fallei a verdade e só a verdade aos reis e aos povos e pouco me importa com o que os outros dizem, visto que, quando eu estou convencido que uma coisa é branca ninguem me persuade que é preta e quando a vejo preta não ha quem me convença de que é branca, por isso é que eu não admitto que se diga que este negocio de Salamanca traz comsigo a idéa de lucro para o governo, porque todos nós escusamos d'isto, e eu até estou cançado de aqui estar n'esta cadeira que muitos dizem de roza, mas que eu sinto ser de espinhos, esperando ter occasião de me passar o mais breve possivel sem desaire para mim e para o sr. José de Mello, uma das nossas maiores glorias de alem mar e de aquem terra, e conhecendo que estou cançado por que eu tenho de confessar que fui a casa da opposição pedir-lhe para entrar, de accordo comigo porque governar não é só ir á caza do despacho com el-rei, e arranjar tudo o que nos convem, mas governar é transigir, é pedir, é propor, e é tudo isto e não é nada d'isto e, se não consegui, a opposição está enganada e póde andar por quantos meetings quizer que eu não vou lá nem nunca fui embora o meu amigo Arrobas, Cocó e Fonseca fossem meus delegados em S. Carlos, por causa de Lourenço Marques e cujos effeitos eu estou soffrendo, e se o contracto de Salamanca é desvantajoso mando para a meza uma proposta da caza bancaria mais respeitavel que ahi ha e que quer substituir o governo ou formar outro estado no estado para ganhar o que o paiz podia lucrar, mas que elle completamente pervertido regeita deixando o pobre e afflictivo sr. Burnay em grandes apuros e difficuldades, que nem eu sei a cauza de toda esta guerra que se lhe move porque elle é um ente util e necessario e tanto que os progressistas já o fizeram corretor de um grande emprestimo que mais parecia de pelica pelo tamanho das luvas do que de libras, e se elle é o indispensavel do dia, constituamos moda com elle e com isso conseguimos tres cousas — applicar os impostos em proveito de Hespanha, que nós pelas boas finanças que temos não carecemos d'elles — acudir aos capitaes dos bancos portuenses que não teem como esta occasião para especulação mais rendoza — e salvar o sr. Burnay de qualquer estoiro que possa dar n'uma epoca em que as fallencias não são raras. Disse.

.....

Depois d'isto o plano da natureza, dando ao intestino a faculdade da expansão, é uma maravilha.

.....

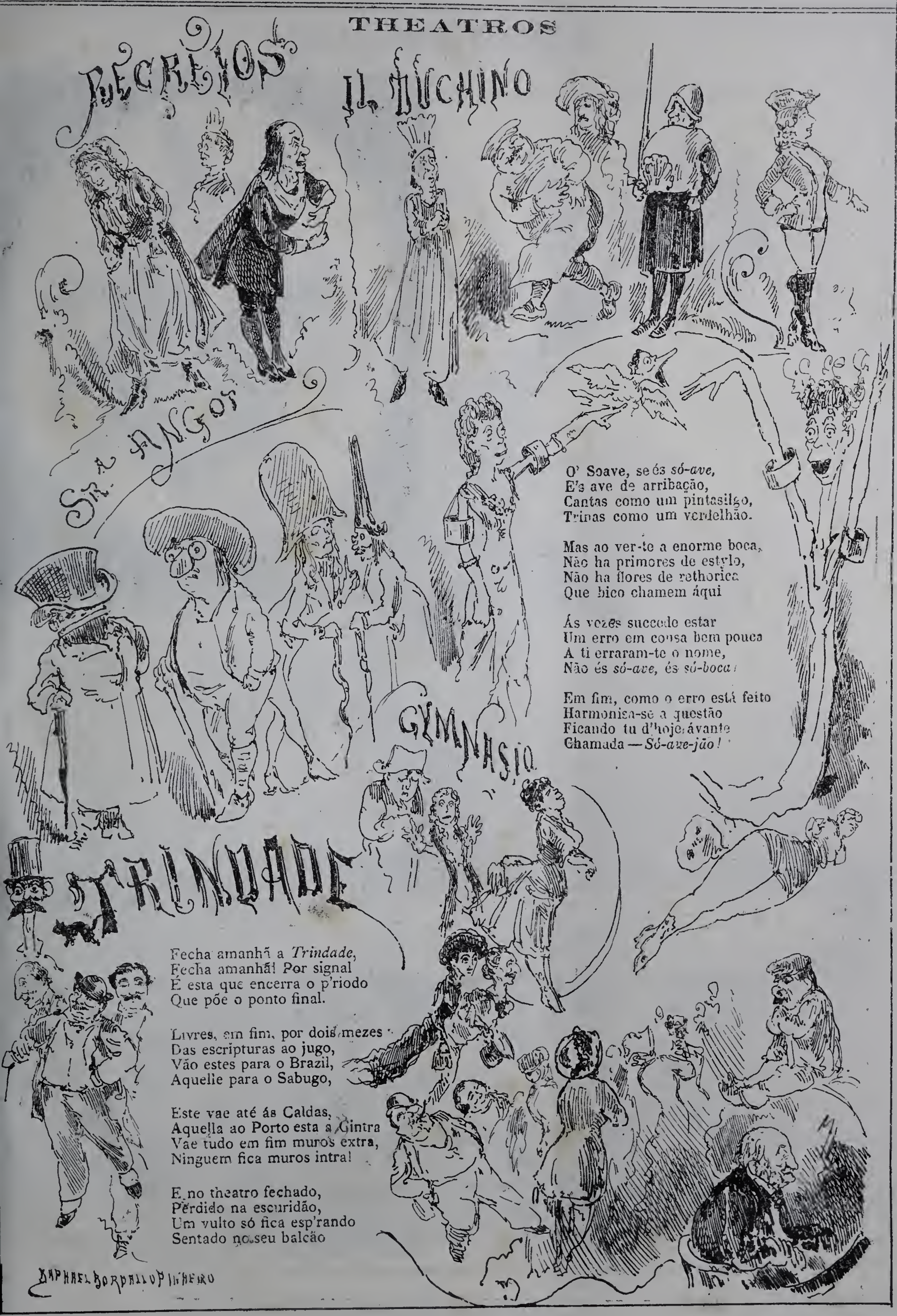
.....

.....

A maioria ficou aterrada. Fez-se o silencio dos cemiterios.

Houve quem visse o Bazorra a chorar; mas o Sampaio ria.

THEATROS



O' Soave, se és *só-ave*,
E's ave de arribação,
Cantas como um pintasilgo,
Trinas como um verdelhão.

Mas ao ver-te a enorme boca,
Não ha primores de estylo,
Não ha flores de rethorica
Que bico chamem áqui

Ás vezes succede estar
Um erro em cousa bem pouca
A ti erraram-te o nome,
Não és *só-ave*, és *só-boca*!

Em fim, como o erro está feito
Harmonisa-se a questão
Ficando tu d'hoje ávante
Chamada — *Só-ave-jão!*

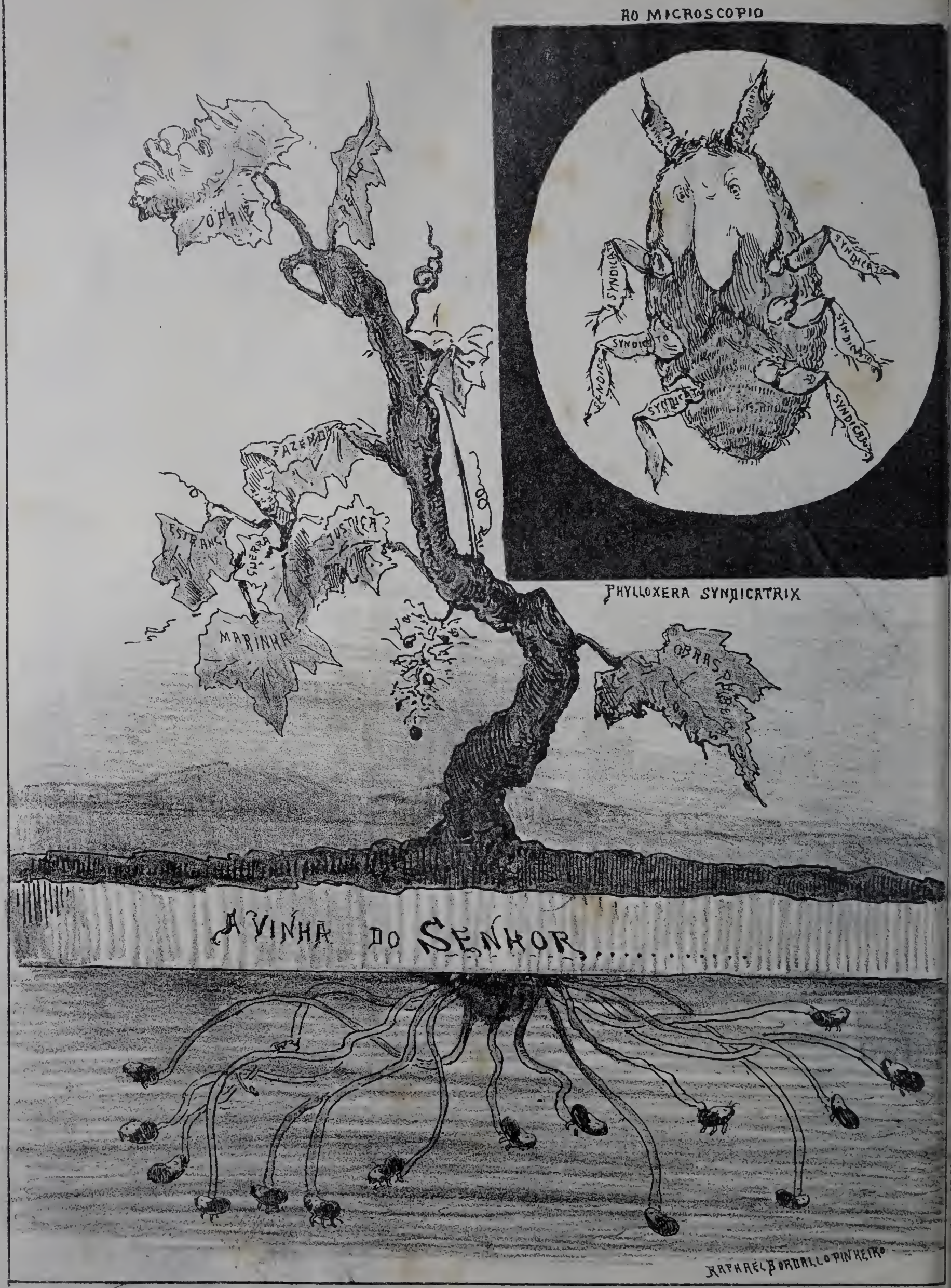
Fecha amanhã a *Trindade*,
Fecha amanhã! Por signal
É esta que encerra o p'riodo
Que põe o ponto final.

Livres, em fim, por dois mezes
Das escripturas ao jugo,
Vão estes para o Brazil,
Aquelle para o Sabugo,

Este vae até ás Caldas,
Aquella ao Porto esta a Cintra
Vae tudo em fim muros extra,
Ninguem fica muros intra!

E no theatro fechado,
Perdido na escuridão,
Um vulto só fica esp'rando
Sentado no seu balcão

O PHYLLOXERA DO PAIZ



SALAMANCADA

Opinião dos poderes publicos e do Syndicato ácerca da avalanche de meetings

Deixal-os fallal-os que elles *calarão-se*. . . . e
a gente *arranjará-se*

AS FARPAS

Ao fim de alguns mezes de descanço, as *Farpas* vieram de novo occupar o seu logar de honra na vanguarda dos que combatem pelas boas ideias. Como todas as organisações energicas que no repouso se enchem de novas forças, as *Farpas* appareceram-nos agora mais vigorosas e robustas do que em tempo. O numero que abre a nova collecção é dos escriptos mais valentes e sensatos que tem produzido a penna de Ramalho Ortigão.

Na synthese do estado do nosso paiz, estão compendiadas todas as causas da sua decadencia e analysadas com inexcedivel rectidão de consciencia e o mais elevado criterio. Como homenagem ao reapparecimento das *Farpas*, pedimos licença ao seu illustre escriptor que já ha bastante tempo nos honrou com a sua valiosa collaboração para transcrevermos alguns escriptos sentindo não podermos fazer mais larga transcripção.

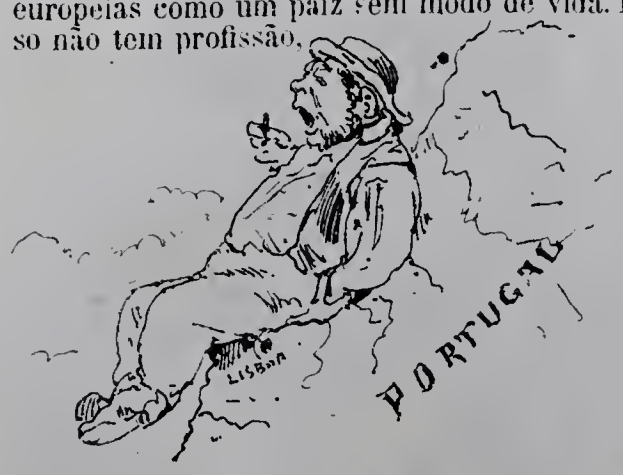
A sociedade portugueza n'este derradeiro quarteirão do seculo póde em rigor definir-se do seguinte modo: — Ajuntamento fortuito de quatro milhões d'egoismos explorando-se mutuamente e aborrecendo-se em commum.

. . . . . .

Passemos á politica.

N'este campo não ha ideia propriamente nacional, — é evidente.

Perdendo a pouco e pouco a consciencia da sua tradicção historica, Portugal, politicamente, não tem hoje papel na civilisação. Está desempregado. Figura no congresso das nações europeias como um paiz sem modo de vida. Perante o progresso não tem profissão.



. . . . . .

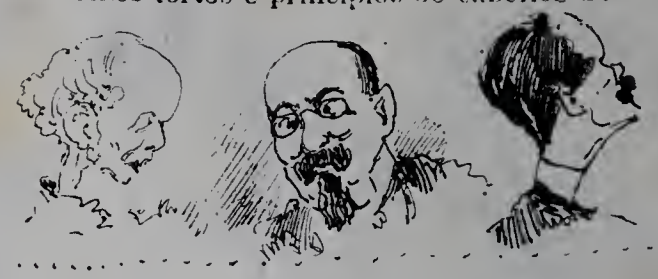
Os differentes partidos que ha muitos annos se succedem no exercicio do poder teem por chefes dois ou tres individuos, cujas personalidades, absolutamente destituidas de ideias correlativas ou concomitantes, representam as duas ou trez phases por que successivamente vae passando e repassando em circulo sobre o mesmo carreiro a rotação governativa.

Os personagens alludidos teem as intenções mais puras e mais honestas d'este mundo. Ter outras, deshonestas e impuras, dar-lhes-hia massada, e para ahi é que elles não vão.

Diz-se tambem que são todos mais ou menos fortes n'essa arte, velha e atrasada, que se chama a eloquencia e que tem por objecto desfazer pela exageração artificial das palavras a justa proporção das coisas.

São ainda — affirma-se geralmente — habeis parlamentarea, o que quer dizer que possuem o talento de dominar as assembleias por meio de transigencias reciprocas e de concessões mutuas, rasoirando os parlamentos pelo nivel de uma mediocridade discreta, tão ôcca como esteril.

Por baixo d'essas virtudes, que reconhecemos e veneramos, os homens que ha vinte annos se revezam no governo carecem das ideias geraes de que procede na sciencia o ponto de vista governativo. As assembleias das duas camaras, revezando-se ora para a direita ora para a esquerda, dão ou retiram a maioria dos votos a cada um d'aquelles senhores consagrando-se exclusivamente a defendel-os ou a impugnal-os, sem portanto sahirem nunca da orbita dos principios que elles representam, principios a que não correspondem systemas diversos e que se distinguem apenas uns dos outros pelos signaes physionomicos dos estadistas que os teem no ventre, podendo-se dividir assim: principios governativos calvos, principios governativos d'olhos tortos e principios de cabellos de fingidos.



. . . . . .

Veja-se como em cada legislatura se propõe e se discute uma das poucas questões graves de que o parlamento ainda se ocupa. Referimo-nos á coisa a que, no calão official em que tem degenerado a lingua patria, se chama — *a questão da fazenda*.

Reunidas as camaras e aberto perante ellas o orçamento do Estado, começa-se invariavelmente por constatar, n'um tremolo elegiaco de symphonia funebre, que continua a existir o deficit. Cada um dos trez governos a quem a corôa alternadamente adjudica a mamadeira do systema encarrega-se de explicar aos tachigraphos essa occorrencia — aliás desagradavel, cumpre dizel-o — mas de que elle, governo em exercicio, não tem a culpa. A responsabilidade cabe ao governo transacto, bem conhecido pelos seus esbanjamentos e pela sua incuria.

Para cada um d'esses trez governos successivamente encarregados de trazerem o deficit ao regaço da representação nacional, o governo que immediatamente o precedeu n'esse mesmo encargo é o ultimo dos imbecis.

Tal é o conceito formidavel em que cada um dos referidos trez governos tem os outros dois!

A corôa pela sua parte — e é este o mais augusto de todos os seus privilegios — é successivamente da opinião de todos os tres ministerios: e depois de haver retirado, com sincero nojo, a sua confiança aos imbecis do grupo n.º 1, n.º 2 e n.º 3, a corôa torna a restituir a citada confiança, com uma effusão de jubilo tão sincero como o nojo anterior, a cada um dos grupos de imbecis já referidos mas collocados chronologicamente em sentido inverso d'aquelle em que estavam, ou sejam, por sua ordem, os imbecis n.º 3, n.º 2 e n.º 1.

Trocadas as descomposturas preliminares sobre a questão da fazenda, decide-se que é indispensavel, *ainda mais uma vez* recorrer ao credito, e faz-se um novo emprestimo. No anno seguinte averigua-se por calculos cheios de engenho arithmetico que para pagar os encargos do emprestimo do anno anterior não ha outro remedio senão recorrer *ainda mais uma vez* ao paiz, e cria-se um novo imposto.

Fazem-se emprestimos para supprir o imposto, criam-se impostos para pagar os juros dos emprestimos, tornam-se a fazer emprestimos para atalhar os desvios do imposto para o pagamento dos juros, e n'este interessante circulo vicioso, mas ingenuo, o deficit — por uma extranha birra, admissivel n'um ser teimoso, mas inexplicavel n'um mero saldo negativo, em uma não existencia, — augmenta sempre atravez das contribuições intermittentes com que se destinam a extinguil-o já o emprestimo contrahido, já o imposto cobrado.

Assim como os alforges dos antigos pobres das feiras e das extinctas ordens mendicantes, o deficit tem dois sacos, um para deante outro para traz, ambos destinados a receber o vacuo. N'um dos sacos mette-se a divida fluctuante, no outro mette-se a divida consolidada. De quando em quando ha um relampago de jubilo, porque parece por um momento que o alforge do deficit está vasio, isto é, que está sem vacuo dentro: é a divida, que se achava em estado de fluctuação no saco da frente, que passou no estado de consolidação para o saco de traz.

A alegria fugaz mas intensa que provém da illusão d'esta gigajoga vale o dinheiro que custa, mas custa sempre alguma coisa, porque de todas as vezes que elles mexem na divida, seja para o que fôr, mesmo para a mudar de saco, ella cresce.

Pela parte que lhe respeita o paiz espera. O quê? O momento em que pela boa razão de não haver mais coisa que se collecte, porque estará collectado tudo, deixe de haver quem empreste por não haver mais quem pague.

No emtanto o problema de augmentar a riqueza — unico meio de prover aos encargos — é considerado como absolutamente extranho á *questão da fazenda*. E todavia nem toda a gente ignora que a riqueza não augmenta senão pelo desenvolvimento progressivo do trabalho e que este se acha ligado aos progressos da industria.

Ora emquanto á industria... Mas este novo ponto póde ficar para outra vez. O feliz encyclopedismo das inaptidões do estado proporciona-nos a facilidade de poder comprovar a sua incapacidade com um só facto qualquer, demonstrando que no paiz collocado sob o patrocinio de um tal governo, não póde dar-se senão uma especie de coheção politica: — a liga dos governados para o despreso convicto dos que governam.

.....

NÃO CAE!

Não cae; firme como a rocha
Aguenta-se nas tamancas;
Tem por si os salamancas
De quem é amigo e pae:
E tem o Burnay! só este
Lhe basta a servir d'estaca,
Ladre-lhe a hydra velhaca,
Ladre-lhe a Granja; — não cae

Não cae; porém se caisse
Vergado ao som das berratas,
Esta patria das batatas
Daria em vasa barris!...
Veriamos (vista horribile!)
Saindo o mundo dos eixos,
Saltar o leopardo aos queixos
D'este orgulhoso paiz.

E' tempo de ter juizo,
Patria minha; os braços lhe abre,
Como á nora um bom calabre
O Fontes preciso é cá.
Quem ha que se lhe compare?
Quem tira as hydras a pelle?
— E' todo o heroe ao pé d'elle,
Heroe de *ka ka ra ka*.

Devemos-lhe a apotheose
Por tanto e tanto serviço...
E é preciso cuidar n'isso
Com todo o esmero e esplendor
— Eu cá, cartista da gemma
Que p'lo Fontes dou as tripas,
Concorro com quatro ripas
Para os *arranjos* do andor.

Subscripção a favor dos estudantes da Escola Medica para pagamento das custas do processo:

Transporte....	3$000
M. Soares Junior.....	100
João Luiz Alcantara.....	100
Carlos Augusto Carneiro Zagallo.....	100
J. A. Batalha Cidraes.....	100
José Cabral Teixeira Coelho.....	100
Jorge de Lucena.....	100
José Carlos Palyart.....	100
Eduardo Augusto Soares d'Oliveira.....	100
Eduardo Fernandes d'Araujo.....	100
	3$900

TRIBUTO DE GRATIDÃO

O barão do Pote das Almas não se esquece de nós; devemos-lhe essa fineza. Elle já não governa na Parreirinha, não nos póde mandar aguentar *directamente*, mas pelas *vias indirectas*, faz quanto lhe é possivel para nos encher de gloria e de piolho na cadeia. Elle é incansavel em activar alguns processos que nos pendem sobre as nossas cabeças; elle é mais diligente que uma mulher de capote e lenço no desempenho de altas missões amorosas. Faltariamos portanto ao mais sagrado de todos os deveres, se no fundo da nossa gratidão não encontrassemos um bilhete de visita para enviar ao nosso protector. A gratidão obriga.

THEATROS

COLISEU DOS RECREIOS

Um homem que deu a volta ao mundo e trez vezes! que viu circassianas, alsacianas, muitas princezas e italianas só se prendeu n'estes encantos!!!

Demonstrações da memoria de Darvin pelo sr. Poggi
Não nos deixa duvidas sobre a verdade das theorias.
— Assim, assim é que propagar uma idéa.

Se a empreza desse um açoitezinho n'este menino.....?

que não tem as mesmas obrigações scientificas do sr. Poggi.

Resolvendo-se a empreza a corregir este..... devia tambem dar um açoite n'este...

OS SINOS DO SYNDICATO

PARODIA AOS *SINOS DE CORNEVILLE*

(EM SCENA NO COLISEO DOS RECREIOS)

Estão começando a tocar e Gaspar começando a *malucar*. — Zé Povinho tem assistido a toda a scena dentro da armadura onde o metteram.

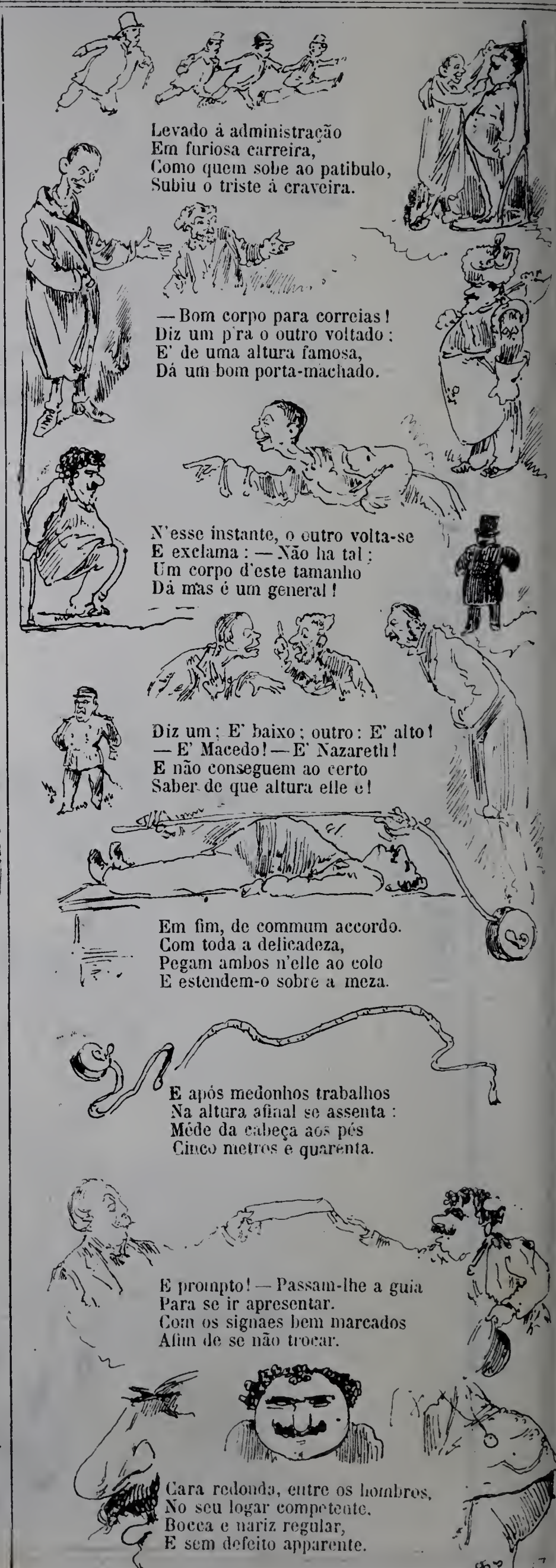
Ti-lin-ti-lin-tão
Nos sinos da Sé
Lá se vae o bago
Do amigo Burnay!

DEPOIS DA NOSSA ESTAMPA

SURGE ET AMBULAT

Zé povinho — Segui o teu conselho, *levanta-te e caminha.* — Levantei-me da pedra fria e cá estou na *Caminha* quente... do albergue nocturno por conta d'El-Rei nosso senhor

Explicação da charada do numero antecedente:



Com a guia — *este recruta*
Vae ao governo civil.
— Como aquillo agora está.
Limpo, catita, gentil!

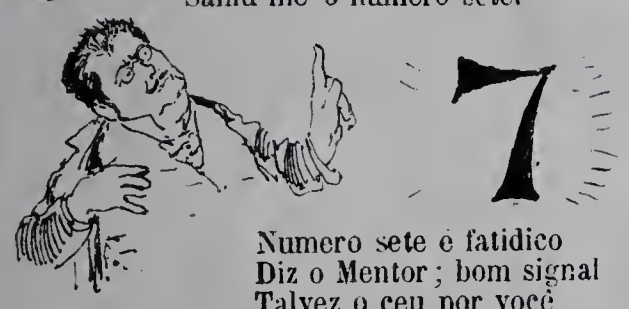
Ao ver todo aquelle aceio,
Ao ver tudo aquillo agora,
Logo á porta se conhece
Que Arrobas já lá não móra.

Ali, porém, o Mentor,
O seu guia na desgraça,
A ver se da farda o livra
Para o seu logar se passa.

E á frente dos inimigos
Apresenta-se elle s .
— E' coxo! — Exclamam. E' o mesmo
Serve para o *sol e dó*.

E iam deitar-lhe o gatazio,
Ia travar se uma lucta,
Quando o outro apparece e brada:
Eu é que sou o *recruta!*

E' você? pois tire o numero.
Para ver qual lhe compete.
Mette a mão, tira uma bóla:
Sahiu-lhe o numero sete.



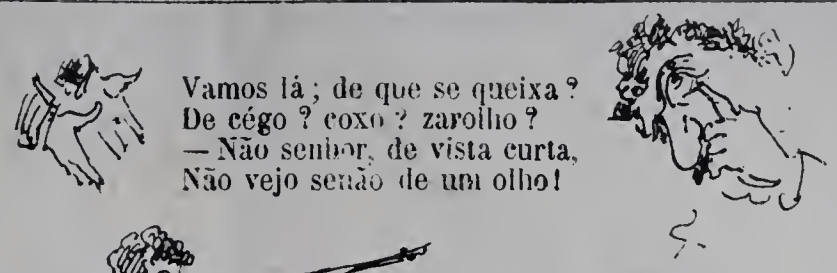
Numero sete é fatidico
Diz o Mentor; bom signal
Talvez o ceu por você
Faça um milagre afinal.

Ante a grave medicina
Começa logo a inspecção:
— A' ideia de pôr-se nu
Sente elle um estremeção!

—Despir-me deante d'homens!
Brada elle com pudor.
E prega os olhos no chão,
Sobe-lhe á face o rubor.

—Va lá, dispensamos isso,
Diz cada medico em solo;
Para nos não deslumbrarmos
Ante essas fórmas de Appolo.

— Que defeitos tem? ouçamos;
Contra o serviço que allega?
Tem a tenea? doe-lhe o peito?
Em grandes pezos não péga?



Vamos lá; de que se queixa?
De cégo? coxo? zarolho?
— Não senhor, de vista curta,
Não vejo senão de um olho!

—Isso não quer dizer nada;
Vae-lhe o trabalho poupar:
Quando apontar a espingarda,
Escusa de outro fechar.

— Mas espere, deixe ver
Essa barriga tamanha.
Isso é barriga postiça.
Chumaço posto por manha!

Se quiz acaso illudir-me
Eu dou com isso o cavaco!
—Isto é tudo meu, doutor:
E' a barriga o meu fraco.

O seu fraco! Então não póde
Servir assim d'esta sorte
P'ra servir a monarchia
Deve a barriga ser *forte*.

Inda se soubesse muzica,
Alcançaria um logar
Ia p'ra municipal
Substituir o Gaspar.

Mas assim, de nada serve;
Tem traçada a sua sina:
Soldado com tal barriga
Só póde servir na China!

NOSSO SENHOR

Quem tudo rege, ordena e manda é o dono da locanda

A CRIADAGEM

O *patrão* — Então isso vae ou fica?

O bicho da cosinha — Leva tempo mas sahe com sal d'azedas

O MENINO ENTRE OS DOUTORES

De todos os tempos foi que os meninos ouvissem e seguissem os conselhos dos velhos. Duas vezes que nos conste, desde que ha mundo, esta pratica se alterou; a primeira ouvir os doutores o filho de Deus, a segunda ouvir os conselheiros de estado o menino Carlinhos.

Não viram as historias rapadas dos conselhos com que o menino Jesus illuminou o entendimento dos doutores do tempo de Herodes; mas relata a historia contemporanea que foram de grande proveito os pareceres com que o menino Carlinhos illustrou a opinião dos conselheiros de estado ácerca da Salamancada, no tempo do Arrobas.

O menino Carlinhos estava a estudar n'um cartapasio grego quando o foram buscar para decidir dos destinos do paço.

—Não quéo, exclamou elle; já disse que não quéo...

—Mas o menino não póde deixar de ir para ser bonito, replicou o marquez de Ficalho. Se não vae o papá zanga-se...

—Deixal-o zangal-o. Eu ainda não tenho edade para saber d'essas coisas...

—Que prodigio! Pois é exactamente porque o menino confessa que não tem edade para estas coisas, que mostra muito mais juizo do que nós! Agora é que é indispensavel a sua opinião para os esclarecer a todos.

—Pois sim vou, mas olhem que me hão de dar um bonito.

Na sessão o menino usou da palavra com grande discernimento. Fallou de Xenophonte, de Antammeu, de Spinosa, de Balnir, de Napoleão e de Conpucio, tributando a todos palavras de merecido louvor. Dedicou duas lagrimas á memoria de Plutão e uma phrase á phylosophia de Diogenes e terminou com a seguinte conceituosa phrase: —tenho concluido.

Alupanaram todos e quando chegou ao caro a vez de fallar, congratulou-se com o paiz pela luz de entendimento que o divino Espirito Santo puzera na cabeça d'aquelle menino Carlinhos para os illuminar a todos e para que se julgasse a materia discutida. Todos approvaram unanimemente, sendo o menino cumprimentado por todos os seus collegas presentes.

A SALAMANCADA

—Tu vais á boda?
—Não; mas pago-a!

—Palavra d'honra, meu velho, não percebo, não sei, se vais a uma boda ou a um enterro?
—Nem eu!

Un balenton

Xin, xenhor, gostei d'oubir
O tal fidalgo de Fafe!
E' balenton d'uma cana!
Baia, o demo num me estafe!

Elle putcha da palabra,
Con un modo tan xibil,
Que é tal e qual cá um home
Quando levanta um barril.

Pé atraz, cuspo nas mons,
—Raios partam, elle dixe
Xe hay aqui un balenton
Que na xombra me bulixe!

Largou tudo n un berreiro
Contra o demo do Magriço
E eu que bi a corja torta
Puz-me em guarda c'o tchinguiço.

Xai-te, demo, rabiojo
O xenio bravo xustem
Ou enton bai fazer forxas
Com o mudo de Belem.

XUAN DO BIGO

FINIS

O juiz vende a lei, põe a innocencia a preço,
Roja um ministro a honra assim como um tropeço;
A Egreja contra a luz revolta-se impudica,
E insultando Jesus, de novo o crucifica.
Faz o oiro inclinar o braço da justiça.
O padre sacrifica a honra antes da missa.
Vende-se a consciencia a pratos de lentilhas.
Nas vielas, á noite, as mães vendem as filhas,
E fazem lupanar do leito marital.
Ergue-se o luxo infrene, impera o CAPITAL.
A rija mocidade, a esp'rança das nações,
Já traz dentro de si as grandes corrupções.
Honra, brio, pudor, já nada d'isso existe.
Como este desabar é triste, triste, triste!

Exalta-se o ladrão, eleva-se o assasino,
O pobre vende o brio, o rico é libertino.
A Licença campeia, a Liberdade é morta.
A Honra anda a pedir o pão de porta em porta.
A tribuna vendeu-se, o pulpito blasphema.
A covarde abjecção estende o braço á algema.
O Egoismo vil tão só trata de si.
A Lei proteje o crime, a Tyrania ri.
Trae-se a Fé popular e calca-se o Direito.
Esfacella-se tudo e tudo cae desfeito.

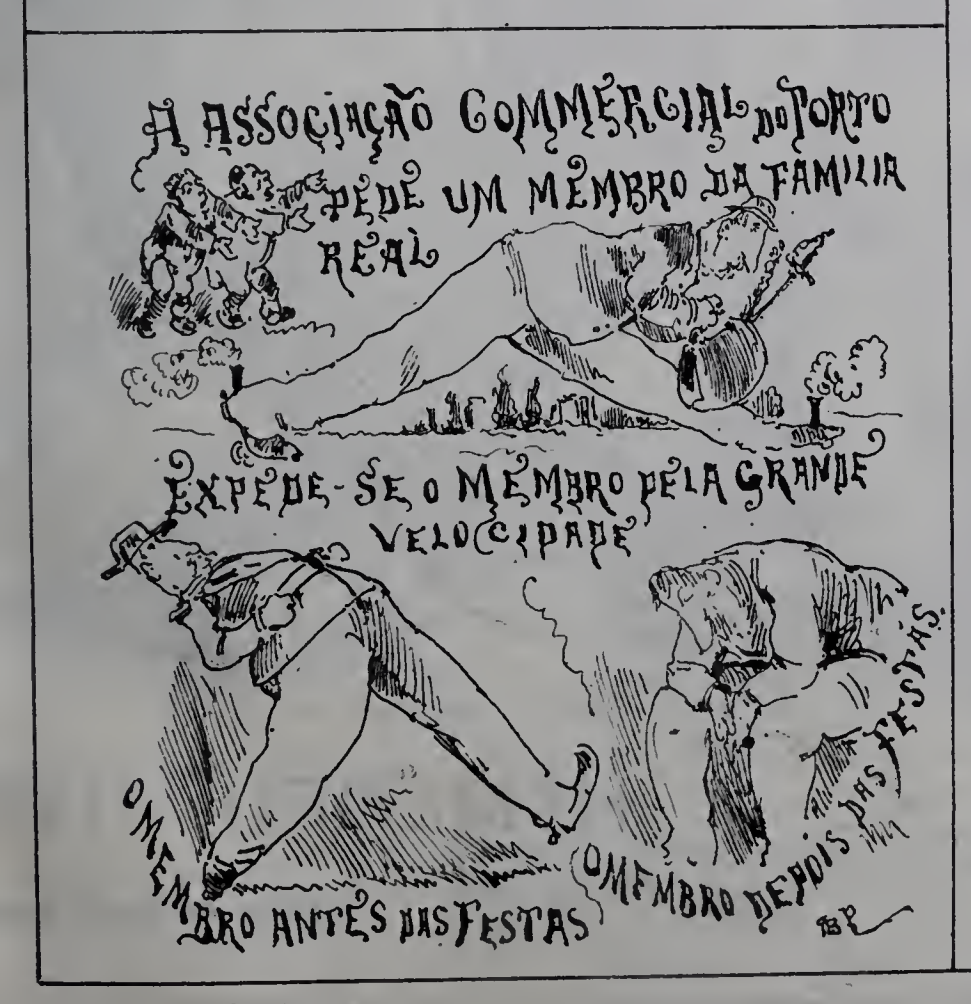
E ao ruido da queda, ao toque de rebate
Não se ergue um braço só, nenhum coração batte!

Quanto havia de Bom, quanto havia de Justo,
Nobre, Leal, Valente, Immaculado e Augusto,
Tudo acabou! Perdeu-se o derradeiro brio,
E esta patria de heroes é um cadaver frio!

Vermes da podridão, podeis impunemente
Vossa fome cevar, porque ella nada sente;
Penetrae-lhe na pel'; revolvei-lhe as entranhas.
Não temaes, se ella tem palpitações estranhas:
Sois vós, sob a epiderme, em um monte a passear
Que lh'a fazeis erguer e lh'a fazeis baixar.
O' corvos que adejaes com a pupila accesa,
Podeis descer sobre ella e dividir a preza.
Ride, folgae, comei, no brodio derradeiro.

Fique o esqueleto só á espera do coveiro!

Acacio Antunes.



* * *

A decantada *Associação commercial* do Porto, acaba de por motu proprio, transformar o calendario, socegado, desde os tempos da Republica Franceza, de *ominosa* memoria.

Até agora, qualquer cidadão tinha a certeza de que se fazia annos a quatro ou a cinco de qualquer mez, esse dia, era sempre o quarto ou quinto dia do mez, a contar do dia ultimo, do mez anterior. Hoje não senhor.

Ha um facto, que se deu no dia tantos do mez de tal; mas como é preciso que se não desse senão oito ou quinze dias mais tarde, resolve-se que o dia faça o favor de o não ser, senão passados os oito ou quinze dias.

E o dia paira envolto no seu dominó, disfarçado, por cima dos collegas e quando chega a hora propria, desembuça-se e diz-nos: cá estou.

De hoje em deante, renego a ideia de que seja branco, o bigode preto, do sr. Presidente do Conselho de Ministros.

Sei lá que edade Sua Ex.ª terá? póde muito bem ser, que o dia em que sua Ex.ª fazia vinte e cinco annos, tenha sido removido para o anno de graça de 1890.

Sua Ex.ª póde pois estar na plenitude da força, na flôr dos annos!

E procura-se ha seculos a pedra philosophal! o ouro e a eterna juventude, os dois enormes problemas, acabam de ser resolvidos n'este canto abençoado.

O sr. Fontes transforma em ouro, não os metaes vis, o chumbo, o cobre, o mercurio, mas uns papeis com um nome escripto, chamados — listas, hypotheses de opinião popular e pespega com elle no bolso dos srs. da Associação Commercial. Isto sem cadinhos, retortas, matrazes ou alambiques; nada d'isto, apenas com o seu *fiat*: em recompensa a Associação Commercial arroga-se a faculdade de Mephistopheles, e atira com este Fausto, cuja Margarida é o Syndicato, ás eternas e floridas campinas da eterna primavera.

Se a Associação Commercial, me fizesse o obsequio de me mandar dizer, em que dia está o dia primeiro de setembro, para eu saber quando faço annos?

M.

Canção do rei Tal e coisas

Houve outr'ora um rei algures
(Christão não era, era moiro)
Senhor d'uma c'rôa d'oiro
Que em brilho não tinha irmã.
Diz o rei em certo dia
A um discip'lo de Bolama:
«A c'rôa cae-me na lama
«Mais hoje, mais amanhã!

«N'outro tempo andou segura,
«Hoje treme, abana, ginga!...
«N'esta dôr que me seringa
«Valha-me um conselho teu.»
Ouve o amigo estas palavras
Mais frias que as proprias loisas,
E sem 'star lá com mais coisas
D'est'arte lhe respondeu:

«Senhor, como o heroe S. Jorge
«Se aguenta sobre a sella,
«Podeis vós a c'rôa bella
«No regio *caco* aguentar.»
O rei matuta no caso,
Consulta um amigo velho,
E entende que o tal conselho
Não é para despresar.

Uma valente tarraxa
Ordena que alguem lhe forge,
E p'lo systema S. Jorge,
No toutiço atarraxou;
E a c'rôa que lhe abanava,
Como ao vento a aza de mosca,
Ficou segura na rosca
E nunca mais abanou.

O CASAMENTO DO

HYMENEU! HYM

(Cantata do Barba Azul

TO COM SALAMANCA

EU!

**Olhai, olhai, examinae,
que isto é bom . . . etc.**

O LOBO E O CÃO

Un loup n'avait que les os et la peau,

Eram os fieis rafeiros
Tão dignos de parabens,
Que andava um lobo, de magro,
A cair da bocca aos cães.

Este lobo encontra um cão
Tão forte, luzido e grosso,
Que mostrava não ser d'esses
Que roem o *bello* osso.

De atacal-o e pol-o em postas
O lobo teve fumaças;
Mas o cão no seu focinho
Mostrava não ser p'ra graças.

Chega-se a elle, remira-o,
E diz com toda a brandura:
Nunca vi um cão mais bello,
Um cão de tanta gordura.

Meu caro, responde o cão
Que tinha uma *alma* perfeita,
Se como eu queres ser gordo
Posso ensinar-te a receita.

Sim?... pois fico-te obrigado.
E que é preciso que eu faça?
—Coisa de pouca importancia,
Muito leve... e que não massa.

Trabalhar nas eleições
De certos brutos graudos,
E em ser d'elles bom capacho
Fazer constantes estudos.

Tecer muito servilmente
Do rei Leão o elogio;
E sobre as suas *proezas*,
Isso, caluda... nem pio.

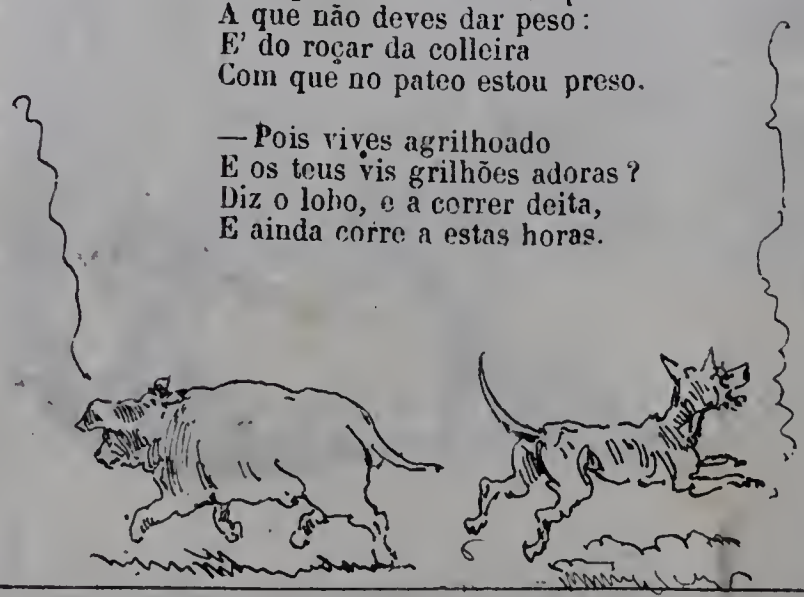
Garatujar nos jornaes
Em estylo campanudo,
Defender ministros ursos,
Salamancadas e tudo.

—Pois aceito, torna o lobo,
Muito a pechincha me agrada.
E um do outro a par, contentes,
Vão correndo pela estrada.

Depois de fraternalmente
Caminharem certo espaço,
Nota o lobo que o amigo
Tinha pellado o cachaço.

—O que é isto?—Coisa pouca
A que não deves dar peso:
E' do roçar da colleira
Com que no pateo estou preso.

—Pois vives agrilhoado
E os teus vis grilhões adoras?
Diz o lobo, e a correr deita,
E ainda corre a estas horas.



THEATROS

GYMNASIO

COMPANHIA DO PRIOR DA LAPA

O conde de Almedina disfarçado em tenor para figurar em mais uma exposição de arte ornamental.

O seraphico Fernandes Vaz impingindo uma aria ao publico para se desforrar de não ter podido impingir um drama á camara.

Uma scena pathetica depois de um almoço de Chocolate Mathias Lopes

A corista gorda de S. Carlos, conservada em banha, como o lombo de porco, para chegar até ao verão, apresentou-se no theatro do Gymnasio como amostra, para credito da fabrica de conservas de Leal, Costa, & C.ª

Antonio Duarte, por motivos de muito peso, foi banido da companhia de canelins do Calaprene e aproveitado para a companhia de canelões do Gymnasio.

VICTORIA!

(Carta a um accionista dos Bancos do Porto)

Illustrissimo senhor
E meu presado collega;
Vá tirar á sua adega
Meio litro de agua-pé,
Pois decerto esta noticia,
Que lhe alegra o olho gaseo,
Fal-o beber um copasio
A' saude do Burnay.

Temos a coisa arranjada!
Abafou-se a discussão
D'esta maldicta questão
Que dura ha mais de trez mezes;
Lembrando ao Fontes o adagio
«Mais mula e menos gualdrapa,»
Poz-lhe o cobertor de papa
Do Sieuve de Menezes.

E' bella peça de pano
Este prestante visconde;
Não tema que elle esbarronde
Se fôr mister outro *abafo*...
Salta por cima de tudo
Co'um denodo cobralista,
Que deixa a perder de vista
O pulo que deu a Sapho!

O debate dos artigos
Vae tambem ser abafado,
Porque lá diz o ditado
«Cesteiro que faz um cesto...
Podemos ter a certeza
De vencer esta batalha;
O curro não se tresmalha,
Que o Fontes é bom cabresto...

Pan.

Que popularidade!

Costa Pinto de orgulhoso,
Já não fala a toda a gente.
Anda alegre, jubiloso,
Não cabe em si de contente!

(E em verdade se coubesse,
Tinha ataques de tenesmo,
Que é tamanho, que parece
Não caber dentro em si mesmo)

Do dia tornado heroe,
Toda a gente o elogia;
Que abençoada que foi
A explosão na Trafaria...

Ao ministro dando o braço
Tratou com elle de tu,
Fez discurso, foi ao paço
Beijar a mão ao Zilu!

P'ra as eleições de futuro
Vae gastar polvora em latas,
Que é mais forte e mais seguro
Que o bacalhau com batatas.

E a victoria logo aprompta,
Sem manha, trapaça ou trica,
Mandando por sua conta
Deitar fogo a Caparica.

Pan.

O PAIZ DE COCANHA

N'esta cantiga veja se se engolfa
O Zé-Povinho que entender de solfa

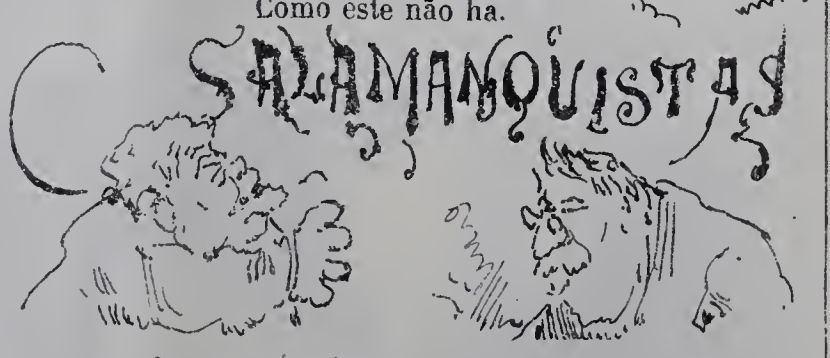
Saltemos, rapazes,
E' rir sem cer'monia;
Viver na Parvonia
E' ser bem feliz;
Não vencem os reinos
Da Mandria e da Manha
O meu de Cocanha
Formoso paiz.

Um rei possuimos
Que a todos dá *cóca*,
Que caça, que toca,
Rabisca e traduz;
Que sabio governo
E a dita nos trouxe
No sceptro mais doce
Que um pau d'alcaçus.

Nós temos ministros
Que pintam as brancas
E com salamancas
Obrigam a *rir*;
E cabos de guerra,
Que á força de brigas
Crearam barrigas
Que fazem fugir.

No coio onde a recta
Justiça se anicha
Se faz com que a *bicha*
Estique o pernil:
Alli se interpretam
Com férvidos brios
Por varios feitios
As leis de funil.

Saltemos, rapazes,
E' rir sem cer'monia;
Viver na Parvonia
E' sempre um maná.
Cantemos em quanto
Não chega a *castanha*:
—Paiz de Cocanha
Como este não ha.

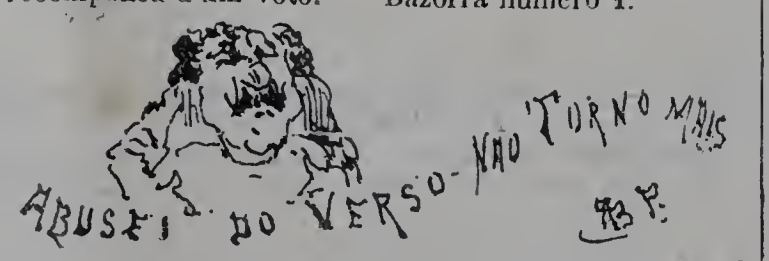


Um tigre d'unhas cortadas,
Senhor de varias alcunhas,
Que faz com salamancadas
O que não póde co'as unhas.

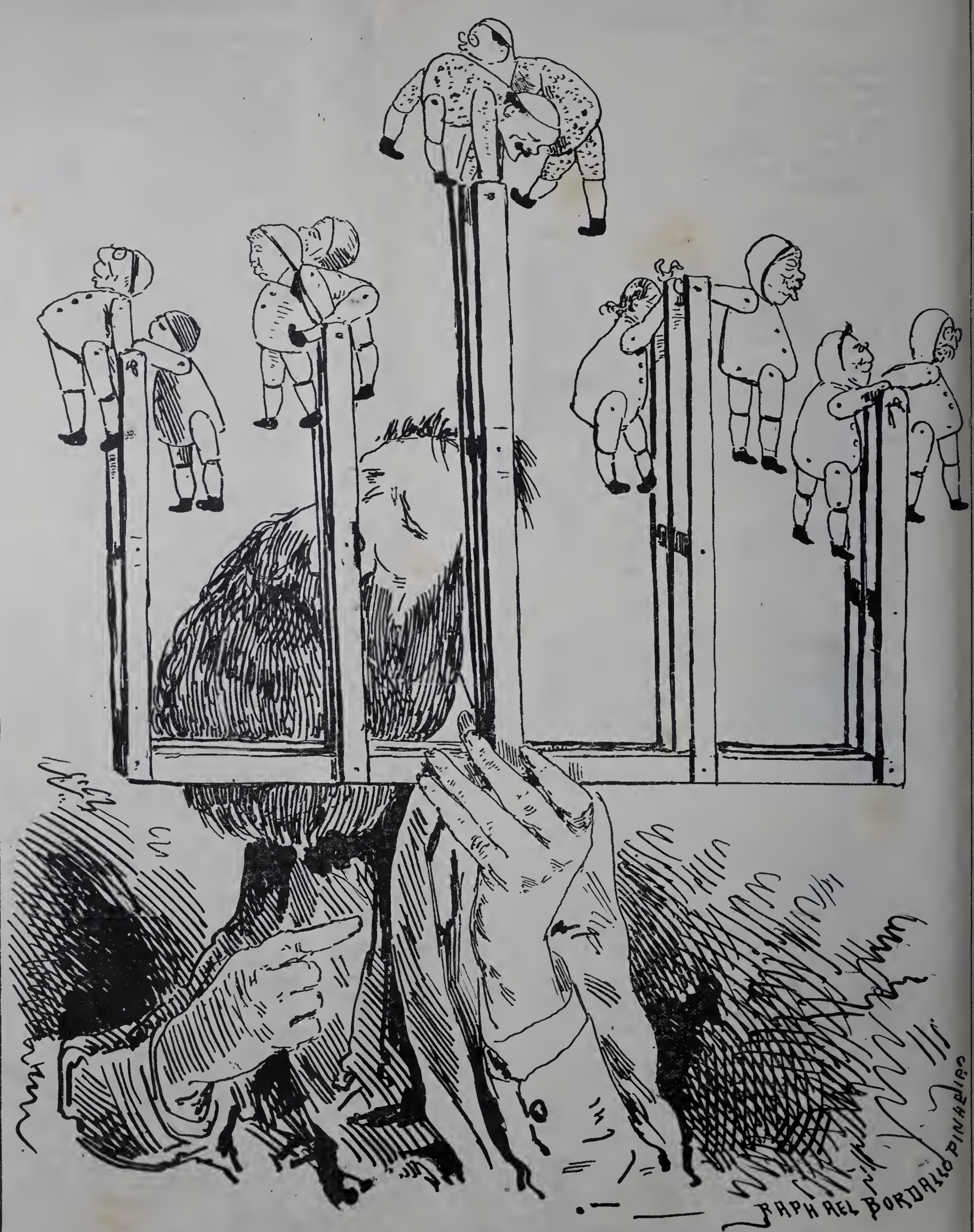
Formidavel patuléa,
O terror dos cabralistas;
Hoje de barriga cheia,
E' um dos salamanquistas.

Um pimpão do syndicato
Mais dinheiroso que douto,
Off'rece um formoso gato
Em recompensa d'um voto.

Homem que não póde vêr
Os parentes em jejum;
Amante da tamara doce,
Bazorra numero 1.



A BONECADA DE SALAMANCA



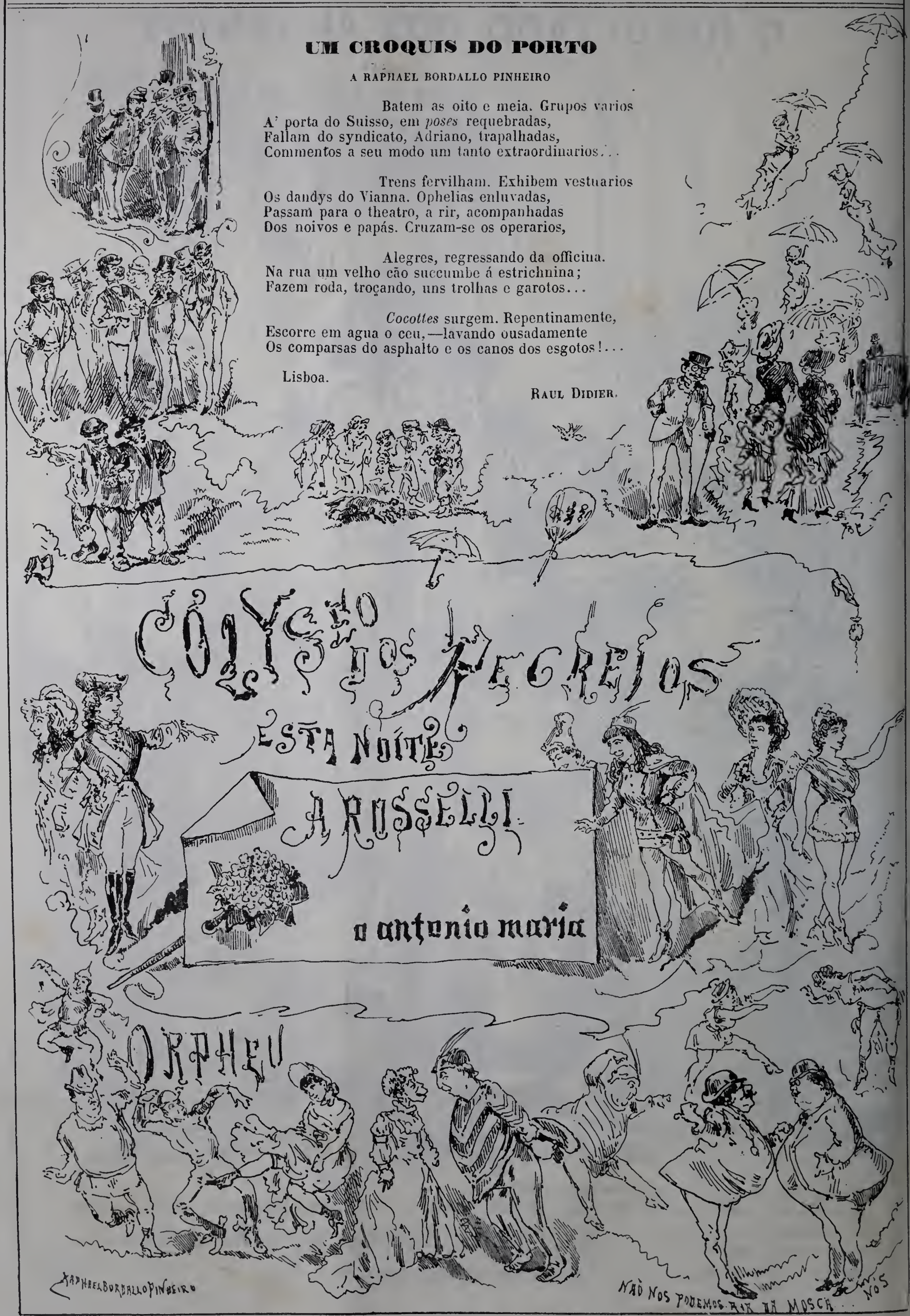
Por este processo votaram os fantóches um syndicato reprovado por um paiz inteiro

O RESULTADO DOS ARRANJOS

—Então não ficas mais bonito assim?

—Se não fosse o medo do peixe espada, corria-os a pontapé! Mas tenho medo, e então.. que remedio!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12



UM CROQUIS DO PORTO

A RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Batem as oito e meia. Grupos varios
A' porta do Suisso, em *poses* requebradas,
Fallam do syndicato, Adriano, trapalhadas,
Commentos a seu modo um tanto extraordinarios...

Trens fervilham. Exhibem vestuarios
Os dandys do Vianna. Ophelias enluvadas,
Passam para o theatro, a rir, acompanhadas
Dos noivos e papás. Cruzam-se os operarios,

Alegres, regressando da officina.
Na rua um velho cão succumbe á estrichnina;
Fazem roda, troçando, uns trolhas e garotos...

Cocottes surgem. Repentinamente,
Escorre em agua o ceu,—lavando ousadamente
Os comparsas do asphalto e os canos dos esgotos!...

Lisboa.

RAUL DIDIER.

HYMNO DOS SALAMANQUEIROS

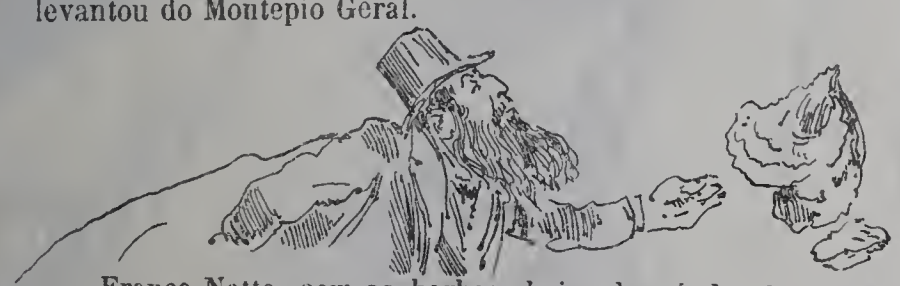
Syndicato, da Carta o pimpão,
Faz no ar foguetorio estalar;
Nobre esforço que ao *bem* o dirige
Vae á Hespanha o baguinho entregar

Foge! foge! *ó vermelha*, não intentes
Zé povinho exaltado fazer;
Deixa-á gente arranjar o *negocio*...
Isto é que é patriotismo a valer.

.....

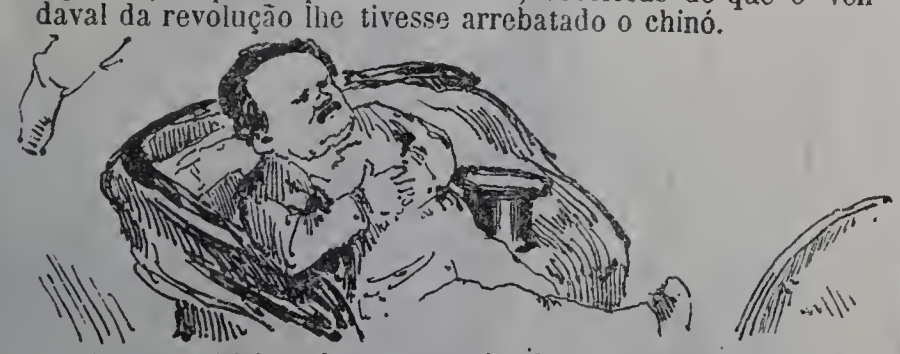
OLHO E PULSO

A commissão de *olho* e *pulso*, depois de suar as estopinhas nos meetings á torreira do sol, resolveu dissolver-se de todo, para provar ao mundo que liquidou as suas responsabilidades no negocio do syndicato, isto é que não apanhou letra de 50 contos descontada, nem teve parte nos 100 contos que o Burnay levantou do Montepio Geral.



França Netto, com as barbas cheias do pó das batalhas, retira-se á sua tenda do Montijo, para se confortar com as bellas ostras das fadigas oratorias.

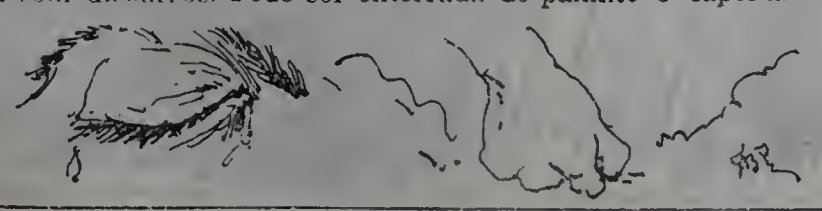
Albino Candido, Apollo do caracol, ou o caracol de Apollo, parte para o bairro da Graça, onde nove sopeiras, lavadas em lagrimas, suspiram pela sua vinda, receiosas de que o vendaval da revolução lhe tivesse arrebatado o chinó.



Eduardo Maia solta um suspiro homœopatico, e vae para casa, pensando em que a medicina dos causticos e das ventosas em certos casos tem mais efficacia que a das gotas de agua fria.

Os demais vão-se dissolvendo, cada um conforme o seu gosto e a sua aptidão.

A commissão passou á historia. Teve uma vida ephemera e algum tanto arriscada a apanhar a sua castanha. Por vezes mereceu as honras de uma intimação policial e de um susto do imperante. O Burnay teve-lhe o amor que a cabra tem ao cutello; o Hintze Ribeiro detestou-a porque lhe pôz as calvas á mostra. No meio da dissolução da nossa sociedade teve o raro merecimento de ser ingenuo; cuidou que o mundo se endireitava com discursos. Pode ser enterrada de palmito e capella.



A fama

Os ganhões da maioria,
Brandindo rijos alferes,
Atiram-se á monarchia
Minando-lhe os alicerces.

Faz gosto vel-os na faina
D'esta custosa empreitada;
Tudo se alisa e se aplaina
Aos golpes da sua enxada.

Co'um grande tacto conspicuo
Nenhum dos outros se atraza
N'esse trabalho proficuo
De arrasar a propria casa.

A'vante! ousados maltezes!
Mais uns golpes de alvião,
Que dentro de poucos mezes
Vae a futrica p'ra o chão!

Como um puding de gelèa
Tremelica o scetro fraco
E o throno já cambaleia
Como um devoto de Bacho.

O Hintze, maltez em chefe,
Vibra-lhe uns golpes de faca
Como o torvo magarefe
Quando esquarteja uma vacca

Ninguem a esforços se poupa,
Tudo trabalha em tal obra,
E o Burnay, de pau de choupa,
E' quem dirige a manobra.

E ao pè, co'um gesto de entono
De quem o trabalho approva
Vendo a ruina do throno,
O Fontes abre-lhe a cova..

PAN.

Aperta, aperta, que está quasi...

O GARROTE VIL

AO QUE TU ASSISTES, Ó ZÊ!

SÌ J'ETAIS ROI

Se eu fosse rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar, senhor hypotetico de muitas coisas mais, eis o que eu faria ao ter de substituir provisoriamente a minha corôa de ouro, pelo meu bonet de viagem, o meu sceptro, pela minha bengala de unicorne, o meu largo manto arminhado, pelo modesto paletot burguez. Eu mandaria pela cidade os meus arautos, montados em soberbos palafrens ajaezados d'ouro, de compridas e luzentes charamellas, lançando pregão a todos os fidalgos, ricos homens e infanções, para que no dia da vespera da minha partida, se achassem com suas commendas, insignias e distincções, nas salas nobres do meu alcaçar real.

Alli, depois de collocados por ordem alfabetica, para lhes mostrar que n'esse dia solemne, varrendo do meu espirito todas as ideias, de superioridade, de velhas pragmaticas, os amava a todos e considerava nos intimos rofegos da minh'alma, eu mandaria que meu filho sahisse da fileira e se abeirasse do throno seu paterno.

N'uma sala, á dextra, a musica dos Cégos da Casa Pia, executaria durante a cerimonia as mais escolhidas peças do seu reportorio, guardando para penultima a conhecida *ballada*, cuja lettra é:

Aceita o sabre, o sabre, o sabre, etc. da Gran Duqueza de Gerolestein.

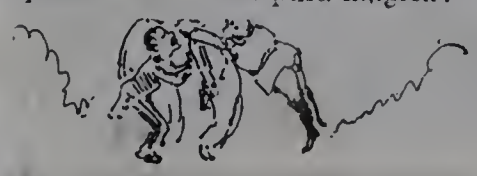
Ao som d'esse canto, que eu teria applaudido do meu camarote d'honra, de mistura com o meu povo querido, impressionado até ás palmas, ao riso, ás lagrimas, canto tão popular e harmonico com a gravidade do acto e com o meu cognome, escolhido pela sua extrema precizão n'esse instante; eu, desceria grave e altivo do throno dos meus avós e recommendando aos nobres e gentis-homens cuidado nos córos, entoaria, depondo, nas mãos de meu filho, o sceptro de seus maiores, o canto da brejeira duqueza.

Aceita o sceptro, o sceptro, o sceptro,
Aceita o sceptro, do papá

Obrigaria meu filho a lêr de cór um discurso para, acabados os córos, me responder, discurso em que fallaria das suas mãos debeis, do seu amor á patria, de D. Affonso Henriques, da padeira de Aljubarrota e já agora, por opportunismo, do syndicato.

Os nobres, os mavorcios coroneis, os velhos fidalgos, as damas e os pagens chorariam: o povo vozearia por sob as janellas, como um enxame gigante; e echoariam pelo mar as ondas d'ar sonoras percutindo-se ao sopro dos canhões; a soberba marinha, os nossos Pimpões, em pezo, dançariam cruzando-se na larga bacia do Tejo, um can-can, unico, excepcional, phantastico! Então, eu, eu cahiria rubro, apopletico, nos braços de meu filho escorado por Fontes e Arrobas, emquanto os nobres, e os familiares, tirassem das espadas, as damas d'honor fizessem circulo, e dos lados, por entre as portas, os sumilheres acendessem as vellas córadas, dos fogos de bengala.

O quadro da Gloria! pura magica!



Seguir-se-hia a isto um lauto jantar, findo o qual, o sr. conselheiro Viale, repetiria a meu filho a historia de Pahetonte, o temerario mancebo, que guiando, pela primeira vez, o carro do senhor seu pae, ia reduzindo a terra a negro torresmo. Sua Ex.ª, varão inclito, e sabedor das mais poeirentas e classicas litteratices, muito anteriores as eras affonsinas, procuraria mostrar a meu filho, que quando se não tem muita pratica de redea, e se não conhece o gado, é bom não o apertar de freio.

Ao mesmo tempo far-lhe-hia vêr, como o descuido é prejudicial e perigoso, sobretudo hoje, em que anda solta a hydra, a féra da anarchia e da irreligião, e para frisar bem este ponto, descrever-lhe-hia, a sahida de Hypolito, das portas de Trezena.

O jantar terminado, ao extinguir-se o baile, quando as mezas estivessem desertas de charutos, quando os punhaes começassem a retirar-se para os barris do lixo e os criados a contar os talheres, a sós, no meu quarto, mandaria chamar meu filho e fallar-lhe-hia assim:

A reinação em que vais entrar tem os seus espinhos. Continuando a fallar figuradamente, dir-te-hei, que o carro onde desde hoje te assentas tem duas especies de cavallos a puxal-o; uns são de boas raças, apurados, escolhidos, são esses que ahi estiveram ha pouco; os outros, são os que gritavam lá fóra, na rua, quando eu desmaiei. Desconfia sempre dos primeiros; são orgulhosos, altivos, interesseiros, não obedecem ao freio; mas não te fies nos segundos; corrompem-se facilmente, e tomam manhas novas todos os dias. O sceptro que eu te dei ha bocado, é uma leria, tanto póde ser sceptro como arrocho, a questão é saber manejal-o. A sua educação não pecca por livre, não receio que faças d'elle a vara magica. *Noblesse oblige;* acima de nós está Deus e esse mesmo quando é preciso afasta-se para o lado ou põe-se de parte. Em todo o caso, sempre com bons modos; é um amigo, um perseguido como nós e ás vezes, ainda hoje, é util.

Não digas nunca o que pensares; desconfia da sombra, quando receberes um abraço defende-te sempre d'uma punhalada. Uma farda bordada é em geral, o casulo d'um vilão; muitas vezes uma blusa encobre um coração d'um fidalgo. Isto não se diz nunca, nem se pensa; não vale a pena.

Estou com somno... tu ampliarás, e confirmarás por ti proprio, o que te disse.

Descer da burra, nunca! como o primo Affonso; não somos dos reis que se vão.

Gritam para ahi, mizerias, fomes, corrupções, infamias, crimes... pois sim, tudo é muito bonito... no tempo do meu avô era a mesma coisa, e no tempo do avô d'elle, já elle dizia que era o mesmo tambem.

Foi assim sempre... querer endireitar isto é de tolo.

Cada um onde cahiu: n'um throno ou n'um curral. Percebes a coisa: tudo é pelo melhor no melhor dos mundos possiveis.

Que grande philosopho... medita-o...

Boa noite.

M.

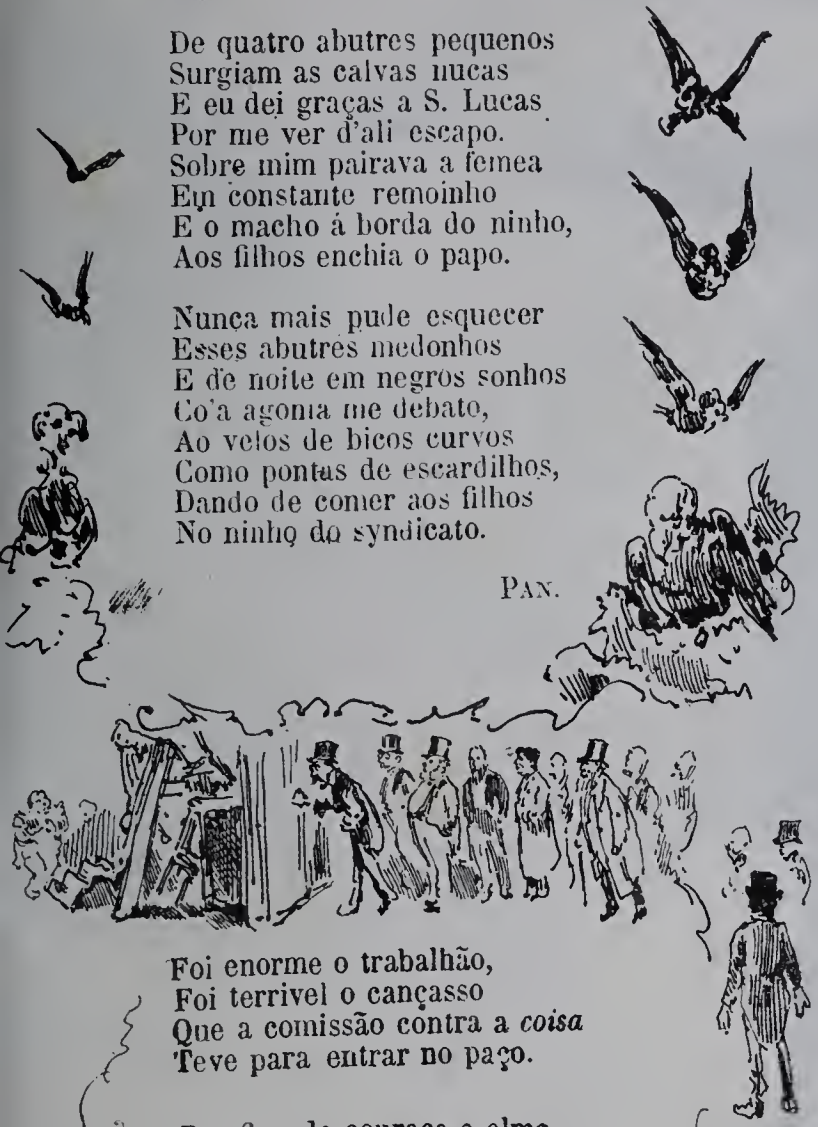
O ninho

Hontem de tarde n'um cerro,
Sobre barrancos de pedra,
Onde a esteva nasce e medra
E onde o escalracho se nutre,
Descobri um ninho enorme
Entre um cabouco defeso;
Acerquei-me e vi surpreso
Que era o ninho d'um abutre.

De quatro abutres pequenos
Surgiam as calvas nucas
E eu dei graças a S. Lucas
Por me ver d'ali escapo.
Sobre mim pairava a femea
Em constante remoinho
E o macho á borda do ninho,
Aos filhos enchia o papo.

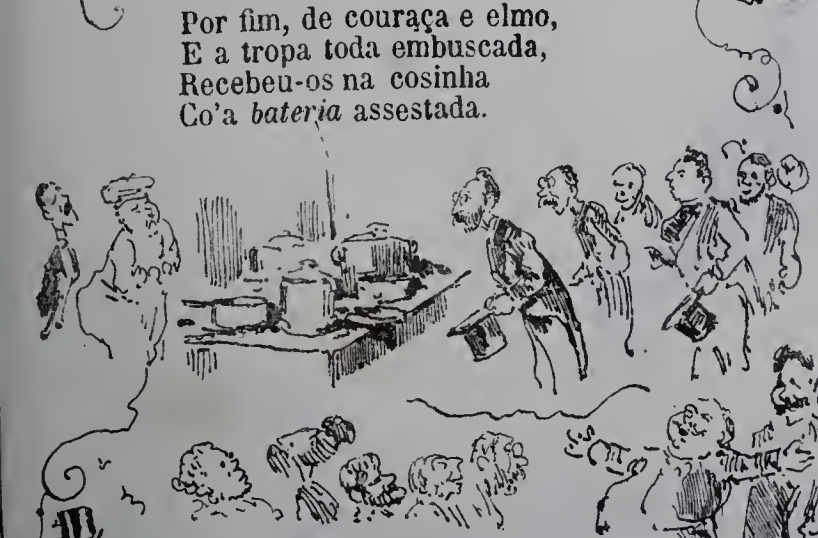
Nunca mais pude esquecer
Esses abutres medonhos
E de noite em negros sonhos
Co'a agonia me debato,
Ao velos de bicos curvos
Como pontas de escardilhos,
Dando de comer aos filhos
No ninho do syndicato.

PAN.



Foi enorme o trabalhão,
Foi terrivel o cançasso
Que a comissão contra a *coisa*
Teve para entrar no paço.

Por fim, de couraça e elmo,
E a tropa toda embuscada,
Recebeu-os na cosinha
Co'a *bateria* assestada.



Vem a da *coisa* a favor,
E logo todo afanoso,
Abre as portas, abre os braços.
Abre tudo jubiloso!

São bolos, licòr, biscoitos,
E' tudo quanto appareça:
Cerveja preta p'ra os sustos,
E adezivo p'rá cabeça.

RENHÓNHÓ

COMO ELLAS SE ARMAM!

Maria da Fonte encara
Com Sampaio, o cachaçudo,
Solta um — ah! — sonoro e agudo
Qual se encontrára um irmão:
Luz-lhe a alegria na cara,
Ri, delira; avança o passo
E quer n'um estreito abraço
Unil-o ao seu coração.

«Amigo de tempos bellos,
Que fulminavas o sceptro
N'aquelle energico *Spectro*
Que te deu nome immortal!
Que punias atropellos
A liberrimas conquistas,
N'esses tempos cabralistas
De despotismo triumphal!

«Vejo a patria (e digo-o em metro)
Explorado por Bazorras,
Lar do suor ultimas borras
A salamanqueiros vis!...
Eia! acorda, heroe do *Spectro*,
Apara essa penna romba,
Esmigalha, esmaga, arromba
Sanguesugas do paiz!»

— «Minha Maria da Fonte
A quem já entoei hymnos...
N'esses tempos cabralinos
Votei-te entranhada fé;
Mas vejo hoje outro horisonte
Porque um dia entrei no Paço:
Curvo ao Fontes meu cachaço...
Cumpro as ordens do Burnay.

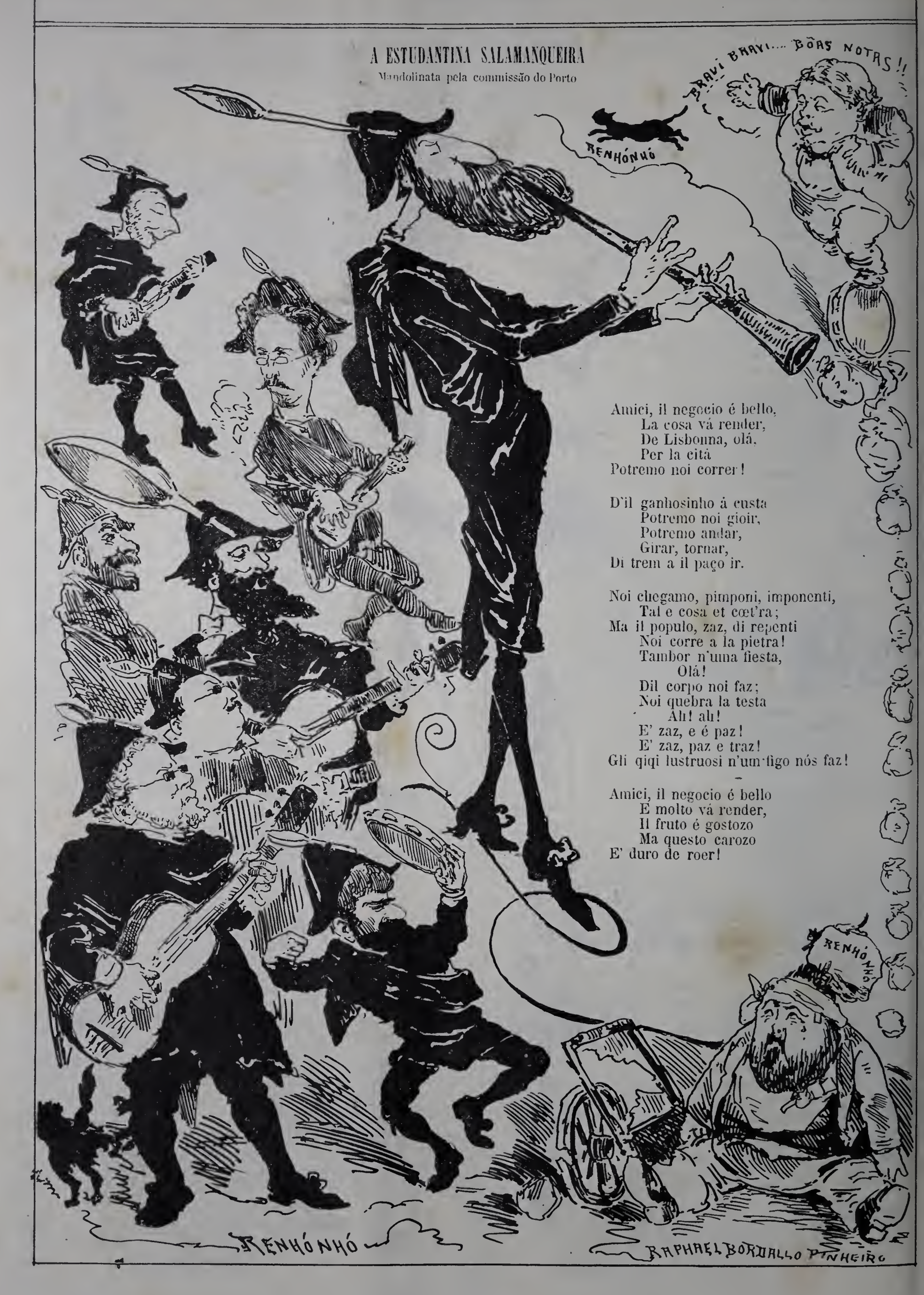
Um vae por Salamanca no comboio
Visitar o visinho;
Outro, votando contra o syndicato,
Vem p'ra cá de carrinho!

O MILHO

— Com que então, *vossa incellencia*
Dá-nos milho, podre assim?!...

— Meus caros, tenham paciencia,
O *milho* bom é p'ra mim!

RAPHAEL BORDALLO


A ESTUDANTINA SALAMANQUEIRA
Mandolinata pela commissão do Porto
BRAVI BRAVI.... BÕAS NOTAS!!
RENHÓNHÓ
Amici, il negocio é bello,
La cosa vá render,
De Lisbonna, olá,
Per la citá
Potremo noi correr!
D'il ganhosinho á custa
Potremo noi gioir,
Potremo andar,
Girar, tornar,
Di trem a il paço ir.
Noi chegamo, pimponi, imponenti,
Tal e cosa et cœt'ra;
Ma il populo, zaz, di repenti
Noi corre a la pietra!
Tambor n'uma fiesta,
Olá!
Dil corpo noi faz;
Noi quebra la testa
Ah! ah!
E' zaz, e é paz!
E' zaz, paz e traz!
Gli qiqi lustruosi n'um figo nós faz!
Amici, il negocio é bello
E molto vá render,
Il fruto é gostozo
Ma questo carozo
E' duro de roer!
RENHÓNHÓ
RENHÓNHÓ
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A TRINDADE POLITICA

O padre é d'elles

O filho é para estes

O espirito santo é para aquelles

E afinal tão bom é o padre, como o filho, como o espirito santo

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

O BILHETE DE AGRADECIMENTO DE SALAMANCA

Em seguida publicamos um artigo transcripto da *Cronica general de la Ilustracion Española y Americana* de 15 do corrente, que é a visita de agradecimento com que nos distingue aquelle jornal depois de approvado contra a opinião do nosso paiz o *contracto* que subsidiou um caminho de ferro em Hespanha:

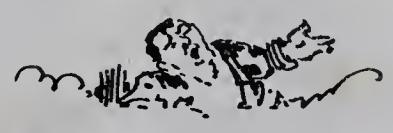
«Hemos respetado siempre, y compadecido algunas veces, la mania portuguesa de soñar que España pretende apoderarse de aquel pais é intriga constantemente para conseguirlo; y no hay medio de convencer á Portugal de que está tan seguro de nuestras redes, como esas señoras mayores que en las comedias creen que peligra su virtud cuando nadie las persigue.

La mania se ha exacerbado ultimamente, con motivo del ferro-carril de Salamanca, cuya linea doble parece á algunos portugueses un monstruo de dos cabezas españolas que trata de devorarles á cuatro carrillos. Todo se vuelve *meetings*, gritería y alardes de independencia, faciles de hacer cuando nadie piensa en disputarsela.

Están en su derecho los partidos politicos de Portugal al inventar noticias absurdas que, cayendo en gente sin ilustracion, promuevan desórdenes y la agitacion que sus planes necesitan; pero tienen derecho á molestar á los vecinos, que sólo se acuerdan de ellos para prodigarles atenciones?

¿No se les ocurre nada más verosimil que suponerse vendidos al oro español por su monarca?

¿Tan poca idea tienen de su valor, que crean que los hemos comprado por un puñado de monedas? Hay cierta monotonia y alguna dósis de imprudencia en corresponder á la cariñosa neutralidad de España con esa quijotesca actitud, que si no nos hiciera sonreir, podria ofendernos á la larga? Tienen peligros por nuestra frontera? Pues construyan una muralla á ejemplo de los chinos, y no malgasten en hablar su energia patriotica. Portugal se ocupa demasiado de que limita al N. y al E. con España, y no advierte que toda nacion pobre que tiene muchas costas linda principalmente con Inglaterra.»



Ora aqui está como ao fim de poucos dias de se votar o contracto de Salamanca, nós somos tratados por um jornal do reino visinho!

Bastantes vezes, não o negamos, os jornaes portuguezes teem appellado sem razão para os brios patrioticos, mas agora, a proposito do contracto de Salamanca, ou todos ou os mais importantes limitaram-se a protestos contra a insensatez do nosso governo que em apuradas circunstancias do thesouro ia subsidiar um caminho de ferro em paiz estrangeiro. Podia esse paiz ser a Hespanha, a França, ou a Turquia, o protesto seria sempre o mesmo. Foi n'esta occasião que a *Ilustracion Española y Americana* viu alardes de patriotismo na guerra feita ao contracto de Salamanca e descobriu que ninguem em Hespanha tem pensado em attentar contra a independencia de Portugal.

Ninguem! Ninguem escreveu os livros em que se advoga calorosamente a união dos dois povos da peninsula; ninguem em numerosos artigos da imprensa defendeu a unidade iberica; ninguem na tribuna parlamentar e até em jantares a que assistiam portuguezes, como succedeu em Madrid por occasião do centenario de Calderon, ninguem feriu as nossas susceptibilidades com discursos offensivos dos nossos brios patrioticos. O chronista da *Ilustracion* não viu ninguem e só descobriu que nós deveriamos levantar uma muralha como a da China para nos defendermos contra os vãos temores de um attentado contra a nossa independencia.

Não serviria para nada a muralha da China porque mais fortes do que ella eram os Pyrineus e o exercito francez atravessou-os triumphante; mais fortes que todas as muralhas e que todas as cordilheiras é o direito, e Filippe II invadiu Portugal para se assenhorear de um throno que não lhe pertencia. E apesar de que as montanhas e o direito não detiveram as invasões, os brios patrioticos de que a *Ilustracion* chasqueia conseguiram repellir os invasores e escrever em lettras gloriosas, na historia de Hespanha o 2 de maio e na de Portugal o 1.º de dezembro.

O MEDO

Ha tempos que o Fontes caro
Perdeu o nervo fogoso
E anda assustado, medroso,
Como as medrosas gazellas;
Não póde o triste eximir-se
D'este susto que o apouca,
E toda a policia é pouca
P'ra lhe guardar as costellas.

Traz sempre guardas comsigo,
Quando almoça, quando janta,
Quando se deita ou levanta,
Quando penteia o cabello,
Quando calça meias limpas,
Quando se pinta e se escova
E veste farpela nova
Para ir fallar ao ourello.

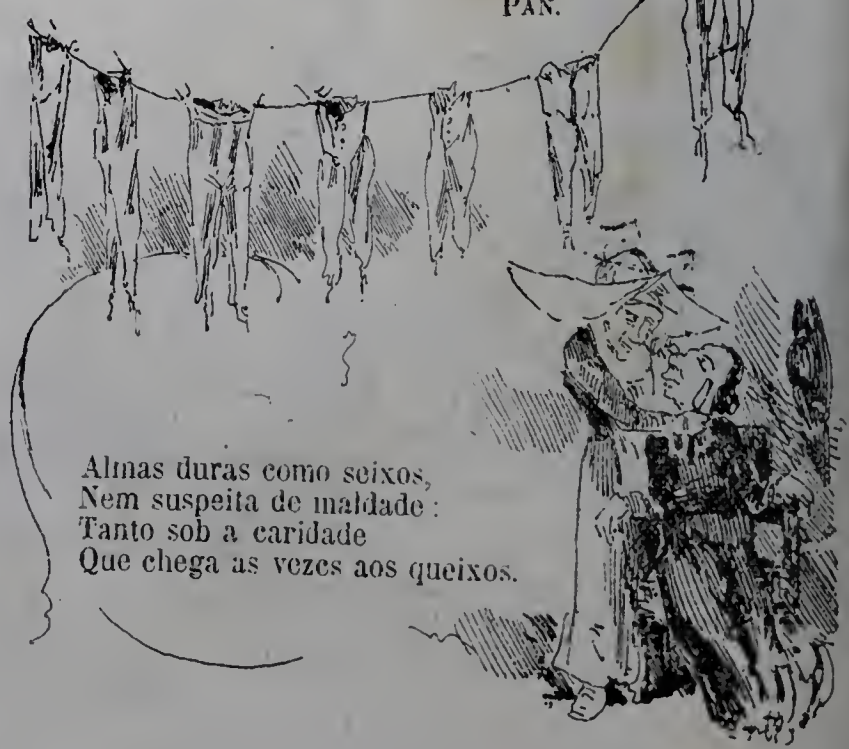
O 23 da terceira
Faz-lhe o laço da gravata,
O 10 prepara-lhe a orchata
Se acaso a calma lhe abunda.
O 16 da primeira
E' quem a barba lhe escama;
Dorme com elle na cama
O 32 da segunda!...

Abre-lhe o 6 a marrafa,
Põe-lhe o pó de arroz na cutis,
O 12 calça-lhe os butes,
Veste-lhe o 15 o roupão.
Lava-lhe o 30 o pescoço,
Quando esse luxo lhe quadra,
E o proprio chefe da esquadra
E' quem lhe arranja o tosão!

De manhã, quando em Pedrouços
Ia á praia tomar banho,
Sentia um susto tamanho
D'assaltos das alforrecas,
Que não podendo entrar n'agua
Escoltado p'la milicia,
Mandou pintar um policia
No reverso das cuécas!

De noite, puxa o lençol
E o cobertor para os ouvidos
E solta uns tristes gemidos
Como de timidas rôlas.
Quando se passa ao pé d'elle
Cheira mal como uma peste...
—Ha dias em que elle veste
Mais de seis par's de ceroulas!...

PAN.



Almas duras como seixos,
Nem suspeita de maldade:
Tanto sob a caridade
Que chega as vezes aos queixos.

OS RUFIÕES

Estamos na Parvonia?

Estamos em Veneza, no tempo dos Doges?

Atravessamos as encruzilhadas da Ribeira do tempo de D. Affonso VI?

São *bravi* de Veneza ou rufiões d'El-rei os que saem ao encontro de quem passa pelas viellas da Ajuda? E' o *Doge*, que dorme lá dentro do grande palacio de marmore, ou é o filho de D. João IV que das janellas dos paços da Ribeira assiste aos assaltos nocturnos dados pelos seus rufiões? E' Antonio Conti, o genovez, quem commanda os guarda-costas de El-rei ou é qualquer aventureiro audacioso que commanda uma quadrilha de malfeitores?

Policia de uma cidade civilisada não póde ser um troço de faiantes de jaleca e chapeu derrubado, que saem aos caminhos da Ajuda para apalparem os bolsos de quem vai passando, sem que o viandante tenha qualquer garantia de que elles não lhe attentem tambem contra a bolsa. O contra-almirante, que foi viso-rei da India, não podia descer a commandar semelhante sucia. Archeiros d'El-rei, que trocassem as fardas encarnadas por aquelle disfarce, não póde ninguem suppôr sem faltar á veneração devida áquella respeitavel milicia de perna fina.

Se são malfeitores que saem ao viandante, o que é feito da apregoada energia do novo Cabo da Parreirinha que consente que officiaes do exercito sejam vilmente vexados e maltratados á vista do paço real por uns aventureiros de emprezas nocturnas?

Que é feito do brio do exercito que não pede a punição severa dos criminosos? Porque não sai o sr. general commandante das guardas municipaes em perseguição da quadrilha? Não podemos suppôr que os poderes publicos sejam conniventes com os auctores da afronta feita a um official do nosso exercito e por isso esperamos no proximo numero annunciar aos nossos leitores que já se poderá passar pelo largo da Ajuda sem perigo de que ao viandante peçam a bolsa ou vida.

O Zé povinho, habilissimo,
E até capaz de prodigios,
Transforma em barretes phrygios
Uma capa do Santissimo.

Do Papa o exercito bravo,
Vendo tal irreverencia,
Atira-se á penitencia
E ás preces de desaggravo.

CANÇÃO SENTIMENTAL

(A PARTIDA)

Seu coração fazia-se em fatias
Á força de tamanhas tropelias.

PEDREIRA.

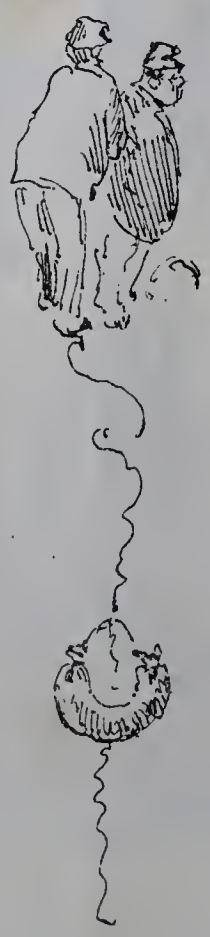
Zilu vae partir, e deixa
O seu povo immerso em magua,
Com os olhos razõs d'agua
E de lencinho na mão.
Povinho, não te envergonhes,
Chora até p'los cotovellos,
Que os prantos são sempre bellos
Signaes de bom coração.

Zilu andava estafado,
Suava-lhe o seu topete;
Sonhava hoje co'o *barrete*,
Com o Saraiva ámanhã;
Via spectros formidaveis
Carrancudos e tyrannos,
Uns com geitos mariannos,
Outros de fórma á Braamcamp.

Que faz Zilu? — arquejando,
Vergado a tão dura estafa,
No intimo peito abafa
Saudades do povo seu;
Diz: «Vou haurir novas brizas,
Que o sangue á *tóla* me acode...»
— Se podesse o que elle póde,
O mesmo faria eu!

E Zilu entrouxa a roupa,
Vae pelo mundo dar giros;
Deixa o seu povo em suspiros
E a bradar: — Zilu! Zilu!
Não te demores, amigo,
Vê que a dôr nos sobresalta!...
Fazes por cá uma falta
Que nem a imaginas tu!

O FISCO



Quem ande á noite na pandega,
Não vá passar pela Ajuda,
Que ha lá dez guardas da alfandega
De apparencia façanhuda.

Quer o triste vá a pé,
Quer se transporte a cavallo,
Hade dizer-lhes quem é,
Hão-de por força apalpal-o!

Hão-de vel-o nu em pello
Dos pés até o toitiço;
E desgraçado d'aquelle
A quem se encontre um chouriço

O Fontes trabalha activo
Para que no paço se evite
Algum chouriço explosivo,
Qual bomba de dynamite..

Quem passar a horas mortas,
Sem no apalparem não passa.
E' como quem chega ás portas
Levando couves p'ra a Praça...

Quem passar tome a medida
De fazer-se o necrologio...
Póde lá perder a vida,
Póde ficar sem relogio...

Ninguem vá por tal caminho
Á hora em que canta a c'ruja...
É melhor passar sósinho
Pelo pinhal da Azambuja...

Pan.

COLYSEU DOS RECREIOS
VIDA ACTU
CERC
QUESTO É UN XIILIO
NÃO POSSO FALLAR A COMMISSÕES
SOLITARIO É DEL
OPERA DÉLO
COMISSÕES QUE VÊM
THEATRO DO GYMNASIO
OPERA ITALIANA

LISBOA

EI

JARDIM DOS RECREIOS
PASSEIO PUBLICO
POSSO FALLAR Á COMMISSÃO
DO EM SEU JARDIM
A BISCA E MAIS
COMMISSÕES QUE VÃO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Extracto de uma correspondencia das *Caldas da Rainha* datada de 16 de julho e publicada no *Diario da Manhã* do dia 20:

Corrida de vaccas offerecida ao condestavel

«A corrida começou á 1 hora da tarde, sendo feitas as cortesias por S. A. o snr. Infante D. Augusto a pedido de todas as senhoras.

O grupo a pé era formado pelos srs. condes da Louzã e Paço do Lumiar, Freitas Rego, Ribas, alferes de cavallaria 4, Tamagnini da guarda municipal, Victorino Fróes, D. João de Mello, etc. S. A. fez as cortesias a passo e depois a galope tendo repetidas chamadas.»

.....

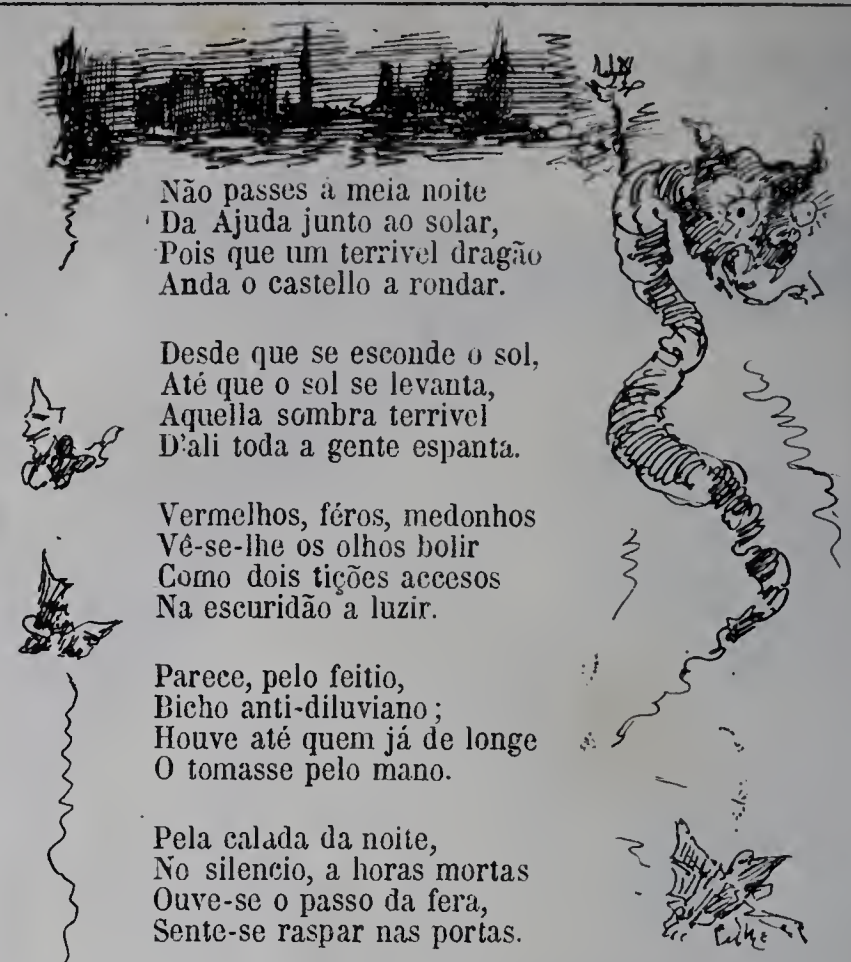
.....

Muito mais teria que dizer, para massada já basta. Continuarei a dar noticias. *(Ainda bem).*

UM BANHISTA.

O Tinoco abdica e vae para Hespanha... pudera.....

Os condestaveis fazem cortezias a passo e a galope tendo repetidas chamadas, e depois dizem... sim... que somos nós... que fazemos *a coisa* — que excitamos *a bicha*... sim, somos nós. —



Não passes á meia noite
Da Ajuda junto ao solar,
Pois que um terrivel dragão
Anda o castello a rondar.

Desde que se esconde o sol,
Até que o sol se levanta,
Aquella sombra terrivel
D'ali toda a gente espanta.

Vermelhos, féros, medonhos
Vê-se-lhe os olhos bolir
Como dois tições accesos
Na escuridão a luzir.

Parece, pelo feitio,
Bicho anti-diluviano;
Houve até quem já de longe
O tomasse pelo mano.

Pela calada da noite,
No silencio, a horas mortas
Ouve-se o passo da fera,
Sente-se raspar nas portas.

Quando chega o lusco fusco,
Sobe a ponte levadiça,
Calafetam-se as janellas
Fecha-se a porta massiça.

E nas frestas, nas ameias,
Nas cavidades escuras,
Brilham as pontas das lanças,
Refulgem as armaduras.

A'lerta! — brada uma voz
A cada quarto que dá,
E ao longe, outra voz soturna
Lhe responde: — A'lerta está!

A's vezes mesmo succede
Que tudo de susto fuja
Quando no cimo da torre
Se ouve piar uma c'ruja.

De quando em quando, um — A's armas!
Quebra o terrivel socego,
Se acaso muito de perto
Passa voando um morcego.

E ao ouvir aquella voz
Eccoar na escuridão
Accorda sobresaltado
No seu leito o castellão.

Eriçam-se-lhe os cabellos
Todo elle se atemorisa,
E logo fóra da cama
Salta em fralda de camisa.

E' que no velho solar
A cada instante se espera
Uma hydra temerosa,
Uma sanguinaria féra.

Segundo todos os calculos,
E de *Auguro* as profecias,
Deve a féra sanguinaria
Já matal-o um d'estes dias.

E' vermelha a bicha, affirma
Quem a viu já uma vez:
Tem garras de nihilista
E figados de irlandez!

(SEGUE)

Diz alguem bem informado
Que ella quiz fazer primeiro,
N'uma estação junto ao Tejo,
Bolos de salamanqueiro.

Outro narra-lhe, em segredo,
As façanhas petroleiras,
E diz que, de archote em punho
Anda a deitar fogo ás eiras.

Agora porém o fito
D'aquella féra finoria
E' dar um salto no rei...
E levar a banca á gloria!

O que inda apezar de esforços
Se não poude averiguar,
E' se a tal hydra terrivel
Irá por terra ou por mar.

As armas de que se sirva
Tambem não se sabe ao justo:
E' porém muito provavel
Que o faça morrer... de susto!

O DEFENSOR DAS INSTITUIÇÕES

Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu rei forem contrarios.

CAMÕES.

Generalsinho
Muito espertinho,
Pequerruchinho,
Mas valentão;
Treme a *bichinha*
Que se abespinha,
Quando caminha
Meu batalhão.

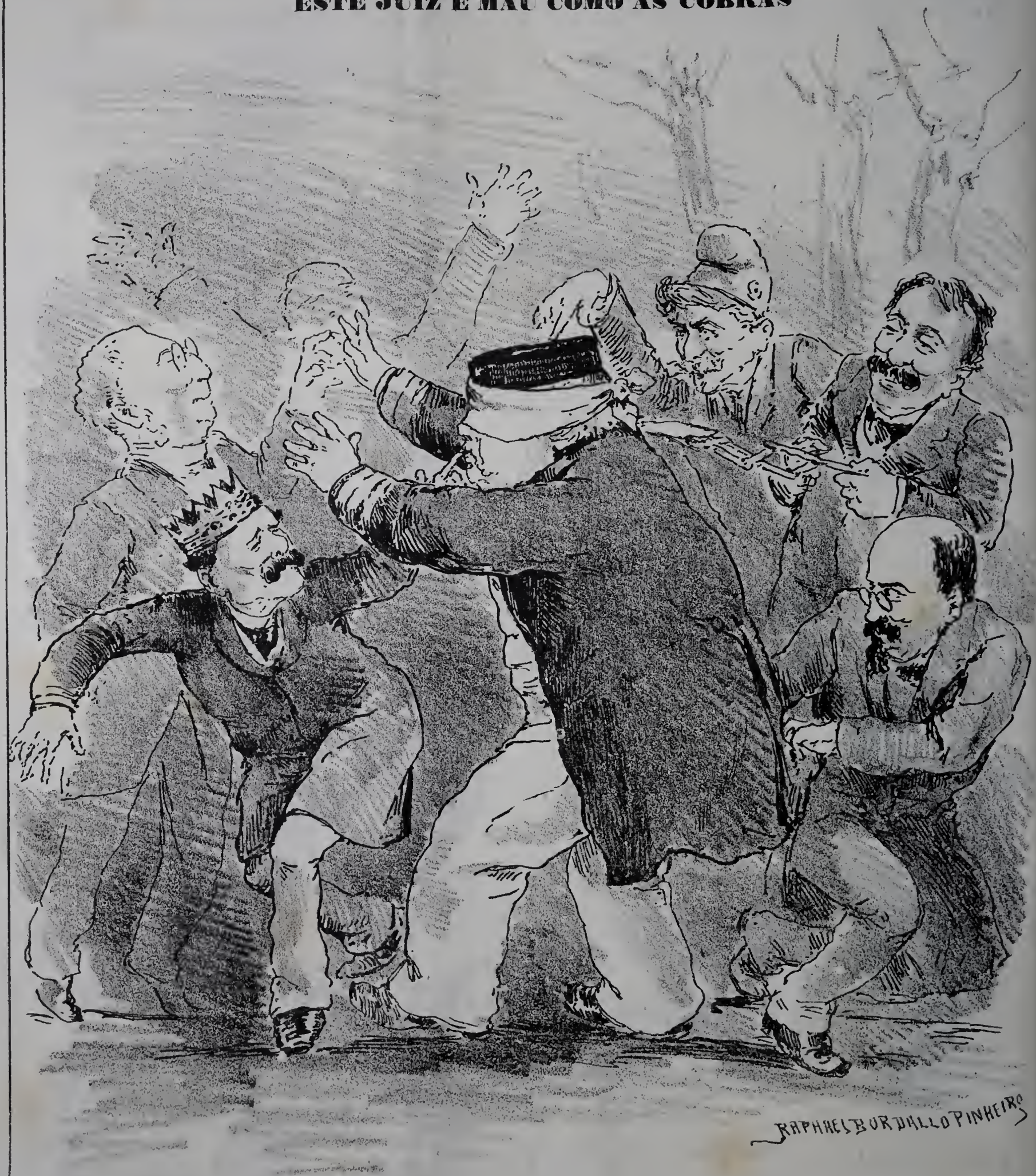
Meu rei loirinho,
Descançadinho
Chupe o seu vinho,
Coma o seu *pão*,
Guardo-lhe a *pinha*,
Salvo a egreginha
Co'esta espadinha
De papellão.

O SR. OLIVEIRA E SILVA EM SUA ESPINGARDINHA DE CAÇA — UMA BOA SUBSTITUIÇÃO DA MURALHA DA CHINA

A SITUAÇÃO

O JOGO DA CABRA-CEGA

ESTE JUIZ É MAU COMO AS COBRAS



ADIVINHA QUEM TE DEU?

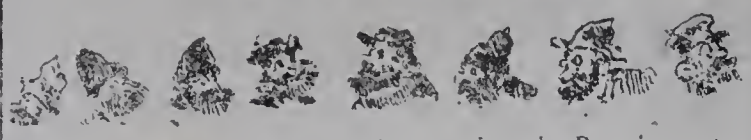
OS CONSPIRADORES

(CORO DA SR.ª ANGOT)

Se alguem se atira
Conspirador,
E' este *meco*,
Real senhor,
Que o seu bigode
Usa engraxar,
E pavorosas
Sabe arranjar.

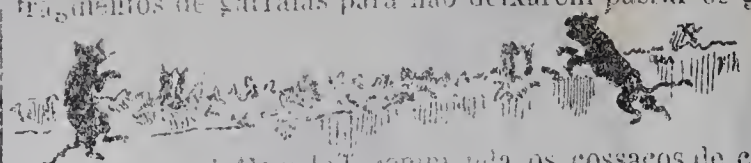
Zé povinho não conspira,
Vae soffrendo a sua cruz,
Podem pôr-lhe mais albardas
Que não diz nem chus nem bus

A VIAGEM REAL



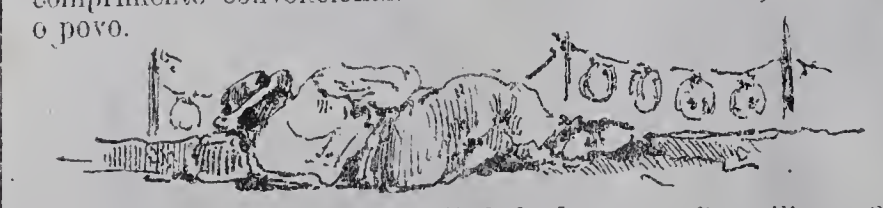
E' assim que viaja o imperador da Russia, entre as alas dos nihilistas, que levam as algibeiras cheias de bombas de dynamite.

E' tal qual como o nosso amado soberano, precedido de espiões, embrulhado em policias, cercado de lanceiros, rodeado de municipaes, ladeado pela artilheria, seguido pelos caçadores a cavallo e não sabemos se debaixo de um docel de baionetas com as pontas para fóra, como os muros incrustados de fragmentos de garrafas para não deixarem passar os gatos.



O general Macedoff commanda os cossacos de cá, Tigrowich dirige a policia disfarçada, Augustoff Braganzowich a frente da guarda imperial a cavallo segue os passos do *tsar* e veila por seus preciosos dias.

Entretanto os sinos repicam em ar de festa, os foguetes estouram no ar como se fossem levar aos astros a festiva nova da viagem do imperante e as bocas de fogo regougam o seu comprimento convencional. Ha de tudo n'essa festa; só falta o povo.



Porque vae o imperante blindado de precauções militares? Porque, á maneira do imperador da China, se esconde ás vistas dos seus subditos? E' porque imperante e povo se separaram ha muito tempo, desde que o primeiro entendeu que devia prescindir do segundo e desde que este se convenceu de que podia passar perfeitamente sem o outro.

E' uma viagem que parece a mudança de um carcere para outro carcere, da prisão da Ajuda para o presidio dos Carrancas. Nem é um homem vulgar que no uso do seu liberrimo direito muda de terra, por distracção, nem é um homem notavel que vae receber os applausos e felicitações dos seus admiradores; é um encarcerado que jornadeia entre uma escolta, não tanto pelo mal que pode fazer como pelo que pode receber.

Chegamos quasi a ter dó do citado imperante! Que o roubem, vá; que o enganem, tolera-se; que o obrignem a assignar os papeis menos aceiados, releva-se; mas que não lhe permittam que areje o nariz fóra da carruagem sem ter um municipal ao lado de cada venta; que lhe não deixem satisfazer as mais urgentes necessidades da vida sem ter a seu lado Tigrowich e Macedoff, é quasi a sorte de um condemnado á grilheta da realeza.

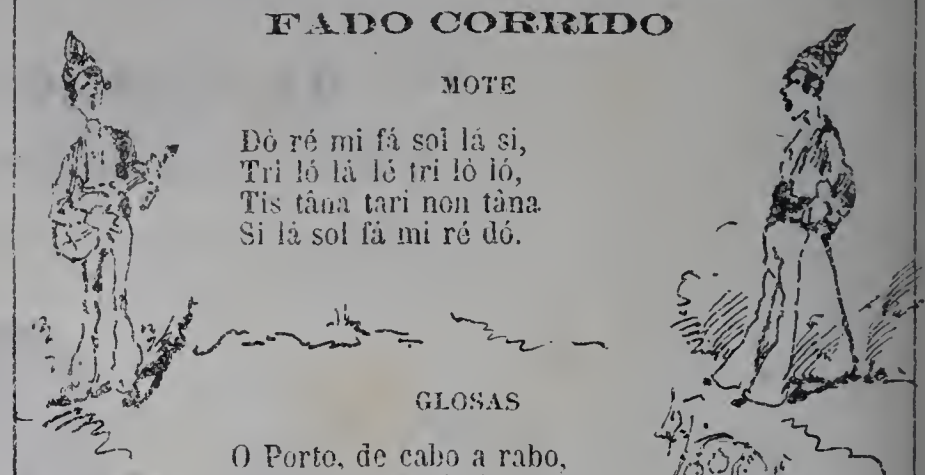
Ao menos o tio Pedro d'Alcantara quando vae viajar, depois de deixar rebentados no caminho dez camaristas e vinte parelhas, põe a mala ás costas e deita a correr para o Mabille, para o Argyle, para a rua Augusta e emfim para todos os sitios onde uma pessoa se póde divertir e fazer o seu bocado de pagode.

O sobrinho nem sequer tem esse regalorio; assigna salamancadas, dá prerogações, leva descomposturas e tem de andar em procissão de penitencia pelo paiz, escoltado á ordem do Fontes, faltando-lhe só um letreiro ao pescoço em que se diga: —*Preso politico*.

E' d'esta viagem que os jornaes hão de dizer que foi um completo triumpho para as instituições.

Por muito menores triumphos, tem varios presos fugido ás escoltas que os guardam.

FADO CORRIDO

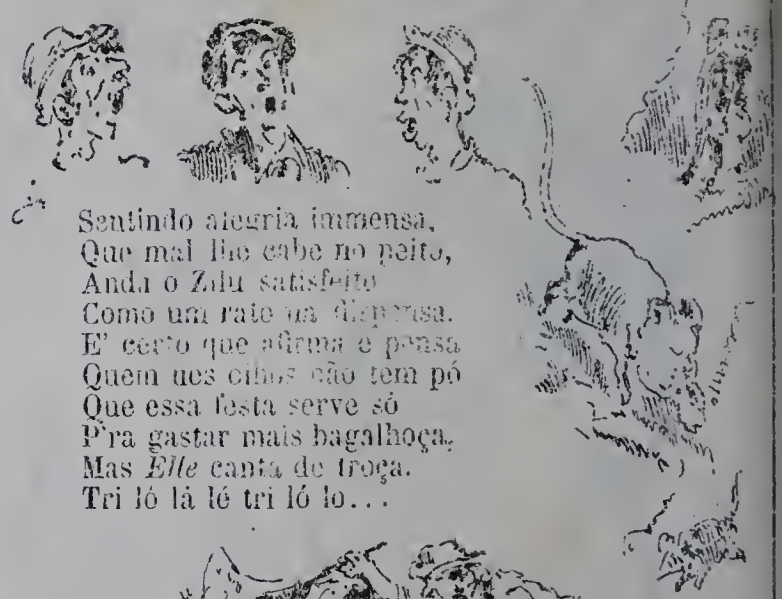


MOTE

Dó ré mi fá sol lá si,
Tri ló lá lé tri ló ló,
Tis tâna tari non tâna
Si lá sol fá mi ré dó.

GLOSAS

O Porto, de cabo a rabo,
Vae-se encher de luminarias,
Bandeirolas, coisas varias,
Arcos de bucho... o diabo!
Tanta pachorra lhe gabo,
Que outra assim jámais eu vi,
Pois segundo ha pouco li,
De taes festejos nas chronicas,
Ensaia-se ás philarmonicas
Dó ré mi fá sol lá si!

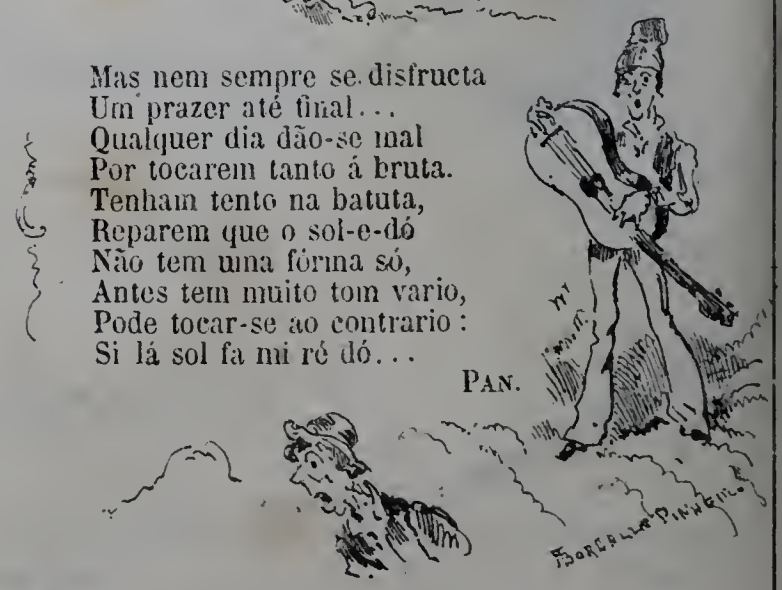


Sentindo alegria immensa,
Que mal lhe cabe no peito,
Anda o Zulu satisfeito
Como um rato na dispensa.
E' certo que afirma e pensa
Quem nos cinos não tem pó
Que essa festa serve só
P'ra gastar mais bagalhoça,
Mas *Elle* canta de troça.
Tri ló lá lé tri ló lo...

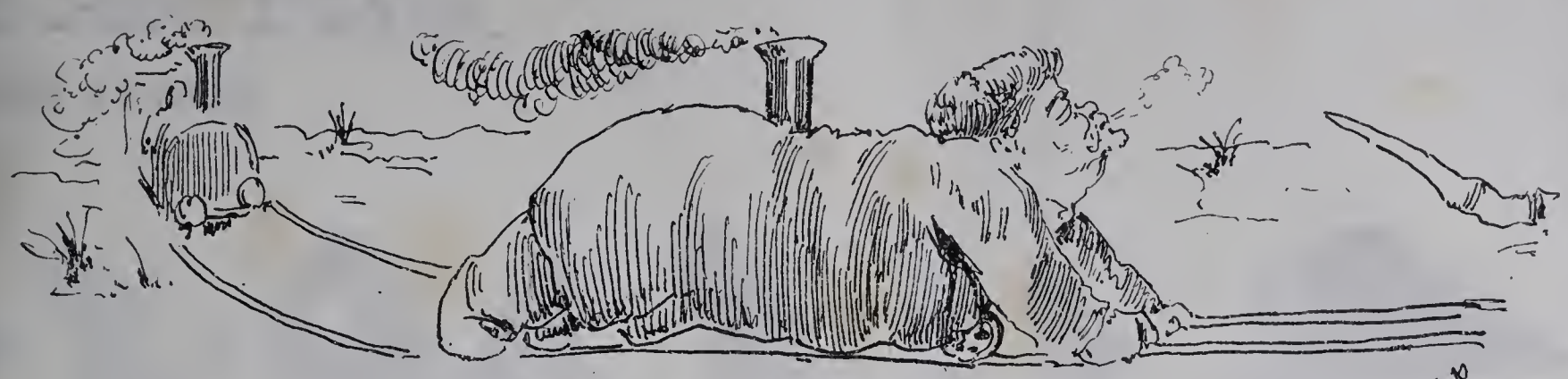
O povo, que paga em barda
P'ra as festanças que não faz,
Desgraçado se lhe apraz
Sacudir um pouco a albarda...
Logo prompto acode a guarda,
A feroz pretariana
Que vem tocar-lhe a pavana,
Como tem por uso e norma,
Começando d'esta fórma:
Tis tâna tari non tâna.

Mas nem sempre se disfructa
Um prazer até final...
Qualquer dia dão-se mal
Por tocarem tanto á bruta.
Tenham tento na batuta,
Reparem que o sol-e-dó
Não tem uma fórma só,
Antes tem muito tom vario,
Pode tocar-se ao contrario:
Si lá sol fa mi ré dó...

PAN.



A MACHINA EXPLORADORA



A que hade espantar a hydra

Conversa entre dois veteranos da liberdade

—N'estas coisas liberaes,
Amigo, deu-lhe o gorgulho...
Foram-se as festas leaes
De 24 de Julho!...

—É verdade!... tudo entorta:
A sotaina grimpa e abusa,
A Hespanha nos ronda a porta...
E quem manda os braços cruza!

—Onde irá parar o barco
Na maré do caranguejo?!...
Iremos todos ao charco
Pelos geitos que lhe vejo!...

—Ah!... se eu podesse destroço
Causar em tanto diabo...
Mas desgraçado!... nem posso
Co' uma gata pelo rabo!

—Arrepiam-se no *caco*
As minhas brancas farripas!...
Mas tenho aqui um pataco...
Vamos á Horta das Tripas.

TREMES?!

Que tens, Zilú? tremelhicas?
D'onde vem tal convulsão?...
Não me saias um maricas,
Faz das tripas coração.

Eia! cavalga no potro
E avança para a victoria,
Pois, como lá diz o outro,
Dos fracos não resa a historia.

Porque receias nihilistas,
Que inda ninguem póde vêr,
Se tens por ti os fontistas
D'antes quebrar que torcer?

Contra os tramas do *barrete*
A aconselhar-te, a preceito,
Não tens Sampaio, o vegête?...
Boi velho, rego direito.

Sampaio, alma nobre e sã,
Que em eras muito inclementes,
Birras de tua mamã
Defendeu a unhas e dentes..

Prepare-te para a briga,
Que o *Zé* é molle, fraqueja;
Vae rindo de quem te diga:
Guarda do cão que manqueja.

A'vante! a gloria te chama,
Fontes estende-te a mão!
Morra o homem, fique a fama;
Quem tem medo compra um cão.

Ao Macedo, heroe migalha,
Pede os guantes te ajuste
E—catrapaz—á batalha:
Quem quer uste, que lhe custe.

O FECHAR DAS LOJAS AO DOMINGO

Caras dos caixeiros **Caras dos patrões**

ANTES D

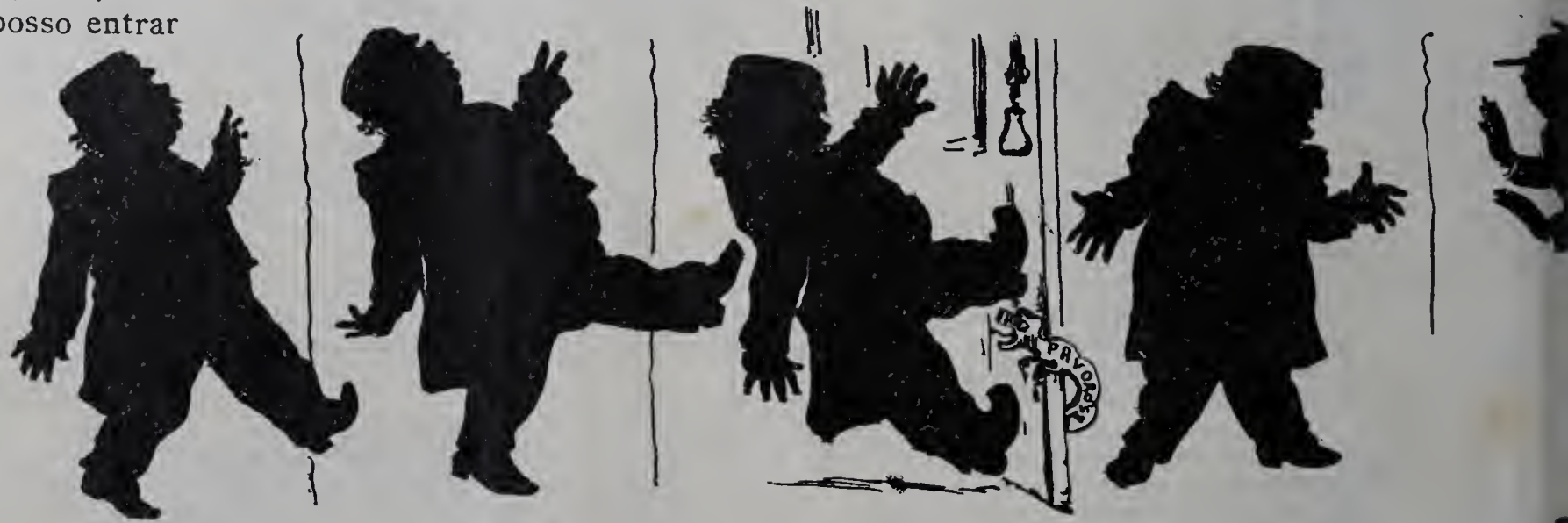
Lição de SAHI

—Diga-me, mestre, como hei-de sahir?
—Como quer que o ensine a sahir se não posso entrar

—não vê que estou sempre a sahir?

—Oxalá pudesse eu fazer o mesmo!

—Va
me



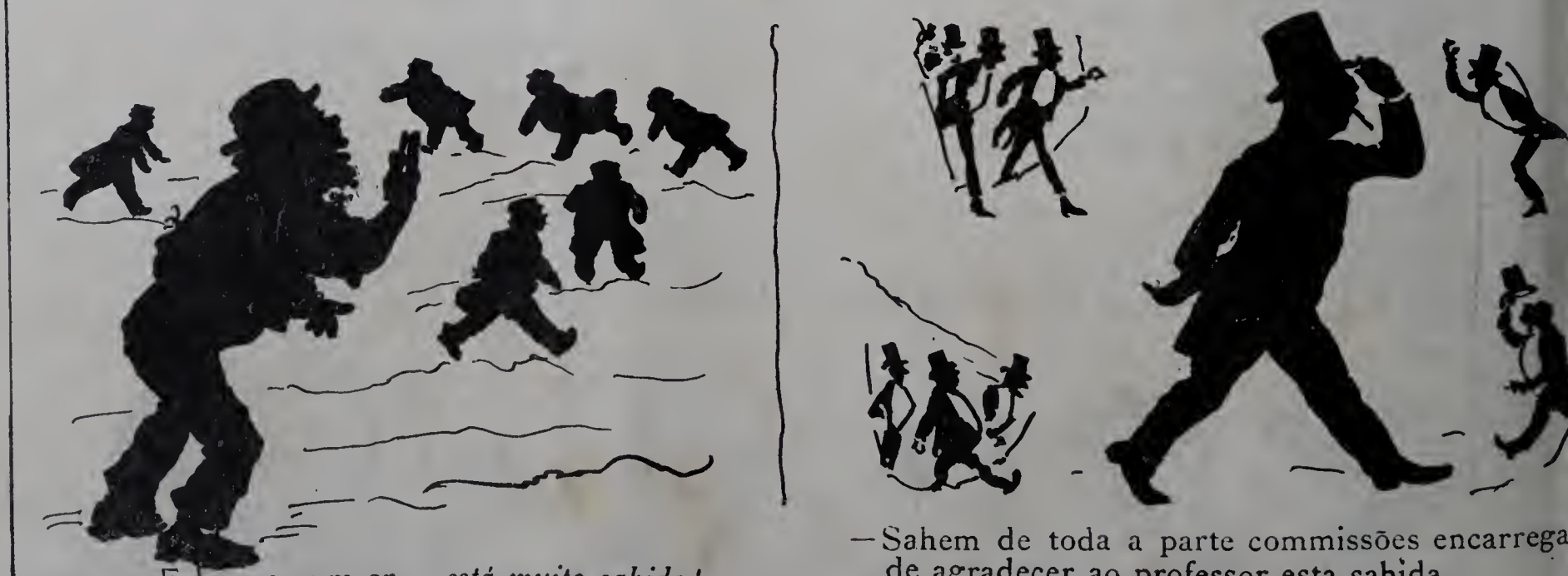
—Lá vae
—uma

—duas

—trèz
—Zás dei com o pé na porta

—não vae lá

—Um bocadi
colloque-se

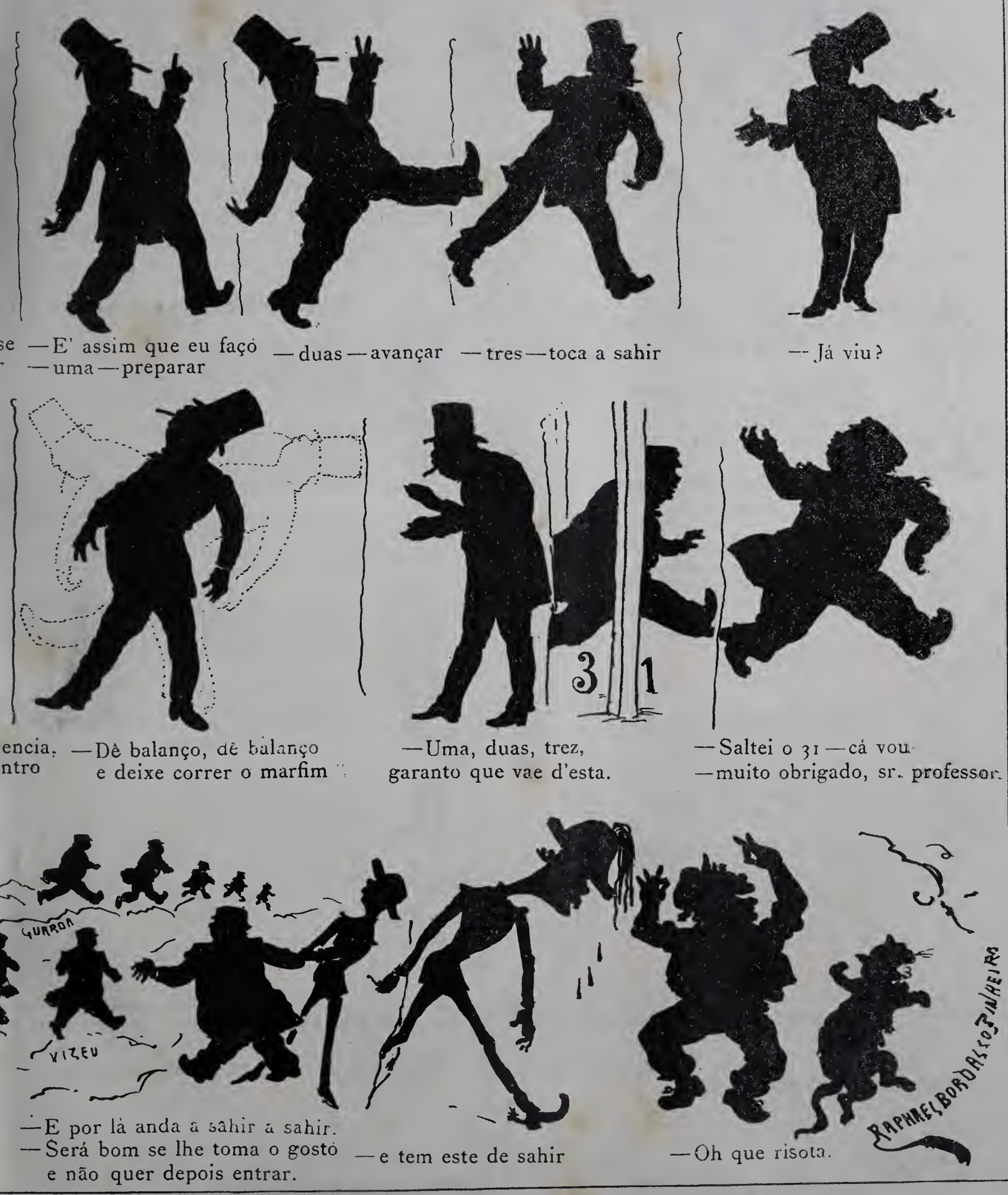


—E lá vae, sim sr.—*está muito sahido!*

—Sahem de toda a parte commissões encarrega
de agradecer ao professor esta sahida.

PARTIDA

ofessor Camara



se —E' assim que eu façó
r —uma—preparar

—duas—avançar

—tres—toca a sahir

—Já viu?

encia.
ntro

—Dê balanço, dê balanço
e deixe correr o marfim

—Uma, duas, trez,
garanto que vae d'esta.

—Saltei o 31—cá vou
—muito obrigado, sr. professor.

—E por lá anda a sahir a sahir.
—Será bom se lhe toma o gostó
e não quer depois entrar.

—e tem este de sahir

—Oh que risota.

Na passagem do rei pelas provincias

— Dizem na cidade que não presta, que não presta; tomara-o eu para mim todo... um só? tomara eu dois... e não era muito para a familia que tenho.

— Porque querias tu dois reis só para ti?

— Ora é bôa — *elle é de oiro* — dois era melhor, tem muito peso e é da lei...

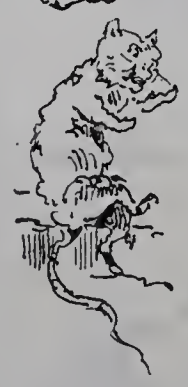
BORDALLO PINHEIRO

Um monarchico horrorisado á porta do Martinho

Cáes no abysmo, patria ingrata,
Patria de crenças vazia!...
Já o povo não acata
Esta santa monarchia!!!

Um bom velhote depois de fungar a sua pitada

Olhe; o povo é de borregos,
Porém já não erra as poldras:
— Custa mais que a engulir pregos
O respeitar estas choldras!...



PERGUNTA DO ANTONIO MARIA AO 103

Porque será que os ourives
Não combinaram ainda
Deixar de abrir ao domingo...
Que era uma coisa tão linda?

RESPOSTA DO 103 AO ANTONIO MARIA

De *prima necessidade*
Vendem generos: — bem vês
Que é como o pão para a bocca
Um brinde do.....**103.**

O INTERVALLO

Findou a primeira parte,
Abrandou mais o sussurro,
Recolheram-se os cabrestos,
Fechou-se a porta do curro.

A banda dos ex-alumnos,
Ao compasso de zabumba,
Entretem o quarto de hora
Tocando o hymno *ó quizumba!*

Os capinhas bebem agua
Durante o curto intervallo
E o eximio cavalleiro
Afaga a tromba ao cavallo.

Os pequenos andarilhos
Limpam a praça n'um rufo,
A comitiva dos pretos
Bebe um copo de marufo.

Do producto da corrida
Conta o bago o bilheteiro,
O intelligente da praça
Fuma um cigarro bregeiro.

Lá dentro o boi no toiril,
Soltando terriveis berros,
Curva servil o cachaço
P'ra recolher novos ferros.

.....

Ora oxalá não succeda,
Que era o maior dos transtornos
Que o toiro se atire um dia
Com unhas, dentes e cornos...

PAN.

ERRATA AO NUMERO ANTERIOR

O titulo que sahio na ultima pagina misturado com os outros — *Este juiz é mau como as cobras* — pertence a este senhor

E é

OS ENTHUSIASMOS

Despedida da Companhia italiana do Colyseo

— *Em casa.* — Na noite vou enthusiasmar-me

— *No theatro.* — Começa por pôr-se em pé e bater com as mãos

— depois puxa o *marotinho* e acena com elle

— depois atira com o chapeo

— depois atira com os punhos sujos

— depois atira com o casaco

— depois atira com o collete

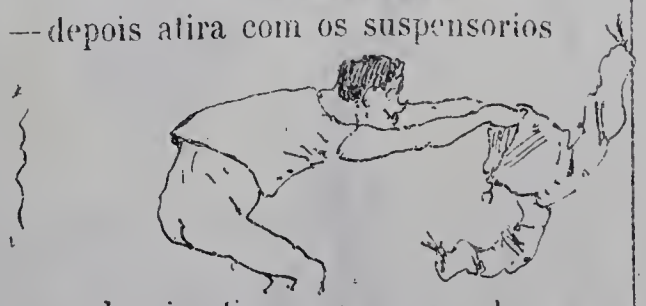
— depois atira com a gravata

— depois atira com o collarinho

— depois atira com os suspensorios

— depois atira com as calças

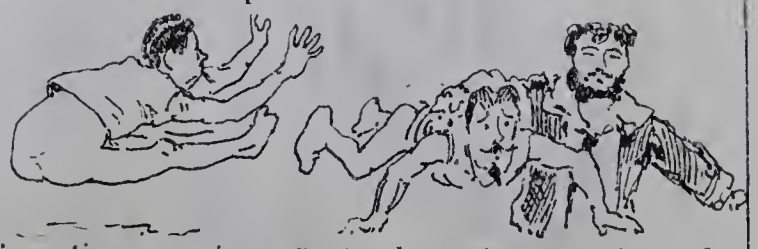
— depois atira com a camisa



— depois atira com as ceroulas

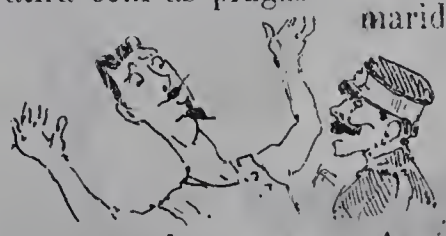
— depois atira com as botas

— depois atira com as piugas

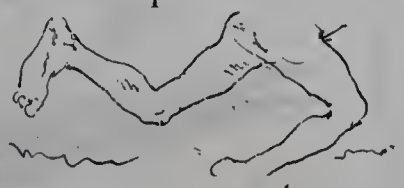


Por fim atira comsigo não tendo mais que atirar. O marido da diva atira com elle de lá para cá

— cáe nos braços do 103 da 1.ª



— o enthusiasta logo que se vê nos braços da tropa



— pernas para que te quero, segundo o costume

— muito constipado e sem *marotinho* que lhe valha

Nota. — Este enthusiasmo é egual para todos

— tanto para *Sarah Bernhardt* como para a Rosselli

— tanto para a Borghi como para a Canaria — *tanto* para o sr. *Fontes* como para o sr. *Caixinhas.* — Cahindo em graça o delirio é o mesmo

emquanto não chega a guarda municipal que é o que estraga tudo

O ESTADO D'ELLE

Parece que... Zé Povinho está como o Manoel Ceguinho... Já não tem... não tem...

Figurino da real guarda salamanqueira portuense do rei e carta

Rol da roupa da real guarda salamanqueira portuense do rei e carta em dia de paz.

Penante de galla com roseta e armas reaes	1
Sapatos de ourello, par	1
Oculos, dito	1
Suissa, dito	1
Chapeu de sol alabarda	1
Barrigas de perna, par	1
Cuecas com armas reaes, dito	1
Patrona-syndicato com 12 fraldas, e mais pertences	1
Commenda	1
Barriga com armas reaes	1
Peças de roupa	15

Trajo de paz em dia de missa

ENTRE O IDYLLIO E A PANDEGA

Começou a viagem com um rompante que parecia que a monarchia queimava o seu ultimo cartucho contra a revolução e afinal parece que vae acabando com a pacatez de uma reunião de credores a quem não convem que o devedor se estenda.

A' proporção que o comboyo real se ia internando pelas regiões mais asperas e mais loucas ia crescendo o enthusiasmo das populações, como se a quantidade de mato bravo nas serras estivesse em proporção com os sentimentos monarchicos no coração dos povos. As gentes do campo interrompiam a tarefa de deitar os dois braços abaixo a um monupolisador de milho para irem ajoelhar na passagem do rei; os habitantes da cidade gastavam no luxo com que haviam de festejar a visita regia os cobres que tinham destinados para pagar as pesadas contribuições e alguns calotes que apertavam mais, se não podiam contrahir outros reaes. Um idyllio!

Entretanto os politicos da opposição calçavam as suas luvas brancas, vestiam as suas casacas e esperavam graves e solemnes a passagem do comboyo real para respeitosamente apedrejarem as carruagens, como manifestação do descontentamento do paiz pela marcha dos negocios publicos, mas á proporção que o comboyo real ia avançando de estação para estação, a prudencia e a moderação davam-lhes bons conselhos e os politicos largavam as pedras das mãos para romperem em applausos, que se iam misturar com os dos policias apaixonados, e galopins alugados para fabricarem enthusiasmo a tantos réis por cabeça. Uma pandega!

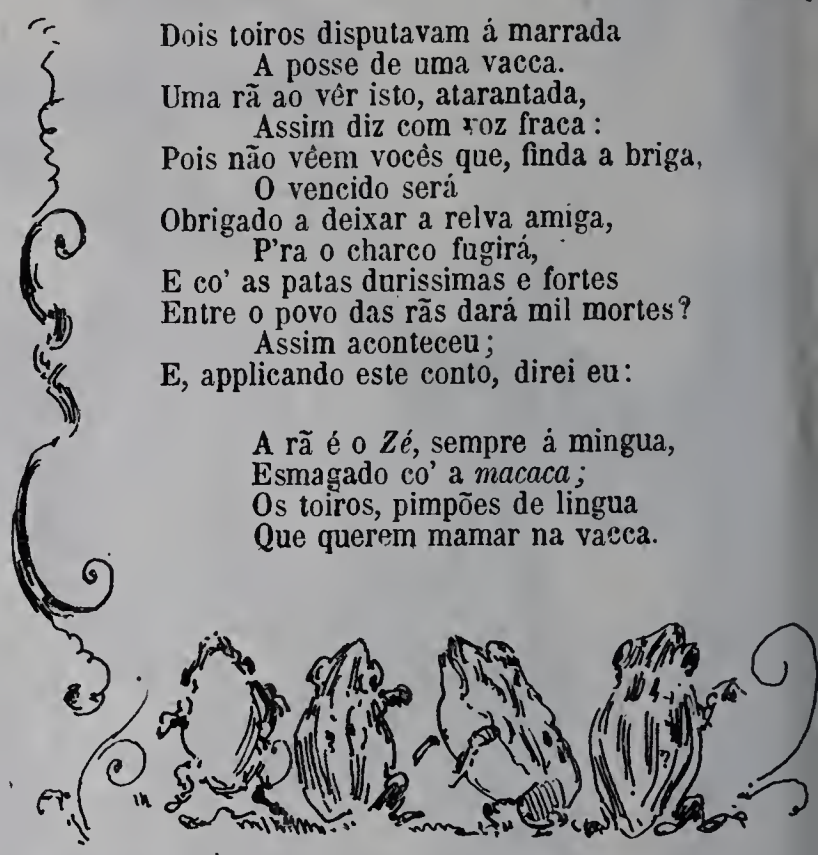
Depois de terminadas as festas, os da pandega hão-de apresentar a conta do seu enthusiasmo para lhes ser paga por inteiro, e os do idyllio, os broncos, os que andaram com toda a innocencia berrando o vivorio, são os que hão-de pagar a festa e a gorgeta dos outros. Que pandegos e que tolos!

OS DOIS TOIROS E A RÃ

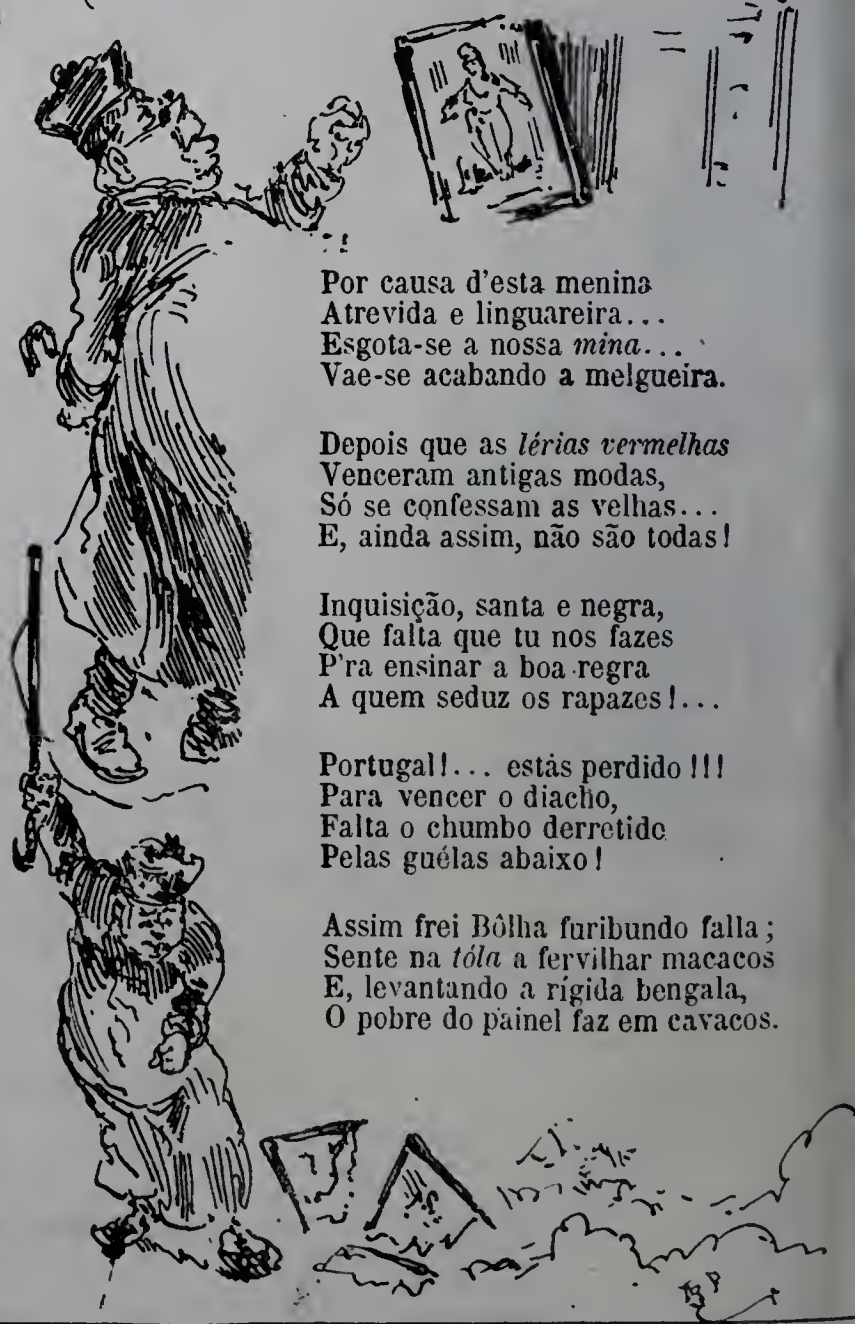
Deux taureaux combattaient a qui posséderait
Une genisse avec l'empire

Dois toiros disputavam á marrada
A posse de uma vacca.
Uma rã ao vêr isto, atarantada,
Assim diz com voz fraca:
Pois não vêem vocês que, finda a briga,
O vencido será
Obrigado a deixar a relva amiga,
P'ra o charco fugirá,
E co' as patas durissimas e fortes
Entre o povo das rãs dará mil mortes?
Assim aconteceu;
E, applicando este conto, direi eu:

A rã é o *Zé*, sempre á mingua,
Esmagado co' a *macaca;*
Os toiros, pimpões de lingua
Que querem mamar na vacca.



Frei Bôlha em frente de um painel
onde vê pintada a republica



Por causa d'esta menina
Atrevida e linguareira...
Esgota-se a nossa *mina*...
Vae-se acabando a melgueira.

Depois que as *lérias vermelhas*
Venceram antigas modas,
Só se confessam as velhas...
E, ainda assim, não são todas!

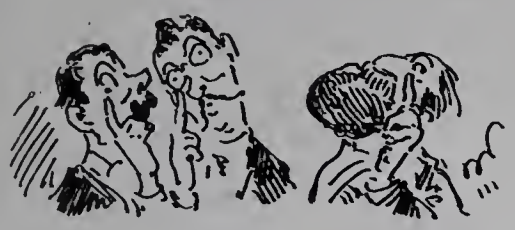
Inquisição, santa e negra,
Que falta que tu nos fazes
P'ra ensinar a boa regra
A quem seduz os rapazes!...

Portugal!... estás perdido!!!
Para vencer o diacho,
Falta o chumbo derretido
Pelas guélas abaixo!

Assim frei Bôlha furibundo falla;
Sente na *tóla* a fervilhar macacos
E, levantando a rígida bengala,
O pobre do painel faz em cavacos.

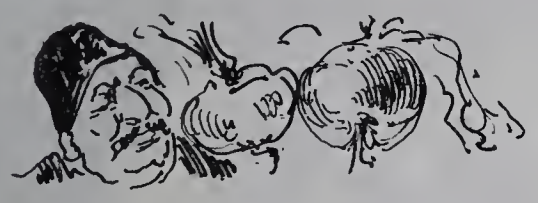
A Viagem

Quando o assumpto em grandeza se sublima
É justo se incommode a oitava rima,
Pois assim o entendeu Camões que, experto,
Tinha um olho fechado e outro aberto.



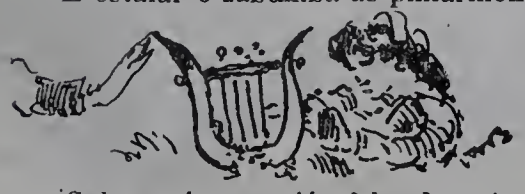
Zilu, o preclarissimo, viaja
Sem tentar descobrir um mundo novo,
Aconselhado vae por gente *gaja*
A escutar as lamurias do seu povo.
Faz Zilu muito bem, Zilu bem haja;
Sua resolução em verso eu louvo,
Já que ministros, vates laureados
Se não querem metter n'estes assados.

Não vae Zilu, embora o affirmem grulhas,
Festejos acceitar salamanquinos,
Vae sondar varias chagas e borbulhas
D'aquelles que ama como aos seus meninos.
Vae sarar muita dôr, castigar pulhas,
Ouvir leaes agradecidos hymnos
Do povo parvonez, neto banana
Do que passou além da Tapobrana.



Zilu tem bico d'obra! — o povo afflicto,
Cançado de parolas e de enganos,
Como as cebolas a esperar do Egypto,
Espera a liberdade ha largos annos:
Falta-lhe o milho, o sal tem salgadito,
Vê a justiça em unhas de ciganos
E, pedindo instrucção, dá berro e urro,
Pois está mais que farto de ser burro.

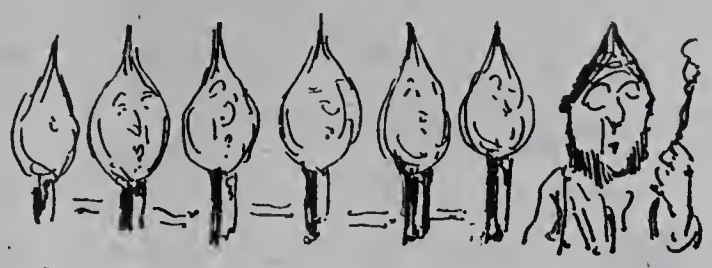
Mas Zilu vae curar toda a mazella,
Amanhar os variados desconcertos,
Metter as sujidades na barrella,
Galhardamente *enderechar los tuertos*.
Acção prestante, gigantesca e bella,
Que espaventosos mil laureis tem certos,
Que hade illustrar escrupulosas chronicas
E estafar o zabumba ás philarmonicas!



Cala-te, ó musa, já; falta de aviso,
Na desmedida audacia não reparas;
Olha que pouco abona o seu juizo
Quem se mette em camisas de onze varas
E' tal o assumpto, que tem cão e guizo
E faria tremer lyras preclaras!...
Ponto final no teu *poema* chimpa,
E nunca em coisas taes ergas a grimpa,

VIAGEM REGIA

Extractos d'uma correspondencia do Porto para o «Diario Illustrado» de 4 do corrente.



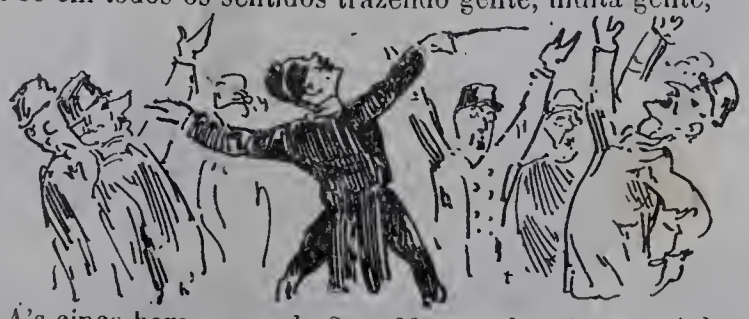
«Os foguetes muito perfilados com as cabeças explosivas forradas de papel branco e tendo ao pé de si, ainda mais perfilado, o pyrotechnico (é mais bonito que fogueteiro), esperando a primeira voz, e soprando o morrão com a actividade e sangue frio d'um artilheiro inglez.

E na gare? — A camara municipal, o prior da freguezia, o regedor, deputações, grande quantidade de povo, todos muito

direitos (como os foguetes,) esperando anciosamente o momento de comprimentar, respeitosos, os sympathicos monarchas.

Em Coimbra é que foi o bom e bonito! Que inferneira, que balburdia, que confusão! Guardas, archeiros, soldados, capitães, doutores de capello, bispos, membros da camara municipal, povo que queria entrar na gare...

Atraz da estação, no largo, os americanos chegavam apinhados de gente, que corria presurosa ao bilheteiro, e os carros particulares com os cavallos, agaloados a azul e branco, cruzavam-se em todos os sentidos trazendo gente, muita gente,



A's cinco horas, quando Suas Magestades chegaram, deu-se principio aos vivas, aos foguetes, aos *hurrahs* enthusiasticos...»

Sim senhor!

A VIAG

TELEGRAMMAS DO GOVERNO

UM TRIUMPHO

Escuto d'um lado, escuto d
E na verdade quem marcha triun

REGIA

TELEGRAMMAS DA OPPOSIÇÃO

agando sempre. E' uma reinação!!
discussões, é *o phyloxera.*

UM FIASCO

O REALEJO DA MONARCHIA

Da monarchia o realejo
Já hoje a ninguem int'ressa;
Tem massado de sobejo
A *moer* a mesma peça.

D'antes a peça era qu'rida
Como caldinho de frango;
Mas hoje na conta é toda
De já ronceiro fandango.

Debalde o dono se cança
Em lhe mudar os bonecos,
Porque é sempre a mesma dança,
Sempre ao som dos mesmos eccos.

E' preciso um canto novo
Mais vibrante e menos mono,
Senão vemos todo o povo
Andar a cair com somno.

OS VARIOS IDYLLIOS DA POLITICA

1.º

Questo é un idylio

2.º

Questo é un idylio

3.º

Questo é un idylio

4.º

Questo é un idylio

5.º

Questo é un idylio

6.º

Questo é un idylio

7.º

Questo é un idylio

8.º

Questo é un idylio in verita

Figurino da real guarda salamanqueira portuense do rei e carta

Rol da roupa da real guarda salamanqueira portuense do rei e carta em dia de castanha.

Penante-capacete...	1
Funil-vizeira.....	1
Panella-cachaceira..	1
Coiraça-Topa-a-tudo.	1
Colher-dragona, par	1
Chapeu de Sol-Krup	1
Barriga metralhadora.....	1
Garfo de combate...	1
Tamancos bateria, par.....	1
Luvas de algodão branco, de ferro, par.....	1
Suissas, par.....	1
Fundilhos de encerado, par.....	1
Caixa de rapé.....	1
Oculos, par.....	1
Peças de roupa.....	20

Trajo de guerra em dia de castanha

VIAGEM REAL VISTA PELA POLITICA

Uns viram-n'a assim, outros assim.

Tendo constado ao proprietario do *Antonio Maria* que alguem condemnara como offensivas para o Porto as caricaturas relativas á projectada *guarda do rei e carta*, pediu pelo telegrapho aos seus collegas da *Folha Nova* que em seu nome fizessem a seguinte declaração!

DECLARAÇÃO

Somos encarregados pelo.... Raphael Bordallo Pinheiro, de declarar que elle não teve nem a mais leve intenção de offender a cidade do Porto, com os desenhos do ultimo numero do *Antonio Maria*, ao contrario do que foi affirmado por um jornal d'esta cidade.

Porto, 14 de agosto de 1882.

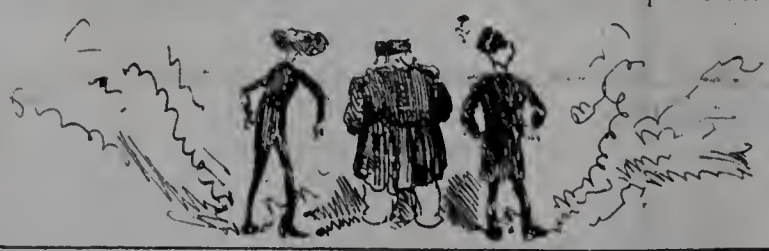
Emygdio de Oliveira
Joaquim da Costa Carregal.

O recolher do cyrio

As azemolas já não podem com os festeiros; os machos tropeçam a cada passo; os burros vão-se abaixo com o pezo dos juizes e mordomos do cyrio que cabeceam de cançados. O cyrio partiu alegre em romaria e volta de orelha murcha, e besteando, silencioso e só por vergonha é que não dá o tempo por mal empregado.

A' saida da ultima ermida não roncaram saudosamente as gaitas de folles, não se ouviram as vozes chorosas dos romeiros que agitavam os lenços despedindo-se da bemdita viagem; e o santo, orago da festa e pretexto da romagem, lá vem desengonçando-se em cima da carriola, que chia doridamente como se o seu gosto fosse atirar com a carga ao chão

Isto que succede a qualquer cyrio d'aldeia é exactamente o que está acontecendo com a romaria das instituições. A romaria partiu alegre e festejada e volta cabisbaixa e triste; á saida do Porto não se entoaram as lôas chorosas da partida, nem houve lagrimas no bota-fóra. Para que uma romaria regresse satisfeita aos patrios lares, é preciso que na sua peregrinação seja acolhida com foguetes de sete estalos e despedida com foguetes de lagrimas. Que os hospedeiros mostrassem tão boa cara nos comprimentos da partida como nos da chegada do hospede é signal de que se a visita do hospede lhes foi agradavel, não lhes foi menos o verem-no pelas costas.



Havia n'uma terra do Alemtejo uma D. Aurelia, lavradora abastada que recebia com ar alegre todos os seus hospedes, mas no dia seguinte começava a perguntra-lhes: — *Quando se vai embora?* e repetia a pergunta com breves intervallos até vel-os montar a cavallo para rocolherem a suas casas.

Parece-nos que na romaria das instituições succedeu a mesma coisa. Foram recebidos ao som de foguetes de sete respostas e partiram ao som dos foguetes de egual numero de respostas. Nenhuma voz soltou a lamentar a despedida:

«Tu vais deixar-me, sem talvez que o pranto
Te inunde as faces ao escutar meus ais!»

Nenhum soluço entrecortou as notas solemnes dos trombones. Nenhum suspiro interrompeu com uma fifia de commoção e harmonia dos clarinetes. Nenhum lenço, com cercadura de ilhós e passarinhos, agitou a indifferente quietação da athmosphera. D. Aurelia recebera com ar satisfeito os seus hospedes e com egual ou mais satisfação os acompanhou ao bota-fóra.

E' muito mais facil simular a alegria do que a tristeza. A D. Aurelia não se pôde contrafazer para os prantos como se violentara para os jubilos; ella preferia que não a tivessem maçado com a visita, mas como não havia outro remedio fez boa cara á entrada e esqueceu-se de que precisava de ter outra cara para a sahida. Tambem, para estopada já bastava.

D. PÊRO.

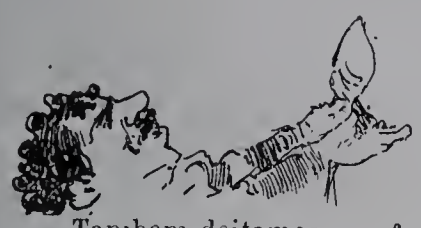
Bazorra, o de fino tacto,
Pede ao Burnay da melgueira
Que lhe empregue a lavadeira
Nas coisas do syndicato.

Burnay, o que nunca *intruja*,
Cede ao pedido do amigo,
E diz p'ra si: — foi um *figo*...
Não falta lá roupa suja.

O foguete do «Antonio Maria»

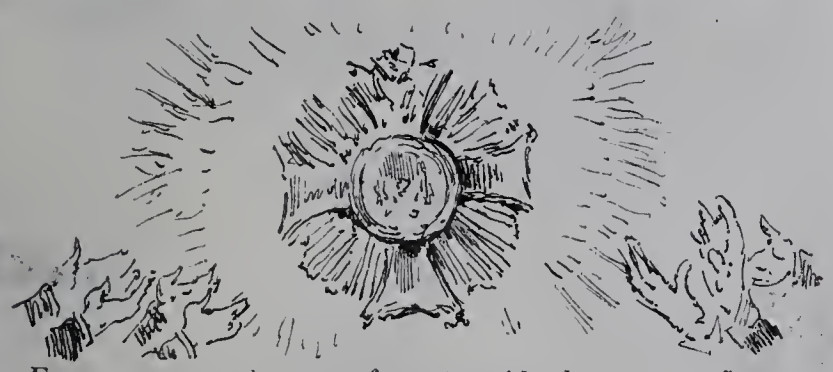
Estamos vendidos

Virámos a casaca!



Tambem deitamos um foguete á passagem das Magestades!

Que querem, não esteve mais na nossa mão. Quando vimos o real viajante prometter uma pensão do seu bolso aos pobres velhos que ainda restam dos heroicos soldados do Mindello, sentimos um ataque de ternura; espontaneamente arrancamos um foguete das mãos de um syndicateiro que o tinha de reserva para outra occasião, chegamos-lhe a ponta de charuto ao cordel alcatroado, e elle subiu estoirando festivamente.



Esperamos que por este foguete saido de nossas mãos em louvor de S. Magestade Fidelissima, não haja por bem a mesma Magestade de nos mimosear com alguma commenda das muitas que já estão na forja para agradecimento dos foguetes do syndicato. Se um impulso generoso nos levou até o ponto de nos confundirmos com os galderios do syndicato que deitavam foguetes na passagem de S. Magestade, não sirva o precedente para que se supponha que não temos duvida em nos confundir com o commendador Corrêa de Barros ou outro qualquer. Seria da parte de S. Magestade pagar o enthusiasmo de um foguete com a mais ingrata das commendas.

FREI BOLHA PRÉGANDO CONTRA OS LIVRES PENSADORES

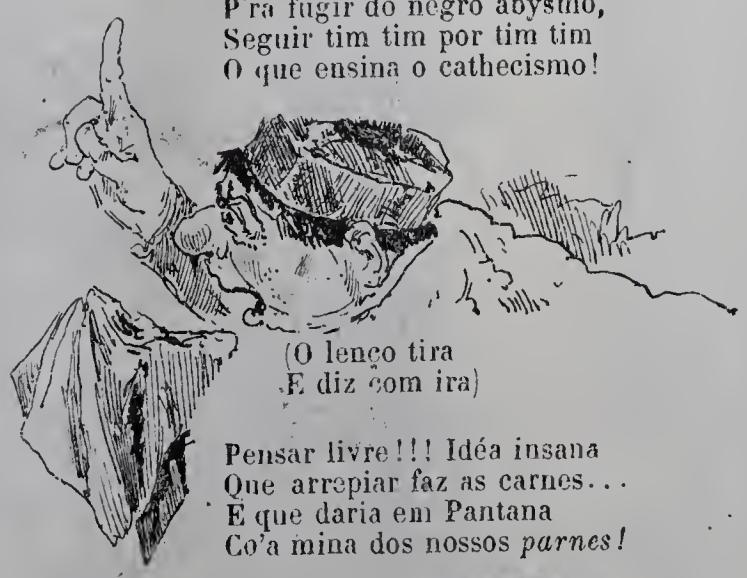
Mil vezes maldito seja
Quem as acções não moldar
P'lo que a Santa Madre Egreja
Ensina e manda pensar!

(Mexe o pescoço
E escarra grosso)

Na caldeira fumegante
Do feroz Pero Botelho
Seja cosido o tratante
Que usa barrete vermelho!

(Coça o nariz
E depois diz)

Que não sabe (alma ruim!)
P'ra fugir do negro abysmo,
Seguir tim tim por tim tim
O que ensina o cathecismo!



(O lenço tira
E diz com ira)

Pensar livre!!! Idéa insana
Que arrepiar faz as carnes...
E que daria em Pantana
Co'a mina dos nossos *parnes!*

(Assoa-se a um lenço azul
E vira as ventas ao sul)

Guerra de morte a Arriagas!
Guerra ao povo que soletra!
Guerra a Theophilos Bragas,
Cecilios e tal, etc.

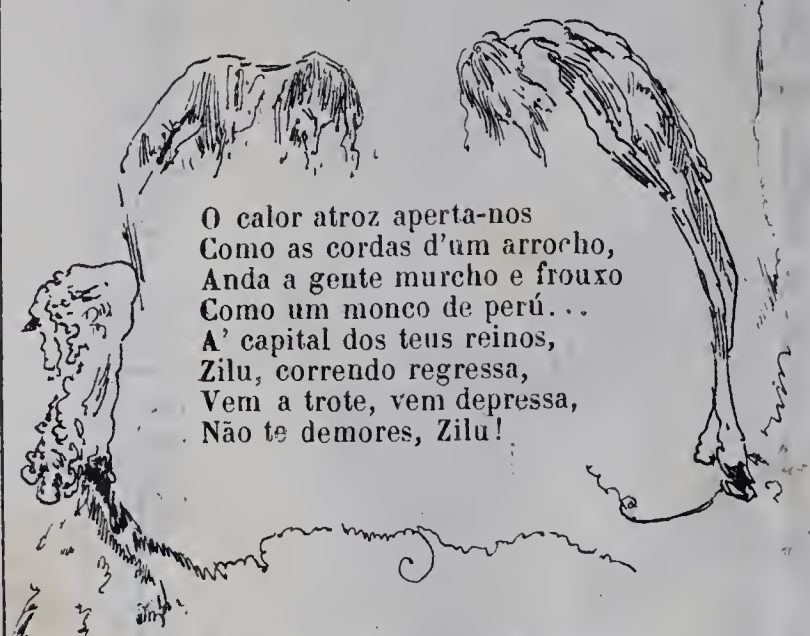
(Muito mais frei Bôlha disse
Mas já basta de tolice)

— Como hei-de descalçal-a?
— Eu sei lá.

DEPOIS DAS FESTAS—OS APERTOS

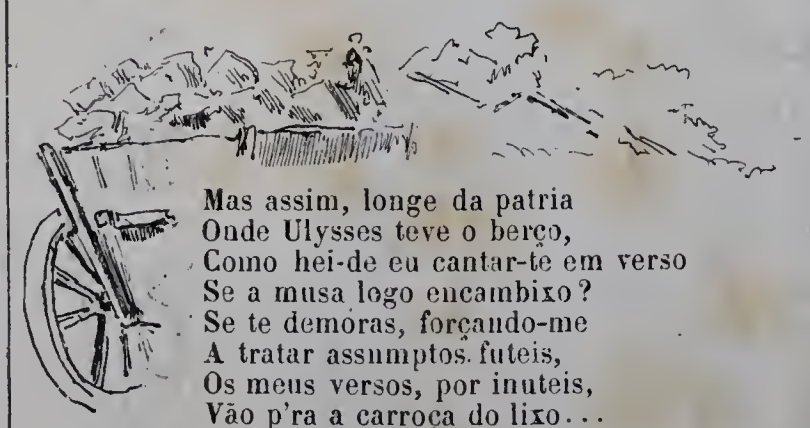
SUPPLICA

O' presado rei Zilu,
Nosso arrimo e nosso amparo,
Vem depressa e traze o Caro
E o nosso qu'rido *presunto;*
Não te demores lá mais,
Pois confesso, rei magnanimo,
Que me vae faltando o animo
Com esta escacez de assumpto!



O calor atroz aperta-nos
Como as cordas d'um arrocho,
Anda a gente murcho e frouxo
Como um monco de perú...
A' capital dos teus reinos,
Zilu, correndo regressa,
Vem a trote, vem depressa,
Não te demores, Zilu!

Quando tu por cá te gastas
O assumpto nunca escaceia;
Se este acaba, volta e meia,
Lá se faz nova colheita;
Quer no conselho ou nas côrtes,
Quer de throno ou de cadeira,
Sempre lá vem uma asneira
De que a gente se aproveita.



Mas assim, longe da patria
Onde Ulysses teve o berço,
Como hei-de eu cantar-te em verso
Se a musa logo encambixo?
Se te demoras, forçando-me
A tratar assumptos futeis,
Os meus versos, por inuteis,
Vão p'ra a carroça do lixo...

PAN.

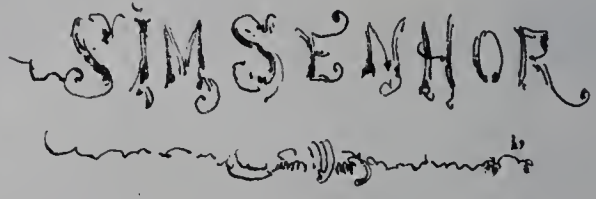
Extracto da correspondencia do *Diario Illustrado* de 11 d'agosto:

Nem um unico viva que podesse offender as instituições, nem um unico gesto que não fosse o da saudação e respeito.

O que mais assombrou o publico foi a illuminação da torre dos Clerigos. Toda rodeada de lanterninhas desde a base até á cimalha da cruz, destacando-se do azul escuro do céu, dava idéa d'uma enorme torre chineza.

Em baixo um tapume muito largo e alto, de lona pintada tinha tres aberturas ellipticas d'onde pendiam stores que tinham pintadas em transparente as corôas da familia real, illuminadas pela parte de traz.

Reinou durante toda a noite a maior animação, sem que houvesse o minimo desgosto.



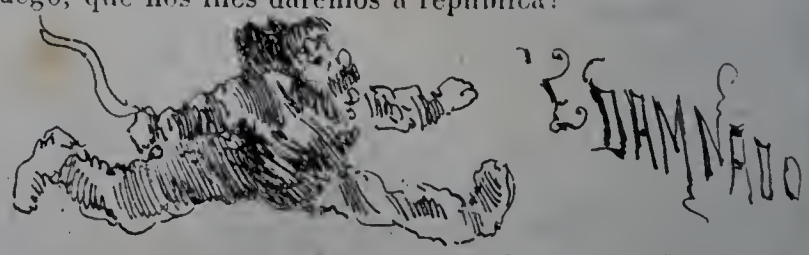
Diz o sr. Pedroso de Fornos d'Algodres para o *Diario Illustrado:*

Fallam em republica esses ambiciosos, esses malandrins, esses corypheus de má morte, mas é porque são máos, são preversos, ou porque não conhecem a familia real.

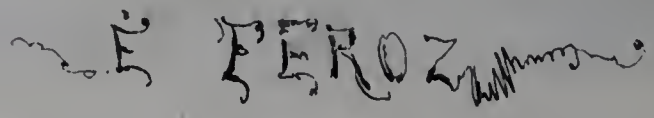
E' porque nunca viram, ou não souberam bem comprehender a lealdade de el-rei, nem a angelica bondade da rainha.

Que venham para cá esses especuladores que desejam e promovem a desordem, a anarchia, para se locupletarem, enganando o povo.

Que venham para cá, para as nossas terras, para o nosso Mondego, que nós lhes daremos a republica!



Era o sr. Pedrozo! E' um sr. Pedrozo com figados de *tigre.*



Metamorphose

Estro de Ovidio, seguirei teu vôo,
Se não me é dado emparelhar comtigo.

BOCAGE.

Houve outr'ora audaz tribuno
(Em dar-lhe o nome não caio)
Que foi qual do céo um raio
Contra os desmandos dos reis:
Esse tribuno arrojado,
Medonho qual feio espectro,
Fazia tremer o sceptro
Que forjava iniquas leis.

Não sei se sabeis a historia:
O tribuno tinha palmas,
Dominava em nobres almas,
Era a gloria do paiz.
Mas (como o demonio as arma!)
O Catão, o fibras d'aço,
Uma vez no regio paço
Pôde metter o nariz.

E que acontece?—Escutae-me
E dae logar para o pasmo:
Assalta frio marasmo
Ao livre tribuno heroe.
Já não se ergue, não pragueja
Contra feias prepotencias;
Acata as conveniencias
A troco d'ossos que róe:

Aquella altivez briosa
Que tão bella ia luzindo,
Foi-se sumindo, sumindo...
E o grande fica um *petiz*.
Não o enojam as maroscas
Do sindicato mais sujo;
De leão passa a sabujo!...
Choremos este infeliz.

O HOMEM E O BOI

Desculpe La Fontaine d'onde mora
Quem fabulista sae á ultima hora.

João Thomaz, o carriça,
Tinha uma horta; e na horta havia
Um poço, que lhe servia
Para a rega da hortaliça.

Um pobre boi, nada moço,
Falto de pello no coiro,
Trabalhava como um moiro
P'ra tirar a agua do poço.

Notou o boi—pois pensava,
Que, apesar do que trabalha,
Minguava a ração da palha
E a de aguilhão augmentava.

E um dia, da rega á hora,
Depois de matar a sede,
Ferrou os pés á parede
E não quiz puxar á nora.

Aguilhôa João Thomaz
O pobre boi, que dá urro,
Mas este na teima burro,
Ou mais que burro se faz.

E, vendo a rega faltar,
O João tanto se zanga,
Que mette o cachaço á canga
E faz a nora girar.

Applicação, nada torta:
Se o Zé tiver arreganho,
Puxará ao seu engenho
O proprio dono da horta.

THEATROS

COLYSEO

COMPANHIA LYRICA ITALIANA—DIRIGIDA POR MOLINA

RUY BLAS

A CIDADE DE LISBOA

REI CHEGOU

THEATRO
COLISEU DOS RECREIOS

O poder judicial

Houve um tempo em que, já adiantada a desmoralisação em todas as classes sociaes e em todos os ramos da sua administração, só o poder judicial se conservava immaculado, como um protesto contra a decomposição social e o unico refugio para os que n'outra parte não encontravam justiça.

N'esse tempo o juiz era mal pago; os poderes publicos esqueciam-se d'elle para os proventos pecuniarios e para as mercês; a politica não os contemplava com os seus favores; o chapéo do governo, sob o pseudonymo de suffragio popular, não os roubava ás suas nobres occupações para os associar na parceria de tratadas e tranficancias denominada parlamento; n'esse tempo o juiz tinha o entendimento claro e a consciencia limpa; era como a Vestal guardando o fogo sagrado da justiça.

Por essas eras o poder judicial não tinha communicações telephonicas com a politica, não estava ás ordens d'ella; possuia a independencia filha da sã honestidade, merecia os respeitos de todos, chegava a ser indiscutivel, porque não se acreditava que deixasse de exercer a sua elevada missão sem a igualdade que a todos era devida.

Hoje os tempos estão mudados. Os juizes que sabem fazer-se valer travam logo no começo da sua carreira boas relações com a politica e desde este momento é como se vendessem a alma ao diabo. Chovem sobre elles as mercês, innundam-nos os favores, abrem-se-lhes as portas do parlamentos, caem-lhes aos pés os altos cargos da administração publica, mas a sua independencia de magistrados fica-lhes agrilhoada pelo pacto politico e nunca mais podem dispor das suas consciencias senão ao sabor das paixões partidarias.

Emquanto antigamente no meio das mais accesas paixões politicas o poder judicial era um anteparo contra a iniquidade dos governos e um freio para o despotismo da policia, hoje tornou-se um excellente auxiliar de uns e de outra. Por mais despotico que seja o modo de ver dos governos, por mais estultas que sejam as delações ou os depoimentos da policia, a sentença do juiz norteia-se pela opinião dos primeiros e pelas affirmações suspeitas dos ultimos.

D'este triplice accordo entre o governo, o magistrado e o beleguim resulta a mais infames das perseguições, por ser a que se acoberta com a auctoridade da lei. No tempo do denominado despotismo, o poder judicial poz em liberdade muitos dos que o governo mandara encarcerar e por isso este muitas vezes furtava os presos aos processos para que a rectidão dos magistrados não malograsse as vinganças premeditadas. Achavamos preferivel este systema ao que se usa hoje; ao menos o despotismo era franco, encarcerava por sua conta e se não mandava intentar processo era porque se temia da rectidão do juiz.

O liberalismo de hoje conta mais com o poder judicial em bastantes casos e por isso alivia a sua responsabilidade lançando-a sobre o tribunal, que não a engeita nem desmerece a confiança n'elle depositada. Não duvidamos de affirmar que ainda existem excepções, mas factos recentes provam que essas excepções não são tantas que constituam regra geral.

Emquanto os juizes se deixam cegar pela politica, a justiça geme e gemem os presos na cadeia. A inviolabilidade do poder judicial desappareceu com a sua imparcialidade e em vez de se procurar refugio na justiça, só resta fugir d'ella como de um cão damnado, emquanto não chegue um dia em que possamos fazer a devida justiça á propria justiça.

D. Pero.

O SONHO

(A ZILU)

Attendeste á minha supplica,
Déste peso ao meu pedido,
Feito em verso dolorido
Como um dobre de finados;
Regressaste emfim á Lysia
Inteiro, são, escorreito,
Mas co' o modo contrafeito
De quem passou maus bocados.

Junto ás portas do palacio
Esp'rava a côrte em congresso,
P'ra te aclamar no regresso
D'essa faustosa viagem
Ao ver-te tudo exclamou:
— Meu senhor, seja bemvindo!
E tu tornaste sorrindo:
— Viva a bella criadagem.

Depois entraste no quarto
Ditoso, feliz, ufano,
Alegre até ao tutano
Por tão sincero alvoroço;
E, despindo o regio manto,
Pediste ao criado sórna
Que te trouxesse agua morna
P'ra lavar cara e pescoço.

Em seguida, bem disposto
Por ter pago esse estipendio
A's doutrinas do compendio
De João Felix Pereira,
Mandaste o criado embora,
Pensando com são juizo
Que o mais urgente e preciso
Era a bella rapozeira.

E, tendo a fina camisa
Acabado de despir,
Co' o barrete de dormir
Cingiste o loiro cabello,
Aticaste a lamparina,
P'ra avivar-lhe a debil chamma
E poseste aos pés da cama
Os teus sapatos de ourello.

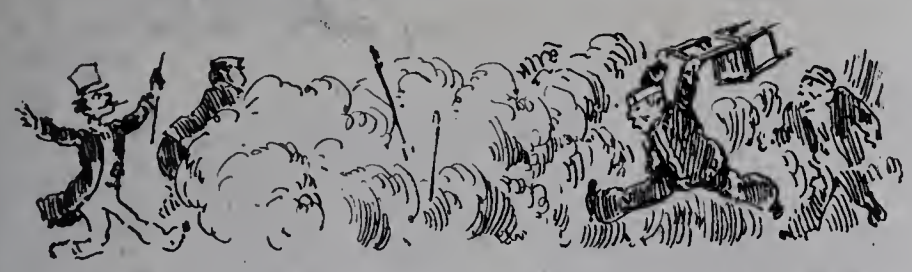
Então, co'a doce alegria
De quem no quente se apanha,
Entre os lençoes de bretanha
E a farta colcha de pelles,
Espreguiçaste-te um pouco
E depois de bocejar,
Começaste a resonar,
Como um burguez dos mais reles

Mas passada meia hora
Foste atacado d'um sonho
Horrivel, negro, medonho,
Que te cobriu de suores;
Viste a hydra abocanhar-te
E tremendo em convulsão,
Quizeste deitar a mão
Ao escudo de teus maiores.

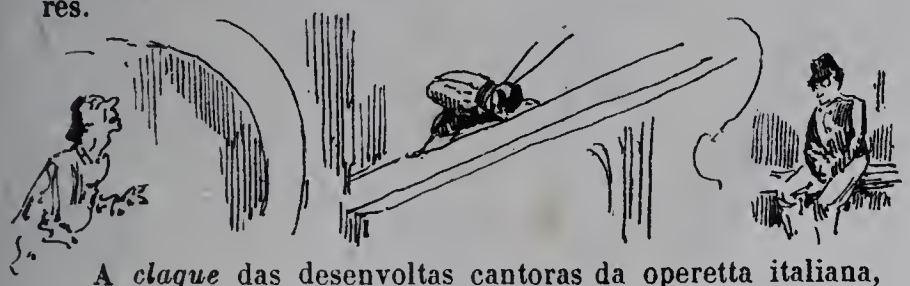
P'ra banca da cabeceira
Estendeste o braço a custo,
Sentindo o suor do susto
Deslizar-se entre as espaldas
E acordaste de repente,
Pallido, tremulo, mudo,
Tendo na dextra um escudo...
De loiça fina das Caldas!...

Pan.

VIRGINI-MARINI



Feria-se, no Passeio Publico uma mortifera batalha; a sineta convidava os vencidos a retirarem-se com armas e bagagens e um grillo que o sr. Parente deixára de proposito nó tecto do colyseo, cantava alegremente a gloria dos vencedores.



A *claque* das desenvoltas cantoras da operetta italiana, occupava tristemente o posto das suas passadas glorias e o falsette do sr. Poggi resoava ainda pelas *quebradas* do novo circo.

A luz electrica do sr. Jayme tinha intermittencias e o publico abria os olhos e os ouvidos, mas vendo pouco e ouvindo... nada.

O panno subiu e, disseram-me que se representava o drama de Sardou: *Fernanda*.

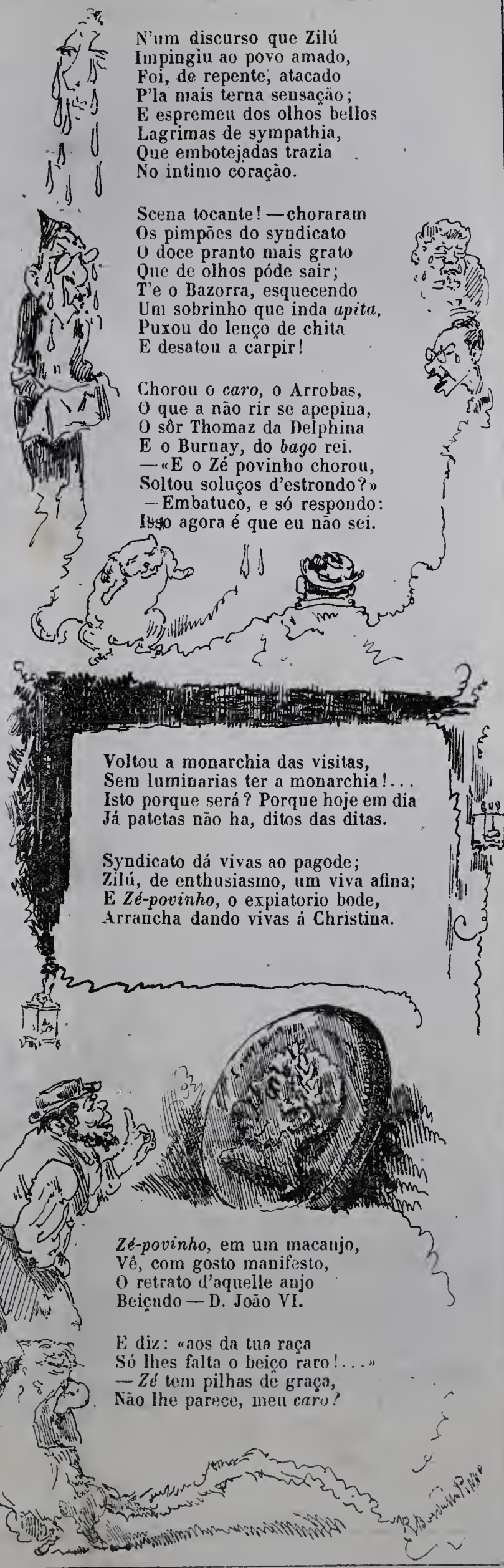
Appareceu-nos uma figura distincta que pelo retrato e com a ajuda d'um oculo de vêr ao longe reconhecemos ser a celebre actriz italiana *Virgini Marini*.

Uma ou outra vez percebemos esta ou aquella phrase italiana.

Cahiu o panno.

Opiniões diversas.

LAGRIMAS



N'um discurso que Zilú
Impingiu ao povo amado,
Foi, de repente, atacado
P'la mais terna sensação;
E espremeu dos olhos bellos
Lagrimas de sympathia,
Que embotejadas trazia
No intimo coração.

Scena tocante! — choraram
Os pimpões do syndicato
O doce pranto mais grato
Que de olhos póde sair;
T'e o Bazorra, esquecendo
Um sobrinho que inda *apita*,
Puxou do lenço de chita
E desatou a carpir!

Chorou o *caro*, o Arrobas,
O que a não rir se apepina,
O sôr Thomaz da Delphina
E o Burnay, do *bago* rei.
— «E o Zé povinho chorou,
Soltou soluços d'estrondo?»
— Embatuco, e só respondo:
Isso agora é que eu não sei.

Voltou a monarchia das visitas,
Sem luminarias ter a monarchia!...
Isto porque será? Porque hoje em dia
Já patetas não ha, ditos das ditas.

Syndicato dá vivas ao pagode;
Zilú, de enthusiasmo, um viva afina;
E *Zé-povinho*, o expiatorio bode,
Arrancha dando vivas á Christina.

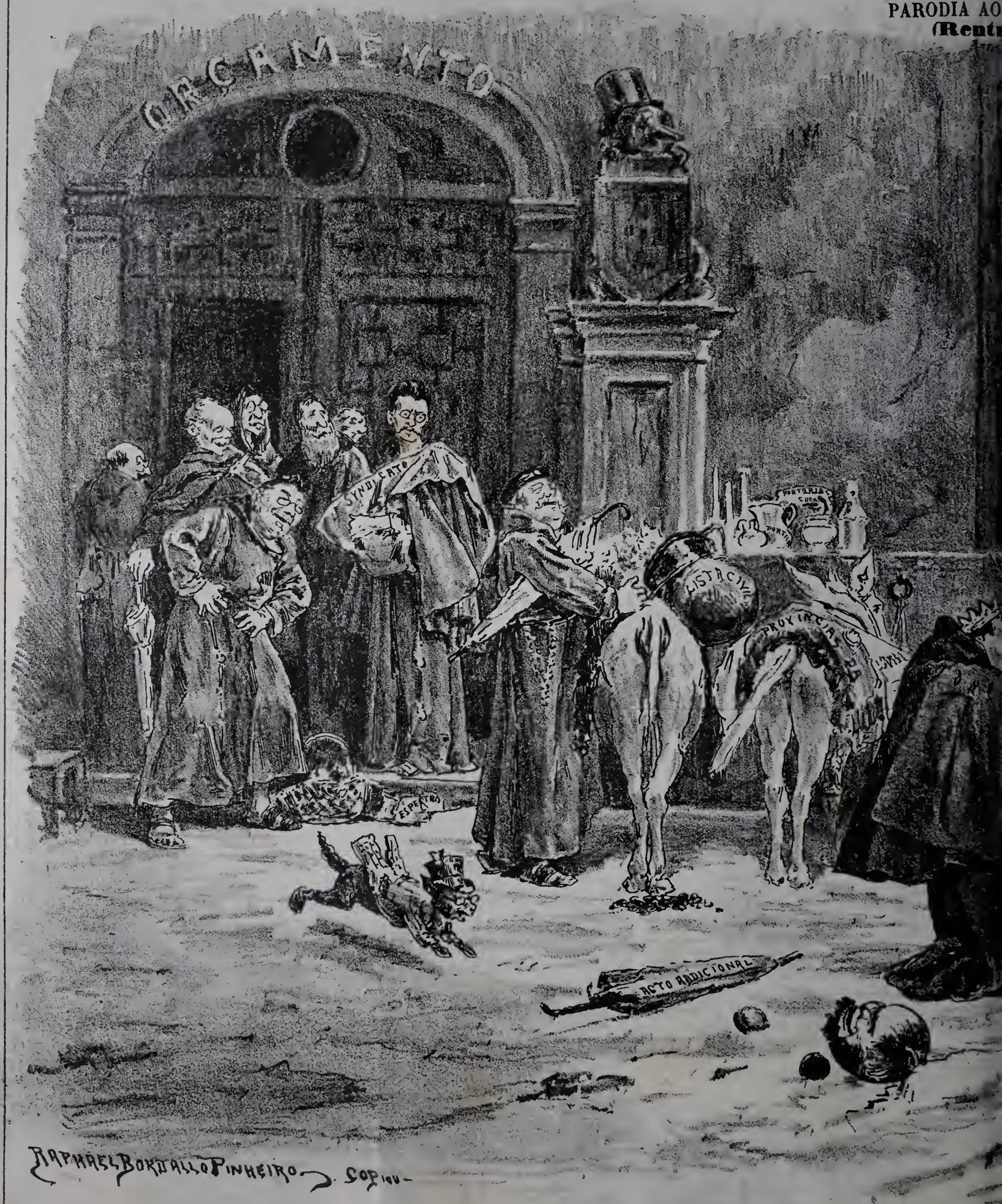
Zé-povinho, em um macanjo,
Vê, com gosto manifesto,
O retrato d'aquelle anjo
Beiçudo — D. João VI.

E diz: «aos da tua raça
Só lhes falta o beiço raro!...»
— *Zé* tem pilhas de graça,
Não lhe parece, meu *caro*?

A VOLTA

PARODIA AO

(Rent



Assim puxava o José

ONVENTO

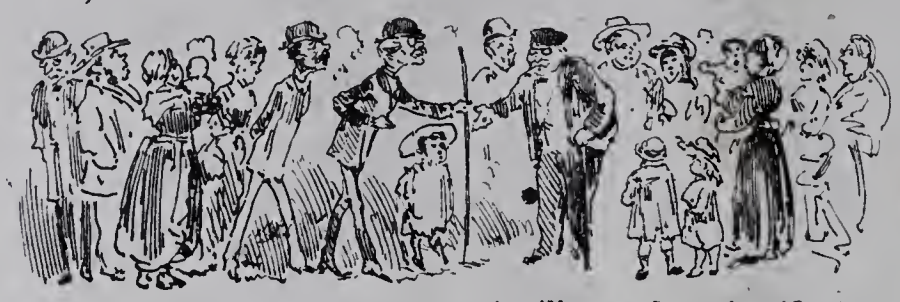
E ZAMACOIS

vent)

elos burros da Caliça

Chronica de Cintra

Amigo *Antonio Maria*.—Cintra deu em droga. Esta é a minha opinião e a do meu amigo Roquete, respeitavel pharmaceutico, em cuja botica, sem offensa da pharmacia do Gonçalves, o Latino Coelho passa algumas horas da noite. E digo que deu em droga, porque os costumes estão mudados. Já se não vae passear em burros para Sétiaes, e contemplar o mar do Penedo da Saudade; já se não vae beber agua á Sabuga, e suspirar para os Pisões. Já não existe em Cintra aquella santa paz que a todos unia na contemplação da natureza e na audição das musicas honestas e graves que se tocavam nas noites de Peixe Frito. Cintra está dividida em dois campos—é doloroso dizel-o, como se fossem egypcios e inglezes. Do lado da Estephania é o campo dos *Parranas*, do lado dos Pisões, o dos *Lirós*.



Aos *Parranas* pertencem varias illustrações scientificas e litterarias, poetas, argentarios, empregados publicos, commendadores, ranchos de tias, rebanhos de tios, muitos rapazes pequenos, amas com creanças ao collo, uma colonia moderna, emfim, que saboreia pacatamente a estrada da villa Estephania, uma povoação moderna, sem pergaminhos.

Aos *L.* pertence tudo o que tem em campo azul ou de prata um lagarto rompante, tendo por timbre um gato assanhado.

O que ha de mais *raffiné* em elegancia, em ar de *grand seigueur*, em luvas de 15 botões, em chapeus á moda das antigas castellãs, em phrases desdenhosas para a republica, em *caturreira*, em essencias finas, passeia á tarde á sombra das arvores dos *Pisões*, cuja tradição de seculos lhes dá foros de nobreza a que não póde aspirar a Estephania que ainda hontem surgiu do nada.

Entre *Parranas* e *Lirós* existe um abysmo. Junto dos grupos pacatos e graves dos *Parranas* passa o char-a-banc carregado de gente que vem de Lisboa, a tipoia trotadora, o carro luso-americano que vai encher de passageiros as hospedarias burguezas; perto das duquezas, das condessas e dos *leões* que formam grupos artisticos e chilreantes defronte da Regaleira, passam o *landau* opulento, o *break* governado por um representante da *jeunesse dorée*, o carro guiado pelas mãos aristocraticas da marquezinha que tem cinco seculos de avós illustres.

Amigo, bem me diz o Roquete que se acabou em Cintra a bella união que reinava no antigo *Peixe Frito*.

Ha dias houve umas breves treguas na desunião. Foi por occasião das corridas da Granja. Ahi misturaram-se *Parranas* e *Lirós*, unindo os seus applausos pelas quedas dos burros. Ahi

os mais distinctos *sport-men* beijaram o chão, não á moda dos antigos cavalleiros desarçonados no torneio, mas virando os pés por cima da cabeça e ficando estendidos a par dos fogosos jumentos. Oxalá que as corridas de burros se repitam, para ainda vermos reinar em Cintra a bella união de outros tempos.

Conversa entre dois veteranos do absolutismo

Não sabes, meu camarada,
O governo fórma planos
P'ra dar esportula grossa
Da liberdade aos vet'ranos.

— Ouvi rosnar n'isso: — agora
Hão de luzir-lhes as pelles!
A fome é cá para nós...
Tão portuguezes como elles!

— Por essas feias campanhas
Passamos vida bem má!...
Servimos o rei Miguel?
Pois que outro tinhamos cá?!

— Uns por Pedro, outros por Paulo,
Das vidas davamos cabo...
Mas quem serviria a patria?...
— Ahi torce a porca o rabo!

— Não ouves tocar á missa?...
O sino nos chama á prece...
Vamos ganhar para a alma
Emquanto o corpo padece.

Frei Bôlha prégando á sexta-feira

Depois de devorar em certo coio
Um pratalhaz de *beefs* com pimenta,
Sobe frei Bôlha a um pulpito saloio
E o dique das asneiras arrebenta

Quem come carne de vacca
Quando a egreja diz — não coma,
De Pedro, que está em Roma,
As entranhas escavaca;

E cae n'essa profundeza
Onde habita o chamuscado!...
Egual a este peccado
Só cantar a Marselheza!...

Mas se andas chupado e fraco,
E é mister que um *beef* engulas,
Lá tens o maná das bulas:
— Ha-as até de pataco.

E quem serão os patetas
Tão faltos de bom governo,
Que mettam a alma no inferno
Para poupar duas *chêtas?*

Sabei, devota matula,
Que, por milagreira rara,
Não faz a carne mais cara
O pataquinho da bula.

D. Augusto — o Condestavel
Que é irmão do *caro* mano,
Fez ranchinho co'o Marianno
N'um arroz doce agradavel!

Foi nas Caldas da Rainha
Que um e outro em *vis-a-vis*
Descalçando a luva *gris*
Abancaram na cosinha!

Oh! problema... encontrei-te!
No caso pensai oh! povos!
Marianno mechendo os ovos...
Augusto batendo o leite!...

N'isto scismo o dia inteiro!
A coisa ha-de ser fallada!...
.....
Inda eu faço cebolada
Com Zilú... No Arieiro!

Dizia ha dias Cupido
Que na feira de Belem
Houvera grande *arruido*
N'um theatro de vintem.

Sabida a coisa, afinal
Quem preparou o *sarilho*
Foi a guarda *mancipal*
Commandada p'lo Carrilho!

Este Carrilhò... este Herodes
Decerto perdeu o sizo!
Oh! homem... vê se te podes
Arranjar com mais juizo!

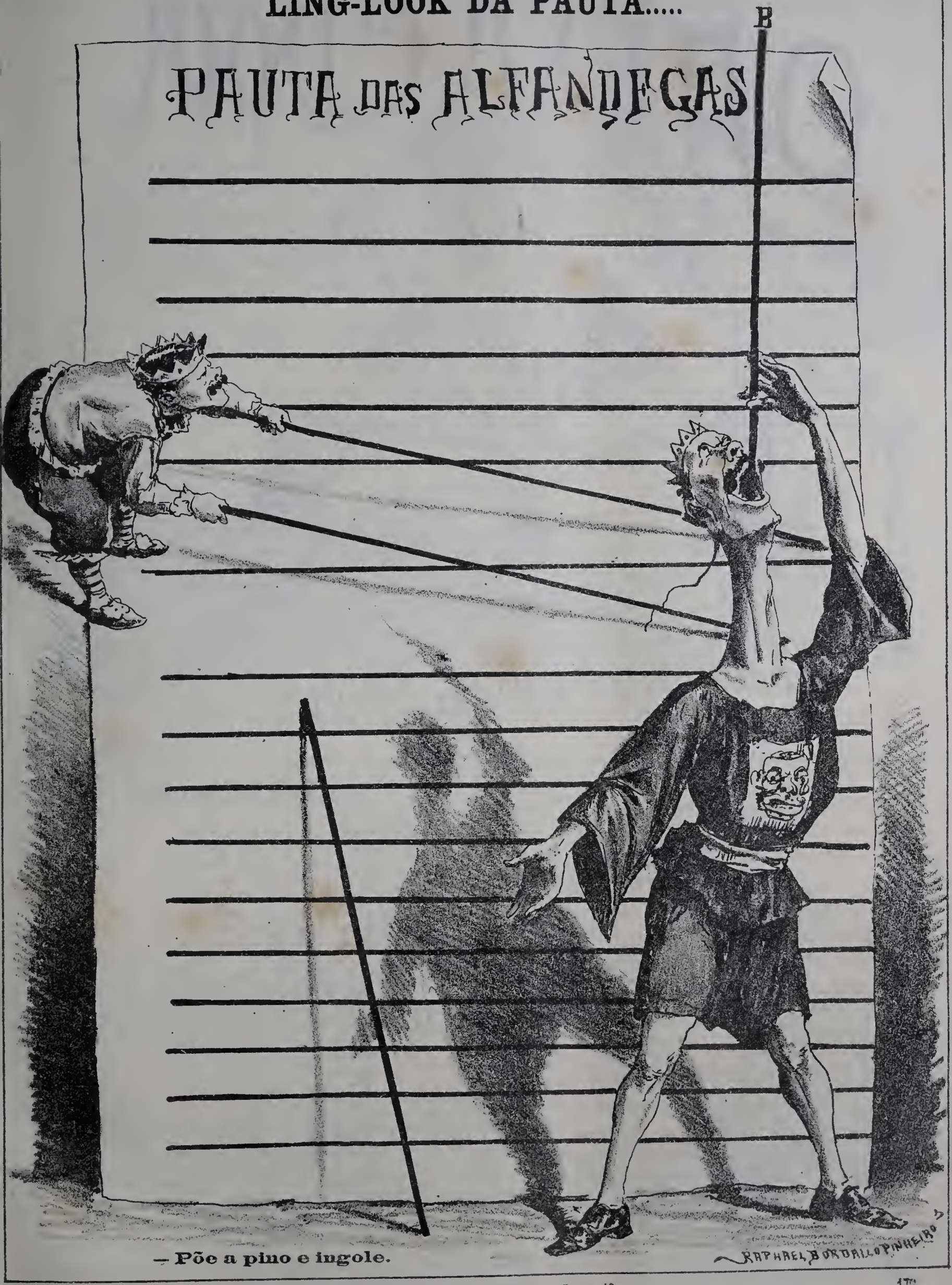
RAPHAEL ROMALLO PINHEIRO

A CARTA ADORADA

A proposito da carta de despedida de Freitas Oliveira

Oh carta adorada,
Por mim decorada,
Vaes ser conservada
Qual mimo d'amor.

LING-LOOK DA PAUTA.....



— Põe a pino e ingole.

SONETO

Cosinheiro, todo ufano;
Com pouca pimenta, só,
Arranjei um *guisandó*
D'um dos sonetos de Elmano.

De nocturno, horroroso pesadello
Foi na mente sombria atormentado,
Inda palpita da visão lembrado,
Esfria a carne, erriça-se o cabello!...

Vê de um lado a *macaca* a ir-lhe ao pello
E cuida que lhe sae mosqueiro o gado...
A bicha a rabear vê de outro lado
Como a qu'rer metter tudo em um chinello!...

Co'a Granja e com o Zé se vê malquisto;
Ao longe a gloria laureada e bella
Ouve a *bramar-lhe:* de te honrar desisto!

Mostra a cara, ora branca, ora amarella...
Mas a coisa inda é mais — não pára n'isto:
Vê a c'rôa... e o Burnay a olhar para ella!

PALAVRAS DE DONA MONARCHIA

Vejo mosquitos por cordas,
Aturde-me um féro grito;
Aqui d'el-rei peixe frito
Que em calças pardas estou!
A menina do barrete
Quer saltar-me ao gallinheiro...
E até já no Limoeiro
Entre meus ferros pimpou!

Valei-me, ó cabos de guerra,
Mãos de bronze e peitos d'aço,
Pondo em campo o estardalhaço,
Irmão gemeo do chimfrim:
Não se diga que na patria
Das alfaces e pepinos
Já não tenho paladinos
A quebrar lanças por mim.

Álerta contra a menina
Linguareira e abelhuda,
Que a toda a gente que estuda
Dá cóca... não sei porque:
— Disse; e o exercito bravo
Sae a campo a bradar — morte,
Commandado pelo forte
General *Ninguem o vê.*

A conquista de Portugal

O correspondente do jornal francez *Le Parlament*, conta que vindo para Portugal se encontrara no caminho de ferro com um official aduaneiro hespanhol, com o qual travara o seguinte dialogo:

—Vou para Malpartida, disse o hespanhol.

—E eu para Portugal, replicou o francez.

—Ah! vae para Portugal! *Portuguezes poucos e loucos*, diz um proverbio. No que elles mostram principalmente pouco juizo é em não perceberem que tinham tudo a ganhar em se unirem comnosco, formando uma só nação.

(O correspondente declara que não é da mesma opinião. Pela nossa parte, muito obrigado.)

O hespanhol continuou:

—Havia diversos modos de realisar a união: um d'elles, por exemplo, era declarar a guerra a Portugal e deixarmo-nos vencer. D'este modo fazia-se a união em proveito d'elles; mas em breve havia de succeder pela propria força das circunstancias que os 17 milhões de hespanhoes absorvessem os 4 milhões de portuguezes.

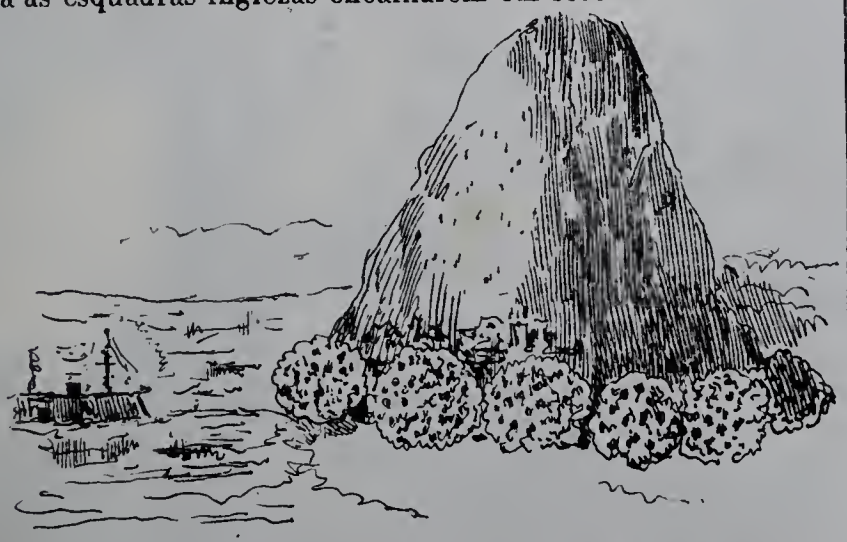
—E' engenhoso! exclamou o francez maravilhado.

—Mas ainda havia outro modo de realisar a união; que era obrigal-os a render-se pela sede!

—Isso é sério?

Seriissimo, como lhe vou provar. Os quatro rios principaes, Douro, Minho, Tejo e Guadiana, nascem em Hespanha; já vê que não tinhamos a fazer mais nada do que desviar o curso d'estes rios...

—Isso é prodigioso e muito parecido com aquelle projecto de exgotar a agua do estreito de Gibraltar com esponjas para as esquadras inglezas encalharem em sêco.



De todo este dialogo concluimos que a Hespanha que é um cabo de guerra tão ardiloso para fazer conquistas levando bordoada, não sabe sequer que a capital d'estes reinos não póde ser tomada pela sede emquanto não derem voz de prisão ao Alviella e ao sr. Pinto Coelho.

Quanto ao resto, é a malagueta do costume.

O satyro e o passageiro

No fundo de uma caverna
Um satyro e a filharada
A um caldo verde arranchavam
Em alegre patuscada.

Era um gosto vel-os todos
Zás que traz a dar ao dente;
Não tinham pratos nem toalha,
Mas appetite excellente.

Fugindo á chuva, um viandante
Entra a passos apressados,
Aquecendo com a bocca
Os seus dedos regelados.

Convidam-o para o caldo.
E elle acceita a toda a pressa;
Mas o caldo vae soprando
Para que o caldo arrefeça.

—P'ra que serve tanto bafo?
Diz-lhe o satyro bravio.
—Com um, minhas mãos aqueço,
Com outro, teu caldo esfrio.

—Será tudo como diz,
Mas—rua—faça favor:
Os diabos levem a bocca,
Que sopra o frio e o calor.

A fabula vem de molde
Para certos jornalistas,
Que sopram hoje a favor,
Amanhã contra os fontistas

Eu cá só me governo com bago

Até com a propria innocencia entra o bicho da eloquencia.

A RETHORICA—PHYLOXERA DA POLITICA

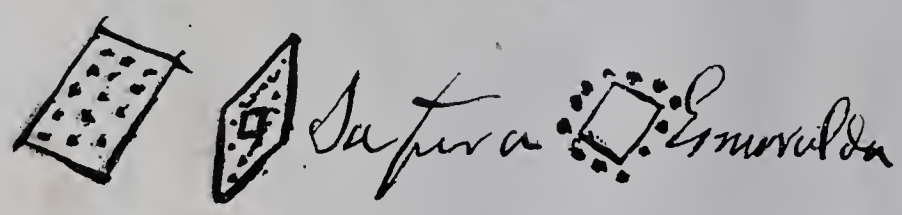
É unico!

A policia do Porto mandou distribuir pelos ourives o aviso, que em seguida publicamos, com um desenho annexo, de que damos copia fiel, o que juramos pela nossa salvação eterna, se tanto é preciso para que se não acredite que a pintura é da nossa lavra

IMPORTANTE

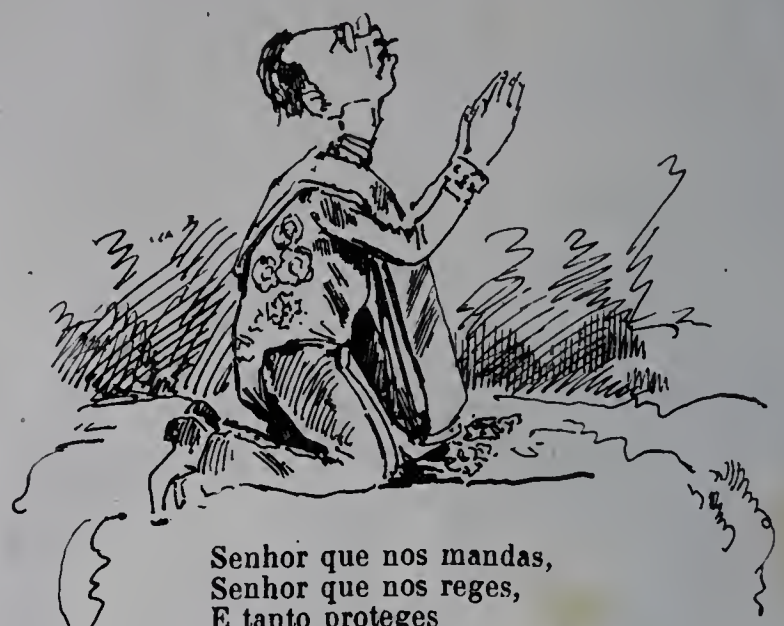
Em a noite de 13 de agosto de 1882, roubaram, do bolso da esposa do sr. Manoel Gonçalves Pereira de Andrade, no Palacio de Crystal, uma bolsa de prata com dinheiro do mesmo metal, uma libra em ouro, um anel com brilhantes miudos quadrado sobre o comprido, um dito com esmeralda verde no centro rodeado com brilhantes, um dito com saphyra escura no centro e rodeada de brilhantes.

Gratifica-se com 90$000 réis, quem entregar estes objectos, na rua Nova de S. Domingos n.º 75, Porto, ou rua do Godinho n.º 27, em Mathosinhos; e de outubro em deante, em Lisboa, rua do Principe n.º 101—1.º andar.



A redacção—excellente!
Mostra o desenho pericia.
—Uma pergunta innocente:
O desenho é da policia?

Petição de Hintze Ribeiro ao rei Zilu



Senhor que nos mandas,
Senhor que nos reges,
E tanto proteges
Os bons syndicatos;
Senhor que dispões
D'officios, prebendas,
Gran-cruzes, commendas
E d'officialatos:

De mais medalhões
Senhor não me crives,
Que a montra de ourives
Senhor me reduzes...
Por mais que me alargue
—E' força que o diga—
Não tenho barriga
P'ra tantas gran-cruzes!

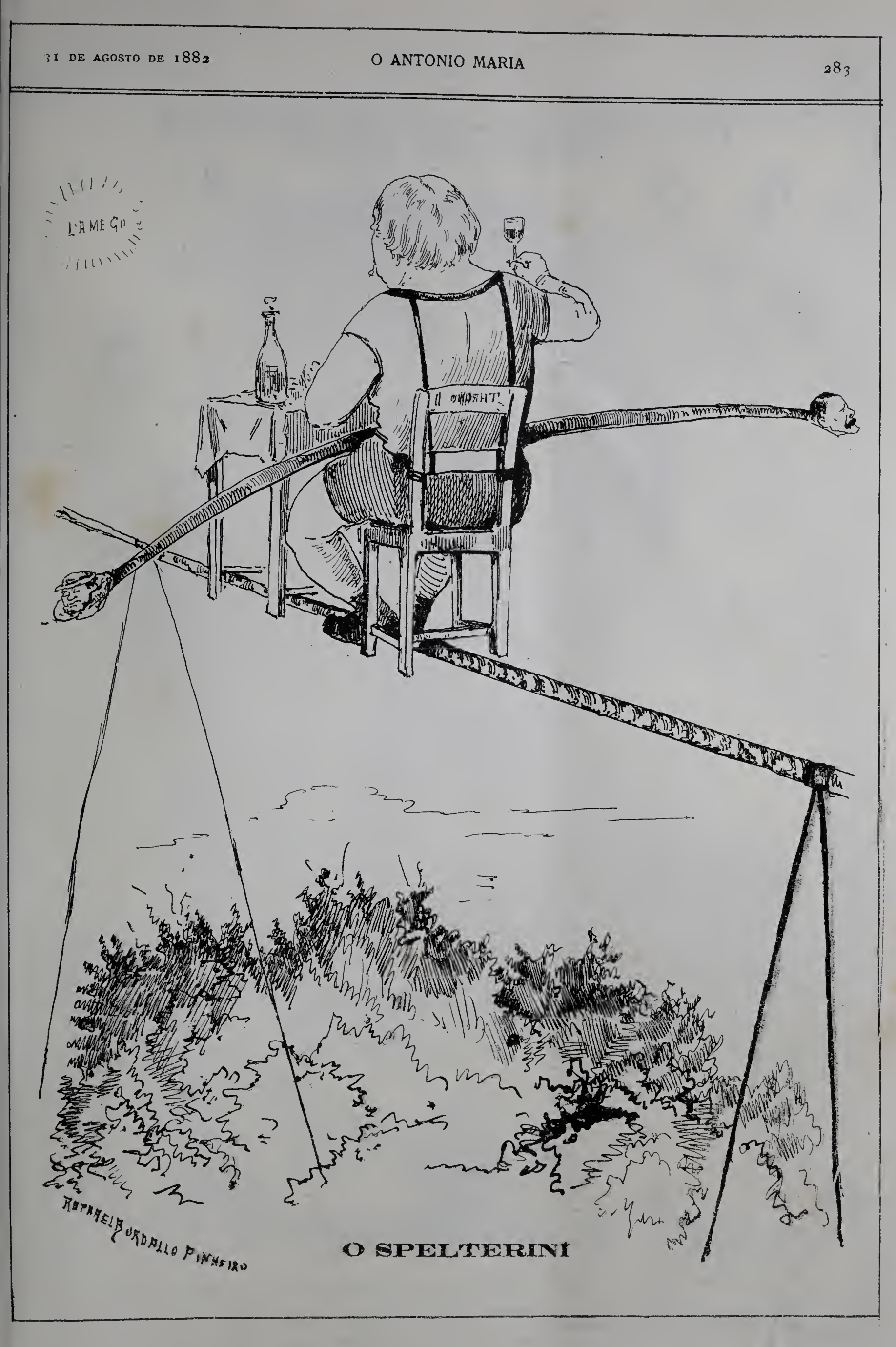
Por todos os lados
Medalhões encaixo,
Por cima, por baixo,
Nas costas, no peito!
Não posso mexer-me,
Puxar um escarro,
Fumar um cigarro,
Fazer um tregeito!

Se teimas na birra,
Ao peso dos oiros,
Vergando estes coiros
Não tujo nem mujo...
E peço emprestada,
P'ra ter onde os ponha,
A pansa medonha
Do Rosa Araujo!

As fitas com que eu
As fardas ennastro,
Serviam de lastro
N'um grande pangaio;
E só se accommodam
(P'ra elle que orgulho!)
No gordo bandulho
Do gordo Sampaio!

Suspende o diluvio
De tanta venera,
Que já degenera
Em rigida espiga...
Espera que eu seja
Mais gordo e pansudo...
—Já vês que isto é tudo...
Questão de barriga...

PAN.



O SPELTERINI

THEATROS—COLISEO DOS RECREIOS

COMPANHIA MARINI

Pelo que *vejo* deve ser esta a grande Marini mas pelo que ouço pode ser a da semana passada.

OS ANDARILHOS

Vencido!!... Eu o andarilho do paço vencido como um preto!! Ai de mim!!!

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes e collecionadores.

Estão reimpressos os n.os 2, 5 e 13 e a concluir na proxima semana os n.os 22, 23, 129 e 138.

Resolvemos collecionar todos os exemplares do nosso jornal e depois d'esse trabalho realisado não poderemos vender nenhum numero avulso, porque os faremos inutilisar.

Até ao fim do corrente porém, forneceremos todos os numeros e supplementos que nos sejam pedidos, excepto os n.os 93 e 95 que não reimprimiremos. Rogamos por tanto a todos a quem faltem os numeros, os reclamem sem demora ao abaixo assignado. O preço de cada numero até ao 135 é de 100 réis. De 136 em diante 60 réis.

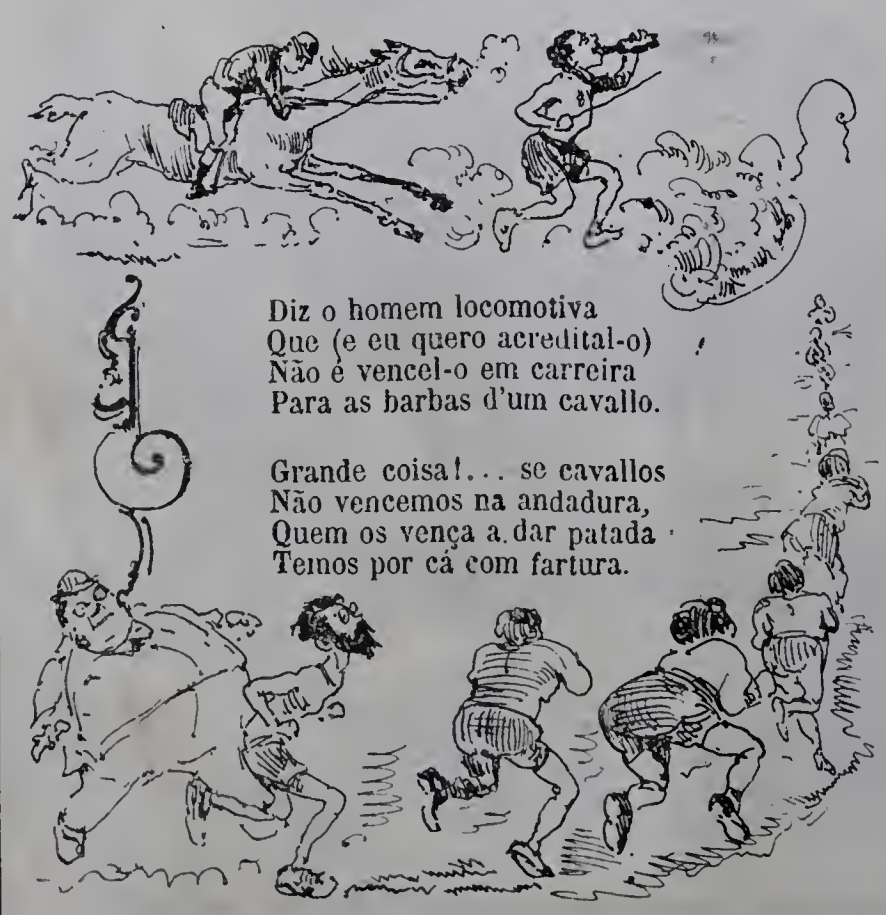
Compramos tambem a 100 réis os n.os 93 95 e 103

Escriptorio da administração, Travessa da Palha, 140 1.º

O Administrador

A. de Souza Pinto.

O HOMEM LOCOMOTIVA



REFORMAS

A todos chega o seu S. Martinho e ninguem póde dizer d'esta agua não beberei.

Estes rifões fizeram-se para justificar a coherencia de opiniões dos nossos politicos. E' como quem diz: por mais que uma pessoa tenha deitado os bofes pela bocca fóra a querer provar que bulir na carunchosa arca das instituições é desconjunctal-a, não quer isto dizer que não possa mais dia menos dia querer provar o contrario.

Até com o proprio ceu se póde chegar a accordo, dizia um patife que Moliére tornou celebre. Sem ser patife e sem ter um poeta illustre para lhe levar o nome á posteridade, o principe Caro-Faz-tudo — Faz-me-arranjo pensa das reformas politicas exactamente como o personagem de Moliere.

Os homens fizeram-se para as occasiões e os rifões para os apuros. Ninguem póde dizer d'esta agua não beberei, nem reformas politicas não farei. Para isso, basta que a sede aperte ou que se abale um dente, isto é a situação, o que tanto monta.

Não é que o principe acredite muito nas reformas politicas, faça-se-lhe essa justiça; nem elle nem os do seu partido, nem mesmo os dos outros partidos; mas o publico é como os rapazes pequenos, não lhe importa que o deixem andar roto e descalço, mas se apetece um bonito, ou lh'o hão-de dar ou bate o pé e deita a casa abaixo com berraria.

Ora o Fontes, á maneira do criado manhoso que quer trazer contente o patrão commodista para lhe apanhar boas gorgetas pelas festas, e apesar de ter sempre dito que os rapazes se educam melhor com pau e pouco pão do que com mimos, resolve dar o *bonito* das reformas politicas á rapaziada para que ella com o berreiro não accorde o chefe de familia e o ponha de tão mau humor, que seja o criado quem pague as favas indo com os quartos para o meio da rua.

Tudo, menos ordem de despejo. Bem como aquelle rei de Inglaterra, que no meio de uma batalha bradava: a minha corôa por um cavallo, o principe Caro exclama no meio das embrulhadas dos bispos, do syndicato e da pauta: a carta pelo meu penacho.

Se a carta tivesse tantas folhas de papel como tinham os volumes da bibliotheca da Alexandria, o principe dava-a com a mesma boa vontade por mais uma hora de poder. A verdade manda Deus que se diga. O Fontes bem sabe que tanto a carta, cuja integridade elle defendeu, como as alterações que hoje lhe pertende fazer, para entretenimento dos papalvos, não hão de endireitar a carga da administração publica. São remendos de mau panno em fato de panno velho. Tapam-se as portas principaes e abrem-se portas falsas, por onde entram o mesmo numero de abusos á formiga, em vez de ser em chusma. O rei continuará a ser o *grande forçado* do paiz, conforme a phrase feliz do sr. Sampaio, que achou no chefe do estado um competidor para o mudo de Belem; e o povo não deixará por isso de ser ignorante, miseravel e expoliado. O principe Caro bem sabe tudo isto, mas calcula que a carta remendada sempre chegará para a nota d'elles. Por causa de uns fundilhos de papel não quer perturbar a paz dos seus ultimos annos e de mais uns mezes de poder.

D. Fafi.

COLISEU DOS RECREIOS
O DISTINCTO ACTOR LEIGHEB DA COMPANHIA ITALIANA MARINI
Emquanto soror Thereza dava a alma a Deus, quatro espectadores que tocavam ás almas com os dentes concebem o irritante pensamento de comer uma caldeirada.
O ANTONIO DAS CALDEIRADAS
PIM-PAM PUM
Por uma inspiração sublime todos quatro, ao mesmo tempo se lembram de convidar o actor Leigheb, que acceita commovido e põe a sua barriga e o seu apetite á disposição dos quatro espectadores.
Curso de italiano
La caldeirata é preta—Andiamo manducar—Que beli petisqui! Mire questo mignato bambino! Que splendida piccola pescadina di rabo in la boca! Que vinhone e que rabaneti! Tuto era pescato; il proprio pato con macorrone era pescato tambien!
Dopo tuto questo pagote, il actore Leigheb, aspeta que il publico, in la note de su benificio, (11 do corrente) non le face amargar la caldeirata.
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A RIVAL D

O Zé aposta pe

BARGOSSI

a... e eu tambem

O banho

Chegou o mez das lavagens!
É tempo de irmos á praia
Por onde o Tejo se espraia
Coalhado de alforrecas;
Vamos exhibir em publico
As nossas bellezas plasticas,
De camisolas elasticas,
E deslumbrantes cuecas.

Corramos todos á liça,
Qual mais prime e se avantaje
No pittoresco do traje
Dos aspectos mais ratões!
A manhã está bella e cálida,
Nem se ouve gemer a brisa...
— Toca a despir a camisa,
Toca a vestir os calções...

Sei, Lisboa, que te dóe
Como espinhos de cilicio
Esse enorme sacrificio
Consumado antes do almoço...
Sei as saudades que tens
Da bacia em que aos domingos,
Á agua contando aos pingos,
Usas lavar o pescoço.

Vejo-te entrar na barraca
Co'um suspiro dolorido,
E de labio contrahido
E os olhos prenhes de magoa,
Vertendo lagrimas grossas
Como a resina do cedro,
P'la mão do Francisco Pedro
Metter o pé dentro d'agua.

Oiço-te os tristes queixumes,
Os «ais» em fá sustenido
Quando envergas o vestido
Com que tens de entrar no banho
Sei que pensas com saudade,
Que os olhos de agua te arrasa,
No banho tomado em casa
N'um *bidet* d'este tamanho...

Sei que p'ra tal sacrificio
Te revestes de coragem,
Como quem entre a carnagem,
Tem de romper duro assedio;
Calculo quanto te custa,
Quanto o banho te incommoda,
Mas então... a coisa é moda...
E não tens outro remedio...

O Zilú tambem se banha,
O gordo prior da Lapa
De tal moda não escapa
E o Fontes tambem o toma;
— Faz gosto vel-o, quando elle,
Junto á velha que o exhorta,
Sorrindo meigo, entre a porta
Da sua barraca assoma!

Quando tu, Lisboa, em peso
A Neptuno prestas culto,
É justo que o grande vulto
Se deva tambem lavar...
Mas não creio que das culpas
No banho se desagrave,
Pois duvido que se *lave*
Com toda a agua do mar!

PAN.

O batuque dos escravos

Na egreja dos Jeronymos, os escravos de Maria, castigam a carne á hora da missa conventual, com cilicios de fiambre, vinho do Porto, e pastelinhos dôces.

Emquanto os sachristas enchem as galhetas e os capellães se enfarpellam, para as missas, os filhos de Maria, precedidos pelo reverendo prior, com os olhos em Deus e na petisqueira, martyrisam a carne até deitarem pelos olhos.

O reverendo prior, para poder continuar com estas devoções durante mais tempo do que até agora, requereu ao governador civil que a sachristia dos Jeronymos não seja incluida no numero das casas que fecham á 1 da noite.

BUCOLISMO

(EM CINTRA)

Se elles nunca tivessem feito outra coisa senão comer fructa, que fortuna para os accionistas do Ultramarino e que socego para a hydra!

O senhor barão de... a sua excellentissima consorte

Saí Barão ha pouco, minha Lucia,
E para muito mais eu tenho brio!
Para figas fazer a certa sucia
Quero ter um brazão d'este feitio.

Em escudo de prata uma serpente
Symbolisando uma outra—a sogra minha;
Por cima uma pombinha, que innocente,
Symbolisa a você, sua tontinha.

No meio um cão: — sou eu — a extremos finos
Levo a fidelidade, (o mesmo fazes;)
Dos lados uns dois olhos pequeninos;
São os espertalhões, nossos rapazes.

Onde melhor couber, quero dois gatos
Em memoria dos dois que tu perdeste;
Mais umas estrellinhas, uns ornatos...
E o brazão não será nenhuma peste.

E, minha Lucia, tu verás se alguem,
Depois de eu ser guindado a honras tamanhas,
E' capaz de dizer que minha mãe
Vendeu fava torrada e assou castanhas!

A victoria das pernas

Os que vivem d'ellas

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

— Eu tambem aposto... pelas minhas.

O banho

Chegou o mez das lavagens!
É tempo de irmos á praia
Por onde o Tejo se espraia
Coalhado de alforrecas;
Vamos exhibir em publico
As nossas bellezas plasticas,
De camisolas elasticas,
E deslumbrantes cuecas.

Corramos todos á liça,
Qual mais prime e se avantáje
No pittoresco do traje
Dos aspectos mais ratões!
A manhã está bella e cálida,
Nem se ouve gemer a brisa...
— Toca a despir a camisa,
Toca a vestir os calções...

Sei, Lisboa, que te dóe
Como espinhos de cilicio
Esse enorme sacrificio
Consumado antes do almoço...
Sei as saudades que tens
Da bacia em que aos domingos,
Á agua contando aos pingos,
Usas lavar o pescoço.

Vejo-te entrar na barraca
Co'um suspiro dolorido,
E de labio contrahido
E os olhos prenhes de magoa,
Vertendo lagrimas grossas
Como a resina do cedro,
P'la mão do Francisco Pedro
Metter o pé dentro d'agua.

Oiço-te os tristes queixumes,
Os «ais» em fá sustenido
Quando envergas o vestido
Com que tens de entrar no banho
Sei que pensas com saudade,
Que os olhos de agua te arrasa,
No banho tomado em casa
N'um *bidet* d'este tamanho...

Sei que p'ra tal sacrificio
Te revestes de coragem,
Como quem entre a carnagem,
Tem de romper duro assedio;
Calculo quanto te custa,
Quanto o banho te incommoda,
Mas então... a coisa é moda...
E não tens outro remedio...

O Zilú tambem se banha,
O gordo prior da Lapa
De tal moda não escapa
E o Fontes tambem o toma;
— Faz gosto vel-o, quando elle,
Junto á velha que o exhorta,
Sorrindo meigo, entre a porta
Da sua barraca assoma!

Quando tu, Lisboa, em peso
A Neptuno prestas culto,
É justo que o grande vulto
Se deva tambem lavar...
Mas não creio que das culpas
No banho se desagrave,
Pois duvido que se *lave*
Com toda a agua do mar!

PAN.

O batuque dos escravos

Na egreja dos Jeronymos, os escravos de Maria, castigam a carne á hora da missa conventual, com cilicios de fiambre, vinho do Porto, e pastelinhos dôces.

Emquanto os sachristas enchem as galhetas e os capellães se enfarpellam, para as missas, os filhos de Maria, precedidos pelo reverendo prior, com os olhos em Deus e na petisqueira, martyrisam a carne até deitarem pelos olhos.

O reverendo prior, para poder continuar com estas devoções durante mais tempo do que até agora, requereu ao governador civil que a sachristia dos Jeronymos não seja incluida no numero das casas que fecham á 1 da noite.

BUCOLISMO

(EM CINTRA)

Se elles nunca tivessem feito outra coisa senão comer fructa, que fortuna para os accionistas do Ultramarino e que socego para a hydra!

O senhor barão de... a sua excellentissima conserte

Saí Barão ha pouco, minha Lucia,
E para muito mais eu tenho brio!
Para figas fazer a certa sucia
Quero ter um brazão d'este feitio.

Em escudo de prata uma serpente
Symbolisando uma outra—a sogra minha;
Por cima uma pombinha, que innocente,
Symbolisa a você, sua tontinha.

No meio um cão: — sou eu — a extremos finos
Levo a fidelidade, (o mesmo fazes;)
Dos lados uns dois olhos pequeninos;
São os espertalhões, nossos rapazes.

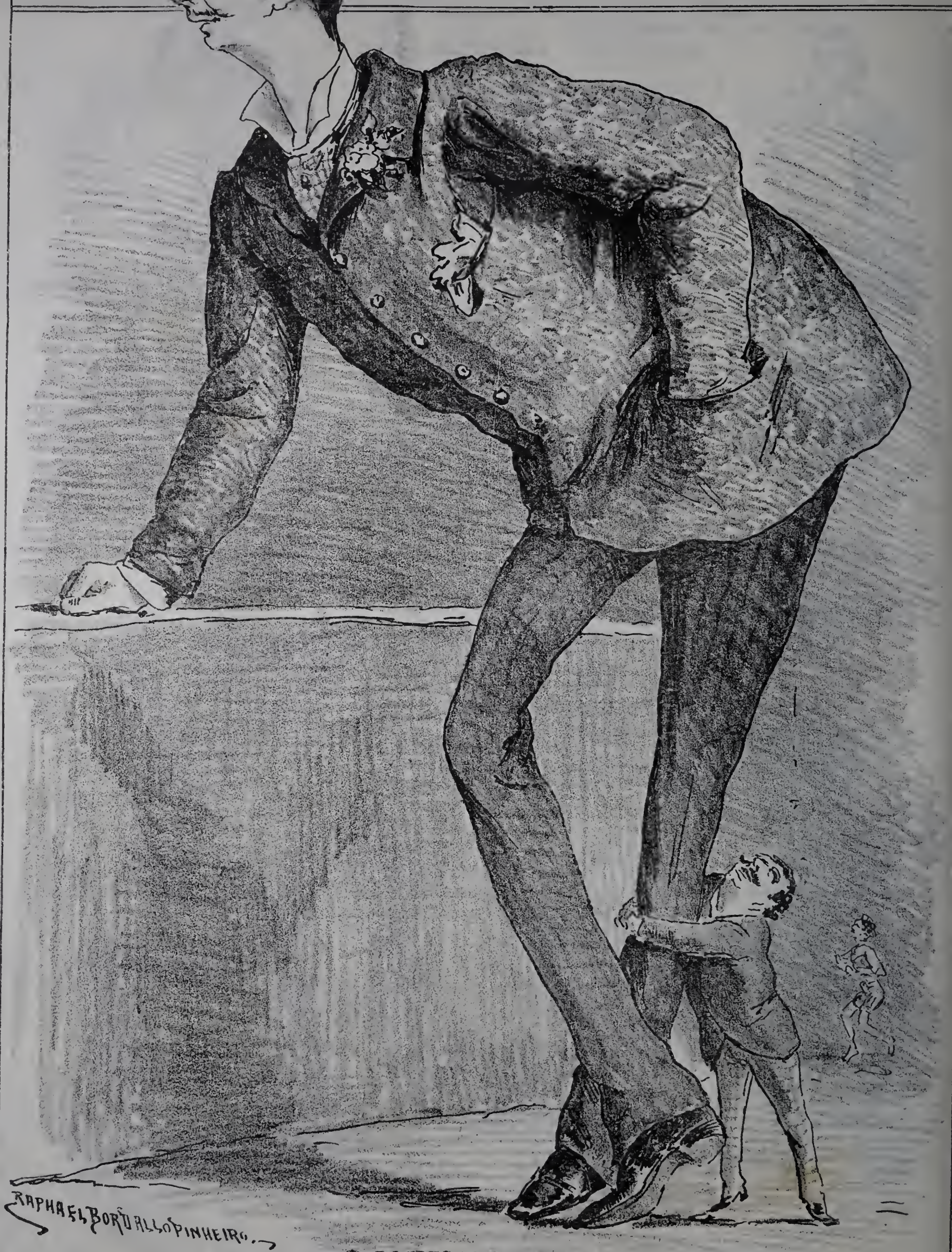
Onde melhor couber, quero dois gatos
Em memoria dos dois que tu perdeste;
Mais umas estrellinhas, uns ornatos...
E o brazão não será nenhuma peste.

E, minha Lucia, tu verás se alguem,
Depois de eu ser guindado a honras tamanhas,
E' capaz de dizer que minha mãe
Vendeu fava torrada e assou castanhas!

A victoria das pernas

Os que vivem d'ellas

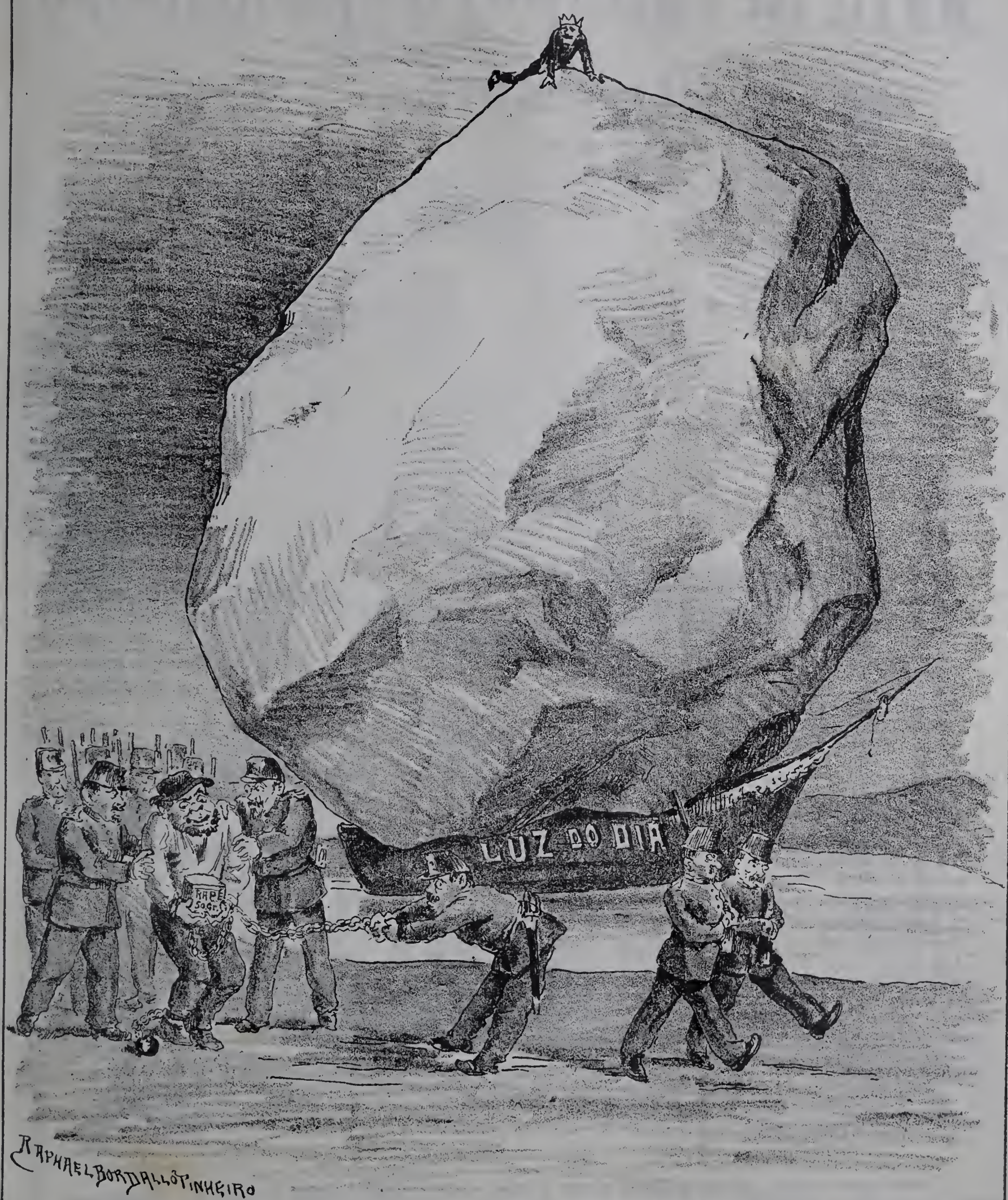
— Eu tambem aposto... pelas minhas.



O MEU DESEJO

Ah! se estas pernas fossem minhas que Bargossi que eu *deitava!* Podia dizer: Pernas para que te quero, e fazia mais com as pernas que com as mãos.

Á LUZ DO DIA



Zé Povinho — Não me matem, que eu trago só um *bote* de rapé.
Justiça — Pois trouxesse um cahique, seu pedaço de ladrão.

Dia de luto para o Jornalismo Portuguez

Nós que tanto gracejamos com a sua individualidade politica, emudecemos perante a perda de tão illustre jornalista e lavramos sobre a sua campa o testemunho sincero do nosso grande pezar.

Raphael Bordalo Pinheiro

AS CADEIAS

Chega a parecer impossivel que ainda haja alguem n'este paiz que não tenha feito, pelo menos, uma morte para conquistar a ventura de uns tempos de cadeia. E' que a publicidade em Portugal, apezar dos 30:000 leitores do *Diario de Noticias* e dos 25:000 do *Diario Popular*, ainda não chega para tornar conhecidos de todos os factos que mais lhes interessam.

Muita gente, que ainda lê pela cartilha antiga, imagina que uma cadeia é um local horroroso, onde todos os encarcerados são miseros, chegando a inspirar dó apezar dos seus crimes; onde os carcereiros e guardas usam chicotes de tres pernas nunca ausentes do sangue dos presos; onde os ratos e as aranhas são os companheiros do desditoso; onde o sol não entra e o pão negro e a classica bilha de agua são o avaro sustento do encarcerado.

Isso foi no tempo dos romances da Bastilha, da Torre de Londres, e da Torre de S. Julião, tempo de fusilismo e de atraso, em que um preso era como um animal bravio, condemnado á exclusão perpetua da sociedade a que pertencia, como que um membro amputado e lançado á valla.

Hoje o caso muda de figura, graças aos adiantamentos modernos, e como modelo n'esses progressos temos a cadeia do Limoeiro a dar exemplo á Europa. Ali o preso já não é um numero, é um homem e um pandego. Já não leva chicotadas dos guardas, mas esfaqueia-os; não é sequestrado á sociedade, dão-lhe boa companhia lá dentro e deixam-no communicar com as pessoas das suas relações, das quaes recebem geropigas, facas, punhaes, e outros mimos para entretenimento dos seus ocios; não enlouquece no isolamento de uma cella; joga a *pedida* e o *pacau* com os seus companheiros; exercita-se no jogo da navalha; aprende com os mais experimentados a fugir da policia, á esconder um roubo, a responder ao juiz, a furtar um relogio; não é condemnado á inactividade, pelo contrario dedica-se ao commercio de guardar roubos; exerce a industria de fabricar assignaturas falsas, cultiva as artes do desenho fazendo plano das casas que devem ser assaltadas, entrega-se aos officios de mão calosa fabricando chaves e gasuas; não come pão negro nem bebe pela bilha de barro, mas tem bom quarto, e boa cama se tiver dinheiro para os pagar, e até lhe consentem que para se distrahir toque marimbas.

E ha ainda quem diga que no nosso paiz faltam escolas profissionaes! Que mais completa e acabada a querem do que a do Limoeiro? Haverá preso tão rude ou tão falto de vocação que ao fim de meia duzia de dias não saia da cadeia de Lisboa um perfeito *malandrim*, capaz de se apresentar em qualquer parte sem que envergonhe os seus habeis professores? Querem uma facada dada com todas as regras, um lenço bem empalmado, uma porta arrombada d'uma só vez, um molde bem tirado a uma fechadura? E' pedir por bocca e ir buscar um artista ao Limoeiro, como quem vae buscar uma creada á Misericordia.

O que é innegavel é que lá dentro do Limoeiro aprende-se muito e passa-se muito bem. Ha sujeito que não póde passar tres dias ao ar livre, tantas são as distracções que se gozam n'aquelle oasis penal, e por isso aproveita a primeira occasião de pôr umas tripas ao sol para poder voltar para a sua Cintra. Lá recebem-no de braços abertos.

Se ainda ha alguem no paiz que não tenha ido parar ao Limoeiro, é porque realmente se tem generalisado pouco o gosto por dar uma facada e passar uns mezes em agradavel convivencia.

D. Fafio.

Neptuno, o d'agua doce

Abrindo os largos diques do Alviella,
Neptuno prometteu aos lisboetas
Fazer-lhes collossal, util barrella
Desde as unhas dos pés 'té as caretas!
O alfacinha agradece acção tão bella,
Manda repicar sinos e sinetas,
Confiado em que muito certo fosse
O que disse Neptuno, o d'agua doce.

Mas Neptuno *intrujou*; fecha as torneiras
Dos seus grandes depositos das aguas
Para que desde as lojas ás trapeiras
Fosse a negra secura egual ás maguas:
Agua falta aos bombeiros, ás sopeiras;
Arde o povinho nas mais duras fragoas
E co'a lingua de fóra corre a esmo
Sentindo os seus pulmões como um torresmo.

O cheiro dos esgotos se requinta,
Surgem febres, bexigas, o diabo,
E vão á laia d'osga, aos vinte e aos trinta,
Os lisboetas espichando o rabo:
O coveiro já pensa em comprar quinta,
De arrobas de quinino se dá cabo;
E medicos, janotas e parranas,
Cançados 'stão de receitar tizanas.

Mas acode de Tui o filho honrado
No hombro erguendo o salvador barril,
E, entoando um *aú* todo aflautado,
Cura promette ao nosso ardor febril.
Eu te saudo, ó servo dedicado,
Que em Lisboa tiveste o teu Brazil
N'essas eras saudosas em que o espeto
Nos mostrava o Neptuno do Loreto!

Lastimo-te, Neptuno do Alviella,
Pois depois de durissimas fadigas,
Não consegues vencer a empresa bella
De que se ufana o bom *Xuam de Bigas*:
Serás um sabio a dar á taramella,
Um portento nas rabulas cantigas...
Mas n'isto de tirar á gente a sede
Podes limpar a mão a uma parede.

A POLITIC

Politica de bote abaixo salte para aqui que tem s
agua dentro — Como nunca chega a arrefecer torna a vestir
medo do mergulho; agarre-se ao estadulho.

N. B. O Pinto Coelho, actual capataz de todas as bic
não comem doce.

A BANHOS

ao pé de mim — Tão fraquinha que não póde entrar pela
e embora. — A mocidade... nada — O menino não tenha

oa, não toma banho pela mesma razão que os conserveiros

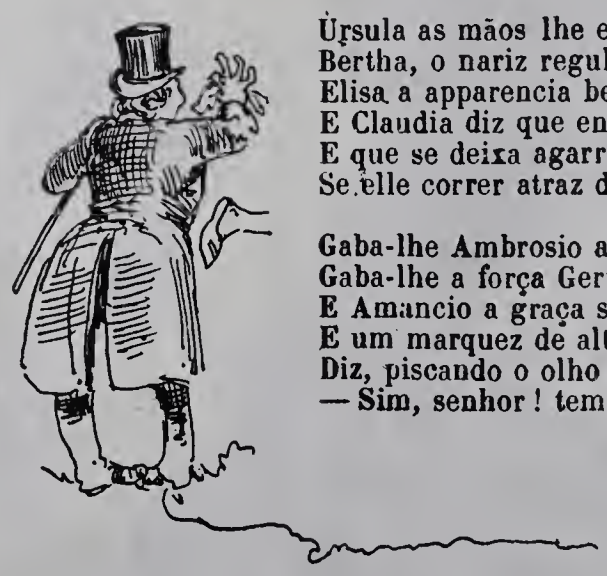
BARGOSSI

Bargossi, fendendo os ares,
Transpondo velloz o espaço
Como o dardo, como a seta,
Tem azas nos calcanhares,
Patenteia os musc'los d'aço,
E as pernas rijas de athleta.

A cidade em peso applaude-o
Desde o director da alfandega
Ao reles fiscal do imposto;
Quando a coisa cheira a gaudio,
Quando a coisa cheira a grandeza
Sempre o povo está disposto...

E elle avança, corre, vôa,
Na andadura sempre certa,
Girando como um sarilho.
E ao vel-o toda Lisboa
Exclama de boca aberta:
—Mas que soberbo andarilho!

Eufrazia o nariz lhe gaba,
O pé lhe exalta Sophia
E Segismunda o toitiço;
E Eufemia a pensar se baba
No prazer que sentiria
Se elle fôra o seu derriço...



Ursula as mãos lhe encarece,
Bertha, o nariz regular,
Elisa a apparencia bella
E Claudia diz que entontece
E que se deixa agarrar
Se elle correr atraz d'ella!

Gaba-lhe Ambrosio a coragem,
Gaba-lhe a força Gervasio
E Amancio a graça superna;
E um marquez de alta linhagem
Diz, piscando o olho gázeo:
— Sim, senhor! tem bôa perna!

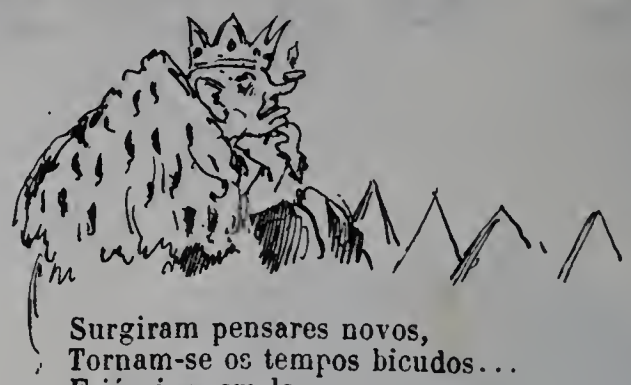
PAN.

VIAÇÃO INTERNACIONAL

Um mancebo, que não ri, faz presente d um caminho de ferro a *D. Manola* e passeia de velocipede em Algés.

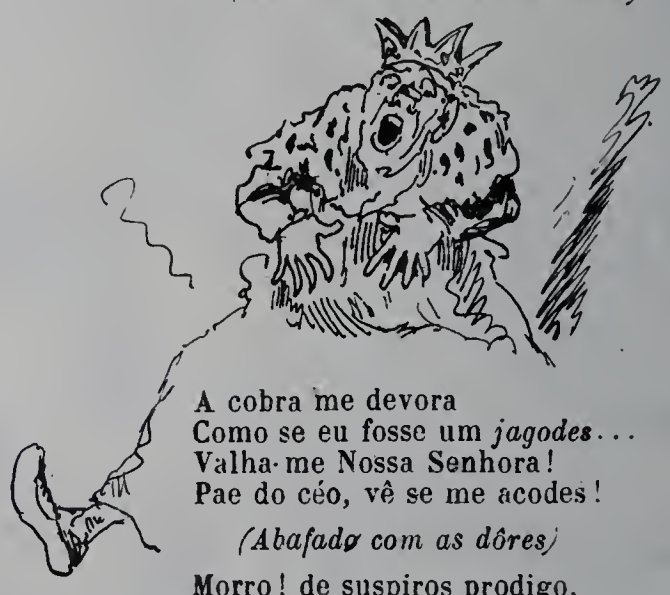
Um concorrente a Bargossi.

MONOLOGO DE EL-REI LAMPARINA



Surgiram pensares novos,
Tornam-se os tempos bicudos...
E já ninguem leva os povos
Como carneiros lanzudos! *(pausa)*
Agora são bravos toiros,
Conhecem a praça e o jogo...
Precisam sentir nos coiros
Duras garrochas de fogo!...
Isto amarellece o rosto,
Traz a mostarda aos narizes...
E até faz perder o gosto
De ir á caça das perdizes!

(Assaltado de dôres de colica)



A cobra me devora
Como se eu fosse um *jagodes*...
Valha-me Nossa Senhora!
Pae do céo, vê se me acodes!

(Abafado com as dôres)

Morro! de suspiros prodigo,
Esticarei o pernil...
Sem deixar completo o codigo
Das minhas leis de funil!...

Quero fazer testamento
E escrevel-o em papel pardo,
Embora n'este momento
Me saia torto o bastardo.

— Deixo a c'rôa a qualquer sobrio
Japonez, turco ou gallego,
Que a saiba livrar do opprobrio
De entrar em casas de prego:
Deixo o meu manto de arminhos
A quem prometta ao deus Baccho
Não limpar n'elle os focinhos
Depois de tomar tabaco:
Deixo um adeus a este mundo,
Outro adeus ao Antonio Vigas,
A' rainha um ai profundo
E ao meu povo — duas figas.

(Cae sobre a testa; apanha um bom carôlo,
E morre como o cão que enguliu bolo.)

THEATRO DOS RECREIOS

A assignatura da Salamancada

D. Manola — Que diabo de demora,
Então isso vae ou não?
Topa a tudo — Já vem a penna em caminho
Não desaçaime o leão.

A GRATIDÃO DOS POLITICOS

ELOQUENCIA Á BEIRA DA SEPULTURA=O NEM PIO!!

EXPEDIENTE

Declaro que d'esta data em diante e de commum accordo, por assim m'o ter solicitado, deixou de ser administrador do jornal ANTONIO MARIA e ALBUM DAS GLORIAS o sr. A. de Sousa Pinto, resolvendo eu formar uma empreza exclusiva para estas minhas publicações e outras que tenho em projecto com administração especial.

Approveito esta occasião para declarar que foram sempre as melhores as nossas relações entre mim e o sr. Sousa Pinto a quem devo muita gratidão pelo zelo e boa vontade como sempre tratou dos meus negocios e em especial d'estas publicações, além da amizade que sempre me dedicou, sentindo os motivos que o obrigaram a pedir-me a sua substituição na gerencia de que se tinha encarregado.

Lisboa 21 de setembro de 1882.

Raphael Bordallo Pinheiro.

Outros tempos, outros costumes

Trinta politicos disputam o logar vago no Tribunal de Contas pela morte de Antonio Rodrigues Sampaio.

Mancebos imberbes, insignificantes empavezados por quatro elogios de jornaes, saltimbancos que poderiam vestir-se de todas as côres correspondendo cada uma ás das politicas diversas em que tem militado, celebridades feitas nos salões de alguma velha impertigada e ridicula, andam dependurados das abas da casaca do olympico Jove que ha-de pesar na balança dos seus arranjos os merecimentos dos differentes candidatos. Cada um d'elles se julga com direitos superiores a todos os demais: este pronunciou na camara tres discursos cheios de sabedoria e estopada demonstrando que em Portugal só Zilu era Zilu e o Caro o seu propheta; aquelle que já apanhou uma vez ser ministro quando ainda as fraldas infantis não estavam bem enxutas, entende que *ventre oblige* e por isso que já comeu precisa continuar a comer; est'outro, que prestou ao governo o desinteressado apoio do seu silencio, entende que tem direito á esportula como o concorrente temido em leilões a quem os cabeças de pau gratificam para não licitar; aquel'outro, que passou a vida a dizer facecias, pretende que lhe premeiem o raro merecimento de espairecer as tristezas do seu chefe politico.

Maravilhas do pragresso! Já não é preciso que um homem dê á patria uma gotta do seu sangue para d'ali a 50 annos subir aos altos cargos do estado; já não é preciso fazer o sacrificio da vida e da liberdade para ter a velhice commoda e tranquilla; não é preciso dar á patria mais do que um discurso ou uma galopinagem eleitoral para que as mercês e os proventos chovam sobre o heroe da bancada parlamentar ou da porta da egreja.

Foram tempos de fossilismo aquelles em que um sujeito tinha de passar a mocidade de armas na mão para na extrema velhice obter como premio duas moletas e uns galões de reformado. Se algum mais feliz escapava das balas e do esquecimento da patria, lá conseguia quando estava caduco e quasi sem se poder mexer uma remuneração aproximada dos serviços que praticára.

Agora a patria não se esquece dos seus heroicos filhos que expõem a vida marcando contradanças e tomando o chá do presidente do conselho e que passam o verão no desterro da fresca Cintra ou das praias de banhos; enche-lhes o peito de condecorações e a barriga de empregos, para que o seu exemplo anime outros a seguirem-lhe os passos... de dança.

A gloria é toda d'este seculo que se caracterisa pela rapidez e que até faz os grandes homens a vapor.

D. Fafio.

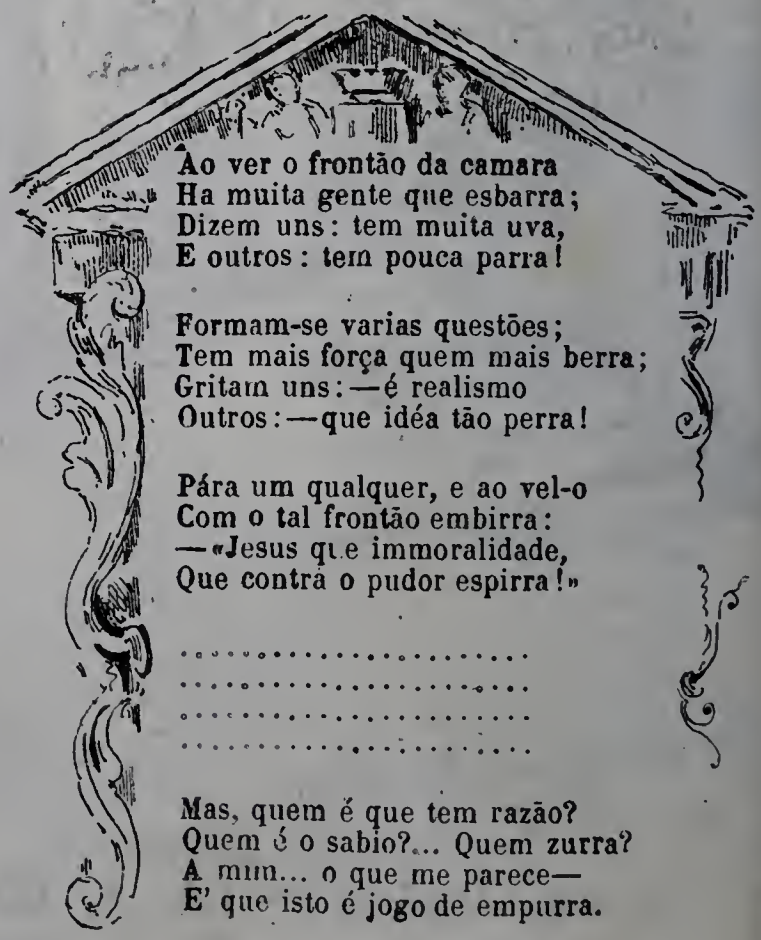
SONETO

Eu sou o féro monstro, o monstro horrendo
Que ruje raivas e que range o dente;
Sou gato no arranhar e sou serpente
Que das fauces venenos vae vertendo.

Sou cão sempre a ladrar, sempre mordendo;
Sou cágado e raposa juntamente;
Camaleão que toma côr diff'rente,
Grillo que melhor canta em não comendo.

Sou lynce ás vezes, outras vezes urso;
Lesma que mette o seu bedelho em critica,
Burro que quer despacho sem concurso.

Sou andarilho fêmea ou paralytica;
E, para ponto pôr n'este discurso,
Sou malcriada e chamam-me — a Politica.



Ao ver o frontão da camara
Ha muita gente que esbarra;
Dizem uns: tem muita uva,
E outros: tem pouca parra!

Formam-se varias questões;
Tem mais força quem mais berra;
Gritam uns: — é realismo
Outros: — que idéa tão perra!

Pára um qualquer, e ao vel-o
Com o tal frontão embirra:
— «Jesus que immoralidade,
Que contra o pudor espirra!»

.....
.....
.....
.....

Mas, quem é que tem razão?
Quem é o sabio?... Quem zurra?
A mim... o que me parece—
E' que isto é jogo de empurra.

Eu mesmo.

GRANDE SUCCESSO

Domingo 17 de Setembro de 1882

ASSOMBROSA FESTA

Na Travessa do Outeiro á Rua da Bella Vista á Lapa

ACCLAMAÇÃO E COROAÇÃO

DA NOVA RAINHA DO CONGO, MARIA AMALIA 1.ª

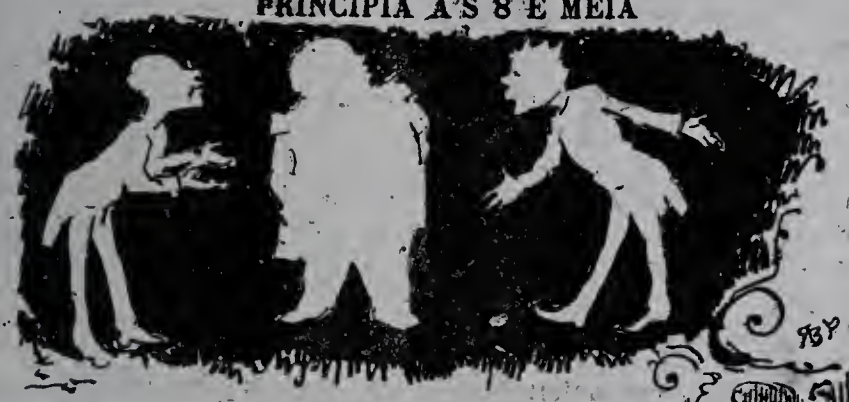
Grande festa da côrte do Congo

Para solemnisar tão fausto e grandioso dia

A côrte procurando dar a esta festa o explendor que requerem taes actos, não se tem poupado, pelo que haverá salvas de morteiros, ascenção de balões, beija-mão, concessão de mercês honorificas, commendas, titulos, etc. terminando por explendido baile.

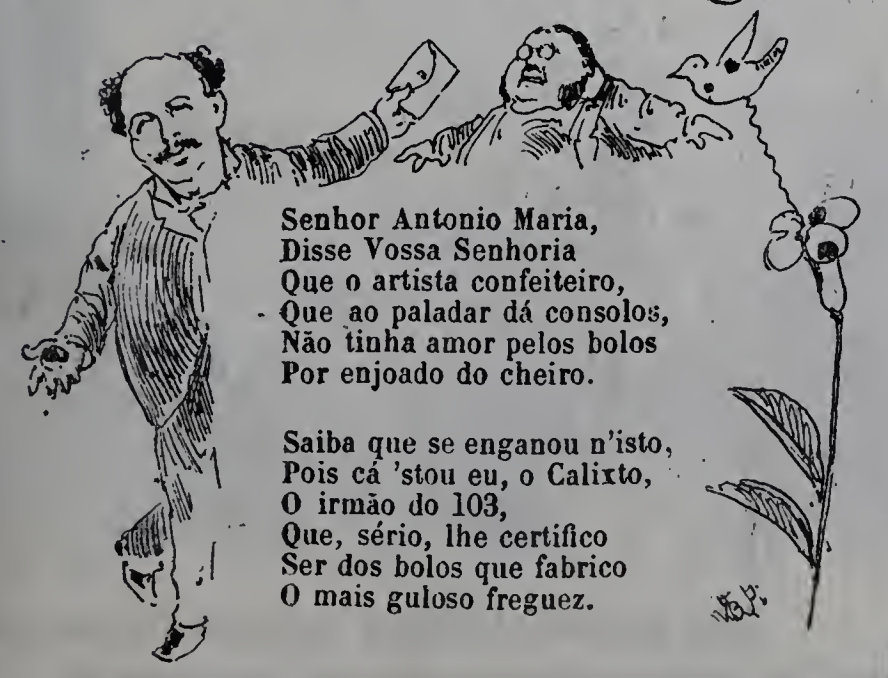
Convidam-se todos os portuguezes e os que o não sejam a tomarem parte n'esta festa, estreitando assim os laços de amisade e fraternidade com os vassallos da nova rainha.

PRINCIPIA A'S 8 E MEIA



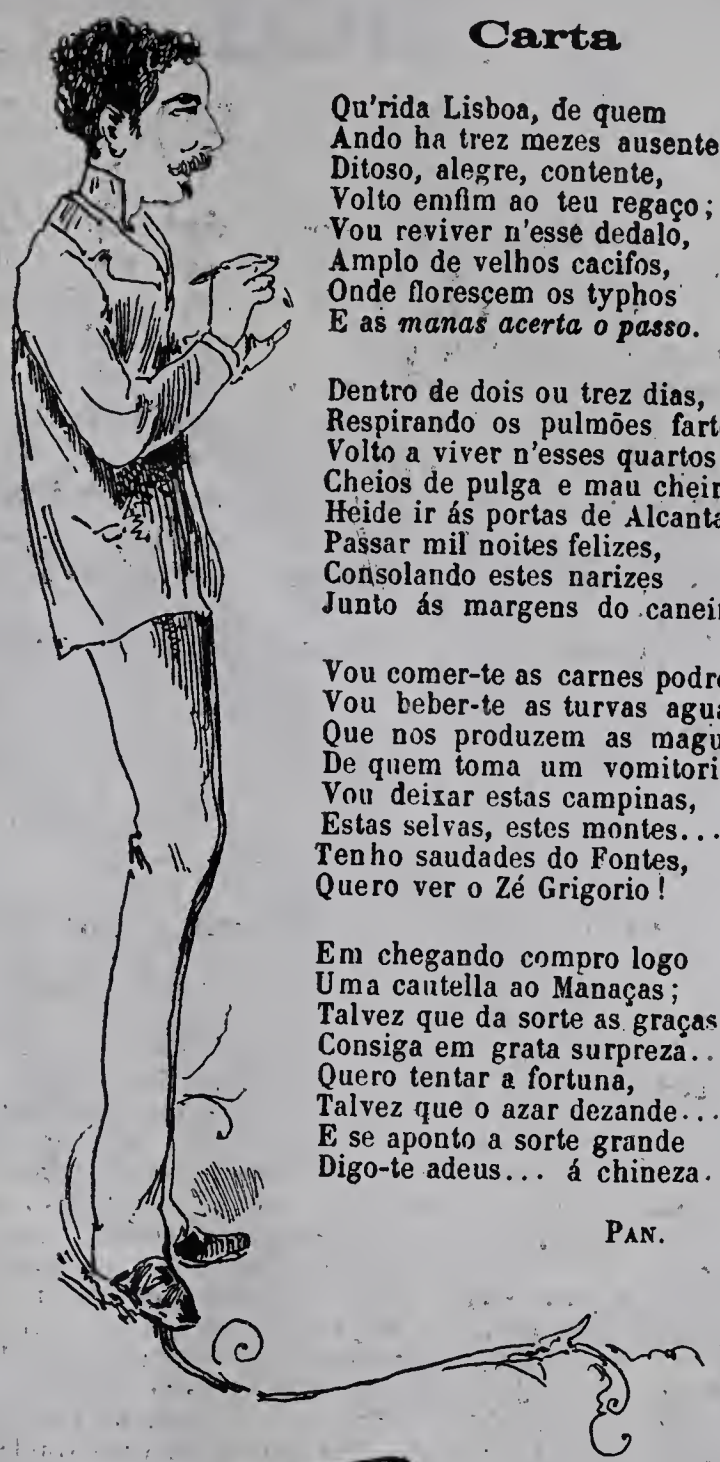
EM PRETO OU EM BRANCO
TODAS AS CÔRTES SE PARECEM

Carta de Calixto Moreira a Antonio Maria



Senhor Antonio Maria,
Disse Vossa Senhoria
Que o artista confeiteiro,
Que ao paladar dá consolos,
Não tinha amor pelos bolos
Por enjoado do cheiro.

Saiba que se enganou n'isto,
Pois cá 'stou eu, o Calixto,
O irmão do 103,
Que, sério, lhe certifico
Ser dos bolos que fabrico
O mais guloso freguez.



Carta

Qu'rida Lisboa, de quem
Ando ha trez mezes ausente:
Ditoso, alegre, contente,
Volto emfim ao teu regaço;
Vou reviver n'esse dedalo,
Amplo de velhos cacifos,
Onde floresçem os typhos
E as *manas acerta o passo.*

Dentro de dois ou trez dias,
Respirando os pulmões fartos,
Volto a viver n'esses quartos
Cheios de pulga e mau cheiro:
Heide ir ás portas de Alcantara
Passar mil noites felizes,
Consolando estes narizes
Junto ás margens do caneiro.

Vou comer-te as carnes podres,
Vou beber-te as turvas aguas,
Que nos produzem as maguas
De quem toma um vomitorio;
Vou deixar estas campinas,
Estas selvas, estes montes...
Tenho saudades do Fontes,
Quero ver o Zé Grigorio!

Em chegando compro logo
Uma cautella ao Manaças;
Talvez que da sorte as graças
Consiga em grata surpreza...
Quero tentar a fortuna,
Talvez que o azar dezande...
E se aponto a sorte grande
Digo-te adeus... á chineza...

PAN.

O' COSTA, APITA!

SOLUÇÃO DA QUEST

A GRANDE MENAGERIA DE

Bom negocio! Compra bichos caros mas ganha

strando-os por dinheiro. *All right! Very well!*

O toucado do Bailio e as calças do Arrobas.

O general Macedo pôz ao peito do maestro Gaspar a condecoração com que o agraciou o rei Kalakana, dizendo-lhe simplesmente *A toi*, que é o titulo da walsa que o mesmo maestro dedicou ao Cocó.

ESPECTACULOS

O ANDARILHO PORTUGUEZ

Milagre! temos quem corra
Na terra, mãe da pachorra!

Tendo o Bargossi, o que corre,
Ha pouco passado o pé,
Fontes, o *caro*, recorre
Ao Pardal de S. José.

E diz-lhe: em acções benignas
Podes honrar essas pernas,
Que são quasi azas, e dignas
De luminarias eternas.

Vem fazer com que se apresse
Um progresso que entra e sae,
Que ora esperta, ora adormece,
Ora caminha, ora cae.

A essa gente do correio,
De seringações tão farta,
Vem ensinar porque meio
Se não retarda uma carta.

Esses caminhos de ferro,
Que cheiraram tanto a esturro,
Faz que se emendem do erro
De andar a passo de burro.

Pardal, se tens caridade
Vem pôr a patria de pé!...
Irás á posteridade
Trotando a par do Burnay.

A orchestra de Breton movida a vapor por Espino.

Reabertura do theatro de D. Maria.

A iniciação dos dois neophytos.

Despedida da companhia Marini.

O assumpto da semana

O frontão de cocoras e os amadores em extasis.

Antecipou-se o descobrimento do frontão para que as figuras ainda possam aproveitar a quadra dos banhos.

KIOSQUE DO PUDOR.—A camara municipal abriu venda de veus e leques para as damas que atravessam o largo do Pelourinho.

Afinal o frontão não passa de um reclame do Fonseca á taluda.

CONTRASTE

O' COSTA, APITA!

Frontão NU Pelourinho

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Põe-se o frontão? Não se põe o frontão? Afinal pôz-se o frontão e ficou tão completo que não lhe falta nada em todas as suas partes. *N. B.* Offerece-se uma parra para salvaguarda do pudor.

O António Maria

mudou de Casa mas não mudou de idéas

LISBOA 24 DE SETEMBRO DE 1882
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A NOSSA POLITICA
RAPHAEL BORDALO PINHEIRO
Pantonio Maria
Ex.mo Sr.
MUDOU O ESCRIPTORIO DA ADMINISTRAÇÃO
PARA A
RUA NOVA DO CARMO, 90
Publica-se todas as quintas feiras
ASSIGNATURAS
Continente e Ilhas
12 n.os . . . 600 rs.
24 » . . . 1$200 »
48 » . . . 2$400 »
N.° avulso 60 rs.
Brazil
(MOEDA FRACA)
24 n.os . . . 6000 rs.
N.° avulso 300 rs.
ANNUNCIOS
Cada linha . . . . . 30 rs.
Repetições . . . . . 20 rs.
Na primeira pagina. . . . . 60 rs.

THEATRO DE S. CARLOS

EPOCHA DE 1882-1883

Este *croquis* é illuminado a duas luzes, á luz do dia * e á luz da rampa. Em duvida por qual das duas nos havemos de decidir.

* Não nos referimos ao cahique.

JULIA FEYGHINE

Suicidou-se aos 22 annos, em Paris, a cidade que tem por unica preoccupação provar que a vida é um bem. Saira dos gêlos da Russia para a temperatura elevada e enebriante de Paris; matou-a a mudança de clima. A grande cidade ha oito dias que não falla senão no suicidio d'essa excentrica filha dos gêlos, que não poude resistir á dôr de se vêr abandonada pelo homem a quem tinha entregado o seu coração selvagem de amor e de credulidade.

Realmente é de uma grande excentricidade que uma actriz bonita, que tem palacio, diamantes, applausos e principes russos ou opulentos americanos que a embalem n'uma rede de oiro se ella quizer acceitar resignada o abandono do primeiro amante, atire comsigo para a sepultura, quando a alegria scintilla nos *restaurants,* nos theatros, nos *boulevards,* quando todos saboreiam a vida com voluptuosidade.

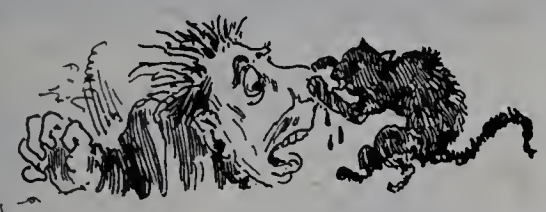
Foi uma grande excentrica e mereceu que a Europa fallasse d'ella durante oito dias.

THEATRO DO GYMNASIO

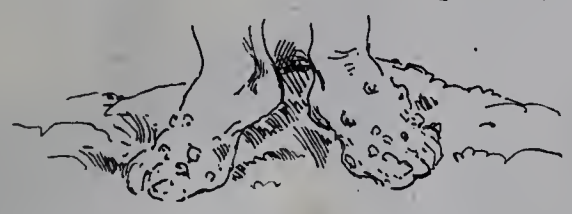
RECITA D'ABERTURA

ESTAÇÃO CALMOSA

SONETO IMITADO DO HESPANHOL



Um gato engalfinhado no nariz,
Um osso na garganta de travez,
Um quarteirão de calos nos dois pés,
Uma malina em cima d'um pleuriz;



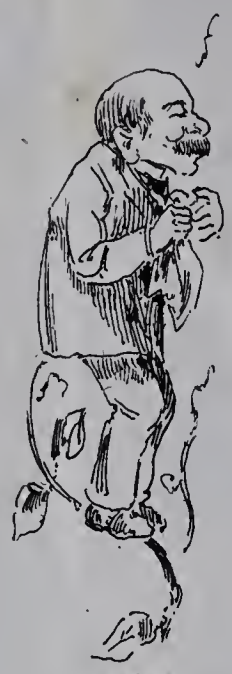
Quebrar todos os dentes p'la raiz,
Ter fleimões no cachaço aos oito e aos dez,
Soffrer trinta e uma colicas por mez,
Trazer cinta de ortigas nos quadris;

Metter-se em banho acceso d'alcatrão,
Sentir ferros em braza nos queixaes,
Ou pelo umbigo dentro um aguilhão;

Ser mordido de lobos e chacaes,
Viver como morreu S. Sebastião...
O matrimonio é isto — e ainda é mais.

Vereis Amor da patria, não movido,
Mover agora um pasmatorio eterno,
Como se nunca fôra conhecido
N'este parvoneo ninho meu paterno!...
Por oc'los de augmentar engrandecido,
Vêl-o-heis mais alentado e mais superno;
E julgareis qual é mais excellente,
Se elle faltar, se sobejar á gente.

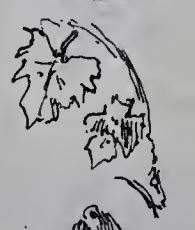
A SUA MAGESTADE A NOVA RAINHA DO CONGO



Rainha do Congo,
Com todo o respeito
Te off'reço o meu preito
De branco leal:
O teres o rosto
Da côr do coquilho,
Não tira o aureo brilho
Da c'rôa real.

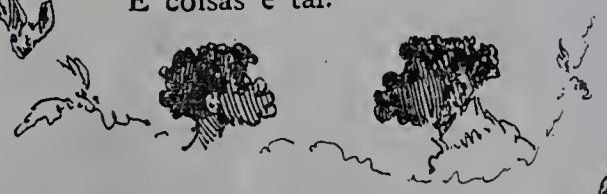
Que seja ditoso,
Que seja mui longo,
Rainha do Congo,
Teu justo reinar.
Se posso em governos
Metter o bedelho,
Lá vae um conselho
Que vem a *calhar*

Se queres do povo
As lôas e os hymnos,
A dedo os *Paulinos*
Vae prompta escolher;
E dá-lhes as pastas
Da guerra e justiça,
E a feia preguiça
Castiga a valer.



Se achares um rombo
Nas tuas finanças,
Não sejas das *tanças,*
Não faças *banzé.*
— P'ra males tamanhos,
Remedios bem promptos:
Deixa-te de contos,
E chama o Burnay.

Verás syndicatos
Salvando a futrica,
Render fava rica
Luzento metal;
Terás, rodeada
De condes e duques,
Festanças, batuques
E coisas e tal.



Do frontão eu muito pasmo,
Mas vejo ali pleonasmo.
— Onde o vês?... debalde scismo.
— Olha, bruto, faz favor,
Pois não vês da Patria o Amôr
Ao lado do *patriotismo!*

Alguns exemplares para o jardim iniciado pelo illustre Dr. Van-d

Orangotango do meio dia.

Orangotango parlamentar.

Chipanzé ouvidor.

Gibbon Cendré da Rocha Calháu.

Bicho de seda.

Maioria antes da approvação do syndicato.

Calmar — syndicato.

Abestruz bragantino.

Centopeia.

É desnecessario entrar em despezas para os trazer das colonias ou do estrangeiro, Lisboa está cheia d'elles que s raros que com o tempo podermos classificar, se fôr do agrado do illustre professor.

co e de acclimação em Lisboa
a — offerta do Antonio Maria

a capoeira.

É galinha.

Maioria depois da approvação do syndicato.

Belniceps bazorraceo
la caixa dos depositos.

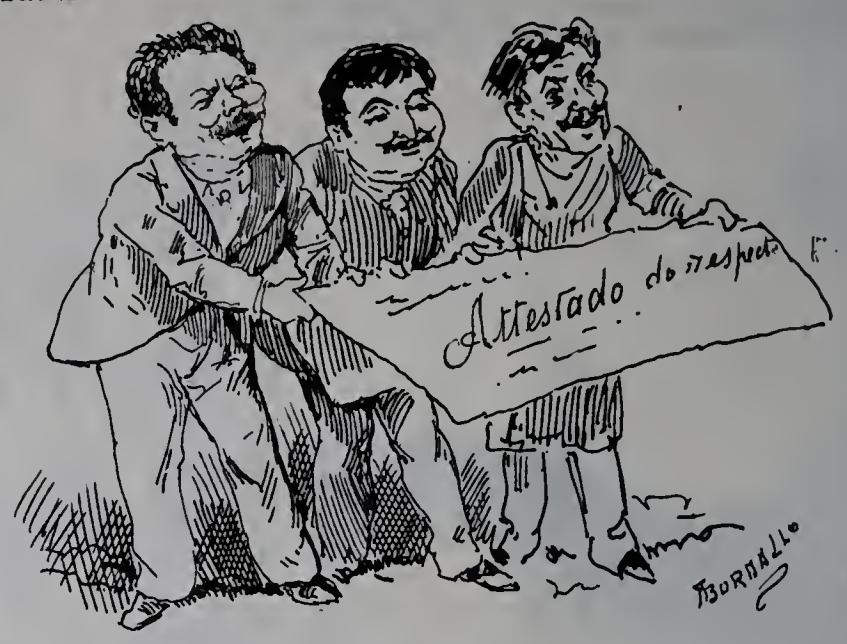
Synapte granjolaseo.

sem *visco,* não será por falta d'exemplares que o jardim zoologico deixará de se abrir. Continuaremos a offerta dos mais

As Elisiarias

Em D. Maria vae debutar uma filha da Elisiaria; na Trindade está escripturada outra filha da Elisiaria; no Gymnasio estreiou-se uma rapariga que tambem suppomos filha da Elisiaria; para os Recreios veem brevemente o Furtado Coelho e a Lucinda Simões. Serão filhos da Elisiaria?

Felicitamos o theatro do Rato pela peça de abertura: *A Maria da Fonte* é effectivamente um excellente drama; pena é que lhe falte... uma filha da Elisiaria...



Á ULTIMA HORA

Acabam de procurar-nos os actores Silva Pereira, Valle e Mello, declarando que não são filhos da Elisiaria, o que justificaram com attestado do respectivo regedor.

A ROMARIA

Concorre a cidade em peso
A ver *onde está o gato*
E no assumpto, um pouco ingrato,
Tudo mette o seu bedelho.
Vem gente do Minho e Douro,
De Traz-os-Montes da Beira...
Continúa a pasmaceira
Junto aos paços do conselho.

O ingenuo provinciano
O espanto não dissimula,
Falla, exclama, gesticula,
Brama, grita, chia e berra,
E as donzellas pudibundas
Confessam de parte a parte
Que uma coisa com tal arte
Nunca viram lá na terra.

Em frente do amor da patria
Desfila o povo em revista,
De pudor baixando a vista,
De rubor corando o rosto.
Todos no caso scismando
Passam noites de vigilia,
E cada qual em familia
Commenta a coisa a seu gosto.

Nazareth, passando ao largo
Vae consid'rando consigo,
Que o aguarda horrendo p'rigo
Se do frontão se approxima:
Pois de noite se ás escuras
Por distracção não repara,
Pode ir esbarrar de cara
Dar-lhe co'as ventas em cima!

Vallada, o grande marquez,
Emquanto a luneta ageita,
Diz: Que coisa tão perfeita!
Que fórmas tão bem dispostas!
E devéras commovido,
Co'as faces côr de cereja,
Por vergonha ou quer que seja
Sorrindo volta-lhe as costas...

O Fontes, tendo admirado
Tudo aquillo cá de baixo,
Retirando cabisbaixo
Pensa de si p'ra comsigo:
— No amor da patria tão frouxo,
Corcovado como um C,
Descortino um não sei quê
Muito par'cido commigo...

Cócó, de orgulho vermelho
Como um monco de peru,
Vendo o amor da patria nu,
Ao vento, sem agasalho,
Diz: Emfim! de mil fadigas
Os loiros virentes colho,
Que a todos alegra o olho
Este soberbo trabalho.

— Este frontão, que o povinho
Julgára um adorno futil,
É proveitoso e mais util
Que um azilo ou que uma escola;
Escasseiam-lhe os collegios
Onde aprenda o alphabeto,
Mas, em summa, aquelle aspecto
Do amor da patria... consola...

PAN

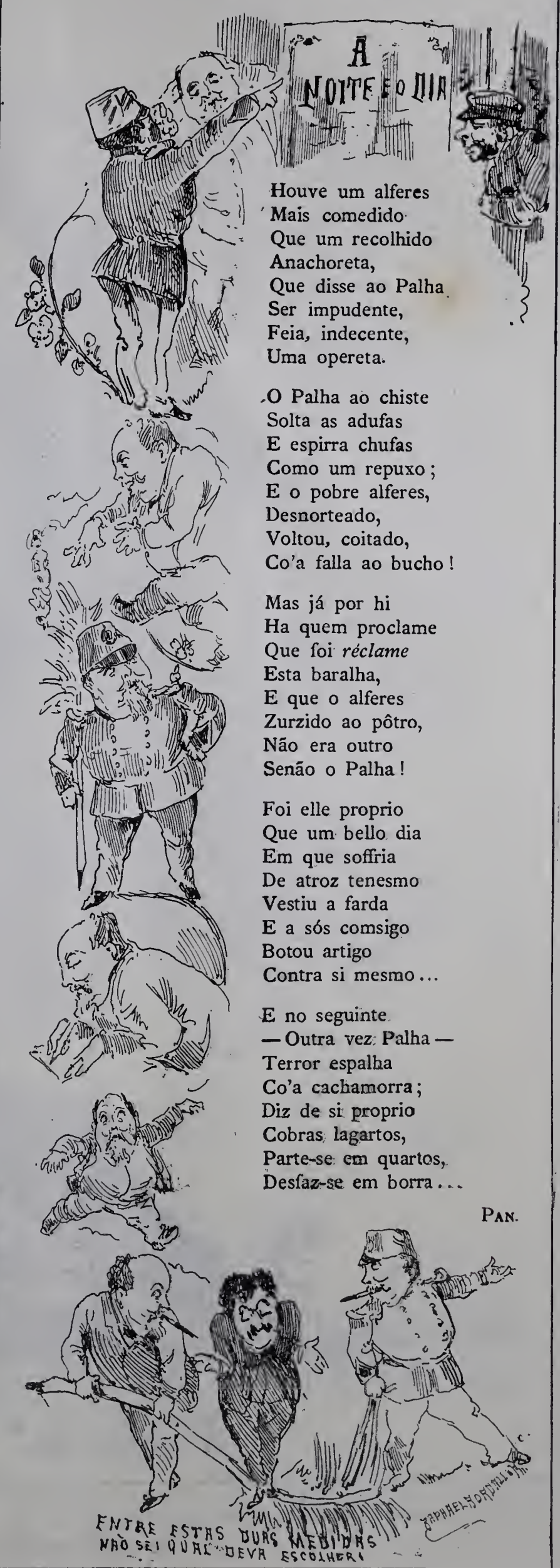
O Fantoche

Foi uma celebridade da rua; conheciam-no todos os lirós do Chiado, todos os Marialvas, todos os freguezes da porta da Havaneza, todos os cocheiros de praça, todos os garotos que pedem o seu troco á porta dos *restaurants*. Parece que tivera bons principios e que pertencera a familia abastada, porque os seus habitos eram luxuosos e elegantes. Não usava chapéo de chuva, como os dandys, e nos dias mais tempestuosos sahia em corpinho bem feito. A sua situação não era das mais favoraveis; não tinha rendimentos conhecidos, como muita gente bôa, mas trazia o pêllo sempre luzidio, como quem não tinha a barriga a dar horas.

Emfim, esta celebridade, que acaba de ser conduzida para a sua ultima morada, era o cão mais conhecido de Lisboa. Como muitos cavalheiros que lhe davam o seu pontapé, á hora de jantar nunca faltava nos melhores *restaurants*. Sentado nos quartos trazeiros, de mãos levantadas e de focinho no ar, esperava que lhe dessem o melhor bocado, e n'isto se differençava dos parasitas de dois pés, que a seu lado se contentavam com qualquer coisa, com tanto que não a pagassem.

Fantoche nunca quiz ser empregado publico, apezar de ter visto altamente collocado na alfandega o cão do Basorra. Tinha o desprendimento d'esses conselheiros de quem os jornaes andam apregoando que não querem acceitar o logar no tribunal de contas. Nunca entrára em nenhum syndicato, nem frequentara casas de jogo, nem foi a deputado, nem fizera viagens ao estrangeiro subsidiadas pelo governo. Era um cão bohemio, cheio de bom humor e de desinteresse. Dando hoje o seu retrato prestamos homenagem ás suas altas virtudes civicas e caninas.

DUAS MEDIDAS DE PALHA



Houve um alferes
Mais comedido
Que um recolhido
Anachoreta,
Que disse ao Palha
Ser impudente,
Feia, indecente,
Uma opereta.

O Palha ao chiste
Solta as adufas
E espirra chufas
Como um repuxo;
E o pobre alferes,
Desnorteado,
Voltou, coitado,
Co'a falla ao bucho!

Mas já por hi
Ha quem proclame
Que foi *réclame*
Esta baralha,
E que o alferes
Zurzido ao pôtro,
Não era outro
Senão o Palha!

Foi elle proprio
Que um bello dia
Em que soffria
De atroz tenesmo
Vestiu a farda
E a sós comsigo
Botou artigo
Contra si mesmo...

E no seguinte
— Outra vez Palha —
Terror espalha
Co'a cachamorra;
Diz de si proprio
Cobras lagartos,
Parte-se em quartos,
Desfaz-se em borra...

PAN.

LIBERDADE = Tu o que não tens é amor da patria.
ZÉ POVINHO = Han ?

Gemma Caniberti

N'esta primeira pagina, onde temos estampado muitos sujeitos já de edade madura, que só aos sseu ridiculos devem essa honra, damos hoje o retrato da *creança prodigio,* que dentro de pouco tempo deve chegar a Lisboa, a quem os homens mais notaveis de Italia e da America dão logar ao lado das Restoris e das Racheis.

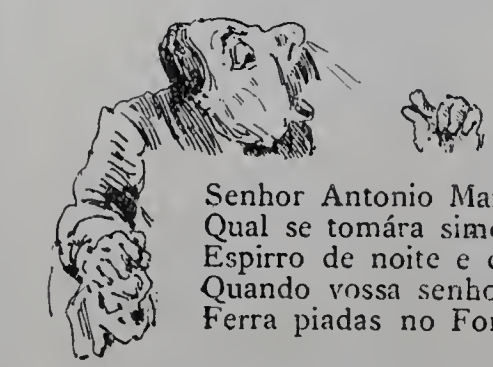
Que nos descuipe a engenhosa creança se projectão alguma sombra sobre a sua intelligente physionomia a recordação de muitas figuras burlescas que anteriormente tem occupado o logar que hoje lhe destinamos, á falta de melhor. O jornal é como a rua; pertence a todos.

Lithographia Guedes, rua do Oliveira ao Carmo, 12

A companhia Frontão

Grande amor da patria! Extraordinario patriotismo.
Bravo, sr. Brito — Não falta quem prefira o seu frontão ao do Zé Gregorio.

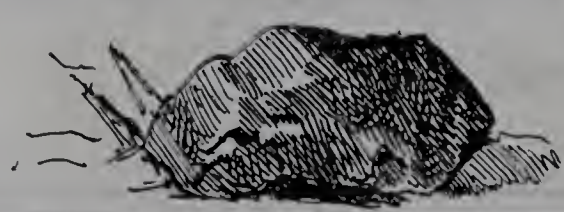
Carta a Antonio Maria



Senhor Antonio Maria,
Qual se tomára simontes,
Espirro de noite e dia
Quando vossa senhoria
Ferra piadas no Fontes.

Eu sou regenerador
De tempera muito rija;
E nunca mudei de côr,
Porque, meu caro senhor,
Tambem chupo na botija.

Ia tombando na campa,
Tive mui forte chilique,
Quando vi que em sua estampa
Pretendeu tirar a tampa
Ao mysterio do cahique.

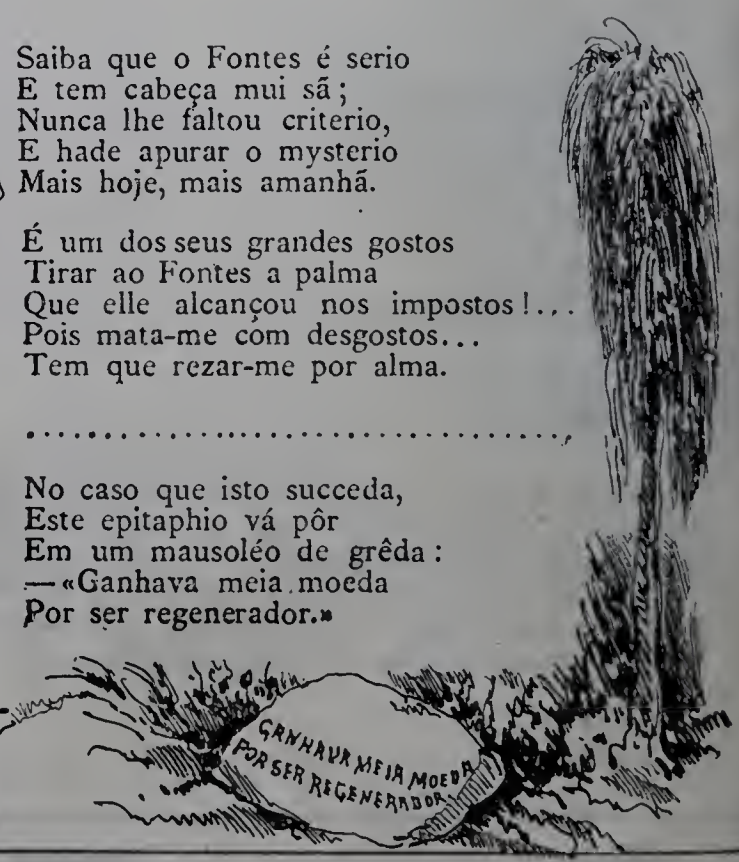


Saiba que o Fontes é serio
E tem cabeça mui sã;
Nunca lhe faltou criterio,
E hade apurar o mysterio
Mais hoje, mais amanhã.

É um dos seus grandes gostos
Tirar ao Fontes a palma
Que elle alcançou nos impostos!...
Pois mata-me com desgostos...
Tem que rezar-me por alma.

.....

No caso que isto succeda,
Este epitaphio vá pôr
Em um mausoléo de grêda:
—«Ganhava meia moeda
Por ser regenerador.»



THEATRO DOS RECREIOS

O *Corcunda* tem duas feições distinctas: pelo *charivari* dos vestuarios parece uma companhia de ratas sabias, sendo o protogonista o cão mentor; pela execução da peça vê-se que é uma companhia de bons artistas. Se o drama fosse por mimica, vejam que arranjo...

THEATRO DE D. MARIA

Sermão e missa cantada

THEATRO DE S. CARLO

Ibis Mathusalem

Ibis Triste

Ibis fulvas coronatas

Ibis centenaria

Na scena da incensadella do primeiro acto, a empreza mandou fazer uma tal quantidade de fumo de alfazema, que um logar de Ibis, para tomarem parte no triumpho. Poder dos exconjuros, da alfazema e de uma boa companhia. — *Un*

ecita d'abertura — AIDA

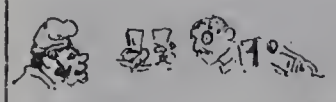
uerer exconjurar enguiços. No final do 4.º acto, os espectadores mais egypcios que a propria peça, já se contentavam com
mpreza.

Parallelos

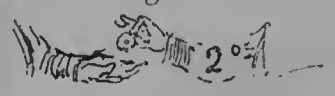
No theatro do Rato representa-se a *Maria da Fonte;* em D. Maria está em scena o *Casamento Civil*: aquelle, um drama em cinco actos que nos obriga a abrir a bocca pedindo *bis;* esta, uma comedia nos mesmos actos que nos fórça a abrir a bocca pedindo cama. E o governo a exigir que a empreza de D. Maria dê peças originaes... Pois se o filé está nos originaes, mais rasoavel será offerecer o subsidio ao *Rato*, que promette muito e deixar o reportorio francez a *D. Maria,* que já não dá nada...

Com este cambio, a arte e a litteratura lucravam obstante e nós não lucravamos menos...

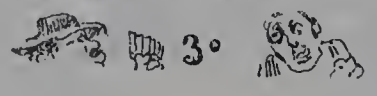
Peccados Mortaes



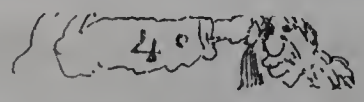
Soberba não terás, sempre a desprésa:
Assenta o agoadeiro á tua mesa.



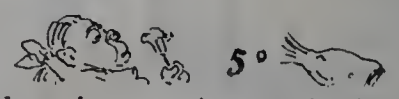
Nunca sejas avaro, escuta lá;
Se uma libra tiveres dá-m'a cá.



Fugirás da luxuria: n'este ponto,
Chama o hespanhol do cão, e ficas prompto



Em ira não te vejas n'unca acceso,
Nem levando na cara um murro teso,



Foge da gula, que é peccado feio:
Mandaram-te um salmão? manda-me meio

6º

Não sejas invejoso, porque a inveja
Faz arder n'alma molhos de carqueja.

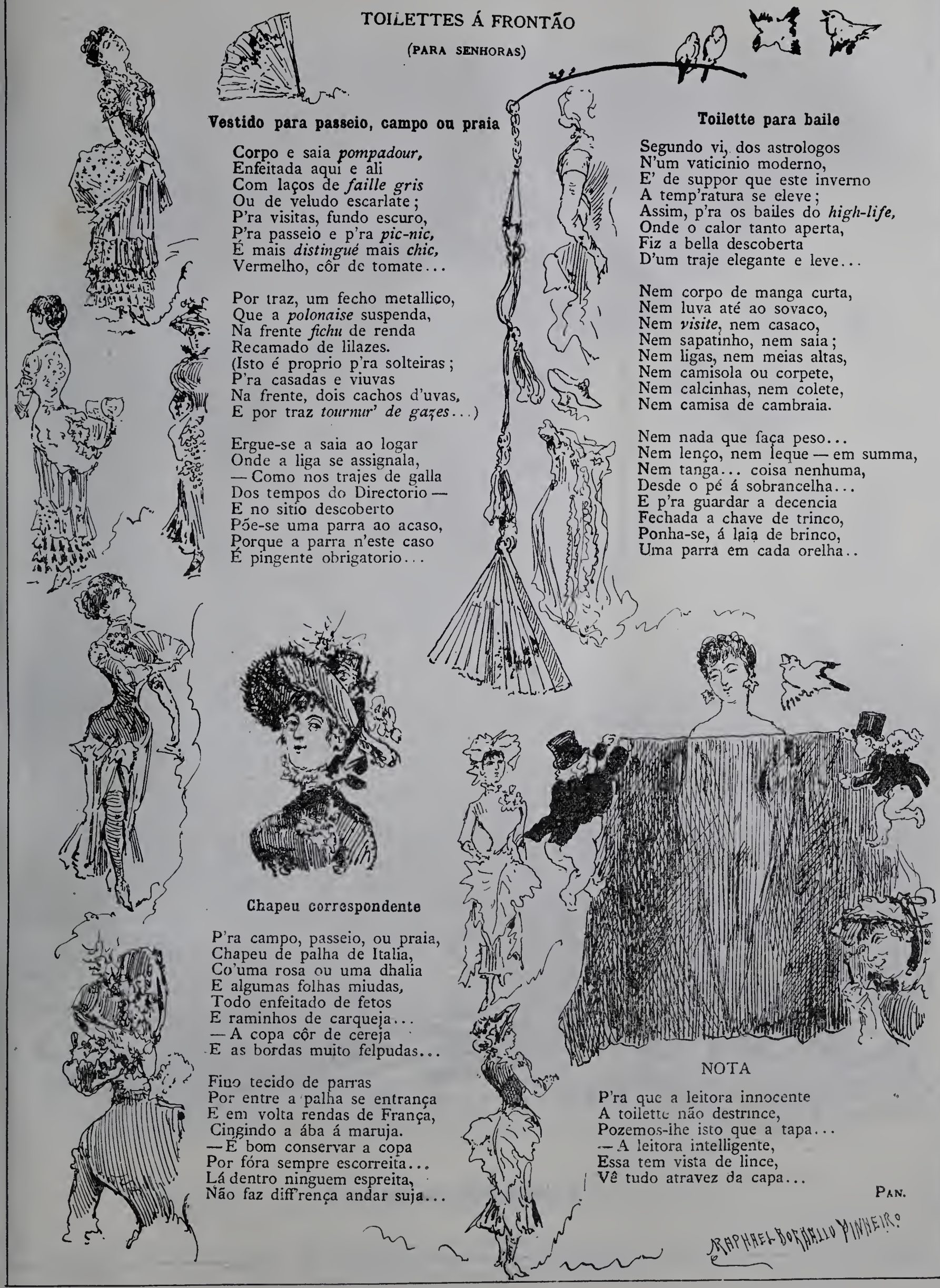
7º

Preguiça é vicio horrendo; nunca o tenhas
Nem quando trates de matar aranhas.

MODAS

TOILETTES Á FRONTÃO

(PARA SENHORAS)



Vestido para passeio, campo ou praia

Corpo e saia *pompadour,*
Enfeitada aqui e ali
Com laços de *faille gris*
Ou de veludo escarlate;
P'ra visitas, fundo escuro,
P'ra passeio e p'ra *pic-nic,*
É mais *distingué* mais *chic,*
Vermelho, côr de tomate...

Por traz, um fecho metallico,
Que a *polonaise* suspenda,
Na frente *fichu* de renda
Recamado de lilazes.
(Isto é proprio p'ra solteiras;
P'ra casadas e viuvas
Na frente, dois cachos d'uvas,
E por traz *tournur' de gazes*...)

Ergue-se a saia ao logar
Onde a liga se assignala,
— Como nos trajes de galla
Dos tempos do Directorio —
E no sitio descoberto
Põe-se uma parra ao acaso,
Porque a parra n'este caso
É pingente obrigatorio...

Toilette para baile

Segundo vi, dos astrologos
N'um vaticinio moderno,
E' de suppor que este inverno
A temp'ratura se eleve;
Assim, p'ra os bailes do *high-life,*
Onde o calor tanto aperta,
Fiz a bella descoberta
D'um traje elegante e leve...

Nem corpo de manga curta,
Nem luva até ao sovaco,
Nem *visite*, nem casaco,
Nem sapatinho, nem saia;
Nem ligas, nem meias altas,
Nem camisola ou corpete,
Nem calcinhas, nem colete,
Nem camisa de cambraia.

Nem nada que faça peso...
Nem lenço, nem leque — em summa,
Nem tanga... coisa nenhuma,
Desde o pé á sobrancelha...
E p'ra guardar a decencia
Fechada a chave de trinco,
Ponha-se, á laia de brinco,
Uma parra em cada orelha..

Chapeu correspondente

P'ra campo, passeio, ou praia,
Chapeu de palha de Italia,
Co'uma rosa ou uma dhalia
E algumas folhas miudas,
Todo enfeitado de fetos
E raminhos de carqueja...
— A copa côr de cereja
E as bordas muito felpudas...

Fino tecido de parras
Por entre a palha se entrança
E em volta rendas de França,
Cingindo a ába á maruja.
— É bom conservar a copa
Por fóra sempre escorreita...
Lá dentro ninguem espreita,
Não faz diff'rença andar suja...

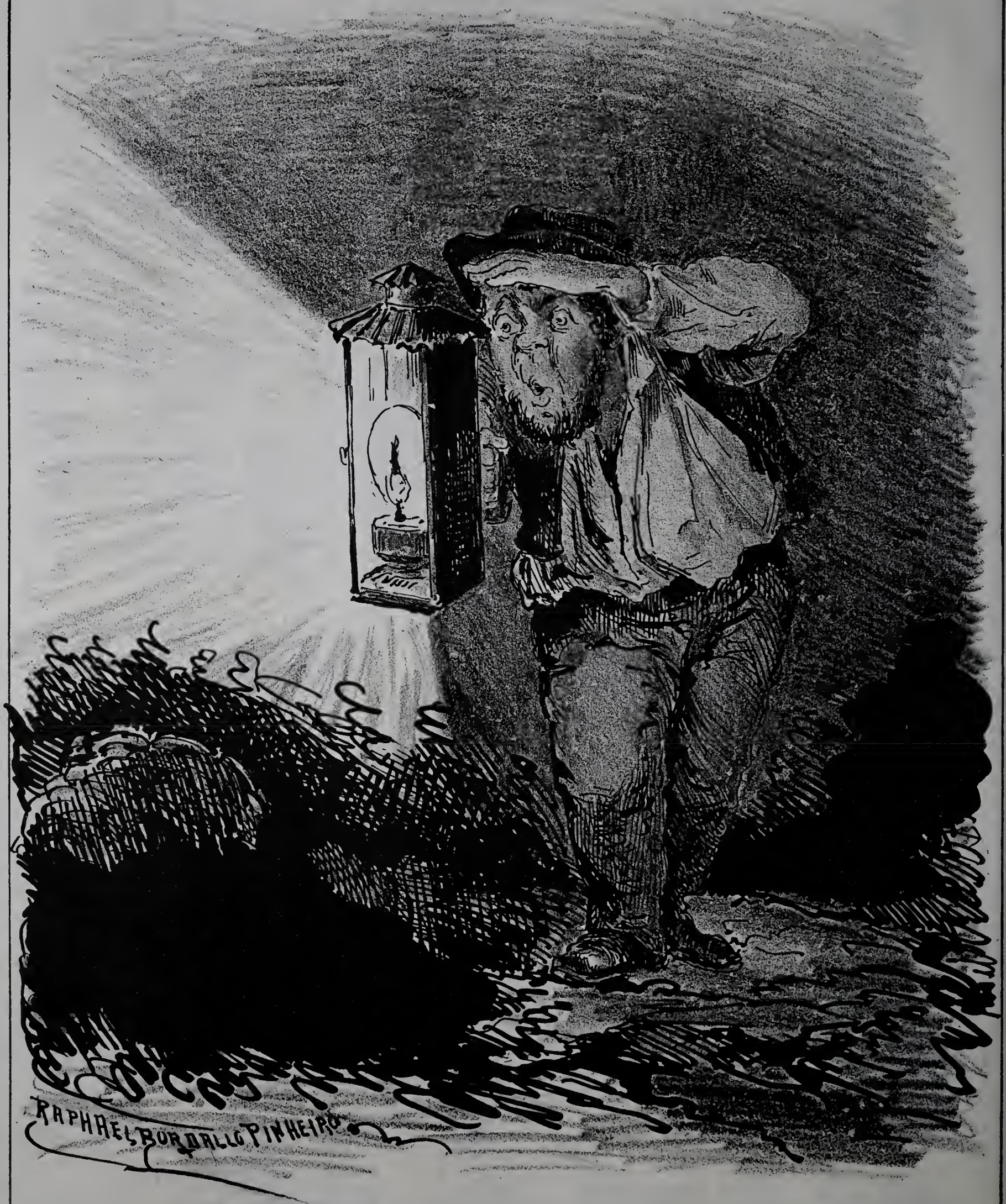
NOTA

P'ra que a leitora innocente
A toilette não destrince,
Pozemos-lhe isto que a tapa...
— A leitora intelligente,
Essa tem vista de lince,
Vê tudo atravez da capa...

PAN.

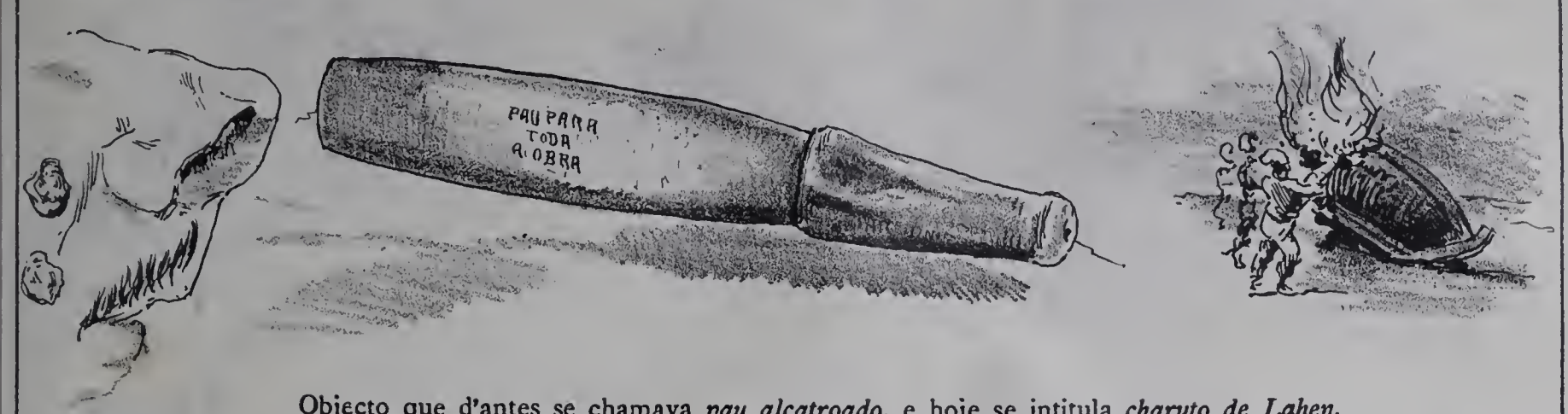
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Zé Diogenes



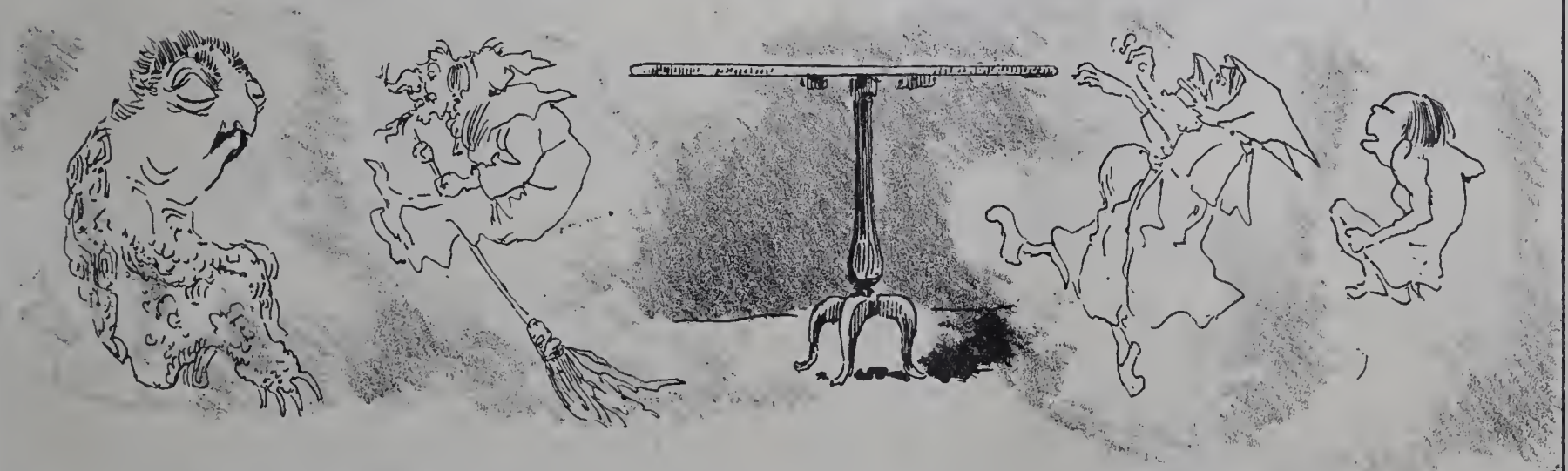
Á procura da *Luz do Dia*.

ASPECTOS E DIVERSÕES DO INDIGENA DO CHIADO DURANTE A ULTIMA SEMANA



Objecto que d'antes se chamava *pau alcatroado,* e hoje se intitula *charuto de Lahen.*

O indigena passa as suas horas de ocio, que são todas, a mamar n'este hygienico canudo...



Objecto que hoje se appellida *medium* e em tempos se denominava banquinha de pé de galo.

Todos teem o seu espirito protector, e o homem que os vende tem muitos — a 600 réis.
Se continua a procura de *mediums*, teremos *espiritos* a mais de oito tostões.

A MANIA

Não foi só nas camadas populares e medianas que se manifestou a monomania do *espiritismo;* a terrivel febre invadiu até as mais altas regiões do Estado, ameaçando metter em Rilhafoles algumas potestades — que já deviam lá estar ha muito tempo.

Conta-se que um alto personagem — cujos titulos nos inhibimos de publicar por um natural sentimento de defferencia — logo que o sr. conselheiro tigre lhe foi metter no bico o famoso descobrimento, saltára de contente, esfregando as mãos e bradando em altas vozes:

— Mas isso é a pedra philosofal! é a extincção do *deficit!* é a felicidade do povo! é o conselho de ministros fechado nas unhas! é o conselho de estado no quarto de cama!... Depressa! uma mesinha! deem-me uma mezinha! O meu reino por uma mezinha de pé de gallo!!!

E passados cinco minutos, sentado á meza, de dedos estendidos, o olhar fixo, á respiração offegante, evocava os numes de alguns vultos notaveis das eras passadas: a meza respondeu com outras tantas pancadinhas, que é como quem diz:

— *Nós cá estemos...*

— Sombra de Henrique IV, interrogou o espiritista com voz tremula de emoção, o povo está contente?

— Não! respondeu a banca com duas pancadinhas muito sacodidas.

— De que precisa então o povo? continuou o interrogante.

— De albarda, real senhor...

— Diabo! pensou o alto personagem, isto não é um *espirito occulto* que me falla, é um *poder occulto* que me responde...

E proseguiu em voz alta:

Que me aconselhas para a extincção do *deficit*, sagacissimo Colbert?

— Impostos!... impostos no sal, impostos no pão, impostos na fava, impostos em tudo!

— Mas co'a breca! pensou *elle;* ia jurar que estou fallando como meu *Caro Mentor...*

— E se o povo recalcitra, como apazigual-o, meu valente Augerau?

— Carga para riba d'elle!...

— Ora adeus! disse consigo o interpellante, isto póde lá ser a opinião d'um GRANDE general!...

E continuou meio desanimado:

— Genio do Marquez de Pombal! tu que encheste de dinheiro as arcas do thesouro, que expulsaste do reino a horda dos hypocritas e que plantaste uma cidade como qualquer de nós póde plantar meia duzia de couves gallegas, dize como heide imitar-te o esforço gigantesco...

— Nomeando syndicatos, fazendo bichinha gata ao Burnay e estabelecendo caminhos de ferro em Salamanca.

— *Per Baccho!* exclamou sériamente intrigado, é impossivel que o *cypreste* das obras publicas não esteja escondido debaixo d'esta mesa...

E interrogou ainda:

Engenhoso Cervantes! espirito sublime! que heide eu praticar pelo bem do povo? que heide eu fazer aos ministros?

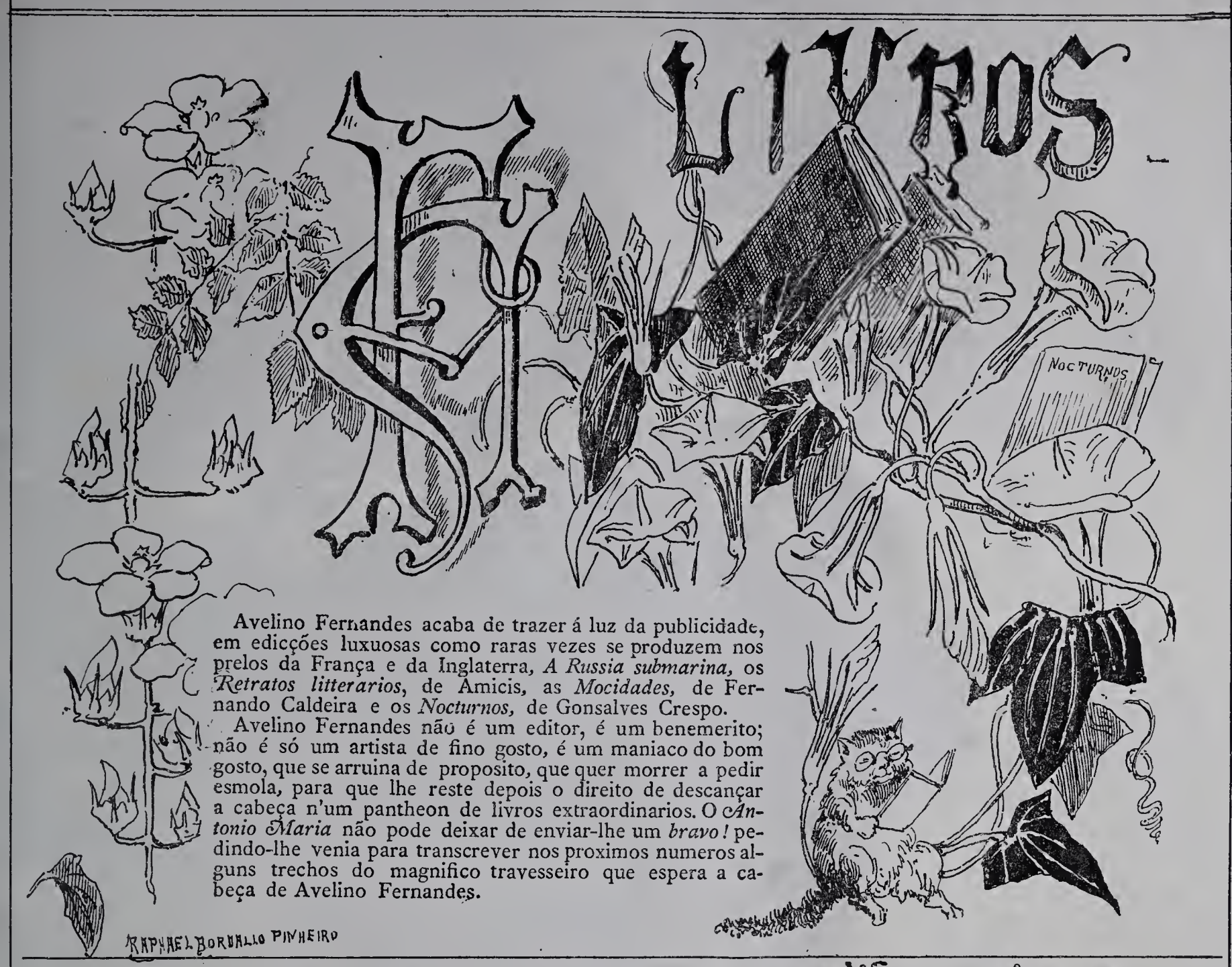
— Tirar-lhes as cilhas...

— Tirar-lhes as *cilhas?...* Ah! sim... Cervantes era hespanhol... Quer dizer tirar-lhes as *cadeiras*; isto é, pol-os com dono... Mas isto mesmo leio eu todos os dias no *Popular* e no *Progresso* e não me consta que Cervantes faça parte da redacção...

— Aconselharam-me syndicatos, impostos, cutiladas, tudo o que eu tenho, emfim... isto é por força defeito da mesinha...

Effectivamente a mesa,
De pés toscos e grosseiros
E apparencia feia e suja,
Era industria portugueza,
Feita do pau dos pinheiros
Que ha no pinhal d'Azambuja...

PAN.



Avelino Fernandes acaba de trazer á luz da publicidade, em edicções luxuosas como raras vezes se produzem nos prelos da França e da Inglaterra, *A Russia submarina*, os *Retratos litterarios*, de Amicis, as *Mocidades*, de Fernando Caldeira e os *Nocturnos*, de Gonsalves Crespo.

Avelino Fernandes não é um editor, é um benemerito; não é só um artista de fino gosto, é um maniaco do bom gosto, que se arruina de proposito, que quer morrer a pedir esmola, para que lhe reste depois o direito de descançar a cabeça n'um pantheon de livros extraordinarios. O *Antonio Maria* não pode deixar de enviar-lhe um *bravo!* pedindo-lhe venia para transcrever nos proximos numeros alguns trechos do magnifico travesseiro que espera a cabeça de Avelino Fernandes.

Os cinco sentidos

O primeiro é vêr: se é fraca a vista
Vae ter com o Ribeiro, o oculista.

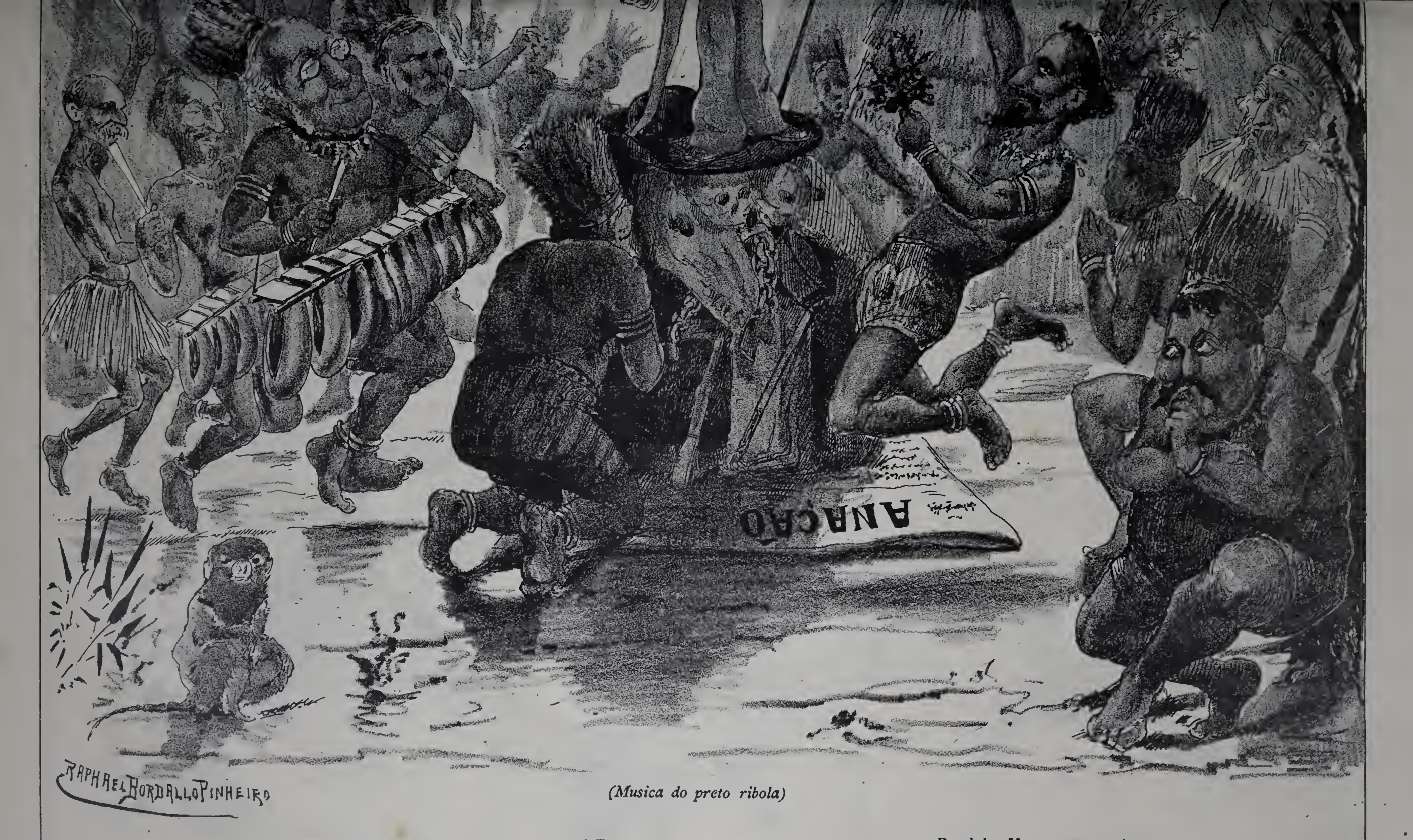
O segundo é ouvir: é grande absurdo
Exigir esta prenda em quem é surdo.

Cheirar, é dos sentidos o terceiro...
Mau p'ra quem móra perto do Caneiro.

Quarto é gostar: este sentido emprega,
Mas não em bresundellas de bodega.

Quinto, apalpar: aqui muito cuidado;
Quem apalpa é ás vezes apalpado.

Tendo chegado ao conhecimento do *Antonio Maria* que *Signoreti* é tão notavel caricaturista como distincto cantor, ousamos pôr-lhe as mãos na cabeça, envocando aquella primeira feição, para que nos mande um producto do seu lapis, que uma pagina de voluto, no proximo numero, aguarda impaciente.



(Musica do preto ribola)

O rei Miguel, nosso senhor,
Bom rapasola,
Diz que quer ser imperador
Da nobre Angola!

E o caso é, se apanha léu
Logo se colla;
Venha de lá, ó pae do ceu,
Mais essa esmola...

Paesinho Vaz, ao ver mais um
Bater á argola,
Esfrega os mãos, dansa o landum,
Todo ribola!

O FUTURO IMPERADOR DE ANGOLA

Silva Lisbôa inicia a *Era Nova,* que mira provavelmente á refórma dos habitos e dos costumes, com grave desespero das instituições, que não querem despir o *costume* de rei Bobeche e violentos protestos da clerezia, que não pode desquitar-se do *habito* de lazarista.

Spiritismo

Meu *Caro,* se até á data,
Apesar da lida insana,
Esta choldra lusitana
Não tens salvado do abysmo,
Ensaia um systema *novo*
Que vejo *erguer-se da loisa;*
Vê se salvas a tal coisa
Por artes do spiritismo

Segundo affirmam doutores
Que o tem estudado a fundo,
Hade dever-lhe este mundo
Coisas do arco da velha!
D'ora avante (dizem-n'o homens
Incapazes de brinquedos)
Acabaram-se os segredos...
Até o proprio da abelha!

De Pombal evoca o espirito,
E pede-lhe uma receita
P'ra ver se isto se endireita
Conforme o teu desejar;
Receita d'essas com que elle,
Emquanto teve o pennacho,
Deu golpes de bota abaixo...
Deixando o *yes* a apitar!

Pergunta, meu *Caro* illustre,
Áquelle espirito immenso,
Se o *negocio do Lourenço*
Proveitoso era á nação;
E no caso que elle o approve,
Como eu firmemente creio,
Pergunta-lhe o melhor meio
De o fazer do pé p'ra a mão.

Pede a esse espirito forte
Que te laureie e despique
N'essa historia do cahique,
Que cada vez mais se embrulha;
Deixarás (penso) inimigos
Todos a pão e laranja;
Vencerás a hydra, a Grauja...
E o que inda é mais—a patrulha!

E se a patria for salva d'esta feita,
Conforme o desejamos todos nós...
A coisa não vai torta, vai direita;
É cantar — viva amor e chova arroz.

THEATROS

Nós viviamos convencidos de que a vaccina era um liquido *verde*, mas o sr. Reszkè, assegura-nos com tal voz e com tal emphase que *la vicina è un pó matura*, que não duvidamos ficar acreditando que a vaccina é effectivamente um *pó maduro*, que nos defende das bexigas, como o pó insecticida nos livra dos persevejos.

Em volta da mesa

Lisboa, p'ra Rilhafoles
Lentamente se encaminha,
Pois dansa-lhe a molleirinha
Os mais terriveis *can-cans!*
Ninguem falla, ha quinze dias,
No caso do *Costa apita*,

Ninguem canta nem recita,
Ninguem dansa os *Fenians!*

Ninguem trabalha em *crochet*,
Ninguem pega no bordado,
E o lôto foi condemnado
Ao mais cruel ostracismo!
Lisboa, durante as horas
Que ninguem passa em vigilia,
Consome a noite em familia
Com sessões de espiritismo!

Chama-se á fala Corneille,
Confucio, Chateaubriand,
Nero, Danton Talleyran,
Mirabeau, Fouquet, Cambrone...
—Imaginem o que este ultimo,
Se das perguntas não gosta,
Terá mandado em resposta
P'lo invisivel telephone...

E esta febre, que no accesso
Se não mostra intermitente,
Tem chegado a toda agente
De quaesquer cathegorias...
Desde o mais nobre palacio
Á mais nojenta bodega,
Em toda a parte se pega
Sem lhe importar gerarchias!

O Fontes evoca os numes
De Fouquet, o financeiro,
P'ra que lhe arranje dinheiro,
P'ra que lhe indique um thesoiro;
Responde Fouquet: — Do imposto
Vae retorcendo a cravelha,
Até que a corda, já velha,
Se quebre, dando um estoiro...

Arrobas, pergunta a Nelson
Quando é que a patria madrasta
Hade offertar-lhe uma pasta,
Dos seus serviços em paga;
Responde Nelson: — Por ora,
Os teus desejos supporta;
Só deves bater á porta
Quando houver argola vaga...

Finalmente, de descanço,
Nenhum espirito engorda...
Lucrecia já deu a borda,
Xenofonte está cansado,
E Marco Aurelio, ha tres noites
De repoiso sempre á mingua,
Já tem dado mais á lingua
Que o Adriano Machado!...

PAN.

O ENSAIO GERAL

Juizes e clerigos, despindo togas e sobrepelizes e envergando o uniforme de Euterpe, ensaiam gaudiosos o *hymno Vilhena*, em fá bemol, que o agraciado escuta religiosamente, em quanto o *caro Mestre* se morde de inveja por ninguem lhe ter consagrado sequer um sustenido.

O EXITO DA SEMANA

A troupe que acompanha Gemma Cuniberti não parece de actores, parece de musicos; não são filhos legitimos de Talma, são filhos espurios de Euterpe. Adivinha-lhe a gente, por debaixo d'aquellas toilettes de occasião, o uniforme estapafurdio d'uma «Avante Canecense» e experimenta desejos indomaveis de lhe tirar a luva das mãos para lhe metter o saxophone nas unhas... Tão toscos, só da Toscana... O galã é um pierrot *d'ochi imbambolati*.

Apesar do talento verdadeiramente prodigioso de Gemma Cuniberti, a maioria dos espectadores, attendendo unicamente ás dimensões acanhadas da pequena artista, entendeu dever pagar apenas meia entrada, de fórma que o empresario arrepella hoje a pera ponteaguda pensando com os seus botões: — Bem me dizia o proloquio, que quem se mette com creanças...

BILHETE DE VISITA AO RIO DE JANEIRO

Trovão que chega e Tovar que vae.

Um fascinará o Chiado, outro deslumbrará a rua do Ouvidor.

O caso da semana em casa de Angelina Vidal

Do jantar entregue á faina
O moço lava a terrina...
Tudo cheira a comesaina
No parnaso da Angelina.

O carvão em chispas arde
Nos fogareiros de barro...
Deram tres horas da tarde
Foi-se fritar o chicarro.

Exala doce perfume
O peixe na caçarola
E a panella posta ao lume
Deita um cheiro que consola...

Sobre a mesa se abobóra
A sopinha de cus-cus;
Ouve-se alguem lá de fóra
Bater á porta — truz! truz!

Abre-se a porta e ligeiro
Piza as taboas do sobrado
Um preso do Limoeiro
Co'o guarda de braço dado.

— Vocencia?! diz Angelina,
Que já se sentára á meza;
— Que prazer... não imagina...
Mas que agradavel surpreza!

— Desculpe o charivari
D'este albergue pobre e tosco...
Ora então... sente-se ali
E queira jantar comnosco...

— Ó Raymundo, traze as couves...
Puxa cadeiras, Francisca...
Põe mais um talher, não ouves?...
O guarda tambem petisca...

Sentam-se todos e passa
O jantar sem contratempo...
— Quando se janta de graça
Ninguem vê passar o tempo.

Mas quando já ao sol posto
O moço servia o doce,
O preso mostra no rosto
Vontade do quer que fosse...

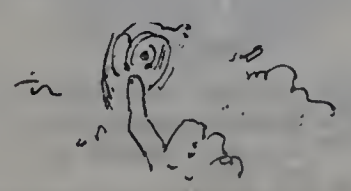
Vae lá dentro sorrateiro,...
Passa-se mais d'uma hora,
Até que o bom carcereiro
Nota tamanha demora.

Então o misero esperta,
Vasculha todas as casas,
Mas 'stava a gaiola aberta
E o melro batera as azas!...

Em phrases grossas desboca
P'ra a dona da casa afflicta:
— Que maldita paparoca!
— O' da guarda! ó Costa, apita!...

Pan.

P. S. Angelina Vidal acaba de declarar em todos os jornaes, que não foi em sua casa que se passou o facto que vimos de relatar. Lemos a declaração, mas não nos convém acreditar por causa d'esta pagina.



Novos mandamentos

Sobre todas as coisas ama a Deus,
E ás mulheres... não sendo camafeus.

Nunca jures em vão seu santo nome,
E se gostas de favas, favas come.

Guarda sempre os domingos e houve missa,
E se alguem te pisar ferra-lhe um chiça.

Honrarás o teu pae e tua mãe
E, se o teu vinho é bom, *pia-lhe* bem.

Não matarás, mas se a matar te inclinas,
Mata com teus olhares as meninas.

Aqui calo, e aconselho aos tagarellas,
Que ha coisas que é melhor não bolir n'ellas.

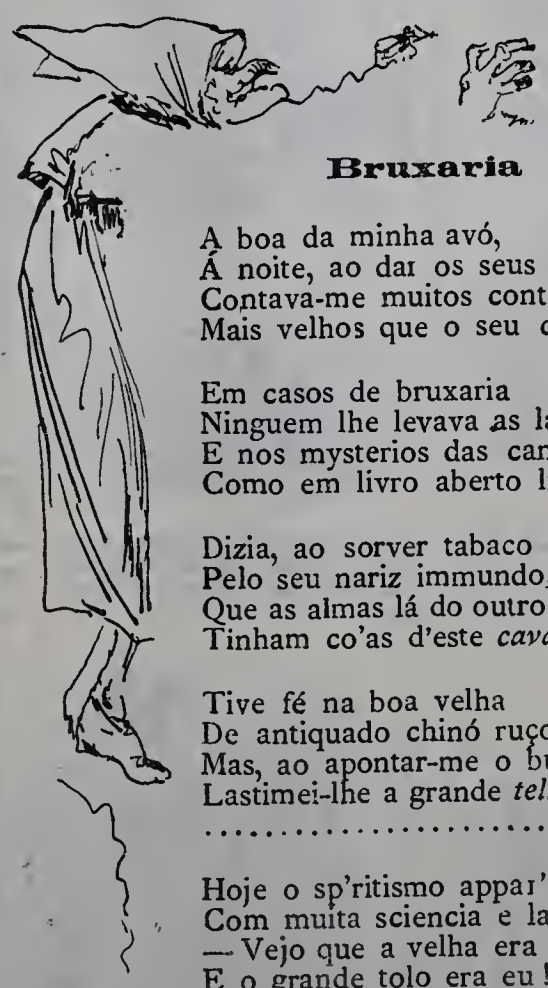
Não furtes a ninguem, nem um canôco,
Mas se furtares, beijos, peccas pouco.

Nunca levantes testemunho falso,
Nem por cima de gêlo andes descalço.

Nunca cubices o alheio *maco*,
Mas do teu, não empreste um pataco.

Não desejes do proximo as mulheres,
Vae a tua aturando... se poderes.

Estes dez mandamentos espremidos
Ficam a dois sómente reduzidos:
—Amor sobre quanto ha ao Creador,
Amar aos outros—mas a si melhor.



Bruxaria

A boa da minha avó,
Á noite, ao dar os seus pontos,
Contava-me muitos contos
Mais velhos que o seu chinó.

Em casos de bruxaria
Ninguem lhe levava as lampas,
E nos mysterios das campas
Como em livro aberto lia.

Dizia, ao sorver tabaco
Pelo seu nariz immundo,
Que as almas lá do outro mundo
Tinham co'as d'este *cavaco*.

Tive fé na boa velha
De antiquado chinó ruço;
Mas, ao apontar-me o buço,
Lastimei-lhe a grande *telha*!...

.....

Hoje o sp'ritismo appar'ceu
Com muita sciencia e labia:
— Vejo que a velha era a sabia,
E o grande tolo era eu!...

Ha feiticeiras, videntes,
Espiritos paroleiros...
E alguns d'elles, por grosseiros,
Piadas dão indecentes!

O famoso Allan Kardec,
Cabalistico profundo,
De certo, não vende ao mundo
Por oiro o que é pechesbeque

ESPIRITISMO E ESPIRITA

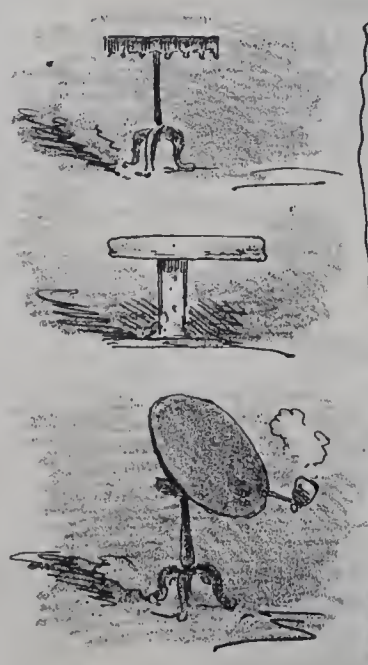
Comprar um *medium* (a que o vulgo chama mesa de pé de gallo).

Lavar as mãos com sabão Moutinho.

Impedido de consultar o *medium* em dia de beija-mão.

Este sempre.

Levar a mesinha para u
to escuro



Ha espiritos perfeitos, imperfeitos e bohemios.

Assim tambem ha *mediuns* scientificos, sérios, tristes, alegres e coscuvilheiros, conforme a casquinha.

Exemplo de *medium* coscuvilheiro: D. Urraca evoca o espirito de seu defunto Pantaleão. — Onde estás menino?

— Pantaleão: — No inferno.

Urraca — Coitadinho estás muito mal? tens muitas saudades minhas?

Pantaleão: — Antes pelo contrario.

Para se ser espirito perfeito são necessarias muitas dynamisações até se acabar em creança que morre á nascença.

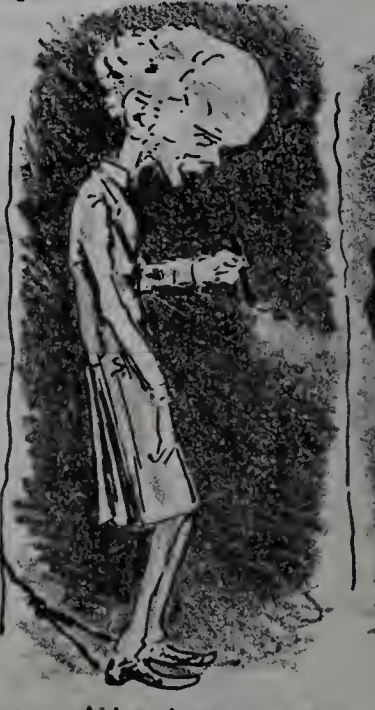
Eu por exemplo t
segundo o meu *mediu*
quinha, 21 dynamisaçõ

Parece que o cão é a primeira encarnação — da gente — n'este triste estado ha muito quem os veja em Lisboa.

— Exemplo — Você apita?

— Pois que quer você, não vê que estou na minha primeira dynamisação...

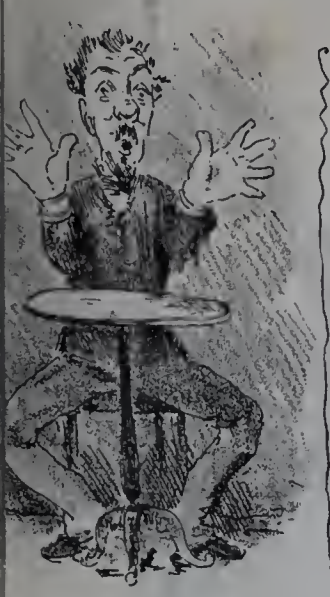
Quem está já na sua 100.ª encarnação, e por isso é entre nós a creatura mais perfeita é este senhor. Bem se vê...



Ahi está este que tem tantas encarnações como o outro e ninguem dá por isso.

Este que está tão bem
nado e é amarello como
cidra.

— Maneira de evocar os espiritos

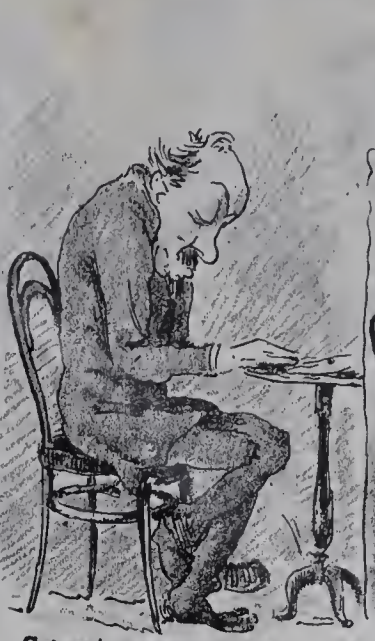


m socego abrir os dedos

e collocal-os sobre o *medium* (dita mesinha)

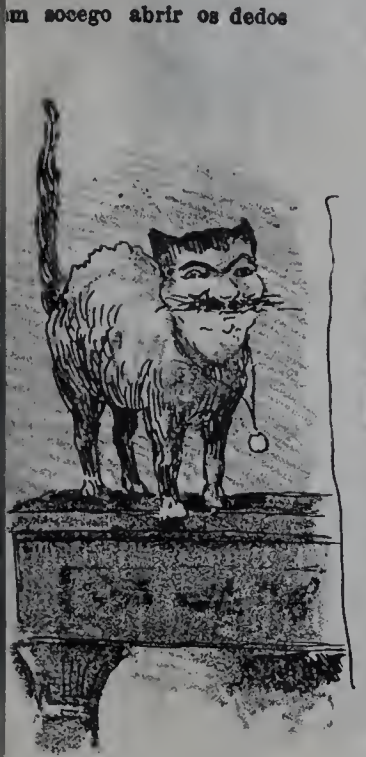
sobrepôr-lhe outros dedos, se fôrem bonitos tem mais fluido.

Depois d'isto feito deixar que se mecha o *medium* (dito pé de gallo).



Concentrar-se e conversar o que quizer; tudo saberá menos a edade do sr. Fontes ou onde pára o processo da Luz do Dia.

Os espiritos precisam ser muito bem tratados por: V. S.ª por Ex.ª etc. e tal, conforme as cathegorias.



Já fui gato.

Já fui homem d'agulhas e alfinetes.

Já fui hespanhol do cão.

Já fui ballarina.

Já fui o lagarto da Penha.

Emfim 21. Hoje estou n'isto que os senhores vêem muito longe da perfeição.

este encarnado como um to-
e ainda não passou da 1.ª
rnação.

As mãos que eu desejava para fazer mover a mesa eram estas que já moveram tambem a mesa do orçamento.

Nós por ora só acreditamos na mesa do jantar e nos espiritos de vinho

não deixando por isso de pedir ao nosso espirito protector que

não nos faça voltar o gato por nos acharmos pesados para as correrias dos telhados e termos um certo susto do janeiro.

THEATROS

Coliseu dos Recreios — A companhia austriaca

S. CARLOS

O baixo é alto de mais no diapasão da estructura e mais alto ainda na craveira da solfa. O sr. Piaza adquiriu jus ao nosso eterno reconhecimento por ter apresentado ao vivo um rei «Antonio Maria» conscienciosamente copiado do nosso lapis.

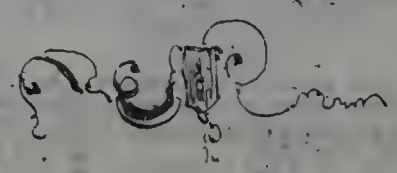
O «Antonio Maria» continua esperando o desenho que solicitou de Signoretti.

Agora, que os cavacos no foyer de S. Carlos nos obrigam a expectorar em publico todo o francez que sabemos — e o que não sabemos — não vem fóra de proposito lembrar aos *dilatentti* o *Tratado de pronuncia franceza* por *Henri de Courtois*, afim de se desemburrarem no *comment, vous-portez-vous* que o guia de conversação não foi capaz de encasquetar-lhes.

Com vista ao sr. da Mosqueira Preta.

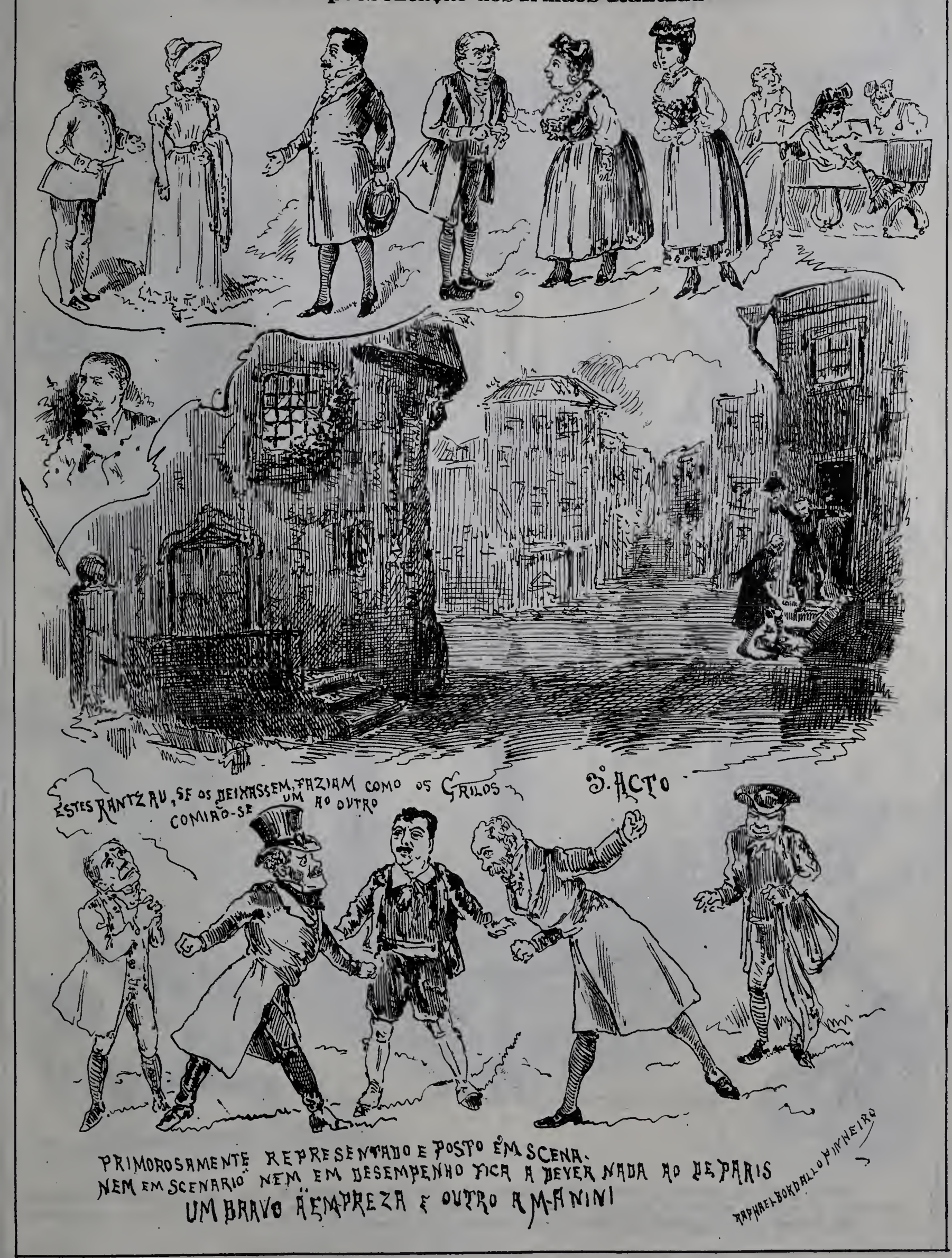
ERRATA

No artigo dedicado a Avelino Fernandes, no nosso ultimo numero, saiu por lapso (de que os compositores não tiveram culpa nenhuma) «Russia submarina» em vez de «Russia subterranea». Fazemos esta rectificação para que se fique sabendo que o livro é de *Stepniak*, e não de Julio Verne, como poderia suppor-se.



D. MARIA

1.ª Representação dos Irmãos Rantzau



COLISEU DOS RECREIOS

O quartuor austriaco ou o espiritismo applicado ao canto

Amann pediu ao *medium* quatro espiritos idiaes que enlevassem os dilletanti n'um ceu de melodia e o *medium* fez surgir os espiritos malevolos de quatro carpideiras do Minho, que nos proporcionaram um inferno de semsaboria. Nas *brasseries* da Allemanha tomam-se estes *espiritos* com cerveja...

O CONCURSO DE BELLEZA EM BUDA PESTH

Retrato da premiada *(extrahido de photographias dividas á amabilidade do sr. Pexe, proprietario da Aguia d'Ouro).*

A exemplo de Pesth, Lisboa vae tambem promover um concurso de belleza, ao qual, com mais rasão de que aquelle, se poderá chamar um verdadeiro concurso de *peste*...

A companhia de S. Carlos

Uma *bruxa gorda* do MACBETH, das que na opera dizem estas palavras,

enviou-nos pelo correio, occultando-se com o pseudonymo de 1.º *Zabumba*, a seguinte *indiscripção* da companhia de S. Carlos.

Giuseppina de Reszké — 1.ª *estrella* — Pela grandeza podia até ser um *sol*... mas com algumas manchas. Voz e carne que davam bem para dois sopranos; talento que não chega para um. Estylo de canto *arrevesado*, nem francez, nem italiano. Na *Aida*, dir-se-hia uma pyramide egypcia com fórma avantajadas de mulher. Promette fazer tanto barulho como o *Syndicato Salamanqueiro*. Os banqueiros *mexem-se*...

Pasqua — Outra Giuseppina e *outro astro* — Este tem mais *satellites*. Voz *quente*, estylo mais *quente* ainda. Segundo a phrase do *dr. Beterraba*, mette alguma *pharmacia* no canto, á maneira da *Mimi-Borghi*. Tem tendencia para ser *caranguejo* em musica, o que dá que fazer a *Ibis Rabina*, que julga ter feito essa grande descoberta.

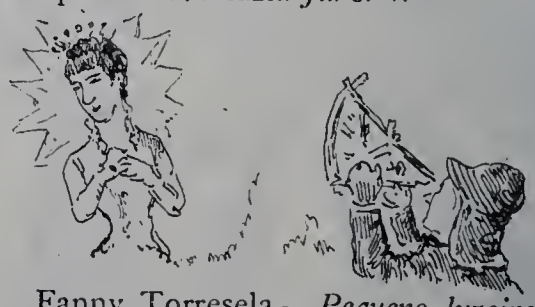
Um revisteiro chamou-lhe *Cesar!*.. Dizem que ella, ao ler o *mistiforio* critico que elle lhe endereçou, lhe chamara *João Fernandes*.

Marianni na Lodi — *Estrella de 16.ª grandeza* — Um feixe de nervos. A cantar faz mais caretas que o Carlos Bento a papaguear em negocios fazendarios. Consta que tem costella portugueza ou de gente que viveu em Portugal. No 1.º acto da *Lucia* parecia a *serva* da dita. É a *machina exploradora*... de *Sua Magestade* o tenor Gayarre, como o *Topa-a-tudo* é agora a da *Magestade Portugueza* nas viagens ás provincias. Vem adiante, para *desempedir o caminho*.

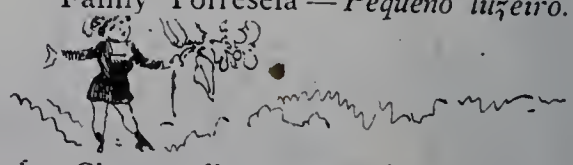
Vanda Miller — Esta, no mundo lyico, não é estrella, nem luz, nem cometa, nem coisa que se pareça com isso. Faz-me lembrar o verso do poeta do Conservatorio:

Era noite, sem lua, sem nada.

—Uma *Margarida* que está a pedir para o 3.º acto do *Fausto* o jardim da *Praça das Flores* e para o 4.º acto um *Valentim da companhia dos Paulistas*. Se tem vindo na epocha passada... fazia *furor*!!



Fanny Torresela — *Pequeno luzeiro*.



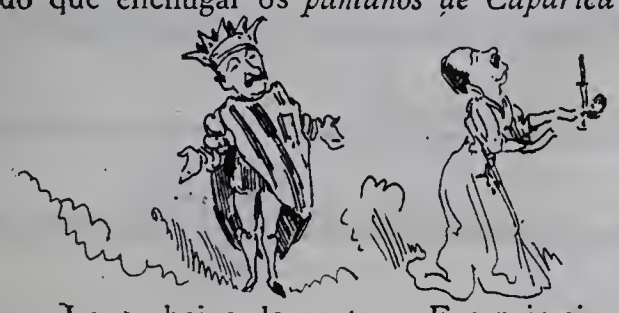
Lioni — Chamam-lhe *contralto* — Modo de dizer. Tambem já alcunharam de 1.º barytono o Magnani, a quem

Ibis cacgimba classificou de *bufo!!*

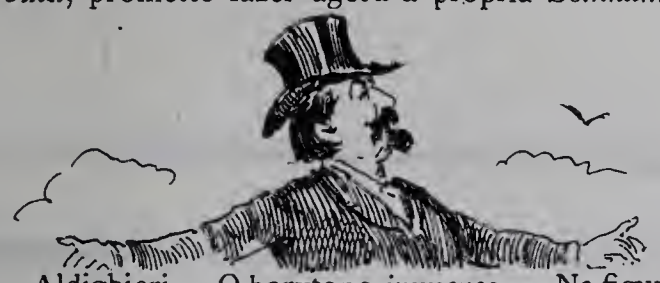
Barbacini — *Il primo tenore* — Alma até Almeida, mas voz... Podia-se-lhe applicar o dictado popular, invertido,

Dá Deus dentes...

Signoretti — 2.º *primo tenore.* — Menos alma e menos arte do que o primeiro e menos voz. Parece que no centro d'esta tem um marmello que o embucha. O *Gran-Pimpone* de Almada, protector dos tenores pequenos, anda afflicto com a ideia do homem estar embuchado e já se lembrou de lhe applicar dois bons murros nas costas a vêr se lhe arranca o marmello, mas parece-lhe que isso será mais difficil do que enchugar os *pantanos de Caparica!*



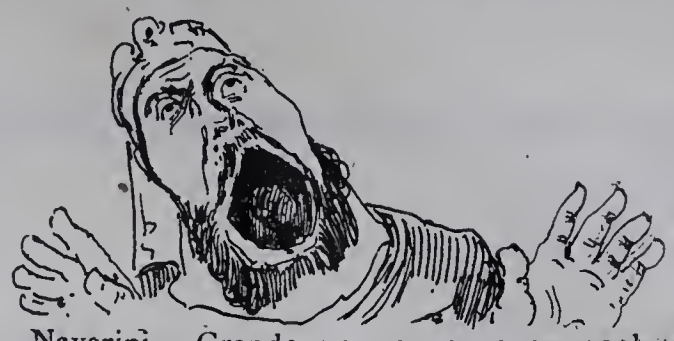
Piazza — Levou baixa de posto. — E o primeiro *ingenuo* da companhia. Depois de ter feito de *Elvino* na *Somnambula*, promette fazer agora a propria *Somnambula.*



Aldighieri — O barytono *immenso.* — Na figura *incommensurabile;* um trecho dos *Apenninos* em movimento. Na voz um *mar*, em maré cheia de dia chuvoso; agua turva. Diz-se que já não tem *quem o proteja* e elle poderá dizer: *Amigo que não presta e faca que não corta...*

Sivori — Outro barytono. — Voz crua mas sã. Está ainda *verde*, mas se fôr *amanhado* com geito e arte ha de chegar a amadurecer bem e a ser um *bom fructo de todo o tempo.*

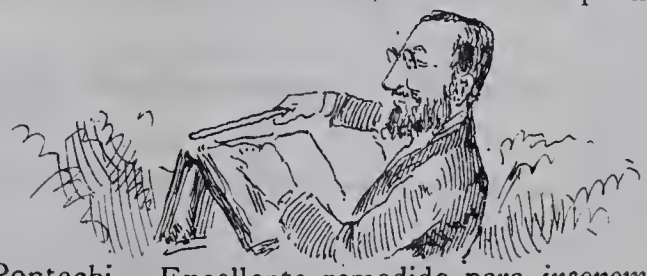
Eduardo de Reszké — O primeiro baixo, com voz que mais parece de barytono. — No estylo é digno *mano da mana*, no talento anda tambem pela mesma. Ao vêl-o na *Hebrea* houve quem o julgasse o *Bispo-Conde*... com vestes cardinalicias. E tanto vale o desempenho de um, como qualquer *pastoral* do outro.



Navarini — Grande voz e pouca ou nenhuma arte. — Quando canta a bocca parece um *frontão.* Já alguns admiradores de obras d'arte teem deitado o binoculo a ver se ali descobrem a figura que o *Cócó* encommendou ao Calmels para *com ella* mimosear o indigena.

Magnani — A quem acima nos referimos — Já reappareceu, mas ainda não brilhou. Está esperando pelos *Huguenotes* em que parece o *Meninas meninas, quem se quer amolar.* Dizem que é muito prestimosa. Que lhe preste.

Dalman — Grande artista, o 1.º da companhia.

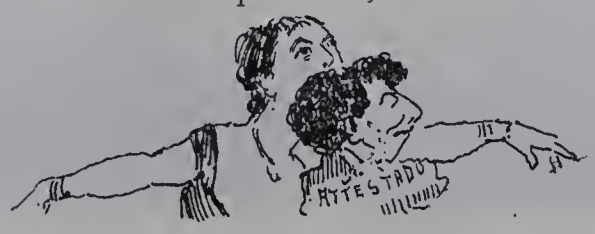


Pontechi — Excellente remedido para *insonomias!*

O caso da Pasqua

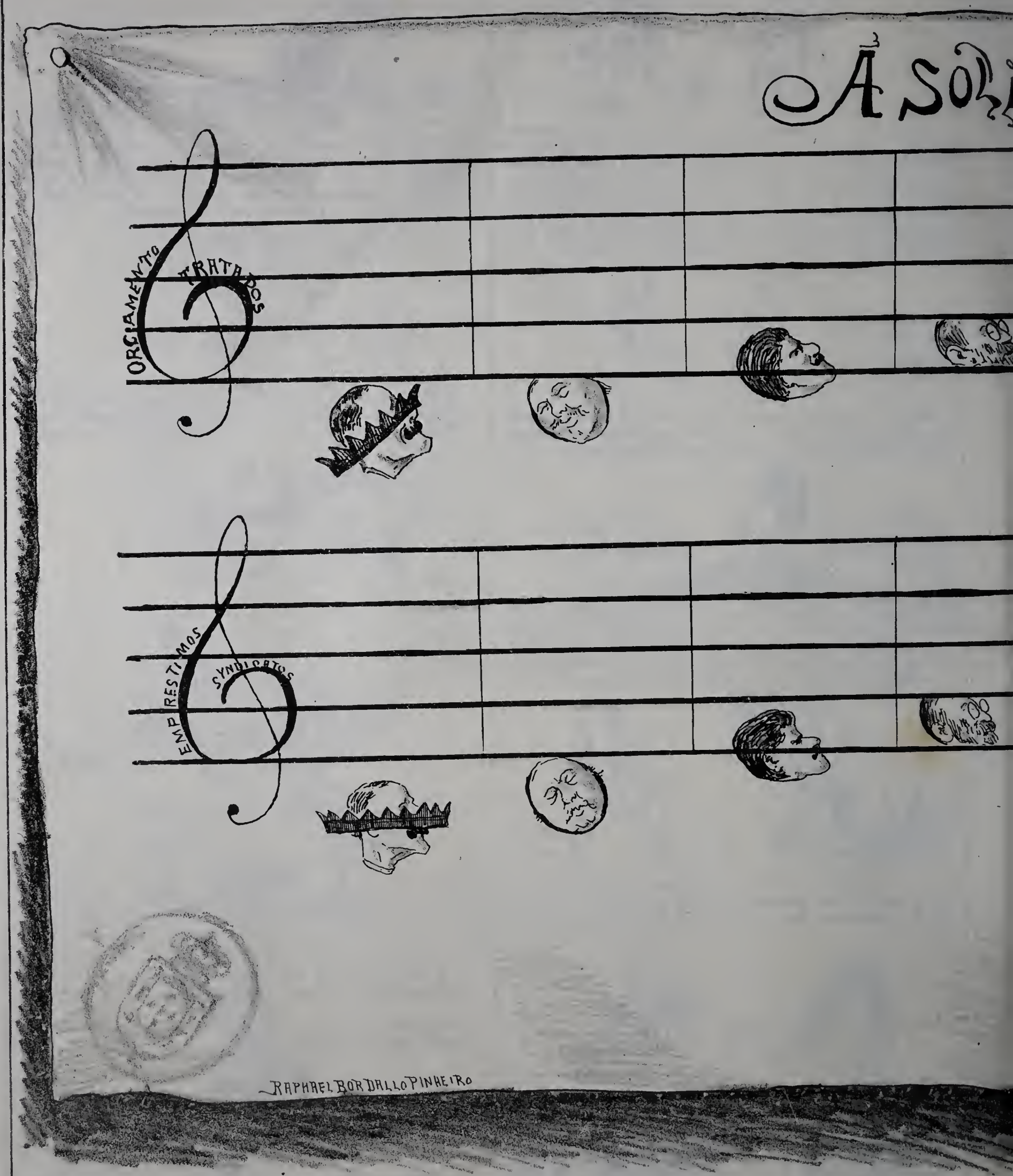
A empreza de S. Carlos teve no domingo de *celebrar a Paschoa... dos judeus*, dando a *Hebrea* em vez da *Aida.*

Maneira do Brito se salvar deante do publico, ou fazendo cantar a Pasqua assim,



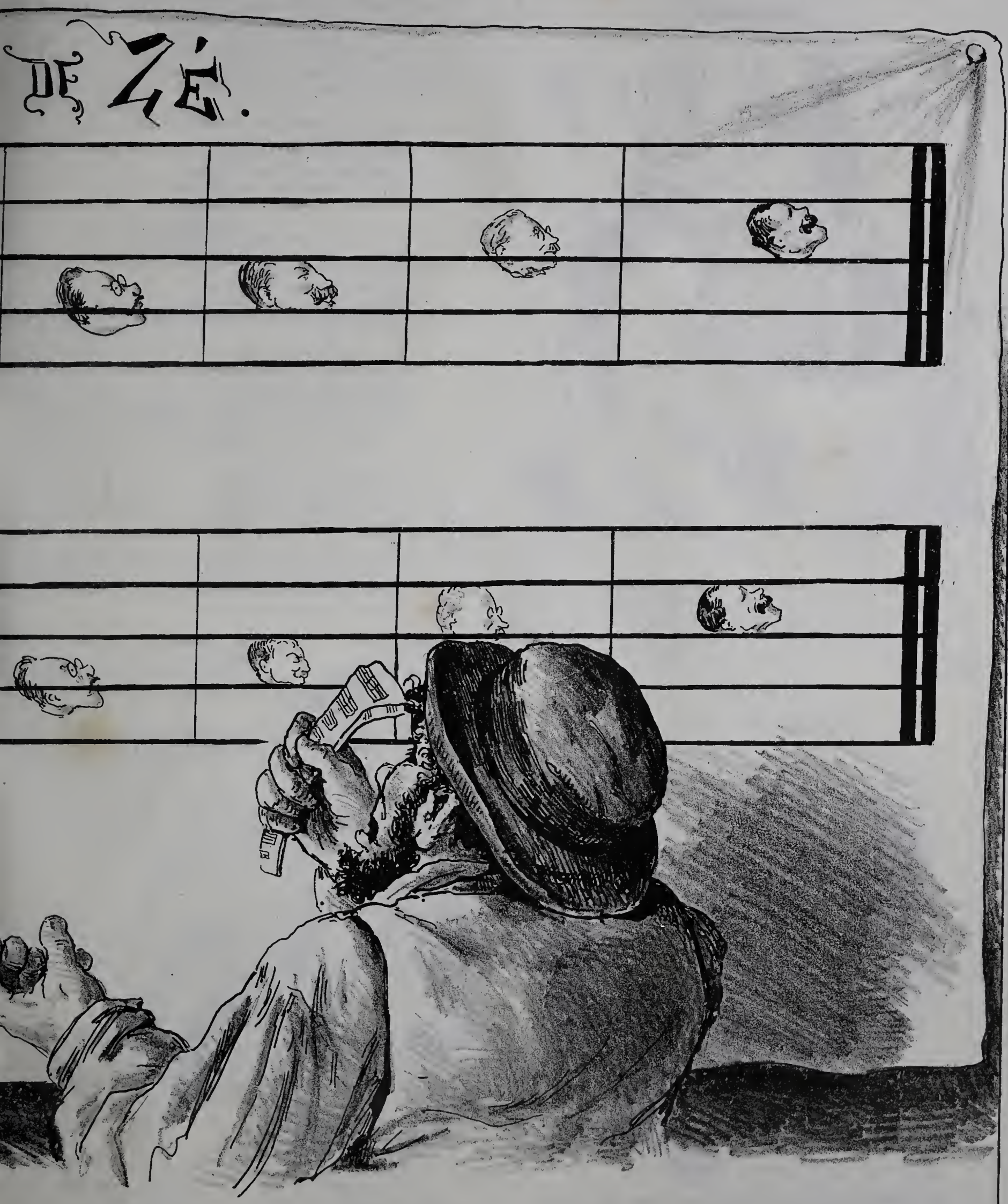
ou d'este modo, fazendo cantar os medicos em vez d'ella, um em cada acto.

AS SETE NOTAS QUE MAIS NOS FEREM E COM Q



Cançado estou de solfejar — não posso mais dizer o dó...ré... mi.

COMPÕEM TODAS AS OPERAS QUE NÓS PAGAMOS



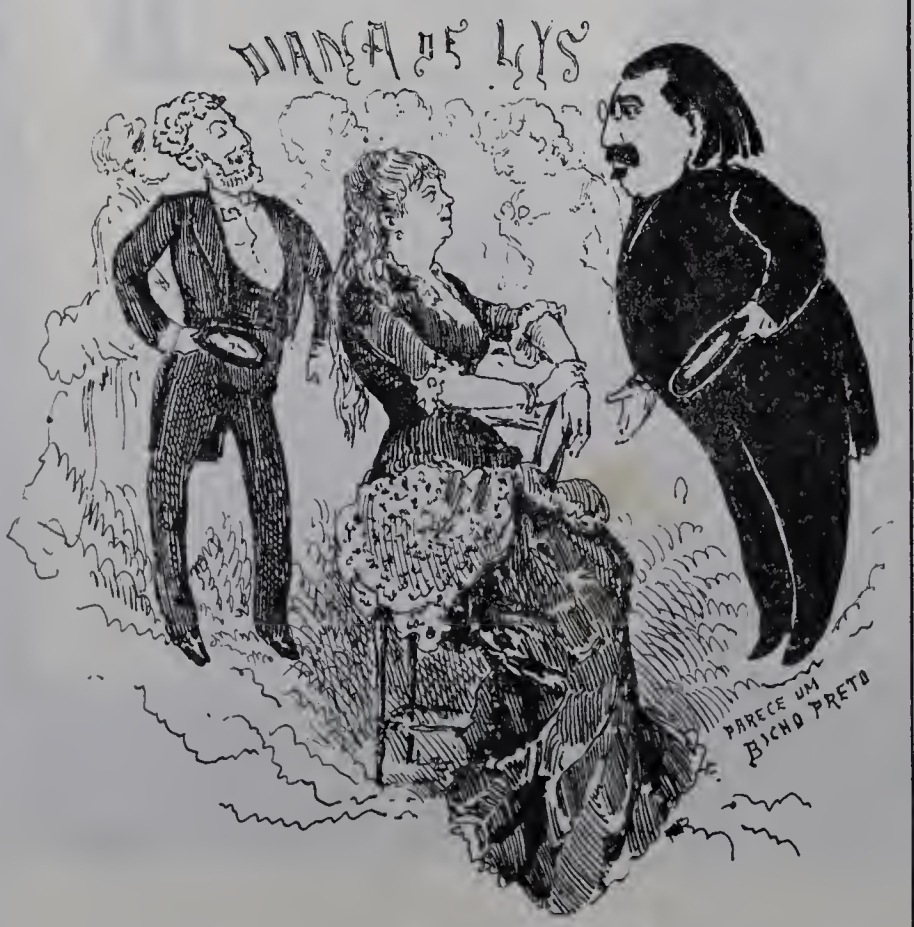
... lá... si... Cançado estou de solfejar não posso mais dizer o ré...

THEATROS

Recreios

Em quanto Emilia Adelaide enervava no Brazil o nome artistico que creára no palco de D. Maria, Lucinda Simões robustecia no mesmo clima o talento sublime que lhe desabrochára no palco do Gymnasio. E depois d'isto venham dizer-nos que a questão é de *clima* e não de *temperamento*.

Gymnasio



Todos esperavam que *se levantasse* porém *ella* conservou-se como os *mediums refractarios:* não buliu nem um pé...

Diana de Lys, se não representa para a empreza um successo theatral para boas *receitas*, representa para o publico uma boa *receita* para somnos catalepticos.

Espiritices

A saloia de Odivellas,
Que diz, com sentir profundo,
Ter visto almas do outro mundo
E até fallado com ellas,
De ser bronca muito dista...
O que ella é, é espiritista.

As velhas mais que maduras,
Que affiançam a pés juntos
Ter conversado ás escuras
Com seus maridos defuntos,
Da estupidez 'stão no abysmo?...
— Qual! — sabem espiritismo...

O que p'las chagas de Christo
Jura, na teima emperrado,
Que lobishomens tem visto
Andarem correndo o fado,
Terá o miolo em torresmos?...
Qual historia! — é um dos mesmos.

A já durazia matrona,
Que lê das mãos pelos riscos,
Será alguma *introjona*
Que ao bago nos lance os viscos?...
Não — espiritista é pura,
— Negas!? — és cavalgadura.

Graças aos estudos serios
Da nova *sciencia* grave
Que de todos os mysterios
Nos veiu trazer a chave!

Kardec, o rei da sapiencia,
Varreu (os sabios o notam)
Com a vassoura da sciencia
Os macaquinhos do sotão.

Amadores decididos da tauromachia, não podemos deixar de saudar com enthusiasmo a troupe de *toureiros* que hoje se encontra em Lisboa... aos macinhos; e não sabemos decidir se nos agradam mais os *toureiros* hespanhoes na praça, se os portuguezes na cigarreira.

O sr. Ligo, que por sobrenome não perca, propoz na associação dos jornalistas que a assembléa se conservasse pelo espaço de dez minutos em silencio absoluto, como demonstração de eloquente consideração pela memoria de Sampaio.

É deveras *eloquente* este systema de exaltar de bico calado as virtudes d'um morto illustre e muito devêra agradar á memoria de Sampaio aquella assembléa transformada em exposição de figuras de cera...

A que um grande vulto anda sujeito depois de morto...

SONETO

Disse-me um sabio magico machucho,
De longas barbas, feio como um bicho,
Que do cometa á *bolha*, ou ao capricho,
Devemos nós o espiritismo bruxo.

E, ao soltar esta affirmação do bucho,
D'alma um gemido atroz lhe sae de esguicho;
A vara quebra, ornada de um cornicho,
E rebenta-lhe o pranto de repucho.

E diz: «O meu talento grande e macho
Hoje em dia não dá nem para mechas...
Foi-se o negocio meu por agua abaixo!»

E dando ao vento estas doridas queixas,
Assentou-se de coc'ras n'um capacho
E desunhou-se a manducar ameixas!

Frondoni veiu á liça da imprensa proclamar a excellencia do quarteto austriaco; as damas monoscabadas não podiam encontrar mais apropriado Magriço. Convicção, nervo e grammatica, á altura da gravidade do quarteto.

Quanto daria a sr.ª Pasqua para ter agora a voz d'estes sujeitos.

Borrasca

Em S. Carlos, no domingo,
Desabou chuva abundante;
— E sempre era cada pingo...
Como o punho d'um gigante.

O espaço, d'um tom alegro
N'esses vastos horisontes,
De repente fez-se negro
Como os bigodes do Fontes.

Vendo a borrasca eminente,
As bailarinas na caixa
Calçavam rapidamente
As galochas de borracha.

E o publico atarantado,
Descalçando a fina luva,
Punha a capa d'oleado
E abria o chapeu de chuva.

O Costa perdeu a falla
E o Dantas teve um desmaio,
Ao verem entrar na sala
O *Trovão* e mais o *Raio*.

(Caso novo, extravagante,
Como não ha talvez dois!
O *Trovão* vinha adiante
E o *Raio* chegou depois!)

E o motivo da tormenta
Que deixou o povo afflicto?
— Uma questão turbulenta
Que a Pasqua teve co'o Brito!

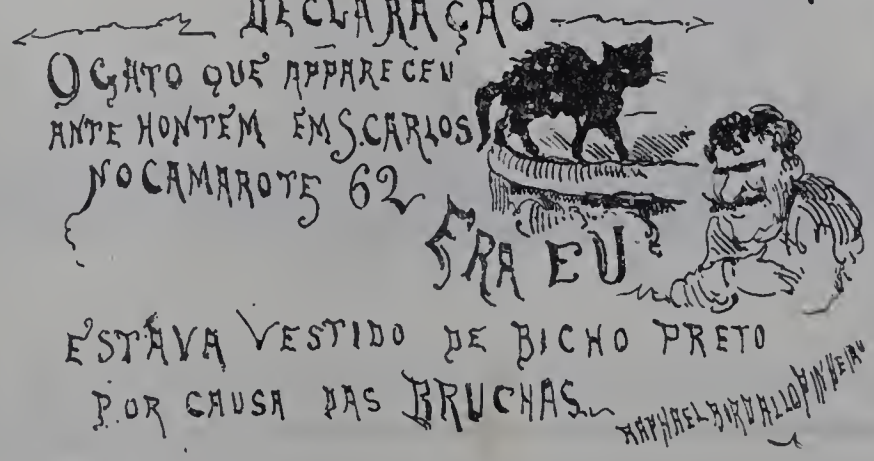
O Brito, falando á Pasqua,
Bradava com desespero:
— Se não vae cantar descasco-a
Como quem descasca um pero!..

Não me convém o serviço
De cantar só a seu commodo...
Diz-se doente... elle é isso?
Pois patenteie esse incommodo...

. . . . . .

O Brito quer, pelos modos,
Que a Pasqua, sem excepção,
Os seus incommodos todos
Comprove por certidão!...

Porém, se a coisa assim for,
Como se assegura agora,
Vereis com gráu de doutor
As lavadeiras da Amora...



JULIAN GAYARRE

O Monte Christo da solfa, por cada nota de musica que lhe sae da garganta entra-lhe na algibeira uma nota do banco. Custa-nos quasi tão cara uma area da *Favorita* cantada por elle como um projecto de lei apresentado pelo sr. Fontes. Ainda assim, antes o grande tenor em S. Carlos do que o grande estadista em S. Bento.

OS MEETINGS ELEITORAES

A musica é sempre a mesma, os cylindros vão estando gastos. Zé Povinho, ouve-os, applaude-os e vae votar nos outros por causa dos *comes e bebes*.

O dia de Finados

Hoje, que os sinos das 25 freguezias de Lisboa badalam doridamente em nome dos fieis defuntos, durante os cinco minutos que lhes limita o edital, nós, que não temos edital que nos demarque a fronteira do badalo, vamos tambem badalar um pouco por conta dos mesmos fieis defuntos.

Ninguem ignora que vivemos n'uma terra onde se guarda o mais profundo respeito pela memoria dos que foram, ao ponto de olharmos com horror para os fornos de cremação e de sentirmos um movimento de tedio só com a ideia de que elles podessem aqui estabelecer-se; é este o nosso modo de sentir — theoricamente. Ora muito bem: em quanto á pratica, dêmos uma volta pelo Alto de S. João.

Ao transpor-lhe os umbraes pensará toda a gente que uma distracção qualquer a desviára das portas de Arroios fazendo-a tormar pelas de Campolide e conduzindo-a assim á quinta da Rabicha, em vez de a levar ao cemiterio. Lá dentro, no *campo do repouso*, como por ahi lhe chamam nos necrologios baratos, confundindo-se com as notas roucas da enxada do coveiro que arranca torrões de grêda do fundo d'uma vala, escutam-se os acordes vivos de algumas malhas de ferro caindo golhofeiramente sobre o tablado d'um bello jogo de chinquilho. Para suavisar o tom lugubre que imprimem ao recinto as longas renques de cyprestes verde-negros, a relva amena cresce aos palmos pelas ruas de passagem e ao sobpé dos tumulos e, como se isto não bastára, uma formosa parreira viceja alegremente, carregada de gordos cachos e verdejantes parras bebendo farta seiva nos soros opulentos dos cadaveres!

Como se vê, não é um cemiterio, é uma horta; não é um retiro dos mortos, é um *retiro dos pacatos*; não tem ramo de perpetuas, tem de ramo de loiro; não convida á meditação e ao silencio, convida á salada e ao peixe frito.

Ora, segundo crêmos, o municipio tem n'aquelle *retiro* um jardineiro effectivo, deve tel-o forçosamente — pelo menos para o effeito das *folhas* mensaes — e, n'este caso, nós podiamos pedir ao municipio que transferisse para local, senão tão productivo ao menos mais apropriado, as pastagens onde se cria o verde com que se engordam as suas alimarias — mas não pedimos coisa alguma... Assistia-nos ainda o direito de sollicitar do director do cemiterio que persuadisse os *habitués* d'aquelle *estabelecimento* a que jogassem o chinquilho na Perna de Pau e fossem comer para casa as pescadinhas de rabo na bocca — mas não usamos d'esse direito...

Restava-nos finalmente o recurso de appellar para os nossos collegas da imprensa seria, rogando-lhes com instancia que pozessem momentaneamente de parte essas questões importantissimas que se debatem no seio da Europa, taes como o julgamento de Arabi e a eleição do sr. Joaquim Namorado, para consagrarem quatro linhas que fosse a esta questão de simples decoro pela memoria dos mortos, visto como a nossa indole patusca nos não permitte tratar a serio nem do que mais intimamente respeitamos — mas não fazemos appello nenhum á imprensa seria.

Appellamos simplesmente para os poderes publicos, lembrando-lhes a conveniencia de substituir o cemiterio por uma vasta *equarissage*, o que será evidentemente muito mais util para os vivos... e muito mais piedoso para os mortos...

Pan.

É como lh'o conto

Li hontem que o espiritismo,
Que por ahi anda á solta,
Ao miolo já deu volta
D'um tal fulano d'anzóes;
Pois a quem dá a noticia
De conhecer um apenas,
Podia mostrar dezenas...
Ha pouco aturei eu dois!

Dizem coisas espantosas
Que fazem tremer as pelles...
Chega a gente a ter dó d'elles
Quando arquejam como folles...
Chega mesmo a haver vontade
De pedir com as mãos postas,
Que apitem todos os Costas
A' porta de Rilhafolles!

Mas... oh tetrica lembrança...
Tristes de nós, luzitanos,
Se do Fontes nos tutanos
Lança a mania as scentelhas!...
Tristes de nós se elle, em vez
De se aguentar nas tamancas,
Começa a brincar co'as bancas
Em companhia das velhas!

Allan Kardec, esconjuro-te,
Pois tens malditos livrinhos
São saccos de macaquinhos,
Que a tua penna despeja!...
— Contra ti não basta o Costa,
Que apitando se esfarrapa,
— Apite o prior da Lapa
Sobre o telhado da egreja.

O prologo do drama do sr. Jardim

O CASAMENTO CIVIL

Retrato da unica pessoa que póde fazer a critica, que póde vêr e que póde applaudir o tal drama. Tambem é o retrato da unica que o póde. — escrever

Aos annos de Zilá

Hontem á noite disseram-me,
Á saida do theatro,
Que na terça feira proxima
Fizeras 44.

Lembrei-me apóz, quando á porta
Mettia a chave do trinco,
Que na mesma terça feira
Tinha eu feito 25.

E occorreu-me á meia-noite,
Quando ouvi cantar o gallo,
Que ha entre os meus e teus annos
19 de intervallo.

E cheguéi á conclusão,
Vendo que são 19,
Que quando eu fizer 50
Fazes tu 69...

Pan.

O explorador Brazza

A França toda tem os olhos fixos n'esse explorador extraordinario que acaba de arvorar a bandeira tricolor n'alguns milhares de geiras africanas, sem se importar muito sobre se as suas famosas *descobertas* são originaes ou plagiarias, e se os terrenos explorados serão effectivamente uma verdadeira *exploração* — na accepção pittoresca do nosso calão indigena.

A Europa maravilhada olha tambem de soslaio o ousado viajante e a nós cumpre-nos, como mais interessados n'essas *explorações*, deitar-lhe tambem o rabo do olho, á espera de que elle venha *descobrir* o Terreiro do Paço e espetar a flamula franceza na dextra do D. José de bronze, — com o que a geographia não perderia muito e nós talvez lucrassemos alguma coisa...

SONETO

Dedicado á distincta actriz D. Lucinda Simões por um curioso dramatico aposentado

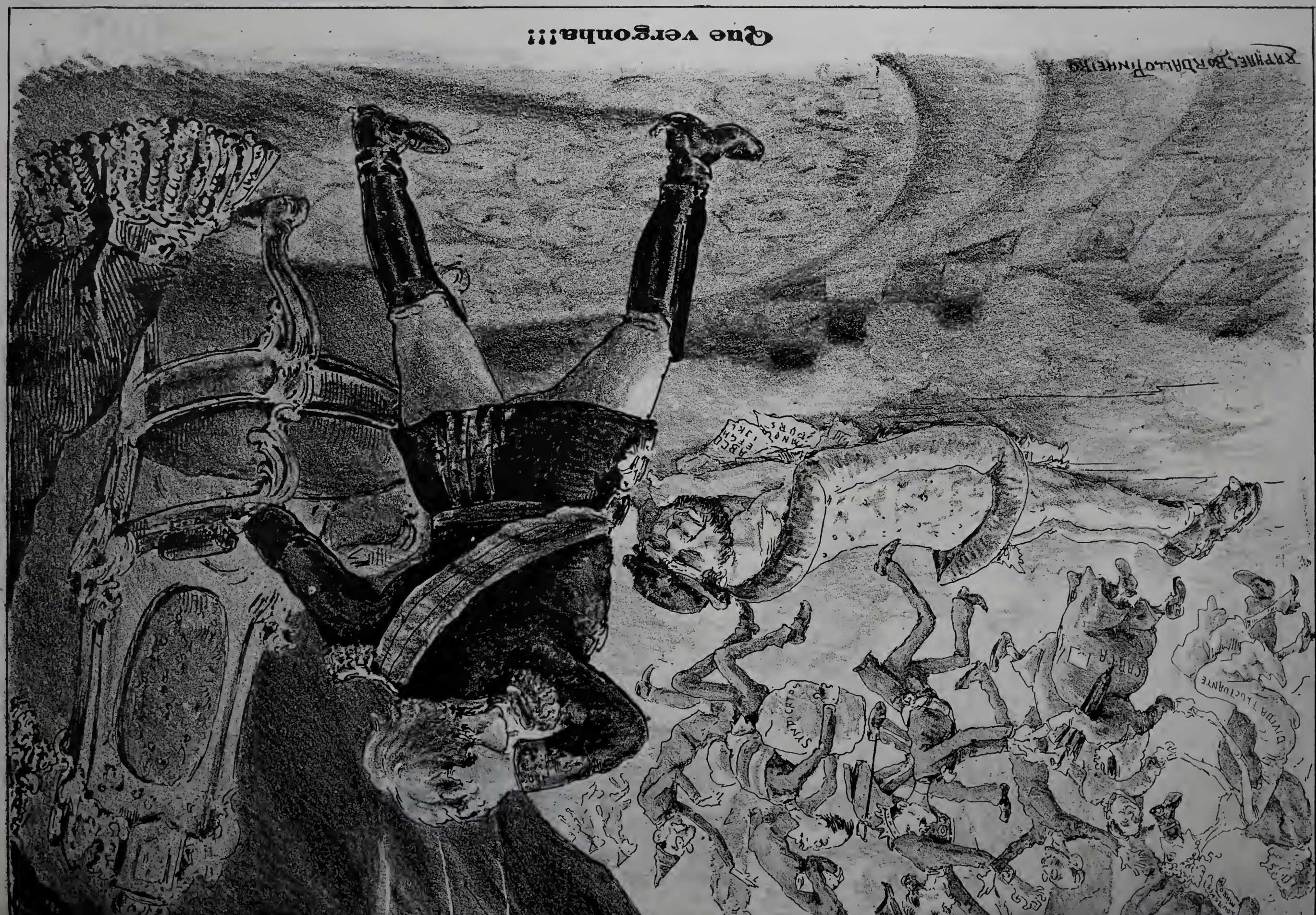
Lucinda, actriz gentil, que te *partiste*
Para o Brazil, deixando *descontente*
Quem aqui desejava *eternamente*
Ver-te na alta comedia ou drama *triste;*

Quando para o paquete tu *subiste*
Um pedido a Deus fiz: disse, *consente*
Que o que tem pela arte amor *ardente*
Lucinda torne a ver. Não sei se *ouviste.*

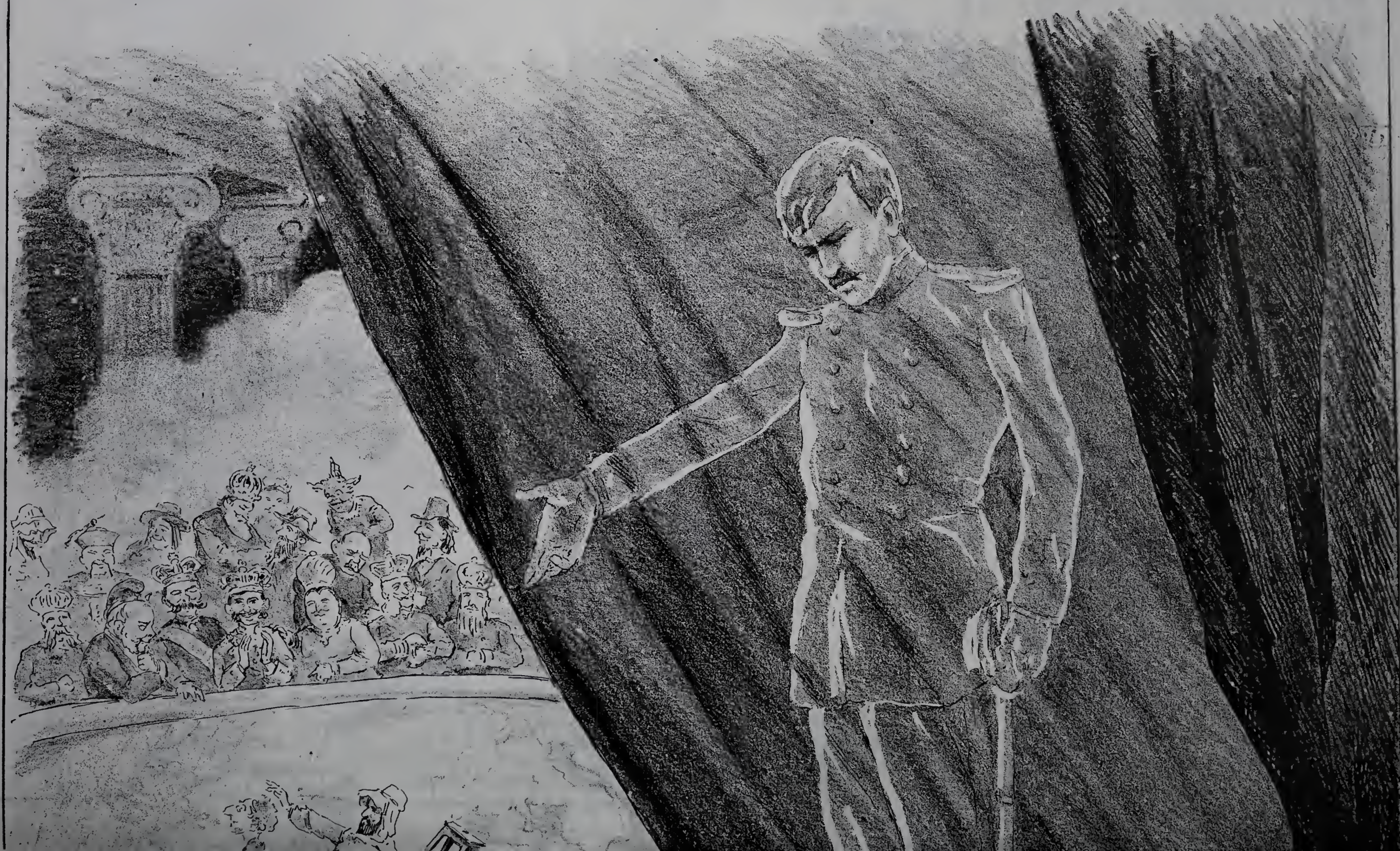
Não julgava um favor tal merecer-te.
Que me adoçou a magua que ficou
De ver a lusa scena assim perder-te.

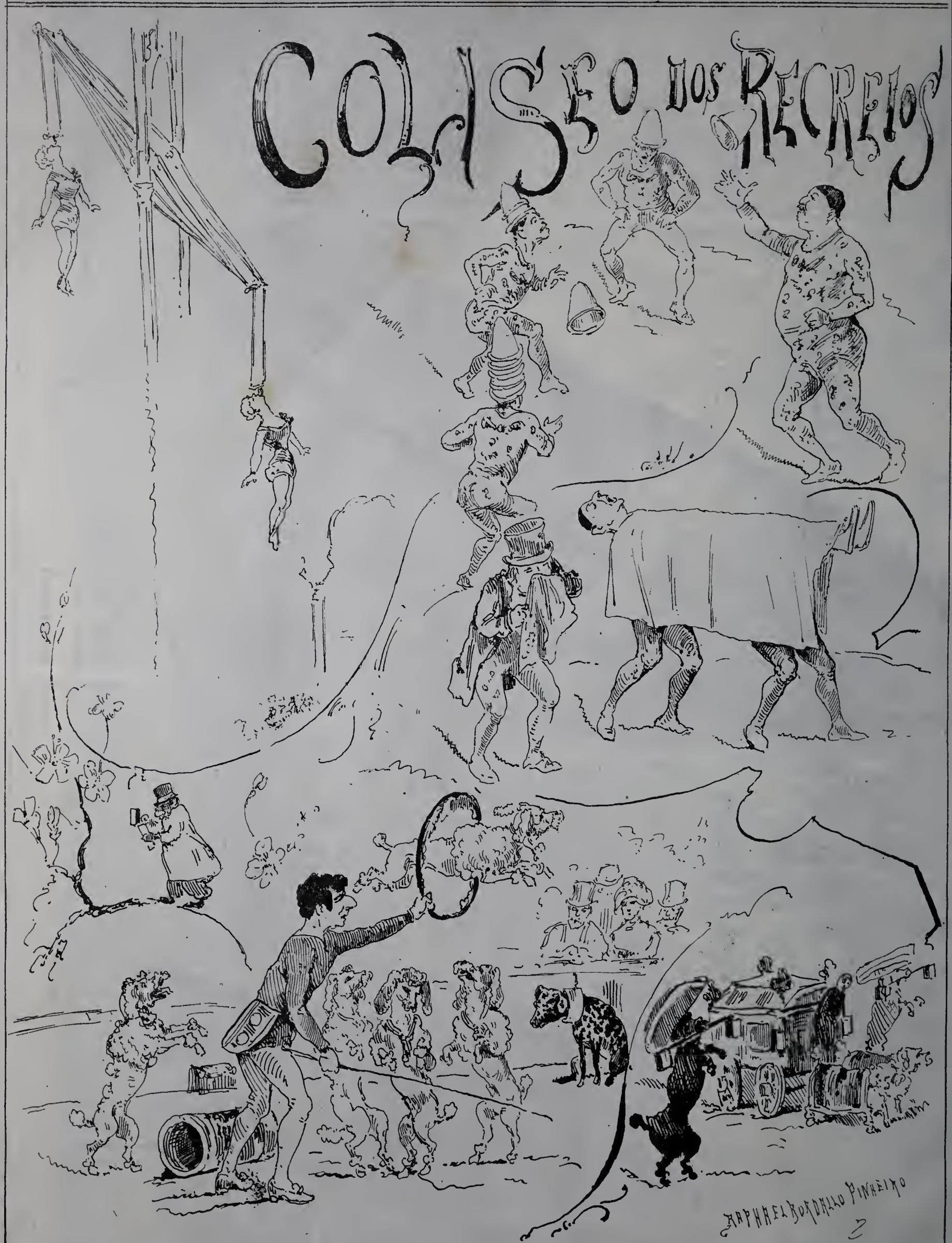
Meu profundo desgosto se encurtou,
E de novo na scena agora ao ver-te,
Renasce o ardor que o tempo me levou.

Os candidatos em disponibilidade, alapardados durante mezes na maceira do ostracismo, começam a levantar o fremento, pedindo ao Zé forneiro que os metta no forno da representação nacional. Nós recommendamos ao forneiro que seja cuidadoso em lhes verificar o *peso*, não se illudindo com os *páes* balofos, se não quer que lhe saia a multa da algibeira.


Que vergonha!!!
RAPHAEL BORBALLO PINXIT
SYNDICATO
CURA
DIVIDA LUCTUANTE

NO DIA DE FINADOS





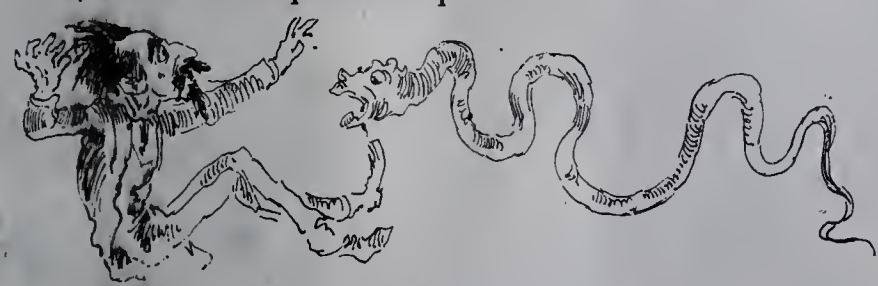
Umas mulheres formosas, uns artistas notaveis e, sobretudo, uns cães tão intelligentes que se nós foramos os altos poderes do estado não duvidariamos chamal-os a constituir gabinete, reservando a cadeira da justiça para o macaquinho da lanterna, como homenagem de profunda consideração pela memoria d'um grande vulto que, em tempos que não vão longe, occupou gloriosamente aquelle logar...

COLISEU DOS RECREIOS

E, já que fallámos no *Colyseo,* aproveitemos o ensejo para agradecer á empresa o *fauteil* com que nos honrou e que de *fauteil* só tem o nome porque na massa parece-se muito com uma cadeira do asylo de mendicidade, o que aliás não nos surprehendeu nada, pelo habito em que estamos de ver os jornalistas tratados pelas emprezas theatraes como pobres do asylo, notando apenas que tal cadeira á insufficiente para comportar um jornalista e uma pneumonia — mercê do local escolhido.

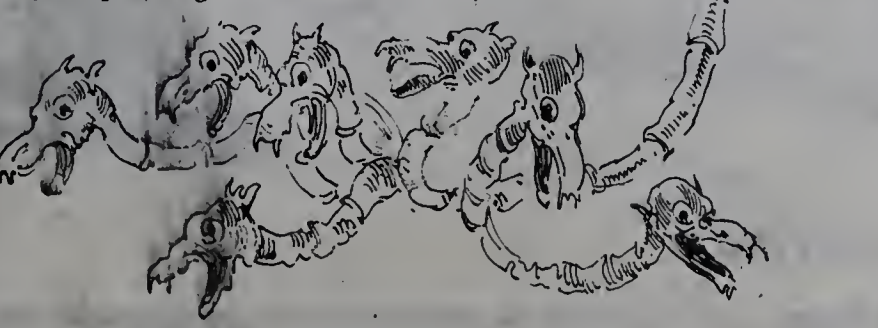
A semana... da Pasqua

Alleluia! Depois de tantos attestados de medicos lyricos, descobre-se que a Pasqua tem... a *tenia!!*



Agora é que a empreza *vê uma bicha...*

que, segundo este amador,

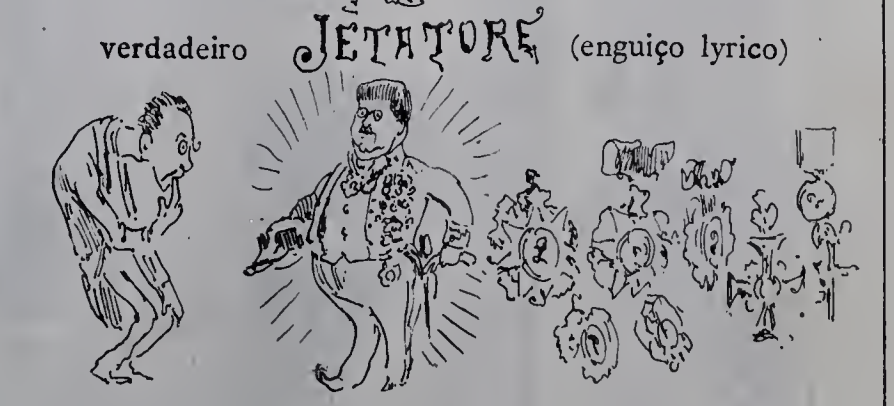


será de *sete cabeças*

Os medicos pensam em applicar á cantora um *tenifero,* que poderá ser este

ou este.

verdadeiro JETATORE (enguiço lyrico)



que para ser conhecido de todos em Italia vae para lá ser *exportado* em *effigie* por este modo

segundo uma photographia de Fillon. Vide a *montre* do mesmo.

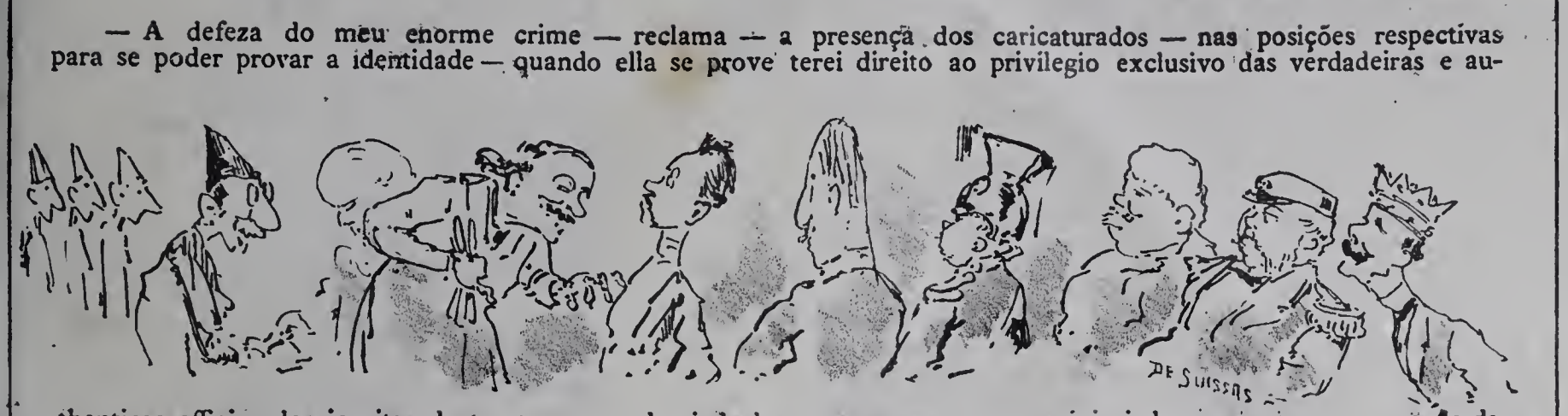
A CANDONGA ELEITORAL

Aos republicanos — Tenham vocês o olho que quizerem, que elles hão de passal-o sempre com *carneiro com batatas*.

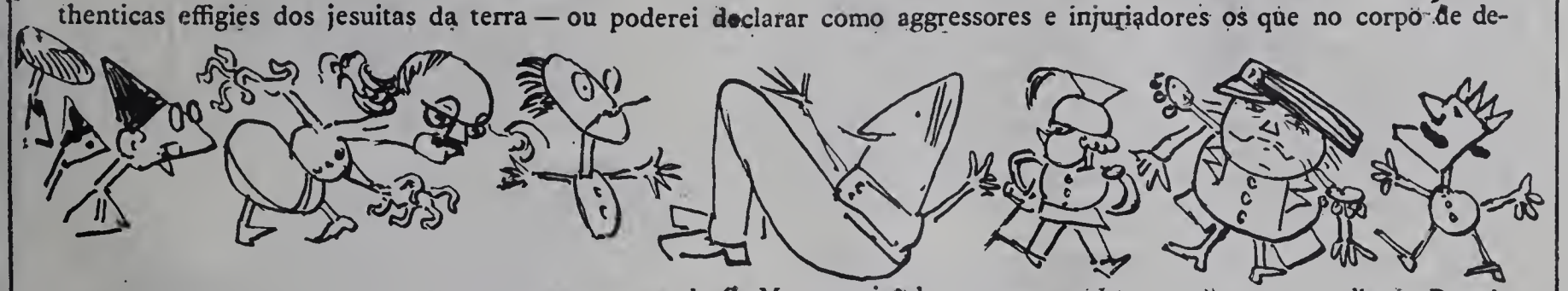
QUERELLADOS!!! PRESOS!!! E AFFIANÇADOS (200$000)

Oh Costa apita

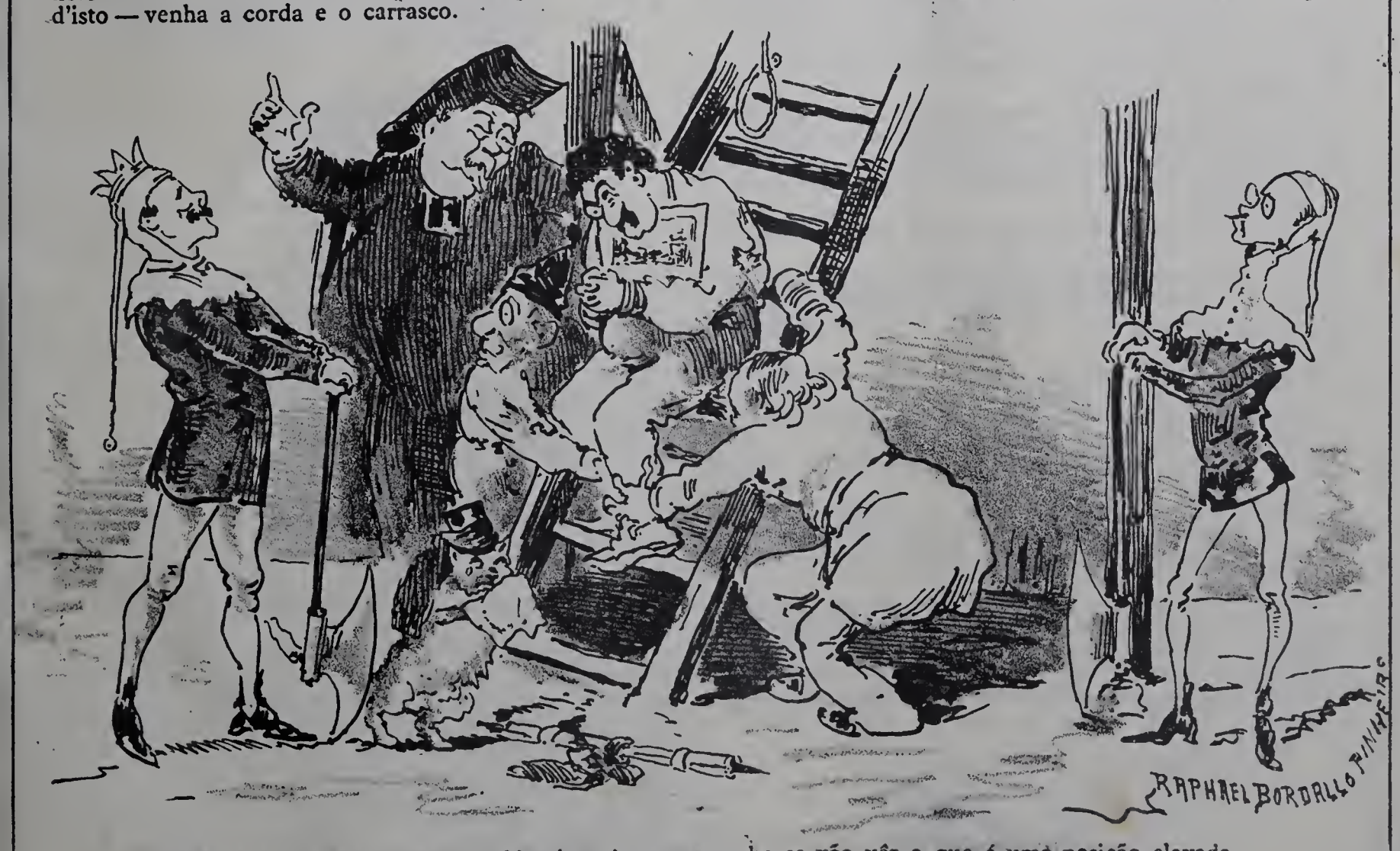
— A defeza do meu enorme crime — reclama — a presença dos caricaturados — nas posições respectivas para se poder provar a identidade — quando ella se prove terei direito ao privilegio exclusivo das verdadeiras e au-



thenticas effigies dos jesuitas da terra — ou poderei declarar como aggressores e injuriadores os que no corpo de de-



licto identificaram com estes bonecos as pessoas de S. M. e quejandos — requerendo querella contra elles — Depois d'isto — venha a corda e o carrasco.



Comèço a subir, e em chegando lá acima é que os senhores vão vêr o que é uma posição elevada.

Uma querella em salmoira

Acaba de ser processado o *Antonio Maria*. O numero que determinou a querella é o 154, publicado a 11 de maio d'este anno, isto é, ha seis mezes menos dois dias.

E ainda ha quem affirme que a justiça n'este paiz anda a passo de churrião! E ainda ha sugeitos que resolvem não voltar mais ao Limoeiro com o utilissimo pretexto de que lhes apodrecem por lá os ossos, em quanto a justiça lhes enfronha os autos para dormir sobre elles o seu somninho moroto!

Quem instaura um processo complicadissimo na bagatella de cento e oitenta dias, é papa assorda... Pois não foste!...

Que se vejam n'este espelho os detractores encartados da boa perna da justiça... Que acudam em chusma os andarilhos famosos d'este mundo e ilhas adjacentes, se querem apanhar uma coça na prosapia, como aconteceu ao Bargossi com um primo do meu gallego...

E senão, oiçam.

Ha seis mezes que o ministerio publico deu querella contra o *Antonio Maria*; o tribunal instaurou-lhe immediatamente processo; foram chamados os peritos competentes para o exame de sanidade: o Manuel Bento de Sousa, o Alvarenga e o Assis de Faro; os clinicos procederam á autopsia do *Antonio Maria*, arrancando-lhe as visceras, que depositaram dentro d'um vidro cuidadosamente rolhado e lacrado, como quem enfrasca aguardente de ginjas para o inverno; depois de aturado e escrupuloso exame a toda aquella mixordia, encheram de rhetorica scientifica dois ou tres cadernos de papel sellado, e mandaram tudo — viceras e rhetorica — para o cartorio do escrivão respectivo.

Pelo seu lado, o tribunal não descançava; os officiaes de diligencias andavam todos n'uma dobadoura; inqueriam-se testemunhas, procedia-se a devassas, davam-se buscas nos domicilios... um inferno! E o processo crescia, crescia a olhos vistos, como aquelles globos de borracha vermelha quando lhe assopram pela gaitinha...

Finalmente concluiu-se!!!

Estava enorme, espantoso, descommunal! Tinha, quando embrulhado debaixo do braço do fiel de feitos, a apparencia phantasmagorica d'um grande paio de Arraiolos!

O escrivão examinou-o, rubricou-o, compulsou-o e perguntou ao juiz:

— V. ex.ª não me dirá o que hei de eu fazer d'este chouriço?...

— Eu sei lá! respondeu o magistrado — leve-o comsigo e ponha-o ao fumeiro na chaminé do seu cartorio... póde muito bem ser que ainda nos venha a ser util n'algum dia de jejum...

Passaram-se dias, semanas, mezes, e a empreza de S. Carlos annunciou o debute do Gayarre...

E a folhinha do padre Vicente accusou a approximação do dia 25 de novembro — a renda das casas...

E o tendeiro, o sapateiro, o alfaiate e o cortador começaram a mandar as contas...

— Está mal! — disse o juiz para o escrivão; A paparoca vae faltando, e eu sinto um appetite dos diabos...

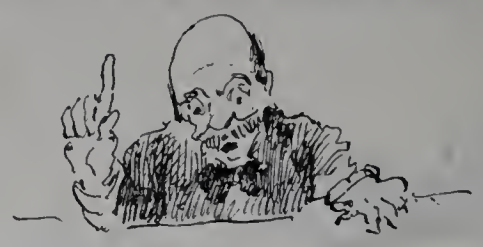
— Se v. ex.ª quer que eu traga algum reforço da salgadeira...

— Pois traga, traga... Olhe... ponha-me nas brazas o chouriço do *Antonio Maria* que já deve estar bem curadinho...

E aqui está como o chouriço veiu a lume: tinha chegado o *dia de jejum* e era preciso comer alguma coisa...

PAN.

Desenganae-vos!



Desenganae-vos rapazes
Que lidaes pela *vermelha*;
Esta monarchia velha
Não cae com dois safanões:
Do *bago* que nós lhe damos,
Tirado ao pão da barriga,
Forja as armas com que briga
Para vencer eleições.

O proprio *Zé*, que por vezes
Contra a *choldra* ergue o seu grasno,
É o tal pedaço d'asno
Que se vende... vil, soez!...
Se vendendo-se aos farcistas
Mostra falta de miolo,
Dá prova de maior tolo
Quando chora o mal que fez!

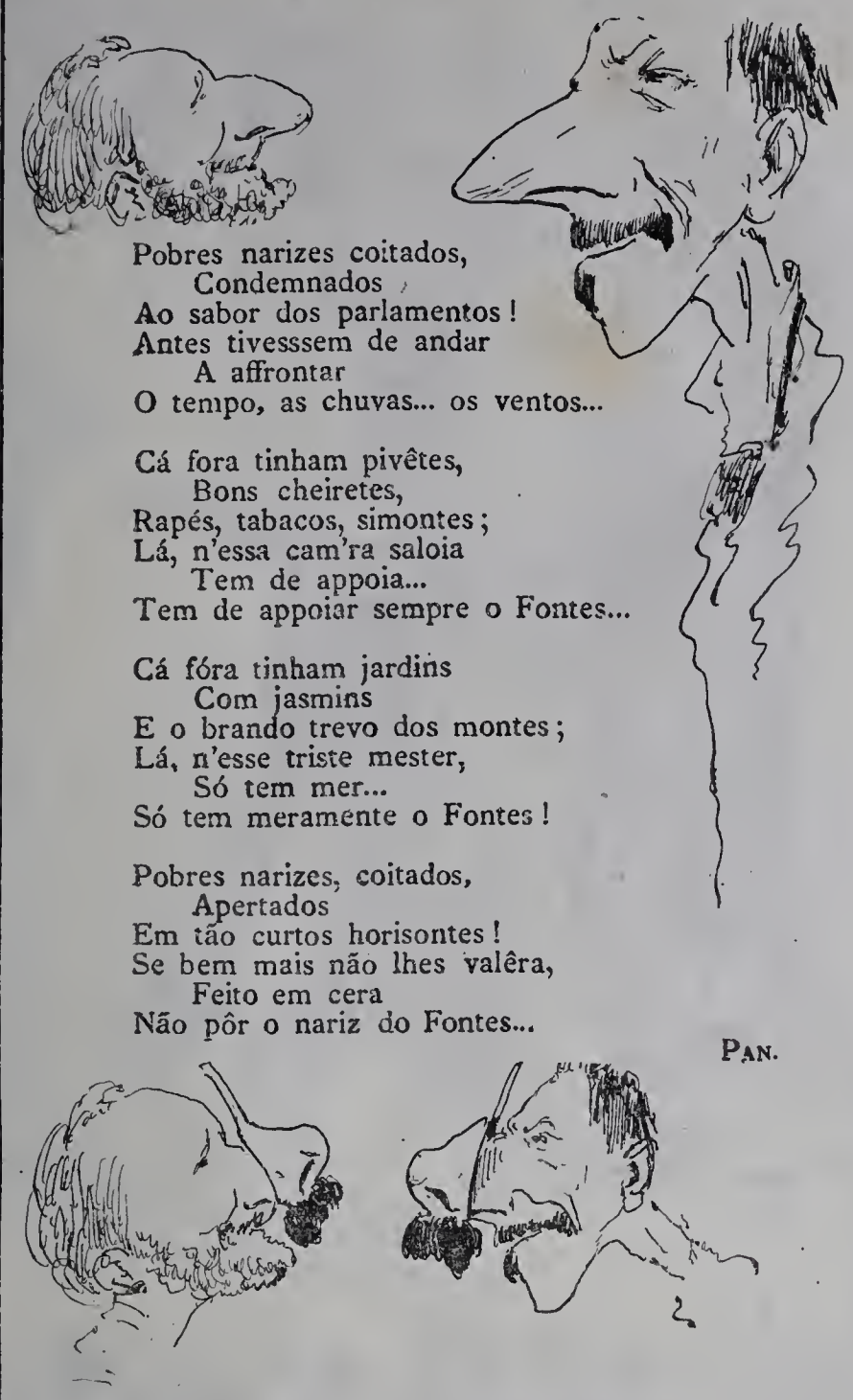
Diz o *Zé*: «Duros tributos
Me fazem vergar o lombo,
Aos mandões sirvo de bombo,
Minha sorte é sempre amarga!»
— Pois que querias, palerma?!
Outra sorte não esperes:
Em quanto tu te venderes
Has de ser burro de carga!

Desenganae-vos, rapazes;
Não leva a coisa caminho,
Porque o lorpa *Zé burrinho*
Na cabeça não tem luz.
— Quando elle entrar em lamurias,
Batendo co'as mãos na testa,
Dizei-lhe: — Foste uma bêsta,
Só a albarda é que tens jus.

Os gémeos de Sião

Afastára-os o dedo inexoravel do destino, uniu-os o dedo providencial do sr. Fontes. Aquelle queixo isolado grunhia no parlamento os suspiros hypochondriacos d'um corpo sem alma; aquelle nariz abandonado espirrava cá por fóra as endeixas melancholicas de um prato de favas sem toicinho... Mas tudo se remediou: mão piedosa fez brotar do ventre da urna o cordão umbilical que ha de unir no seio da camara electiva esses dois siamezes, que as excrecencias physicas e as dificiencias moraes já tinham unido no seio d'esta *camara optica*...

Pobres narizes!



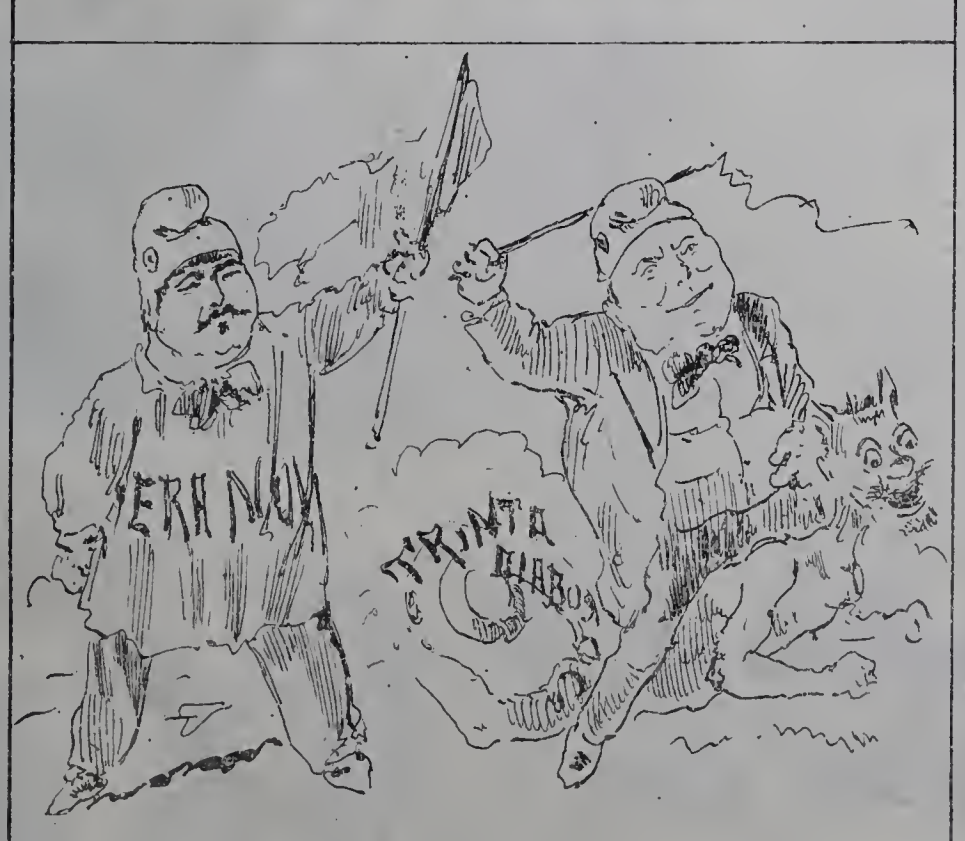
Pobres narizes coitados,
Condemnados
Ao sabor dos parlamentos!
Antes tivesssem de andar
A affrontar
O tempo, as chuvas... os ventos...

Cá fora tinham pivêtes,
Bons cheiretes,
Rapés, tabacos, simontes;
Lá, n'essa cam'ra saloia
Tem de appoia...
Tem de appoiar sempre o Fontes...

Cá fóra tinham jardins
Com jasmins
E o brando trevo dos montes;
Lá, n'esse triste mester,
Só tem mer...
Só tem meramente o Fontes!

Pobres narizes, coitados,
Apertados
Em tão curtos horisontes!
Se bem mais não lhes valêra,
Feito em cera
Não pôr o nariz do Fontes...

PAN.



Os prelos republicanos expluiram mais duas bombas de dynamite: *A Era Nova* e o *Trinta Diabos Comp.ª* As instituições deitam-lhes a lingua de fóra, mas não é com o fito da sorriada é com o ardor da pimenta.

Os candidatos infelizes

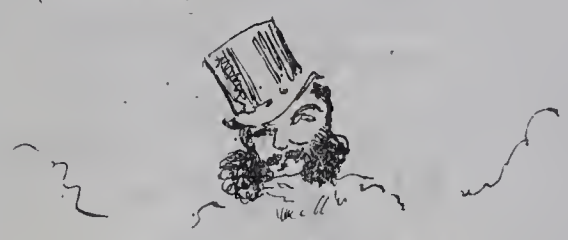
Ao Magalhães Lima

Ó terrivel demagogo,
Petroleiro do demonio,
Que sem tregoas lanças fogo
Aos thronos — de Santo Antonio;

Tu que discutes e altercas
Contra a c'rôa dos reinantes,
Porque é que os votos não mercas,
Com *meias c'rôas* soantes?...

De Mirabeau, nos comicios,
Sempre a constante parodia!
Sempre os mesmos exercicios,
Sempre a mesma palinodia!

Apresenta-te á moderna:
Mais bago e menos parola...
Que o povo não se governa
Com cantigas á viola...



Ao Namorado

Namorado inconsolavel,
Casquilho entre os mais casquilhos,
A que a sorte inexoravel
Deu co'a taboa nos fundilhos;

Namorado, não te espante
Ter's na lucta dado a borda,
Que a urna, perfida amante,
É vulgar roer a corda...

É devassa e só escuta
Quem lhe encha d'oiro o regaço;
P'ra agradar á prostituta,
Só sendo rico e devasso...

E tu, que em graça e talento
És a flor dos *namorados*,
Tens só cincoenta por cento
D'aquelles dois predica

Ao Maia

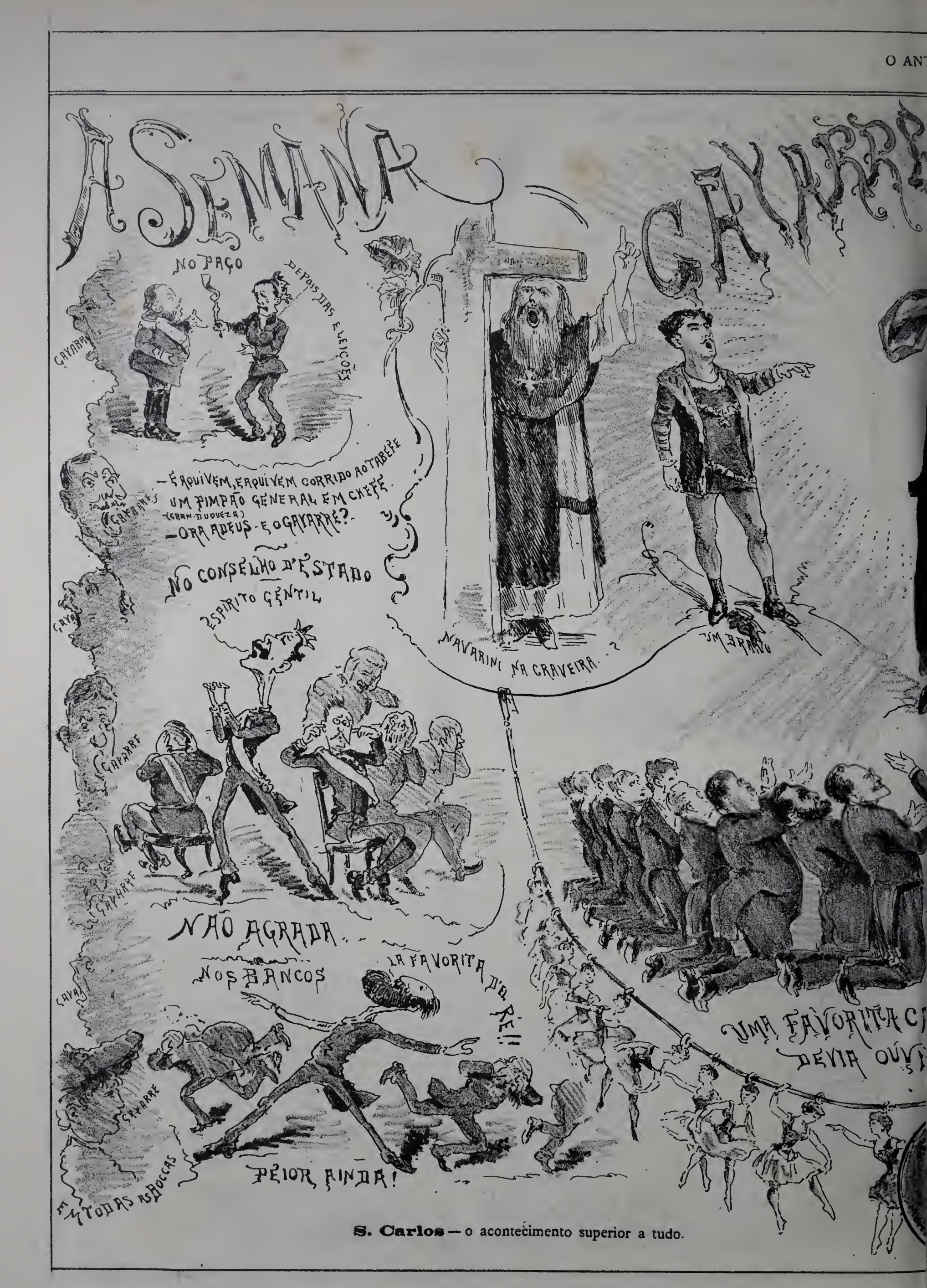
Ó Maia, não te apoquentes
Por motivo tão pequeno,
Que usam falhar as sementes
Se não se estruma o terreno...

Sei que és homem de recursos,
Mas foi arrojo inaudito,
Só com programma e discursos
Ir luctar co'o Periquito!

Elle tem modos serenos,
Tu tens gestos theatraes,
— Mas tu tens nariz de menos
E elle tem nariz a mais...

É se acaso em teu proveito
Do nariz désse metade,
Ficava o caso perfeito
D'aquelle burro e do frade...

PAN.



S. Carlos — o acontecimento superior a tudo.

Uma só voz que abafou as eleições, as querellas, os negocios e o sr. Fontes. — Bemdita voz!

Annuncio do Diario de Noticias, por onde se prova que ainda ha em Lisboa casaes honestos — e maduros:

S. A.

Ha pessoas que podem dispensar 3 ou 4 divisões incluindo cosinha por cima da sua habitação, (agua furtada), mas que não querem alugar por causa do barulho. Ha mulher e marido de 30 a 40 annos, socegados, e de bons sentimentos, elle vae ás 9 horas para o seu emprego e recolhe ás 5, e não tem noitadas, nem mesmo serões; ella trata de todo o arranjo da casa, e só dá á lingua com alguma visinha, quando não lhe póde fugir, e visto que sabe voltar, arranjar e pôr á moda os seus vestidos, entende ser melhor este emprego de tempo, do que dizer mal da vida alheia. Este casal, já com o juizo no seu logar (maduro), deseja nas proximidades da Praça do Principe Real, ou Imprensa Nacional, 3 ou 4 divisões incluindo cosinha.

Empresa encyclopedica

Dá conselhos, cobra dividas,
Põe noticias nos jornaes,
Pela quota deminuta
De quinhentos réis mensaes!

Tem empregados zelosos
D'uma actividade louca,
Tudo de prompto resolve...
Basta só pedir por boca...

Trabalha de noite e dia,
Não tem descanços nem ocios,
Responde a tres mil perguntas,
Trata todos os negocios,

Quer seja uma questão simples,
Quer seja assumpto graúdo...
—Não é barato, é de graça,
Não é empreza, é *faz tudo!*

PAN.

THEATROS

Gymnasio

O *Marido no Campo*, fez com que regressassem a Lisboa os poucos maridos que ainda se achavam no campo e que não quizeram deixar de ver a excellente peça de Gervasio Lobato.

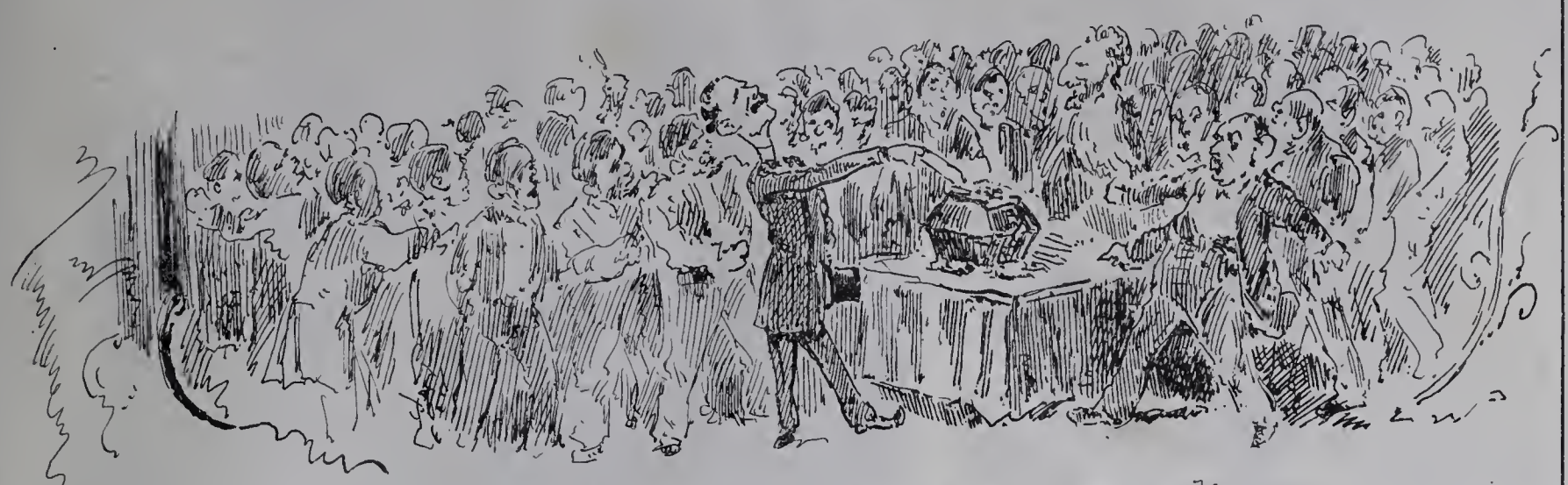
Trindade

Na *Princeza de Trebisonda* debutaram dois novos artistas: uma corista de calção de malha e um macaquinho de saióte de beitilha. Ambos vivos, espertos, buliçosos, não sabemos qual tenha mais disposição para a arte, se a filha da Elisiaria, se o macaquinho do Semith...

O scenario do 1.º acto faz-nos antever a possibilidade de que o Palha transfira um bello dia toda aquella caranguejola para a porta do theatro e se ponha a gritar escarranchado no zabumba:

—*Podem comprrrrrar os seus bilhetes... vae prrrrrincipiarimmediatamente!...*

O coup de grace



Comeste-lhe a carne, roe-lhe o osso...

O principe Antonio soffreu uma assuada quando se apresentou a votar na assembléa de Santa Catharina. Não podemos louvar o procedimento de meia duzia de garotos que compromettem com assobios o bom nome d'um partido honesto, mas é justo que o caro principe, que desvirtuou a urna, fazendo *assuar* os seus adversarios politicos, se *assoe* agora a este guardanapo...

A eloquencia do silencio

Vocês fallam muito bonito e promettem

mas estes não fallam nada e dão...

Mais vale um passaro na mão que dois voando...

O mandato popular

Aos republicanos — emquanto não tiverem uma figura assim para sangrar, não terão representantes.

Quem quer camarões compra-os
E quem quer eleitores faz o mesmo.

Mazella — Expulsão dos jesuitas

Vejam *vossorias* o que eu faria se fosse o sr. marquez de Pombal ou o menino da justiça.
N. B. Agora esperem ao menos que eu desentale a perna para me entalarem com alguma querella.

Lithographia Guedes, rua do Oliveira ao Carmo, 12

O sr. Masella

Governa em Portugal o nuncio, o monsenhor Masella, como se estivesse em sua casa, no meio dos seus famulos, sacristas e outros sacripantes. O sr. Masella, que já tem um appellido fatidico, entendeu que estavamos no tempo de D. João III, e que podia a seu sabor explorar a credulidade dos tolos, a superstição dos beatos e a fraqueza dos governos.

Fez da sua casa um estado pontificio, de que são vassallos o reino de Portugal e suas conquistas. D'ali influe na politica, domina nas consciencias timoratas, perturba o andamento dos negocios publicos e suga o mais que póde, concedendo bullas, dispensas e a propria salvação eterna, com tanto que paguem tudo por bom preço e á boca do cofre.

Não sabemos quantos governos tem consentido n'este desaforo, que não tem tido solução de continuidade desde que o sr. da Masella está em Lisboa; a verdade é que todos nas expansões da intimidade se queixam de que não podem dar um passo sem encontrarem o nuncio pela prôa.

Ora a verdadeira masella é que os governos, por attenção com meia duzia de beatos tabaqueiros e com outros tantos reaccionarios especuladores, aturem a ingerencia do nuncio nos negocios d'este paiz e não lhe mostrem o caminho da porta da rua. A verdadeira fórma da insignificancia dos governos actuaes, da sua falta de vigor moral, é que não achem modo de libertar o paiz da tutella que exerce sobre elle o delegado da curia romana, que não se contenta com o viver lautamente á nossa custa, mas ainda em cima quer considerar Portugal como paiz conquistado.

A verdadeira masella é principalmente a falta de illustração que ainda existe em Portugal e que não deixa destinguir a religião dos Masellas da religião d'aquelle Christo que corria a chicoque do templo para fóra os vendilhões que o maculavam com as suas traficancias.

Não seria preciso que os governos tivessem a energia de fazer aos vendilhões de bullas e mercês espirituaes o mesmo que Jesus Christo fez aos outros, se o paiz tivesse a illustração sufficiente para não engordar os golosos da nunciatura, comprando os generos que se vendem n'aquelle estabelecimento e gastando em devotas bugiarias o dinheiro que podia servir de allivio á miseria de milhares de familias. A nunciatura é o balcão sobre o qual se mercadeja com todos os escrupulos, comtanto que o fiel catholico vire os bolsos do casaco até deitar os ultimos cinco réis. Os governos dos homens novos, dos esperançosos, d'aquelles que alardeiam as suas ideias liberrimas, não se acham ainda com bastante rasão para porem cobro áquella agiotagem feita com as consciencias timoratas de alguns e com a falta de illustração do maior numero. Preferem esperar que o povo abra os olhos e convencendo-se então de que em vez de servir a Deus tem estado a engordar e locupletar os falsos apostolos, se resolva a resgatar com algum procedimento brutal a sua anterior ignorancia e a relaxação de todos os governos.

Que tal está o da rebeca!!!

Co'as eleições do Funchal
Viu-se a monarchia gaga,
Sabendo que o Arriaga
Por um triz que não esmaga,
Um seu defensor leal.

Fontes, o invicto pimpão,
Vendo um desastre tamanho,
Mostra féro sobrecenho,
E com mavorcio arreganho
Caminha em passo de cão.

— Ás armas (brada feroz)
Contra os rabeios da bicha,
Que já não é lagartixa!...
A coisa já se encambicha,
Vae torta p'ra todos nós!

Bravos guerreiros vós sois;
— Um bravo é sempre um catita:
Macedinho, á tropa grita!...
Anda cá, ó Costa, apita
E chama os nossos heroes!
.....

E mal o Costa apitou
P'ra dar fim a nossos males,
O som, por montes e valles,
Na patria do não te rales
Nobres brios acordou.
.....

Monarchia, tremes?... Ah!
Não tremas, minha velhota:
Vê que ninguem te amarrota
Emquanto do barco a escota
Seja do Fontes. Olá!

Amamos-te todos nós;
Não receies a borrasca:
Tu não podes dar á casca...
Nem ha quem tire uma lasca
Ao throno de teus avós.

A hydra feia quiz-se erguer
Do throno contra o caruncho?...
— Manda correl-a a zarguncho...
Agora, emquanto ao ferruncho,
Tem paciencia... é roer.

THEATROS

Recreios

Todos os escriptos de Zola teem um sabor pronunciado, extraordinario, unico. Ao lêl-os e, sobretudo, ao ouvil-os declamar, experimentamos como que uns arrepios intermittentes que se nos estendem ao longo do dorso, constrangendo-nos as caretas extravagantes.

É assim que a *Thereza Raquin* nos devia produzir por vezes o effeito das capsulas do mesmo nome, no momento da deglutição...

Mas a peça de Zola, filtrada pelos labios de Lucinda Simões e de Furtado Coelho perde todos os laivos de impureza e de acrimonia e torna-se doce como um favo de mel e pura como a cera do mesmo favo antes da cresta das colmeias.

D. Maria

E' na noite de 18 a festa artistica de Brazão; o distinctissimo actor vae fazer o *Othello* de Shakespeare, para o que terá de pintar-se de preto. Como homenagem para com o notavel artista, o sr. Vaz Preto já encommendou uma friza e dois logares de platéa para alojar o partido constituinte e meia Lisboa anda-se *pintando* para alcançar bilhetes, mas desconfiamos que ficam todos *pintados*... O sr. Fontes e o sr. conde de Mesquitella são duas pessoas a quem isso hade fatalmente acontecer...

Quando igual sorte nos espere, não deixaremos comtudo de enviar a Brazão um bravo enthusiastico — e uma caixa de pós de sapatos.

Colchêa (pedida)

A esposa do barão — tal
Não é fidalga na lingua.

GLOSA

Pesa tanto como val,
É realmente distincta,
Quando se estuca e se pinta
A esposa do barão — tal:
Por seu merito real
Entre mil damas distingo-a;
Mas se, de phrases á mingua,
Emprega as regateiraes,
É porque, sendo-o no mais,
Não é fidalga na lingua.

Mucio Teixeira é poeta e poeta de costa acima. Com bem razão poderia elle dizer de si mesmo:

Eu sinto dentro d'alma o ardor intenso
Da vasta inspiração!
Lateja-me no peito um fogo immenso,
Qual lava n'um vulcão!

Tenho a lyra de Apollo, o dom dos ceus,
Apanagio do espirito que crê,
Que em vôos o ceu alcança,
Que não se prende á terra, scisma em Deus!
Mas o talento, o amor, a crença, a fé,
São toda a minha herança!...

Mas não disse, felizmente para elle... Se o fizera, não lhe deveriamos por certo o primoroso volume de versos que aqui temos diante de nós, — *Prismas e Vibrações* — de que damos no *Antonio Maria*, um pequeno retalho tirado ao acaso — e tanto ao acaso que só a um equivoco do typographo se deve a composição do que vem publicado, visto como fôra outra poesia, que nós marcáramos no volume que mandámos para a imprensa.

Mas leiam os versos.

Memorias de um sachristão

I

Abril. — Um baptisado. — Bello dia!
A creança nasceu em boa hora.
Por ser mulher, chamaram-n'a Maria.
E' a cara da mãe, — encantadora!
Respingam-lhe agua-benta; junto á pia
Sorriem todos e a creança chora...
Um homem, embuçado, mudo e serio,
Olha de longe: aqui anda mysterio...

II

Chegam de braços dados, bem vestidos,
O noivo — um rapagão, a noiva — bella,
(Serão na alma, como em corpo, unidos?)
Testemunhas, da noiva — uns *primos* d'ella
E do noivo umas *primas*. Concluidos
Os juramentos d'elle e da donzella,
A mulher com uns *primos* vae sahindo...
Vae o marido as *primas* conduzindo...

III

Um enterro. — Ditosa criatura!
Mataram-n'o ou morreu? Tudo é incerto.
A sós estamos, sachristão e cura.
Nem um amigo do cadaver perto!...
Nascer para morrer... grande loucura!
Não dobra o sino. O templo está deserto.
Deixo ao morto uma véla e fecho a porta.
Nascer, amar, morrer; depois... que importa?!...

Rio — 1880.

Como eu quebre

Historia do meu dia de S. Martinho, dedicada aos leitores em geral

Capitulo I. — Eram dez horas da manhã do dia de S. Martinho, abri um olho,

depois outro, depois... não abri mais nenhum. Acordei.

Cap. II. — Apesar de se dizer que até na cama se quebram as pernas, eu deitei as pernas para fóra da roupa sãs, escorreitas, mimosas, rechumchudas e inteiras, como passo a mostrar-lhes, sem offensa do pudor.

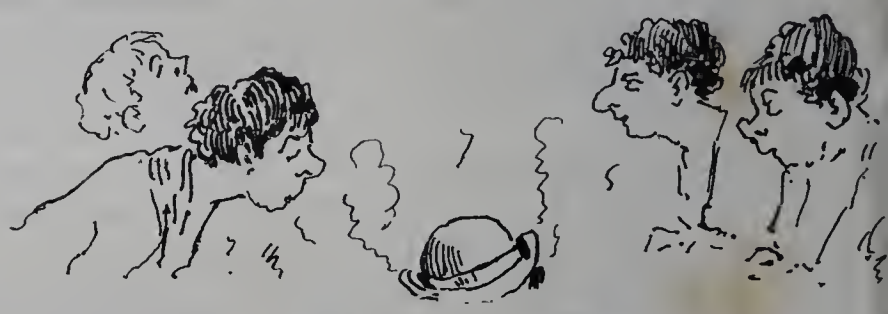
Cap. III. — Por um palpite inexplicavel, por um baque do coração, escorreguei da cama para dentro de uma banheira, e com uma esponja e um sabonete comecei zás—

zás — zás a puxar o lustro aos membros locomotores. E digam que não ha pressentimentos! Se reservo a lavagem para o dia seguinte, já no dia de S. Martinho não podia quebrar uma perna com todo o aceio.

Cap. IV. — Emfim, depois de esfregado, descascado e desencardido, almocei patriarchalmente, e sahi n'este lirorismo de cuja elegancia lhes dou uma pequenina amostra.

Cap. V. — No Chiado era mais a mim,

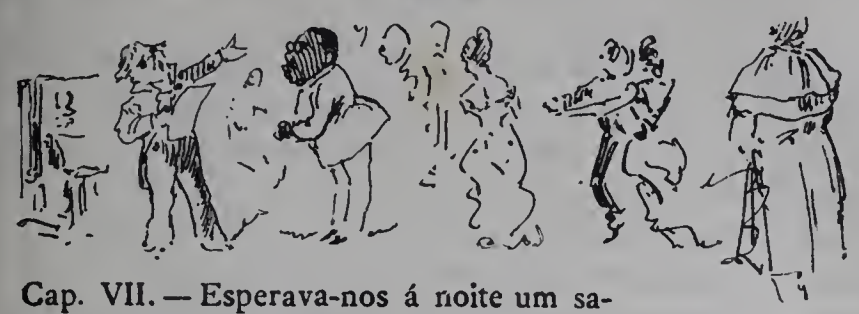
mais a mim. Os lojistas chegavam ás portas; as damas deitavam os narizes de fóra da janella. Era talvez o cheiro desusado do sabonete que attrahia as attenções.



Cap. VI. — Eram 6 horas da tarde, farto de ser admirado, sentava-me á meza defronte de Gayarre e de mais dois amigos, para sacrificar-mos ao nosso appetite devorador algumas iguarias modestas mas succulentas. Nem se fallou de S. Martinho em todo o jantar; nem ao menos se lhe consagrou um copo. Dizia um gastronomo e bebedor celebre, que a festa do S. Martinho era só para os curiosos. Nós demos-lhe razão no sabbado, e pouco faltou para que bebessemos copos d'agua á saude das sociedades inglezas de temperança.

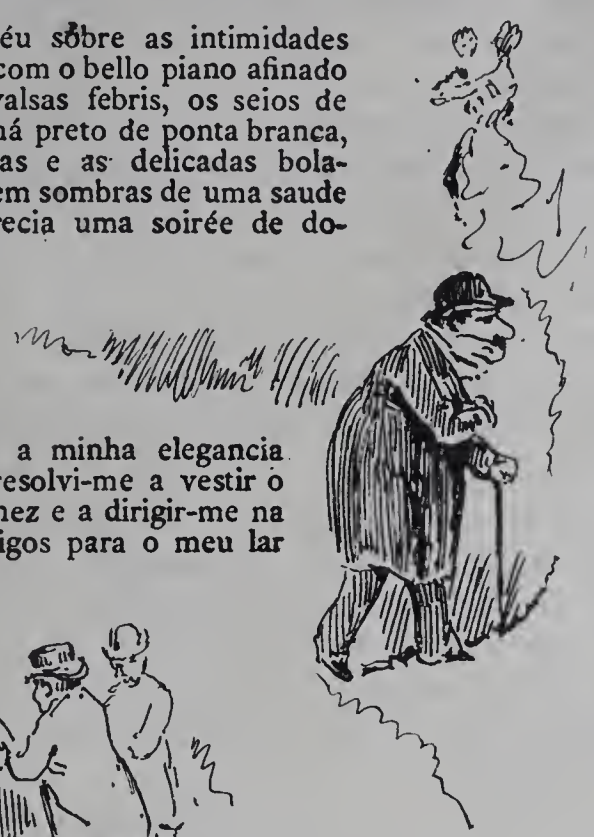
em ser banco

ticular aos amigos que me perguntam como o caso succedeu.



Cap. VII. — Esperava-nos á noite um sarau.

Lancemos um véu sôbre as intimidades do lar domestico, com o bello piano afinado d'aquelle dia, as valsas febris, os seios de jaspe, o delicioso chá preto de ponta branca, as luzentes torradas e as delicadas bolachinhas inglezas. Nem sombras de uma saude a S. Martinho. Parecia uma soirée de domingo de Paschoa.



Cap. VIII. — Perdida a minha elegancia s sombras da noite, resolvi-me a vestir o sacão, a pôr o cache-nez e a dirigir-me na mpanhia de dois amigos para o meu lar mestico.

Cap. IX. — Á porta da rua foram crueis as despedidas — Adeusinho! — Obrigado por

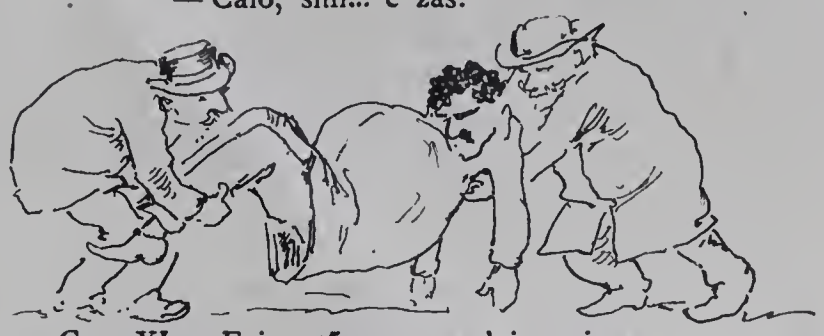
este bocadinho. — Apparece ámanhã mais cedo para conversarmos mais, etc.

Cap. X. — Metti a chave á porta, entrei no patamar...

— Queres um phosphoro, menino?

— Olha, vê lá não caias, como D. Brites.

— Caio, sim... e zás.



Cap. XI. — Foi então que os dois amigos perceberam que eu era um homem de peso. Quando me levantaram e carregaram comigo ás costas eu logo percebi que tinha uma perna partida. Apesar da minha natural modestia, é preciso fazer justiça á minha natural esperteza; tinha descoberto que partira uma perna.

Cap. XII. — Vi-me de repente rodeiado de medicos. Cheguei a suppor que o meu caso seria como o da sr.ª Pasqua, porque alguns dos medicos que me apalparam foram os mesmos que a apalparam a ella. Averiguou-se que não estava no periodo cathamenial. Puzeram-me o apparelho. Que dores! Foi então que eu percebi o allivio que sentem os que atiram com o apparelho ao ar.

Felizmente o pé estava lavadinho d'aquelle dia. Mas os doutores parece que não se contentaram com isso porque mandaram que me regassem o pé de quando em quando com varias essencias fedorentosas.

Cap. XIII. — E aqui me tem os leitores e os meus amigos, preso pelo pé, entalado, sem poder ouvir o Gayarre, e tudo isto, talvez em castigo de ter ceiado chá e torradas em noite de S. Martinho!!

Moralidade

Aprendam n'estas lições,
Que são verdades eternas,
Que é bom lavar os presuntos
P'ra poder partir as pernas.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
Desenho da "que queberado"

A SEMANA

Vae terrivelmente borrascosa esta maldita semana!

Em primeiro logar começou no dia 12... Um dia medonho... Atmosphera turvada lá por cima e cá por baixo. Acusava-se a tempestade tanto no observatorio de D. Luiz como na adega do sr. Quintão. Sentia-se ainda o effeito da trovoada da vespera; tinha caido muita agua; — muita agua e muito vinho... Finalmente: começou em dia de S. Martinho Rapa — nem mais nem menos!

Depois, seguiu-se o dia 13.

O dia 13!! — Vão tomando nota.

E logo atraz veiu uma terça feira!!!

Ora vejam que enfiada de enguiços...

Pois é sob estes brilhantes auspicios que nós temos que escrever a chronica.

E que a chronica, santo Deus!

Uma chronica immensa, infinita, de dez quartos de papel de embrulho; uma chronica que vae fazer com que todos os discursos do sr. Adriano Machado se mordam de inveja — se não lhes pozerem um açaime...

Uma chronica com o Bordallo na cama, de perninha, ligado, enrodilhado, besuntado!

Uma chronica sem o sr. Fontes em acção.

E com o sr. Hintze em tregoas.

E o parlamento ainda fechado.

E as batotas outra vez abertas.

Uma chronica erma; sem ponta por onde se lhe pegue; completamente nua...

Uma chronica frontão!

Conta-se que um grande escriptor francez, a quem os editores pagavam a franco por linha, se soccorria do expediente do dialogo, temperado da seguinte forma:

— «Conclua, senhor!

— Já conclui.

— Mas disse...

— ...

— Infame!

— Ah!

— Eh!

— Ih!

— Oh!

— Uh!

Bradaram os assistentes»...

E salta para cá onze francos...

O expediente é engenhoso mas para nos servimos d'elle faltam-nos dois requisitos: ser francez... e grande escriptor.

N'estas circumstancias teremos de lançar mão do unico assumpto momentoso que se debate nas paginas da imprensa.

É um assumpto porco, muito porco, porquissimo, que não falla senão de porcos, que não trata senão de porcos; uma verdadeira porcaria, em que não temos remedio senão metter o bedelho...

O *Diario de Noticias* concedeu-lhe um logar honroso na sua primeira columna, a dos *assumptos do dia*, e nós não podemos regatear-lhe igual distincção. O artigo não é da redacção do *Diario de Noticias*; vem firmado pelas iniciaes F. A., que é a clave para o diapasão de baixo — o sr. De Reszké, pelo menos, não canta por outra...

Mas vamos ao artigo.

— «Eu desejaria (escreve o correspondente) eu desejaria que se perguntasse aos srs. salchicheiros quanto lhes rende a carne e pedaços de toicinho, de que elles fazem aquelles saccos com pimentão, a que chamam *chouriço de carne?*»

Pois os salchicheiros que lhe respondam, porque esta questão de chouriços é muito melindrosa, e d'um momento para o outro póde inflammar-se, irritar-se e cuspir as ultimas injurias, como já succedeu aqui ha tempos com o sr. José Luciano de Castro.

Mas reatemos o fio da correspondencia:

— «Sendo esta carne tirada aqui e ali, nas pernas e mais partes do porco, livre de osso, porque este lá fica para o freguez o levar...»

Isso é facto vulgarissimo cá na terra; em quanto os *Topa a Tudo & Companhia* saboreiam regaladamente o beef dos syndicatos entretem-se o paiz a roer no osso das contribuições. Até chega uma pessoa a convencer-se de que não seja original portuguez o proloquio popular: *Quem te comeu a carne que te rôa o osso...*

Prosigamos.

— «Quanto lhe rende o sal (continua o signatario) o sal que elles teem a curiosidade de applicar em grande quantidade nos golpes do toicinho, costelletas, carne entremeada, etc.?»

Isso foi tempo, meu amigo; depois do ultimo imposto com que o sr. Fontes beneficiou aquelle genero, os donos das salinas é que praticam o dolo de applicar em grande quantidade toicinho, costelletas, carne entremeada e etc. nas canastras de sal, afim de lhe acudirem ao peso.

Para esta fraude é que nós chamamos a attenção dos poderes publicos...

Continua o correspondente:

— «Se fosse verdade, sr. redactor, na epocha actual elles *venderem cabeça e chispe a 200 réis*, afianço-lhe que eu, com toda a certeza, comia todas as semanas pelo menos tres dias, chispe e cabeça, um dia com feijões só, outro com ervas e o outro com uma e outra coisa.»

Isso não era mais de que uma imitação do rancho fornecido ao *Fritz* da *Gran Duqueza*:

Um dia grão, outro arroz, e aos domingos, para variar, grão com arroz...

Mas, voltando ao chispe, se o signatario da correspondencia quer comer chispe gordo, bom, succulento, bem chamuscado, e a trinta réis o kilo, dê-se ao incommodo de vir ao meu estabelecimento, que eu ponho á sua disposição o chispe do Bordallo...

N. B. Cabeça, chouriço e miudezas não se vende...

PAN.

Carta particular

Veiu-me ás mãos uma carta
Embrulhando uma encommenda,
Que o meu moço de recados
Me trouxe agora da tenda.

N'esse papel, que embrulhava
Trinta grammas de toicinho,
Via-se impresso em relevo
Um monogramma ao cantinho.

Reparei nos caracteres,
Elegantes, bem lançados;
Eram só tres: R. A. P.,
Mutuamente entrelaçados.

Se bem que aquella missiva
Não fosse escripta p'ra mim,
Li-a toda de alto a baixo;
A carta resava assim:

Meu presado e *caro principe:*
Muito estimo que estas linhas
O encontrem bom de saude,
Co'as suas trinta velhinhas.

Que gose eternas venturas
Em companhia dos seus,
Pois *a minha* ao fazer d'esta
É boa graças a Deus.

Conforme tinha ajustado
Co'o Luciano, o meu socio,
Mando-lhe a conta dos gastos
Que eu fiz *n'aquelle negocio.*

Cinco tostões de estampilhas
P'ra cartas aos meus amigos,
Um pataco de aguardente
E trinta e cinco de figos.

(Estas ultimas despezas
Dos figos e da aguardente,
Foram feitas p'ra amansar
Um eleitor renitente)

Mais tres vintens dispendidos
Na barba, se não me engano,
Uma de doze ao sacrista,
Mei' tostão de americano.

Com mais trezentos e quinze
Ao galopim de serviço,
Prefaz a conta redonda
De dez tostões. — Não é isso?...

Mande-me as duas carinhas
Sem prolongada detença,
Que o desembolso, confesso,
Vae-me fazendo diff'rença...

Não se esquive ao pagamento
Com subterfugios nem petas...
Aliás no parlamento
Posso passar-lhe as palhetas...

Espero esteja sciente
De tudo que fica dito...
Lisboa dez de novembro,
Rodrigo Affonso Pequito.

PAN.

Que inveja!...

(A BORDALLO PINHEIRO

Vejo-te em val' de lençóes,
De cataplasmas replecto,
Co'os olhos fictos no tecto,
Sem movimento... p'ra ahi...
Vejo-te um casa mettido,
Fechado a sete ferrolhos,
E quando em ti ponho os olhos
Eu tenho inveja de ti!...

Deitas-te ao longo da cama,
Co'as espaduas recostadas
Sobre fofas almofadas
De farta lã hespanhola.
Tens o aspecto de saude
Nas faces côr de morango,
E o teu caldinho de frango
Deita um cheiro que consola...

P'ra te vêr, ligeiro accode
O jornalismo em cardume;
O Ramalho dá-te lume,
O Vidal traz-te bonecas,
A Guiomar manda-te a casa
O *Almanach das Senhoras,*
E o Castilho passa as horas
A fazer-te *cafonecas!...*

Sobre o estado da doença
Dá Ordaz o seu par'cer,
Ennes faz, p'ra te entreter
Berenico serenico;
Gervasio rega-te a perna
Co'uma exquisita mixtella,
Como quem rega á janella
Um vaso de mangerico.

Batalha Reis faz-te a barba,
Aça tambem te acompanha,
Dá-te beijos Brito Aranha
Traz-te amendoas o Navarro;
Moura Cabral dá-te ajudas
P'ra mudar's de posição,
E o Ruy Barbo do *Pimpão*
É quem te embrulha o cigarro.

Pinheiro Chagas anima-te
Com palavras e caricias
E o Coelho do *Noticias*
Faz-te o laço da gravata,
Sousa Martins recommenda-te
Que na cama não te mexas,
Afagando-te as bochechas
Com doce bichinha gata...

N'esse estado em que te encontras
És feliz como o diabo;
Pareces rico nababo
Em rico salão octog'no.
Passas o dia em descanso,
Sempre alegre e divertido,
Estatelado ao comprido
Sobre o teu leito de mogno!

Tens um bello cavallete,
P'ra que assim desenhar possas,
Onde os bonecos esboças
Quando te apraz desenhar.
Pareces feliz monarcha
Que não trabalha nem lida
E que vae ganhando a vida
Sempre de papo para o ar...

PAN.

Cá e lá más fadas ha.

Ultimos figurinos de contribuintes - (extrahidos de *El Motin de Madrid*).

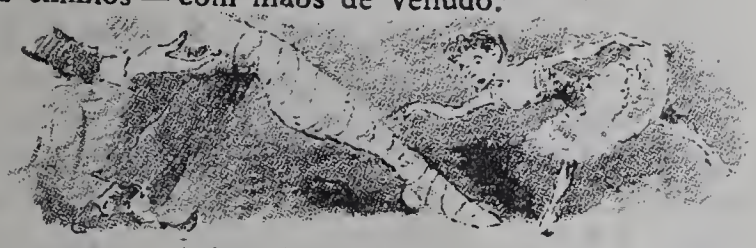
Boletim sanitario da perna

E AGRADECIMENTOS DO DONO

Os illustres medicos que me apparelharam para um mez.

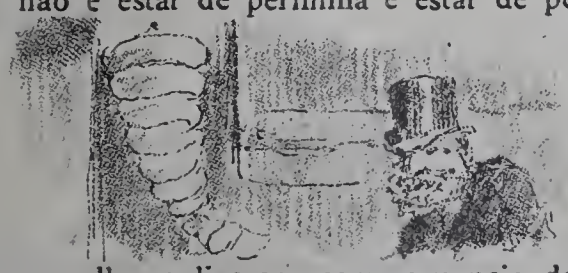
— deliciosa cousa por me distanciar do animal que se apparelha todos os dias, não foram medicos foram — escul-

ptores eximios — com mãos de velludo.



Que primor — Quiz offerecel-a logo á primeira bailarina.

— Isto não é estar de perninha é estar de pernão.



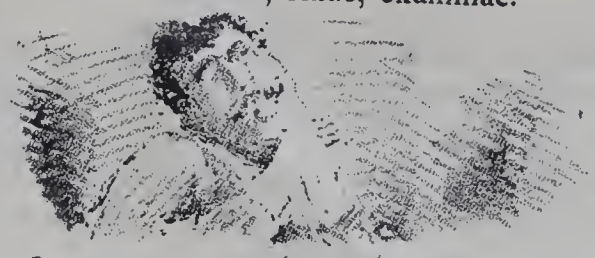
— Como elles a ligaram como um paio de fumeiro — podendo figurar pendendo á porta do Martins do Chiado.

— Morde-te de inveja ó Valle!

— Via-se na physionomia dos doutores a satisfação de terem produzido uma obra mais primorosa que o frontão.

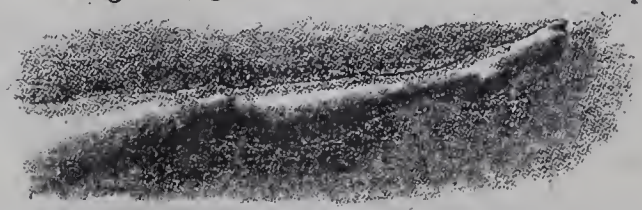
Parece uma perna de pau das que teem as lojas de moda calçando meias de seda.

Olhae, olhae, examinae.



— Que delicia! — Eu faltaria ao mais sagrado dos deveres se não fizesse aqui bem publico o meu reconhecimento aos illustres esculptores por terem feito de uma

gambia flacida, gorda, gelatinosa e bamba uma bella perna



teza, secca, rija, e vigorosa bimba como se fôra de granito, a minha gratidão e a d'ella serão eternas. — Seria a

inveja dos archeiros — das bailarinas, e se um dia ainda puder dizer: *Ah! perna para que te quero!* Não será de-

certo para fugir d'elles, mas para dar uma volta e partir a outra só para ficar com ambas iguaes, e ter de — novo um *pé* para apertar tanta mão amiga e receber tantas testemunhas de amisade difficeis de agradecer.

— Com a perna assim, em vez de rabiscar abro barraca — e direi como as mulheres phenomenos:

— Messieurs: — 25 annos, pelle fresca, natural de Lisboa, as mais lindas formas e

voyez messieurs c'est du marbre!

Desenho feito com uma perna ás costas.

Gabriel Claudio, do *Diario Illustrado,* acobertando-se mais uma vez com o pseudonymo de *Guiomar Torrezão,* consagra n'aquella folha um artigo á publicação das *Rainhas de Portugal,* obra historica do professor Benevides.

O livro appareceu ha quatro annos, mas só agora é que o auctor fez presente d'elle a Gabriel, e Gabriel nem lê nem acha bons senão os livros que lhe dão. — Pungente e profundo estimulo á liberalidade dos historiadores futuros para com Gabriel!

Não fôra Benevides um retardatario sovina, e ha muito que teria abiscoitado uma das venias que Gabriel tem por uso fazer, a razão de venia por cada brochura com que o gratifiquem.

Já se sabe que, em não lhe mettendo a competente dadiva previa por baixo do nariz, Gabriel cessa de ter a bisbelhotice do critico, e cae na mudez do savel cozido com batatas.

É bom porém conhecer, para lição de incautos, de que especie é a droga que Gabriel propina aos auctores que lhe fazem presente de livros.

Principia Gabriel por dizer, em agradecimento á *amavel lembrança* de Benevides, que toda a gente em Portugal é indifferente aos livros historicos.

Effectivamente, basta uma pessoa considerar que Oliveira Martins está já na terceira edição da *Historia de Portugal,* que appareceu pela primeira vez ha pouco mais de dois annos, para nos deitarmos todos de barriga por terra perante a admiravel penetração critica de Gabriel.

Abrindo a armadilha a novas offerendas, Gabriel prosegue em elogio do dadivoso Benevides:

Qualquer que se proponha entre nós, (allusão do critico ao seu systema de não dar pontos sem elles) *a tarefa ardua de reconstruir a vida retrospectiva, explanando itinerarios obsoletos, reedificando ruinas anonymas, chamando á barra dos tribunaes depoimentos posthumos, vê logo surgir uma barreira dura... Em torno d'essa barreira, descida atravez dos seculos, como a ponte levadiça da meia idade, interceptando as communicações do passado com o presente e occultando-o ás projecções luminosas do futuro, accumulando centenas de más vontades, de desdens idiotas, de despeitos pueris, de animadversões verdadeiramente singulares.* (O periodo acaba aqui. Como veem, não tem verbo, não tem sujeito e não tem complemento objectivo. É um periodo de logar onde, apenas, mas mesmo assim bom periodo).

Poderosissimo Deus, senhor dos exercitos! Valei-nos com o entendimento preciso para virmos a comprehender o que é que vem a ser a *reconstrucção da vida retrospectiva!* Se *retrospectivo* quer dizer, como os lexicons affirmam, *que olha para traz,* a reconstrucção d'essa especie de vida vem a basear-se na hypothese arrojada de um ôlho novo, no qual se nos não figura que jámais fixassem sua attenção nem os historiadores nem os oculistas.

Itinerarios obsoletos e *depoimentos posthumos* tambem não consta o que seja em lingua de christãos.

Mas o que mais aterra as imaginações n'esta peça litteraria, é a *barreira* que Gabriel nos descreve *descendo atravez dos seculos, como a ponte levadiça da meia idade, interceptando as communicações.* Uma ponte que intercepta communicações e uma barreira que desce para baixo, exactamente como as pontes de levantar para cima na meia idade, é ponte e barreira que ninguem conhece n'este mundo, porque as pontes que interceptam deixam de ser pontes, e as barreiras que descem deixam de ser barreiras.

Tal é, segundo Gabriel, a missão da historia. Horrorosa coisa!

Em quanto aos historiadores, diz o mesmo Gabriel que elles são *os mineiros das crystas do preterito.*

Vejam o caminho que vae levando este critico! Elle já diz que os preteritos teem crista; deixem-o bracejar um pouco mais e ainda elle nos ha de dizer que os futuros põem ovos.

Concluindo os louvores de Benevides, affirma Gabriel que o livro das *Rainhas de Portugal* tem muito mais importancia para o cerebro do que o *Antonio Maria.* A caricatura, segundo Gabriel, é uma coisa mais propriamente para o figado.

Se Gabriel escrevesse todas estas cousas sob a responsabilidade moral e intellectual do seu nome, nós inclinar-nos-hiamos silenciosos. O que não admittimos sem protesto é que Gabriel continue a exhimir-se a essa responsabilidade, refugiando-se atravez de um pseudonymo feminino e continuando a assignar-se *Guiomar Torrezão.*

Um nome inviolavel de senhora não póde continuar assim á mercê de chalaças tão pesadas como as do cabo de esquadra Gabriel.

Cumpre pois que, para desaggravo do sexo meigo e gentil, Gabriel se cohiba de tão reprehensivel abuso, e que, de uma vez para sempre, e para todos os effeitos, elle se compenetre de que é macho. Basta de se fazer dama! Barbeie-se, e deixe os nomes das senhoras em paz!

Carta a Bordallo Pinheiro

Illustre, senhor Bordallo,
Recebi com grande abalo
Dentro em minha alma singella,
(Que jámais chorou em prosa)
A noticia desastrosa
De ter quebrado a canella.

Inda assim — aqui lhe digo
Que, se chorei como amigo
O seu maldito fracasso,
Nos hymnos devotos meus
Fui dando graças a Deus
Por não ter partido o braço.

Porque se um braço partisse,
Que por bom tempo o impedisse
Da propaganda moderna,
Esta acharia um tropeço...
E vinha a ser o progresso
Quem tinha quebrado a perna.

Não movo estas pernas podres
Pára ir de Fornos d'Algodres
Dar-lhe de mão um aperto...
Porque sou de opinião
Que nunca apertos de mão
A pernas deram concerto.

Firme n'esta minha idéa,
Não me assigno; porém creia
Que me tem ao seu dispôr,
Pois, sem mais tir-te nem guar-te,
Sou aqui e em toda a parte
Creado e venerador.

Parabens a Carnaxide

Carnaxide andava triste,
Suspeitando magua eterna,
Depois que se pôz na perna
A Senhora Apparecida:
— Os campos não davam grêlos,
Faltava a palha ao jumento;
E até moinhos de vento
Tinham parado na lida!

Pediram carnaxidenses
Auxilio a santos subidos,
Que fizeram aos pedidos
Ouvidos de mercador;
E' vae d'ahi ao depois,
Por um conselho sagaz,
Ante o altar de S. Thomaz
Ajoelharam com fervor.

«Pois eu farei o milagre,»
Disse o bom do S. Thomaz:
— Se o disse, melhor o faz,
Ó povo de Carnaxide!...
Parabens! Lá diz o outro:
— Sempre alcança quem espera:
Pendurae kilos de cera
Dos milagres no cabide.

E visto estar S. Thomaz
Na maré das obras boas,
Pedí-lhe tambem as loas
Para a chegada do cirio;
E o santo — que a fazer versos
É dos primeiros artistas,
Botará *novas conquistas*...
Mas d'esta feita mais girio.

O caso da semana

O que parece impossivel é que ainda haja empresas que licitem na adjudicação do theatro de S. Carlos!

Um theatro onde é preciso apresentar:

Os primeiros cantores da Europa; os Justinos Soares mais elegantes do mundo; e as coristas mais bonitas do Universo!

E onde se recebe em troca:

Descomposturas, calotes e assobios!

E se fosse só isso...

Mas não é: as exigencias do publico não se limitam á sala dos espectaculos; abrangem tudo, desde o alpendre do theatro até o ultimo panno de fundo!

Querem porteiros de casaca, querem fauteuils de velludo, querem cerveja da pipa, querem capachos do Cairo, querem espelhos de Veneza, querem pastelinhos de Santa Clara... querem o diabo!

Pois de tudo lhes deu a empreza e muito mais:

Bengaleiros de luva gris-perle, moços de botequim de bigode e suissas, engraxador com o curso completo, florista do bairro alto... de tudo, emfim!

Mas a vontade do publico é insaciavel; depois de devorar em meia duzia de noites, todos aquelles opiparos manjares, começou a resmungar que faltava o que quer que fosse no *menu*.

— Ó senhores! bradava o Brito, contorcendo-se de desespero, pois não teem o Gayarre? pois não teem a Pasqua? pois não teem a de Reszké? pois não teem a corista gorda?... Que mais querem por sete tostões?

— Ora essa! tornava o publico, *que mais queremos?!* mas por sete tostões podiamos nós ir vêr as *Intrigas no Rato,* do Luiz de Araujo... *Que mais queremos?!* queremos um intertenimento para os intervallos, como ha no Coliseo, como ha nos toiros, como ha nas ratas sabias, como ha em todos os espectaculos civilisados! Queremos um passa-tempo qualquer, que nos attenue a sensaboria d'aquelles dez minutos; ora ahi está o que nós queremos.

Desde esse momento a empresa não cessou de roer as unhas, cogitando no expediente que devia adoptar para satisfazer mais esse excentrico appetite do publico.

Não houve idéa que não lhe occorresse.

Lembrou-se de uma exposição de bellas artes no salão e nos corredores; pensou na banda dos ex-alumnos; atravessou-lhe o espirito o estabelecimento de jogos floraes, e chegou a fazer propostas vantajosas a uma companhia de fantoches.

Mas tudo lhe parecia pouco.

Finalmente, uma manhã em que o sr. Brito se achava no banho, exactamente como Archimedes, com as ideias frescas, bateu violentamente na testa n'aquelle gesto de quem encontra uma ideia renitente, e saltou para fóra d'agua ligeiro como um pintasilgo.

Felizmente e em proveito da moralidade e da plastica nacional não saiu para o meu da rua gritando *eureka!*

Pelo contrario; callou-se muito bem calladinho, arrantou as suas coisas e á noite apresentou-se no theatro alegre e prasenteiro como ninguem o via ha bons dez annos.

O publico esperto, ao vel-o tão sorridente, pensou logo do caso:

— Aqui anda marosca! O Brito de riso nos labios, como o D. Nicomedes... Querem ver que o maroto já remediou a questão dos intervallos? O diabo é elle!

Seguiu-se uma anciedade cruel.

Subiu o panno para o primeiro acto e ninguem ouviu sequer uma nota; tudo pensava na surpreza do intervallo.

Finalmente desceu o panno e o publico saiu da sala de roldão, enchendo os corredores; mas o intervallo passou na semsaboria do costume...

Deu-se o segundo acto e todos sairam desanimados, para fumar o seu cigarro e tomar o seu capilé, visto que não havia melhor passatempo...

De repente *zz! tzz! bzz! tzzz!*

— O que é?!

— O que foi?!

— Que aconteceu?!

E tudo acudiu aos magotes.

No corredor cortava o ar em caprichosos zig-zags um chicote de pita brandido por mão nervosa e que ia arrancar estalidos pyrotechnicos das bochechas d'um *gentleman* de casaca que se achava encostado á parede.

Subitamente, a mão que empunhava o chicote desappareceu como os genios das magicas, com a passagem de um raio de busca-pés e duas pancadas de tam-tam n'uma caçarola de cobre, e o publico que de começo tomára tudo a serio desatou á gargalhada, rebolando-se n'um frouxo de riso pelo mosaico do corredor, quando reconheceu que o *gentleman* que ficára era simplesmente... um boneco de palha!...

Fôra a empreza que distrahira o publico com umas reminiscencias do José Serrate...

Bravo, seu Brito!

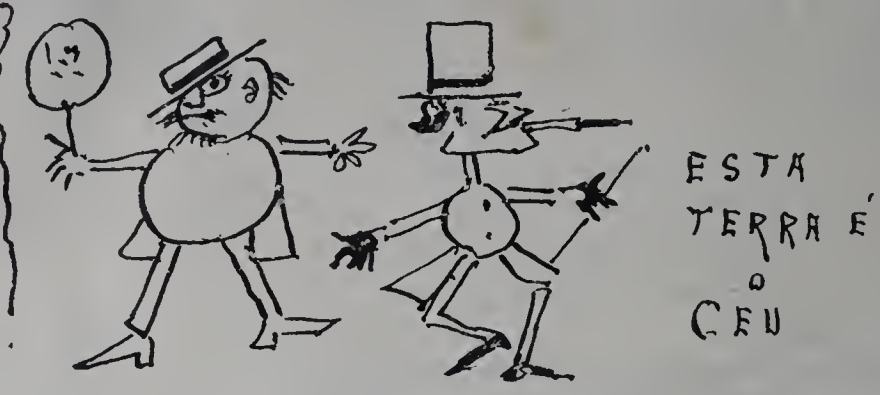
PAN.

O CEU, DESCRIPT

O *Antonio Maria,* querendo prestar homenagem á proficiencia com que o bispo de Angra, descreve o ceu, resolv

«N'esta conformidade, pois, imaginae um vastissimo imperio, muito maior em extensão que milhares do nosso Mundo reunidos...

N. B. Andára mundos e mundos
Andára mundos sem fim
Saltara fóra dos mundos
Se te visse atraz de mim.



... n'essa terra abençoada não se sabe o que é calor, o que é frio, o que são ventanias, chuva, neve ou graniso.

N. B. Anda tudo de fato de meia estação.

«E' ahi sempre primavera continua, a par de um outomno fertilissimo, porque as arvores, posto não tenham cultura alguma, estão sempre ornadas de festões de flores odoriferas e os seus flexiveis ramos, carregados com saborosissimos fructos, se *curvam espontaneamente* a quem d'elles se quer utilisar.

N. B. N'este ponto o ceu parece das magicas *Pera da Satanaz* ou *Romã encantada* em que á voz do principe ou da fada as mesas carregadas de iguarias surgiam da terra e as arvores se carregavam de repente de fructos maduros.

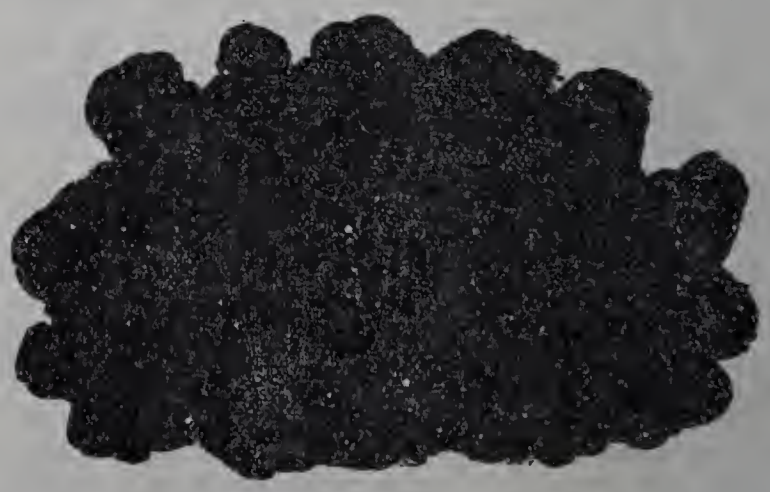
No ceu do bispo de Angra parece que as peras já nascem mettidas em assucar e os tomates feitos em calda para tempero da panella.

«As fontes, os regatos e rios lhes prestam todas as bebidas mais deliciosas, que possam appetecer, pois que a par de crystalinas aguas, manam tambem leite, mel, generosos vinhos e os mais exquisitos e deliciosos licores que desejar se possam.

N. B. Emfim, já é uma consolação para os que gostam da sua mão de verniz, saber que nem por isso se lhe fecham as portas do céu e que lá mesmo podem deciiitrar e do mais fino. Devia custar muito a uma pessoa, acostumada 5o e 6o annos a matar o bicho todas as manhãs, e *ajudar* depois as digestões, vêr-se obrigada a beber agua fria por toda a eternidade. Ao menos este céu do bispo de Angra tem ramos de louro á porta e taboleta de *vinho, aguardente e bebidas espirituosas.*

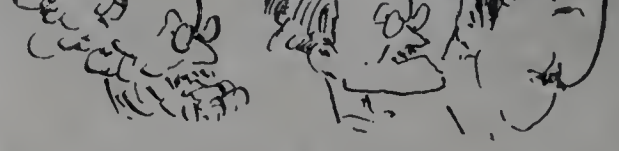
«Da mesma sorte as aves e os animaes brutos, longe de fugirem assustados do homem, d'elle se acercam, como tendo intelligencia e se apressam todos á porfia em apresentar-lhe seus *obsequiosos serviços*, misturados com caricias e affectuosas demonstrações de respeito e dedicação.

N. B. Os cães e macacos sabios e as pulgas industriosas dão uma perfeita idéa do que deve ser o ceu n'este ponto do escripto do matutativo prelado.



«No céu não se usam luzes, porque longe de esclarecerem, offuscariam aquella feliz mansão de claridade. Em logar de brandões levava cada um dos bemaventurados em salvas de diamantes os emblemas do seu triumpho.

N. B. Não se parece o céu do bispo de Angra com a cidade de Lisboa, e a culpa é da companhia do gaz.

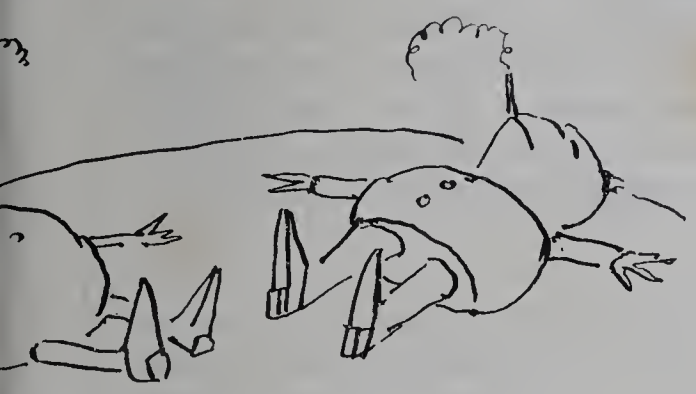


O BISPO DE ANGRA

consciencioso aquelle sublimado escripto e honrar as paginas d'este jornal com a collaboração d'aquelle prelado.

toda ella não se encontra um monte escalvado, caduca, uma fonte secca, um precipicio peri-nimal selvagem, um quadrupede feroz.

quadrupedes que se encontram não são fero-gatos, cães e outras *almas* domesticadas que eu.

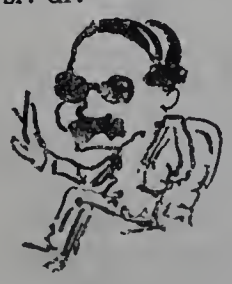


z imperio ninguem trabalha, porque o traba-stigo imposto aos filhos de Adão, e no ceu os.

que o trabalho castiga o corpo não tem du-ha-nos ao menos o céu, para uma pessoa po-dias de papo para o ar, a fumar o seu ci-

sabem musica, todos teem bom ouvido, por isso todos cantam em maravilhosa ue seja necessario o bater o compasso.

e do céu do bispo é que é exactamente rlos, sem necessidade d'este sr. dr. o compasso.

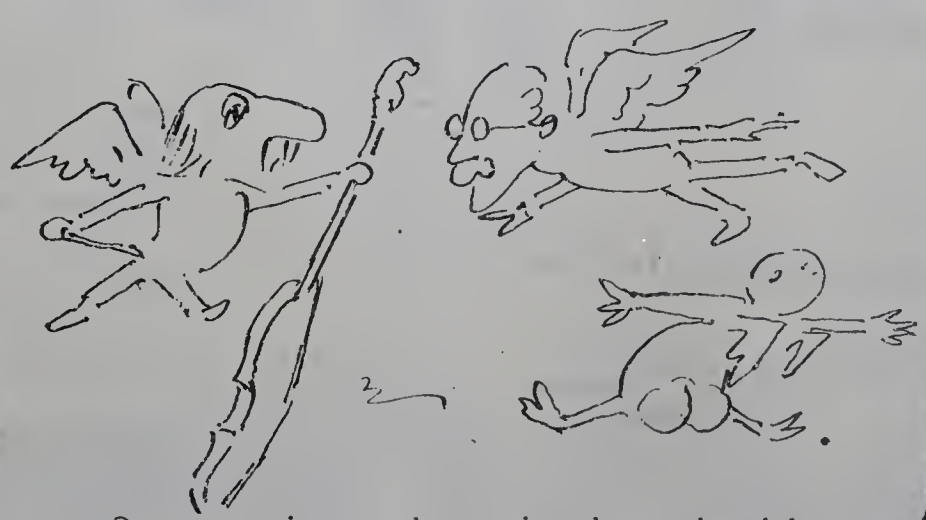


«Todo elle é um vastissimo jardim, ordenado com tal arte que, enchendo-nos por toda a parte de commodidades, satisfação e gosos ineffaveis é tão variado, que em toda a sua incalculavel extensão não é possivel encontrar-se um lanço, uma rua, uma fonte, uma estatua, um assento, um obelisco, uma cascata, uma casa, uma arvore, uma flôr, um regato, um animal, uma ave que não seja differente.

N. B. Que grande pagode! Não havendo pares n'este ceu, todos são nunes.

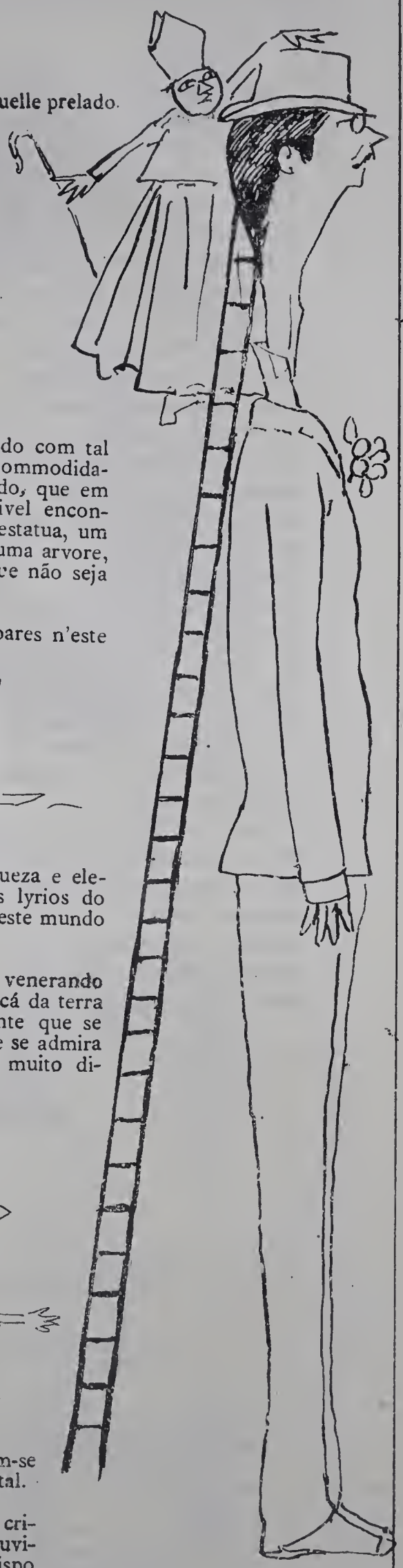
«A candida *veste da graça* orna com tal riqueza e elegancia os bemaventurados, á semelhança dos lyrios do campo e das mais vistosas aves, que nada ha n'este mundo que possa comparar-se-lhe.

N. B. A veste da graça é que, perdoe-nos o venerando prelado, não é verdade nenhuma. Os alfaiates cá da terra podem dizer-lhe se não ha por cá muita gente que se vista de graça. O proprio *Amor da Patria,* que se admira no largo do Pelourinho, não havia de gastar muito dinheiro com o fato que o recata.



«Os santos anjos voando por cima do prestito, tinham-se encarregado da parte do acompanhamento instrumental.

N. B. Exactamente a orchestra de S. Carlos. E a critica a fallar. Ah! ingratos, que parece que não tem ouvidos. Convençam-se que aquella musica é o céu do bispo de Angra.



E este nosso illustre e reverendissimo collaborador depois de nos ter dado uma idéa tão perfeita do céu, excommunga o sr. Augusto Ribeiro.

Ó Costa... apita.

DESENHOS INGENUOS-MUITO MENOS INGENUOS QUE O ESCRIPTO DO BISPO

A inquisição de Coimbra

Dois estudantes de Coimbra faltaram á devoção e ao respeito devido aos dois lentes inviolaveis, discutindo n'um jornal a sciencia d'elles, e pondo em relevo as suas calinadas e bernardices. Foi um desacato medonho!

O dr. Assis Teixeira de Magalhães e o dr. Laranjo foram escalpellados por dois impios que não respeitaram o dogma da sabedoria de dois lentes. Isto brada aos ceus!

Nem o nefando attentado do convento de Odivellas, nem o monstruoso crime de Santa Engracia, nem outros desacatos contra a divindade, commettidos desde os tempos mais barbaros marcaram maior colera e rigor dos juizes contra os criminosos que os praticaram.

Ás feras os iconoclastas! á fogueira os assassinadores da sciencia bolorenta de Assis e Laranjo! bradava o conselho dos sabios ao julgar o nefando crime. Que sejam expulsos da universidade para todo o sempre, que nunca mais transponham os humbraes da porta ferrea os pagãos que ousaram morder com dentes ferinos na sciencia de conserva, no saber de escabeche d'aquelles dois venerandos fosseis. Assim o decidiram os sabios para honra d'elles e para gloria da universidade de Coimbra!

Em que leis se fundaram os sabios da universidade para expulsarem dois estudantes?

Foi na lei de imprensa que estabelece como principio para os delictos de imprensa o julgamento publico em tribunal ordinario?

Não, de certo, porque o julgamento fez-se á porta fechada, n'um tribunal inquisitorial, formado de juizes que eram partes ao mesmo tempo. Fundaram-se n'um regulamento de policia academica, torcendo-o a seu sabor, descobrindo nos *et cœtera* finaes de varios delictos enumerados, o desacato pela imprensa á sabedoria dos lentes, que ao fabricante do regulamento esquecera mencionar!

Houve um povo da antiguidade que não teve penalidade para o parricidio porque o legislador não queria suppôr que se praticasse tal crime; o fazedor do regulamento universitario pensou do mesmo modo a respeito da discussão da sciencia dos Laranjos e Assizes do seu tempo e dos seculos futuros. Mas o conselho dos sabios emendou a mão, e onde não achou penalidade inventou-a apesar de não ser capaz de inventar a polvora.

Que livros de valor notorio tem produzido o corpo cathedratico de Coimbra? Que descobrimentos lhe deve a sciencia? Que citação dos sabios estrangeiros merecem os doutores do corpo docente da nossa universidade, com excepção de um ou dois? Que auctoridade tem perante as grandes universidades do mundo civilisado, para não permittirem que seja discutida a sua sciencia empalhada ha seculos, coberta de pó e estacionaria como uma pelle de animal conservada em museu?

Nada tem feito, nada lhes deve a sciencia, ninguem os conhece fóra do predio em que moram, e apesar d'isso arvoram-se n'um poder superior a todos como supremas escarnações do valor humano, e contra o espirito das leis modernas, condemnam ás feras dois homens que se atreveram a censurar a rutina e as necedades do ensino universitario.

Nas tradições da antiga inquisição de Coimbra encontraram os sabios da universidade a inspiração das ideias que professam e o modêlo da nova inquisição que inaugurarram. Fizeram-se leis, mas acima de tudo está o regulamento da universidade, como o veto do fossilismo posto ao progresso. Assis e Laranjo são dois sabios, porque a nova inquisição de Coimbra proclamou o dogma da sua infalibilidade scientifica, embora os presentes se riam d'elles e os vindouros nem ao menos se riam porque não terão noticias d'elles.

Soneto

Um porco ha de ser porco, ainda que o rei dos bichos
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

BOCAGE.

E um Mazéla será toda a vida um Mazéla,
Inda que o Padre Santo o benza co'a chinella.

AMARO DA LAGE.

O Mazella não tem culpa nenhuma
De tudo quanto ha feito na Parvonia;
A culpa é só de quem, sem ceremonia,
Aonde tantas ha metteu mais uma!

Por mais que a matutar eu me consuma,
Por mais voltas que dê á cachimonia,
Deixar não posso de julgar erronea
A idéa de o morder que, vil, se apruma.

O que esperavas, gente tagarella?...
Que curasse as mazellas das beatas
Quem até no appellido tem mazella?!

Querias, meus leitores pataratas,
Curar a mordedura da cadella
Com o pello da mesma?! Ora... batatas.

Assoa-te a este guardanapo!

A BORDALLO PINHEIRO

Disse-me um dos que de França
Abalaram co'os tareços,
Que o teres partido a gambia
Foi premio dos teus bonecos.

Não contente Santo Ignacio
De te arranjar a querella,
Inventou um trambulhão
E escangalhou-te a canella.

Não conseguiu o santinho
Metter-te no Limoeiro...
Porém metteu-te na cama
Amarrado ao travesseiro.

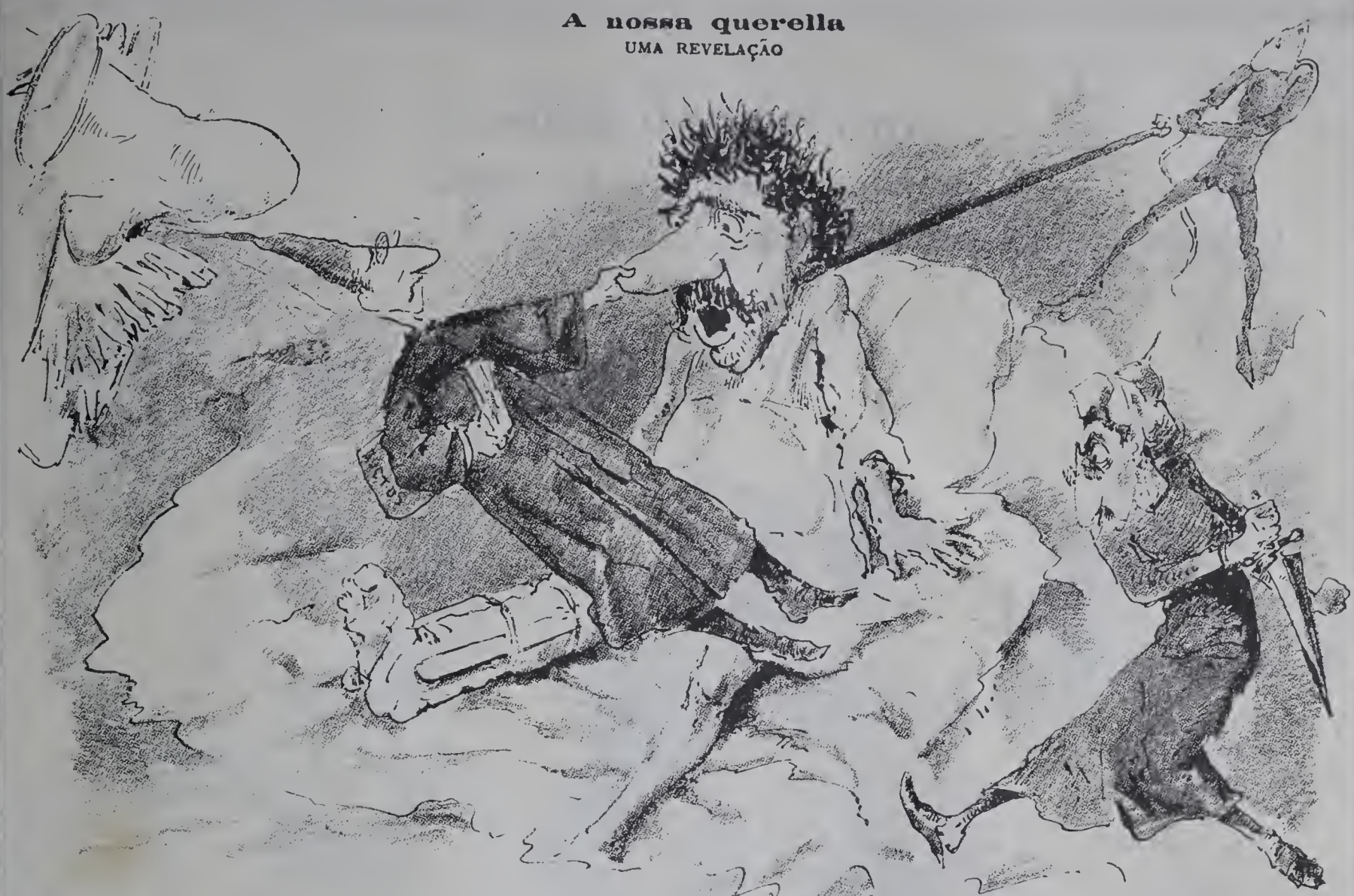
E verás, amigo, por
Quanto de dizer acabo,
Que os santos nas suas birras
São levados do diabo!

Mas tens um remedio prompto:
É rezar a São Masella,
Pedindo que te livre
D'essa que tens na canella:

Oração. — Juro contricto,
Meu santissimo masmarro,
Respeitar os jesuitas...
'Té mesmo os feitos de barro.

A nossa querella

UMA REVELAÇÃO



O delegado no nosso processo é o *Bazorrinho maior*.

Ah Bazorrinho perfido! Queres-me condemnar! Queres-me enforcar!

Ah! Bazorrinho, Bazorrinho, como é tardio o teu ressentimento!!!

— A vingança é o prazer dos Deuses e dos Bazorrinhos!

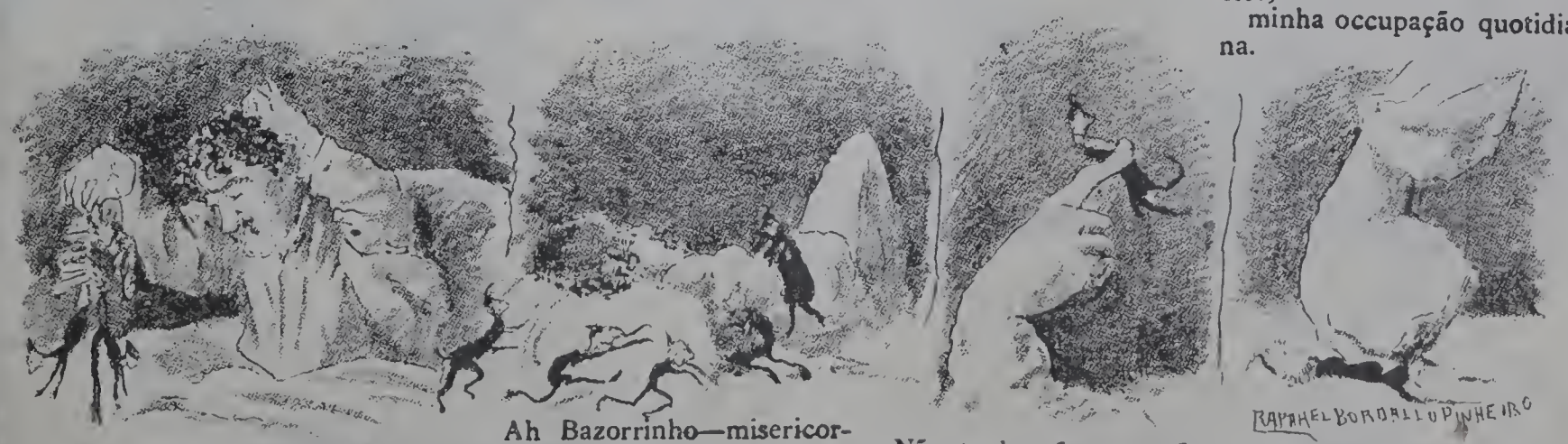
Em sonhos de perna estendida *apparelhada*, não vejo senão Bazorrinhos a fazerem-me cousas e... querellas.

— Elles entram-me nos ouvidos

apanho-os nos sovacos

mettem-se-me por baixo para não me deixar fazer o *osso*,

minha occupação quotidiana.



Por ultimo mettem-se na perna e são capazes de atirar com o apparelho ao ar,

Ah Bazorrinho—misericordia Bazorrinho!

Espera pelo processo, Bazorrinho, para seres cruel, por ora deixa-me com a perna.

— Não tenho tão maus figados como tu,

— emquanto fores o meu tyranno hei-de ter-te debaixo da unha.

Porque cada um mette a unha que tem.

THEATRO DE D. MARIA II

PRIMEIRA REPRESENTAÇÃO DO «OTHELO»

Um esplendor de scenario, guarda-roupa, desempenho e traducção.
Bravo! Bravo! Bravo!!!

Para vêr esta peça fiz uma travessia senão mais difficil, muito mais perigosa que a do sr. **Braza conquistando o** Congo.

O 1.º de dezembro

Em quanto cá na metropole
O paiz n'este momento
Passeia os hymnos na rua
Na *palheta* do instrumento,

Nas possessões de ultramar
O esperto senhor de Brazza
Vae-nos mettendo á socapa
As *palhetas* dentro em casa...

NÃO PODE APITAR — QUANTO MAIS ASSOPRAR!

A liberdade que lhe deveu alguma coisa e que viria a dever-lhe muito se a morte o não levasse tão cedo, vela n'este momento a face com o mesmo crepe que nos enlucta o coração.

A victoria das instituições

Cubram-se de crepe as bandeiras republicanas: vistam-se de lucto os partidarios do governo do povo pelo povo. Desabou uma grande calamidade sobre os batalhadores pertinazes que ha annos luctam pela victoria das ideias mais avançadas: — venceu Manuel de Arriaga na Madeira!

São os jornaes da situação politica actual e defensores strenuos das instituições que felizmente nos regem, que apregoam o triumpho governamental na Madeira. Não receiem da entrada dos republicanos no parlamento, diz um d'elles: «as instituições monarchicas lucram com isso. Dizemos isto profundamente convencidos.»

Rebollo pae, legando a Rebollo filho na hora extrema os conselhos da sua experiencia e lume no olho, não seria mais profundo, mais logico e mais *alho* do que são algumas folhas ministeriaes.

Bertholdo, que não se enforcava por não encontrar arvore que lhe servisse, era um reles matuto a par da finura do jornal que encontrou na eleição republicana da Madeira e nas outras da mesma feição que se lhe seguirem a taboa de salvação em que as instituições vigentes hão de passar aos seculos futuros.

Apesar de nos parecer que estas coisas se escrevem para uso do sr. D. Luiz I, como quem faz bonecas de trapo para entreter creanças, atrevemo-nos a duvidar de que o mesmo augusto senhor leia pela cartilha dos jornaes ministeriaes. Como as scenas estão mudadas a ponto de que os jornaes do governo e da monarchia sustentam que as eleições republicanas são a melhor gelea para robustecer as instituições, nós temos o direito, em troca, de defender o sr. D. Luiz I da suspeita de ter a cabeça no mesmo estado da do maluquinho de Arroios, se acreditasse nas cantatas com que pretendem aquietar-lhe o somno sobresaltado pela eleição do Funchal.

Sua Magestade que toca flauta, traduz Shakspeare, applaude o Othello, faz caricaturas, e lê a *Revista dos Dois Mundos*, não acredita de certo que no dia em que tiver a camara dos deputados cheia de republicanos, as instituições que o sr. D. Luiz representa estejam mais solidas do que nunca.

Seria necessario que tivesse perdido completamente as mais leves noções de bom senso. Que lhe attribuam tanta ingenuidade é um crime de lesa magestade, que nós mesmos não nos atreveriamos a commetter.

Sua Magestade bem vê a azafama do Funchal; foi com o seu proprio consentimento que partiu para lá um governador civil á altura das circumstancias e um navio prompto para esmagar a hydra insular. Depois d'isto vê regressar o dito governador civil com a cara do general Bum da Crã-duqueza, e o sabre transformado em sacarolhas, trazendo em vez de um deputado monarchico um dos mais ardentes e enthusiastas defensores das idéas republicanas, e ainda querem que o sr. D. Luiz mande um casal de perus ao sr. Fontes! Só se querem tambem que vá deixar um bilhete de visita ao sr. Arriaga, com o mesmo praser com que nós o faremos.

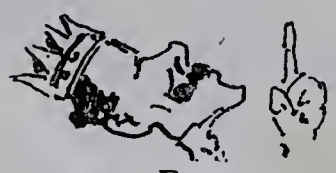
Ao menos a eleição do Funchal tem a vantagem de contentar toda a gente, o que é caso unico em Portugal. Os republicanos pulam de jubilo, os granjolas repibilam de vingança, os regeneradores saltam de contentamento e até, conforme dizem, o proprio rei dá cambalhotas de alegria. Desconfiamos de que n'este caso o ultimo que rio não foi o que ficou mais contente.

Quando o primeiro ministro de Phylippe III, annunciou áquelle monarcha a revolução de 1640, para lhe doirar a pilula disse-lhe com ár alegre: — Dou os parabens a Vossa Magestade, porque acaba de ganhar os bens do rebelde duque de Bragança. Naturalmente o sr. Fontes, para doirar a pilula ao sr. D. Luiz, disse-lhe pouco mais ou menos: — Dou os parabens a Vossa Magestade, porque estamos livres do Arriaga a prégar na rua, visto que o temos engaiolado na camara.

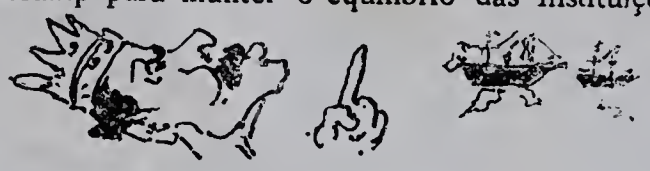
Philippe III poz o seu ministro no meio da rua. Nós suspiramos porque o sr. D. Luiz não faça o mesmo ao sr. Fontes, porque ainda precisamos de mais alguns republicanos na camara.

Caras do Fontes durante a eleição do Funchal

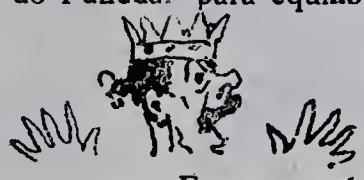
1.ª Cara com que deu ordem para se não guerrear a eleição do Braamcamp a fim de manter o equilibrio das instituições.



2.ª Cara com que o Fontes mandou guerrear a eleição do Braamcamp para manter o equilibrio das instituições.



3.ª Cara com que o Fontes mandou exterminar os republicanos do Funchal para equilibrio das instituições.



4.ª Cara com que o Fontes recebeu a noticia da eleição do Funchal, para o equilibrio das instituições.

5.ª Cara com que o Fontes communica ao rei a noticia da eleição do Arriaga, sem desequilibrio das instituições.

Pois então como é seu geito?!

Queixam-se muitos que o Fontes
Com tributos nos arraza:
Não vêem, seus brutamontes,
Que é senhorio da casa!...

Pois se um predio, reles prenda,
Cada vez dá maior ganho,
Não ha de augmentar a renda
Quem tem um predio tamanho?...

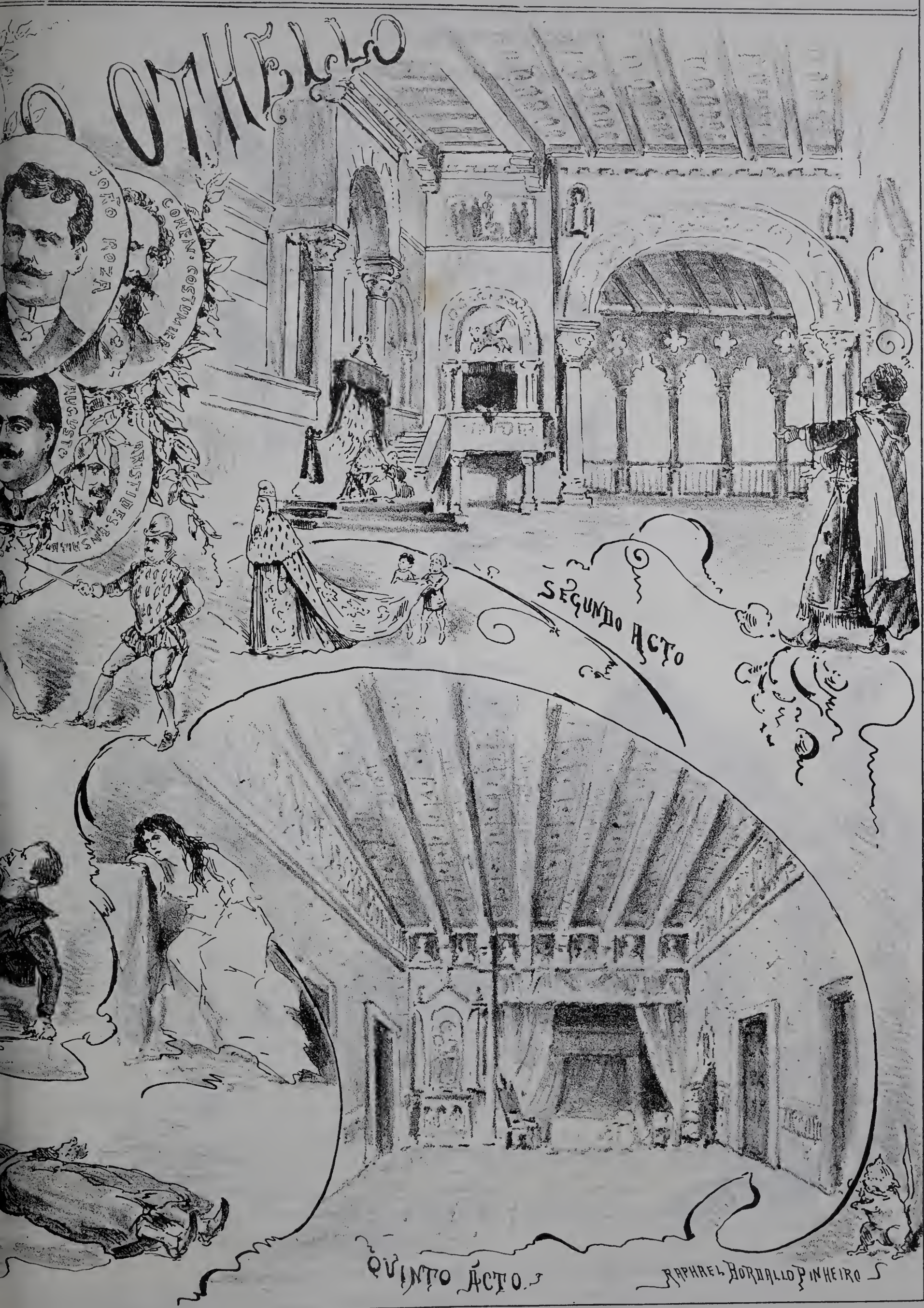
De certo — e mostra os seus brios.
Cuidando nos seus arranjos:
Ou bem somos senhorios,
Ou estudamos para anjos.

Quando lhe saltam á perna
O *inquilino* faz berrata:...
Mas quando a carta governa
E' sempre livre a chorata.

Não é caso de censura;
— Assim é que é o seu geito:
O Fontes tem-se mostrado
Um senhorio de preceito.

E demais — seria raro
Assumpto para cantatas
Ver um senhorio *caro*
Alugar casas baratas.

THEATRO DE D. MARIA
PRIMEIRO ACTO
TERCEIRO ACTO


OTHELLO
JOÃO ROZA
COHEN. COSTUMES
AUGUSTO CASSIANO
SEGUNDO ACTO
QUINTO ACTO
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ELEIÇÃO DO FUNCHAL

Uma lição d'independencia

Zé Povinho de cá: vê o que é o *Zé Povinho* de lá e... envergonha-te.

CASOS DA SEMANA

Uma decepção

Chegam noticias da Madeira, confirmando a victoria eleitoral do candidato republicano por aquelle circulo, o dr. Manuel d'Arriaga.

Jove Magnifico, ao saber do caso, caiu das nuvens — em estylo figurado, que elle não é pessoa que desabe assim do seu Olympo de papelão...

— O céus! estrugiu elle; pois após tantas medidas acertadas, verdadeiras medidas de capacidade, ousa o Funchal cuspir-me fóra das medidas?!

E Jove tinha razão.

Elle podia esperar tudo:

Que nevasse em agosto.

Que lhe nascesse outra dentição.

Que lhe faltasse uma velha quando, á boquinha da noite, faz a contagem...

Mas que falhasse a eleição da Madeira!!! Isso é que nunca lhe atravessára a pevide d'aquella abobora menina, onde elle sustenta a sua corôa de bicos...

Elle soubera ha muito das pretenções republicanas, mas sorrira-se: sorrira-se com aquella reserva diplomatica, de quem não quer mostrar os dentes ao parceiro... Sorrira-se e murmurára vaidoso:

— Pois sim, cansem-se... Deputado republicano pela Madeira... esperem lá por essa... A Madeira, uma terra aristocratica das pontinhas, que tanto monta dizer regeneradora dos quatro costados... não fallem a mais ninguem... E dormira socegado a raposeira innocente dos principes bemaventurados, depois de presentear, com a candidatura vaga, um antagonista desditoso, que esmolava um assento de palhinha na tripa da representação nacional.

Mas um dia veiu-lhe a noticia de que a coisa estava torcida; a eleição empatára-se, e a *insignificancia* republicana respigara muito á larga nas cearas regeneradoras.

— Diabo! pensou Jove; é preciso uma medida e uma medida energica... Os senhores madeirenses querem deitar os bracinhos de fóra? Pois esperem, que eu já os arranjo... Vou-lhes mandar o *Pimpão;* só um vaso de guerra, só um grande vaso de guerra póde salvar a situação...

Mas alguem lhe observou, que o vaso em questão só chegaria ao seu destino para o tempo das eleições da geração vindoura, e D. Magnifico concordando, resolveu mandar um vaso mais pequeno — um vaso de mangerico.

Foi o vaso, a eleição fez-se e o candidato monarchico levou com a taboa no sitio que pretendia pôr em contacto com a palhinha a que acima nos referimos...

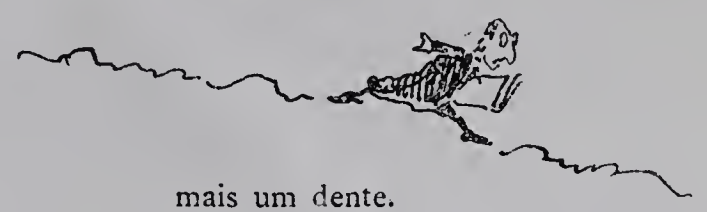
Imaginem o desespero olympico d'aquella alminha... Desespero pelo extraordinario da surpreza, simplesmente; quanto á importancia politica, o facto em si não encerra nenhuma: apresentar-se um deputado republicano por uma terra onde o partido monarchico tem os seus arraiaes mais accentuados, não vale uma pitada de tabaco — diz *elle.*

Nós damos os parabens á Madeira; conheciamol-a pela terra do bom vinho; — ficamol-a conhecendo pela terra do bom senso.

PAN.

Decididamente, as nossas cadeias não têem outra utilidade além de evitar que entre para lá alguem sem pagar a sisa do furto d'um relogio ou de uma facadinha na pessoa do proximo. Sair é a coisa mais facil d'este mundo e sem dependencia de furto nem de facadinha. Até hoje porém, os fugitivos contentavam-se em sair sósinhos, como o Camara; mas uma illustre dama, recentemente evadida da cadeia de uma das ilhas aperfeiçoou o systema até então adoptado, fugindo em companhia da sentinella.

E' um melhoramento que não podemos deixar de louvar, sobretudo se se fôr ampliando e os presos passarem a fugir levando comsigo a cadeia, o juiz, o escrivão, o fiel de feitos e o delegado Bazorrinho.



mais um dente.

—Veja vossa magestade o que é tirar um dente sem dor.
— Na tua bocca — *Patéreco.*

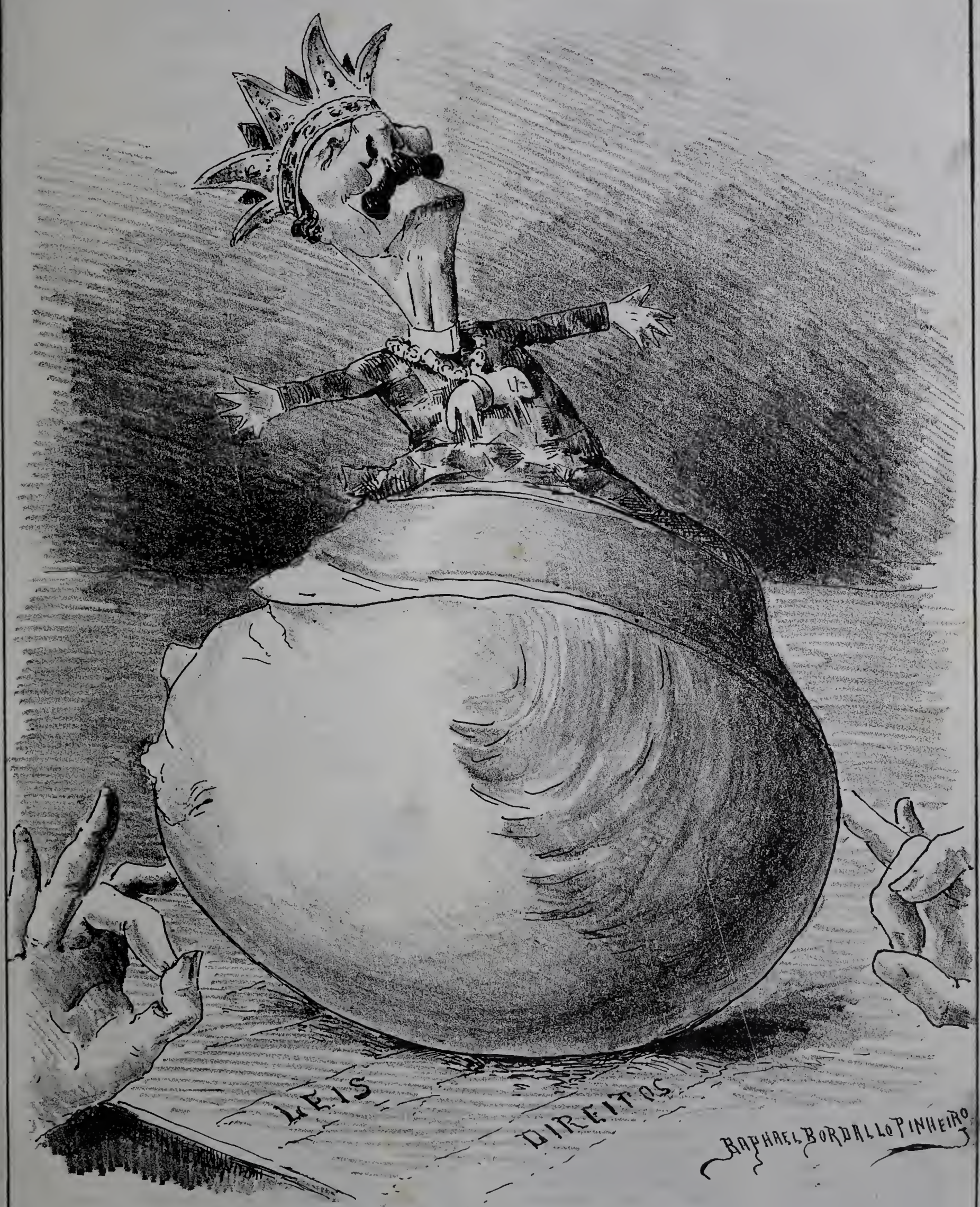
Então não me empalma a eleição e o cavaquinho!!!

MAZELLA

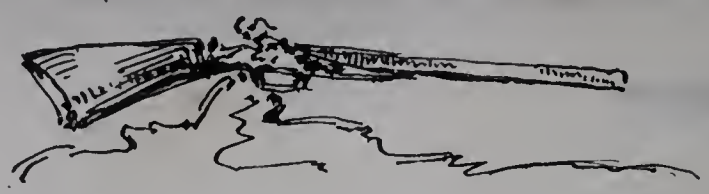
O estado da questão

P'ra aqui é que é o caminho.

Isto é que é



Não o desiquilibram nem o fazem cair por mais piparotes que lhe deem.
Está pegado á bola que rebola, bola, bola por cima de todas as leis e de todos os direitos.



Assim como o rei da Dinamarca ha poucos annos acompanhava á sua ultima morada os restos mortaes do grande poeta Andersen e os principes da Allemanha recebiam á porta da cathedral de Berlim o cadaver do sabio Hembaldt, assim el-rei D. Luiz honrava a memoria e os serviços de Alexandre Herculano, brilhando pela sua ausencia no enterro do illustre historiador.

Alguns mezes depois morria Antonio Rodrigues Sampaio, o jornalista eminente, o revolucionario liberal, o democrata ardente que sacrificou o seu grande nome e a sua selvatica independencia ao trato polido e captivador do sr. D. Luiz, o qual como recompensa de taes sacrificios mandava como seu representante ao cortejo funebre do grande escriptor qualquer fidalgo da sua casa e á noite ia dar no theatro testemunho publico do seu desamor ao homem que por elle atirara ao esquecimento a melhor parte das suas tradições gloriosas.

Ha poucos dias expirou um homem moço, vigoroso, cheio de talentos uteis, que a monarchia já tinha aproveitado e que podiam ser ainda o seu esteio por algum tempo; um homem sob cuja indiscutivel superioridade se poderiam ter reunido na mais estreita camaradagem todos os elementos de lucta contra instituições decrepitas, mas que preferiu correr o risco de vir a perder a sua grande popularidade, sacrificar a gloria de dirigir a opinião da maior parte do paiz, ao seu ideal de transacção entre as intituições velhas e as idéas novas, de transformação lenta e pacifica da constituição politica da nossa sociedade. No dia em que a morte ferio despiedosamente esse homem, esperança de muitos e moderador das exaltações do seu partido, a ponto de as conter dentro dos limites do seu proprio ideal quando ellas queriam atirar a barra mais longe, el-rei D. Luiz, não poude resistir á tentação de ver o atirador americano partir bolas de vidro á balla. Que incitamento a futuros Saraivas de Carvalho para sacrificarem um atomo da sua popularidade ou da sua gloria á missão de rebocarem as instituições caducas!

Não pode o chefe do estado divertir-se? Todos os dias, a toda a hora como qualquer cidadão, mas se o dia e a hora forem improprios, mas se o chefe do estado fôr o unico indifferente no meio dos acontecimentos dolorosos para o paiz, não pode extranhar que o paiz seja indifferente ás dores que a elle proprio lhe digam respeito. Se os reis são os primeiros a quebrar a solidariedade historica do seu viver com os povos, não nos podem accusar a nós de fazermos a republica. Nós cumprimos com o nosso dever, conforme as nossas idéas; mas somos os que perderiamos menos. Os reis, que poderiam inutilisar todos os nossos esforços, que poderiam provar que com instituições democraticas e governos ajuisados, tanto valeria a um chefe hereditario, como um chefe de eleição, os reis são os que nos dão rasão a nós, são elles que fazem a republica. Nos somos apenas o ecco; elles são a voz; nós tratamos apenas de edificar no terreno em que elles vão fazendo o desmuronamento; nós somos simples operarios, elles são os architectos que dirigem a sua propria derrocada.

Não ha nada, por mais calamitoso que nos pareça, que não tenha o seu lado bom. É assim que as pragas de gafanhotos, que arrasam as cearas, representam fertil adubo para as terras, quando o morticinio se manifesta implacavel no bando dos saltadores. É assim que a praga dos almanacks, que nos arrasam a bolsa e a paciencia, nos offerece por vezes, entre nuvens de sensaboria, um specimen curioso e delicado, que nos compensa fartamente das horas perdidas na leitura dos restantes — como o *Almanach Illustrado* de Casanova e Pastor.

E dito isto, escusamos de pôr mais pontos nos *i i*...

Por esta não esperava eu!...

Então que diabo é isto,
Ó povo heroico das ilhas?...
P'ra o lado não encarrilhas
Do throno, esteio do altar?...
Tu que por esta *coisata*
Déste de amor prova farta,
Estás enjoado da Carta
Por quem soubeste pugnar?...

Ora não ha!! Pois á sombra
Do tal codigo divino,
Não vae Portugal n'um sino...
De mais a mais, sem badalo?!...
Teme Portugal, acaso,
Que lhe arrombem as costellas?!...
Não se cura das *mazellas*
Que se erguem a *seringal-o!?*

Não temos ministros fortes
Como traves, como vigas...
Fortes até nas *cantigas*
Com que nos vem embalar?!...
Não temos nós da berrata
A liberdade, não pouca,
Em quanto a rolha na boca
Nos não obriga a calar?!...

Não temos o voto livre,
A que ninguem torce a porca,
Que ora se vende ou se alborca,
Conforme apraz ou convém?!...
Já se viu — digam — já viram
No caro torrão *parvonia*
Ao que é nosso patrimonio
Lançar as unhas alguem?!...

Não, e não. — Povo das ilhas
Empoleiraste o Arriaga...
Virá Theophilo Braga,
Que o consoante a muito obriga!...
E depois d'estes vermelhos,
Na penna e na arenga fortes,
Outros, de egual côr, em côrtes
Irão entrando á formiga!!!...

Horror! Do *Caro* os arranjos
— Que sempre foram os nossos —
Soffrerão duros destroços
Que hão de dar muito a cheirar;
E a patria, triste de então
Vêr Braga por um canudo,
— *Aqui d'el-rei Topa a Tudo* —
Desatará a bradar.

O prior de S. Julião protestou contra o procedimento do prior de S. Mamede, que indevidamente tomara conta do cadaver de um suicida e dos direitos parochiaes do enterramento, que pretenciam á jurisdição do primeiro.

Estes protestos a proposito de um cadaver, tem o que quer que seja de disputa de corvos. Mas o fino ainda não é isto. Os srs. parrochos, em geral, recusam-se a acompanhar e a dar sepultura sagrada aos suicidas. Isto tem sido doutrina corrente, e muita gente cuidava que não tinha excepções; mas vê-se agora que o caso muda de figura quando a familia do suicida pode exportular os direitos parochiaes. N'estas circumstancias não só o suicida pode obter sepultura em sagrado, mas até dois priores disputam a honra de o conduzirem á ultima morada como outr'ora varias cidades disputavam a gloria de terem sido o berço de um grande poeta. Está provado que ser pelintra é a maior desgraça que hoje pode acontecer até aos proprios defunctos.

Ou tudo, ou nada

Assaltam-se mil *batotas*;
Fazem mal — pois entendo eu
Que até mesmo é liberdade
O dar cabo do que é seu.

Porém, como nem com todos
A lei se executa á risca,
Aos senhores assaltantes
Atiro aqui esta *bisca*.

A *Santa Misericordia*,
Instituição a mais pia,
Tem livre a sua *batota*
Que impinge na loteria.

O que vende *Agua de Lourdes*,
Com capa de devoção,
Explorando a palermice,
Faz *batota*, sem questão.

Quem pede esmola p'ra o Papa,
Apregoando-lhe as miserias,
Além de ser *batoteiro*,
É doutor formado em *lérias!*

— Ou se assalta, ou não se assalta,
O direito este é que é:
Deitem-se todas por terra,
Ou fiquem todas de pé.

Aquelle que vende bulas,
Embora alminha devota,
Faz jogo co'os ignorantes,
E tem casa de *batota*.

A bula

Diz *Macarroni Mazella*,
Raio do céu contra a gula,
Que a carne é sempre indigesta
Sem o tempêro da bula.

Devemos crêr (que ninguem
Contra o Mazella regougue;)
Entendo que a carne e a bula
Deve vendel-as o açougue.

'Té na poupança ao sacco
Com a coisa se especula,
Pois póde a carne do açougue
Vir embrulhada na bula.

E ninguem se queixará
Se ella custar mais *carôço*,
Fôr pouco christã no cheiro,
Tiver mais ou menos osso.

Penso até que a cosinheira
Seu fino tacto revella,
Se deitar ao mesmo tempo
A bulla e o sal na panella.

Talvez que fique um caldinho
De dar substancia a um defunto...
Sem precisão de toucinho,
Nem tão pouco de presunto.

Litteratura clerical

A pastoral do bispo de Angra, á qual se tem seguido diversos documentos da mesma indole, obriga-nos a abrir uma secção de *litteratura clerical*, para darmos logar de honra aos varios productos da imaginação ecclesiastica, que forem vendo a luz publica. Para mostrarmos bem o seu valor, illustral-os-hemos conforme a gravidade do caso pedir; começando hoje pelas

INSTRUCÇÕES AOS REV.os PAROCHOS E MAIS CLERO DA DIOCESE DA GUARDA SOBRE ALGUNS PONTOS DISCIPLINARES

O ex.mo vigario capitular da Guarda, depois de transcrever um officio do presidente da Bulla da Santa Crusada, em que este declára que a devoção vae dando em droga e que a bulla já quasi não rende vintem, publíca seis artigos que dizem respeito ás obrigações dos parochos, e fecha essa peça de litteratura com o art. 7.º, que é o seguinte, convenientemente esclarecido por nós com as competentes annotações.

Art. 7.º Auctoriso os reverendos parochos para absolverem os seus freguezes desde quarta feira de cinza até á Dominga de Pentecostes, dos casos reservados n'esta diocese; os quaes para toda ella ficam sendo agora os que aqui transcrevo das Const. do Bispado, L. I, Tit. VIII, Cap. XIV.

1.º Blasphemia publica.

2.º Feitiçaria: convém saber: fazer feitiços ou usar d'elles.

(Por exemplo: dar *coca*, salgar a porta, defumar com arruda, picar a camiza, dar a beber agua de tacho lavado, etc., etc.)

3.º Invocação do demonio.

(Por exemplo: valha-o seiscentos diabos; o diabo que o compre, vá para o diabo, etc., etc.)

4.º Pôr mãos violentas em clerigo ou em religioso.

(Este paragrapho é muito bem entendido, por ser escripto por padres. Como elles tratam de pôr as costellas no seguro para algum caso apertado.)

5.º Juramento falso, etc.

6.º Homicidio voluntario.

7.º Incendio feito por acinte.

(Quando estes dois ultimos casos podem ter absolvição, faz gosto dar uma facada ou deitar fogo a um predio, pelos dois patacos da bulla).

8.º Revelação do sigillo da confissão, etc.

9.º Excommunhão maior, etc.

10.º Reter o alheio, cujo dono se não sabe, que passe de 500 réis.

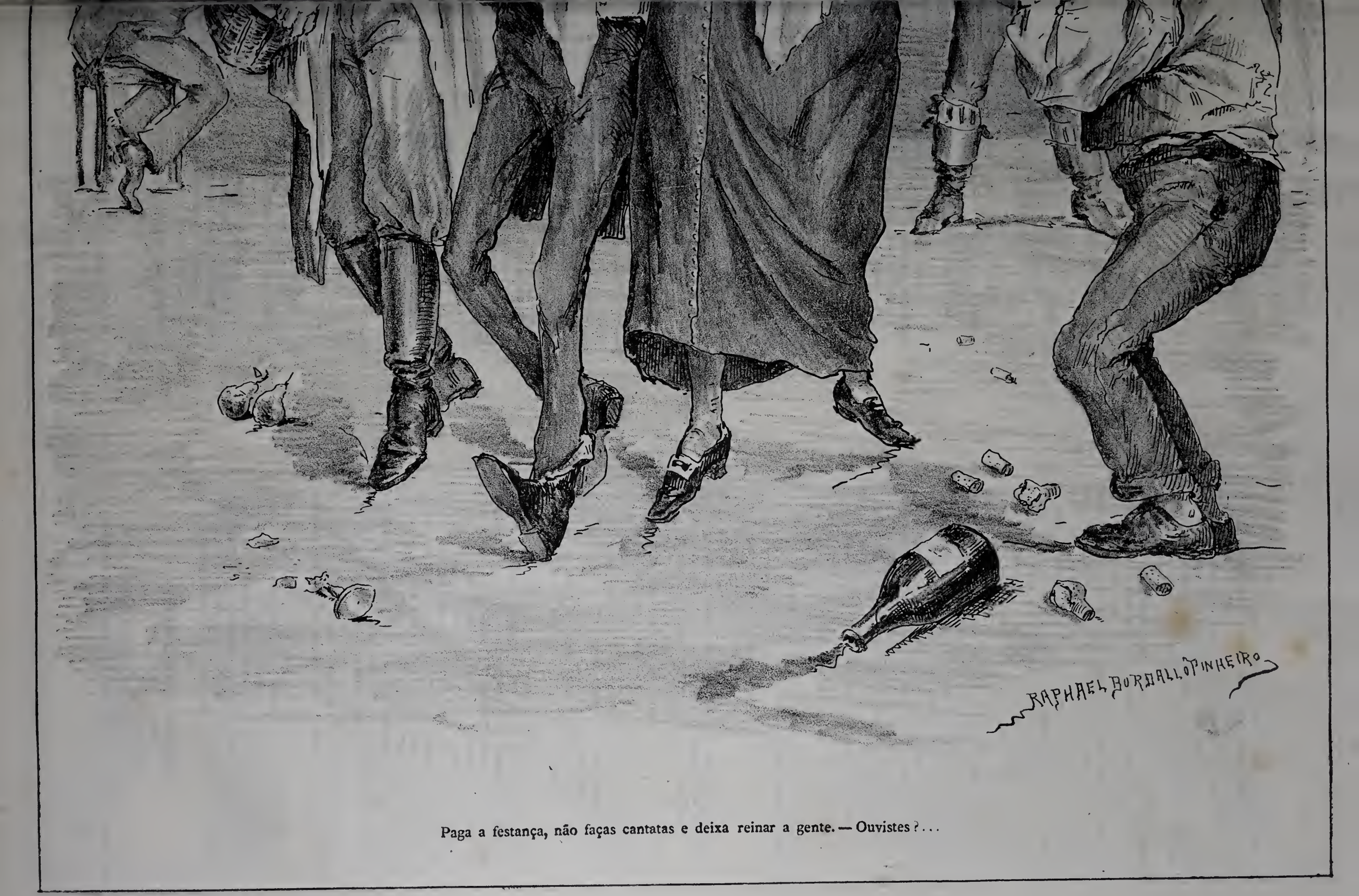
(Até uma *carinha* qualquer pessoa póde furtar sem necessidade de absolvição.)

Afinal o reverendo vigario capitular observa a suspeita d'este caso, que «no foro civil os achadores de animaes ou coisas perdidas podem ficar com ellas, se não apparecer dono depois de feitas as diligencias prescriptas no codigo civil art.º 408, 415 a 419. Se tambem em consciencia podem fazel-as suas depois d'essas diligencias, é questão entre os moralistas; mas em qualquer das opiniões o confessor procederá com toda a segurança *aconselhando a bulla de composição; o que é mais um meio assaz commodo e frequente de poder augmentar o producto da bulla.*»

Que grande *gajo* que é o tal vigario capitular! Nem o Burnay é capaz de tirar tanto partido de um emprestimo como elle de uma simples bulla! Todos os peccados tem abulição, graças ás virtudes da bulla, e até quando uma pessoa não se abotoar com o objecto que tiver encontrado e o restituir ao seu legitimo dono, é conveniente que o padre *lhe aconselhe a bulla de composição, porque é um meio muito commodo e frequente de augmentar o producto da bulla.*

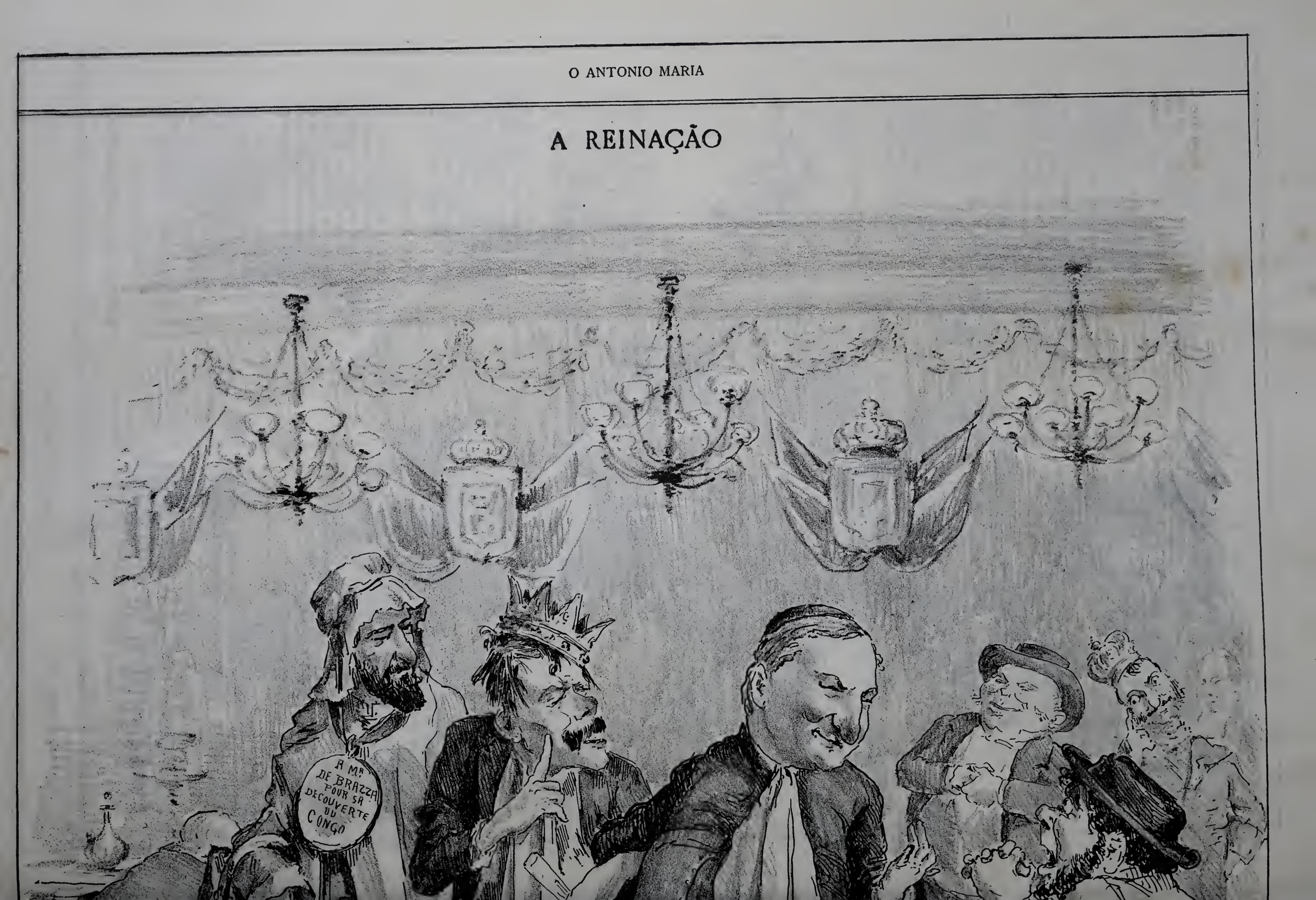
E não tem papas na lingua! O que elle quer é vender bullas para feitiços, para homicidios, para juramentos falsos, e até para a propria virtude em pessoa!

Que ministro da fazenda para lançar impostos! Que financeiro! O que elle faria d'esses restos de pelle que o Fontes nos deixou! Quem faz d'uma bulla um thesouro, era capaz de fazer do nosso thesouro as minas do Peru.



Paga a festança, não faças cantatas e deixa reinar a gente. — Ouvistes?...

A REINAÇÃO



Notabilidades da semana

OS IRMÃOS PINAUDS

São uns perfeitos demonios,
D'uma viveza travessa!
E nenhum quebra a cabeça
Nem o nariz esborracha!
É impossivel que o demo
Dentro d'elles não se encarne...
Não parecem de osso e carne,
São por força de borracha!

Mas esses artistas celebres,
D'um trabalho inimitavel,
Co'um vulto muito notavel,
Quero, leitor, que os confrontes:
Vê lá se não se parecem,
— Pondo á parte as graças plasticas —
N'aquellas formas elasticas
Co'a consciencia do Fontes...

O ATIRADOR PAINE

Tem soberba pontaria;
— Só de lembral-a me aterro! —
Tem a rijeza do ferro
No seu pulso duro e forte.
Aponta firme a pistola,
Puxa o gatilho, desfecha,
E vae tirar uma ameixa
Da cabeça da consorte!

Mas este officio em que Paine
Tem um successo tamanho,
Não é pr'a nós caso estranho,
Não é p'ra nós caso novo...
— Tambem o Fontes aponta
Com tal firmeza no braço,
Que, sem ferir o espinhaço,
Tira a camisa do povo...

PAN.

Bruxarias

O Grigorio camarista,
Por feitiço ou bruxaria,
Mandou deitar sal nas pedras
Do largo da Abegoaria!

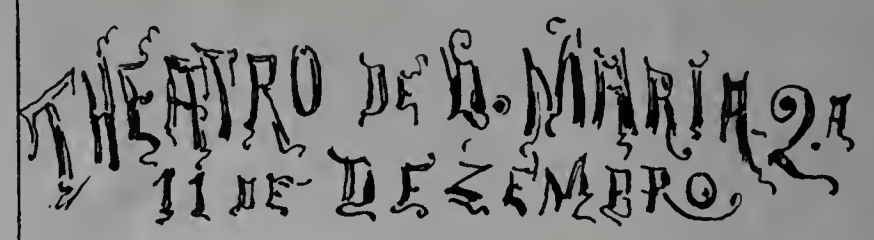
Foi por acinte que o fez,
P'ra nos vir causar abalo,
Pois sabe que é n'esse largo
A morada do Bordalo.

Mas que motivos teria
Aquelle mosquinha morta,
P'ra nos fazer um feitiço?
P'ra nos vir salgar a porta?

Tomou elle por pretexto
P'ra deitar o sal na pedra,
Que quer combater a relva
Que no largo cresce e medra...

Mostrou na esperta evasiva
Que em sophismas não se perde...
Mas tão gordo, tão rotundo,
E com tanta raiva ao verde?!...

PAN.



Ao Silva Pereira fez-lhe bem a viagem ao Brazil. Quando elle partiu de cá era pelo menos octogenario — andava em

carro de duas rodas; mas ao passar a linha rejuvenesceu de tal maneira, que nem que tivesse consumido uma quartola de agua de Juvencio!

Passou por lá bons dez annos sempre a remoçar, a remoçar, a remoçar, de fórma que quando voltou para junto de nós, tinha chegado á idade das valsas e dos idylios, dos madrigaes e das esperas de toiros — andava em tipoia

de quatro rodas. Decorreram mezes, e elle cada vez mais joven attingira a fórma de bébé que faz tem-tem e que mette os dedos no nariz — andava em carrinho de trez

rodas. Ha tempo que o não vemos, e por isso esperamos, na proxima segunda feira, 11, encontral-o em *D. Maria* sob a fórma de recemnascido, chuchando na têta ao colo da ama...

THEATROS

Um supplicio!

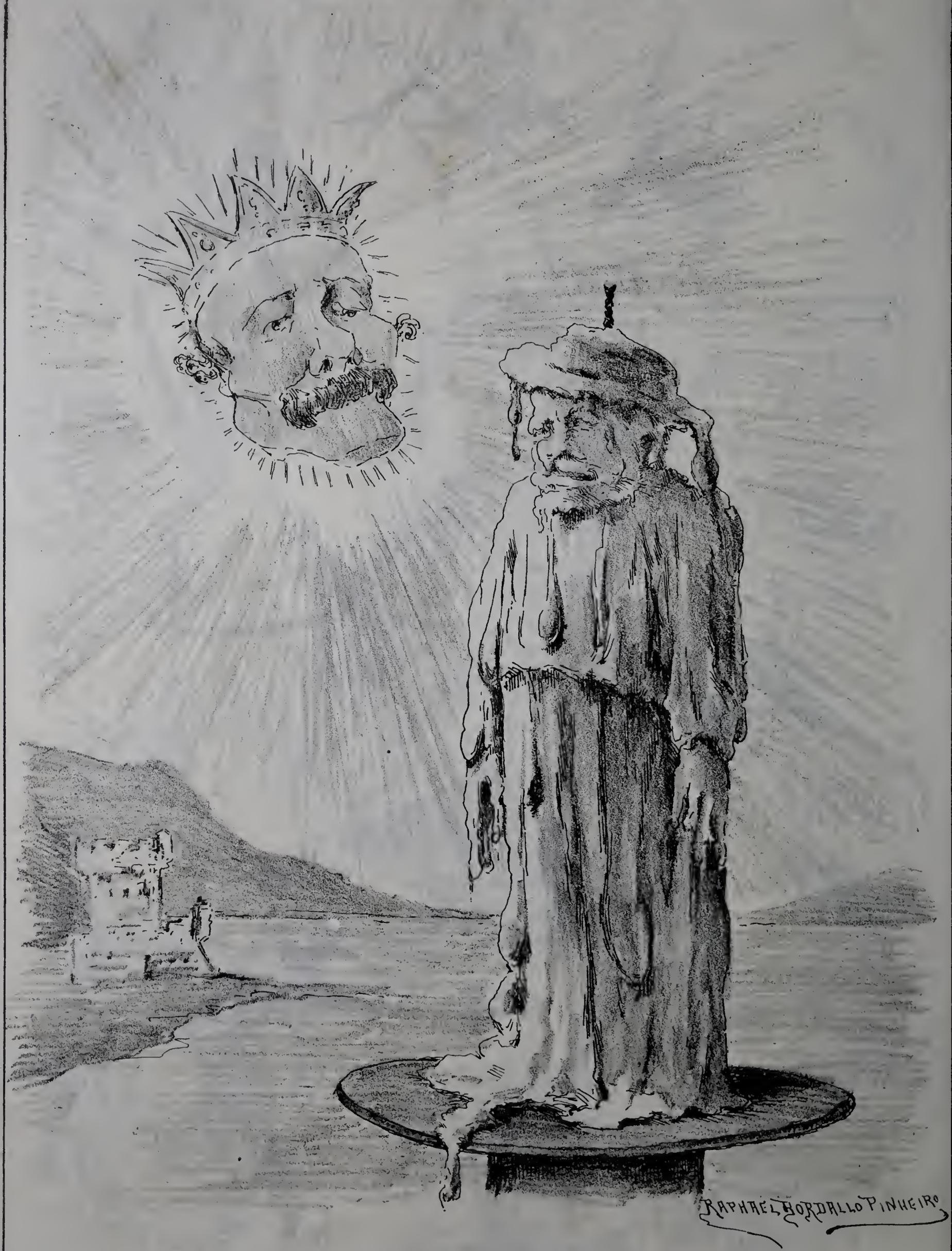
Ha trez semanas em casa
Doente, aleijado, coxo,
Oiço fallar dos theatros,
Mas lá vêl-os — *tó carocho!*

Passo a vida atribulada
Choroso como um repucho,
Tirando ideias do cerebro,
Mettendo beefs no bucho!

Sentado n'uma cadeira
De rodas, buraco, e caixa...
— E o judeu do Basorrinho
Inda a apertar-me a tarraxa!...

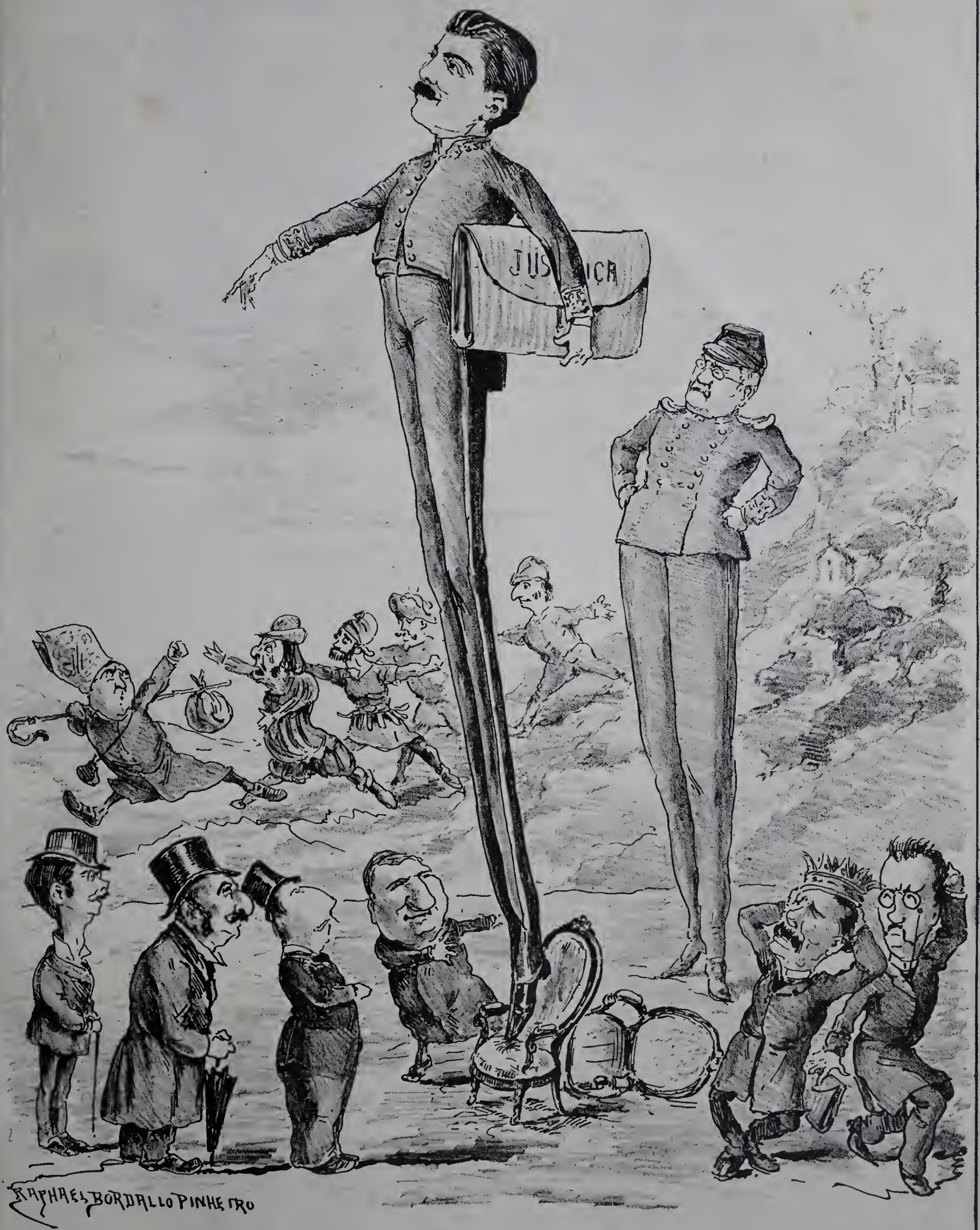
ZÉ POVINHO DE LISBOA

A proposito da eleição no Funchal



É de cêra derrete-se ao sol.

O que se guindou á verdadeira «altura da gravidade das circumstancias»



Os mais pequenos serão os maiores... Já o dizia o Evangelho, em paraphrase comnosco.

A batota

Pela segunda vez, os jornaes noticiam alegres e jubilosos, o segundo ataque ás batotas da capital.

«Fazemos votos, dizem elles, para que o ex.mo sr. governador civil não pare no affan de purgar a cidade d'estes covís immundos do vicio, d'onde sae a desgraça de tantas familias, a mizeria, o crime!! »

De accôrdo.

Ó moralistas, ó almas candidas, como sois ridiculos, acobertando na approvação hypocrita das vossas predicas, a patuscada, com fóros de seriedade, a patuscada, que a politica move pelas engrenagens pôdres das suas conveniencias.

Tendes rasão; o jogo é um vicio.

O vicio, qualquer que seja, deve prohibir-se; mas não vos estafeis em odes laudatorias; acima de todas as convenções sociaes, existe uma liberdade suprema, a liberdade individual.

Sim, é esta a questão: o mais são lérias.

Quem é que governa na minha bolsa? Sua ex.ª a auctoridade! curvae-vos, prodigos, um olho providencial véla pelos vossos dinheiros... sim, e a arca do thesouro, o erario, o imposto... descançae, chega ainda, ó Harpagnons, ó pandegos!

Isto é extremamente curioso.

Se eu quizer agarrar no dinheiro da minha bolsa e atirar com elle ás ondas do Tejo aurifero, estou plenamente no meu direito; se eu quizer derretel-o, em casa, de camaradagem com a minha sopeira, para fazer bolas para o meu rosario, ou balas para o meu revolver, estou ainda fóra da alçada policial.

Agora, o que eu não posso fazer é perdel-o, gastal-o, derretel-o, ao pé de dez ou doze pontos, collocando-o sobre quatro cartas, em quadrado, proferindo umas phrases cabalisticas:

ás de cima, salto ao az, á cruz do rei.

A moral, e, não sei se a hygiene de Jayme José, perigam altamente, n'este negocio.

De facto, comprehendo que n'este jogo, ha actos que devem ser mal olhados pelos poderes constituidos, pela carta constitucional e seus addicionaes. O arrojo com que um maráu qualquer, a rescender a aldehyde, colloca um pataco esverdeado sobre a effigie d'um monarcha, exclamando: *salto no rei!* Por muito tolerante que deva ser um governador civil, elle não deverá nunca consentir, que assim se salte em sua magestade.

Um outro, marquez ou padre preferirá um az de copas e apostará n'elle contra a rainha, que será n'essa occasião *cercada* por algum parceiro que tenha filé com as damas.

E, de muitos mais factos que eu podia adduzir d'este jaez, imagine-se quanto este jogo não deva merecer a nossa justa abominação.

Bravo, pela policia: assaltou as casas de jogo, roubou a mobilia, prendeu os donos da casa; faltou-lhe apenas derruir o quarteirão immundo e lançar sobre os destroços o sal purificador. Não pare porem; ha muito mais casas a assaltar, e se zéla os dinheiros publicos com tanto interesse, vou dar-lhe umas informações aproveitaveis.

Alli, para S. Bento, ha um casarão onde de janeiro em diante se joga dia e noite, a honra do paiz, a sua riqueza, a sua vitalidade. É uma grande roleta, onde quem lança a bola, são senhores diversos, mas sob a responsabilidade d'um tal senhor Fontes. Como a tunica do Christo, o paiz tem sido distribuido pelos *pontos* mais de confiança: tem-se jogado, a India, Lourenço Marques, o Commercio, a Industria, tudo. É uma roleta aristocratica, onde a menor parada é de 2700 contos, onde por tanto Zé Povinho não pode apontar, achando-se por isso na tristissima situação, de perder o dinheiro, sem ter ao menos o desaffogo de jogar no *palpite*.

Esta grande casa de *commercio*, tem as suas succursaes. São no Terreiro do Paço. O jogo ahi é mais *pataqueiro*, as paradas são de menor vulto: a felicidade das familias, empregos, commendas, concessões, privilegios, candidaturas, etc., etc.

A policia conhece-as, como conhece as outras, as que podem comprometter um ou outro asno que se deixa depennar: assalte-as pois, confisque a mobilia e atire-me com os responsaveis para o governo civil. Entre o jogar uma possessão e *uma de seis*, não se hesita; o exemplo deve partir de cima.

E depois tudo isto é uma caricatura, uma *charge* incalculavel: Portugal inteiro, é uma *batota* inaugurada em nação independente. Desde a liberdade da consciencia, á liberdade do voto; da reorganisação do exercito, á reorganisação do ensino; da pureza das leis, á pureza do assucar mascavado ou da manteiga ingleza; da commenda ao concurso, do parlamento á taberna, da illuminação dos espiritos á illuminação publica, é tudo uma batota, em que as cartas são puxadas por sujeitos que sabem da *poda*.

N'esta roleta enorme, cujos numeros são representados pelos direitos individuaes, ha apenas um *ponto*, *ponto* eterno, que *pára* e perde, obrigado a jogar, por força, o suor, o trabalho, a camisa e muitas vezes a honra!

Esse ponto chama-se — Zé Povinho.

Se elle joga seis vintens, prendem-n'o; no entanto mettem-lhe as mãos na bolsa e depennam-n'o. Ora, francamente, se o devem levar para alguma parte, não é para o governo civil, decerto, é para o Capitolio.

M.

O visconde de Carriche deitou prosa sentimental no *Diario de Noticias*, a proposito da condemnação das grades do passeio, lavrada no tribunal do largo do Pelourinho. Ao visconde esqueceu apenas pedir a lyra emprestada ao Florencio Ferreira, com o que daria ás suas endechas um tom mais melancholico e funebre.

Entre outras coisas sentidas, diz *elle* que tal vandalismo vae deixar sem esteio na folga, a milhares de creanças que ali passaram os mais saudosos momentos da sua vida descuidosa...

Se o visconde de Carriche não teve em mira dar boa rasão ao proloquio de que *duas vezes somos creanças*, é porque andava feito com o Justino Soares nos honorarios do baile infantil...

O magistrado que julgou os delinquentes apanhados n'uma das ultimas rusgas ás batotas, pregou uma descompostura formidavel no chefe de policia que commandára a diligencia, mas impoz a multa de trez mil e tanto a cada um dos accusados. A isto é que se chama dizer mal do demo e ficar mal com Deus! Em quanto com o gesto da mão esquerda fulminava o agente de policia que attentara contra a liberdade de uns innocentes, lavrava com os dedos da mão direita a sentença que condemnava aquelles mesmos innocentes!

Este odio pela policia e este rancor pelos batoteiros só podia ter uma explicação plausivel: se o magistrado tivesse casa de batota, e os *pontos* lhe levassem a banca á gloria...

Eduardo Pailleron

Eduardo Pailleron, festejando a 200.ª representação da *Sociedade onde a gente se aborrece,* doou uma quantia á sociedade protectora dos orphãos, em vez de gastal-a na classica ceia offerecida aos amigos: Um homem que dispende assim com os enteados da fortuna o que poderia consumir com a propria barriga, representa para nós, tão pechosos em questões de barriga, além d'um benemerito um objecto raro, e tem como tal direitos incontestaveis a um cantinho no nosso coração e a outro cantinho no museu do Possidonio.

Em varios jornaes vem annunciada a venda publica da laranja da China produsida nas reaes propriedades de Queluz com a mesma simplicidade de phrase com que a Theresa dos Anjos faz reclame á couve gallega creada na sua horta. E ainda ha quem accuse o monarcha de falso demagogo! Mas não sabemos então o que querem que elle faça!

Elle dança lanceiros como o sr. Justino Soares; elle faz versos como o sr. Luiz de Araujo; elle bota discursos da corôa como sr. Gonçalves Vivas; elle espeta n'uma cana, para lhes atirar a chumbo, as mesmas batatas que nós espetamos no garfo; elle faz pontaria ás mesmas azeitonas com que nós comemos a carne de porco; elle vende laranjas como aquelle velhote que apregoa:

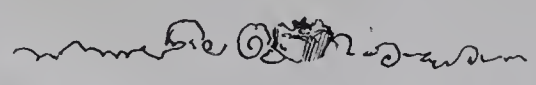
—Já não ha quem se lembre da triste laranja da China?...

Na verdade, que não sabemos o que mais desejam...

O padre Senna Freitas veiu á imprensa declarar que não fôra elle, mas um seu irmão, que, na inauguração do centro egitimista de Braga, arrancára do peito uma bandeira branca, obrigando os assistentes a jurar sobre ella amor e fidelidade á causa realista.

Abstrahindo a affeição fraternal com que o padre Senna Freitas sacudiu do lombo aquella responsabilidade para a depôr sobre o espinhaço do mano, louvamos-lhe ainda a resignação evangelica com que elle se alheia das luctas politicas, confessando ser homem para tudo menos para questões de *bandeirinha*...

E nós que faziamos a seu respeito um juizo tão comtraposto...



Aos que padecem bôlha suicida

Escutae-me, ó gente fria
Que, por influencia de astro,
Trazeis ferrada a mania
De dar cabo do canastro.

Não ralho de quem se babe
Tomando arsenica dóze...
Pois cada um é que sabe
As linhas com que se cose!

Metta quem soffra pesares
Comprida faca nas tripas,
Ou co'um tiro lance aos ares
Os miolos e as farripas.

Mas, se é perfeito christão,
Da sua alma evite o estrago:
Antes d'esta operação
Veja se arranja algum *bago.*

Pois o padre o seu responso
Não nega ao rico suicida...
Somente se faz *Alonso*
Com quem tem bolsa escorrida.

Sabei, pois, que a quem se matta
Sempre absolve a Egreja Madre...
Mas é mister oiro ou prata
P'ra pagar a resa ao padre.

.....

Mostram-no elles!... creio-o eu!...
—Quem tiver a bolsa forte
Não deixa de entrar no ceu
Por falta de passaporte!

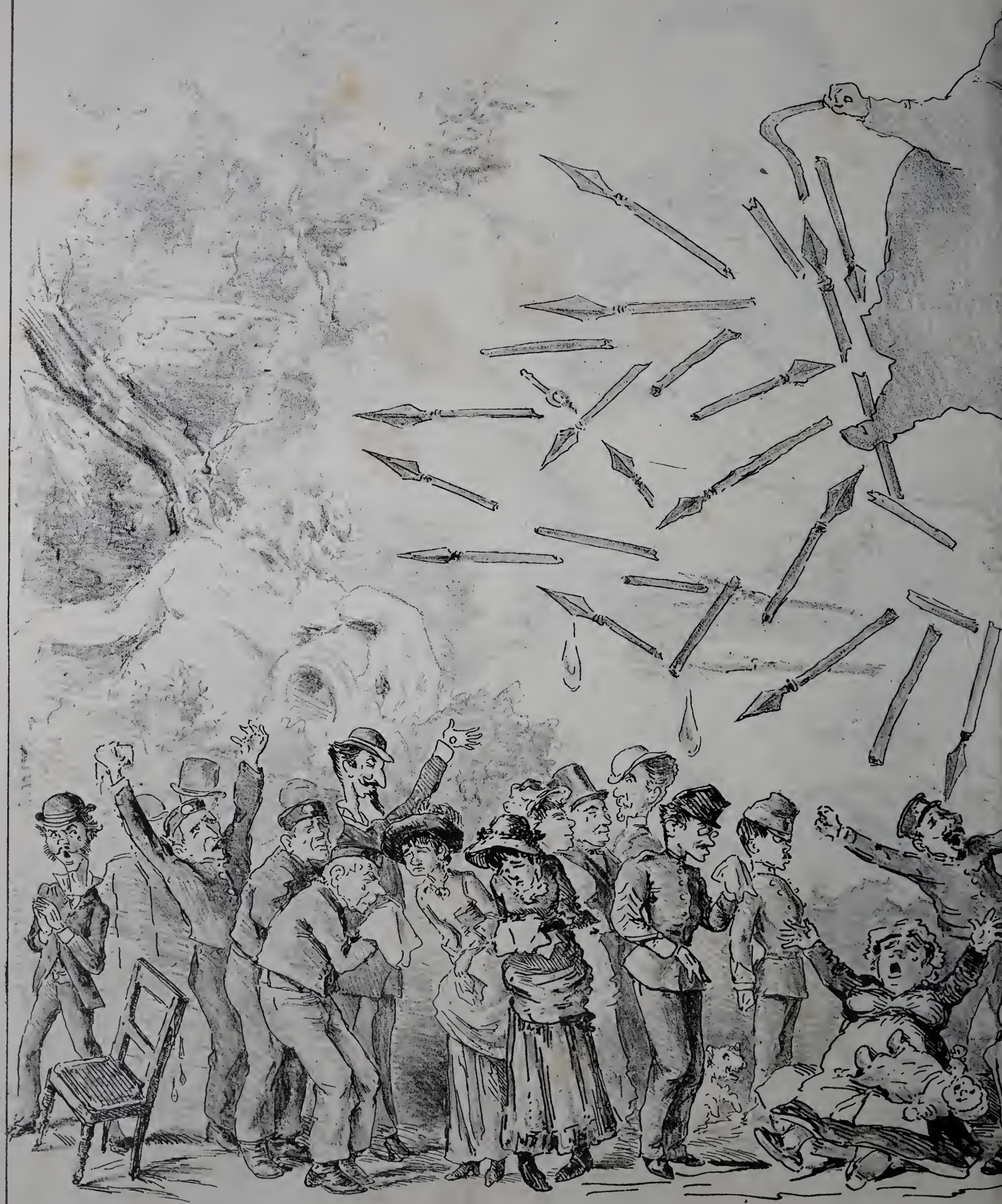
Pelintrões sem um pataco,
Tremei do juizo eterno!...
Se a bala metteis no *caco,*
Caís nas chammas do inferno!

.....

Compra-se a eterna guarida
(Sabei-o aqui, gente leiga)
Co'a moeda com que em vida
Se compra o pão e a manteiga.

O governo negou á memoria do marechal Vidigal e Silva, recentemente fallecido, o cumprimento da ultima vontade do morto, que consistia apenas em ser conduzido para o cemiterio por seis porta-machados do regimento de infanteria 18, que o *insignificante* veterano da guerra peninsular commandára em tempo. E, para que tal acto o não indispozesse para com o exercito, o mesmo governo acaba de nomear para o commando da 2.ª divisão militar ao *illustre* general Paulino de Sá Carneiro, a proposito de quem se instaurou um innocente processo que ha meia duzia de annos joga as escondidas nas prateleiras do tribunal.

AS GRADES DO' PASSE



Cócó o genio

Chorae Carn
Que essas gr

— VALE DE LAGRIMAS

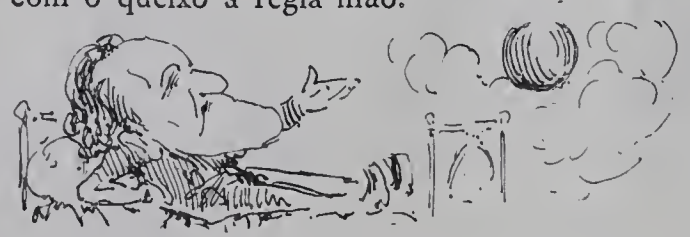
estruição

orae
lá vão

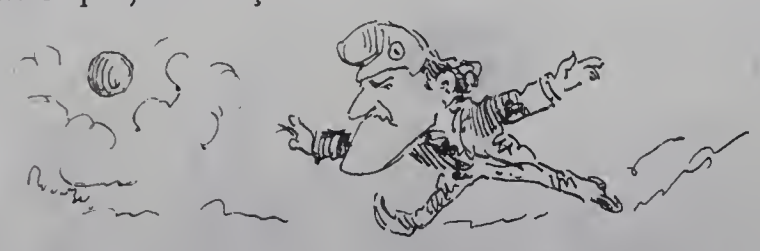
Lucianno descobre que um longo queixo como o seu não cabe em paiz tão pequeno como o nosso

e por isso resolve-se a atravessar as salsas ondas em demanda de regiões em que caiba o seu longo queixo.

Na qualidade de guarda-marinha, Lucianno faz guardas de honra á rainha e logra a suprema ventura de lhe lambusar com o queixo a regia mão.



Mas o queixo de Lucianno era ambicioso até sonhar com o queijo do orçamento.



Por isso o queixo volta a nuca ás instituições vigentes e vae á procura do queijo na republica.

Lucianno discursa, prega a revolta e o queijo lá no horisonte sem se commover.

O queixo de Lucianno entra affoitamente na geographia em demanda do queijo, mas não o encontra.

Diz adeus á republica e desata a *queixolar* a monarchia na pessoa do Caro. E o queijo sem descer do horisonte.

Passa a *queixolar* o Zé Dias e o queijo sem se decidir.

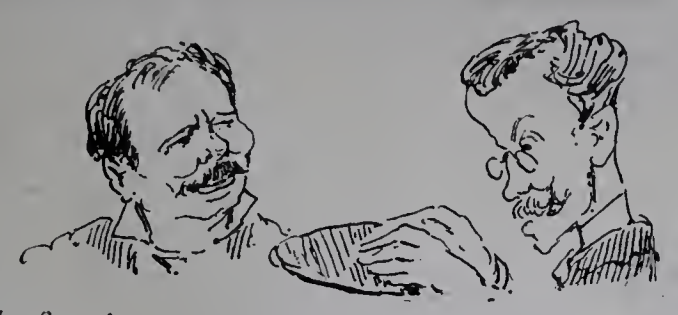
Volta-se para Pinós-Puente e á força de o *queixolar* quasi que o deixa a pedir chuva. E o queixo sem se enternecer.

Vira-se para a exposição do Rio de Janeiro e deixa os expositores a pedirem esmola. E o queijo sem amolecer. Sae do chapéo do ministro para a representação nacional e desata aos pinotes á memoria de Garibaldi. E apesar d'isso o queijo não desce da burra.

Afinal o queixo de Lucianno resolve-se a ir a um concurso, a prova real dos que não podem dar mais nenhuma, e o queijo desce do horisonte e vem pousar como uma pomba sobre o proprio longo queixo.

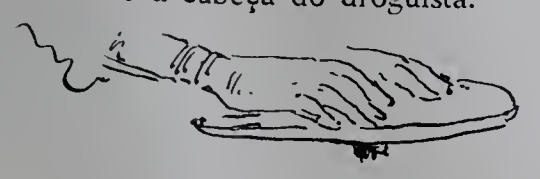
Conselho aos assignantes das recitas impares de S. Carlos

Pois vão vel-o a Cintra a caburro ou na rua, porque na *Favorita* será difficil — não acham?



No fim de contas, o beneficio de Silva Pereira não se effectuou na segunda feira ultima, ficando transferido para o proximo dia 19, porque o Baptista Machado adoeceu com bertoeja nas mãos, produzida pelo fôrro d'umas luvas inglezas — segundo contam os jornaes. Quanto á bertoeja é um facto; quanto ás luvas é uma refinada carambolice. O Baptista Machado apanhou a bertoeja nas mãos mas foi a fazer espiritismo nas mesas de pe de gallo: o verniz da tinta é que lhe fez mal á pelle.

A Cesar o que é de Cesar e ao luveiro o que é do luveiro; restituam-se os creditos a este, e lance-se o anathema sobre a cabeça do droguista.



A grade

CARTA Á MINHA AMADA

Ai! Paula d'estas entranhas!
Com que infinita saudade
Vejo abater das peanhas
Aquella formosa grade!

Foi junto d'ella, no outono,
Quando a cebola se exporta,
Que amor te ergueu doce throno
No extremo da minha aorta.

Lembras-te, Paula? Tu estavas
Sentada no botequim,
E eu reparei, vi que olhavas
De quando em quando p'ra mim...

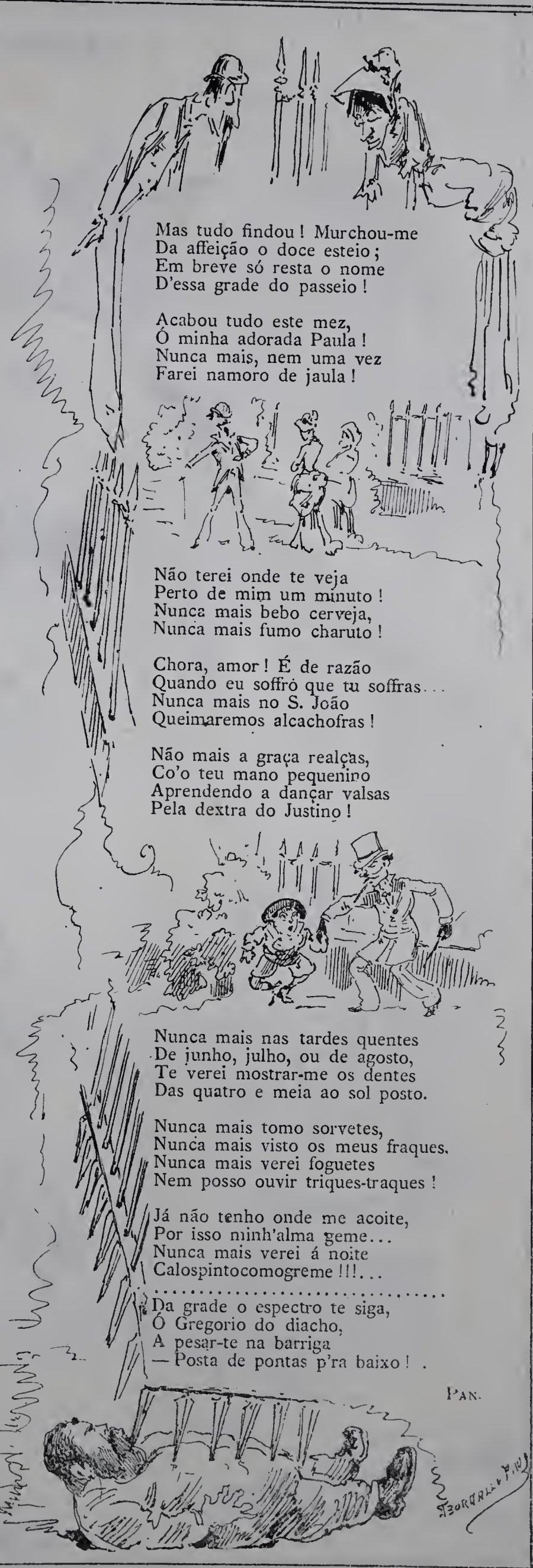
Andava então muito em moda
Brincos e broche de prata...
Tu estavas tomando soda,
Eu fui tomar uma orchata...

Sahiste pouco depois,
Foste p'ra o pé do coreto,
Ouvir a banda do 2
Que tocava o Rigoletto...

Seguiu-se um hymno macanjo
Que a banda cantava em côro...
Foi d'esta forma, meu anjo,
Que nós botámos namoro...

N'esse passeio ao domingo,
Este amor, ó anjo qu'rido,
Destilou-se a pingo e pingo...
Amei-te como um perdido!...

Amei-te como a sanguinea
Adora o sol que começa;
Como Paulo amou Virginia
E Abeilhard... — não, menos essa..



Mas tudo findou! Murchou-me
Da affeição o doce esteio;
Em breve só resta o nome
D'essa grade do passeio!

Acabou tudo este mez,
Ó minha adorada Paula!
Nunca mais, nem uma vez
Farei namoro de jaula!

Não terei onde te veja
Perto de mim um minuto!
Nunca mais bebo cerveja,
Nunca mais fumo charuto!

Chora, amor! É de razão
Quando eu soffro que tu soffras...
Nunca mais no S. João
Queimaremos alcachofras!

Não mais a graça realças,
Co'o teu mano pequenino
Aprendendo a dançar valsas
Pela dextra do Justino!

Nunca mais nas tardes quentes
De junho, julho, ou de agosto,
Te verei mostrar-me os dentes
Das quatro e meia ao sol posto.

Nunca mais tomo sorvetes,
Nunca mais visto os meus fraques.
Nunca mais verei foguetes
Nem posso ouvir triques-traques!

Já não tenho onde me acoite,
Por isso minh'alma geme...
Nunca mais verei á noite
Calospintocomogreme!!!...

.....

Da grade o espectro te siga,
Ó Gregorio do diacho,
A pesar-te na barriga
— Posta de pontas p'ra baixo!

PAN.

A passagem de Venus

Este sol está cheio de *passagens*

A ACTUALIDADE

Tres kagados

O paiz anda cheio de enthusiasmo porque o franganote da justiça acceitou a renuncia da mitra ao arcebispo de Braga.

Afinal de contas todo este enthusiasmo não significa o gaudio do paiz pela desaffronta dos direitos da nação que o arcebispo contestava e se dispunha a desacatar, mas sim a satisfação da má vontade do pequeno contra o grande.

Não foi a victoria do ministro n'uma escaramuça contra a reacção, nem foi a affirmação de um principio de tal ou qual escola liberal, que moveram o enthusiasmo dos leitores da folha official e das que celebraram o feito o franganote, foi a pedrada do pequeno David no gigante Golias, foi a bicada do gallinho mal emplumado no terror da capoeira.

Se ao paiz lhe importasse com a reacção para alguma coisa, se o seu espirito liberal se insurgisse deveras contra a preponderancia clerical e a absorpção de todos os poderes do estado pela nunciatura, já tinha reagido ha mais tempo, já tinha manifestado a sua opinião, apesar da tolerancia dos governos para com a reacção e do rigor com que tratam alguns raros que pretendam molestal-a.

Do que todos gostaram foi de fazer surriada ao arcebispo, porque quanto á influencia clerical os proprios que agora applaudiram o franganote ministro, são ámanhã os primeiros a favorecel-a e augmental-a com a sua negligencia.

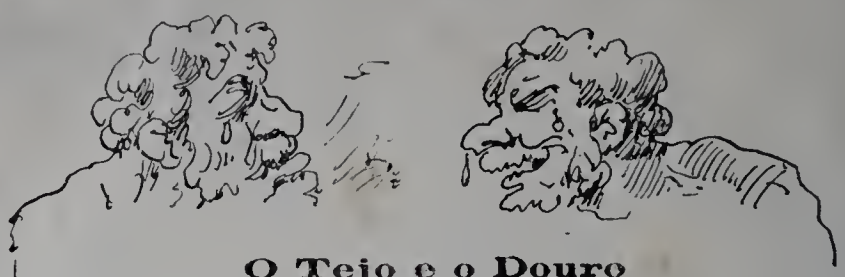
N'isto como em tudo o mais, os que são mais adiantados de idéas, confiam em que o governo ha de resolver por elles todos os problemas da sua vida. Se o padre os incommoda em casa, no pulpito, no confessionario; se lhes desvaria a cabeça das mulheres e enche de embustes a dos filhos, se lhe faz a desordem no lar domestico, se o torna um manequim movido por vontade alheia, se lhe dá volta ao proprio miolo, o governo que lhe acuda, que lhe ponha o padre fóra da freguezia, da casa, do confessionario e do pulpito.

Em vez de educar os filhos nos principios da sã moral e de solidas virtudes, quasi toda a gente os confia nos primeiros annos á doutrina fanatica, idiota ou perfida de um padre bom ou mau ou de quem leia pela mesma cartilha. Se os filhos lhe apparecem um dia cheio de ideias falsas, de exageradas devoções, com o espirito acanhado e atrophiado, queixam-se dos mestres a quem os entregaram, como se as mães que confiaram a amamentação das creanças a amas pouco saudaveis podessem condemnar estas pelas doenças que de futuro se manifestassem nos filhos.

De não fazer mal um bocadinho de devoção ás mulheres, como dizem muitos, resulta sem a energia ou o bom conselho do chefe de familia, que ellas passam o dia na egreja, ouvindo as baboseiras de qualquer padreca sem illustração, que lhe povoa a cabeça de crendices e terrores, que as transforma de boas esposas e mães de familia em caudatarias do padre Fuão ou Beltrão.

O chefe da familia, no meio de filhos com taes mestres e mulheres com taes mentores, ou tem de passar para os seus por um impio, que o menos que inspira é dó, ou tem de fazer sucia com o beaterio da familia, para não quebrar de todo os laços de parentesco e de um resto de afeição que os padres lhes deixaram por extremada caridade.

Ora sendo todos assim, pouco mais ou menos, a valentia praticada pelo ministro da justiça contra o arcebispo de Braga, pouco resultado produzirá contra a reacção religiosa, salvo se o governo se resolver a enforcar o ultimo bispo com as tripas do ultimo padre.



O Tejo e o Douro

É alta a noite; no Passeio Publico
Reina a mudez; nem um só gato é lá;
E o grande *Tejo*, figurão marmoreo,
Diz para o *Douro*, que defronte está:

Irmão, choremos, innocentes victimas
Da raiva insana do senhor Cócó,
Que as nossas grades nos empalma, e deixa-nos
A furia expostos dos garotos... Oh!..

Em breve (assusta-me esta idéa lugubre!)
Desnarigado me vereis aqui...
Quebrado o sceptro que na mão, impavido
Por tantos annos sobranceiro ergui!

Responde o *Douro*, suspirando férvido:
Fêl-a bonita o *nosso amigo*... fez!..
Parece mesmo que é parente proximo
D'estes patinhos que nos 'stão aos pés!

.....

E o *Tejo* e o *Douro*, em fervorosas lagrimas,
Lamentam sorte de tamanho horror;
E os patos na agua se espanejam, lyricos...
Pois quem é pato nunca sente a dôr!

Está entre nós Arthur de Azevedo, notavel escriptor brazileiro.

Entre *nós* sem *calembourg*, porque Arthur de Azevedo está tão livre que acaba de fazer a viagem do Rio de Janeiro até Lisboa sem impedimento da policia. Vem passeiar o seu bello talento e distrahir o seu espirito delicado n'esta cidade de marmore e de typhos á beira mar plantada, pelo que não lhe gabamos o gosto, felicitando-nos comtudo por essa original excentricidade que nos permitte apertar a mão ao distincto dramaturgo.

O *Diario Illustrado* e outras folhas não menos *illustradas* cá da terra, occupam-se ha dias d'uma questão de soalho suscitada entre dois irmãos extremosos — os manos Nepomucenos — que não duvidaram vir para o descampado da imprensa fazer o estendal das rodilhas da sua vida.

O leitor das folhas sérias, que em vez de se instruir e recreiar com doutrinas scientificas e noticias interessantes, tem de deglutir quatro ou cinco columnas d'aquelle gaspacho de taberna, dá ao diabo os dez réis dispendidos e a escolha dos manos Nepomucenos, mas a imprensa séria pouco se amofina com os enfados do leitor, porque da perda de dois ou tres assignantes ficou ella bem resarcida com a publicação da asquerosa devassa — a dois patacos por linha!

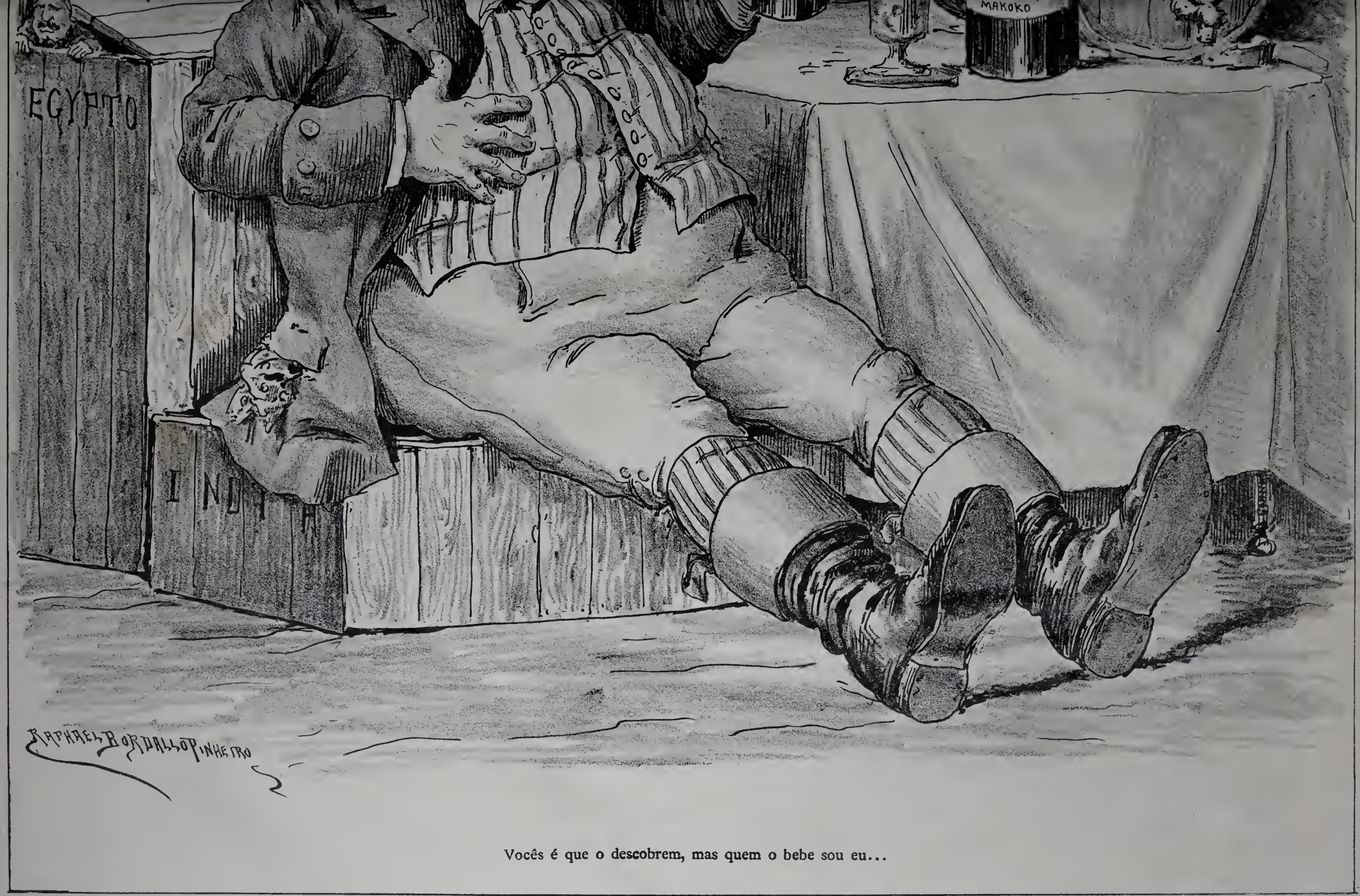
A imprensa séria podia muito bem lembrar aos dissidentes a praça do Campo de Sant'Anna como local mais apropriado para esse genero de exercicio dos quartos trazeiros, mas preferiu que os Nepomucenos viessem escoicear-lhe em casa, importando-lhe pouco que em quanto levantavam os pés reciprocamente se lhe firmassem no proprio lombo, assentando n'elle as patas dianteiras.

É que a imprensa séria não sente as arestas dos rompões quando as ferraduras são de prata...

As toilettes de Sarah Bernhardt na Fœdora

A questão das *toilettes* de Sarah Bernhardt na *Fœdora* tomou em Paris as proporções de um conflicto imminente com a Allemanha. Paris revoltou-se contra a falta de patriotismo de Sarah Bernhardt, que mandou fazer as *toilettes* da *Fœdora* por alfaiates estrangeiros. As quatro *toilettes* que hoje desenhamos custaram 10 contos de réis á actriz franceza.

Já é uma bonita conta para incitar o patriotismo das modistas de Paris. Entretanto, os patriotas francezes tratam de impingir os seus productos ao resto do mundo que, na falta de patriotismo, vai comprando e pagando— Aviso ás lisboetas; se quizerem patentear em toda a evidencia o seu patriotismo, têm de se vestir de chita da fabrica de Sacavem, e por estes figurinos. E quanto menos fazenda, mais patriotismo.



Vocês é que o descobrem, mas quem o bebe sou eu...

A QUESTÃO DO CONGO

!!!!!

Que fazes, ó Rosa?...
Offendes as *nymphas*?...
Nas gradas tu *fimfas*
Com sanha cruel?...
Desejas acaso,
Figura roliça,
De pedra e caliça
Fazer um pastel?

Pois tu não respeitas
Essas testemunhas
Das mil caramunhas
De férvido amor?...
Não viste os Adonis,
Atraz d'essas grades,
P'ra as suas deidades
Bifarem a flôr?

Não viste o galucho
Com fé tarimbeira
Lançar á sopeira
Sympathico anzol?...
Não viste os amantes
Chuparem teus bolos,
Sem dó dos miolos
Torrarem ao sol?...

Ah Rosa! meu Rosa!
Ah! quem me diria
Que em tanta poesia
Ferrasses quinau!...
.....
Pranteia! Pranteia,
Sensivel Carriche,
Mettido no briche
Do teu balandrau!

És lyrico; — vejo-o
Mais claro do que agua;
Pungido da magua
Entraste a chorar.
— Tu choras na epistola;
Eu choro em meus cantos!
Juntemos os prantos
No mesmo alguidar.

A Raphael Bordallo

Na occasião de lhe desentalarem metade da perna

Parabens! que a gambia coxa
Já se mostra meia á véla,
Rechunchuda, gorda e bella
Como um presunto de Chaves,...
E uma vez que ella se mostra
Tão perfeita — sem lisonja —
Com sabão, potassa, esponja,
— É mister que a perna laves...

Foi, Bordallo, se do caso
N'este instante bem me lembro,
Nos principios de novembro
Que soffreste a dura magoa.
E de então, ha mais d'um mez,
Sempre immovel, n'uma trouxa,
Nunca mais a perna coxa
Avistou nem sombra d'agua!

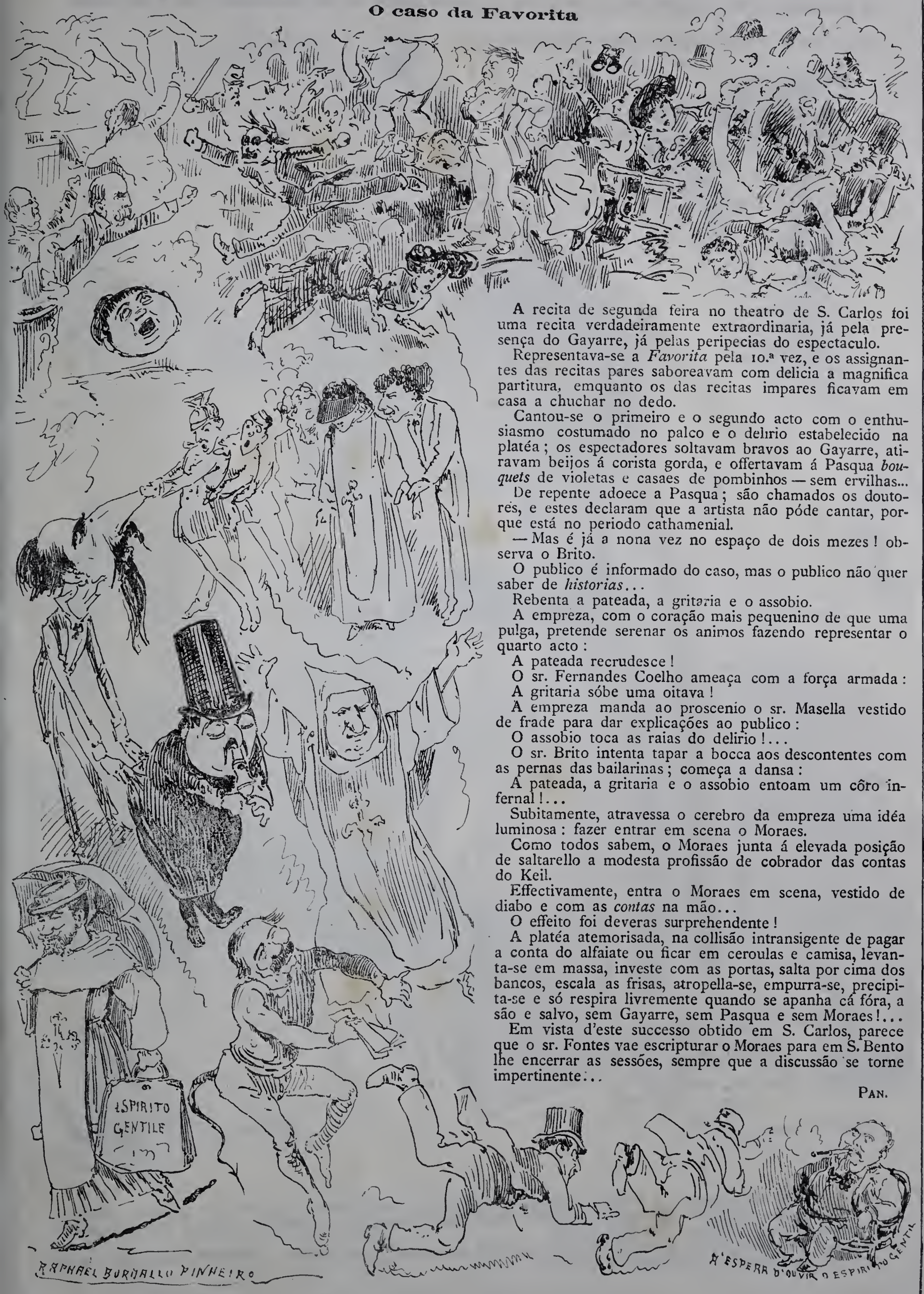
Tu, que no dia seguinte
A terrivel quebradella,
Da fractura da canella
Fizeste um soberbo assumpto;
Tu, que da atroz cambalhota
A triste historia illustraste,
E feliz te confessaste
Por ter's lavado o presunto;

Deves hoje, que essa perna
Já está livre do trambolho,
Pol-a trez dias de molho
— E talvez que seja pouco! —
Deves salgal-a a valer
P'ra que o cebo não crie ranço
Esfregando-a sem descanço
Com potassa escova e côco...

É mister, se bem que a dôr
Inda a gambia te atenasa,
Dizer á moça da casa
Que te faça uma barrella...
.....
Termino os versos em musica
P'ra lhe dar memoria eterna:
Tin tin vae la var a per na,
Tin tin dei t'á na pa ne la...

PAN.

O caso da Favorita



A recita de segunda feira no theatro de S. Carlos foi uma recita verdadeiramente extraordinaria, já pela presença do Gayarre, já pelas peripecias do espectaculo.

Representava-se a *Favorita* pela 10.ª vez, e os assignantes das recitas pares saboreavam com delicia a magnifica partitura, emquanto os das recitas impares ficavam em casa a chuchar no dedo.

Cantou-se o primeiro e o segundo acto com o enthusiasmo costumado no palco e o delirio estabelecido na platéa; os espectadores soltavam bravos ao Gayarre, atiravam beijos á corista gorda, e offertavam á Pasqua *bouquets* de violetas e casaes de pombinhos — sem ervilhas...

De repente adoece a Pasqua; são chamados os doutores, e estes declaram que a artista não póde cantar, porque está no periodo cathamenial.

— Mas é já a nona vez no espaço de dois mezes! observa o Brito.

O publico é informado do caso, mas o publico não quer saber de *historias*...

Rebenta a pateada, a gritaria e o assobio.

A empreza, com o coração mais pequenino de que uma pulga, pretende serenar os animos fazendo representar o quarto acto:

A pateada recrudesce!

O sr. Fernandes Coelho ameaça com a força armada:

A gritaria sóbe uma oitava!

A empreza manda ao proscenio o sr. Masella vestido de frade para dar explicações ao publico:

O assobio toca as raias do delirio!...

O sr. Brito intenta tapar a bocca aos descontentes com as pernas das bailarinas; começa a dansa:

A pateada, a gritaria e o assobio entoam um côro infernal!...

Subitamente, atravessa o cerebro da empreza uma idéa luminosa: fazer entrar em scena o Moraes.

Como todos sabem, o Moraes junta á elevada posição de saltarello a modesta profissão de cobrador das contas do Keil.

Effectivamente, entra o Moraes em scena, vestido de diabo e com as *contas* na mão...

O effeito foi deveras surprehendente!

A platéa atemorisada, na collisão intransigente de pagar a conta do alfaiate ou ficar em ceroulas e camisa, levanta-se em massa, investe com as portas, salta por cima dos bancos, escala as frisas, atropella-se, empurra-se, precipita-se e só respira livremente quando se apanha cá fóra, a são e salvo, sem Gayarre, sem Pasqua e sem Moraes!...

Em vista d'este successo obtido em S. Carlos, parece que o sr. Fontes vae escripturar o Moraes para em S. Bento lhe encerrar as sessões, sempre que a discussão se torne impertinente...

PAN.

A exposição de quadros modernos na redacção do «Commercio de Portugal»

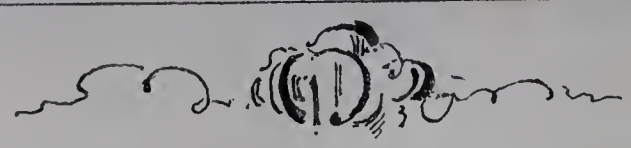
Desenhos extrahidos do catalogo illustrado, coordenado por Alberto d'Oliveira.

Mais uma vez, como sempre, a iniciativa particular logrou o que não logram a iniciativa e a prosapia official. Á boa vontade e ao esforço de meia duzia de rapazes intelligentes abriu-se uma exposição profiqua, que não passaria de insignificante se a sellára o veto da academia.

Abram-se pois as exposições particulares, visto que tanto promettem, mas feche-se a academia, senão por medida economica, ao menos por movimento de vergonha.

OLIVEIRA MARRECA

O decano dos republicanos portuguezes



*
* *

No banquete offerecido por alguns membros do partido republicano ao dr. Manuel d'Arriaga, disse este, referindo-se ao vulto sympathico de Oliveira Marreca, que aprazia ver um velho respeitavel conservando em cada cabello branco um attestado da mesma fé politica que professara em criança.

É deveras notavel que os republicanos — um partido que nasce — contem entre si tantos cabellos brancos, ao passo que os monarchicos — uma facção que se extingue — não tenham senão cabellos pretos!

Muito podem a vaidade e a agua circassiana!...

*
* *

Saiu a lume o segundo numero das *Farpas*. Limitamo-nos a noticiar esta publicação, encarecendo-a apenas com a transcripção dos dois trechos que hoje lhe furtamos, por nos parecer insignificante quanto podessemos dizer em seu favor.

O padre de sala grassa principalmente na aristocracia das cidades, cujas casas frequenta por um resto de tradição antiga nas familias nobres, onde o capellão era de rigor nos accessorios da *mise-en-scene*, como o boleeiro, o criado de farda e a preta.

As meninas nobres, que hoje lêem o *Figaro* e os romances de Daudet, não tomam completamente a serio essa reliquia heraldica. O padre da casa é para ellas um simples utensilio de caracter prophano, recreativo e caturra. Troçam-o como um grotesco inoffensivo, e utilisam-o como um serviçal de sexo neutro, collocado na serie zoologica da herilidade entre a criada de quarto e o homem. Encarregam-o de certas compras raciocinadas, que não sabe fazer um simples moço de recados sem o curso dos seminarios.

É o padre que vae ao Seixas buscar as lãs para bordar, segundo os matizes da amostra, que leva o bracelete a compôr ao Leitão, e o *chignon* para frisar ao Godefroy. É elle que acompanha ás lojas de dia e ás visitas sem cerimonia á noite. Leva os agasalhos; ajuda a vestir os paletots, ata os sapatos cujas fitas se deslaçam no caminho, e paga os bilhetes do americano com dinheiro que se lhe fornece para isso.

Não está persistente n'uma só casa, como nas antigas capellanias. Anda aos dias. Aos domingos vae jantar a casa das F., onde serve ao croquet ou ao lawn-tennis no jardim, e onde marca as carambolas no bilhar á noite. Ás segundas-feiras chaperona a lição de desenho das meninas S. Ás terças acompanha a viscondessinha de X ás suas devoções a S. Luiz e a outros logares. Ás quintas dão-lhe chá preto e pão torrado com manteiga para ir fazer perna ao whist da velha baroneza de P.

Aos serões, em torno do candieiro, depois de despejado o saco das mexeriquices que traz das casas d'onde vem, vê as gravuras das illustrações, ou dorme. As meninas procuram ás vezes arrancal-o ao torpôr da sua digestão ou da sua ignorancia, ambas egualmente crassas:

— Padre José, esperte! não se faça ainda mais mono do que é; scintille para ahi um boccado; tenha faisca ainda que seja em latim, ou em canto chão!

E perante o olhar d'elle, esbugalhado, vermelho, attonito, ellas, em inglez, umas para as outras, picando o *crochet*:

— Cada vez mais bruto! uma lastima! um cumulo!

Quem precisa de padre e o não tem á mão, pede-o emprestado, como se pede emprestado ao visinho um alicate ou um martello. Sophia, que está em Cintra, escreve para Lisboa, a uma amiga:

«Resolvemos abrir duas portas na sala de jantar sobre o jardim. Preciso d'olheiro para os operarios. Cede-me Padre Antonio por oito dias. Dá-lhe dinheiro para o omnibus e manda-m'o ámanhã sem falta.»

Ás vezes o padre de sala desapparece por algum tempo da circulação, posto na escada com a respectiva bagagem, — uma camisa, um pente, dois pares de piugas embrulhadas n'um jornal, — e uma pontuada de bengala nos rins em estimulo de velocidade para a porta da rua.

Alguem á noite pergunta:

— Que é feito do padre João?

E o dono da casa, levantando os olhos do jornal que lê a um canto, responde lentamente:

— Mandei-o rinchar para as lesirias. Começava a achar-se folgado de mais para se continuar a ter á argola. É o que lhe fiz sentir esta manhã por meio de uma ligeira admoestação corporea.

— Mas o physico do sacerdote é inviolavel e sagrado!

— Por isso tambem não foi pelo lado *cruzes* que eu o admoestei, foi pelo lado *cunhos*.

* * *

A corveta *Stephania* acaba de dar da sua incapacidade como instrumento beligerante o testemunho mais eloquente, mais triste e mais solemne.

Mandada á ilha da Madeira para o fim de resolver em favor do governo o empate de uma eleição de deputado, a dita corveta de tal modo manobrou que a eleição de desempate recahiu em massa sobre o candidato republicano de opposição ao governo.

Considerada pelos poderes publicos como incapaz do real serviço, consta que este vaso de guerra vae ser aposentado e recolhido debaixo do leito do Arsenal na qualidade de vaso de paz.

Para substituir a *Stephania* nas campanhas navaes das futuras eleições pensa-se em mastrear em corveta o compadre Tavares. Para esse fim estão-se já colligindo nas estações competentes os mexilhões precisos para guarnecer a quilha d'este disctincto cavalheiro.

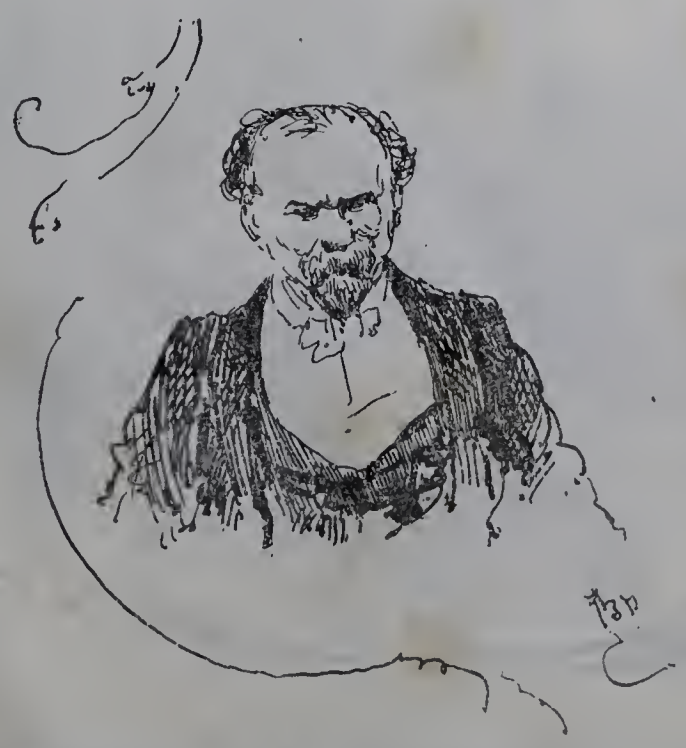
Parabens a sua excellencia!

(AS FARPAS)

* * *

Toda a cidade notou com agrado a graça varonil, a elegancia dos trajos e o aspecto desempenado dos rapazes da escola municipal e toda foi unanime em tecer os maiores gabos á iniciativa pujante dos Cócós da actual camara, pelo emprehendimento da sympathica instituição.

Elias Garcia representa n'este caso o papel do trabalhador honesto e incansavel que tendo lançado á terra a semente productiva vê depois comer-lhe os fructos o mandrião que nada fez.



O *Antonio Maria* é como que uma camara optica onde passam semanalmente todos os vultos, quer attrahentes, quer repugnantes, quer sympathicos, quer nauseabundos, que uma circumstancia qualquer tornou notaveis. Para figurar n'estas paginas tanto basta fazer-se o bem como o mal; tanto monta ser-se Victor Hugo como Diogo Alves. Genio ou nullidade, veneravel ou grotesco, tudo aqui tem o seu logar numerado.

Foi assim que publicámos os retratos de Gemma Cuniberti e do Maluquinho de Arroios, de Thieres e do sr. Fontes Pereira de Mello; e é assim que damos hoje á estampa os retratos de Oliveira Marreca e dos dois lentes de Coimbra a cuja iniciativa se deve a medida estupenda de haverem sido expulsos das cadeiras da universidade uns moços distinctos, pelo crime abominavel de terem discutido em publico a idoneidade scientifica d'aquelles sabios de trapeira!

Ao desenharmos porém um velho respeitavel, de bonet, e uns safardanas ridiculos, de capello, guardamos a distincção de esboçar o rosto d'aquelle com um pincel de fina sêda e de pintar as caras d'estes com a brocha da nossa chaminé.

Ladrem-lhe ás botas!...

Uns dizem que cae o Fontes,
Outros que o Fontes não cae...
E em parvoneos horisontes
Que bulha por ahi vae!

Eu digo a quem me *seringa*
Com este palrar confuso:
O Fontes não cae nem ginga,
stá firme no parafuso!

Empurram-n'o varios *Pretos,*
A *Granja* tambem o empurra;
—Meninos, 'stejam quietos,
Que elle não desce da burra.

O Fontes nem se atrapalha
Vendo a *bicha* erguer a tromba
No cavaquinho farfalha:
Tenho dinheiro quizomba.

A eleição do Funchal
Nem lhe causou leve colica,
E passou o seu Natal
Na mais doce paz bucolica.

Fontes pediu ao Bazorra
Que lhe chumbasse a dentuça.
—Aturem-n'o com pachorra,
Ir ao chão?!! Qual carapuça!

O banquete republicano, realisado a 24 de dezembro,

O Club Henriques Nogueira quiz offerecer um jantar de subscripção a um seu correligionario distincto e
o partido regenerador se lembrar um dia de prestar igual homenagem ao sr. Fontes, estamos certos de que co

nonra de Manuel d'Arriaga e dos eleitores funchalenses

creveram-se de chusma cento e vinte subscriptores — porque mais não comportavam as dimensões da sala. — Quando erão tambem cento e vinte convidados... se s. ex.ª pagar a paparóca...

Guerra salchicheira

Deu signal a trombeta da chanfana
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o todo o Campo de Sant'Anna,
E da Penha o lagarto o ouviu medroso!
Ouviu o Tejo a porca bulha insana
E de ouvil-a ficou mais mal cheiroso,
E as mães, que o som terribil escuitaram,
Esconderam os filhos e apitaram.

(*Camões* torcido).

Ergue-se em guerra a tropa da salchicha
Contra a gente que as grades bota abaixo,
E com altas razões quer ver se abicha
Para a sua chorina um bom despacho:
Diz que no matadouro se capricha
Em pagar de eleições o cambalacho
E que p'ra matar porcos sempre é frouxo
O artista que é *maneta* e o que é *coxo*.

Inventaes por maldade os embaraços,
Ó gente salchicheira endiabrada,
Pois nunca foi mister haver dois braços
Para dar simplesmente uma facada:
Tambem miolos me mostraes escassos
Reprovando o que tem *gambia-aleijada*,
Porque inda ninguem viu uma só vez
Que se matasse o porco aos pontapés.

Debalde, ó salchicheiro, te esganiças,
De uma louca razão te persuades;
É justo — se por cá temos justiças —
Que ao porco abata quem abate as grades,
Saem-te mais caritas as linguiças?...
Por isso não te esquentes nem te enfades,
Que o povo é rico. tem dinheiro a montes
Por graça do Burnay Bazorra e Fontes.

Abatei, salchicheiros, a chibança
Que de *gangão* vos leva ao desatino;
Querer vencer *Cócós* é louca esp'rança
Quem nem deve caber no proprio suino:
Se desejaes tomar atroz vingança
E a vossos inimigos dar ensino,
Quando houver eleições sêde uns fadistas
Chamuscando na urna os camaristas.

. . . . . .

Mas não os vencereis na dura *liça*,
Gente que em raivas accendida vejo;
Custa mais do que a encher qualquer chouriça
O passar-lhes uma ordem de despejo!...
Sem Lisboa ficar feita em caliça
Nenhum larga o logar; — aquillo é queijo;
E ninguem ferrar póde uma desanda
No que o FADO decreta ou o FONTES manda

ATRAVEZ DO CONTINENTE TYPHOSO

Viagem do nariz do dr. Amado

ARGUMENTO

O dr. Amado vae observar a composição do ar que se respira nas casas de habitação, nos hospitaes, nas egrejas, nas ruas, etc. (Gazetas lisbonenses).

CAPITULO I

O dr. Amado faz os seus preparativos de viagem: acido phenico, agua de Labarraque, vinagre de sete ladrões, ammoniaco, chlorureto de cal, etc. etc. e uma collecção completa de narizes de varias dimensões, para se poderem moldar a diversos sitios e todos couraçados e com puas para os defenderem dos ataques das epidemias.

CAPITULO II

O testamento; os soccorros espirituaes; despedida tocante da familia; pranto dos amigos; ultimo adeus.

CAPITULO III

O ousado explorador atravessa a baixa de nariz no ar e logo n'esta primeira viagem descobre que na composição da athmosphera não entram essencias de rosas e de violetas. Primeiro triumpho para a sciencia.

CAPITULO IV

O heroico dr. Amado entra n'uma egreja. Prega o reverendo Senna Freitas. Não ha onde caia uma palha. Nos thuribulos ardem o incenso e a alfazema; pelo chão espalha-se o rosmaninho; mas o ar não está impregnado d'aquelle cheiro de santidade que deve rescender de um templo. Pelo contrario o nariz do dr. Amado nota um cheiro de cebolinho e sovaquinho que lhe denuncia pouco sabonete na composição do ar.

CAPITULO V

O denodado explorador, com as ventas desinfectadas por meio de acido phenico, mette o nariz no *paraiso* do theatro de S. Carlos em noite de Gayarre e de Pasqua (sem periodo cathamenial). Ao fim de poucos minutos o nariz do dr. Amado descobre na composição do ar que se respira no theatro, particulas de queijo Gruyère, denunciadas pelo cheiro especial que tem aquelle queijo e que só se confunde com o de casa de malta. Explendido triumpho para a sciencia!

CAPITULO VI

O audaz explorador, entra na cadeia do Limoeiro, e descobre com espanto que na composição do ambiente, entram particulas de feijão podre, de cartas de jogar, de navalhas de ponta, de animaes immundos e até de projectos de reforma penal. Á saida roubam a ferramenta ao valoroso explorador, isto é roubam-lhe o nariz, para lhe darem uma idéa completa do estabelecimento.

CAPITULO VII

Para dar uma boa estreia ao seu nariz novo o dr. Amado vae a um baile estudar o ar athmospherico.

Sobre as *étagères* brilham pelo seu viço as flores mais odorantes; *poufs* e *paniers* rescendiam a essencias finas, mas no ar predominava um cheiro rebelde a tornozelo encardido. O nariz do dr. Amado correu para a casa da ceia. Entre os aparadores fumegavam as iguarias, mas cheirava á pia que tresandava. No ar athmospherico havia particulas da couve lombarda que ainda não conseguira precipitar-se no cano geral. Incomparavel triumpho para a sciencia!!

CAPITULO VIII

Animado por estas proveitosas experiencias o nariz do dr. Amado ousa entrar n'uma salchicharia. No ar athmospherico encontra microbios, bacterios e trichinas em tal quantidade que são visiveis a olho nu.

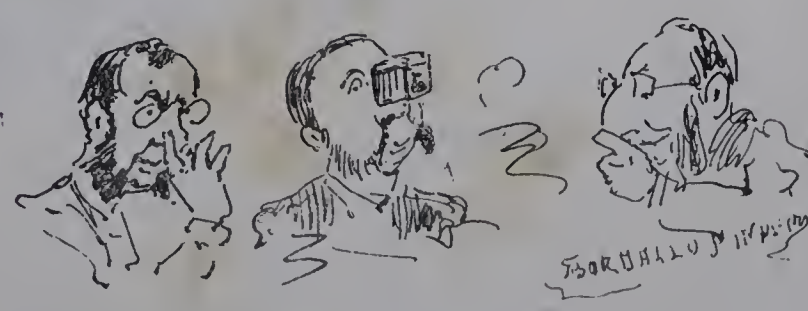
Sahindo são e salvo da athmosphera em que vive o porco, o dr. Amado resolve-se afinal a penetrar na athmosphera especial do lar domestico.

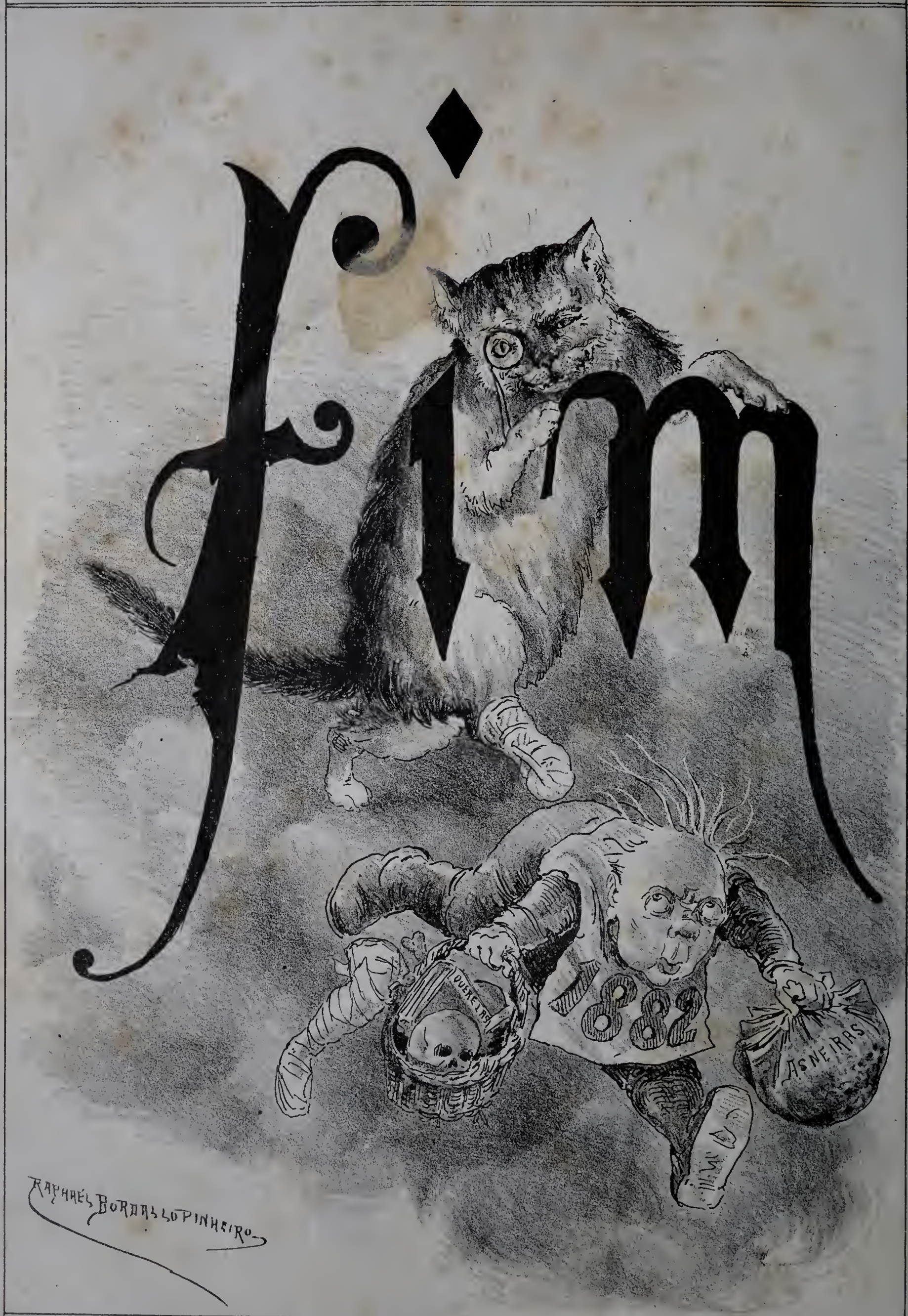
CAPITULO IX

O dr. Amado descobre afinal que, termo medio, o ar athmospherico de uma casa de Lisboa, se compõe dos seguintes ingredientes nas respectivas proporções: — Esterqueira, 26 %. Estrumeira, 24 %. Pia, 30 %. Cano geral, 18 %. Oxigenio, 1 %. Total 100.

CAPITULO X

O dr. Amado apresenta-se na sociedade de sciencias medicas e depois de communicar as observações que acabara de fazer, a sociedade, em pé e de mão no nariz, confere um voto de louvor ao ousado explorador e uma caixa de prata ao seu respectivo nariz, como demonstração de estima pela coragem com que se portou em tão audaciosa expedição.




Fim
1882
QUEREIRAS
ASNEIRAS
RAPHAÉL BORDALLO PINHEIRO

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00682 9838

Honor
Labor